STUDIES IN MEDIEVAL AND REFORMATION TRADITIONS

The Jesuit Order as a Synagogue of Jews

Jesuits of Jewish Ancestry and Purity-of-Blood Laws in the Early Society of Jesus

Robert Aleksander Maryks

SERIES EDITOR

Andrew Colin Gow

BRILL

A Ordem Jesuíta como uma Sinagoga de Judeus

Estudos em Tradições Medievais e da Reforma

*Editado por*Andrew Colin Gow Edmonton, Alberta

*Em cooperação com*Sylvia Brown, Edmonton, Alberta Falk Eisermann, Berlim Berndt Hamm, Erlangen Johannes Heil, Heidelberg Susan C. Karant-Nunn, Tucson, Arizona Martin Kaufhold, Augsburgo Jürgen Miethke, Heidelberg M.E.H. Nicolette Mout, LEIDEN Christopher Ocker, San Anselmo e Berkeley, Califórnia

*Editor Fundador*Heiko A. Oberman †

VOLUME 146

A Ordem Jesuíta como uma Sinagoga de Judeus

Jesuítas de Ancestra Judaica e Leis de Pureza de Sangue na Primeira Sociedade de Jesus

Por Robert Aleksander Maryks

BRILL

LEIDEN • BOSTON
2010

Este é um título de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc, que permite qualquer uso, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que os autores originais e a fonte sejam creditados.

Uma versão eletrônica deste livro está disponível gratuitamente, graças ao apoio de bibliotecas que trabalham com a Knowledge Unlatched. Mais informações sobre a iniciativa podem ser encontradas em www.knowledgeunlatched.org.

Na capa: A Vista de Toledo. El Greco (Domenikos Theotokopoulos) (grego, 1541–1614). Museu Metropolitano de Arte, Cidade de Nova Iorque.

Dados de catalogação da Biblioteca do Congresso

Maryks, Robert Aleksander A Ordem Jesuíta como uma sinagoga de Judeus: Jesuítas de ancestralidade judaica e leis de pureza de sangue na early Society of Jesus / por Robert Aleksander Maryks. p. cm. — (Estudos em tradições medievais e da Reforma; v. 146) Inclui referências bibliográficas (p.) e índice. ISBN 978-90-04-17981-3 (capa dura: papel alcalino) 1. Jesuítas—Membro—História—século XVI. 2. Jesuítas—Membro—História—século XVII. 3. Marranos—História—século XVI. 4. Marranos—História—século XVII. 5. Antissemitismo—Península Ibérica—História. 6. Discriminação racial—Aspectos religiosos—Cristianismo. 7. Península Ibérica—Relações étnicas. I. Título. II. Série.

BX3706.A2.M37 2009 271'.
53046089924—dc22

2009035704

ISSN 1573-4188

ISBN 978 9004 17981 3

Copyright 2010 por Koninklijke Brill nv, Leiden, Países Baixos. Esta obra é publicada pela Koninklijke Brill nv. A Koninklijke Brill nv incorpora as editoras Brill, Brill Hes & De Graaf, Brill Nijhoff, Brill Rodopi e Hotei Publishing. A Koninklijke Brill nv se reserva o direito de proteger a publicação contra o uso não autorizado e de autorizar a disseminação por meio de reimpressões, cópias fotográficas legítimas, edições em microforma, reimpressões, traduções e fontes de informação secundárias, como serviços de resumo e indexação, incluindo bancos de dados. Solicitações para reuso comercial, uso de partes da publicação e/ou traduções devem ser dirigidas à Koninklijke Brill nv.

Este livro é impresso em papel livre de ácido e produzido de maneira sustentável.

Aos meus queridos pais

CONTEÚDO

Agradecimentos.ix
Lista de Abreviações.xi
Lista de Ilustrações.xiii

Introdução.xv

Capítulo Um O Contexto Histórico da Discriminação de Pureza de Sa ngue (1391–1547).1

Sentencia-Estatuto de Pero de Sarmiento (1449).2
Alonso de Cartagena e Alonso de Oropesa.4
Estatutos de pureza de sangue do Arcebispo Silíceo (1547) ..... 29*Defensio Toletani Statuti* de Diego de Simancas (1573) 31

Capítulo Dois Política Jesuíta Pro-converso Inicial (1540–72) 41
Inácio de Loyola como um “profundo semita espiritual”.42

A oposição de Jerônimo Nadal à legislação de pureza de sangue.76

O triunvirato converso: a eleição de Diego Laínez ..... 90 O amor infinito de Francisco de Borja pelos conversos.100

Capítulo Três Discriminação Contra Jesuítas de Linhagem Judaica (1573–93).117

Lobby anti-converso Italo-Português na Congregação Geral 3.120

A "limpeza da casa" de Everard Mercurian.123
Revolta dos Memorialistas contra Roma.125
Memorial anti-converso de Benedetto Palmio.129
Medidas discriminatórias de Acquaviva.143

Capítulo Quatro Oposição Jesuíta à Discriminação da Pureza de Sangue (1576–1608).159

Antonio Possevino.162
Diego de Guzmán.182
Pedro de Ribadeneyra.187
García Girón de Alarcón.190
Juan de Mariana.212

Conclusão n. 215

Apêndice I.219
Apêndice II.257
Bibliografia.261
Índice.271

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão particular aos estudiosos que generosamente me auxiliaram com seus comentários e sugestões perspicazes durante o processo de escrita do presente livro. Estes incluem André Aciman, Miriam Bodian, Jonathan Boyarin, Richard F. Gyug, Ignácio Echarte Oñate, Kimberly Lynn Hossain, Francisco de Borja Medina, Thomas M. McCoog, Marc Rastoin, James W. Reites, Jean-Pierre Sonnet e Alison P. Weber.

Devo muito aos jesuítas do Instituto Histórico Jesuíta em Roma, Thomas M. McCoog e James F.X. Pratt, pelo apoio amigável e generosa hospitalidade durante meu trabalho lá. A pesquisa nos arquivos progrediu de forma eficiente também graças ao espírito sereno e acolhedor da equipe do Instituto, especialmente Nicoletta Basilotta e Mauro Brunello. Agradeço também a Jill G. Thomas, a bibliotecária da Jesuitana na Biblioteca John J. Burns do Boston College, que me assistiu de forma graciosa e competente na busca e obtenção para publicação das ilustrações contidas no presente livro.

Enquanto escrevia este livro na Cidade de Nova Iorque, a ajuda da equipe das Bibliotecas da Universidade Fordham na coleta de fontes secundárias foi indispensável. Agradeço especialmente a Christine Campbell, Helena Cunniff, Betty Garity e Charlotte Labbe.

Uma Bolsa de Pesquisa PCS-CUNY forneceu o apoio financeiro necessário para realizar pesquisas nos arquivos de Roma em 2008, e Andrea Finkelstein, a presidente interina do Departamento de História da Faculdade Co munitária do Bronx da Universidade da Cidade de Nova Iorque, gentilmente ajustou minha programação de ensino para que pudesse integrá-la ao meu projeto de escrita.

LISTA DE ABREVIATURAS

* nascido

† morreu ACA Arquivo da Coroa de Aragão, Barcelona AHN Arquivo Histórico Nacional, Madri ARSI Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (os Arquivos Jesuítas em Roma)*AHSI Archivum Historicum Societatis Iesu* (periódico) c. cerca*Chron. Chronicon* (MHSI)*Const. Constituições DEI Dicionário de Espiritualidade Ignaciana DHCJ Dicionário Histórico da Companhia de Jesus Epp. Epistulae*f. folio ff. folios*Fontes narr. Fontes narrativi* (MHSI) GC Congregação Geral*MHSI Monumenta Historica Societatis Iesu Mon Monumenta Opp. NN. Obras Nossas*r. reinou S.J. (S.I.) Sociedade de Jesus (da Sociedade de Jesus)

Veja também *Monumenta Historica Societati Iesu* (MHSI) na Bibliografia, onde as abreviações para os volumes da coleção são fornecidas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa da Península Ibérica em 1492.xxxiii

Fig. 1. Pedro de Ribadeneyra como *o* biógrafo de Inácio de Loyola.43

Fig. 2. Inácio de Loyola encarcerado pela Inquisição em Alcalá.47 Fig. 3. Íñigo acusado de seduzir estudantes na

Universidade de Paris.53 Fig. 4. Íñigistas em Paris: o núcleo do futuro

Sociedade de Jesus.56
Fig. 5. Diego Laínez (1512–65), o jesuíta converso mais proeminente.59

Fig. 6. Inácio de Loyola convertendo um judeu.60
Fig. 7. Jerônimo Nadal (1507–80)—o emissário plenipotenciário de Loyola.77
Fig. 8. Nicolás Bobadilla (c. 1509–90)—o oponente converso do “ triumvirato converso”.92
Fig. 9. O jesuíta historiador italiano Francesco Sacchini (1570–1625).95

Fig. 10. Bl. Ignacio de Azevedo (1526–70)—o missionário martirizado do Brasil.102
Fig. 11. Francisco de Toledo [Herrera] (1532–96)—o primeiro cardeal jesuíta.105
Fig. 12. Francisco Suárez [de Toledo] (1548–1617)—o converso apoiador da legislação anti-converso.109

Fig. 13. Alfonso Salmerón (1515–85)—um influente oponente da discriminação contra conversos ..... 141 Fig. 14. Mapa do Vietnã do século dezessete.152
Fig. 15. Gravuras do *Vestigatio arcani sensus inApocalypsi* (Antuérpia, 1614) por Luis del Alcázar (1554–1613).157

Fig. 16. O escritor e diplomata jesuíta italiano Antonio Possevino (1533–1611).161
Fig. 17. Juan de Mariana (1536–1624)—o avatar espanhol de Tito Lívio.211

INTRODUÇÃO

Em um e-mail reagindo à minha palestra sobre os jesuítas de origem judaica no Instituto Jesuíta Ricci de Macau em novembro de 2007, um jesuíta me contou brevemente a história de sua linhagem judaica. Enquanto seus outros ancestrais sefarditas foram para Istambul, Bagdá, Teerã e—através da Rota da Seda—até Xangai, onde permaneceram judeus até hoje, ambos os seus avós eram descendentes de judeus que se estabeleceram em Palermo e Trabia (Sicília), onde se converteram ao catolicismo para sobreviver (nos registros de batismo, que ainda existem, eles são descritos como "agiotistas"). No entanto, continuaram praticando o judaísmo secretamente. Desde a noite de sexta-feira até a noite de sábado, seu avô escondia a imagem do menino Jesus de um grande quadro de São Antônio que mantinha em sua casa. Era, na verdade, uma caixa de música de corda. Nas sextas-feiras, ele dava corda no mecanismo e apertava um botão, para que Jesus desaparecesse dos braços de São Antônio, escondido na parte superior do quadro. Nos sábados, ele então apertava o botão novamente, para que Jesus voltasse a aparecer nos braços de São Antônio. Como filho mais velho de sua família, meu correspondente ouviu essa história de seu pai (que faleceu em 1979), que também lhe pediu para comer apenas comida kosher. Nenhum de seus irmãos foi obrigado a fazer o mesmo—na verdade, eles escondem suas origens, já que são uma família católica praticante devota.

Se o jesuíta que me escreveu este e-mail tivesse pedido para entrar na Ordem Jesuíta entre 1593 e 1608, sua ancestralidade judaica teria constituído um impedimento legal para sua admissão, apenas porque s eu caráter teria sido supostamente comprometido por seu sangue impuro, não importando quão distantes fossem seus ancestrais judeus. Se ele tivesse pedido para se tornar um jesuíta entre 1608 e 1946, seu passado teria sido revisado até a quinta geração e a história de seu avô paterno heterodoxo poderia, portanto, ter sido citada como motivo para impedi-lo de entrar na Ordem. No entanto, se ele tivesse se tornado um jesuíta professo entre 1540 e 1593, nenhuma lei teria impedido que ele seguisse sua vocação, mesmo que nem todos os confrades o apoiassem.

Este livro conta a história da evolução do conceito discriminatório de pureza de sangue, sua natureza complexa, sua magnitude na antiga Sociedade de Jesus (os jesuítas) e o papel dos cristãos de ancestralidade judaica.

desempenhado na Ordem. A pureza de sangue (*pureza de sangue*) era uma preocupação obsessiva que se originou na Espanha do meio do século XV, baseada na crença tendenciosa de que a infidelidade dos " judeus deicidas" não apenas havia perdurado naqueles que se converteram ao catolicismo, mas também havia sido transmitida por sangue a seus descendentes, independentemente de sua sinceridade em professar a fé cristã. Consequentemente, os Cristãos Velhos "de sangue puro" consideravam os Novos Cristãos impuros e moralmente inadequados para serem membros ativos de suas comunidades. [1] Como colocou eloquentemente Yosef Hayim Yerushalmi, "a desconfiança tradicional do judeu como outsider agora deu lugar a um medo ainda mais alarmante do converso como insider." [2] No processo de construção da nação-estado no período moderno inicial, caracterizado pela auto-definição nacional baseada na pureza de linhagem, os elementos conversos e judaicos — como simbolicamente epítomizados no Belmont não miscigenado de Shakespeare — tornaram-se uma ameaça particularmente perigosa. Pode-se argumentar que o alto número de judeus que se converteram ao cristianismo como resultado dos *pogroms* nos séculos XIV e XV e como resultado do decreto real de 1492 con-

[1] Existem diferentes termos para designar este grupo: *Novos Cristãos, neófitos, marranos, confessos, tornadizos, alboraique* e *notados*. Prefiro usar *conversos*, pois não carrega nenhuma conotação pejorativa, é empregado na historiografia contemporânea e, adicionalmente, destaca a origem ibérica do grupo. A *Enciclopédia Judaica* (Jerusalém: Enciclopédia Judaica, 1972, vol. 15, p. 133) explica que o termo refere-se "especificamente a três grupos de convertidos judeus ao cristianismo e seus descendentes na Península Ibérica. O primeiro grupo se converteu após o massacre na Espanha em 1391 e o fervor proselitista nas décadas subsequentes. O segundo, também na Espanha, foi batizado após o decreto de Ferdinando e Isabel em 1492, expulsando todos os judeus que se recusaram a aceitar o cristianismo. O terceiro grupo, em Portugal, foi convertido à força e por decreto real em 1497." No entanto, houve muitos outros grupos que se converteram na Ibéria entre 1391 e 1492, ou mesmo antes desse período, como os judeus maiorquinos do século XIII. Veja, por exemplo, Yosef Hayim Yerushalmi, *Assimilação e Antissemitismo Racial: Os Modelos Ibéricos e Alemães*, palestra memorial Leo Baeck, 26 (Nova Iorque: Instituto Leo Baeck, 1982), pp. 7–8. Para uma história muito concisa dos judeus ibéricos e conversos, com uma bibliografia sobre o assunto, veja Esther Benbassa e Aron Rodrigue, *Judaísmo Sefardita: Uma História da Comunidade Judeu-Espanhola, Séculos XIV–XX* (Berkeley: Editora da Universidade da Califórnia, 2000), pp. xxv–lxiii; para um trabalho breve, mas abrangente, recente sobre o tema, veja Jane S. Gerber, *Os Judeus da Espanha: Uma História da Experiência Sefardita* (Nova Iorque: Free Press, 1992), pp. ix–xxv e 2–144. Para uma análise da historiografia moderna sobre conversos e seu lugar na erudição mais ampla, veja Kevin Ingram, "Historiografia, Historicidade e os Conversos," em Kevin Ingram, ed., *Conversos e Moriscos na Espanha Medieval Tardia e Além*, Volume Um: *Partidas e Mudança* (Leiden: Brill Academic Publishers, 2009), pp. 338–56.

[2] Yerushalmi, *Assimilação e Antissemitismo Racial*, p. 10. Veja também Max-Sebastián Hering Torres, *Racismo na Vormoderne: a "Pureza do Sangue" na Espanha da Idade Moderna* (Frankfurt: Campus, 2006), pp. 34–5.

constituiu um obstáculo muito maior à visão dos monarcas sobre a identidade nacional católica do que tinham durante o domínio visigótico na Espanha, antes da invasão muçulmana da Península Ibérica em 711.[3]

A primeira parte do título do presente livro, *A Ordem Jesuíta como uma Sinagoga de Judeus*, reflete a identificação genealógica dos judeus convertidos *e* seus descendentes, não importa quão distantes, com seus supostos ancestrais infiéis. Isso era característico não apenas de algu mas renomadas autoridades talmúdicas [4] e dos autores cristãos do final da Idade Média e do início da época moderna que analisaremos ao longo deste livro, mas também de alguns historiadores contemporâneos. Alfred Sicroff descreveu essa tendência como "a úlcera da existência espanhola." [5] É significativo que, por exemplo, os títulos tanto da legislação anti-converso no Colégio San Antonio de Sigüenza, *Statutum contra hebraeos* (1497), quanto da principal obra contemporânea sobre conversos espanhóis de Julio Caro Baroja, *Os judeus na Espanha moderna e contemporânea* (Madri: Ediciones Arion, 1961), [6] reflitam a identificação dos conversos com os judeus, embora após a Expulsão de 1492 não houvesse oficialmente judeus na Espanha (assim como não havia judeus em Portugal após sua expulsão em 1497). [7]

Caro Baroja, na verdade, identificou três fontes diferentes do viés anti-judaico: a econômica (usura), a psicológica (inteligência e arrogância) e a física (características corporais e ingratidão).[8]

---

[3] Nesse contexto, o artigo de Jerome Friedman "Conversão Judaica, as Leis de Sangue Puro da Espanha e Reforma: Uma Visão Revisionista do Antissemitismo Racial e Religioso", publicado na *Revista do Século Dezesseis* 18/1 (Primavera, 1987): 3–30, carece da ordem cronológica, o que leva seu autor a conclusões imprecisas, se não falsas. [4] Veja o *responsum* de Hakham ha-Levi, citando Hakham Jacob Berab, a uma pergunta sobre o casamento levirato de um converso português em Matt Goldish, *Questões Judaicas: Responsa sobre a Vida Sefardita no Período Moderno Inicial* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2008), pp. 96–8. Veja também ibidem, pp. 99–105, e minha próxima resenha sobre isso na *Revista do Século Dezesseis*. [5] Veja Albert A. Sicroff, *Os estatutos de Limpieza de Sangre: controversias entre os séculos XV e XVII* (Madri: Taurus, 1985), p. 11; e Marcel Bataillon, *Erasmo e Espanha: estudos sobre a história espiritual do século XVI* (México: Fundo de Cultura Econômica, 1966), vol. 1, pp. 70 e 90–1. [6] Algumas páginas lá (pp. 231–7) são dedicadas ao problema dos conversos na Sociedade de Jesus. [7] Esta é uma característica sublinhada tanto pela historiografia mais antiga quanto pela recente sobre o assunto. Veja, por exemplo, Antonio Domínguez Ortiz, *Os judeoconversos na Espanha e América* (Madri: ISTMO, 1971), p. 28; e David L. Graizbord, *Almas em Disputa: Identidades Conversas na Ibéria e na Diáspora Judaica, 1580–1700* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2004), p. 3. [8] Veja Julio Caro Baroja, *Os judeus na Espanha moderna e contemporânea* (Madri: Ediciones Arion, 1978), vol. 1, pp. 104–6.

Uma mistura de preconceitos baseados nessas características que os conversos supostamente herdaram por sangue permeia toda a literatura anti-converso, começando pela primeira legislação de pureza de sangue (1449) aprovada pelo prefeito da cidade de Toledo em Castela, Pero de Sarmiento, até os *Estatutos* (1547) promulgados pelo arcebispo de Toledo, Juan Martínez Guijarro (1477–1557), mais conhecido como Silíceo,[9] e à *Defensio Toletani Statuti* do Bispo Diego de Simancas (Antuérpia: Plantin, 1573). Como a gentil (mas não gentia) filha de Shylock, Jessica, na peça *O Mercador de Veneza* de Shakespeare, "apesar da garantia canônica da regeneração através do batismo, o converso ainda era considerado um judeu aos olhos dos Velhos Cristãos espanhóis, e como tal ele [ou ela] era constantemente responsável pelos erros de seus [/suas] ancestrais judaicos."[10]

Dois importantes intelectuais eclesiásticos da Espanha do século XV desafiaram de forma contundente em suas obras a representação discriminatória do converso: Alonso de Santa María de Cartagena (1384–1456) no *Defensorium unitatis christianae* [Em Defesa da Unidade Cristã](1449–50),[11] e Alonso Oropesa (m. 1469) no *Lumen ad revelatio-nem gentium et gloria plebis Dei Israel, de unitate fi dei et de concordiet pacifi ca aequalitate fi delium* (1450–66) [Luz para a Revelação dos Gentios e Glória ao Povo de Deus Israel: Sobre a Unidade da Fé e a Igualdade Agradável e Pacífica dos Fiéis].[12] Embora Gretchen Starr-LeBeau tenha apontado em sua

---

[9] Para uma interpretação mais racial do que socio-política da legislação anti-converso, veja, por exemplo, Yerushalmi, *Assimilação e Antissemitismo Racial*, especialmente pp. 11–6; Benzion Netanyahu, *As Origens da Inquisição na Espanha do Século Quinze* (Nova I orque: Random House, 1995), Livro 2: "O Reinado de Juan II; B. Netanyahu, *Rumo à Inquisição: Ensaios sobre a História Judaica e dos Conversos na Espanha Medieval Tardia* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1997), pp. 76–98; e Norman Roth, *Conversos, Inquisição e a Expulsão dos Judeus da Espanha* (Madison: University of Wisconsin Press, 2003), pp. 88–103. [10] Veja Janet Adelman, *Relações de Sangue: Cristão e Judeu em* O Mercador de Veneza (Chicago: University of Chicago Press, 2008), especialmente pp. 66–98, e minha revisão futura sobre isso na *Revista do Século Dezesseis*; e Sicroff, *Estatutos*, pp. 55–6 e 213. [11] Para o contexto histórico e uma representação de Cartagena, veja Guillermo Verdín-Díaz, ed., *Alonso de Cartagena e o "Defensorium Unitatis Christianae." Introdução histórica, tradução e notas* ([Oviedo]: Universidade de Oviedo, 1992), pp. 15–98, e a bibliografia citada lá. Veja também Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 97; e Bruce Rosenstock, *Novos Homens:* Conversos, *Teologia Cristã e Sociedade na Castela do Século Quinze* (Londres: Universidade de Londres, 2002), pp. 22–52. [12] Luis A. Díaz y Díaz, ed., *Alonso de Oropesa. Luz para o conhecimento dos gentios* (Madri: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1979), pp. 18–20. Estranhamente, esta tradução abriga o título original, uma manipulação que sugere apenas um conteúdo parcial da obra de Oropesa. Em sua discussão sobre Oropesa, Sicroff poderia fundamentar sua apresentação

importante livro sobre a história religiosa de Guadalupe na Extremadura que "a obra de fray Alonso de Oropesa representa uma das declarações teológicas mais importantes e cuidadosamente fundamentadas sobre o status dos conversos na Cristandade,"[13] o trabalho de Cartagena parece ter exercido ainda mais influência ao oferecer uma soteriologia judaico-conversa distinta.[14] É por isso que iremos destacar seu *Defensorium* no Capítulo Um, sem deixar de notar, no entanto, sua semelhança teológica com o *Lumen*. Em seu abrangente modelo de argumentos, tanto *Defensorium* quanto *Lumen* se tornariam inspiradores para muitos esforços futuros para defender o status ameaçado dos conversos, incluindo os conversos jesuítas, como vere mos no último capítulo.

Analisar as obras de Cartagena e Oropesa adiciona significado à compreensão dos seguintes capítulos deste livro por duas razões: primeiro, Juan Alfonso de Polanco (1517–76)—um dos jesuítas conversos mais influentes—descendeu do clã Maluenda converso de Burgos, que estava aliado com a recém-convertida família Santa María através do casamento da tia paterna de Alonso de Cartagena, María Nuñez (m. 1423), com Juan Garcés de Maluenda (el Viejo); segundo, o jurista jesuíta García Girón de Alarcón (1534–97), cujo tratado pró-converso examinaremos abaixo, pertencia à mesma ordem que Oropesa—os Jerônimos—antes de se juntar à Sociedade de Jesus. Os Jerônimos eram renomados por sua abertura a candidatos conversos e, como tal, representavam—na visão de Sicroff—o espanhol pré-Erasmista.

---

apenas nas citações do primeiro na *Historia de la Orden de San Jerónimo* de José Sigüenza (Madri: Bailly-Balliére, 1907–9), antes que Díaz e Díaz publicassem sua tradução espanhola da obra de Oropesa em 1979. 13 Veja Gretchen D. Starr-LeBeau, *Na Sombra da Virgem. Inquisidores, Frei e* Conversos *em Guadalupe, Espanha* (Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2003), pp. 46–9 e 113. Veja também Albert Sicroff, "*El Lumen ad revelatione m gentium* de Alonso de Oropesa como precursor do erasmismo na Espanha," em Eugenio Bustos Tovar, ed., *Atas do quarto Congresso Internacional de Hispanistas* (Salamanca: Associação Internacional de Hispanistas, 1982), vol. 2, pp. 655–64; Netanyahu, *Origens da Inquisição*, p. 896; Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 232; e Stefania Pastore, *Uma heresia espanhola: espiritualidade conversa, alumbradismo e inquisição (1449–1559)* (Florença: L.S. Olschki, 2004), p. 25. 14 Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 62: "[Cartagena] fez um estudo tão profundo que durante dois séculos os advogados dos cristãos novos não encontraram nada que acrescentar às considerações teóricas expostas no *Defensorium*"; e Pastore, *Eresia espanhola*, p. 5: "Os dois bispos de Burgos, pai e filho, permaneceram para os conversos no final do século os representantes da nobilidade conversa por excelência, retornando co mo figuras exemplares nas *Gerações e semelhanças* de Fernán Pérez de Guzmán e entre os *Claros varões de Castilla* de Fernando del Pulgar."

movimento.[15] Não é irracional, portanto, ver conexões entre as tradições de conversos Jerônimos e Jesuítas, que—até onde sei—passaram despercebidas pelos historiadores, mas que merecem ser tratadas em uma monografia separada.

Além disso, o fundador dos jesuítas, Inácio de Loyola (c. 1491–1556), teve muitos contatos com influentes erasmistas (e *alumbrados*) durante seus estudos em Alcalá de Henares,[16] como veremos no capítulo dois. De fato, sua abordagem positiva em relação aos conversos (e judeus) precede a fundação da Sociedade de Jesus em 1540, apesar da afirmação de muitos especialistas em contrário. Sua abertura em relação aos conversos pode ter sido motivada pelo apoio financeiro que buscou em sua rede na Espanha e nos Países Baixos Espanhóis antes de fundar a Sociedade e que continuaria a buscar como superior geral dos jesuítas. Apesar dessa preocupação prática, Loyola era indubitavelmente, como Henry Kamen afirmou poderosamente, "um profundo e sincero semita espiritual."[17]

A fundação dos jesuítas coincidiu—para melhor ou pior—com a ascensão da histeria anti-converso espanhola[18] que atingiu seu pico em 1547, quando a expressão mais autoritária da legislação de pureza de sangue, *O Estatuto de limpeza* [*de sangue*], foi emitida pelo Inquisidor Geral da Espanha e Arcebispo de Toledo, Silíceo. Embora o Papa Paulo IV e o ex-aluno de Silíceo, Rei Filipe II, tenham ratificado os estatutos do arcebispo em 1555 e 1556, respectivamente—apesar da oposição a nterior deste último a isso[19]—a autoridade e o ímpeto

---

15 Sicroff, "*El Lumen ad revelationem gentium* de Alonso de Oropesa," pp. 655–64.16 Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 24. 17 Veja Henry Kamen, *A Inquisição Espanhola* ([Nova Iorque]: New American Library, 1965), p. 12. 18 Eusébio Rey fala sobre a "fiebre estatutista" de Silíceo e a "psicosis nacional" ("San Ignacio de Loyola y el problema de los cristianos nuevos," *Razón y Fe* 153 (1956), p. 184). Veja também Henry Kamen, "Uma crise de consciência na Idade de Ouro na Espanha: Inquisição contra Limpieza de sangre," *Bulletin Hispanique* 88/3–4 (1986), p. 330. 19 Veja Rey, "San Ignacio," p. 187; Feliciano Cereceda, *Diego Laínez na Europa religiosa de seu tempo: 1512–1565* (Madri: Ediciones Cultura Hispanica, 1945–6), p. 399; Francisco de Borja Medina, S.J., "Ignácio de Loyola e a 'limpeza de sangue'," em Juan Plazaola, S.J., ed., *Ignácio de Loyola e seu tempo: congresso internacional de história (9–13 setembro, 1991)* (Bilbau: Mensajero/Universidade de Deusto, 1992), pp. 8–9; Sicroff, *Estatutos*, pp. 139 e 169–72; e Isabella Ianuzzi, "Mentalidade inquisitorial e jesuítas: o confronto entre o Cardeal Silíceo e a Companhia de Jesus," *Cuadernos de História Moderna* 24 (2000): 11–31.

o caráter de Silíceo não desmotivou Inácio de Loyola e seu sucessor converso, Diego Laínez (1512–65).[20] Encorajados por seus próximos colaboradores conversos, eles se opuseram vigorosamente às tentativas do Inquisidor de impedir que os conversos se juntassem aos jesuítas.[21] Eles também tiveram que enfrentar o superior provincial jesuíta para a Espanha e parente de Loyola, Antonio Araoz (1515–73),[22] que—auxiliado por seu penitente, o príncipe de Éboli, Ruy Gómez de Silva (c. 1516–73)—se fez o arauto jesuíta da política ibérica de *pureza de sangue*.[23]

Em uma carta endereçada ao jesuíta Francisco de Villanueva (1509–57), Loyola escreveu de forma direta que de maneira nenhuma as Constituições Jesuítas aceitariam a política do arcebispo, que, segundo Loyola, deveria cuidar de seus próprios assuntos em vez de interferir nas questões internas da Sociedade.[24] O problema era que o próspero Colégio de Alcalá de Henares—que foi inaugurado pelo jesuíta Villanueva em 1546 e se tornou uma mina de vocações jesuítas (converso)—estava localizado dentro da jurisdição diocesana de Silíceo.[25] Neste delicado assunto, Loyola foi auxiliado por seu emissário plenipotenciário, Jerônimo Nadal [Morey] (1507–80), que visitou o Inquisidor em Fevereiro de 1554. Em comunhão com Loyola, Nadal insistiu que as Constituições Jesuítas não discriminavam entre candidatos da Sociedade com base na linhagem.[26] Nadal, portanto, durante sua visita à Ibéria admitiu um punhado de candidatos conversos. Em um debate acalorado sobre a admissão de um deles, Luis (Diego) de Santander (c. 1527–99), Nadal francamente

---

[20] Diego Laínez: *1512 Almazán (Sória); †1565 Roma; sacerdote em 1537; professo em 1541. Sobre a ancestralidade judaica de Laínez, veja Carlos Carrete Parrondo, ed., *Fontes Iudaeorum Regni Castellae* (Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca; [Granada]: Universidade de Granada, 1981–[1997]), vol. 4: "Os judeoconversos de Almazán, 1501–1505: origem familiar dos Laínez." [21] Veja Rey, "São Inácio," pp. 187–90; e especialmente Medina, "Ignácio de Loyola," pp. 579–615. [22] Antonio Araoz: *1515 Vergara (Guipúzcoa, Espanha); † 13 de Fevereiro de 1573 Madri; SJ 1538; sacerdote em 1541; professo em 1542 (veja *DHCJ* 1:215–6). Sobre os sentimentos anti-converso de Araoz, veja Medina, "Ignácio de Loyola," pp. 8–9. [23] Veja Rey, "O problema dos cristãos novos," pp. 187–90; e especialmente Medina, " Ignácio de Loyola," pp. 8–10. [24] [Roma] 2 janeiro de 1552, em *Cartas de São Ignacio de Loyola*, 6 vols. (Madri: La V.E. Hijo de D.E. Aguado, 1874–89), vol. 3, pp. 13–21. [25] Loyola também empregou Villanueva no caso da entrada do *converso* Juan de Ávila na Sociedade (veja Manuel Ruiz Jurado, S.J., "São Juan de Avila e a Companhia de Jesus," *AHSI* 40 (1971): 153–72). Veja também *DHCJ* 4:3976–7, onde o autor evita o verdadeiro motivo do conflito entre a Sociedade e o Inquisidor. [26] Veja *Mon Nadal*, 1:233; e Antonio Astrain, S.J., *Introdução Histórica à História da Companhia de Jesus* (Madri: Rivadeneyra, 1912), p. 353.

e respondeu com orgulho: "Nós [jesuítas] temos prazer em admitir aqueles de ancestralidade judaica."[27]

As polêmicas acaloradas sobre a legislação de Silíceo ainda ecoava m três décadas depois na *Defensio Toletani Statuti a SedeApostolica saepe confi rmati, pro his, qui bono et incontaminato generenati sunt* [A Defesa do Estatuto Toledano, que foi frequentemente confirmado pela Santa Sé Apostólica para aqueles que nasceram de boa e incontaminada linhagem] (1573), apesar do fato de que a Inquisição em 1572 proibiu a discussão adicional da questão da pureza de sangue.[28]Este texto—cuja data de publicação coincide com a Terceira Congregação Geral Jesuíta, na qual os lobbies anti- e pro-converso colidiram—é de especial interesse aqui. Não apenas porque—em contraste com a liderança jesuíta inicial—defendeu os estatutos de Silíceo, mas também porque o tratado de Simancas pode ter sido utilizado por alguns jesuítas para promover legislação anti-converso semelhante na Sociedade de Jesus durante a década de fervente propaganda discriminatória que precedeu a Congregação Geral 5 (1593). De fato, um jesuíta de Toledo copiou muitos trechos do livro de Si mancas em 1591. Eles estão preservados nos Arquivos Jesuítas de Roma, mas até agora permaneceram despercebidos, porque um arquivista jesuíta inseriu o manuscrito (*Defensio StatutiToletani*)—cujo gênero ele não reconheceu—em uma pasta contendo documentos (*statuta*) relacionados à fundação do Colégio Jesuíta em Toledo.[29] Esses trechos são analisados no Capítulo Um pela primeira vez. No contexto de textos anti-converso anteriores, eles sugerem a genealogia do racismo moderno, de Sar miento a Silíceo a Simancas à legislação jesuíta anti-converso, e indicam a correlação entre o catolicismo institucional moderno inicial e o novo racismo em desenvolvimento na Espanha e se espalhando para fora.

Nessa perspectiva, a política anti-discriminação da liderança jesuíta inicial constituiu um ato de resistência audaciosa e tenaz ao *Zeitgeist* ibérico moderno inicial. Como resultado, a minoria de jesuítas de ancestralidade judaica, social e psicologicamente ligada uns aos outros ou dissociada uns dos outros, moldou a história da Sociedade de Jesus inicial. Eles ocuparam os mais altos cargos administrativos, definiram o desenvolvimento institucional e o espírito da Sociedade, revisaram a história de Loyola

---

[27] *Mon Nadal*, 2:21. [28] Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 178. [29] ARSI, *Fundo Jesuíta, Toledo 1641*.

a atribuindo-lhe um caráter anti-Protestante inflacionado, preencheu as fileiras de missionários linguisticamente hábeis na Ásia e nas Américas, representou autoritariamente a Sociedade no Concílio de Trento, contribuiu significativamente para a transformação da Sociedade na primeira ordem de ensino e para a colocação da cultura greco-romana no centro do currículo escolar jesuíta, (influenciado pelos Dominicanos da Escola de Salamanca) ousadamente ofereceu uma nova estrutura epistemológica à casuística como uma transição do Tutiorismo medieval para o Probabilismo moderno,[30] desenvolveu uma nova disciplina de teologia moral, e ocupou o escritório de penitenciária papal na basílica de São Pedro em Roma. Alguns vieram de famílias que apoiaram generosamente o trabalho da Sociedade e a fundação de vários colégios jesuítas; outros se envolveram entusiasticamente em muitas outras extraordinárias empreitadas literárias, diplomáticas e científicas (especialmente populares entre eles estavam diferentes missões lidando com "hereges" e cismáticos). "Por sua santidade e saber, tornaram a Sociedade ilustre," como disse o jesuíta García Girón de Alarcón.[31]

Em uma escala muito maior do que o historiador Marcel Bataillon sugeriu intuitivamente,[32] essas contribuições de jesuítas de ascendência judaica ajudaram a moldar o catolicismo moderno inicial[33] ao complementar o trabalho de seus distintos colegas conversos ibéricos, como Hernando de Talavera (1428–1507),[34] Joan Lluís Vives (1492–1540),[35]

---

30 Veja Robert A. Maryks, *São Cícero e os Jesuítas. A Influência das Artes Liberais na Adoção do Probabilismo Moral* (Aldershot: Ashgate, 2008), passim. 31 Veja o memorial de Alarcón em ARSI, *Instit. 184/I*, ff. 297^{r}–312^{v}. O mesmo argumento aparece no memorial de Diego de Guzmán (ARSI, *Instit. 186e*, f. 255^{v}), como veremos no Capítulo Quatro. 32 Pierre-Antoine Fabre, ed., *Marcel Bataillon. Os Jesuítas na Espanha do século XVI*^{e} (Paris: Les Belles Lettres, 2009), p. 238. 33 John W. O'Malley cunhou este termo. Veja seu *Trento e Tudo Isso: Renomeando o Catolicismo na Era Moderna* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2000), e minha tradução para o italiano, *Trento e dintorni. Per una nuova defi nizione del cattolicesimo nell'età moderna* (Roma: Bulzoni, 2005). 34 Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 13–4. Talavera, que foi o bispo jerônimo de Ávila e o confessor da Rainha Isabel, escreveu sobre confissão sacramental (*Breve forma de confesar*), um assunto preferido dos conversos jesuítas—veja Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, pp. 32–48. Ele também estava muito envolvido no apostolado com Moriscos, assim como muitos jesuítas conversos. Para sua representação, veja, por exemplo, Roth, *Conversos, Inquisição*, pp. 152–4; e David Coleman, *Criando Granada Cristã: Sociedade e Cultura Religiosa em uma Cidade de Fronteira do Velho Mundo, 1492–1600* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 2003), pp. 82–7. 35 Veja Miguel Battlori, " Las obras de Luis Vives en los colegios jesuiticos del siglo XVI," in J. Ijsewijn e Angel Losada, eds, *Erasmo na Hispânia, Vives na Bélgica. Acta colloquii Brugensis, 1985* (Leuven: Peeters, 1986), pp. 121–45; e Valentín Moreno

São João de Ávila (1500–69),[36] Luis de Granada (1504–88),[37] Santa Teresa de Ávila (1515–82),[38] Benito Arias Montano (1527–98),[39] Luis de León (1528–91),[40] São João da Cruz (1542–91), e muitos outros.[41]

No entanto, após a morte em 1572 de Francisco de Borja,[42] o neto do Papa Alexandre Borgia (r. 1492–1503) e o terceiro superior

---

Gallego, "Notas historiográficas ao encontro de Loyola e Vives," em Juan Plazaola, ed., *Ignácio de Loyola e seu tempo: congresso internacional de história (9–13 setembro, 1991)* (Bilbau: Mensageiro/Universidade de Deusto, 1992), pp. 901–8. [36] Sua relação com a Sociedade de Jesus será discutida abaixo. [37] Veja seu *De frequenti Communione libellus* (1591), outro tema preferido dos jesuítas, e uma biografia de Juan de Ávila, *Vida do Padre Mestre João de Ávila e as partes que deve ter um pregador do Evangelho* (1588) que ele discutiu c om o jesuíta converso Pedro de Ribadeneyra, sobre o qual muito será discutido abaixo. [38] José Gómez-Menor, "A linhagem toledana de santa Teresa e de são João da Cruz," *Toletum* 45–46 (1969–70): 88–141. Sobre a relação entre Teresa e os jesuítas, veja Alberto Risco, " Uma opinião sobre os três primeiros confessores jesuítas de santa Teresa de Jesus (Cetina, Prádanos, B. Álvarez)," *Boletim da Real Academia da História* 80 (1922): 462–9; Félix Rodriguez, "Santa Teresa de Jesús e seus conselheiros jesuítas," *Manresa* 59 (1987): 309–11; Joaquín Montoya, *O amor mútuo e nunca interrompido entre S. Teresa e a Companhia de Jesus* (Lucca: presso Francesco Bonsignori, 1794); Cándido Dalmases, "Santa Teresa e os Jesuítas. Precisando datas e dados," *AHSI* 35 (1966): 347–78; Ugo de Mielesi, "Teresa d'Avila e os Padres da Companhia de Jesus," *A Civilização Católica* 133 (1982): 234–43; Alban Goodier, "Santa Teresa e a Sociedade de Jesus," *O Mês* 168 (1936): 395–405; Ignacio Iglesias, "Santa Teresa de Jesús e a espiritualidade ignaciana," *Manresa* 54 (1982): 291–311; Enrique Jorge, "São Francisco de Borja e Santa Teresa de Jesús," *Manresa* 46 (1974): 43–64; Enrique Jorge Pardo, "Santa Teresa de Ávila e a Companhia de Jesus no século XVI," *Razão e fé* 166 (1962): 293–306; e Manuel Prados Muñoz, "Santa Teresa e a Companhia de Jesus," *Manresa* 54 (1982): 75–8.

[39] Veja Antonio Pérez Goyena, "Arias Montano e os Jesuítas," *Estudos eclesiásticos* 7 (1928): 273–317; Robert Giammanco, "Sull'inautenticità del memoriale antigesuitico attribuito a Benito Arias Montano," *AHSI* 26 (1957): 276–84; e Sicroff, *Estatutos*, p. 13.

[40] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 13 e 16–22.

[41] Rey argumentou que a afirmação de Bataillon sobre a influência do converso Juan de Ávila e de Laínez na reforma Católica carece de provas (veja Rey, "São Inácio," p. 176). Veja a visão contrária de Sicroff (*Estatutos*, p. 13): "Não há dúvida de que a história espanhola teria sido muito diferente do que foi se tivesse seguido as correntes religiosas e intelectuais introduzidas por espanhóis da estirpe de Talavera, Luis de León e Arias Montano." A maioria dos estudiosos judeus que trabalham na história dos conversos—que muitas vezes estão mais familiarizados com a história da Reforma Protestante do que co m a Reforma Católica—associam os conversos ibéricos mais com a primeira do que com a última. Um exemplo flagrante dessa tendência historiográfica é o recente livro de Yovel sobre conversos e sua relação com a modernidade. Veja Yirmiyahu Yovel, *O Outro Dentro: Os Marranos. Identidade Dividida e Modernidade Emergente* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2009), especialmente pp. 246–62.

[42] Francisco de Borja: *1510 Gandía; SJ 1546; †1572 Roma; sacerdote em 1551; professo em 1548. É interessante notar que foi o avô de Borja, o Papa Alexandre VI, quem recompensou o Rei Aragão Fernando por sua política anti-converso com o título de " Monarca Católico." A política pró-converso de Borja será estudada abaixo.

Geralmente, um partido anti-converso coeso ganhou força dentro da Sociedade, como indicado pelo material arquivístico sobre o sabotagem italo-portuguesa da eleição de Juan Alfonso de Polanco como sucessor de Borja durante a Terceira Congregação Geral (1573), que analisaremos no Capítulo Três.[43] Após a eleição como vigário geral, o converso Polanco era a figura mais proeminente na Sociedade de Jesus; ele havia sido um administrador sênior na cúria geral em Roma desde sua nomeação por Loyola em 1547 como secretário da Sociedade. Como os dois vigários gerais anteriores, Laínez e Borja, haviam sido eleitos superiores gerais nas subsequentes congregações gerais, Polanco era considerado o candidato mais provável para este cargo mais alto na Sociedade. Afinal—para desagrado do italiano Benedetto Palmio (1523–98) e dos portugueses—os eleitores espanhóis dominavam a congregação. Eles governavam todas, exceto uma província italiana, e a província de Portugal também estava em suas mãos.[44]

Os contribuidores do *Projeto Mercuriano* discutiram recentemente esta campanha anti-Polanco de forma mais crítica. Francisco de Borja Medina, S.J., apontou que, embora o italiano Benedetto Palmio tenha negado em sua autobiografia não publicada a acusação de que ele fazia parte da intriga portuguesa durante a congregação, suas tendências anti-espanholas eram bem conhecidas. Medina ainda destacou que "os ataques velados contra Juan Alonso [*sic*] de Polanco por seus ancestrais judeu-cristãos foram, na realidade, direcionados contra a nação espanhola."[45] Além disso, John Padberg, S.J., argumentou que Palmio pressionou Antonio Possevino "a lutar por sua terra natal, a Itália, votando contra um espanhol."[46]

Finalmente, Mario Fois, S.J., sugeriu que deve ser feita uma distinção entre a motivação anti-espanhola de Palmio (e outros italianos)

---

[43] Veja John W. Padberg, Martin D. O'Keefe e John L. McCarthy, eds, *Por Questões de Maior Importância: As Primeiras Trinta Congregações Gerais Jesuítas: Uma Breve História e uma Tradução dos Decretos* (St. Louis, Mo.: O Instituto de Fontes Jesuítas, 1994), p. 135. [44] Sobre as tensões luso-espanholas alimentadas pelo patriotismo dos primeiros, veja Nuno da Silva Gonçalves, "Jesuítas em Portugal," em Thomas M. McCoog, *O Projeto Mercuriano: Formando a Cultura Jesuíta, 1573–1580* (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2004), pp. 719–20. [45] Veja seu "Everard Mercurian e a Espanha. Algumas Questões Queimantes," em McCoog, *Projeto Mercuriano*, p. 945. [46] Veja seu "A Terceira Congregação Geral," em McCoog, *Projeto Mercuriano*, p. 54 (as informações vêm de Astrain, *História*, 3:7–8, mas podem ser rastreadas até o memorial de Possevino, ARSI, *Congr. 20b*, f. 210^{v}).

e a oposição anti-converso do grupo português.[47] Como veremos, no entanto, o material arquivístico que examinamos neste livro revela que a verdadeira intenção tanto de Palmio quanto dos portugueses era impedir a eleição de Polanco ou de qualquer outro candidato *converso*. "Espanhol" era um eufemismo para "judeu/converso", e a campanha "anti-espanhola" durante a Terceira Congregação Geral foi, portanto, meramente uma camuflagem para a conspiração anti-converso italo-portuguesa.

Apesar da morte do ministro real, Ruy Gómez de Silva, e de seu protegido Araoz em 1573, o lobby anti-converso encontrou apoio no recém-eleito superior geral Everard Mercurian (1514–80), que desde os primeiros anos de seu cargo "limpou a casa": ele removeu de Roma (e possivelmente da Itália ou até mesmo da Europa) quase todos os jesuítas espanhóis, especialmente aqueles que foram acusados no memorial de Palmio de fazer parte do lobby converso.[48]

Ironia, a política de segregação de Mercurian criou novas oportunidades para alguns jesuítas conversos ou pro-converso que ocupavam posições de alto escalão na administração jesuíta se reinventarem como escritores prolíficos. Três exemplos claros são Polanco, que passou os últimos anos de sua vida compondo a primeira crônica em múltiplos volumes da Sociedade;[49] Nadal, que produziu sua monumental *EvangelicaeHistoriae Imagines* com 153 superbos gravuras de Bernardino Passeri (m. c. 1590), Maarten de Vos (1532–1603), os irmãos Wierix e outros;[50] e especialmente Pedro de Ribadeneyra (1525–1611), que entre 1574 e 1611 compôs um número impressionante de escritos sobre história, historiografia, ascetismo e política, muitos dos quais foram editados e traduzidos, garantindo-lhe um lugar de destaque entre os escritores do *Século de Ouro* espanhol, como veremos no Capítulo Três.

Sem dúvida, a política discriminatória de Mercurian—uma que foi posteriormente endossada também por Claudio Acquaviva (1543–1615)—e a derrota do lobby converso durante a congregação geral desencadearam o movimento anti-romano dos jesuítas espanhóis conhecido como *memoria-*

---

47 Fois, "Everard Mercurian," em McCoog, *Projeto Mercuriano,* pp. 21–5. 48 Veja a autobiografia de Palmio, ARSI, *Vitae 164*, ff. 42ʳ–45ᵛ; Rey ("O problema dos cristãos novos," p. 187) argumentou erroneamente que Mercurian manteve a política pró-converso de Loyola e Laínez. 49 MHSI, *Chronicon*, 6 vols. 50 Jerônimo [Jerônimo] Nadal, *Evangelicae historiae imagines: ex ordine Evangeliorum quae toto ano in Missae sacrificio recitantur, in ordinem temporis vitae Christi digestae* (Antuérpia: Martin Nutius [/Plantin], 1593).

listas.[51] Ao contrário do que argumentou o converso oculto Ribadeneyra (em uma tentativa de minimizar a participação de seus colegas jesuítas conversos neste movimento),[52] alguns membros eram de fato de origem converso. Em um suposto complô contra seu superior geral em Roma, eles enviaram memoriais secretos à corte espanhola, à Inquisição e à Santa Sé, pedindo reforma do Instituto Jesuíta e, especialmente, pela autonomia das províncias jesuítas espanholas.[53] Assim como no caso do anterior movimento *comunero* na Espanha,[54] a questão delicada sobre se a participação de conversos no movimento *memorialistas* lhe confere um caráter exclusivamente converso necessita de uma resposta mais abrangente e imparcial, que excede o escopo do presente livro.[55]

O caráter converso do movimento *memorialistas* foi de fato acentuado pelo lobby anti-converso, que após a eleição de Acquaviva (1581) incluiu outros oficiais de alto escalão na cúria jesuíta, como Paul Hoffaeus (c. 1530–1608), Manuel Rodrigues (1534–96) e Lorenzo Maggio (1531–1605). Seu predecessor italiano, o assistente geral Benedetto Palmio, havia alimentado seu viés anti-converso. Isso é evidente em um manuscrito que permaneceu virtualmente desconhecido por mais de 400 anos (sua edição crítica é publicada no apêndice do presente livro). Nele, o autor relata como "a multidão e a insolência dos neófitos espanhóis" na Ordem haviam crescido. Segundo ele, os dois primeiros superiores gerais, Inácio de Loyola e Diego Laínez, haviam excluído conversos, mas os conversos posteriormente encontraram refúgio no sucessor de Laínez, Francisco de Borja. Era verdade que o partido converso havia sido derrotado durante a Terceira Congregação Geral em 1573, relatou Palmio, mas eles estavam insuficientemente controlados pelo novo superior geral, Mercurian, e, consequentemente, se rebelaram contra Roma sob seu sucessor, Acquaviva.

---

[51] Veja *DHCJ* 3:2615–6. [52] Veja *Mon Rib.* 2:191. [53] Para uma interpretação desse movimento através da lente da crise do "partido castellano" e da transformação da monarquia espanhola, veja José Martínez Millán, "A crise do 'partido castellano' e a transformação da Monarquia Hispana," *Cuadernos de História Moderna* 2 (2003): 15–17. [54] Veja, por exemplo, J.I. Gutiérrez Nieto, "Os conversos e o movimento comunero," *Hispania* 94 (1964): 237–61. [55] Veja Francisco de Borja Medina, "Os precursores de Vieira: Jesuítas andaluzes e castelhanos a favor dos cristãos novos," em *Terceiro centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso internacional. Actas* (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1999), pp. 494–7, onde ele critica o julgamento tendencioso de Astrain sobre o movimento, expresso na obra deste último, *História da Companhia de Jesus na assistência da Espanha*.

Este e outros documentos de Acquaviva e seus três assistentes que examinamos criticamente no Capítulo Três revelam indiscutivelmente que esses homens orquestraram a discriminação de Cristãos de li nhagem judaica em lei na Quinta Congregação Geral (1593), como punição pela alegada participação de conversos na revolta contra sua forma de governar a Sociedade. Ironicamente, essa congregação foi convocada devido à pressão de dois jesuítas conversos, José de Acosta (1540–1600) e Cardeal Francisco de Toledo (1532–96).

Não há dúvida, no entanto, de que o decreto de 1593—proclamando que a ascendência judaica (e muçulmana), não importa quão distante, era um impedimento insuperável para a admissão na Sociedade—ignorou os desejos de Loyola, conforme expressos nas Constituições Jesuítas, e contradisse a prática dos três primeiros geralatos. A temporada de caça à linhagem começou. A medida, que foi votada por todos, exceto dois delegados, foi tão severa que escandalizou até mesmo o Cardeal Arcebispo de Toledo e Inquisidor Geral, Gaspar de Quiroga (1507–94), que afirmou que a Sociedade se desonrava ao promulgar tal lei.[56] De fato, Quiroga, que controlou a Inquisição Espanhola entre 1573 e 1594—durante a fase da mais intensa ofensiva anti-converso dos jesuítas — restrições ao emprego das leis de pureza de sangue, uma política que refletia uma mudança na abordagem do conselho de Filipe II ao problema dos conversos nas últimas décadas do século dezesseis.[57]Na verdade, a Sexta Congregação Geral Jesuíta mitigou o decreto de 1593 e m 1608,[58] se apenas superficialmente, devido à forte oposição de muitos jesuítas liderados por Antonio Possevino (1533–1611), Diego de Guzmán (c. 1522–1606), Ribadeneyra, Girón de Alarcón e Juan de Mariana (1536–1624). Os escritos desses homens contra a discriminação

[56] Sobre o relacionamento de Quiroga com Loyola, Laínez, Borja, e especialmente com Riba- deneyra e Mariana, veja Henar Pizarro Llorente, *Un gran patrón en la corte de Felipe II: Don Gaspar de Quiroga* (Madri: Universidade Pontifi cia Comillas, 2004), pp. 104–7. Ele também tinha um relacionamento afável com Alfonso Salmerón (veja ARSI, *Ita 119*, f. 195 e *Ita 120*, f. 131). [57] Veja Kamen, "Crisis de consciência," pp. 322–56, e a versão em inglês revista deste artigo em Henry Kamen, *Crisis and Change in Early Modern Spain* (Aldershot: Ashgate, 1993), parte VII, pp. 1, 8–9, 12–3. Kamen está incorreto, afirmando que o decreto de 1593 dizia respeito apenas à Espanha e que foi revogado em 1608 (p. 13). A primeira parte do erro foi seguida por Stafford Poole em seu "The Politics of *limpieza de sangue*: J uan de Ovando and His Circle in the Reign of Philip II," *Th e Americas* 55 (1999), p. 367. O decreto era universal e foi abrogado apenas em 1946, como veremos abaixo. [58] Veja Rey, (" El problema de cristianos novos," p. 203); e Medina, "Los precursores de Vieira," pp. 511–3.

e em defesa da indispensável minoria de jesuítas de ancestrais judaicos são analisados no Capítulo Quatro. Entre outros argumentos, Possevino apontaria que a discriminação contra conversos tinha ramificações para o relacionamento com os povos aborígenes com os quais os jesuítas trabalhavam como missionários. Aparentemente, a Igreja em geral tomou conhecimento do problema, como a citação canônica do Bispo Beneditino Prudencio de Sandoval (1553–1620) de sua *Vida e Feitos do Imperador Carlos V* (1604) mostra:

> Não censurei a compaixão cristã, que abraça a todos, pois, assim, estaria cometendo um erro mortal, e sei que na presença Divina não há distinção entre gentio e judeu, porque Um só é o Senhor de todos. No entanto, quem pode negar que nos descendentes dos Judeus persiste e perdura a má inclinação de sua antiga ingratidão e falta de entendimento, assim como nos Negros [persiste] a qualidade inseparável de sua negrura [*negrura*]? Pois se estes se unirem mil vezes a mulheres brancas, os filhos nascem com a cor escura do pai. Da mesma forma, não é suficiente que o judeu seja três partes aristocrata [*hidalgo*] ou Cristão Velho, pois uma única linha familiar [*solo una raza*] o define e corrompe...

As tensões raciais desempenharam um papel fundamental na história inicial dos jesuítas[60] (tendo em mente a óbvia diferença semântica do termo moderno inicial *raza*, mas não sua total dissociação com o racismo moderno ou o antissemitismo)—a que os textos de Palmio, Acquaviva, Hoff aeus, Rodrigues, Maggio e muitas outras fontes manuscritas que examinamos no presente livro testemunham inequivocamente. No entanto, a batalha dentro da Ordem contra aqueles jesuítas com ancestralidade judaica tem sido reconhecida de forma insuficiente e até mesmo suprimida na pesquisa sobre o assunto.

Em seus escritos sobre Benedetto Palmio, por exemplo, dois historiadores jesuítas italianos de alta reputação, Pietro Tacchi Venturi (1861–1956) e Mario Scaduto (1907–95), omitem a atitude converso-fóbica de Palmio. Tacchi Venturi, também envolvido em negociações entre o Vaticano e o regime de Mussolini sobre o destino dos Judeus

---

[59] Citado de Yerushalmi, *Assimilação e Antissemitismo Racial*, pp. 16–7. Essa relação entre discriminação contra conversos e a discriminação de povos aborígenes foi recentemente explorada por Jonathan Boyarin em seu *O Eu Não Convertido: Judeus, Índios e a Identidade da Europa Cristã* (Chicago, Ill.: University of Chicago Press, 2009). [60] Para uma descrição de várias abordagens acadêmicas na periodização da perseguição de minorias, veja David Nirenberg, *Comunidades de Violência: Perseguição de Minorias na Idade Média* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996), especialmente pp. 6–7.

1938–43,[61] publicou partes da autobiografia de Palmio, mas não aquelas que revelam seu lobby discriminatório. Scaduto conhecia tanto a autobiografia "comovente" de Palmio quanto o memorial, mas nunca discutiu as tensões raciais contidas nele. De fato, em suas listas das fo ntes primárias utilizadas, Scaduto ou omitiu o códice *Institutum 106*[62] ou contornou a parte que contém o memorial.[63] Além disso, em uma de suas obras, ele retratou Palmio como "o primeiro e o mais maduro fruto da colheita italiana."[64] O historiador jesuíta belga Jean-François Gilmont (nascido em 1934) também omitiu algumas partes da autobiografia de Palmio.[65] Uma nota lacônica sobre a semelhança entre a última parte da autobiografia de Palmio e seu memorial, feita pelo renomado historiador jesuíta espanhol Cándido de Dalmases (1906–86), editor de um volume na série *Monumenta Historica Societatis Iesu*,[66] deixa claro que ele conhecia o conteúdo do memorial de Palmio. No entanto, ele nunca o divulgou.

Até o presente trabalho, não houve uma análise sustentada e sistemática da correlação entre o surgimento da Sociedade de Jesus e o da *limpieza* mania no século dezesseis e nenhuma análise de como a implementação das leis de pureza de sangue teve diferentes estágios na história inicial dos jesuítas. No entanto, existem alguns estudos fragmentários sobre a história dos primeiros jesuítas conversos. O mais importante deles diz respeito à relação de Inácio de Loyola com o problema dos Novos Cristãos. O primeiro desses estudos foi publicado e m 1956 pelo jesuíta espanhol Eusébio Rey;[67] o segundo foi um longo artigo do jesuíta americano James Reites, publicado em 1981,[68] uma continuação de seu trabalho de dissertação de 1977 na Universidade Gregoriana dos Jesuítas de Roma, que infelizmente nunca foi publicado.[69] Ainda antes do trabalho de Reites,

---

61 Veja Giacomo Martina, *Storia della Compagnia de Gesù in Italia (1814–1983)* (Brescia: Morcelliana, 2003), pp. 276–7. 62 Veja Mario Scaduto, *L'Opera di Francesco Borgia, 1565–1572* (Roma: Edições "A Civilização Católica," 1992), p. 20*; e *L'epoca di Giacomo Laínez. L'azione. 1556–1565* (Roma: Edições "A Civilização Católica," 1974), p. xvi. 63 Veja Mario Scaduto, *L'epoca di Giacomo Laínez. Il governo. 1556–1565* (Roma: Edições "A Civilização Católica," 1964), p. xx. 64 Scaduto, *Governo*, p. 316. 65 Veja Jean-François Gilmont, *Les écrits spirituels des premiers jésuites* (Roma: IHSI, 1961), pp. 39–40. 66 *Fontes Narr*., 3:154, n. 9. 67 Rey, "San Ignacio," pp. 117–204. 68 James W. Reites, S.J., "São Inácio de Loyola e os Judeus," *Estudos na Espiritualidade dos Jesuítas* 13/4 (1981). 69 James W. Reites, S.J., *São Inácio e o Povo do Livro: Um Estudo Histórico-Teológico da Motivação Espiritual de São Inácio de Loyola em Seus Relacionamentos com os Judeus e Muçulmanos* (Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, 1977).

trabalhos, dois artigos importantes sobre questões mais específicas relacionadas à história dos jesuítas de ancestralidade judaica haviam aparecido: o primeiro sobre a genealogia dos conversos do proeminente jesuíta espanhol Pedro de Ribadeneyra, publicado por José Gómez-Menor em 1976, cujos resultados foram considerados apenas por alguns estudiosos;[70] e um ano depois o jesuíta Josef Wicki publicou um artigo sobre o papel que os Novos Cristãos desempenharam no empreendimento missionário jesuíta no Extremo Oriente até o geralato de Acquaviva.[71] Outra década se passou antes que o jesuíta americano John P. Donnelly publicasse um artigo sobre a ancestralidade judaica mais provável de Antonio Possevino.[72] A pesquisa sobre o assunto intensificou-se na década de 1990, à qual o jesuíta espanhol Francisco de Borja Medina contribuiu especialmente. Ele argumentou tenazmente (contrário à pesquisa anglo-saxônica de Reites, Donnelly e Munitiz) que os sentimentos anti-converso no século dezesseis tinham apenas origens socio-religiosas, não raciais.[73] O único artigo sobre o assunto na língua francesa foi publicado em 1999 pelo jesuíta francês Pierre-Antoine Fabre, que explorou as razões pelas quais os conversos estavam dispostos a se juntar à Sociedade de Jesus.[74] Na última década, apenas três artigos sobre a questão dos jesuítas conversos apareceram: em 2004 o jesuíta Joseph A. Munitiz publicou um artigo sobre o apoio legal dado à legislação anti-converso jesuíta pelo famoso jurista jesuíta Francisco Suárez,[75] e Thomas Cohen publicou sua excelente análise do primeiro memorial pro-converso de Possevino,[76] que mais tarde encontrou sua extensão na

---

70 José Gómez-Menor, "A progenie ebraica do pai Pedro de Ribadeneyra S.I. (filho do jurado de Polendo Alvaro Fusillo Ortiz de Cisneros)," *Sefarad* 36 (1976): 307–32. 71 Josef Wicki, S.J., "Die 'cristão-novos' in der Indischen Provinz der Gesellschaft Jesu von Ignatius bis Acquaviva," *AHSI* 92 (1977): 342–61. 72 John P. Donnelly, "Antonio Possevino e os J esuítas de Ancestra Judaica," *AHSI* 109 (1986): 3–29. Veja também o "resumo" italiano deste artigo: Alberto Castaldini, "L'incognita marrana. Ipotesi sulle origini familiari del gesuita Antonio Possevino (1533–1611)," *Atti e memorie dell'Accademia Nazionale Virgiliana* 69 (2001): 129–40. 73 Medina, "Ignacio de Loyola," pp. 579–615, cuja versão abreviada foi reimpressa nove anos depois sob o mesmo título em *Encuentro Islamo-Cristiano*, 339–40 (Julho–Agosto 2000): 2–16; idem, "San Ignacio y los Judíos," *Anuario del Instituto Ignacio de Loyola* 4 (1997): 37–63; e idem, "Precursores de Vieira," pp. 491–519. 74 Pierre-Antoine Fabre, "A conversão infinita dos conversos. Des 'nouveaux-chrétiens' dans la Compagnie de Jésus au 16e siècle," *Annales HSS* 4 (1999): 875–93. 75 Joseph A. Munitiz, S.J., "Francisco Suárez e a exclusão de homens de origem judaica ou moura da Sociedade de Jesus," *AHSI* 73 (2004): 327–40. 76 Thomas Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta no Memorial de Antonio Possevino a Everard Mercurian (1576)," em *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos secs. XVI e XVII*, 2 vols (Porto: Universidade do Porto Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade/Instituto do Cultura Portuguesa, 2004), vol. 1, pp. 543–61.

um paralelismo convincente entre a legislação anti-converso dos jesuítas e a exclusão dos povos nativos da Sociedade.[77] Pouco antes do artigo de Cohen ser publicado em *O Companheiro de Cambridge sobre os Jesuítas*, o jesuíta francês Marc Rastoin apresentou sua visão concisa, mas nova, da história dos jesuítas conversos no início.[78] Para concluir este breve *excursus* bibliográfico, é interessante notar que a mais brilhante e autoritária história dos primeiros jesuítas, publicada em 1993 pelo j esuíta americano John W. O'Malley, dedicou apenas quatro páginas às questões judaica e dos conversos — uma proporção que não reflete plenamente o papel que os jesuítas conversos desempenharam na fundação e progresso da Sociedade de Jesus.[79]

O presente livro tem como objetivo preencher as lacunas da pesquisa sobre o assunto de duas maneiras: por meio de uma leitura diferente das fontes e da literatura secundária já conhecidas; e por uma análise do material arquivístico que tem sido pouco ou nada conhecido. A clarificação de pontos cegos na história dos jesuítas iniciais que tento realizar nas páginas seguintes pode iluminar outros problemas discriminatórios — como aqueles tão dramaticamente personificados nos personagens shakespearianos não apenas de Shylock e Jessica, mas também de Antonio — com os quais a Ordem Jesuíta lida até hoje.

---

77 Thomas Cohen, "Minorias raciais e étnicas na Sociedade de Jesus," em *O Companheiro de Cambridge sobre os Jesuítas*, ed. Thomas Worcester (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), pp. 199–214. 78 Marc Rastoin, S.J., "Os 'Conversos' na Sociedade de Jesus ou De um golpe de sorte à queda," em Thomas Michel, S.J., ed., *Amigos no Caminho: Jesuítas Encontros com o Judaísmo Contemporâneo* (Nova Iorque: Fordham University Press, 2007), pp. 8–27. Veja também sua versão anterior e mais curta em francês: Marc Rastoin, S.J., "Les chrétiens d'origine juive dans la Compagnie naissante," *Christus* 211 (2006): 357–63. 79 John W. O'Malley, *Os Primeiros Jesuítas* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993), pp. 188–92.

"Map of the Iberian Peninsula in 1492"

CAPÍTULO UM

O CONTEXTO HISTÓRICO DA DISCRIMINAÇÃO DE PUREZA DE SANGUE (1391–1547)

> *[Novos Cristãos] ainda mantêm em seus lábios o leite da recente perversidade de seus ancestrais*. Arcebispo Juan Martínez Guijarro (Silíceo), 1547

A Sociedade de Jesus não pôde evitar lidar com o problema dos conversos, pois os jesuítas foram fundados por um grupo de Cristãos Antigos e Novos, cuja maioria, assim como seu líder Inácio de Loyola, tinha origem na Ibéria. Apesar do caráter universal da Ordem idealizado pelos pais fundadores e do catolicismo *per se*, o vexatório conceito de pureza de sangue produziu uma profunda polarização na Sociedade enquanto tentava implementar sua missão de conversão.[1] Natural mente, tanto os apoiadores jesuítas quanto os opositores da discriminação de pureza de sangue buscaram validação para seus argumentos nas obras que haviam sido empregadas na acalorada discussão que havia dividido a Igreja Ibérica entre a primeira legislação anti-converso de 1449 e o decreto jesuíta que legalizou a discriminação contra conversos em 1593. Além disso, o contexto histórico das leis discriminatórias espanholas—seja a discriminação por autoridades cívicas ou eclesiásticas—lança mais luz sobre as origens de tal legislação na própria Sociedade de Jesus.

Dada esta estreita conexão entre a maioria dos pais fundadores da Sociedade de Jesus e o contexto ibérico, este capítulo tem como objetivo fornecer ao leitor um *excursus* histórico conciso da complexa e abundante discussão sobre o conceito de pureza de sangue. Começa em Toledo com a *Sentencia-Estatuto* de Pero de Sarmiento (1449); baseia-se em i mportantes obras pró-converso subsequentes de dois proeminentes intelectuais eclesiásticos da metade do século XV, Alonso de Cartagena e Alonso de Oropesa, cujo legado seria refletido na literatura pró-converso posterior; e conclui novamente em Toledo com

[1] Veja a visão contrária em Anna Foa, "*Limpieza* versus Missão: Igreja, Ordens Religiosas e Conversão no Século Dezesseis" em Susan E. Myers e Steven J. McMichael, eds., *Frei e Judeus na Idade Média e Renascença* (Leiden: Brill, 2004), especialmente pp. 302–3, 306–8.

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

os *Estatutos* do Arcebispo Silíceo (1547), que—junto com a legislação Sarmiento—foram defendidos com entusiasmo pelo Bispo Diego de Simancas em sua *Defensio Toletani Statuti* (Antuérpia: Plantin, 1573). Pode-se argumentar que este último inspirou alguns jesuítas em sua campanha para introduzir as leis discriminatórias anti-converso na Sociedade de Jesus na última década do século dezesseis.

Sentencia-Estatuto *de Pero de Sarmiento (1449)*

A história da discriminação anti-converso de pureza de sangue começa com a chamada *Sentencia-Estatuto* adotada em Toledo em junho de 1449. Ela resultou de uma revolta popular contra a autoridade real do Rei Juan II de Trastâmara (1405–54), liderada pelo prefeito da cidade (*alcalde maior*), Pero de Sarmiento. Para resumir a história complexa e longa para os propósitos deste capítulo: a rebelião foi provocada por uma tentativa do converso Conde de Castela, Álvaro de Luna (m. 1453), de arrecadar uma receita adicional de um milhão *maravedíes* dos cidadãos de Toledo para a defesa de Castela contra uma recente invasão dos Aragoneses.[2] Sarmiento associou essa medida com as maquinações do tesoureiro Alonso Cota[3] e outros conversos toledanos. Eles representavam uma minoria afluente e influente entre os burgueses, sem paralelo em outros países europeus da Idade Média,[4] que—sob proteção real—emergiram rapidamente após as primeiras conversões massivas impulsionadas pelos brutais *pogroms* contra os "judeus deicidas" em 1391.[5]

Recordando essas alegações que geraram meio século de ressentimento social, econômico e político e combinando-as com o antigo viés anti-judaico, uma multidão fanática de Velhos Cristãos assassinou vários

---

[2] Veja a carta de Sarmiento ao Rei João II escrita em Maio de 1449, antes de seu *Sentencia-Estatuto*, em Eloy Benito Ruano, *Toledo no século XV; vida política* (Madri: Conselho Superior de Investigações Científicas, 1961), pp. 186–90. [3] Veja Francisco Cantera Burgos, *A família judeo-conversa dos Cota de Toledo* (Madri: Academia de Doutores de Madrid, 1969), pp. 11–8. [4] Sobre a ascensão social e política dos conversos neste período, veja, por exemplo, Francisco Marquez Villanueva, "Conversos e cargos municipais no século XV," *Revista de Arquivos, Bibliotecas e Museus* 63 (1957): 503–40. [5] Para uma apresentação recente das causas dos *pogroms* em 1391, veja, por exemplo, Juan Ignacio Pulido Serrano, *Os conversos na Espanha e Portugal* (Madri: Arco Livros, 2003), pp. 18–20.

conversos em 1449 e saqueou ou incendiou muitas residências, começando pela de Cota. O que começou como uma rebelião anti-fiscal transformou-se em tumultos anti-converso e em uma guerra anti-real. Subsequentemente, buscando uma justificativa velada para sua ofensa *laesa maiestas* , o conselho da cidade emitiu a legislação de pureza de sangue. Afirmando um precedente do direito real e canônico, impediu todos os Judeus convertidos ao Cristianismo *e* seus descendentes de ocupar cargos públicos ou testemunhar em cortes de justiça cristãs, devido à infâmia, incapacidade e indignidade dos conversos, que supostamente derivavam de sua fé não confiável e foram comprovadas por sua contínua judaização.[6] De acordo com a *Sentencia-Estatuto*, a história da cidade de Toledo testemunhou a longa trama dos conversos que pode ser rastreada até a aliança de seus ancestrais judeus com os conquistadores muçulmanos, que causou a morte ou escravização de muitos Velhos e Puros (*lindos*) Cristãos.[7] Mais recentemente, com o dinheiro real que astutamente roubaram, os conversos oprimiram, destruíram e roubaram a maioria dos Velhos Cristãos de suas propriedades na cidade de Toledo, onde conseguiram se infiltrar em cargos governamentais influentes.[8]

---

[6] "Que porquanto é notório por direito canônico e civil, que os conversos de linhagem de judeus, por serem suspeitos na fé de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, na qual frequentemente vomitam de leve, judaizando [. . .]. Que devemos declarar e declaramos, pronunciar e pronunciamos, e constituir, e ordenar, e mandar, que todos os ditos conversos descendentes do perverso linhagem de judeus, de qualquer maneira que seja, assim por virtude do direito canônico e civil que contra eles determina sobre as coisas acima declaradas, como por virtude do dito privilégio dado a esta cidade pelo dito senhor Rei de muito gloriosa memória Dom Afonso Rei de Castela e de Leão, progenitor do rei nosso senhor e por outros senhores reis seus progenitores e por sua alteza, jurado e confirmado, como por razão das heresias e outros delitos, insultos, sedições e crimes por eles até hoje cometidos e perpetrados, de que acima se faz menção, sejam havidos e tidos como o direito os tem por infames, inhábiles, incapazes e indignos para haver todo ofício e benefício público e privado na dita cidade de Toledo, e em sua terra, termo e jurisdição com o qual podem ter senhorio sobre os cristãos velhos na santa fé católica de nosso Senhor Jesus Cristo crentes, fazer-lhes danos e injúrias, e assim mesmo ser infames, inhábiles, incapazes para dar testemunho e fé como escreventes públicos ou como testemunhas, e especialmente nesta cidade" (Ruano, *Toledo no século XV*, pp. 193–5).

[7] Para o contexto histórico da colaboração judaica com os conquistadores muçulmanos, veja, por exemplo, Serrano, *Os conversos*, p. 9; e Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 91. Segundo os especialistas, este é o primeiro uso do termo *puro* em relação a cristãos que não eram de linhagem judaica, o que constituiria uma mudança de uma abordagem socio-política para uma abordagem racial na questão vexatória dos conversos.

[8] Veja Ruano, *Toledo no século XV*, p. 194.

Alonso de Cartagena e Alonso de Oropesa

Os trágicos eventos de 1449 em Toledo e a consequente legislação anti-converso de Pero de Sarmiento fornecem o contexto histórico para a importante obra pro-converso escrita por Alonso de Santa María de Cartagena (1384–1456)—*Defensorium unitatis christianae* [Em Defesa da Unidade Cristã] (1449–50). Seu autor esteve indiretamente envolvido na turbulência política de Toledo, pois seu irmão, Pedro de Cartagena, salvo u a vida do Conde de Castela, Álvaro de Luna, contra quem os distúrbios de 1449 começaram.[9] Mas qual era o contexto mais amplo de um dos principais intelectuais da Espanha do século XV?

Alonso de Cartagena foi batizado (aos cinco ou seis anos) por seu pai Shlomo ha-Levi/Pablo de Santa María (c. 1351–1435), que—como rabino chefe de Burgos—se converteu ao Cristianismo pouco antes dos *pogroms* anti-judeus de 1391 e mais tarde foi eleito bispo de Cartagena (1402) e Burgos (1415),[10] enquanto sua esposa permaneceu fiel à fé de seus antepassados. Como ocorreu com vários outros conversos, Cartagena estudou direito civil e eclesiástico em Salamanca; mais tarde, atuou co mo núncio apostólico e cânone em sua cidade natal, Burgos. O rei João II—para quem o pai de Alfonso e o irmão deste, Álvar García de Santa María (1370–1460),[11] haviam prestado seus serviços—designou Cartagena como seu enviado oficial ao Conselho de Basileia (1434–9). Lá, ele expressou suas visões conciliaristas e contribuiu para a formulação de um decreto sobre o caráter regenerativo do batismo sem considerar a linhagem (o que o Papa Paulo III citou mais tarde em sua bula *Cupientes Iudaeos,* como notaria o jesuíta García Girón de Alarcón):

> Pois os membros da família de Deus e os santos se tornam cidadãos pela graça do batismo, e é muito mais digno ser regenerado no espírito do que nascer na carne, estipulamos por este decreto que [os judeus convertidos] das cidades e lugares, onde são regenerados pelo santo batismo, devem desfrutar dos mesmos privilégios, isenções e liberdades que outros [Cristãos] recebem com base apenas em seu nascimento e origem.[12]

---

[9] Veja Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 89. [10] Marcel Bataillon estava incorreto ao afir mar que Shlomo ha-Levi se converteu *após* os *pogroms* de 1391 (veja Fabre, *Marcel Bataillon*, p. 237). [11] Sobre a enorme influência do clã converso de Santa María, veja Francisco Cantera Burgos, *Alvar García de Santa María e sua família de conversos*. *História da Judería de Burgos e de seus conversos mais egregios* (Madri: Instituto Arias Montano, 1952). [12] Concilium Basileense, *De his qui volunt ad fi dem converti* (Decreto Sexto Basileense, sess. XIX): "E uma vez que pela graça do batismo os cidadãos dos santos e os domésticos

Após a morte de Pablo de Santa Maria (1435), o Papa Eugênio IV (r. 1431–47) nomeou Cartagena como seu sucessor na sé episcopal de Burgos. Como seria o caso com muitos jesuítas conversos futuros, os aspectos cívicos da antiga literatura romana, especialmente Cícero e Sêneca, fascinavam Cartagena. A pedido de Juan Alfonso de Zamora, secretário do Rei Juan II, ele traduziu *De ofícios, De senectude* de Cícero, e *De invenção*, além de ter traduzido para o castelhano os doze livros de Sêneca. Ele também participou do debate literário com humanistas italianos sobre a tradução da *Ética* de Aristóteles por Leonardo Bruni (1369–1444).[13] Cartagena utilizou em seu *Defensorium* essas autoridades clássicas para corroborar as citações bíblicas e patrísticas.[14]

Os eventos de 1449 em Toledo também são ecoados—embora de forma menos explícita—em outra obra que foi escrita aproximadamente na mesma época por Fray Alonso de Oropesa (m. 1469). O título era *Lumen ad revelationem gentiumet gloria plebis Dei Israel, de unitate fi dei et de concordi et pacifi caaequalitate fi delium* [Luz para a Revelação dos Gentios e Glória ao povo de Deus Israel: A respeito da Unidade da Fé e da I gualdade Agradável e Pacífica dos Fiéis], , que é uma alusão às palavras do velho Simão no Evangelho segundo Lucas (2:32).[15]O livro foi dedicado a Alonso Carrillo de Acuña (1413–82), Arcebispo de Toledo desde 1447, conhecido por sua oposição às *leis de pureza de sangue* que ele e seus sucessores mais tarde repudiariam, como veremos no Capítulo Quatro.[16]

Oropesa, que pode ter sido um converso e havia tomado seu nome de sua cidade natal de Oropesa, perto de Toledo, estudou—assim como Cartagena—em Salamanca e entrou no monastério Jerônimo.

Dei efficiuntur, e muito mais digno é ser regenerado pelo espírito do que nascer da carne, por esta lei edictal estabelecemos que as cidades e os locais nos quais são regenerados pelo sagrado batismo gozem de privilégios, liberdades e imunidades que, por razão apenas de natalidade e origem, outros conseguem." Em seu *Defensorium* (ed. Verdín-Díaz, p. 261), Cartagena afirmou que este decreto foi votado por unanimidade. [13] Sobre o humanismo de Cartagena, veja, por exemplo, Jeremy Lawrance, "Alfonso de Cartagena y los conversos," em Alan Deyermond e Ralph Penny, eds, *Atas do Primeiro Congresso Anglo-Hispano* (Madri: Editorial Castalia, 1993), vol. 2, pp. 103–20. [14] Para uma apresentação do pensamento de Cartagena em seu *Defensorium*, veja, por exemplo, Sicroff, *Estatutos*, pp. 64–99; e Pastore, *Eresia espanhola*, pp. 5–8 e 10. [15] Para uma apresentação da vida e do pensamento de Oropesa, veja a introdução de Díaz à sua tradução (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, pp. 7–57); Roth, *Conversos, Inquisição*, pp. 232–3; e Pastore, *Eresia espanhola*, pp. 9–11 e 19–25. [16] Sobre o Arcebispo Carrillo e sua linhagem, veja Roth, *Conversos, Inquisição*, pp. 96–7; Francisco Esteve Barba, *Alfonso Carrillo de Acuña: autor da unidade da Espanha* (Barcelona: Editorial Amaltea, 1943); e Barba, *Os Cardeais da Igreja Romana* (http://www.fiu.edu/~mirandas/bios1440a.htm).

de Nossa Senhora de Guadalupe em Extremadura.[17] Pouco depois, ele foi eleito prior de Santa Catalina em Talavera (1451/2) e mais tarde se t ornou superior geral de sua Ordem religiosa (em 1457 e novamente em 1462).[18] Oropesa havia estado compondo o *Lumen* intermitentemente entre 1450 e 1466 como uma resposta não apenas à legislação anti-converso de Sarmiento, mas também às subsequentes tensões anti-converso em Toledo em 1461-2, que ele foi pessoalmente chamado para resolver pelo Arcebispo Carrillo, após um certo Franciscano ter afirmado possuir cem prepúcios que haviam vindo de Cristãos circuncidados.[19]

Embora seja difícil estabelecer a influência recíproca entre os dois tratados—às vezes parece que Oropesa copiou partes do trabalho de Cartagena (ou estava dependendo de uma fonte comum?)—eles empregaram argumentos muito semelhantes em seu esforço para combater a legislação Sarmiento e seu viés anti-converso. Os principais temas do *Defensorium* de Cartagena e do *Lumen* de Oropesa, nos quais basearam seus argumentos anti-discriminação, são a unidade da fé cristã; a eleição de Israel à luz da geração de Cristo; a imperfeição de Israel antes do nascimento de Jesus e sua perfeição em Cristo; e a redenção tanto dos gentios quanto dos judeus para formar um só povo de Deus em harmonia e paz. No entanto, Cartagena e Oropesa atribuem responsabilidades diferentes aos judeus pela falta de persistência dos conversos na fé cristã. O primeiro afirma que os judeus—mais do que pagãos, hereges ou cismáticos—representam um risco para os fiéis cristãos e que, portanto, deve-se pregar a eles seu cumprimento em Cristo. O último clama por medidas mais drásticas: a intervenção das autoridades eclesiásticas e civis para prevenir contatos entre cristãos e judeus,[20] uma posição que

---

17 Alfred Sicroff, "O Mosteiro Jerônimo de Guadalupe na Espanha dos séculos XIV e XV," em *Estudos Coletados em Honra ao Octogésimo Aniversário de Américo Castro* (Oxford: Lincombe Lodge Research Library, 1965), pp. 397–422. 18 Sobre diferentes opiniões a respeito da ascendência de Oropesa, veja Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 183; e Pastore, *Eresia espanhola*, pp. 18–9. Foa, em seu "*Limpieza* versus Missão" (pp. 303–4), afirma incorretamente que Oropesa era o geral da Ordem Jerusalita. O nome da Ordem Jerônima vem de seu patrono, São Jerônimo (espanhol *Jerônimo*, latim *Hieronymus*, assim também " Jerônimos"—uma grafia diferente do nome da Ordem). 19 Veja, por exemplo, Henry Charles Lea, *História da Inquisição da Espanha* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1906), vol. 1, p. 127; Fabre, ed., *Marcel Bataillon*, pp. 240–1; e Sicroff, *Estatutos*, pp. 95–6. 20 Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 99–100.

eventualmente se materializaria na criação por Oropesa de uma proto Inquisição Espanhola.[21]

Ao Bispo de Burgos e ao Gerente dos Jerônimos, o desejo de lutar pela unidade cristã origina-se na criação da humanidade por Deus na unidade de um único homem. O relato de Cartagena, assim, começa com uma análise literal da história bíblica da criação de Adão e Eva (Gênesis 1:26): "Um Adão foi criado, como diz a Escritura: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.' Ele não disse homens, mas homem, para mostrar que estava pensando na unidade dos homens desde o princípio e que abominava a distinção entre eles com base no nascimento carnal."[22] Na história da dispersão da humanidade

---

[21] O Arcebispo Carrillo convocou Oropesa para resolver um novo conflito entre os conversos e os Velhos Cristãos que surgiu em Toledo em 1461. O Jerônimo superior geral puniu aqueles conversos que judaizavam e aqueles Velhos Cristãos que negavam o caráter regenerativo do batismo. De acordo com o historiador da Ordem, José de Sigüenza, essa intervenção formou a primeira Inquisição em Castela. Sobre a contribuição de Oropesa para a criação da Inquisição Espanhola, veja David Nirenberg, "Conversão em Massa e Mentalidades Genealógicas: Judeus e Cristãos no Século XV Espanha," *Passado e Presente* 174 (2002): 31; Roth, *Conversos, Inquisição*, pp. 73–4, 80, 146; e Pastore, *Eresia espanhola*, p. 10. A relação entre as leis de pureza de sangue as conversos e a fundação da Inquisição Espanhola era muito mais complexa do que Foa sugeriu em seu "*Limpieza* e Missão," p. 303.

[22] "Um só Adão foi criado como diz a escritura [. . .]. Não disse aos homens, mas ao homem, para manifestar desde o mesmo princípio que pensava na unidade dos homens e que a diferença entre eles, baseada na propagação da carne, a aborrecía" (Carta g ena , *Def ensorium* , ed. Verdín-Díaz , p . 107).

"Pois como a Igreja permanece perfeita e imutável em seu estado, assim também permanece universal e unida na concordância unânime de todos os seus fiéis, afastada de toda disparidade daquelas antigas imperfeições, posto que, de outro modo, já não poderia dizer-se que tivesse um estado novo e perfeito; esta sacratíssima união foi solemnizada por Cristo morrendo na cruz para a redenção universal de todos os fiéis, sem divisão alguma que se introduza entre eles, quando adquiriu para si a única e indivisível Igreja de todos os católicos; e tão admirável mistério já havia sido figurado antes na formação da primeira mulher do lado do varão: de forma que, como da única varão Adão, se formava a única mulher para a procriação universal de todos, assim também do gloriosíssimo Jesus, único redentor nosso, se formasse a única santa mãe Igreja para a salvação universal de todos os seus fiéis, a quem pelo mesmo feito lhes encomendou uma concordância unânime" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXI).

Todas as citações do *Defensorium* são da tradução espanhola do original em latim em Verdín-Díaz, ed., *Alonso de Cartagena*. A escolha da tradução espanhola é ditada pela premissa de Verdín-Díaz de que ele a baseou em sua leitura mais correta do manuscrito do que a do jesuíta Manuel Alonso em seu D. Alonso de Cartagena. Bispo de Burgos, *Defensorium unitatis Christianae.Tratado em favor dos judeus conversos.Edição, prólogo e notas por el P. Manuel Alonso, S.I.* (Madri: CSIC, 1943), e na comparação de dois manuscritos diferentes.

Todas as citações do *Lumen* são da tradução espanhola do original em latim (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz).

resultando do crime de Caim, Deus baseou suas escolhas não na li nhagem ou origem de uma pessoa, mas na retidão. Esse foi o caso, por exemplo, de Noé e Jó, que eram gentios: sua retidão vinha apenas da obediência à lei da natureza,[23] que Cartagena compara em outros l ugares à luz lunar em contraste com a luz solar de Cristo, que é esplendor eterno e um segundo Adam sem mancha.[24]

As preferências de Deus, argumentam Cartagena e Oropesa, não garantem a justificação; a circuncisão de Abrão era apenas um sinal de uma aliança, não um resultado de seus méritos. É por isso que "Deus decidiu generosamente dar a sua lei ao seu povo, para que a distinção entre os povos não fosse percebida apenas na carne, cortando o prepúcio, mas também nos costumes, cortando os vícios."[25]

Para Cartagena e Oropesa, a eleição dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e a história do povo escolhido eram

---

[23] Veja Cartagena, *Defensorium* (ed. Verdín-Díaz), pp. 108–9. A respeito de Jó, Oropesa cita Agostinho em *De civitate Dei*: "Não creio que os próprios judeus se atreveriam a dizer que ninguém pertenceu ao Senhor fora dos israelitas, desde que começou a ser descendência de Israel com a reprovação do irmão mais velho. Povo que realmente se dissesse propriamente povo de Deus não houve outro; mas não podem negar que houve alguns homens que pertenciam não à pátria terrena, mas à sociedade celestial, aos verdadeiros cidadãos israelitas da pátria do céu, já que, se o negarem, com toda facilidade se lhes demonstrará 'do santo e admirável Jó,' que nem era do país nem prosélito, ou seja, nem vivia no povo de Israel, mas era descendente dos idumeus: onde nasceu, ali morreu; quem é de tal forma elogiado pela palavra de Deus que, no que diz respeito à sua justiça e piedade, nenhum homem de seu tempo o iguala, e cuja época, que, embora não a encontremos nas crônicas, podemos deduzir de seu próprio livro—que com razão os israelitas o aceitaram entre os autores canônicos—deveria ser três gerações posterior a Israel" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XI). [24] Veja Cartagena, *Defensorium* (ed. Verdín-Díaz), pp. 127–35. Veja um uso semelhante dessa metáfora em Oropesa: "Mas esta paz excelente e verdadeira concordia da Igreja militante deve durar até que não haja lua, que é o mesmo que dizer até que acabe a atual Igreja, que, como outra lua na noite mais escura, assim resplandece ela nas trevas deste mundo obscuro, iluminada incessante e maravilhosamente pelo verdadeiro sol da justiça, por aquele que é a luz verdadeira, que ilumina a todo homem que vem a este mundo (Jo 1, 9); ou também: até que não haja lua, ou seja, até que se termine esta vida atual, quando já cessou o movimento das estrelas e pode-se dizer que já também não há lua. E assim concorda bem com esta outra frase do profeta em que diz de Cristo: «Grande é seu senhorio e a paz não terá fim . . . » (Is 9, 6). E isso é porque nesta vida não terá fim esta paz da Igreja, e depois desta vida também não se pode dizer propriamente que se acaba sem mais, porque lhe sucede outra paz melhor que deve durar para sempre, como já foi dito" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXXV).

[25] "[Deus] se dignou a dar generosamente a lei para que a diferença não fosse percebida apenas na carne, pelo corte do prepúcio, mas nos costumes, pelo corte dos vícios" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 114).

entendido à luz da geração de Cristo,[26] em quem todas as distinções de linhagem cessam. Cristo salvou tanto Judeus quanto Gentios, pois eles estão unidos como um só povo pela virtude do batismo regenerativo, como já havia enfatizado São Paulo—fundamental para o argumento de Cartagena: "Pois quantos de nós fomos batizados em Cristo nos vestimos de Cristo. Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher. Pois todos vocês são um em Cristo Jesus" (Gálatas 3:27–9).[27]

---

[26] "Somente a esse povo [judeu] a lei foi oferecida para que alcançasse certas prerrogativas de virtude acima dos demais, considerando que de esse povo deveria nascer Cristo [. . .]. Deus deu a lei e muitos outros benefícios àquele povo pela promessa feita a seus pais, especialmente por aquela que dizia que de eles nasceria Cristo [. . .]. A razão da distinção concedida a aquele povo deriva da carne de Cristo que haveria de receber daquele povo, e não dos méritos do povo" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 116–7). "Se perguntassem por que escolheu mais o povo judeu para este mistério em vez de qualquer outro, para que Cristo precisamente nascesse dele, diz São Tomás na Suma Teológica que parece resposta adequada a isso o que diz Agostinho nas Homilias sobre o evangelho de João acerca de por que Deus traz a um e não traz a outro — entende-se a penitência e a graça —: «não queiras julgar se não queres errar; onde também um pouco antes conclui que tal escolha do povo judeu não foi por mérito de Abraão para que se lhe fizesse a promessa de que Cristo nasceria de sua descendência, mas por escolha e vocação gratuita; por isso diz Isaías: «Quem suscitou do oriente o justo e o chamou para que lhe saísse ao encontro?» (Is 41, 2 Vulg.). E dessa forma os pais receberam a promessa apenas pela escolha gratuita, e o povo nascido deles recebeu a lei, conforme diz o Deuteronômio: « . . . e do meio do fogo ouviste suas palavras. Porque amou a teus pais e escolheu sua descendência depois deles . . . » (Dt 4, 36–37). Suposta, pois, a predileção e a promessa aos pais antigos, que foi livre e gratuita, como foi dito, resulta em consequência a escolha do povo para que se realizasse o mistério de Cristo, pela veracidade de Deus, para que se confirmassem nele as promessas feitas aos pais, como diz o Apóstolo aos Romanos (Rm 15, 8)" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XIII). [27]

fensorium (ed. Ver dín-Díaz), pp. 93 an d 135.

Veja Cartagena, *De*

"Pois assim como todos nós fomos gerados por Adão e Eva, e todos, sem diferenças, permanecemos pecadores, assim também todos nós fomos reengendrados por Cristo e pela Igreja, sem diferenças, e permanecemos em perfeita justiça, conforme explica amplamente o Apóstolo aos Romanos e na primeira carta aos Coríntios, dizendo: «Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois assim como em Adão morrem todos, assim também todos reviverão em Cristo» (1 Co 15, 21–22; cf. Rm 5, 12–21), «pois não há diferença alguma (de judeu e grego, ou seja, de judeu ou gentil, como diz a Glosa); todos pecaram e estão privados da glória de Deus, e são justificados pelo dom da sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus» (Rm 3, 22–24), como diz aos Romanos; e conclui o Apóstolo dizendo aos Gálatas: «Já não há judeu nem grego; nem escravo nem livre; nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus» (Ga 3, 28); o que comenta a glosa: «Por nenhuma dessas coisas ninguém se torna mais digno na fé de Cristo, e portanto que ninguém judaize como se fosse mais digno por algo disso, já que na verdade por nenhuma dessas coisas ninguém se torna mais digno em Cristo»" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXI).

Dentro do quadro de sua eclesiologia da continuidade da aliança, Cartagena sublinha o ponto de que a redenção de Cristo é para os israelitas a clara perfeição de sua fé que foi representada no Antigo Testamento de forma figurativa ou alegórica. Para os gentios—pelo contrário—, a mensagem de Cristo é algo totalmente novo. Assim, os primeiros são convidados a aprender mais profundamente algo que já era conhecido;[28] os últimos, em contraste, são convidados a aprender algo que ainda não haviam ouvido.[29] Como observa Cartagena, "não foi Jerusalém que caminhou em direção aos gentios, mas foram eles que foram a Jerusalém, de modo que ambos os povos estabeleceram a nova e verdadeira Jerusalém que nesta vida é a Igreja Militante, através da qual se chega à Jerusalém celestial, onde todos, sem considerar sua proveniência, caminham na luz sem inimizade."[30]

---

[28] "Deus escolheu aquele povo entre os gentios, como ficará claro no capítulo seguinte, para que, ao chegar o tempo escolhido por ele, refizesse deles um povo que lhe fosse grato entre todos os gentios, perfeito em seu estado e imutável até o fim do mundo; cuja perfeição e qualidade, fé e crença, culto e veneração significou suficientemente naquele povo pequeno e singular especialmente escolhido para que por ele pudesse dar-se a conhecer com clareza o que a religião cristã crê, venera e prega, desde que o que vai ser instruído não coloque diante de seus olhos o véu de uma obstinada cegueira que contradiga o Espírito Santo, não deixando entrar dentro de si a luz da fé; o que parece claro que ocorreu aos pérfidos judeus, que lutam até hoje por negar com cerviz altiva a Cristo como verdadeiro salvador, que é o caminho, a verdade e a vida por onde deveriam entrar ao descanso eterno" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XII).

Esse argumento parece ser a espinha dorsal ideológica do apostolado jesuíta junto aos judeus romanos, como veremos a seguir: Polanco escreveu em uma carta que "muitos judeus, movidos pelo amor dos nossos companheiros jesuítas ou pelo bom exemplo de alguns dos seus que já estavam batizados, se converteram à nossa fé. Entre eles estavam alguns dos judeus mais respeitados, que eram extremamente importantes para converter outros, pois podiam persuadir os outros judeus de forma clara e contundente, mostrando-lhes pela Escritura que Jesus Cristo, nosso Senhor, é o verdadeiro Messias prometido" (Polanco, *Chron.* 3:9; MHSI, *Fontes Narr*. 4:404).

[29] "Conclui-se, portanto, que uma vez livre o entendimento e purificada a alma, os israelitas que recebem a fé dos livros da lei escrita, espiritualmente compreendidos e completamente aperfeiçoados por Cristo, reconhecem claramente o que era considerado como figurado ou alegórico; os gentios, por sua vez, ouvem isso como algo novo e saudável, desconhecido para seus filósofos, o que se manifesta claramente na própria chamada aos dois povos, se se observar bem a qualidade da chamada. Um é convidado a conhecer mais profundamente o que, de alguma forma, já conhecia; o outro, em contrapartida, é convidado ao que nunca havia ouvido" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 113–4). Veja também o seguinte Capítulo 7 da obra de Cartagena.

[30] "E não foi Jerusalém que se dirigiu aos gentios, mas sim o povo gentil que se volta para Jerusalém para, de um e outro povo, estabelecer a única e verdadeira Jerusalém, que nesta vida é a Igreja militante por meio da qual se sobe à

Após ter fornecido um contexto bíblico na Parte Um que concorda com a exposição de Oropesa, Cartagena pretende apresentar o que ele chama de quatro teoremas: (1) Através do Redentor do mundo, Jesus Cristo, os israelitas foram redimidos em plenitude; (2) Da mesma forma e através do mesmo Salvador, todas as nações do mundo também receberam graça e redenção; (3) Israelitas e gentios, ao entrarem pela porta da Igreja Católica através do batismo, não permanecem divididos em dois povos ou nações; em vez disso, juntos formam um novo povo; (4) Agora, como antes, aqueles que chegam à fé católica recuperam sua capacidade de qualquer excelência, nobreza ou qualquer outra f aculdade que possuíam anteriormente, desde que, ao fazê-lo, não se oponham aos princípios da autoridade da Igreja Católica.[31]

Para demonstrar o primeiro teorema, o filho do ex-chefe rabino de Burgos destaca o que o Novo Testamento ensina sobre a redenção de Israel. Cristo no Evangelho segundo Mateus (15:24), por exemplo, define sua missão ao dizer "Não fui enviado, exceto para os

---

Jerusalém celestial e na qual todos, de qualquer parte que venham, caminharão na luz sem inimizade" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 133). "Tudo isso deve ser entendido assim, segundo os sagrados doutores: a fonte aberta deveria ser o santo batis mo em que a impureza, ou seja, o pecado original nas entranhas da menstruada, ou seja, contraído da própria mãe, e o pecado, entende-se atual, deveriam ser lavados e purificados completamente; e deveria estar aberta, ou seja, pública e comum, para todos os habitantes de Jerusalém, que é a Igreja militante, frequentemente designada na Escritura por Jerusalém, e que deveria estar espiritualmente aberta à casa de David; e por meio da qual deveriam ser extirpados os nomes dos ídolos desta terra, porque tanto os judeus quanto os gentios deveriam vir a ela e ao mesmo tempo se purificar uniformemente por ela e, abandonando o judaísmo e a gentilidade, congregar-se em unanimidade em um novo povo que se formou no início da Igreja nascente e se formará depois sucessivamente, mas se completará completamente em um e outro povo até o fim do mundo, quando se tornará integral e perfeitamente um único rebanho e um único pastor, porque então serão exterminados definitivamente tanto o judaísmo quanto os ídolos da gentilidade, e todos se reunirão juntos na fé universal" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXXIX). Veja também Sicroff, *Estatutos*, p. 65. [31] "Primeiro teorema. Demonstra-se que por meio do redentor do mundo, Jesus Cristo nosso Senhor, o povo israelita foi completamente redimido. Segundo teorema que todos os povos do mundo, da mesma forma e mediante o mesmo Salvador, também receberam a graça da redenção. Terceiro teorema que tanto os israelitas quanto os gentios, ao entrarem pela porta do batismo na Igreja católica, não permanecem divididos como dois povos ou duas gentes, mas de um e outro se cria um único povo novo. Quarto teorema que tanto então quanto agora os que chegam à fé católica recuperam novamente a aptidão para obter qualquer excelência, nobreza, ou qualquer outro dom que em princípio tinham, desde que para recuperá-los não se oponham aos princípios da autoridade da Igreja" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 142). Sobre a discussão do conceito de nobreza judaica/espanhola, veja Netanyahu, *Rumo à Inquisição*, pp. 8–16.

ovelhas, que se afastaram da casa de Israel," e Paulo descreve a missão de Jesus como "ministro da circuncisão por causa da verdade de Deus, para confirmar as promessas aos pais."[32] Oropesa apoia o primeiro teorema de Cartagena ao enfatizar que toda a Sagrada Escritura testifica como essas promessas foram aceitas ou recusadas por Israel.[33] Essa história ainda continua—aqueles que rejeitam a Igreja Católica seguem a infidelidade dos ímpios e a dureza do rebelde. No entanto, aqueles que recusam a imprudência de seus ancestrais e submetem seus corações à f é católica com pureza de espírito são verdadeiros seguidores do Israel escolhido.[34] Isso é o que Paulo tinha em mente quando se dirigiu aos gentios em sua Carta aos Romanos (11:13–26 e 30–2), cuja citação mais longa é fundamental na obra de Cartagena e, portanto, vale a pena citar na íntegra:

> Pois eu digo a vocês, gentios: Certamente, enquanto eu for um Apóstolo para os Gentios, honrarei meu ministério de tal maneira que possa provocar rivalidade entre aqueles que são da minha própria carne, e assim possa salvar alguns deles. Pois se a perda deles é para a reconciliação do mundo, o que poderia ser o retorno deles, exceto vida da morte? Pois se a primícia foi santificada, assim também foi o todo. E se a raiz é santa, assim também são os

---

[32] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 146; e Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXVII: "Pois isso é o que Jesus disse a seus discípulos que intercediam pela mulher cananeia: «Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 15, 24), ou seja, não vim pregar nem conceder meus benefícios nem eu nem meus discípulos, como ocupação própria enquanto viver, a não ser aos judeus a quem foi há muito tempo prometido; e à mulher cananeia que já pessoalmente se tinha aproximado de Cristo pedindo insistentemente a saúde de sua filha, respondeu Cristo da mesma maneira dizendo-lhe: «Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos» (Mt 15, 26)." [33] Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XIII: "Certamente há muitos e diversos testemunhos tanto da lei como das profecias e também de ambos, que claramente fazem ver que o povo escolhido por Deus e sua lei e sacerdócio haviam sido postos ao modo de um espelho divino de todos os gentios para salvação e bênção de todos os que iam ser salvos, a quem Deus havia disposto a seu tempo chamar, trazer e reunir por meio de seu Unigênito feito homem; os quais chegando em grande multidão das quatro partes do mundo se haviam de salvar, uma vez revelada a graça e a salvação eterna, ao conhecer o único e verdadeiro redentor e ao aceitar sua santíssima lei: e tudo isso deveria aproveitar em vantagem e salvação de todos a partir dos judeus, qual de raiz selecionada. Mas, já que isso ressalta claramente nos santos evangelhos e o Apóstolo o mostra e desenvuelve brilhantemente em muitos lugares de suas cartas, resultaria supérfluo acumular testemunhos sobre isso; no entanto, há um em que o santo Simeão, novo profeta evangélico de Cristo, em uma sentença encerrou este admirável mistério dizendo que Cristo, nascido do povo judeu e apresentado naquele mesmo momento a suas mãos no templo, era a luz para conhecimento dos gentios e glória de seu povo Israel (cf. Lc 2, 32)."

[34] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 154.

> ramos. E se alguns dos ramos foram quebrados, e se você, sendo um ramo de oliveira brava, foi enxertado neles e se tornou participante da raiz e da gordura da oliveira, não se glorifique acima dos ramos. Pois, embora você se glorie, não sustenta a raiz, mas a raiz sustenta você. Portanto, você diria: Os ramos foram quebrados para que eu pudesse ser enxertado. Muito bem. Eles foram quebrados por causa da incredulidade. Mas você permanece na fé. Portanto, não escolha saborear o que é exaltado, mas tenha medo. Pois se Deus não poupou os ramos naturais, talvez também não poupe você. Então, observe a bondade e a severidade de Deus. Certamente, para aqueles que caíram, há severidade; mas para você há a bondade de Deus, se você permanecer na bondade. Caso contrário, você também será cortado. Além disso, se eles não permanecerem na incredulidade, serão enxertados novamente. Pois Deus é capaz de enxertá-los novamente. Então, se você foi cortado da oliveira brava, que é natural para você, e, ao contrário da natureza, foi enxertado na boa oliveira, quanto mais aqueles que são os ramos naturais serão enxertados em sua própria oliveira? Pois eu não quero que vocês estejam ignorantes, irmãos, sobre este mistério (para que não pareçam sábios apenas para si mesmos) que uma certa cegueira ocorreu em Israel, até que a plenitude dos Gentios tenha chegado. E assim, todo Israel poderá ser salvo[...]. E assim como vocês também, no passado, não creram em Deus, mas agora obtiveram misericórdia por causa da incredulidade deles, assim também estes agora não creram, por causa da sua misericórdia, para que possam obter misericórdia também. Pois Deus encerrou a todos na incredulidade, para que possa ter misericórdia de t odos.[35]

A partir da citação acima, Cartagena deduz que a eleição ou rejeição dos israelitas é baseada na sua aceitação ou recusa da fé. Somente aqueles que acreditam, não importa se vêm de Israel e Abraão ou de outras nações, podem ser chamados de israelitas fiéis e descendentes de Abraão.[36] Assim, é necessário recordar os pecados

---

[35] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 156. Sobre a centralidade desta passagem no *Scrutinium Scripturarum* do pai de Cartagena, veja Rosenstock, *Novos Homens*, pp. 35–7. [36] "E dessas palavras do apóstolo, com sobrada evidência, se deduz que a escolha ou rejeição dos israelitas está baseada na recepção da fé ou no seu rejeição, de modo que, de acordo com a diversidade de méritos, os crentes são considerados eleitos, e os não crentes, rejeitados, equilibrando o julgamento do justo juiz. Quanto ao lugar de onde procedem, tanto de Israel e de Abraão como de outras nações, chamem-se apenas fiéis israelitas e descendentes de Abraão" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 157). " Embora aquele povo judeu fosse o único que pertencia ao Senhor de modo que ele e ninguém mais fosse chamado povo de Deus por seu culto especial, cerimônias e lei, e por essa razão Deus fosse conhecido em Judá e seu nome fosse grande em Israel (cf. Sal 76, 2), no entanto, Deus não o escolheu de tal modo que já então permitisse que perecessem t odos os gentios, por não lhes abrir com misericórdia o caminho de

de seus pais, sejam eles gentios ou israelitas, se resistirem a aceitar a fé católica ou se, após tê-la recebido, caírem nos erros do judaísmo ou do gentilismo. Isso ocorre porque não conhecer a verdade ou, após conhecê-la, abandoná-la é algo muito grave e deve ser perseguido pelas autoridades.[37] Juntamente com os "santos doutores", Cartagena acredita que Paulo, em sua Carta a Tito (1:10–4), deu um exemplo dessa dura reprovação ao se dirigir àqueles da circuncisão que "subvertem toda a casa" ao ensinar em Creta "as fábulas judaicas" sob o nome de Cristo, enquanto ao mesmo tempo falham em repreender os próprios gentios cretenses.[38]

Concluindo a exposição do primeiro teorema, Cartagena repete que uma atenção especial deve ser dada à fé e não à carne israelita, embora— ele enfatiza com orgulho— a fé pareça ser mais esplêndida na carne israelita, como provado em Filipenses 3:3–6, onde Paulo diz paradoxalmente que, embora não deva haver confiança na carne para os circuncidados, ele poderia ter mais confiança na carne como "um hebreu entre hebreus."[39]

Segue-se, como aponta Cartagena, que o israelita que foi exilado da graça divina devido à sua infidelidade, mas que foi adotado através do batismo para receber a fé, é restabelecido na graça divina com mais riqueza do que antes, pois a graça que é conquistada pela adoção divina é muito mais extraordinária, pura e benéfica do que a

---

a esperança de salvação; pois muitas pessoas particulares entre os gentios, realizando obras de verdadeira justiça, foram fiéis e aceitos por Deus e herdeiros e concidadãos entre os verdadeiros israelitas, não na condição da herança terrena, mas na sociedade dos céus, a quem Deus agradou iluminar de muitos modos na fé e em seu culto grato, já pelo conhecimento e trato com aquele povo judeu, já pela manifestação de seus anjos ou por qualquer inspiração divina, como explica São Tomás nos Comentários aos livros das Sentenças" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XI). [37] Veja o *Ultílogo* do *Defensorium* de Cartagena (ed. Verdín-Díaz), pp. 398–400. [38] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 161–9. [39] Veja Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XLVIII: "Ampliadamente explica tudo isso o Apóstolo aos Romanos, onde faz ver que Deus não rejeitou Israel, mas que seu resto sempre se salvará, escolhido pela graça, etcétera (cf. Rm 9–11), e que Deus é poderoso para reinseri-los na fé, de onde foram cortados e caíram, e que tenha cuidado qualquer que da gentilidade se tenha injertado na fé para que não presuma nem se ensoberbeça contra os que se convertem do judaísmo à fé de Cristo, não seja que ele mesmo seja cortado e caia por causa da soberba, etc." Veja também Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 89–90. Para uma discussão sobre o orgulho dos conversos decorrente de sua descendência do povo escolhido de Deus com a bibliografia sobre o assunto, veja Nirenberg, "Conversão e m massa," pp. 30–1.

aquela sob a lei, como a própria vida de São Paulo testificou.[40] A adoção divina abre os portões do céu, o que era impossível antes, pois os sacramentos da antiga lei não possuíam nenhuma virtude pela qual a graça santificadora pudesse ser conferida.[41] Para exemplificar este argumento, Cartagena cita a proverbial timidez judaica que, por virtude do batismo, foi transformada em muitos em valor militar.[42]

A igualdade com que o Salvador trata tanto israelitas quanto gentios é o tema do segundo teorema de Cartagena. Como a questão já havia sido parcialmente tratada no teorema anterior, sua exposição aqui é mais breve. A conexão especial entre a linhagem israelita e a aceitação da fé católica mencionada no final do teorema anterior claramente não exclui os gentios da redenção universal oferecida por Cristo, desde que se tornem dignos de recebê-la, o que também é verdade para os israelitas.[43] Além disso,

---

[40] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 288. "E assim todos nos tornamos pela fé e pelo batismo filhos de Abraão (cf. Ga 3, 29), inclusive também filhos de Deus (cf. J o 1, 12), e, consequentemente, co-herdeiros com Cristo (cf. Rm 8, 17) e, por meio dele, ambos, judeus e gentios, temos acesso ao Pai em um único Espírito (cf. Ef 2, 18), e, portanto, cessa absolutamente tal diferença, pois igualmente somos recebidos por Cristo pela fé e pelo sagrado batismo, e nos aproximamos dele no único e mesmo Espírito de filiação, graça e herança; pois como escreve São Leão no mesmo sermão: *O dia do nascimento do Senhor é o dia do nascimento da paz*" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XLIX). [41] "A graça que se ganha pela adoção divina é muito mais extraordinária, pura e proveitosa do que a que sob a lei se possuía. Porque a adoção divina abre as portas do céu, o que não poderia fazer aquela, pois os sacramentos da Antiga lei não tinham em si nenhuma virtude com a qual operassem para conferir a graça santificante" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 171). Veja também ibidem, p. 277. [42] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 183. Veja também Sicroff, *Estatutos*, p. 75. Pergunta-se se o argumento de Cartagena explica o envolvimento de vários jesuítas conversos, como Diego Laínez, Jerônimo Nadal, Cristóbal Rodriguez, Baltasar Gago ou Hernando de Torres, como capelães militares. [43] "Ninguém, pois, já seja israelita, já seja gentil, será excluído dos dons de Cristo a não ser

Que ele mesmo se exclu ya tendo indi gnão" (Carta gena, *De fensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 179). "Pois como permanece a Igreja perfeita e imutável em seu estado, assim também permanece universal e unida em concordância unânime de todos os seus fiéis, afastada dela toda disparidade daquelas antigas imperfeições, posto que, de outro modo, já não poderia dizer-se que tivesse um estado novo e perfeito; esta sacratíssima união foi solemnizada por Cristo morrendo na cruz para a redenção universal de todos os fiéis, sem divisão alguma que se introduza entre eles, quando adquiriu para si a única e indivisa Igreja de todos os católicos; e tão admirável mistério já havia sido fi gu- rado antes na formação da primeira mulher do costado do varão: de forma que, como do único varão. Adão, se formava a única mulher para a procriação universal de todos, assim também do gloriosíssimo Jesus, único redentor nosso, se formasse a única santa mãe I greja para a salvação universal de todos os seus fiéis, a

mesmo que "os primeiros frutos do povo israelita representados nos pastores antecipassem os frutos dos gentios na recepção da fé católica, a plenitude das nações representada pelos Magi antecipou a plenitude israelita na fé", como St. Paulo observou em sua Carta aos Romanos (11:25–6): "Uma certa cegueira ocorreu em Israel, até que a plenitude dos gentios tenha chegado e, dessa forma, todo Israel possa ser salvo."[44] Cartagena e Oropesa estudam essa ordem soteriológica por meio de u ma análise dos *Atos dos Apóstolos* 10, onde Pedro visita o gentio Cornélio e, após ter superado sua própria resistência, como um judeu circuncidado, em lidar com um gentio, reconhece a vontade de Deus em redimir o gentio através do batismo.[45]

O batismo de Cornélio o uniu a Pedro para fazer parte do novo e indivisível—como a túnica de Jesus[46]—povo da Igreja de

---

a quem pelo mesmo fato lhes confiou uma concordância unânime" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXI). [44] "Assim, as primícias do povo israelita figuradas nos pastores anteciparam-se às primícias dos gentios na recepção da fé católica, mas a plenitude dos povos representada pelos Magos antecipou-se à plenitude israelita na fé" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 182). Surpreendentemente, Rosenstock (*Novos Homens*, p. 33) ignorou essa escolha do *corpus* paulino por Cartagena em uma tentativa de explicar o atraso de Israel na redenção final. "Mas é preciso continuar considerando para completar totalmente o tema presente que em seu santíssimo nascimento não só mostrou que logo iria fazer tal paz entre os dois povos, mas que também começou a realizá-la imediatamente, e de certa forma já os uniu em si mesmo, pois trouxe os pastores, que eram do povo judeu (como está no evangelho de Lucas, 2, 8–17), e os magos, do povo dos gentios (como está no evangelho de Mateus, 2, 1–12); e a uns e outros chamou de modo extraordinário e os trouxe para que o adorassem e reconhecessem como Deus e homem, e assim já os reuniu em si mesmo em uma certa aliança de paz" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXXV). [45] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 183–5. "Mas, seja o que for, resulta evidente que a Igreja universal estava reunida de uns e outros em unanimidade e se tornou um admirável exemplo nesta santa comunhão mencionada, como se diz expressamente nos Atos dos Apóstolos (cf. At 6,1–7; 14,1.27) e pode ser deduzido em geral do desenvolvimento de todo o livro; e todos os de ambos os povos, dos judeus e dos gentios, recebiam de Deus a mesma graça e dons dentro da única Igreja universal dos fiéis. Por isso, quando Pedro foi de Joppe a Cesárea convidado pelo ce nturião Cornélio, que era homem gentil, e permaneceu com ele, e ele com seus parentes e amigos receberam o Espírito Santo até chegar a proclamar em toda língua as maravilhas de Deus e merecer que os batizasse em nome do nosso Senhor Jesus Cristo, e quando os crentes de Jerusalém que eram da circuncisão começaram a reprovar Pedro, ele, mostrando-lhes essa igualdade de graça para uns e outros povos, respondeu dizendo: «Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, por terem crido no Senhor J esus Cristo, quem era eu para pôr obstáculos a Deus? Ao ouvir isso se acalmaram e glorificaram a Deus . . . »" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXXVIII). [46] S

ee Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 199; and Oropesa, *Luz*, ed. Díaz y Díaz, cap. II: "Com razão, pois só nos resta concluir sobre a magnitude deste erro.

Cristo, independentemente de sua linhagem diferente. Essa mistura de sangue já havia ocorrido nos tempos bíblicos entre os próprios israelitas, explica Cartagena no terceiro teorema. Por exemplo, Raabe (Josué 6:25) e Ruth (Ruth 1:16–7) eram gentios—de Jericó e Moabe, respectivamente. No entanto, ambas se casaram com homens israelitas: a primeira tornou-se mãe de Salomão e a segunda de Jessé, pai de David, de quem Cristo derivou sua linhagem, como destacou o Evangelho segundo Mateus.[47] Em suma, "a santificação de Israel realmente viria na forma não de divisão, mas de unificação, para que tanto os descendentes de J acó pela carne quanto os demais se unissem sob um só rei e um só pastor, que é Cristo, para formar um só povo, uma só linhagem e um só rebanho."[48] Isaías previu essa união: "O lobo habitará com o cordeiro; e o leopardo se deitará com o cabrito." Segundo Cartagena, nesta imagem, a " belicosidade do gentio armado se une à ternura da mansidão israelita."[49]

A unidade da Igreja Cristã, que abrange tanto israelitas quanto gentios, também se baseia na partilha da culpa pela morte de Cristo, uma culpa compartilhada por aqueles sacerdotes que desconsideraram os sinais dados a eles pelos profetas; simples judeus, como resultado de sua ignorância; e os gentios que realmente crucificaram Cristo. No entanto, a culpa deste último grupo era mais perdoável na visão de Cartagena, pois—ao contrário dos judeus—os gentios não tinham conhecimento da lei.[50] No entanto,

---

que, se realmente somos discípulos de Cristo, fiéis e católicos, temos que deplorar neste cisma, não de outra forma que rasgando os vestidos, que se cortou sua túnica: ou seja, a caridade e a unidade." [47] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 189; e Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. L: "«E suscitarai para pôr à frente um só pastor que as apacentará: meu servo David», ou seja, Cristo, nascido da descendência de David segundo a carne, como se diz no evangelho de Mateus e na carta aos Romanos (cf. Mt 1,1; 1,6–16; Rm 1,3)." Sobre a crítica de Netanyahu à ideia de alegado "hermetismo racial" judaico de Américo Castro, veja Netanyahu, *Rumo à Inquisição*, pp. 4–7. [48] "A santificação de Israel deveria vir não realmente sob a forma de divisão, mas de unificação, de modo que, tanto os que descendem de Jacó segundo a carne como o resto, se uniriam sob um só rei e um só pastor, que é Cristo, para formar um só povo, uma só linhagem e um só rebanho" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 199). [49] "A turbulência da gentilidade armada se une à suavidade da mansidão israelita" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 200–1). [50] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 202–3; e Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XLVIII: "É que esta santificação pelo batismo é tão necessária aos gentios quanto aos j udeus se quiserem se salvar e contar-se e estar entre os filhos da Igreja: pois todos pecaram e estão privados da glória de Deus,

tanto gentios quanto judeus foram perdoados no evento da morte de Cristo na cruz, que dissolveu a "parede intermediária de separação", abrindo o acesso ao Pai para ambos, como argumentou São Paulo em sua Carta aos Efésios (2:14–8). Portanto, como apontou Alonso Díaz de Montalvo (1405–99),[51] não há mais visitantes ou recém-chegados na religião cristã—não podemos tolerar aqueles que distinguem entre novos e velhos (cristãos), pois não existe católico que não tenha chegado à fé recentemente: assim como ninguém que permanece no ventre de sua mãe pode ser circuncidado, ninguém pode ser batizado.[52]

Único em Cartagena é seu quarto e último teorema, que ele explica como consequência de um silogismo correto formado por duas proposições maiores contidas no primeiro e no segundo teoremas e uma proposição menor encerrada no terceiro teorema: se tanto o povo israelita quanto o gentio são plenamente salvos e, após chegarem à fé, formaram um só povo de Deus sem quaisquer diferenças de linhagem, *ergo* eles podem aspirar a todos os méritos que possuíam anteriormente e podem obter os novos dentro da unidade do novo povo.[53]

---

como acaba de dizer-se: certamente pecaram pelo pecado original com o qual todos nascemos filhos da cólera, como foi dito; também pecaram com pecados atuais tanto os judeus quanto os gentios na mesma crucificação de Cristo, na qual se uniram uns e outros contra ele e a consumaram." [51] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 56–9. [52] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 205–6; e Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. L: "De tudo o que foi dito, resulta claro que de nenhuma forma se pode chamar neófito à pessoa que, uma vez feita adulta, por mais que tenha sido filho de algum infiel, já judeu ou gentil, no entanto foi batizada enquanto era criança, mesmo que tenha sido circuncidada antes do batismo. Da mesma forma, muito menos se pode chamar ou considerar neófito aquele que nasceu de pais já fiéis e batizado imediatamente segundo o costume da Igreja, por mais que eles antes tenham sido judeus ou sarracenos. Da mesma forma, não se pode considerar nem chamar neófito aquele que, embora fosse adulto e pessoa mais velha quando se tornou cristão, no entanto já havia vivido durante algum tempo e por alguns anos na fé de Cristo após ter sido batizado. É bem clara a razão de tudo isso e é porque nenhum deles seria «recentemente renascido» nem «novo na fé», que é o que se exige para que se lhe chame e seja neófito." Veja também Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 91.

[53] "Este teorema, na verdade, se deprende dos teoremas anteriores como consequência lógica de um correto silogismo, pois, ao serem tanto o povo gentil quanto o israelita salvos plenamente, como se deduz no primeiro e no segundo teorema de uma proposição maior, e ao se formar um só povo e um novo grupo desses dois povos que chegaram à fé, como foi demonstrado no terceiro teorema como uma consequência lógica; de tal maneira que os provenientes de ambas as partes, já reunidos em um só povo sob a caridade cristã e sem qualquer diferença de linhagem, possam aspirar a todos os méritos que possuíam e a conseguir outros dentro da unidade do novo povo" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 213).

Baseado neste silogismo, o romano Constantino, o Grande,[54] o franco Clóvis,[55] o gótico Alarico,[56] ou o lituano Jagiełło,[57] que eram todos gentios antes de aceitarem a fé católica, não apenas mantiveram seus atributos de majestade e nobreza de linhagem, mas também foram ainda mais ennobrecidos pela água do batismo. Além disso, o Imperador Justiniano[58] — apesar de ser cristão — tinha orgulho de traçar sua linhagem até o pagão Eneias.[59]

A realeza e o sacerdócio, as mais altas dignidades atribuídas à nobreza, também existiram na história do povo de Israel, como as Escrituras testemunham abundantemente. Além dessa nobreza por linagem, que frequentemente era combinada com a nobreza teológica nas grandes figuras de Salomão ou Samuel, Cartagena destaca a presença do que ele chama de "*nobreza* cívica" no povo israelita. Seu exemplo mais evocativo é Judas Macabeu.[60] Cartagena admite, no entanto, que essa nobreza cívica deve ter diminuído devido aos graves pecados judaicos de infidelidade e cegueira em não reconhecer Cristo, como se poderia observar durante a chamada guerra judaica contra Tito e Vespasiano.[61] Ele conclui sua argumentação com uma analogia:

> Assim como pela misericórdia divina foram libertados do Egito material através da passagem pelo Mar Vermelho sinalizada para eles por uma coluna de fogo, assim também serão misericordiosamente libertados do Egito espiritual da infidelidade e de toda a sua dor quando se voltarem para a fé católica através do Mar Vermelho da água do batismo tingida pelo sangue de Cristo e sinalizada para eles pela coluna de fogo do amor do Espírito Santo.[62]

---

[54] Constantino I (c. 272–337) foi o primeiro imperador romano a endossar o Cristianismo como religião estatal (Édito de Milão, 313), embora tenha aceitado o batismo apenas em seu leito de morte.[55] Clóvis I (c. 466–511) foi o fundador da dinastia merovíngia dos reis francos. Ele se converteu ao catolicismo sob a influência de sua esposa, Clotilde. [56] Alarico I (c. 370–410) foi o rei dos godos que capturou Roma. [57] Jogaila, mais tarde Władysław II Jagiełło (c. 1362–1434), foi Grão-Duque da Lituânia e Rei da Polônia. Em 1386, ele se converteu ao Cristianismo e casou-se com a Rainha Jadwiga da Polônia. Veja ta mbém Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 331. [58] Justiniano I ou Justiniano, o Grande (482–565) foi Imperador Romano do Oriente desde 527. Seu principal legado, refletido na legislação visigótica, com a qual Cartagena, como jurista, deve ter estado bastante familiarizado, vem do seu *Corpus Iuris Civilis*. [59] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 214–7. [60] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 221–5. Outros exemplos bíblicos são de Deuteronômio 1:15; Números 1:16–7; 1 Samuel 9:6; 2 Samuel 23:18–9; Isaías 34:12; Marcos 15:43; e Atos dos Apóstolos 17:12. [61] Cartagena alude aqui à primeira Guerra Judaico-Romana, 66–73 d.c., conhecida como A Grande Revolta. [62] "E assim como pela divina clemência foram libertados do Egito material através da travessia do Mar Vermelho, sendo guiados por uma coluna de fogo, assim serão

Em outras palavras, a nobreza natural e cívica foi minada pela, como Cartagena coloca, escravidão teológica de Hagar—cujo ventre simboliza a Sinagoga—que impediu os Judeus de ocuparem cargos cívicos na sociedade cristã. No entanto, através da água do batismo, os Judeus são libertados desse tipo de escravidão para se tornarem filhos de Sarah—cujo ventre representa a Igreja Militante—e sua impureza se torna mais pura que a neve (Salmo 50:9).[63] Assim,

> Enquanto os infelizes Judeus, devido à cegueira de seus corações, estão repletos da desgraça, tanto espiritual quanto física, de não verem a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, se seus olhos forem abertos, uma vez que tenham chegado à Igreja, recebem a visão da alma. Não há dúvida de que, libertos das doenças espirituais, também serão libertos do peso das temporais. Quem, então, se atreverá a dizer que os homens purificados pela água do batismo ainda estão marcados pela mancha da infâmia de seus ancestrais, enquanto seus próprios pecados são completamente removidos pela mesma água do batismo?[64]

Para apoiar seu argumento contra "a malícia dos invejosos", sobre cujas origens dos godos ou vândalos ninguém questiona,[65] Cartagena— assim como o jurista Díaz de Montalvo—cita uma lei do Código Civil[66]que contradiz o que hoje chamaríamos de "determinismo biológico": "o pecado ou a punição de um pai não pode impor nenhuma mancha ao se u filho[a menos que seja a mancha do pecado original transmitido de Adão], pois todos são sujeitos à sua própria responsabilidade e ninguém herda crime."[67]

---

misericordiosamente liberados do Egito espiritual da infidelidade, e de todas as suas angústias, pelo Mar Vermelho da água do batismo, enrubrecidos pelo sangue de Cristo ao passarem para a fé Católica e sendo guiados pelo caminho pela coluna de fogo do amor do Espírito Santo" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 226). Veja também ibidem, pp. 241–3 e 277–9. [63] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 237 e 263. [64] "Como os infelizes judeus, devido à cegueira de seus corações, são repletos de desgraças, tanto espirituais quanto corporais, ao não verem a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, se, com os olhos abertos, uma vez chegados à Igreja, recebem a visão da alma, não há dúvida de que, ao serem libertados dos males espirituais, também serão libertados do peso dos males temporais [. . .]. Quem, pois, se atreverá a dizer que ao purificado pela água do batismo lhe ficou alguma mancha da infâmia de seus antepassados, quando até seus próprios pecados são completamente removidos pela mesma água do batismo?" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 251). [65] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 270. [66] *Corpus Iuris Civilis*, "Digestorum liber XLVIII," tit. XIX, "De poenis," 26. [67] "O pecado ou o castigo paterno não pode impor mancha alguma ao filho, já que cada um está sujeito à sua própria responsabilidade e não se estabelece como sucessor do delito a ninguém" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 252; veja também ibidem, pp. 253–5).

Os israelitas que são regenerados pela água do batismo não apenas desfrutam de todos os privilégios, isenções e liberdades— como os pais do Conselho de Basileia afirmaram unanimemente (como vimos anteriormente)—mas também têm o direito de ser tratados com delicadeza,[68] seguindo a recomendação de São Paulo de dar aos fracos neófitos o leite do amor e seios generosos em vez de alimento sólido [1 Coríntios 3:2], como uma mãe dá ao seu filho. Os recém-nascidos na fé s ão como plantas tenras que precisam ser regadas frequentemente com abundância de água, pois a Igreja é como "um jardim cercado, uma fonte selada" (O Cântico dos Cânticos 4:12). Eles devem ser cuidados com amor fraternal, para que sintam que são um, sem qualquer diferenciação baseada em sua origem antiga.[69]Esse tipo de unidade é desejado pelo próprio Cristo, assim como a unidade que existe entre ele e seu Pai (João 17:11), "pois em Cristo Jesus nem a circuncisão nem o prepúcio têm valor algum, mas somente a fé que atua pela caridade" (Gálatas 5:6).[70]

A necessidade da unidade cristã na sociedade espanhola, continua Cartagena, é construída sobre a promessa de igualdade sem considerar a linhagem, como foi bem compreendido pelo Rei Afonso X (o Sábio), que a inscreveu na coleção de leis conhecida como *Partidas* [1256–65]„ que f oram subsequentemente confirmadas pelo Rei Henrique:

> Também ordenamos que, após quaisquer judeus se tornarem cristãos, todas as pessoas em nossos domínios os honrem; e que ninguém ouse reprochar a eles ou seus descendentes, de forma alguma, por terem sido judeus; e que

---

[68] Fernan Díaz de Toledo, um conselheiro converso e secretário do Rei Juan II, apresentou o mesmo argumento em sua *Instrucción* (veja Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 95). [69] "Éstos han de ser tratados de diferente manera que los demás, sino que bajo la unidad de un mismo cuerpo si advertimos que algunos son débiles, que los aliviemos con la leche de la caridad y con los pechos de la generosidad, como en un mismo jardín a las plantas más tiernas se las riega más a menudo con abundancia de buena agua. Porque la Iglesia *es um jardim cercado e uma fonte selada* sob cuja unidade e selo todos quantos se lavam com a água da fonte selada, que é o batismo, devem ser cuidados com mão fraterna e caritativa para que se sintam uma só coisa sem diferença alguma motivada pela antiguidade de origem" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 262). Para um uso diferente da metáfora do leite como bebida que alimenta cristãos vindos do judaísmo ou do paganismo, veja Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. XXXII: "Los dos senos son los dos pueblos, de los gentiles y de los judíos, porque, al vivir continuamente en amor fraterno se alimentan mutuamente con la leche de la piedad en la caridad, por lo que se denominan correctamente como dos crías mellizas de gacela, porque, al ser engendrados en la fe por la predicación de la sinagoga, s e alimentan de sus escrituras atendendo a la esperança de eternidade, e assim pacem concordes nos montes." [70] Veja Cartagena, *De fensorium*, e d. Ver dín-Díaz, pp. 263–7.

> eles possuirão todos os seus bens, compartilhando-os com seus irmãos e herdando-os de seus pais e mães e outros parentes, assim como se fossem judeus; e que podem ocupar todos os cargos e dignidades que outros cristãos podem.

Na opinião de Cartagena (e de Díaz de Montalvo) como jurista treinado em *utroque iure*, todas as leis civis e eclesiásticas que ele citou até agora foram quebradas pela legislação anti-converso de Toledo de 1449, por trás da qual — na visão de Cartagena — estava Marcos [García de Mora].[72] Cartagena o aborda, argumentando que os estatutos de García de Mora são contra a lei divina e heréticos.[73] Sua "inveja negra" alimentou sua distorção da legislação do Quarto Concílio de Toledo [633], que Cartagena consultou pessoalmente em Basileia. Segundo García de Mora, este cânone foi supostamente incorporado ao *Decretum* de Gratian (c. 1140)[74] e previa

---

[71] Alfonso X el Sabio, *Partidas*, "A Sétima Partida," tit. XXIV, lei VI (ver Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 273–4). Veja também Oropesa, *Luz*, ed. Díaz y Díaz, cap. XLIII. A legislação alfonsina, no entanto, compreendia muitas restrições à vida judaica: os judeus eram proibidos de se casarem com cristãos, de visitar banhos cristãos, de possuir servos cristãos, de ocupar qualquer cargo público que lhes desse poder sobre cristãos, ou de buscar conversos cristãos ao judaísmo. [72] Em seu *Memorial* (1449), que apoiou a legislação de pureza de sangue de Sarmiento, García de Mora (também conhecido como Marquillos de Mazarambroz) acusou os conversos de Toledo de serem responsáveis pela conspiração contra os Velhos Cristãos durante a revolta de 1449. Ele pediu a perseguição e o assassinato de Novos Cristãos. Para uma análise deste documento, veja Eloy Benito Ruano, "O memorial contra os conversos do bacharel Marcos García de Mora ('Marquillos de Mazarambroz'), *Sefarad* 17 (1957): 320–51; e Verdín-Díaz, ed., *Alonso de Cartagena*, pp. 31–57. Para a análise de Cartagena sobre o ressentimento de García de Mora, veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 321–6. [73] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 330 e 341–2. "Mas de tudo o que foi dito, aparece bem claro quão grande tem sido a temeridade e audácia dessas pessoas que querem separar da Igreja de Deus aqueles que se converteram do judaísmo e se tornaram cristãos pelo batismo, e daqueles que se esforça m para excluí-los dos ofícios e dignidades e dos demais honores da Igreja de Deus; pois i sso é evidentemente contra a autoridade da Igreja universal, contra sua sagrada Escritura e sucessão tácita, contra seu uso e costume prolongado desde os santos apóstolos até agora, e contra seus honrosos concílios" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz y Díaz, cap. XLVII).

[74] "E isso só deveria bastar como resposta ao argumento tirado do referido conselho toledano. No entanto, para que com a honra devida a esse conselho e à veneração daqueles santos pais se dê a resposta, é preciso dizer que, embora aqueles concílios de bispos não tivessem validade para definir e estabelecer, especialmente em assuntos tão importantes e difíceis, não obstante eram válidos para corrigir e punir, e são necessários para isso, como ali mesmo diz Graciano, e assim foram feitos e dispostos aqueles decretos escritos então contra os delinquentes e impostos e aplicados por aqueles santos pais reunidos no referido conselho toledano, ou seja, a modo de sentença e repreensão particular de correção e punição contra aqueles lapsos de então, como contra certas pessoas concretas que atrapam-

um precedente para impedir Novos Cristãos de ocuparem cargos em Toledo. O astuto advogado Cartagena argumenta, no entanto, que deve-se olhar para o diferente contexto histórico dos reinados de Sisebuto [612–20] e Sisenando [633–6], sob os quais a legislação foi promulgada e que Gratian omitiu em sua transcrição do decreto.[75] Além disso, Toledo IV foi o único conselho entre os quinze conselhos visigodos que tratou dos *judaizantes*.[76] Além disso, Cartagena não conseguiu encontrar esta parte da legislação do conselho na coleção de Gratian, pois o único fragmento relacionado à exclusão dos Judeus de cargos públicos e aqueles "ex Iudaeis" refere-se não—em sua visão—à descendência carnal, mas à espiritual:

> O santo Conselho decidiu que os Judeus, ou aqueles que são dos Judeus [*ex Iudaeis*], de forma alguma aspiram a cargos públicos, pois, com tal atividade, fariam injustiça aos Cristãos. Portanto, os juízes das províncias, juntamente com os bispos, impedem suas infiltrações fraudulentamente disfarçadas e não permitem que ocupem cargos públicos. E se alguém o permitir, terá que ser excomungado como sacrílego, e quem fraudulentamente alcançou o cargo, terá que ser executado publicamente.[77]

---

das transgressões e erros; e não como uma lei ou estatuto geral que deveria durar para sempre e que era imposto a todo o povo de Deus que então se havia convertido do judaísmo ou que se iria converter adiante à fé; e dessa forma o relata e apresenta Graciano, e não como estatutos dos concílios gerais ou decretos dos sumos Pontífices, que são considerados como leis e são leis, e como tais são veneradas e cumpridas, mas como atuações concretas e correções feitas temporariamente para a reforma dos costumes e emenda dos que viveram naquela época, do que também em algumas coisas podem to mar exemplo os atuais e os futuros, desde que não se desvie do caminho da verdade e da sã e reta doutrina da santa mãe Igreja" (Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. LI).

[75] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 304 e 328–30; e Oropesa, *Luz*, ed. Díaz e Díaz, cap. LI: "Já que, se fosse verdade que esses cânones abrangiam todos os de raça judia que haviam recebido ou iriam receber a fé de Cristo e a todos aplicavam as penas ali contidas, este cânone não excluiria seus filhos, sendo igualmente da mesma raça e vivendo na mesma fé; mas, no entanto, os exclui e os salva e diz que o filho não carregará com a maldade de seu pai, ou seja, que não será castigado pelos pecados dele, como está escrito e colocado nos sagrados cânones do mesmo conselho toledano, onde diz: «Os judeus batizados, se estivessem condenados com qualquer pena depois de terem prevaricado contra Cristo, não convém excluir seus filhos fiéis dos bens deles, porque está escrito: O filho não carregará com a iniquidade de seu pai, nem o pai carregará com a iniquidade de seu filho»."

Para o contexto histórico da legislação de Sisebuto e Sisenando sobre judeus e conversos, veja, por exemplo, Serrano, *Os conversos*, pp. 8–9. S

[76] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 294–304. Fernan Díaz de Toledo argumentou de forma semelhante em sua *Instrucción* (veja Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 94).

[77] "Constituiu o santo concílio que os judeus ou aqueles que são ex-judeus não devem de forma alguma buscar cargos públicos, pois isso causa injúria aos cristãos. Portanto, juízes

Cartagena conclui esta parte de seu trabalho, dirigindo-se diretamente a Marcos García de Mora, o verdadeiro líder do partido anti-converso em Toledo, com as seguintes palavras provocativas:

> Examine, portanto, por assim dizer, seu caminho, se por acaso você é dos Judeus, porque, aplaudindo sua infidelidade, você persegue com ódio rancoroso os fiéis que descendem deles a ponto de que uma porteira poderia lhe dizer: *Você é um deles* (não sei se segundo a carne, mas certamente segundo o espírito). Se você ocupa uma posição pela qual é culpado, você é um deles, porque sua linguagem o trai, porque você diz coisas enormes contra Deus, como se fosse uma besta indo para morrer.[78]

A legislação de Toledo IV rompe, na visão de Cartagena, com a longa tradição da Igreja, dentro da qual muitos israelitas se tornaram figuras prestigiadas:

> Nunca ocorreu que uma pessoa fosse rejeitada por causa de seu sangue judeu. E não falamos aqui apenas sobre as origens da Igreja, quando os pilares da fé, os santos apóstolos, e depois deles, os discípulos do nosso Redentor, assim como muitos outros descendentes de sangue judeu, governavam a Igreja de Deus, ocupando cargos importantes (e alguns a enobreceram com martírio ou virtudes).[79]

---

provinciarum cum sacerdotibus eorum subreptiones fraudulenter relictas suspendant et offi cia publica agere non permittant. Si quis autem hoc presumpserit, velut in sacri-legium excommunicatio proferatur. Et qui subrepserit, publicis cedibus deputetur." Uma comparação da transcrição de Cartagena do decreto toledano com seu original (veja *Conciliorum Toletanum IV*, cap. LXV, "Ne iudaei, vel si qui ex iudaeis sunt, offi cia publica agant," citado em Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 304), prova a precisão de Cartagena. A expressão "ex Iudaeis," no entanto, aplicava-se em muitos escritos do período àqueles que descendiam de judeus por sangue (veja, por exemplo, o texto do jesuíta Manuel Rodrigues que analisaremos no Capítulo Três). Assim, o argumento filológico de Cartagena sobre a natureza espiritual da expressão (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 305–9 e 312–4) parece forçado.

78 "Examina, pois, para falar a teu modo, se acaso tu és dos judeus, porque tu, aplaudindo sua infidelidade, persegues com rancoroso ódio os fiéis que descem deles até o ponto que uma criada porteira poderia te dizer, *Tu és um deles* [Marcos 14:66–72], não sei se na carne, mas sim certamente no espírito. Se mantens essa posição que se te atribui, tu és um deles, porque tua linguagem te delata, porque dizes, como tocado de morte por corpo de besta, coisas enormes contra Deus" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 308).

79 "E nunca se descobriu que alguém tivesse sido rejeitado por esta causa. E não falemos sobre a própria origem da Igreja, na qual as colunas da fé, os santos apóstolos e, depois deles, os discípulos do nosso Redentor, além de muitos outros descendentes de sangue judaico, governaram a Igreja de Deus sob vestes de dignidade, e alguns a ennobreceram com o martírio, e muitos com suas virtudes" (Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 320).

Assim, Evaristo foi papa por dez anos,[80] e Juliano—conhecido por seu conhecimento e virtude—ocupou a própria Sé Primacial de Toledo.[81] Na conclusão da exposição de seu quarto teorema, Cartagena continua a criticar García de Mora por manipular o verdadeiro significado dos decretos de Toledo IV que dizem respeito à proibição de judeus e " aqueles que são de judeus" testemunharem em cortes de lei cristãs.[82]

A terceira e última parte breve do trabalho visa interpretar a agitação causada por García de Mora como um ato pagão de destruição da unidade da Igreja e de fomento a uma rebelião herética contra o poder real do Rei João II, a quem o *Defensorium* é dedicado.[83]

Os argumentos de Cartagena—com o apoio de seu colega converso de Basileia, o Cardeal Dominicano Juan de Torquemada (1388–1468), tio do futuro Inquisidor Geral,[84] e do jurista real Díaz de Montalvo[85]—encontraram uma audiência benevolente com o Papa Nicolau V. O papa imediatamente emitiu três bulas contra a legislação Sarmiento de 1449, sendo a mais importante delas a *Humani generis inimicus*.

---

[80] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 320. Evaristo é tradicionalmente considerado o quinto bispo de Roma, sucessor de Clemente I. Ele reinou entre 100 e 109. Era filho de Juda de Belém, que migrou para Antioquia, onde Evaristo nasceu. Ele foi martirizado sob o Imperador Trajano (r. 97–117). [81] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, p. 320. Para outros nomes dos prelados conversos, veja a *Instrucción* de Fer nan Díaz de Toledo (veja Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 95). O Arcebispo Juliano (m. 690) foi batizado em Toledo. Isidoro de Beja e Pablo de Santa María reconheceram suas origens judaicas, assim como Alonso Díaz de Montalvo, um importante jurista durante os reinados de João II e Henrique IV. Juliano se opôs à violência do Rei Erwig contra o Rei Wamba, c uja história ele registrou por escrito. Ele esteve por trás da legislação anti-judaica do Décimo Segundo Conselho de Toledo e autor de *De comprobatione aetatis sextae contra Judaeos* (686), destinado a obrigar os judeus a se converter (veja Sicroff, *Estatutos*, p. 58; e Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 67). O Arcebispo Silíceo negou as origens judaicas de Juliano (veja Sicroff, *Estatutos*, p. 156). [82] Veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 327–42. [83] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 81–3. [84] Na ocasião, Torquemada escreveu um tratado, *Contra Madianitas et Ismaelitas adversarios et detractores illorum qui de populo Israeli originem traxerunt*, que refletia a argumentação de Cartagena. Tem duas edições modernas: por Nicolás López Martínez e Vicente Proaño Gil (Burgos: Seminário Metropolitano de Burgos, 1957); e por Carlos del Valle e Eloy Benito Ruano (Madri: Aben Ezra Ediciones, 2002). Veja sua análise em relação ao *Defensorium* de Cartagena em Rosenstock, *Novos Homens*, especialmente pp. 53–68; e Roth, *Conversos, Inquisição*, p. 98. Para a biografia de Torquemada, veja Stephen Lederer, *Der Spanische Cardinal Johann von Torquemada: sein Leben und seine Schrift en* (Freiburg i m Breisgau: Herder, 1879); e Thomas Izbicki, *Protector of the Faith: Cardinal Johannes de Turrecremata and the Defense of the Institutional Church* (Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 1981). [85] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 56–9.

(sua própria existência seria questionada pelo Bispo Simancas, mas não pelo Jesuíta García Girón de Alarcón, como veremos abaixo):

> Bispo Nicholas, Servidor dos Servos de Deus, para que a questão possa ser perpetuamente conhecida.
>
> O inimigo da humanidade, uma vez que viu a palavra de Deus cair em boa terra, se envolveu em semear ervas daninhas, para que, ao compactar a semente, ela não produzisse fruto [Mateus 13:24–30]. Da mesma forma, o Apóstolo Paulo, vaso de escolha e principal extirpador dessa erva daninha, relata que, no início, nasceu uma discordância sobre favoritismo entre os convertidos à fé: alguns lutavam pela precedência dos Judeus sobre os Gentios e outros buscavam outras maneiras de chegar a um cisma na Igreja de Deus, quando alguns afirmavam ser de Cefas e outros de Apolo[1 Coríntios 3:22]. Prevendo que isso aconteceria no início da Igreja recém-nascida, nosso Redentor determinou que aqueles que removem tais ervas daninhas aliviam também aqueles que pecaram por fraqueza humana ou aqueles que caíram. O próprio Apóstolo, escrevendo aos Romanos, desfez com palavras divinas qualquer dissensão sobre esse favoritismo; e Pedro, Príncipe dos Apóstolos, afastou qualquer chance de cisma, uma vez que bispos foram ordenados em cada diocese.
>
> Seguindo o exemplo do nosso Redentor e sendo Seu indigno vigário na terra ao remover essas discordâncias, ilustradas pelos exemplos acima, somos obrigados a usar com muito cuidado nossa autoridade pontifical e desafiar aqueles que poderiam gerar alguma divisão entre os fiéis, para que a caridade, o amor e a unidade reinem entre eles. Nada então é mais conveniente entre os fiéis do que ter apenas uma mente, como disse o Apóstolo: "Pois assim como o corpo é um, e ainda assim tem muitas partes, assim também todas as partes do corpo, embora sejam muitas, são apenas um corpo. Assim também em Cristo. E de fato, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus quer gentios, quer servos quer livres. E todos nós bebemos de um só Espírito" [1 Coríntios 12:12–3]. " Um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai de todos" [Efésios 4:5–6].
>
> Descobrimos que alguns novos semeadores de ervas daninhas, que tentam corromper a fundação salvífica desta unidade e paz da nossa fé e renovar a discórdia que havia sido extirpada pelo Apóstolo Paulo, vaso de escolha, especialmente nos reinos de nosso querido filho, o ilustre Juan, rei de Castela e Leão, afirmaram audaciosamente que aqueles do Gentilismo ou Judaísmo ou qualquer outro erro, que aprenderam a verdade cristã e fora m batizados e até mesmo—o que é mais grave—seus descendentes, não podem ser admitidos a honras, dignidades, ofícios e notários públicos ou testemunhas em casos de Cristãos, por causa de sua recente recepção da fé, trazendo-lhes desonra em palavra e ação.
>
> Isso é alienígena ao ensino do nosso Redentor, como testemunhado pelo Apóstolo Paulo, que disse: "Glória, honra e paz são para todos os que fazem o que é bom, primeiro para o judeu, e também para o grego, pois não há favoritismo de pessoas com Deus" [Romanos 2:10–1] e: "*Aquele que crê nele não será confundido*, pois não há distinção entre judeu e

grego, pois o mesmo Senhor é sobre todos, ricamente em todos os que o invocam" [Romanos 10:11–2], e em outros lugares: "Pois em Cristo Jesus nem a circuncisão nem o prepúcio valem nada, mas apenas a fé que opera por meio da caridade" [Gálatas 5:6]). Aqueles que se afastaram da verdade da fé cristã e excederam nas coisas ditas acima, a quem desejamos levar ao caminho da verdadeira fé e advertir, não são apenas contraditos pelos testemunhos divinos citados, mas também pelas frequentes sanções daqueles ilustres príncipes, como Alfonso, o chamado Sábio, e Enrique, e nosso amado filho Juan, reis de Castela e Leão, que visavam aumentar a fé e eram apoiados por severas penalidades. Vimos essas sanções nas cartas autênticas dos reis, acompanhadas de seus selos, e as ponderamos sabiamente. Elas estabeleceram que não havia preferência entre os novos convertidos à fé, especialmente do povo judeu, e os Velhos Cristãos para manter ou receber honras, ofícios e dignidades, tanto eclesiásticas quanto civis [. . .] e quem semear falsidades contra a regra da lei cristã, escandaliza os vizinhos e age contra a unidade e a paz, deve confessar seus erros e ser punido com penalidades apropriadas.

Por nossa iniciativa, adotamos conscientemente, confirmamos e—com a firmeza da autoridade apostólica—aprova- mos as ordens e decretos desses príncipes a respeito dessas questões como estando em conformidade com os cânones sagrados e a lei. E sob pena de excomunhão, recomendamos a cada um e a todos, de qualquer status, grau ou condição, seja eclesiástico ou lei go, que admitam todos os conversos à fé cristã e aqueles que se converterão no futuro, seja do gentilismo ou judaísmo, ou de qualquer seita da qual tenham vindo ou virão, e seus descendentes, tanto do clero quanto dos leigos, desde que vivam como bons católicos e cristãos, em todas as dignidades, honras, ofícios, notários públicos, declarações de testemunhas e tudo mais, ao qual todos os outros cristãos mais antigos são geralmente admitidos. Nenhuma diferença deve ser feita entre eles e outros cristãos, por terem recebido a fé recentemente, nem devem desonrá-los por palavras ou ações, nem permitir que outros façam tais coisas; pelo contrário, devem contradizer e opor-se a isso com todas as suas forças; e com toda a sua caridade devem acompanhá-los e honrá-los sem favoritismo de pessoas. Além disso, declaramos e decretamos que nós, católicos, somos um corpo em Cristo, de acordo com o ensinamento de nossa fé, e que todos os convertidos fazem parte dele e que todos devemos considerá-los como tal.

No entanto, se você descobrir que alguns deles, após o batismo, perderam o sentido da fé cristã, ou seguem os erros dos Judeus ou Gentios, ou por ignorância ou má vontade não mantêm os preceitos da fé cristã, nesses casos entra em vigor o que foi estabelecido no Conselho de Toledo, especialmente no capítulo *Constituit*, e em outros lugares, onde contra tais apóstatas da fé de Cristo se diz que não devem ser admitidos a tais honras em paridade com os outros bons fiéis, que é exatamente o que os reis citados, entendendo corretamente os cânones sagrados, aplicaram a certas leis de seus reinos em suas mencionadas constituições—pensar de maneira diferente seria menos do que o esperado de um

> Cristão. Quem sofre por causa deste escândalo deve ir a um juiz e exigir que ele cumpra o que é justo pela autoridade pública da lei e da ordem estabelecida, e que ninguém pretenda, por sua própria autoridade fora da ordem estabelecida, fazer violência contra todos ou qualquer um deles, o que é contrário ao ensino das leis divinas e humanas. [. . .]
>
> Dado em Fabriano, diocese de Camerino, no ano de 1449 da Encarnação do Senhor, no dia 24 de setembro, no terceiro ano do nosso pontificado.[86]

Humani generis inimicus, ecoando fortemente o *Defensorium* de Cartagena, excomungou "aqueles que semearam zizânia," mas apenas temporariamente, e isso não impediu outros tumultos anti-converso e a disseminação das leis de pureza de sangue além de Toledo. Promovidas ferozmente pelo Franciscano Alonso de Espina (m. 1469) em seu malicioso *Fortalitium fi dei* (c. 1464), [87] as leis de pureza de sangue foram adotadas pelos conselhos municipais de Córdoba e Jaén (1473), Ciudad Real, Valladolid e Segóvia (1474), Villena (1476) e outros. A ordem religiosa de Oropesa, os Jerônimos, introduziu os estatutos anti-converso no final do século XV; os Franciscanos aceitaram os estatutos com uma limitação até a quarta geração em 1525, uma restrição que foi posteriormente revogada (1583); e os Carmelitas Descalços adotaram-nos apenas dois anos depois dos jesuítas (1595). Os Dominicanos nunca aplicaram os estatutos de forma universal, mas conventos individuais o fizeram, como Santo Tomás de Ávila (1496) ou São Paulo de Córdoba (1538). Também as ordens militares de Calatrava, Alcântara e Santiago seguiram o exemplo no final do século XIV, assim como os Colegios Maiores, como San Bartolomé em Salamanca ou San Clemente em Bolonha, [88] e as catedrais de Badajoz, Córdoba, Jaén, Leão, Oviedo, Sevilha, Sigüenza e Valência. [89] No entanto, o con-

---

[86] Veja o texto latino original no Apêndice II. Para uma análise da legislação de Nicolau V sobre conversos (havia outras duas bulas), veja V. Beltrán de Heredia, "As bulas de Nicolás V acerca de los conversos," *Sefarad* 21 (1961): 22–47. Roth (*Conversos, Inquisição*, p. 101) criticou a argumentação de Heredia sobre as causas que levaram à criação da Inquisição como refletindo o "ânimo anti-judaico" de Heredia. [87] *Fortalitium fi dei contra Iudaeos, Saracenos aliosque Christianae fi dei inimicos* teve numerosas edições em várias partes da Europa. Para uma análise do texto, veja Steven J. McMichael, *Jesus de Nazaré foi o Messias? O argumento de Alphonso de Espina contra os judeus no* Fortalitium fi dei *(c. 1464)* (Atlanta: Scholars Press, 1994). Veja também Sicroff, *Estatutos*, pp. 100–1. [88] Veja Baltasar Cuart, *Colegiais maiores e limpeza de sangue durante a idade moderna: o Estatuto de S. Clemente de Bolonia (ss. XV–XIX)* (Salamanca: Edições Universidade de Salamanca, 1991). [89] Veja Kamen, *Crise e Mudança,* p. 4; e Elvira Pérez Ferreiro, *O Tratdo de Uceda contra os Estatutos de Limpieza de Sangre. Uma reação ante o estabelecimento do*

versos continuaram a desempenhar papéis importantes tanto nas esferas civis quanto eclesiásticas, especialmente em Toledo, onde cem anos após a legislação Sarmiento o arcebispo da cidade promulgou leis discriminatórias contra clérigos conversos.[90]

Estatutos de pureza de sangue do Arcebispo Silíceo (1547)

Em nenhuma das leis anti-converso a *Sentencia-Estatuto* de Toledo de 1449 deixou sua marca ilegal mais do que nos Estatutos de Pureza de Sangue (1547) de Juan Martínez Guijarro (1477–1557), Inquisidor Geral da Espanha e Arcebispo de Toledo. Embora o Papa Paulo IV e o ex-aluno de Guijarro, Rei Filipe II, tenham ratificado os estatutos de Guijarro em 1555 e 1556, respectivamente—apesar da oposição anterior deste último—os líderes jesuítas se oporiam veementemente à tentativa do arcebispo de impor leis anti-converso à Sociedade de Jesus, que havia sido fundada apenas alguns anos antes (1540), como veremos no capítulo seguinte.

Juan Martínez Guijarro—que usou a forma latinizada de seu nome, Silíceo, para disfarçar sua origem social de classe baixa—nasceu em u ma família de camponeses pobres perto de Llerena (Villagarcía), uma origem que garantiria a pureza de seu sangue.[91] Assim como Loyola e seus primeiros companheiros, Silíceo estudou na Universidade de Paris por muitos anos. Ao retornar à Espanha, ele continuou sua carreira acadêmica em Salamanca, onde residiu no Colégio de San Bartolomé na época em que introduziu os estatutos de pureza de sangue. Posteriormente, Silíceo tornou-se preceptor latino do Príncipe Filipe, um cargo que lhe rendeu em 1546 o mais elevado cargo episcopal na Espanha— a Sé Primacial de Toledo— e o cardinalato em 1554. Buscando um pretexto velado para agir contra o clã converso Cobos de Toledo, cujo representante proeminente, Francisco de los Cobos y Molina (m. 1547),[92] era o secretário real que se opôs à nomeação de Silíceo para o episcopado, e para sabotar o

---

Estatuto de Limpieza na Ordem Franciscana (Madri: Aben Ezra Ediciones, 2000), pp. 25–9. [90] Para uma análise da adoção das *estátuas de limpeza* em comparação com sua implementação real, veja Linda Martz, "Estátuas de Sangue Puro no Século Dezesseis em Toledo: Implementação em Oposição à Adoção," *Sefarad* 54 (1994): 83–106. [91] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 126–7; e Serrano, *Os conversos*, p. 51. [92] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 127–8; e Hayward Keniston, *Francisco de los Cobos, Secretário do Imperador Carlos V* (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1960).

nomeação do converso Fernando Jiménez como cânone da Igreja Toledana,[93] o avatar de Sarmiento promulgou os *estatutos de pureza-de-sangue* em seu capítulo da catedral.

A *raison d'être* de Silíceo para sua legislação anti-converso é compartilhada com os estatutos toledanos de 1449 e, portanto, não precisa de uma análise mais aprofundada aqui: o converso, que herda as más inclinações morais de seus ancestrais judeus, é inadequado para ocupar qualquer cargo público. Afirmando a autoridade das Escrituras e do Quarto Concílio de Toledo, ele argumenta que os conversos "ainda mantêm em seus lábios o leite da recente perversidade de seus ancestrais."[94] Para Silíceo, essa inclinação ao vício da infidelidade tem raízes em um homem já ao nascer.[95] Uma escolha entre cristãos puros e impuros era para Silíceo semelhante a uma escolha entre cavalos criados e consanguíneos.[96] Esses argumentos pareciam absurdos até mesmo para os clérigos não-conversos, Pero González de Mendoza de Guadalajara e Álvaro de Mendoza de Talavera, que — apoiados pelo numeroso clero converso de Toledo — pediram a anulação imediata dos estatutos. Mas Silíceo via a si mesmo como o arauto da segunda *Reconquista* espanhola e fez todo o possível, incluindo conspirações astutas, para que suas leis anti-converso fossem aprovadas pelas autoridades reais e papais.[97] Um dos principais defensores da discriminação racial de Silíceo foi o Bispo Diego de Simancas.

---

[93] Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 131. Em seu estudo sobre o "caso mais infame e representativo" de Cazorla em relação aos Estatutos de 1547, Samson Alexander enfatizou que "embora o preconceito antijudaico tenha desempenhado um papel, tratava-se predominantemente de política toledana, visões opostas da Igreja e noções contestadas de identidade religiosa como uma categoria genealógica, algo que reside nas linhagens de sangue ou algo associado à virtude e à piedade pessoal" (veja Samson Alexander, "O *adelantamiento* de Cazorla, a Cultura *converso* e o estatuto de 1547 do Capítulo da Catedral de Toledo," *Boletim de Estudos Espanhóis*, 84/7 (2007): 819. [94] "Tienen en los labios la leche de la reciente perversidad de sus antepasados" (citado por Sicroff, *Estatutos*, p. 131). Sobre a interpretação de Américo Castro das supostas origens judaico-bíblicas dos estatutos de Silíceo, veja Netanyahu, *Rumo à Inquisição*, pp. 7–8. [95] Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 131–2. Como vimos, essa visão foi contrastada por Alonso de Cartagena, que—citando Agostinho—argumentou que um homem que não segue os vícios de seus pais, de onde quer que venha, é honesto e salvo. [96] É interessante notar neste contexto que o *Tesouro da língua castelhana* de Covarrubias y Orozco (Madri, 1611) definiu o termo *raza* como "a casta de cavalos de raça pura que são marcados com um ferro para que possam ser reconhecidos como tal. *Raza* em [human] linhagens é entendido de forma negativa, como ter dentro de si alguma linhagem de Mouros ou Judeus." Veja Yerushalmi, *Assimilação e Antissemitismo Racial*, p. 15. [97] Veja Sicroff

, *Estatutos* , pp 142 67
. –.

Defensio Toletani Statuti *de Diego de Simancas* (*1573*)

Um nobre Cristão Velho de Córdoba e estudante de direito na Universidade de Salamanca e no Colégio de Santa Cruz em Valladolid, Diego de Simancas (1513–83) ocupou posições proeminentes nas burocracias da Coroa, da Igreja e da Inquisição: ele foi juiz, bispo e inquisidor.[98] Ele publicou sua *Defensio* em Antuérpia sob o pseudônimo de Didacus (Diego) Velásquez, primeiro em 1573 e novamente em 1575.[99] Os sentimentos anti-conversos de Simancas já eram conhecidos muito antes, no entanto: ele os deixou escapar durante o processo inquisitorial do Arcebispo Bartolomé Carranza (1503–76),[100] que—como veremos— foi defendido pelo converso Francisco de Toledo Herrera, o primeiro car deal jesuíta, e por Francisco de Borja, o terceiro superior geral dos jesuítas e um protetor de conversos.

A defesa de Simancas do decreto de Silíceo, que nas próprias palavras do primeiro proibia "aqueles da circuncisão," maometanos ou hereges de receber benefícios e ofícios na Igreja de Toledo,[101] foi uma resposta às "maquinações" dos conversos contra a legislação de Silíceo, como a pregação de Alonso Lobo em Roma no início da década de 1570, e uma defesa contra "enganar o papa e seus ministros," que era o suposto objetivo da *Apologia pro Iudaeis Christianis* (Paris, 1553). Esta última obra foi escrita pelo erudito bíblico franciscano francês da Sorbonne, Henri Mauroy, que—seguindo o exemplo de Cartagena e Oropesa—se opôs fortemente aos estatutos de *pureza-de-sangue* . Entre muitas coisas que escandalizaram Simancas estava o fato de que Mauroy fez uma conexão entre os conversos espanhóis e os patriarcas bíblicos, o que foi expressado de forma provocativa no próprio título completo da obra: *Apologia in duas partes divisa, pro iis, qui ex patriarcharum, Abrahae videlicet, Isaac, et Jacob, reliquiis sati, de Christo Iesu et fi de catholica pie ac sancte sentiunt, in Archiespiscopum Toletanum, et seus asseclas* [A Defesa

ncas.

---

[98] Para seu perfil biográfico, veja Kimberly Lynn Hossain, *Arbiters of Faith, Agents of Empire: Inquisidores Espanhóis e suas Carreiras, 1550–1650*. Tese (Doutorado) (Baltimore: Universidade Johns Hopkins, 2006), pp. 121–5. [99] Para uma breve apresentação do conteúdo da obra, veja Lynn Hossain, *Arbiters of Faith*, pp. 179–81. [100] Para uma análise detalhada da participação de Simancas no processo de Carranza, veja Lynn Hossain, *Arbiters of Faith*, especialmente pp. 143 e 149. [101] "Siliceus decreto sive statuto vetuit, ne ii qui ex circumcisione sunt aut ex Mahumetanis, vel Haereticis nati, beneficia et ufficia deinceps in eadem Ecclesia habere possent" (Simancas, *Defensio*, f. 2).

(dividido em duas partes) daqueles que descem dos patriarcas, isto é, Abraão, Isaque e Jacó, deixando de lado outros, piedosamente e santamente sentem sobre Jesus Cristo e a fé católica, contra o Arcebispo de Toledo e seus seguidores].

De fato, um dos principais argumentos, que Simancas enfatizou, foi a repudia- ção da "conversa trivial" dos conversos sobre sua consanguinidade com a humanidade judaica de Jesus, descendente de Abraão. Seguindo a argumentação de Baltasar Porreño,[102] Simancas afirmou que os estatutos toledanos diziam respeito apenas aos descendentes de judeus pérfidos, que mataram Cristo Senhor, os Apóstolos e outros santos, e que—persistindo por quase quinhentos anos em sua perfídia—blasfemaram Cristo Deus três vezes por dia e queriam matar e destruir todos os outros cristãos.[103] Para Simancas, a consanguinidade dos conversos com Abraão, Isaque e Jacó é impossível, pois esses nomes pertencem não à carne e à natureza, mas à graça, à promessa, à fé e ao sacramento. Esses nomes pertencem tanto aos conversos quanto aos fiéis gentios, que são filhos da fé de Abraão, como escreveu São Paulo em suas cartas aos Romanos (4:11) e Gálatas (3:7). Os judeus pérfidos não podem ser filhos de Abraão se falam mal do Salvador. Além disso, seu Talmud afirma que o próprio Abraão ensinou artes mágicas e invenções diabólicas, como Hadrianus Finus havia demonstrado.[104]

---

[102] Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 214. [103] "Os estatutos não afetam senão os descendentes dos judeus perfídios, que mataram Cristo Senhor e os Apóstolos e outros santos e, durante mil quinhentos anos, persistindo em sua perfídia, blasfemavam diariamente contra Deus Cristo e desejavam matar e destruir todos os outros cristãos" (Simancas, *Defensio*, f. 15^{v}). [104] " Além disso, em nome de Abraão, Isaque e Jacó, não são por nome de carne e natureza, mas por nome de graça e promessa e fé e sacramento: nem mais a eles pertencem do que aos gentios crentes: Pois os que são da fé, esses são filhos de Abraão, como o divino Apóstolo escreve aos Romanos e Galatas (Rom. 4, Gal. 3). Portanto, quando os pais deles eram judeus perfídios, nossos maiores, porém, eram cristãos fiéis, eles não eram verdadeiros filhos de Abraão, mas nós éramos os verdadeiros filhos. Além disso, não só falam mal e sentem sobre o Salvador os judeus, mas também dizem sobre o próprio Abraão em seu Talmud que ele ensinou artes mágicas e invenções de demônios: o que demonstra claramente que não são verdadeiros filhos de Abraão, mas uma fábula que Finus Hadrianus relatou com outros ímpios blasfemos e ridículos no livro 9, cap. 8" (Simancas, *Defensio*, ff. 16^{r-v}). Hadrianus Finus (Fino, Fini d'Adria) de Ferrara foi o autor de *In Iudaeos Flagellum* (Veneza, 1538), um longo ataque contra as práticas judaicas contidas no Talmud. Para outras citações de Finus sobre o Talmud como fonte de leis contra os cristãos, veja Simancas, *Defensio*, f. 35^{v}.

Através de uma análise detalhada dos parentes de Jesus (Capítulos 22 e 23), Simancas deseja convencer o leitor de que, como esses parentes seguira m Cristo fielmente, os conversos espanhóis não podem ser seus descendentes. Os conversos espanhóis são a descendência dos judeus que mataram Jesus e que depois encontraram refúgio na Espanha após a destruição de Jerusalém.[105]

A associação que Mauroy faz entre conversos e Judeus, ao chamar os primeiros de cristãos judaicos ou conversos judaicos ou simplesmente Judeus, incomoda Simancas.[106] Ao mesmo tempo, a identificação comum do converso com a persona do Judeu é a espinha dorsal antropológica da argumentação de Simancas contra os conversos. A maneira mais frequente com que Simancas se refere aos conversos em sua *Defensio* é " aqueles da circuncisão," que se refere mais à ancestralidade do converso do que à realidade—apenas conversos judaizantes podem ter passado pelo rito da circuncisão. Mas para Simancas, a maioria dos conversos continua a celebrar ritos judaicos, entre eles "as abomináveis circuncisões,"[107] assim como "muitas pessoas rebeldes, meros faladores e enganadores, especialmente aqueles do grupo da circuncisão" na Igreja primitiva.[108] Ele ecoa aqui a afirmação de Silíceo de que os Judeus que se converteram ao catolicismo foram motivados pelo medo e mantiveram a intenção de voltar "para seu vômito" [como fazem os cães].[109]

"Aqueles da circuncisão", continua Simancas, estão bastante barrados dos ofícios da Igreja de Toledo, pois estão manchados

---

105 "Adiciono que estes cristãos não descendem dos antigos nobres judeus, mas daqueles que sobreviveram à destruição de Jerusalém, que, como diz Aegesippus, foram considerados [. . .] espalhados por toda a terra" (Simancas, *Defensio*, f. 29). 106 Veja Simancas, *Defensio*, f. 2^{v}. Alonso de Cartagena, citando Isidoro (*Etymologiarum liber octavus*, cap. X), se opôs ao uso do termo *iudaei baptizati* para cristãos de origens judaicas, uma vez que ser judeu exige um determinado modo de vida. O termo pode ser aplicado apenas a cristãos judaizantes (veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 336 e 339). 107 "A maioria dos judeus, que há algum tempo foram promovidos à fé cristã, agora, blasfemando contra Cristo, não apenas são conhecidos por praticar rituais judaicos, mas também por exercer abomináveis circuncisões" (Simancas, *Defensio*, f. 31^{v}). 108 Esta é a interpretação da Carta Paulina a Tito (1:10) que, segundo Simancas, foi dada por Tomás de Aquino: " Acrescenta-se também o que o apóstolo Paulo diz na epístola a Tito cap. 1: 'Há muitos desobedientes, faladores vãos e sedutores, principalmente os que são da circuncisão.' [. . .] E o Divino Tomás, ao comentar essas palavras 'principalmente os que são da circuncisão', diz que eram aqueles que forçavam os homens a judaizar" (Simancas, *Defensio*, f. 32). Veja Tomás de Aquino, *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*, 5.4, onde essa interpretação parece estar ausente. 109 Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 145; e Simancas, *Defensio*, f. 35^{v}. Alonso de Cartagena também usou essa expressão em seu *Defensorium* (veja Cartagena, *Defensorium*, ed. Verdín-Díaz, pp. 328, 332, 334 e 373).

pelo sangue de seus ancestrais judeus, que é "como um veneno que mata todo ser humano."[110] Portanto, como o Franciscano Alonso de Espina observou em seu *Fortalitium fi dei*,[111] os conversos são herdeiros de más inclinações morais judaicas que são transmitidas através das gerações. Como Judeus, eles são propensos a abusos (*proclives ad contumelias*) e são—nas próprias palavras da Bíblia—"um povo de dura cerviz," "uma geração perversa e corrupta," "uma ninhada de víboras," " uma geração ímpia," "uma geração perversa, filhos infiéis," "uma geração incrédula e perversa," e "uma geração sem fé."[112] Simancas, que na verdade não usa o termo de Silíceo (perfidioso e infiel) *raza*, conclui que a percepção dos recentes conversos judeus como ambiciosos, desobedientes, que falam ociosamente e enganam é antiga, e é meritório que sejam barrados ou demitidos de alguns benefícios eclesiásticos.[113]

Simancas afirma de forma ambígua que "mesmo que as doenças da alma (*animimorbi*) não passem de pais para filhos, estes, no entanto, caem naqueles vícios pelos quais seus pais haviam sido afetados." Ele cita alguns provérbios populares para provar seu ponto: "Tal mãe, tal filha" (Ezequiel 16:44) e "Ovo podre, pássaro podre." Assim, "os filhos do infiel parecem ser propensos à infidelidade."[114] O predecessor de Simancas, Inquisidor Silíceo, expressou essa ideia de forma mais eloquente (como vimos acima): "[Os Novos Cristãos] ainda têm nos lábios o leite da recente perversidade de seus ancestrais."[115] Os "vícios hereditários", especialmente a ambição, conspiração e ganância pelo poder, são—segundo Simancas—peculiares a

---

110 Simancas, *Defensio*, f. 23ᵛ: "quasi venenum hominem totum infi cere." 111 Veja Sicroff, *Estatutos*, pp. 100–1. 112 "Iudaei semper fuerunt cervicis durissimae, generatio eorum prava et perversa, progenies viperarum, generatio pessima. [. . .] Accedunt et verba illa Scripturae divinae contra Iudaeos: Generatio perversa, et infi deles fi lii; et illa Salvatoris, ' O generatio incredula et perversa!' Tum ille: 'O generatio infi delis!' " (Simancas, *Defensio*, ff . 29ʳ–ᵛ). 113 "Vetus ergo et antiquus est recenter conversis ex Iudaeis ambitiosos, i nobiedientes, vaniloquos et seductores esse. Merito igitur a quibusdam ecclesiasticis benefi ciis arcen- tur et eiiciuntur" (Simancas, *Defensio*, f. 32). 114 Nam etsi animi morbi ex patribus in fi lios non transeant, saepe tamen fi lii solent in ea vitia incidere, quibus parentes fuere aff ecti. [. . .] Et ut alia praeteream, vetus pro- verbium est ab Ezechiele relatum: Sicut mater, ita fi lia eius et malum ovum, malus cor- vus [. . .], sic infi delium fi lii ad infi delitatem proni esse videntur (Simancas, *Defensio*, f. 29ᵛ). Em outro lugar (f. 31ᵛ) Simancas enfatiza este ponto citando Cícero's *De ofícios* (1, 32): "Plerique autem parentum praeceptis imbuti [fi lii], ad eorum consuetudinem moremque deducimur." 115 "Tienen en los labios la leche de la reciente perversidad de sus antepasados" (citado por Sicroff, *Estatutos*, p. 131). O Anglicano John Foxe (1517–87) expressou uma ideia semelhante em u m de seus sermões: "Iewish Infi delitie . . . parece após uma certa maneira sua doença herdada, que são após uma certa sorte, desde o ventre de suas mães,

Conversos judeus e mais frequentes neles do que em outros. Além disso, até Muçulmanos são menos implacáveis e queixosos, mais verídicos e de melhores modos do que os Judeus.[116]

Esta é a razão, como Silíceo já havia argumentado,[117] porque muitas instituições eclesiásticas espanholas os excluíram para preservar a tranquilidade e a paz e evitar cismas e disputas.[118] Seguindo os Estatutos de Silíceo, que tinham a conspiração dos conversos como seu leitmotiv—os conversos infiltraram os ofícios de importância na Igreja de Toledo[119]—Simancas afirma que a história da conspiração judeu-conversa contra a cidade de Toledo era muito antiga. Judeus ajudaram os invasores muçulmanos a ocupar Toledo [711 d.C.];[120] eles conspiraram contra o rei espanhol, como indicam os documentos do Quarto Concílio de Toledo; durante o reinado do Rei Juan [II], conversos conspiraram contra o prefeito da cidade de Toledo [Pero Sarmiento] e outros Velhos Cristãos para matá-los e ocupar a cidade, de modo que pudessem voltar abertamente ao Judaísmo; e organizaram em Toledo o mesmo tipo de trama duas vezes durante o reinado de Ferdinando e Isabel.[121] As intrigas dos conversos foram

naturalmente carrega através da perversidade, em todo ódio maligno e desprezo por Cristo e seus cristãos" (citado em Adelman, ***Relações de Sangue***, p. 66). 116 "Por que são mais queixosos e implacáveis do que aqueles que descem dos Mahometanos? Uma vez q ue os saracenos são mais verídicos, mais fortes e de melhores costumes do que os judeus" (Simancas, *Defensio*, f. 35ᵛ). 117 Veja Sicroff, *Estatutos*, p. 162. 118 "A maior parte deles, que são da circuncisão, possui certos vícios peculiares e mais frequentes do que os outros, razão pela qual não só por algumas catedrais, mas também por todos os colégios de estudantes, por alguns mosteiros e sociedades são excluídos com o melhor direito na Hispânia. Pois são ambiciosos e ávidos de dignidades (como já disse antes), o que parece ser um vício hereditário. [. . .] Portanto, é justa a legislação para que nos colégios e capítulos (como se chama) se viva com tranquilidade e paz sem esses indivíduos: longe de que os estatutos gerem cismas ou dissensões, como eles fingem" (Simancas, *Defensio*, f. 32ᵛ). É interessante saber que, como argumentaram Silíceo e, após ele, Simancas, um grande número de instituições eclesiásticas fecharam suas portas a candidatos de ascendência judaica. Outros—como o jesuíta Diego de Guzmán—não se conformariam sublinhando que apenas alguns deles o fizeram. Veja ARSI, *Instit. 186e*, f. 357. 119 Veja Sicroff, *Estatutos,* p. 157. 120 "A nobilíssima e fortíssima cidade da Hispânia foi outrora traída pelos judeus, quando os mouros ocuparam toda a Hispânia e muitos outros crimes e atrocidades são atribuídos aos judeus na Hispânia" (Simancas, *Defensio*, f. 5). 121 "Além disso, eles costumam perturbar t udo com conspirações, sedições e facções. E isso não é novidade: pois já outrora conspiraram contra o rei e o reino da Hispânia, como se constata no concílio Toledano IV, no qual se encontra este decreto no seu oitavo capítulo. Também nos tempos do Rei João, de seu nome segundo, os marranos conspiraram contra o prefeito da cidade de Toleda e contra os antigos cristãos, desejando matá-los e ocupar a própria cidade, para que abertamente retornassem ao judaísmo. O mesmo é dito que aconteceu duas vezes na mesma cidade nos tempos de Fernando e Isabel, Reis verdadeiramente católicos. E a menos que sejam revelados

insuportável na Igreja de Toledo, pois era considerada a sé mais preeminente da Espanha, sendo a Sé do Primate Católico.[122]

Essa representação dos judeus conversos espanhóis justifica, na visão de Simancas, o uso do termo *marranos*, um termo ao qual ele dedica muito espaço para explicar seu significado e origem. Embora alguns afirmem que o termo *marranos* se refere a qualquer grupo de pessoas descendentes de judeus e outros aleguem que se refere a qualquer infiel, Simancas enfatiza que o rótulo *marranos* não pode ser aplicado de nenhuma das maneiras, pois nem todos os que estão manchados e contaminados pelo sangue judeu podem ser chamados de *marranos*, e nem todos os infiéis pertencem a esse grupo, que—como escreveu Michael Ritius[1445–1515] em seu *De Hispaniae Regibus*—é composto apenas por aqueles judeus batizados que são falsos cristãos.[123]

Mas qual é a origem da palavra?—pergunta Simancas. Alguns argumentam que os judeus espanhóis foram chamados de *marranos*, ou seja, porcos—*marrano* refere-se comumente a um porco de um ano e, assim, o mesmo nome foi aplicado àqueles que descendem de judeus e são suspeitos [de praticar o judaísmo]. Mas, segundo Simancas, essa explicação é improvável, pois os judeus não têm nada em comum com a qualidade dos porcos, exceto o fato de que, quando um grunhe, todos os outros imediatamente correm para ajudar.[124]

O autor da *Defensio* subscreve, em vez disso, a um significado mais antigo do termo *marrano* , que vem da palavra hebraica *mara*, que comumente significa "rebelar-se." Esta palavra é mais apropriada, pois os Judeus se rebelam contra Cristo Senhor, como escreveu Petrus Godofredus sob o

---

"Se as coniurações tivessem ocorrido, teriam causado grandes massacres entre os cristãos" (Simancas, *Defensio*, f. 32ᵛ). 122 "De fato, muito da honra da célebre igreja Toletana era subtraída quando suas prebendas e dignidades eram ocupadas por aqueles que, sendo filhos de hereges, ou que aqui se originarão, costumam ser chamados de Marranos, sendo estes homens propensos a contumélia" (Simancas, *Defensio*, f. 24ᵛ). 123 "E, em primeiro lugar, há aqueles que dizem que os marranos são chamados assim os que descendem de alguma parte dos Judeus; outros afirmam que qualquer infiel é chamado de marrano. Mas nenhum dos dois é verdadeiro, pois não são todos os maculados e contaminados pelo sangue dos judeus que são marranos, nem todos os infi deles são chamados de marranos. Mas costumamos chamar de marranos os hispânicos que, descendentes dos judeus e batizados, tornaram-se cristãos. O que Michael Ritius também entendeu corretamente no livro 3 sobre os reis da Hispânia, dizendo: 'Aqueles que, imbuídos dos ritos dos judeus, são chamados pelo nome de cristãos, são vulgarmente chamados de marranos.'" (Simancas, *Defensio*, f. 24ᵛ). 124 "Alguns dizem que os judeus foram chamados de Marranos pelos hispânicos, ou seja, porcos, a partir do nome vulgar pelo qual os porcos de um ano são chamados de marranos; e, portanto, foram apelidados de Marranos, mesmo aqueles que descendem dos judeus e são suspeitos. Mas isso não é verossímil, pois esses não têm nada em comum com a qualidade dos porcos, exceto que, ao grunhir, todos os outros imediatamente acorrem para ajudá-los" (Simancas, *Defensio*, f. 24ᵛ).

título "apóstata:" "*Marranos* são aqueles homens rebeldes, contumazes, desobedientes e ambíguos que sob o nome de Cristianismo ainda estão ligados ao Judaísmo."[125]

Esse tipo de análise filológica está ausente na interpretação das cartas de São Paulo que Simancas utiliza para refutar as contestações dos conversos em relação à estrutura étnica, de gênero e social da comunidade cristã. Ao contrário do que argumentaram Cartagena e Oropesa, as expressões de Paulo, como "não há favoritismo [*acceptatio personarum*] com Deus" (Romanos 2:11); "não há distinção entre judeu e grego" (Romanos 10:12); "não há judeu nem grego, servo nem livre, masculino nem feminino" (Gálatas 3:28); e "não há circuncisão nem prepúcio, bárbaro nem citas, servo nem livre" (Colossenses 3:11), são interpretadas por Simancas como referências ao espiritual e não — co mo afirmam os Novos Cristãos — a coisas temporais e, portanto, não podem ser aplicadas para condenar os estatutos de pureza de sangue toledanos que visavam privar os conversos de benefícios e ofícios, que são assuntos temporais e não espirituais.[126] Simancas abomina a ideia de sociedade cristã.

---

[125] "Alguns acreditam que a origem deste nome é mais antiga e deriva da palavra hebraica (mara), que entre outras coisas significa rebelar-se: uma vez que estes são rebeldes contra Cristo Senhor, os Marranos são assim chamados, como parece confirmar Petrus Godofredus na rubrica sobre os Apóstatas, misturando muitos elementos hebraicos e concluindo finalmente que são apóstatas aqueles que os hispânicos chamam de Marranos, que sob o nome do cristianismo, são estudiosos do judaísmo, rebeldes, contumazes, desobedientes, e praticantes de fraude" (Simancas, *Defensio*, f. 25). *A Enciclopédia Judaica* (13:559) explica o termo *Marrano* da seguinte forma: "Termo de opróbrio usado para denegrir os Novos Cristãos da Espanha e Portugal. Várias origens para o termo foram sugeridas. Estas incluem o hebraico *marit ayin* ('a aparência do olho'), referindo-se ao fato de que os Marranos eram ostensivamente cristãos, mas na verdade judaizantes; *mohoram attah* ('você está excomungado'); o aramaico-hebraico *Mar Anus* ('Sr. Converso forçado'); o hebraico *mumar* ('apóstata') com a terminação espanhola *ano*; o árabe *mura' in* ('hipócrita'); e a segunda palavra da maldição eclesiástica *anathema maranatha*. No entanto, todas essas derivações são improváveis. A mais provável, como demonstrado claramente pelo estudo de Farinelli, é da palavra espanhola que significa porco, uma palavra já em uso no início da Idade Média, embora Y. Malkiel argumente plausivelmente por uma derivação do árabe tardio *barran*, *barrani*, significando um outsider ou estranho, e uma fusão desta palavra com o termo *marrano* 'porco, carne de porco' derivada do latim *verres* 'javali'. O termo provavelmente não se referia originalmente à relutância dos judaizantes em comer carne de porco, como alg uns estudiosos sustentam. Desde seu uso mais antigo, foi destinado a transmitir o sentido de aversão que a palavra carrega em outras línguas. Embora romantizado e considerado por j udeus posteriores como um emblema de honra, o termo não era tão amplamente utilizado, especialmente em círculos oficiais, como muitas vezes se acredita."

[126] "Paulo, de fato, Apóstolo, aborda, contudo, nesta epístola, questões sobre estas c oisas terrenas: sua doutrina é sobre as coisas espirituais, e compõe o dissídio surgido entre aqueles novos cristãos que se achavam melhores ou mais perfeitos por causa do prestígio ou da circuncisão. O divino Apóstolo ensina ambos perante Cristo.

na qual não haveria "distinção entre nobre e ignóbil, entre boa e má linhagem, entre honroso e humilde."[127]

Esta interpretação do pensamento de Paulo é contrária ao que o Papa Nicolau V expressou em sua bula *Humani generis inimicus* (1449), à qual Simancas dedica o Capítulo 17. Ele questiona ali a autenticidade da bula que se tornou uma arma do contra-ataque dos conversos contra a legislação Sarmiento, como contrário à fé católica, como vimos anteriormente, e contra o decreto jesuíta *de genere*, como veremos no Capítulo Três. No entanto, Simancas discute uma parte da bula que ele provavelmente leu na *Lumen* de Alonso de Oropesa. O parágrafo copiado (que é autêntico) refere-se ao destinatário dos estatutos de Sarmiento: os Novos Cristãos e seus descendentes que "não deveriam ser admitidos a honras, dignidades, ofícios e notários, e testemunhar nos julgamentos dos cristãos, devido ao seu recente recebimento da fé, trazendo desonras de palavra e ato." Simancas argumenta que o texto da bula não se refere especificamente a benefícios eclesiásticos—como a legislação Silíceo f azia—mas a todas as honras, dignidades, etc. Além disso—ele enfatiza—o Papa Paulo IV, que confirmou os Estatutos de Toledo, abrogou expressamente a bula de Nicolau.[128]

Dominum nullam esse distinctionem Iudaei et Graeci, nullamque esse acceptionem personarum, quid inde contra statuta quae de rebus temporalibus sunt. [. . .] Quod si ver ba illa non est Iudaeus neque Graecus non est servus neque liber non est masculus neque femina, gentilis et Iudaeus, circumcisio et praeputium, barbarus et Scytha, servus et liber, sed omnia in omnibus Christus: si haec inquam et similia verba efficiunt, ut todos os cristãos em questões temporais devem ser iguais, já serva e mulher, bárbaro e escita, nossa seja contra aquelas leis divinas que falam de espirituais, não obstante de coisas terrenas" (Simancas, *Defensio*, ff . 7^{r-v}). 127 "Já hoje não haverá distinção entre nobre ou ignóbil, bom ou mau de geração, ilustre ou vil, enfim, não haverá ordem na república. Que, porém, esta tão injusta persuasão não entre nas almas dos fiéis, que a doutrina dos apóstolos pareça condenar ou subverter a forma da verdadeira política (Simancas, *Defensio*, f. 7). 128 "Apresentam contra o estatuto Toletano a bula de Nicolau quinto, da qual concluem que o estatuto é contra a fé católica, porque, diz, nós, desviando da verdade da f é católica, queremos conduzir ao caminho da verdade e Paulo, após afetando, que cada um expresse o que é justo: e quem ousar semear falsidades contra a norma da lei cristã e escandalizar os próximos, que são contrários à unidade e à paz [. . .]. A isso, primeiramente, se responde que aquela bula autêntica não se encontra e, portanto, carece de fé. Depois, era muito diferente o que então se tratava: pois, como está naquela escritura (qualquer que seja), está contido aquilo que alguns afirmavam que novos cristãos e seus filhos não deveriam ser admitidos a honras, dignidades, ofícios de tabellionato e a testemunhar nas causas dos cristãos, desonrando-os com palavras e ações. Estas são as palavras daquelas cartas. Das quais é claro que aqueles que acreditavam e afirmavam não se referiam a certos benefícios eclesiásticos, mas, de forma geral e universal, a todas as honras, dignidades, ofícios públicos e, até mesmo, a testemunhos a serem prestados: desonrando os novos cristãos, e tudo isso por nenhuma outra razão,

É verdade, o Papa Paulo IV aprovou os Estatutos de Silíceo e emitiu a legislação anti-judaica mais severa (*Cum nimis absurdum*, 1555), que foi apoiada por Inácio de Loyola.[129] Por outro lado, sob a influência do mesmo Loyola, seu predecessor, Paulo III, publicou em 1542 a bula *Cupientes Iudaeos* (1542), que—entre outras coisas—permitia que catecúmenos judeus mantivessem propriedades após sua conversão.

Em conclusão, este capítulo forneceu um breve *excursus* histórico da literatura intrincada e rica sobre o conceito de *pureza de sangue* e sua adoção na vida civil e eclesiástica da Espanha nos séculos XV e XVI. Discutimos os cinco textos mais importantes e emblemáticos que r efletem a variedade de abordagens sobre o tema: a *Sentencia-Estatuto* de Mayor Sarmiento (1449); o *Defensoriumunitatis christianae* do Bispo Alonso de Cartagena (1449–50); o *Lumen adrevelationem gentium et gloria plebis Dei Israel, de unitate fi dei et deconcordi et pacifi ca aequalitate fi delium* de Fray Alonso de Oropesa (1450–66); os *Estatutos de limpeza* do Arcebispo Silíceo (1547); e a *DefensioToletani Statuti* do Bispo Diego de Simancas (1573). Uma análise dessas fontes primárias e sua interpretação por estudiosos contemporâneos serve como um quadro necessário para contextualizar a discussão sobre a adoção e implementação do mesmo conceito de pureza de sangue na legislação da Sociedade de Jesus, que foi fundada pelo nobre espanhol Inácio de Loyola e um grupo de seus seguidores, muitos dos quais nasceram e estudaram na Espanha antes de se encontrarem na Universidade de Paris e depois se mudarem para a Itália para se tornarem uma nova ordem religiosa oficialmente reconhecida. O próximo capítulo traça as abordagens jesuítas em relação à política espanhola de *pureza de sangue* e o papel que os conversos desempenharam na early Society of Jesus desde a fundação da Ordem e m 1540 até a morte do terceiro superior geral, Francisco de Borja, em 1572, que marcou uma mudança na política jesuíta em relação aos conversos.

is,

---

nisi porque eram cristãos, como está relatado duas vezes naquele papel, com estas palavras: por causa da nova assunção fi dei. Novamente, por causa da nova recepção fi dei. Portanto [. . .] não deve parecer, se disserem ali que essa opinião é errônea, nem que eles tenham entendido corretamente. No entanto, em nosso estatuto, tudo é antes diverso, nem pode de modo algum ser, que isso seja heresia [. . .]. Por último, aquela bula foi revogada especificamente nesta parte por Paulo IV na confirmação do estatuto, com estas mesmas palavras: Não obstante a memória a ser recordada de Nicolau Papa V, assim co mo de nosso predecessor, e outras constituições apostólicas, etc." (Simancas, *Defensio*, ff. 13^{v}–14). 129 Veja Foa, "*Limpieza* versus Mission, p. 300.

CAPÍTULO DOIS

POLÍTICA JESUÍTA PRO-CONVERSO INICIAL (1540–72)

> *Nós [jesuítas] temos o prazer de admitir aqueles de ancestralidade judaica.*Jerônimo Nadal, S.J., 1554

A história dos jesuítas de ancestralidade judaica no século dezesseis reflete a história anterior dos conversos na Espanha do século quinze que traçamos no Capítulo Um: desde a aceitação inicial dos "Novos Cristãos" e a ascensão de sua influência e poder até o consequente profundo ressentimento dos "Velhos Cristãos", que fizeram esforços crescentes para conter e possivelmente eliminar a presença dos conversos primeiro nas instituições civis e depois eclesiásticas. Fugindo da sociedade civil persecutória, um número significativo de conversos preencheu as fileiras eclesiásticas na Espanha durante o século quinze.[1] No entanto, em meados do século dezesseis, várias comunidades eclesiásticas ibéricas fecharam suas portas para eles, especialmente a Ordem dos Jerônimos, que se caracterizava por sua postura pro-Erasmista e *alumbrado* . Consequentemente, muitos conversos, que foram rejeitados ou temiam que seriam discriminados, encontraram pelo menos um refúgio temporário na Sociedade de Jesus, uma nova ordem religiosa atraente[2] que inicialmente se opôs à discriminação de linhagem e cuja espiritualidade, em alguns aspectos, parecia se melhante aos movimentos ibéricos dos Erasmistas e *alumbrados*, que atraíram muitos conversos.[3] Além disso, os jesuítas abriram muitas novas fronteiras remotas para atividades missionárias que frequentemente se tornaram para conversos e/ou seus superiores uma oportunidade velada de evitar a intolerância em casa.

---

[1] Veja Rey, "São Inácio de Loyola e o problema dos cristãos novos," pp. 173–5.[2] Para uma análise dos diferentes motivos que podem ter levado os conversos a entrar nos jesuítas, veja Rastoin, "Os cristãos de origem judaica," pp. 357–63. [3] Veja *DHCJ* 1:86. Kevin Ingram caracterizou os *alumbrados* como aqueles que "rejeitaram o dogma católico em f avor de uma prática religiosa mística e quietista" (veja Ingram, ed., *Conversos e Moriscos*, p. 5), mas sua espiritualidade e doutrina eram muito mais complexas. Veja, por exemplo, Pastore, *Uma heresia espanhola: espiritualidade conversa, alumbradismo e inquisição.*

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

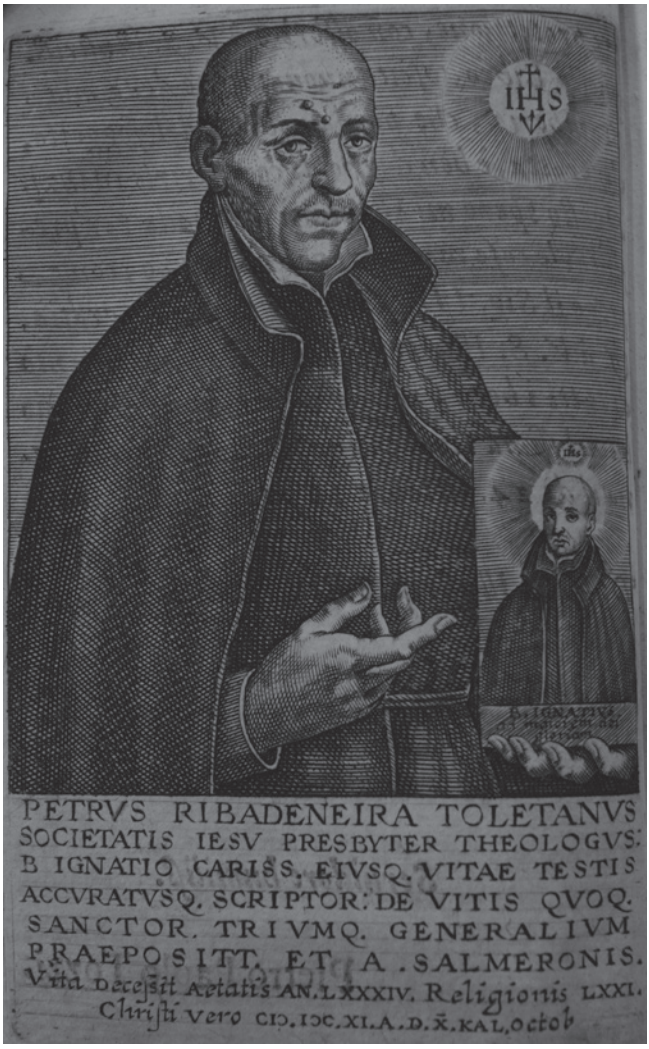
Este capítulo mostra por que e como os conversos desempenharam um papel fundamental na Sociedade de Jesus desde sua fundação em 1540 até os geralatos de Inácio de Loyola, Diego Laínez e Francisco de Borja. Os historiadores têm consciência da presença de conversos nas fileiras dos jesuítas (na historiografia dos conversos, menos de cinco nomes de jesuítas de ancestralidade judaica são geralmente citados), mas foi demonstrado de forma insuficiente até que ponto os primeiros jesuítas se beneficiaram rica, conscientemente e estrategicamente de seus confrades conversos. A presença de uma minoria proeminente de ancestralidade judaica na Ordem nem sempre foi uma *convivência* pacífica, e sua influência foi periodicamente ressentida; além disso, a pesquisa sobre a história dos primeiros jesuítas minimizou a i mportância da luta interna entre "novos" e "velhos" cristãos no desenvolvimento da Sociedade, que atingiu seu auge após a morte de Borja em 1572. Uma chave para compreender a "questão judaica" na Ordem Jesuíta é encontrada primeiramente na abordagem de seu fundador, Inácio de Loyola, em relação aos judeus e conversos.

Inácio de Loyola como um "semita espiritual profundo"

Agora é um clichê começar um relato sobre a judeofilia de Loyola citando os testemunhos de Pedro de Ribadeneyra sobre o desejo de Inácio de ser um judeu étnico. Esses testemunhos vêm de um jesuíta converso oculto—um detalhe revelador que outros estudiosos frequentemente falharam em apontar—que pode ter se interessado em espalhar essa informação e ocultar outras informações (como ele não raramente fez em outras ocasiões).[4] Portanto, será útil, brevemente, apresentar ao leitor o autor desses relatos.

Pedro Ribadeneyra, cujo nome deriva da cidade galega de Riva de Neira, na província de Lugo, nasceu em 1 de novembro de 1527, filho do converso Álvaro Husillo Ortiz de Cisneros (neto do pajem da Rainha Is abel e, posteriormente, governador de Toledo, Hernando Ortiz de Cisneros), um advogado do conselho da cidade de Toledo, e de Catalina de Villalobos y Ribadeneyra.[5] Assim como no caso de outros jesuítas conversos

[4] Veja abaixo nossa discussão sobre a censura da biografia de Ribadeneyra sobre Laínez. Veja também Bataillon (*Erasmo e Espanha*, p. 217), que argumenta que Ribadeneyra falsificou o relato do julgamento de Loyola sobre o *Enchiridion* de Erasmo. [5] Veja Gómez-Menor, "A progenie hebrea do pai Pedro de Ribadeneyra," pp. 307–32.



Fonte: Pedro de Ribadeneyra, *Della religione del principe christiano* (Bolonha, 1622) Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 1. Pedro de Ribadeneyra como *o* biógrafo de Inácio de Loyola. Pedro de Ribadeneyra (1526–1611) de Toledo foi o autor da primeira biografia oficial do fundador jesuíta, Inácio de Loyola, que teve inúmeras edições em várias línguas. A legenda diz que Ribadeneyra foi o biógrafo preciso de Inácio. No entanto, o historiador francês contemporâneo Marcel Bataillon acusou Ribadeneyra de "o crime da deformação hagiográfica." De fato, Ribadeneyra, que era um converso oculto, ocultou o fato de que a Inquisição em Alcalá havia acusado Loyola de ser um cripto-judeu. M

od$_{\text{ern sc}}$ hol$_{\text{ars}}$ hip h$^{\text{como es}}$ ta$^{\text{bli}}$ shed Rib ad$_{\text{eneyra}}$'s Jewish $_{\text{genea}}$ l$_{\text{ogia.}}$

famílias, alguns de seus irmãos tornaram-se homens e mulheres religiosas: seu irmão Alfonso de Villalobos, por exemplo, entrou para os Beneditinos em Valladolid. Após seus estudos de gramática sob os mestres Cedillo e Venegas em Toledo, em maio de 1539, Pedro de Ribadeneyra seguiu a opulenta corte do Cardeal Alessandro Farnese (1520–89), sobrinho do Papa Paulo III, o futuro intermediário entre o papado e a Sociedade, e seu principal benfeitor. A mãe viúva de Pedro o recebeu na ocasião do funeral da esposa de Carlos V, Isabel de Portugal (1503–39). Observado por seu tio converso, Pedro de Ortiz, o embaixador do imperador em Roma, Pedro permaneceu no palácio romano de Farnese por quatorze meses. Temendo punição por uma transgressão não revelada, ele escapuliu secretamente de lá e encontrou refúgio nos braços paternos amorosos de Loyola,[6] apesar de sua jovem idade de tr eze anos. Após ter criado esse encantador, mas inquieto rapaz na espiritualidade jesuíta por dois anos, Inácio planejou que Pedro estudasse em Paris (1542), mas ele acabou em Flandres Espanhol (Leuven) devido à Guerra Franco-Imperial. Após ter fundado um colégio lá, ele retornou a Roma com o valenciano Juan Jerónimo Doménech[7] em 1543. Subsequentemente, Ribadeneyra estudou por quatro anos em Pádua (1545–9), onde se tornou amigo de Juan Alfonso de Polanco,[8] a quem Loyola mais tarde recomendou para supervisionar Pedro.[9] Conforme Inácio informava Ortiz sobre o progresso de seu protegido, Pedro em Pádua adquiriu uma sólida formação nas humanidades.[10] Depois disso, ele estava pronto para ser enviado ao recém-aberto colégio em Palermo, onde ensinou retórica (1549–52). Ele também pregou na Sicília, mesmo que

---

[6] Polanco testemunhou sobre os sentimentos especiais de Loyola em relação a Ribadeneyra: "El Padre Maestro Ignacio, por quererle tanto, no quiso determinar por sí acerca de sus cosas, y así las cometió al Padre Laínez y a mí" (*Mon Rib.* 2:264). Veja ta mbém John W. O'Malley e James P.M. Walsh, *Construindo um Santo Através de Imagens: A Biografia Ilustrada de 1609 de Inácio de Loyola* (Filadélfia: Saint Joseph's University Press, 2008), pp. 12–3. [7] Juan Jerónimo Doménech: *1516 Valência; SJ 1539; †1592 Valência; sacerdote em 1538; professo em 1555. Seu pai, que era um farmacêutico afluente, ajudou a fundar o Colégio Jesuíta em sua cidade natal. Ele atuou principalmente na Sicília como seu provincial triplo, onde também se tornou o confessor do Vice-rei Juan de Vega. Enquanto isso, foi reitor do Colégio Romano após a remoção de Vázquez. Mercurian o enviou de volta à Espanha em 1576. Seu papel nas vocações de Nadal e Miró também foi fundamental. Ele foi um dos principais promotores do apostolado morisco e dos estudos árabes na Sociedade (veja *DHCJ* 2:1135–6). [8] Juan Alfonso de Polanco: *1517 Burgos (Espanha); SJ 1541; †1576 Roma; sacerdote em 1546; professo em 1549. Palmio o considerou o líder do círculo interno dos conversos, e muito espaço, assim, será dedicado a ele abaixo. [9] Veja *Mon Ign.* 1:519–26. [10] Veja *Mon Ign.* 1:359.

ele ainda era estudante. Ao retornar a Roma, onde foi chamado para ensinar retórica no recém-inaugurado Colégio Romano e completar seus estudos lá, foi ordenado sacerdote em 1553 e enviado novamente a Flandres, com a missão de aprofundar as raízes da Sociedade lá, buscando o apoio real do Príncipe Filipe, que era avesso aos jesuítas,[11] que continuava impressionado com a oratória de Ribadeneyra. Lá, recebeu a triste notícia sobre a morte de seu pai espiritual. Em suas *Confissões*, Pedro descreveu os sentimentos que surgiram nele naquele dia: "Oh, meu amado Pai Inácio. Sim, eu o chamo meu, pois—embora você tenha sido o pai de toda a Sociedade—você foi especialmente o meu, porque você me gerou em Jesus Cristo."[12]

Entre muitos episódios da vida de seu pai espiritual que ele coletou para a hagiografia de Inácio, Ribadeneyra contou que

> Um dia, quando muitos de nós estávamos jantando juntos, [Ignácio] , falando de si mesmo sobre um determinado assunto, disse que consideraria uma graça especial de nosso Senhor vir de linhagem judaica; e acrescentando uma razão, ele disse: "Por quê? Imagine que um homem poderia ser parente por sangue [*secundumcarnem*] de Cristo nosso Senhor e de nossa Senhora, a gloriosa Virgem Maria!" Ele falou essas palavras com tanta emoção que lágrimas brotaram em seus olhos. Isso é algo que impressionou profundamente a todos.[13]

Em outra ocasião, o hagiografo de Loyola observou que

> Ao ouvir nosso Pai fazer a mesma afirmação, que relatei acima, ele fez o sinal da cruz e exclamou: "Um judeu?!" E ele cuspiu no chão ao ouvir esse nome. Nosso pai disse a ele: "Agora, Senhor Pedro de Zárate, sejamos razoáveis. Ouça o que tenho a dizer." E então ele deu a ele tantas razões para isso que realmente o convenceu a desejar ser de linhagem judaica.[14]

---

11 Veja ARSI, *Inst. 117a*, f. 159ᵛ. 12 "Oh, meu querido Pai Ignacio! Sim, eu o chamo de meu, pois embora Pai de toda a Companhia, fostes mais particularmente meu, pois me gerastes em Jesus–Cristo" (*Mon Rib.* 1:197). Modernizei a ortografia e a pontuação nesta e nas seguintes citações do MHSI. 13 Veja *Mon Rib.* 2: 375; e *Fontes Narr.* 2:476: "Um dia que estávamos comendo diante de muitos, a certo propósito, falando de si, disse que teria por graça especial de nosso Senhor vir de linhagem de judeus; e acrescentou a causa, dizendo:—¡Como! ¡Poder ser o homem parente de Cristo N[uestro] S[eñor] *secundum carnem*, e de nossa Senhora a gloriosa Virgem Maria!—As quais palavras disse com tal semblante e co m tanto sentimento que se lhe saltaram as lágrimas e foi algo que se notou muito." 14 "'¿ Judío'?—e, cuspindo a este nome, nosso Pai lhe disse:—'Agora, S[eño]r Pedro de Zárate, vamos a razão: ouça-me V[uestra] M[erce]d.'—E que lhe deu tantas razões para isso, que verdadeiramente o persuadiu a desejar ser de linhagem de judeus" (*Fontes Narr.* 2:477).

Uma confirmação muito menos conhecida do desejo de Inácio de ser de origem judaica vem do testemunho de Diego de Guzmán (sobre quem muito será contado abaixo), que foi incluído em sua carta para Claudio Acquaviva.[15] Ele se refere a um judeu que serviu ao Papa Paulo III e mais tarde entrou na comunidade de catecúmenos de Loyola, onde estabeleceu uma amizade com Inácio:

> Conversando com ele um dia, disse-lhe: "Eu, meu pai Inácio, preferiria, se Deus fosse servido, não ter nascido desta linhagem, pois essas pessoas perseguiram e crucificaram Jesus Cristo nosso Senhor." E nosso pai respondeu-lhe: "Você quer que eu diga o que sinto sobre isso? Para dizer a verdade, se nosso Senhor quisesse que eu escolhesse esta linhagem para nascer, não escolheria outra senão a sua. E a razão para isso é que o Senhor mesmo quis escolher esta linhagem para ele e ser filho de Abraão e David e outros patriarcas e reis; e deles era sua Santíssima Mãe, Virgem Maria, com seu esposo São José, a quem ele costumava chamar de 'Meu Pai.' E também a gloriosa Virgem, sua mãe, disse-lhe quando o encontraram no templo: 'Se u pai e eu estávamos procurando você com dor'." E ao ouvir essa resposta de nosso abençoado pai Inácio, o Novo Cristão ficou muito surpreso e grandemente consolado.[16]

Essas expressões da judeofilia de Loyola são geralmente juxtapostas a u m relato de um interrogatório pelo vigário geral da diocese de Alcalá, que suspeitava que Íñigo era cripto-judeu, muito provavelmente porque

---

15 Claudio Acquaviva: *1543 Atri (Itália); SJ 1567; †1615 Roma; sacerdote em 1574; professou em 1576. Pio IV o nomeou *cameriere segreto partecipante* na cúria papal. Mercurian o fez reitor do Colégio Romano e do colégio em Nápoles. Em 1576, foi nomeado provincial de Nápoles e em 1579 de Roma. A Congregação Geral 4 (1580) o elegeu superior geral aos trinta e sete anos. Sob seu geralato, medidas anti-converso foram adotadas; iremos analisá-las no próximo capítulo. 16 "Habiéndose catequizado en nuestra casa profesa (según entiendo), donde estaba nuestro padre, quedó con grande amistad y agra decimiento con nuestro padre y, hablando un día con el le dijo, 'Yo, padre mío Ignacio, no quisiera, si Dios fuera servido, haber nacido de este linaje por haber esta gente perseguido y crucificado a Jesús Cristo nuestro Señor.' Y le respondió nuestro padre, '¿Queréis que os diga [. . .] lo que yo siento en esto? Yo os digo [. . .] y de verdad que, si nuestro Señor quisiera darme a escoger este linaje yo quisiera nacer, no escogería otro sino este vuestro; y la razón es por haber querido el mismo Señor escogerlo para si y ser Hijo de Abraham y de David y de los otros patriarcas y reyes; y de ellos nació su santísima Madre la Virgen María con su esposo el Santo José al cual llamaba 'el Padre mío': y también la gloriosa Virgen, su madre, le dijo cuando lo halló en el templo, 'Tu padre y yo os buscábamos con dolor.' Y oyendo esta resposta de nosso bendito pai Ignacio, o novo cristão ficou muito maravilhado e com grande consolação" (ARSI, *Instit. 186e*, f. 355^{r-v}).

Fonte: *Vita Beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesu Fundatoris* (Roma, 1609), placa 36 (a gravura é provavelmente de Peter Paul Rubens). Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 2. Inácio de Loyola encarcerado pela Inquisição em Alcalá. A legenda diz: *Compluti primum, postea Salamanticae, calumnias proChristo et carcerem passus, ex ipso etiam carcere animas lucratur magnoquespiritus fervor seccensus. Non tot inquit in hac urbe sunt compedes quin plures ego Christi causa percupiam* ("Primeiro em Alcalá, e depois em Salamanca, tendo sofrido calúnias e prisão por Cristo, do mesmo cárcere [Inácio] ganha almas e é inflamado com grande fervor de espírito. Ele disse que não havia grilhões suficientes naquela cidade que ele não desejasse ainda mais por causa de Cristo"). Loyola foi encarcerado porque o vigário geral de Alcalá suspeitava dele de criptojudaísmo, provavelmente devido aos seus numerosos contatos com *alumbrados*/Erasmistas que frequentemente eram de origem converso.

de seus numerosos contatos com *alumbrados/*Erasmistas lá.[17] O secretário converso de Loyola, Polanco, narrou retrospectivamente que

> Quando, após o tempo descrito, o Vigário Figueroa veio questioná-lo, e e ntre outras coisas perguntou-lhe se recomendava a observância do Sábado, ele respondeu: "Para os sábados, recomendo uma devoção especial à Nossa Senhora, e não conheço outras observâncias para sábado. Além disso, em meu país não há judeus.[18]

Este texto muitas vezes foi interpretado como um testamento do orgulho basco de Íñigo em sua pureza de sangue (*vizcaino* tornou-se injustamente um sinônimo de Cristão Velho) e uma expressão de sua "alma guipuzcoana do século dezesseis",[19] que mais tarde seria espiritual mente transformada no desejo de Ignácio de ser judeu por sangue.[20] Essa conversão ocorreria como resultado da estreita amizade que Loyola estabeleceu com o converso Diego Laínez[21] (e Nicolas Bobadilla)[22] durante seu encontro na Universidade de Paris, onde todos se mudaram após seus estudos na Universidade de Alcalá de Henares, influenciada pelo Renascimento, que foi fundada em 1499 pelo Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros, o Inquisidor Geral.

Alguns autores também sugeriram que a *metanoia* de Íñigo se deveu à sua falta de contato com judeus.[23] Isso pode ser verdade, se não se considerar os cripto-judeus e conversos (que ainda eram comumente considerados judeus)—Loyola nasceu pouco antes de 1492, o *terminus*

---

17 Veja Bataillon, *Erasmus e Espanha*, pp. 203–44; John E. Longhurst, "São Inácio em Alcalá. 1526–1527," *AHSI* 26 (1957): 252–6; idem, *O Fantasma de Lutero na Espanha (1517–1546)* (Lawrence, Kans.: Coronado Press, 1964), pp. 103–16; e *DHCJ* 1:86. Curiosamente, alguns historiadores omitiram a questão levantada pelo vigário geral em seus relatos detalhados dos julgamentos de Loyola em Alcalá. Veja, por exemplo, Paul Dudon, *São Inácio de Loyola* (Milwaukee: Bruce, 1949), pp. 139–60; e Astrain, *História*, 1:49–55. A suspeita sobre a origem converso de Íñigo foi levantada não apenas pelo Vigário Geral J uan Rodríguez Figueroa, mas também pelos inquisidores durante o primeiro julgamento de Loyola em 19 de Novembro de 1525. Para a ata da interrogatória feita pelo franciscano Francisco Ximénes, que testemunhou no processo, veja *Mon Ign. (Scripta)*, 1:600. 18 Veja *Fontes narr.* 2:548; *Chron.* 1:37. 19 Veja Rey, "São Inácio," p. 177; Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 2; e idem, *São Inácio e os Povos do Livro*, pp. 122–3. À lista de legislação anti-judaica no país Basco de Rey, Medina acrescenta outro documento, mas ele duvida se Loyola representava a mesma mentalidade ("Ignácio de Loyola," p. 3). Para uma interpretação dos estatutos de Guipúzcoa por Américo Castro, veja Netanyahu, *Rumo à Inquisição*, p. 4. 20 Veja Rey, "São Inácio," pp. 178–9; e Reites, *São Inácio e o Povo do Livro*, p. 99. 21 Veja Reites, *São Inácio e o Povo do Livro*, pp. 123–7. 22 Veja Medina, "Ignácio de Loyola," p. 3. 23 Veja Rey, "São Inácio," pp. 177–8; e Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 6.

post quem nenhum judeu era permitido na Espanha. No entanto, em sua história sobre a interrogatória de Loyola em Alcalá, Polanco pode ter empregado um dispositivo retórico destinado a sugerir tal desenvolvimento a seus companheiros jesuítas, dos quais ele sofreu discriminação devido à sua própria origem converso, como veremos abaixo. De fato, Polanco escreveu este texto durante os últimos dois anos de sua vida, após ter sido removido de seu cargo em 1573 como parte da " limpeza de casa" anti-converso de Mercurian.[24] Ele contém a resposta do orgulho da pureza de sangue de Loyola que está ausente tanto do parágrafo que descreve o mesmo episódio no muito anterior *Summarium Hispanum* (c. 1548) quanto do que Loyola narraria pouco antes de sua morte em 1556 para seu anotador, o converso-fóbico Gonçalves da Câmara.[25] Uma defesa semelhante, mais retórica do que baseada em fatos, da pureza de sangue de Inácio foi feita por Jerônimo Nadal em sua *Apologia pro Exercitiis S. P. Ignatii* (1554):

> Ignácio é um espanhol da mais alta nobreza na província de Guipúzcoa, e m Cantábria. Nesta província, a fé católica foi preservada de forma tão pura e o zelo e a constância de seu povo na fé têm sido tão grandes desde te mpos imemoriais que não permitem que nenhum neófito viva lá. Não há registro desde os primórdios do Cristianismo de alguém que tenha sido minimamente suspeito de heresia. Isso deveria ter sido suficiente para afastar qualquer suspeita de Ignácio.[26]

---

[24] Everard Mercurian: *c. 1515 Marcourt; SJ 1548; †1580 Roma. 1552–7: reitor de Perugia; 1558–65: provincial de Flandres; 1565–72: assistente geral para a Alemanha; 1573–80: superior geral. Para seu esboço biográfico mais recente, veja Fois, "Everard Mercurian," pp. 1–33. Um dos primeiros biógrafos de Mercurian foi Antonio Possevino, que provavelmente era de origem judaica (veja abaixo). O texto permaneceu inédito (ARSI, *Vita 142*, ff. 1–15). A eleição de Mercurian e a política anti-converso serão o tema do próximo capítulo. [25] A principal fonte do *Summarium* (veja *Fontes Narr.* 1:146–256) é a carta-biografia de Laínez solicitada por Polanco, que, no entanto, não menciona a questão sobre a observância do Sábado (veja Robert Maryks, ed., *Giacomo Laínez. Prima biografi a ignaziana* [Nápoles: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1996], pp. 33–4). A chamada ***Autobiografia*** de Loyola, ditada a Câmara, mencionou brevemente que o vigário o interrogou sobre muitas coisas, até mesmo se ele "tinha observado o sábado" (veja *Acta* [61], em *Fontes Narr.* 1:448). Enquanto escrevia o *Summarium*, Polanco era secretário de Loyola e provavelmente reuniu essas informações diretamente de Inácio. Ribadeneyra, que foi acusado por Bataillon de "o crime da deformação hagiográfica" (*Erasmo*, pp. 207–8), oc ultou em sua biografia oficial de Inácio esse episódio, relatando que nada herético foi encontrado durante o processo. Além disso, em 1585 Ribadeneyra censurou essa parte na *Vita S. Ignatii* de Maffei, o que deixou Acquaviva satisfeito (veja *Fontes Narr.* 3:220). Para o imenso sucesso de impressão da *Vita* de Ribadeneyra e suas numerosas traduções, incluindo a espanhola feita pelo próprio Ribadeneyra, veja O'Malley e Walsh, *Constructing a Saint Th rough Images*, pp. 14–5.

[26] *Mon Nadal* 4:825–6: "Est Ignatius hispanus, e prima nobilitate totius provinciae hipuscuanae [*sic*] em Cantábria, na qual província é tão incontaminada a fé católica

Independentemente do motivo para defender a pureza de sangue de Loyola por seus dois mais próximos associados conversos, a atitude positiva de Inácio em relação aos judeus conversos—desenvolvida por numerosos contatos com eles antes de ser processado em Alcalá—parece ser irreconciliável com a imagem de Íñigo se orgulhando de sua linhagem de sangue puro.

Atraídos pela suposta benevolência incomum de um basco em r elação a judeus e conversos,[27] alguns estudiosos até especularam sobre a potencial origem converso de Loyola. Kevin Ingram hipotetizou em sua recente dissertação de doutorado as origens converso do avô materno de Íñigo, Dr. Martín García de Licona, que "não era apenas um mercador, [mas] um homem de letras e um conselheiro financeiro na corte—ou seja, seu perfil é muito semelhante ao de um profissional mercador converso." Consequentemente, Íñigo também seria considerado um converso.[28] Mais bem documentada é a afirmação de Ingram sobre a origem converso de muitos indivíduos que cercavam Loyola em seus "anos de peregrino": o *alumbrado* simpatizante de possível origem converso, Juan Velázquez de Cuéllar (m. 1517)—tesoureiro-chefe (*contador maior*) do Rei Fernando de Aragão (1479–1516), na corte do qual em Arévalo Loyola serviu como pajem por doze anos (1505–17); I[g]nés Pascual da família mercadora barcelonense e seu círculo piedoso que apoiou a estadia de Íñigo em Manresa, Barcelona e Paris;[29] seus dois colegas de quarto em Alcalá, Lope de Cáceres e Calixto de Sá [Sáa],[30] os amigos *alumbrado*-Erasmistas lá, seu confessor Manuel Miona e o pub-

---

conservatur, antiquissime ea fi dei constantia ac zelo sunt homines, ut nullum admittant neophytum, qui inter eos habitare possit, nullus post christianorum memoriam ex illis hominibus de minima haeresis suspicione sit notatus. Hinc fuit consequens nullam debuisse surripere suspicionis opinionem de Ignatio." Para a negação do mito que afirma que não havia judeus ou conversos em Guipúzcoa, veja José Luis Orella Unzué, "La Provincia de Guipúzcoa y el tema de los judíos en tiempos del jovem Iñigo de Loyola (1492–1528)," em Plazaola, ed., *Ignácio de Loyola e seu tempo*, pp. 847–68; e idem, *Las raíces de la hidalguía Guipuzcoana. El control de los judíos, conversos y extranjeros en Guipúzcoa durante el siglo XVI* (San Sebastián: Universidade de Deusto, 1995). [27] Veja Rey, "San Ignacio," pp. 177–8. [28] Veja Kevin Ingram, *Vidas secretas, mentiras públicas: Os conversos e o não conformismo socio-religioso na Idade de Ouro Espanhola.* Doutorado. Tese (San Diego: Universidade da Califórnia, 2006), pp. 87–8. [29] Juntamente com Inés Pascual, estava Isabel [Ferrer] Roser (futura primeira jesuíta) e seu marido Pere Joan Roser, um mercador de Barcelona, que cuidou das necessidades financeiras de Íñigo. Veja ACA, DIVERSOS, Monistrol, Perga minos, núm. 1043; e Polanco, *Summarium Hispanum*, 2:45. [30] Pergunta-se se ele estava relacionado com os irmãos conversos que Loyola mais tarde admitiria na Sociedade, Manuel e Gaspar de Sá (Saa).

publicador de Erasmo, Miguel Eguía;[31] e seus patrocinadores financeiros durante o período parisiense, Juan de Cuéllar em Antuérpia e Gonzalo de Aguilera em Bruges.[32] Aparentemente, a corte do Duque de Nájera e Vicerói de Navarra, Antonio Manrique de Lara (r. 1516–21), a quem Íñigo serviu até seu acidente que se transformou em conversão em Pamplona em 1521, também tinha laços com conversos.[33]

O ambiente *alumbrado* da estadia de Loyola na Universidade Complutense (que ele mais tarde negou)[34] foi mais extensivamente estudado por Ignacio Cacho Nazábal em seu *Iñigo de Loyola el heterodoxo*—sem, no entanto, atribuir-lhe um caráter especificamente converso.[35] Além de apontar as simpatias *alumbrado* do Duque de Nájera e analisar a estreita relação que Loyola estabeleceu com os Erasmistas, Miona e Eguía, Cacho notou as ramificações das conexões que os irmãos conversos Ortiz (que eram relacionados a Ribadeneyra) tinham com o círculo *alumbrado* em Alcalá. O accomplished biblicista parisiense e salmantino, Pedro Ortiz (m. 1548), havia defendido seu irmão franciscano, Francisco,[36] das acusações da Inquisição em Alcalá que surgiram da íntima relação espiritual deste último com a *beata* Francisca Hernández.[37] Ela havia encontrado proteção na corte de Velázquez de Cuéllar, onde Íñigo havia servido como pajem alguns anos antes, antes de sua chegada em Alcalá. Nesta cidade, Francisca Hernández tinha numerosos seguidores, que Loyola conheceu.

---

31 Veja também Loyola, *Autobiografia* [57]; Ignacio Cacho Nazábal, *Iñigo de Loyola el heterodoxo* (San Sebastián: Universidade de Deusto, 2006), pp. 155–6; Longhurst, "São Inácio em Alcalá," pp. 254–5; e Bataillon, *Erasmo*, pp. 215–7. Manuel de Miona (c. 1477–1567) do Algarve (Portugal) seguiu Loyola para Paris e tornou-se seu confessor lá. Ele eventualmente entrou na Sociedade em Roma em 1544 e trabalhou mais tarde com Juan Jerónimo Doménech na Sicília (veja *DHCJ* 3:2683). Os irmãos de Miguel de Eguía y Jassu, Diego e Estéban, fizeram amizade com Loyola em Alcalá e juntaram-se ao grupo *íñi-gistas* em Veneza em 1537. Eles eram de Estella (Navarra) e estavam relacionados por sangue com o jesuíta Francisco Xavier. Diego (c. 1488–1556) mais tarde tornou-se o confessor de Inácio (veja *DHCJ* 2:1220–1). 32 Veja Ingram, *Vidas secretas, mentiras públicas*, pp. 98–9. 33 Veja Ingram, *Vidas secretas, mentiras públicas*, pp. 88–9. 34 Veja sua carta ao Rei João III de Portugal de 1545 em *Mon Ign.* 1:296–7. 35 Veja especialmente pp. 149–91. 36 Francisco, Pedro e Juan (o secretário do Almirante de Castela, Farique Enríquez) nasceram de Sancho Ortiz e Ysabel Yáñez de Toledo. Francisco entrou para os franciscanos em 1521, onde alcançou notoriedade, mas como resultado do endosse da legislação de pureza de sangue por sua Ordem em 1525, ele sofreu discriminação. 37 Veja Angela Selke, *El Santo Offi cio de la Inquisición. Proceso de Fr. Francisco Ortiz (1529–32)* (Madri: Ed. Guadarrama, 1968); e Camilo M. Abad, "Unas 'Anotaciones' do doutor Pedro Ortiz e de seu irmão fray Francisco sobre os Exercícios espirituais de san Ignacio," *AHSI* 25 (1956): 437–54.

foi Pedro quem acusou Íñigo perante a Inquisição em Alcalá e quem o acusaria novamente de seduzir estudantes (seu parente, Pedro de Peralta, entre eles)[38] na Universidade de Paris, mas ele mais tarde se tornaria o defensor de Loyola e o benfeitor da Sociedade em Roma, onde atuou como embaixador do Imperador Romano Santo junto ao papa. De fato, em 1537, ele apresentou os companheiros de Inácio ao Papa Far nese (Paulo III), que deu sua bênção para a missão de proselitismo que nunca seria realizada em Jerusalém. Em 1538, Ortiz se isolou com Loyola por quarenta dias no monastério beneditino de Monte Cassino para fazer os Exercícios Espirituais, mas ele eventualmente discerniu não entrar na Sociedade.[39] No entanto, ele aconselhou seu parente mais jovem, Pedro de Ribadeneyra, a fazê-lo. Anos depois, o sobrinho homônimo de Pedro Ortiz também entrou na Sociedade.[40]

Se combinarmos os resultados dos estudos mencionados anteriormente com os de Francisco de Borja Medina—praticamente o único historiador jesuíta que explorou o contexto socioétnico dos primeiros jesuítas—podemos reconstruir, de forma provisória, uma ampla rede de conexões conversas de Loyola. Medina, por exemplo, destacou a interdependência entre as cidades de Burgos, Segóvia e Medina del Campo que Inácio visitou enquanto servia na corte iti nerante do Rei Fernando (e, assim, seu tesoureiro Velázquez) e seus apoiadores financeiros durante os estudos em Paris: Aguilera, Cuéllar e Cuadrado.

Gonzalo de Aguilera de Burgos foi um dos principais mercadores e proprietários de navios em Bruges (os Países Baixos Espanhóis). Durante suas viagens de negócios a Paris, Loyola o hospedou em seu próprio quarto. Algumas décadas depois, Aguilera apoiaria financeiramente a fundação do Colégio Jesuíta em Bruges. Quando Loyola, por sua vez, foi a Bruges em 1529 para buscar dinheiro para suas despesas de alimentação e hospedagem em Paris, jantou com o renomado humanista converso de Valência, Joan Lluís Vives, que morava ao lado da casa de Aguilera (Hôtel den Pynappel na Langhe Winkle Street). É interessante notar que o relato desse encontro vem do jesuíta Juan Alfonso de Polanco por meio de seu amigo e discípulo de Vives, Álvaro de Maluenda (do clã converso em Burgos, ao qual a avó de Polanco e seus ancestrais pertenciam), que

---

[38] Pergunta-se se este Peralta é o posterior mestre converso da escola da catedral em Toledo, um dos principais oponentes das estátuas de Silíceo, descrito por Samson em seu " O *adelantamiento* de Cazorla," pp. 823 e 832–3. [39] Veja Loyola, *Autobiografia* [96]. [40] Veja ARSI, *Hisp. 116*, ff. 129–30.

Fonte: *Vita Beati P. Inácio de Loyolae Societatis Iesu Fundatoris* (Roma, 1609), placa 38 (a gravura é provavelmente de Peter Paul Rubens). Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 3. Íñigo acusado de seduzir estudantes na Universidade de Paris.

também era conhecido de Loyola em Paris. A esposa de Aguilera, Ana, estava intimamente relacionada a Juan de Castro, um dos primeiros colegas e discípulos de Íñigo em Paris (antes de formar o futuro núcleo da Sociedade). Após obter seu doutorado, Castro voltou para Burgos e entrou na *Cartuja* Vall de Cristo, perto de Segorbe, onde Loyola o visitou durante sua última viagem à Espanha em 1535.[41]

Durante outra viagem de arrecadação de fundos para Flandres, desta vez para Antuérpia, Inácio foi recebido na casa Den Roozenkrans de Juan de Cuéllar, de Segóvia, que havia se mudado para Antuérpia e se tornado um dos comerciantes mais afluentes da cidade. Ele provavelmente era parente de Juan Velázquez de Cuéllar, tesoureiro-chefe do Rei Fernando de Aragão, a quem Íñigo havia prestado seus serviços.[42] A família do *contador* era conhecida por seus laços de *alumbrado*/converso, como vimos acima. Na casa de Juan de Cuéllar, Loyola foi apresentado a outro comerciante, Pedro Cuadrado, de Medina del Campo, que anos depois forneceria para a fundação do Colégio Jesuíta em sua cidade natal, onde também nasceram os jesuítas conversos, os irmãos Loarte,[43] os irmãos Acosta,[44] Baltasar de Torres,[45] Gregório de Valência e José de San Julián[46] .[47]

---

41 Veja Francisco de Borja Medina, "Íñigo de Loyola e os mercadores castelhanos do Norte da Europa. O financiamento de seus estudos na Universidade de Paris," *AHSI* 51 (1999): 177 e 189. 42 Veja Medina, "Íñigo de Loyola e os mercadores," p. 186. 43 Para mais sobre ele, veja abaixo. 44 José de Acosta: *1540 Medina del Campo (Valladolid); SJ 1552; † 1600 Salamanca; sacerdote em 1566; professo em 1570. Ele foi um dos cinco filhos de um mercador converso de Medina del Campo que entrou na Sociedade. Em 1572, chegou a Lima, onde se tornou superior provincial (1576–82) e escreveu obras importantes sobre os Ameríndios. Acosta morreu em Salamanca em 1600. Veja *DHCJ* 1:10; *Enciclopedia Cattolica* 1:228–30. Para a discussão sobre a ancestralidade judaica de Acosta, veja Claudio M. Burgaleta, *José Acosta, S.J. (1540–1600). Sua Vida e Pensamento* (Chicago: Loyola University Press, 1999), pp. 126–7. Ele desempenhou um papel importante na convocação da Congregação Geral 5 (1593), como veremos abaixo. 45 Baltasar de Torres: *1518 Medina del Campo (Valladolid, Espanha); SJ 1553; †1561 Nápoles; sacerdote em 1553 (veja *DHCJ* 4:3818). 46 José de San Julián: *c. 1544; SJ 1561 Salamanca; sacerdote 1569 Loreto; professo 1570 Messina. Ele foi dispensado por Acquaviva em 1589 (ele pertencia ao movimento *memorialistas*), mas depois readmitido. Ele morreu em Nápoles em 29 de abril de 1605 (veja *DHCJ* 2:2616). 47 Sobre outros conversos que receberam treinamento dos jesuítas da cidade, mas retornaram ao Judaísmo, veja Miriam Bodian, *Morrendo na Lei de Moisés: Martírio Cripto-Judaico no Mundo Ibérico* (Bloomington: Editora da Universidade de Indiana, 2007), p. 58.

No contexto da origem converso de tantos indivíduos que cercavam Inácio até sua estada em Paris, a aceitação de Bobadilla, Rodrigues e especialmente de Laínez no grupo de discípulos que ele atraía na Universidade de Paris parece ser bastante lógica, a menos que a ancestralidade converso de seus discípulos fosse absolutamente desconhecida para ele. Isso pode ter sido verdade no que diz respeito a Simão Rodrigues [de Acevedo], , cuja possível ancestralidade judaica ainda precisa ser explorada, mas as origens converso de Bobadilla e especialmente de Laínez eram bastante conhecidas.

Se o mítico orgulho basco anti-judeu de Loyola tivesse sido real, é improvável que o jovem Laínez, de vinte e um anos, tivesse seguido Loyola até Paris passando por Almazán e se submetido completamente à sua orientação espiritual e aos planos apostólicos de proselitismo entre muçulmanos na Terra Santa. Pelo contrário, mesmo que Íñigo já tivesse deixado Alcalá quando Laínez chegou lá,[48] Laínez deve ter ouvido sobre os problemas de Loyola com a Inquisição, seu aprisionamento de quarenta e dois dias, seu interrogatório pelo vigário geral da diocese que suspeitava de marranismo, e os contatos que ele havia estabelecido na universidade com tantos *alumbrados* e/ou Erasmistas. Laínez escolheu estudar teologia não em Alcalá, mas em Paris, pois era movido pela " fluidez misteriosa" de Loyola — seu nome apenas soava como um desafio.[49] Com seu melhor amigo, Alfonso Salmerón,[50] ele se juntou ao grupo de Loyola (composto

[48] Veja Georg Schurhammer, *Francisco Xavier; Sua Vida, Seus Tempos* (Roma: Instituto Histórico Jesuíta, 1973), vol. 1, p. 205. [49] Veja Scaduto, *Governo*, pp. 125–6; Cereceda, *Laínez*, 47–8; e James Brodrick, *A Origem dos Jesuítas* (Chicago: Loyola University Press, 1960, 1940), p. 1. [50] Alfonso Salmerón: *1515 Olías (Toledo); sacerdote em 1537, professo em 1541; †1585 Roma. Filho de Alonso Salmerón e Marina Díaz, foi um amigo próximo de Laínez desde a adolescência, com quem estudou em Sigüenza, Alcalá e Paris. Era irmão do jesuíta Diego Salmerón e provavelmente também estava relacionado ao jesuíta Baltasar Salmerón. Juntamente com Laínez e Favre, participou do Concílio de Trento. Foi o primeiro provincial de Nápoles (1558–76) e vigário geral durante a ausência de Laínez em Roma em 1562. Ele apoiou entusiasticamente o lobby dos conversos durante a Congregação Geral 3, como veremos a seguir. É autor de onze volumes de comentários sobre os evangelhos. Alguns estudiosos afirmaram que tinha ascendência de converso: veja Friedman, "Conversão Judaica, as Leis de Sangue Puro Espanholas e a Reforma," p. 3; Gómez-Menor, "A progenie hebrea do Padre Pedro de Ribadeneira," p. 308; e José Gonçalves Salvador, *Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição (Aspectos de sua atuação nas capitanias do Sul, 1530–1680)* (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969), p. 3.

Fonte: *Vita Beati P. Inácio de Loyolae Societatis Iesu Fundatoris* (Roma, 1609), placa 39 (a gravura é provavelmente de Peter Paul Rubens). Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 4. Íñigistas em Paris: o núcleo da futura Sociedade de Jesus. A legenda diz: *Iuvenes ex Academia Parisiensi novem eligit ac socios consilii sui destinat* ("[Inácio] escolhe nove jovens da Universidade de Paris e os torna companheiros de seu projeto"). Os primeiros nove companheiros de Loyola em Paris tornaram-se o núcleo da futura Sociedade de Jesus (entre eles Favre, Xavier, Laínez, Bobadilla e Rodrigues). Nadal e Polanco, os futuros colaboradores mais próximos de Inácio, não se juntaram ao grupo naquela época, apesar de estarem em contato com os *íñigistas* durante seus estudos em Paris.

até então de Pierre Favre[51] e Francisco Xavier)[52] em 1533, após ter feito os Exercícios Espirituais Ignacianos sob a direção de Loyola.

Embora só possamos especular sobre isso, é bastante improvável que Laínez não tenha revelado sua ancestralidade judaica a Loyola, com quem estabeleceu uma relação tão íntima.[53] A família de Laínez de Almazán (Sória) já era cristã há quatro gerações, mas a consciência de seus elementos cripto-judaicos deve ter sido vívida na mente de Diego, pois a irmã de seu pai, Luisa Laínez, foi julgada pela Inquisição de Cuenca ainda em 1537,[54] e um bom número de seus outros parentes foi realmente condenado por judaizar,[55] um fato que Jerônimo Nadal pode não ter sabido (ou ocultado) quando defendeu a família de Laínez como cristã exemplar:

> Nosso Pai [Laínez], embora ele venha dessa linhagem, conhecia seus pais, avós e bisavós como bons cristãos e nobres no mundo; seus costumes, vida e privilégios eram tais que sua família nunca foi conhecida pela marca de sua linhagem ou pelo perigo de inconsistência na fé.[56]

Certamente, os companheiros parisenses devem ter tido um conhecimento melhor da família de Laínez: Loyola visitou o pai de Diego, Juan, em Almazán, e seu mestre em Sigüenza, Dr. Gasca, onde viajou de sua terra natal, Guipúzcoa, no final de 1535;[57] e Favre

---

[51] Pierre Favre: *1506 Villaret (Savoie); †1546 Roma; sacerdote em 1534 em Paris; professo em 1541. Após um curto período de ministérios na Itália, acompanhou Pedro de Ortiz (veja abaixo) a Worms e Ratisbona, e depois à Espanha, onde estabeleceram as bases para vários colégios jesuítas. Subsequentemente, trabalhou em terras alemãs, Portugal e Flandres. Destinado a participar do Concílio de Trento, morreu prematuramente em Roma aos quarenta anos (veja *DHCJ* 2:1369–70). [52] Francisco Xavier: *1506 Javier (Espanha); † 1552 Ilha Shangchuan (Mar do Sul da China); sacerdote em 1537; professo em 1541. Enviado por Loyola à Índia em 1541, atuou também na Indonésia (1542–9) e no Japão (1549–51). Sobre sua política em relação aos conversos, veja abaixo. [53] Possevino faz esse argumento em sua *Bibliotheca selecta* (Colônia: apud Joannem Gymnicum sub Monocerote, 1607), Liber IX: "De Iudaeis, et Mahometanis, ac ceteris gentibus iuvandis," pp. 436–41. [54] Veja Carrete, *Judeoconversos de Almazán*, p. 136. [55] Veja Enrique Sanz, "Os Laínez e a limpeza de sangue," *Perfi cit* 17 (1993): 65–71. [56] "Nosso Pai [Laínez], embora venha de dito linaje, conheceu, no entanto, seus pais, avós e bisavós bons cristãos e nobres segundo o século, e em seus costumes, vida e privilégios, tais que nunca sua casa teve nota alguma por parte de seu linaje por perigo de inconstância na fé" (*Mon Laínez* 8:831). Veja Rey, "São Inácio," pp. 187–8, onde insiste muito na "cristianidade" de Laínez ao citar o texto acima de Nadal. [57] Veja Loyola, *Autobiografia* [90].

con-

visitou a família de Laínez em Almazán em 1542.[58] Lá, Loyola e Favre encontraram, entre outros, os dois irmãos mais novos de Diego, Marcos e Cristóbal, que mais tarde ingressariam na Sociedade. Talvez nessas ocasiões também tenham conhecido a irmã de Diego, María Coronel, que mais tarde se casou com Juan Hurtado de Mendoza—um membro de uma das famílias mais proeminentes de Sevilha—e lhe deu dois filhos que seguiriam a vocação de seu tio Diego na Sociedade.

Possuímos muito pouca informação sobre esses parentes jesuítas de Diego, exceto por Cristóbal (nascido em 1528), que entrou na Ordem Jesuíta não menos que três vezes e frequentemente era motivo de embaraço para seu distinto irmão mais velho. Loyola o admitiu na Ordem em Roma em 27 de dezembro de 1547. Inquieto e inconstante, Cristóbal se deslocou de uma casa jesuíta para outra: de Roma para Veneza, para Pádua, para Bolonha, para Loreto, para Florença e de volta a Roma. Apesar do julgamento negativo de Diego sobre sua baixa proficiência acadêmica e espiritual, Cristóbal foi ordenado sacerdote em Palermo em abril de 1556, mas seu próprio irmão, agora no papel de superior geral, o dispensou três anos depois.[59] Embora para Nadal ele fosse um palhaço e para Salmerón estivesse manchando a boa memória de seu irmão mais velho, Borja o readmitiu em 1567, apenas para dispensá-lo quatro anos depois. Finalmente, Claudio Acquaviva—apesar de sua política anti-converso—deixou Cristóbal reentrar pela terceira e última vez em 1582. Ele acabou morrendo como jesuíta em 1592, apenas um ano antes de o decreto anti-converso de Acquaviva ser promulgado.

O caso de Cristóbal Laínez mostra que, para a liderança jesuíta inicial, o critério mais importante para admitir um candidato era sua adequação espiritual e educacional, independentemente de sua li nhagem, embora a questão da origem converso dos candidatos jesuítas fosse, é claro, relevante para Loyola (e qualquer ibérico da época) — ele posteriormente a incluiria no *Exame Geral*, que descreve a admissão de candidatos jesuítas, como veremos a seguir. Nessa perspectiva, o pedido de Loyola para que Diego Laínez pregasse no batismo do primeiro judeu convertido da casa de catecúmenos (*Casa dei Catecumeni*) que ele havia fundado pode ser visto como uma confirmação pública de sua simpatia inegável pela origem converso de Laínez, ou de qualquer outro Novo Cristão, jesuíta ou não.

---

[58] Veja *Mon Fabri*, pp. 152 e 435; e Cereceda, *Laínez*, p. 87. [59] Veja William V. Bangert, *Claude Jay e Alfonso Salmerón: Dois Jesuítas Iniciais* (Chicago: Loyola University Press, 1985), pp. 262–3 e 320; e Scaduto, *Governo*, p. 124.

Fonte: Pedro de Ribadeneyra, *Vita P. Jacopo Laynis* (Colônia, 1604). Cortesia da Biblioteca J ohn J. Burns do Boston College.

Figura 5. Diego Laínez (1512–65), o jesuíta converso mais proeminente. O jesuíta italiano converso-fóbico Benedetto Palmio retratou Laínez como "um israelita de fato—como ele admitiu publicamente—mas em quem não havia engano" (veja Apêndice I, *Memorial* [6]). Ao contrário de Sacchini, a biografia de Laínez por Ribadeneyra, da qual este retrato provém, silenciou sua ancestralidade judaica. A pesquisa moderna estabeleceu a genealogia judaica de Laínez, que já era conhecida por seus contemporâneos.

Fonte: *Vita Beati P. Inácio de Loyolae Societatis Iesu Fundatoris* (Roma, 1609), placa 66 (a gravura é provavelmente de Peter Paul Rubens). Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 6. Inácio de Loyola convertendo um judeu

A legenda diz: *Obstinatum Iudaeum tribus hisce verbis convertit: Mane nobiscum Isaac* (“Com estas três palavras [Inácio] converte um judeu obstinado: ‘Fique conosco, Isaac’ ”). Uma das primeiras fundações de Loyola em Roma foi a Casa dos Catecúmenos (*Casa dei Catecumeni*), que acolhia judeus dispostos a se converter. O primeiro judeu daquela comunidade que foi batizado no domingo, 18 de setembro de 1541, era um homem rico de trinta e dois anos com “boa aparência e bons hábitos”, assim como o judeu representado no centro desta gravura. Os dois jesuítas ao fundo podem ser Diego Laínez, que pregou no batismo.

› e Alfonso Salmerón › quem administrou o sacramento.

O judeu que foi batizado pelo amigo adolescente de Laínez, Salmerón, era um homem rico de trinta e dois anos, de "boa aparência e bons hábitos." As circunstâncias que levaram à sua conversão eram bastante intrigantes. Ele estava namorando uma prostituta cristã há várias semanas, que—acusada de se misturar com um judeu—foi presa. O próprio homem evitou a prisão escondendo-se na casa dos jesuítas para catecúmenos. Quando os jesuítas souberam sobre sua desgraça, conseguiram, com o apoio de pessoas influentes, tirar a pobre mulher da prisão em cinco horas e colocá-la na comunidade que Loyola administrava para prostitutas romanas—Casa de Santa Marta. Logo, o casal expressou seu desejo de se casar, e os jesuítas organizaram um casamento que ocorreria imediatamente após o batismo do judeu. A cerimônia, realizada no domingo, 18 de setembro de 1541 (não mais de um ano após a aprovação oficial da Sociedade), foi o evento inaugural do primeiro projeto de proselitismo de Loyola entre os judeus romanos. Foi celebrada com pompa—entre os convidados que compareceram à cerimônia estavam não apenas a *Madama*, Margaret de Áustria (esposa do neto do papa, Ottavio Farnese), [60] que se dedicou ao projeto, mas ta mbém os cardeais de Santiago e Burgos, os embaixadores do imperador [Carlos V] e de Portugal, além de muitos bispos e nobres. Loyola relatou esses fatos dois dias após o evento em uma carta a Favre, que estava acompanhando o converso Embaixador Imperial Pedro Ortiz em sua missão a Worms e Ratisbona.[61] O sobrinho deste último, Ribadeneyra, que estava presente em Roma naqueles anos e provavelmente na cerimônia de batismo-matrimônio, ficou feliz em narrar em sua biografia posterior de Loyola o desenvolvimento do projeto que envolvia os co-religionários de seus ancestrais:

> Muitos Judeus, movidos pelo amor de nossos companheiros jesuítas ou pelo bom exemplo de alguns de seus próprios que já haviam sido batizados, se converteram à nossa fé. Entre eles estavam alguns dos Judeus mais respeitados, que eram extremamente importantes para converter outros, pois podiam persuadir claramente e com firmeza os outros Judeus, mostrando-lhes pela Escritura que Jesus Cristo, nosso Senhor, é o verdadeiro Messias prometido.[62]

---

[60] Para sua representação e correspondência com Loyola, veja Hugo Rahner, *São Inácio de Loyola. Cartas para Mulheres* (Freiburg: Herder, 1960), pp. 75–92. [61] Veja *Mon Ign.* 1:181–4. A partir daí, Favre acompanhou Ortiz até a Espanha, onde este ajudou aquele a fundar os colégios jesuítas em Barcelona, Saragossa, Medinaceli, Madri, Ocaña e Toledo (veja *DHCJ* 2:1369). [62] Veja Polanco, *Vita* 3:9; e *Fontes Narr.* 4:404.

Essa cadeia familiar de conversões funcionou, por exemplo, no caso de um homem judeu de vinte e cinco anos que havia sido preso. Sua mãe (que era cristã há quatro anos), defendendo seu filho, pediu ao Cardeal de Trani [Giovan Domenico de Cupis] que a ajudasse a tirar seu filho da prisão. O cardeal se voltou para Inácio, que ofereceu uma solução astuta: o jovem judeu seria libertado, se prometesse que seu filho de dois anos seria batizado e seu irmão adolescente seria catequizado. A promessa foi cumprida: o judeu deixou a prisão e, subsequentemente, entrou na comunidade de catecúmenos jesuítas, onde seu filho já estava sendo preparado para o batismo. Além disso, como uma carta circular a todos os jesuítas de 1544 relatou,[63] a esposa do jovem, sua cunhada com seu esposo e sua sogra também prometeram se converter. O secretário de Loyola concluiu a carta pedindo a Deus que "iluminasse todos os outros infiéis, para que abandonem as trevas e recebam a verdadeira luz."[64]

Uma maneira de iluminar os judeus era forçá-los a entrar em uma igreja e pregar para eles, uma prática que seria legalmente reativada pela bula de Gregório XIII *Vicus eius nos* em 1577.[65] Em resposta, os jes uítas forneceram pregadores na Confraria da Santíssima Trindade, onde os judeus romanos eram obrigados a assistir a sermões. Um deles se tornaria mais tarde Antonio Possevino, que, após sua nomeação como secretário da Sociedade (1573), esteve ativamente envolvido na *Casa deiCatecumeni*.[66] Seu predecessor, Polanco, escreveu uma carta circular para a Sociedade em 1561, na qual relatou que o vigário de Roma ordenou que todos os judeus assistissem ao sermão de duas horas pregado por Laínez. O zelo deste último em converter os co-religionistas de seu bisavô também foi testemunhado em seu sermão em um auto-da-fé celebrado em Palermo.

Para tornar seu apostolado entre os Judeus mais bem-sucedido, Loyola pressionou o Papa Paulo III a mudar a política papal em relação aos Judeus convertidos e a emitir em 1542 a bula *Cupientes Iudaeos*, que permitia que os catecúmenos mantivessem sua propriedade após a conversão.[67] Através

---

63 Veja *Mon Ign.* 1:288–9. 64 "Nuestro Señor le dé gracia para ello y a todos los otros infi eles se digne iluminar para que, dejadas las tinieblas, reciban la verdadera luz" (*Mon Ign.* 1:289). 65 O Papa Gregório XIII (1502–85), nascido Ugo Boncompagni, foi papa de 1572 a 1585. Muito sobre seu papel nos assuntos da Sociedade abaixo. Sobre sua relação com os jesuítas, veja também *DHCJ* 3:2974–5. 66 Veja Donnelly, "Antonio Possevino e Jesuítas de Ancestra Judaica," p. 6. 67 Veja Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 12. Para o texto da bula, veja *Bullarium Romanum* (Turim: Seb. Franco e Henrico Dalmazzo editoribus, 1890), vol. 6, pp. 336–7.

de outra bula, *Illius qui pro dominici*, o mesmo papa estabeleceu oficialmente, a pedido de Loyola, a Confraria de São Giuseppe, que—composta por doze sacerdotes com Giovanni da Torano como seu chefe—apoiaria financeiramente a Casa dos Catecúmenos. Em sua sede, a igreja de São Giovanni del Mercato (hoje inexistente), os jesuítas—impelidos por alguns patronos proeminentes e pelas próprias sinagogas romanas das quais o Papa Júlio III (1550–5) solicitou uma contribuição anual de dez ducados—proporcionaram-lhes abrigo, alimentação e instrução. Em 1558, a Confraria sustentava quase 200 catecúmenos e neófitos.[68]

do jovem,

Como observou James Reites,[69] a mentalidade aberta de Loyola em relação aos convertidos judeus deve ser contrastada com seu apoio à legislação papal anti-judaica durante o pontificado do temido e pouco apreciado (pelos primeiros jesuítas) Papa Paulo IV. De fato, Loyola tinha muitas cópias da bula mais discriminatória de Carafa, *Cum nimis absurdum* (1555), enviadas para as casas jesuítas, e ele ordenou que fosse observada.[70] Entre as muitas restrições econômicas e religiosas para os judeus nos Estados Papais, o documento do papa estabeleceu o primeiro ghetto romano e forçou os judeus a usar um chapéu amarelo distintivo (homens) ou lenço (mulheres), pois "é completamente sem sentido e inadequado estar em uma situação onde a piedade cristã permite que os judeus (cuja culpa—tudo por sua própria culpa—os condenou à escravidão eterna) tenham acesso à nossa sociedade e até mesmo vivam entre nós."[71]

Loyola, apesar de suas reservas, obedeceu ao Vigário de Cristo incondicionalmente, mas a consequência lógica de sua aceitação de convertidos judeus na Igreja Católica foi sua política de não discriminação em relação a candidatos de origem judaica que desejava m ingressar na Ordem Jesuíta. Parece que a firme recusa de Loyola em incorporar o conceito ibérico de pureza de sangue nas *Constituições* jesuítas foi o resultado de um longo discernimento. O relatório de Laínez sobre a política pró-converso de Inácio na Sociedade pode sugerir tal progresso: "A razão pela qual não podemos excluí-los é que, se você se lembra, Sua Reverência escreveu sobre

---

[68] Para o desenvolvimento adicional deste projeto, veja Lance Gabriel Lazar, *Trabalhando na Vinha do Senhor: Confrarias Jesuítas na Itália Moderna Inicial* (Toronto: University Press de Toronto, 2005), especialmente pp. 112–8. [69] Veja Reites, "São Inácio e os Judeus," pp. 13–7. [70] Veja *Mon Ign.* 1:351, 362–3, 374, 385, 388, 455, 463 e 544. Veja também Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 10. [71] Veja Keneth R. Stow, *Pensamento Católico e Política Judaica Papal 1555–1593* (Nova Iorque: Seminário Teológico Judaico, 1977).

isto ao nosso Pai [Inácio], e então nosso Pai, *depois de considerar cuidadosamente a questão e recomendá-la ao nosso Senhor* [ênfase minha],decidiu contra isso [a exclusão], e isso é o que ele colocou nas *Constituições*."[72]

O historiador jesuíta Francisco Borja de Medina trouxe à luz algumas das instruções iniciais de Loyola dadas a seus companheiros que confirmam uma evolução do pensamento do superior geral jesuíta sobre o assunto.[73] Em 1545 (apenas cinco anos após a aprovação papal da Sociedade), ele escreveu de forma ambígua a um de seus primeiros companheiros parisenses, Pierre Favre, que a questão da aceitação de alguns Novos Cristãos está sendo cuidadosamente avaliada em Roma, pois a Sociedade é chamada a edificar todos, um objetivo que requer pessoas que não estejam "nos arquivos" [da Inquisição], para que o resultado espiritual da Ordem permaneça inabalado:[74]

> No que diz respeito à aceitação de Novos Cristãos, o que fazemos aqui é o seguinte: levamos em conta que o objetivo da Sociedade é ser capaz e saber co mo edificar todas as pessoas em todas as coisas. Isso requer pessoas livres de qualquer marca [*nota*], que poderia dificultar o fruto espiritual. No entanto, elas poderiam fazer isso com muito mais glória, talento, mortificação e bom exemplo de vida. Tudo isso compensaria e até mesmo esclareceria o defeito [*falta*],e, de certa forma, daria ainda maior glória a Deus nosso Senhor.[75]

Favre recebeu muita liberdade, no entanto, para fazer suas escolhas de acordo com as circunstâncias locais. Nove anos depois, Polanco (ele mesmo um converso) escreveu para Diego Mirón, o superior espanhol da província portuguesa, que Loyola estava lembrando-o de que ser de linhagem de Novo Cristão não é um impedimento que excluiria um homem da Sociedade, pois não há distinção entre Judeus e Gregos.

---

[72] Laínez para Araoz, em Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 33. [73] Veja Medina, "Ignácio de Loyola," pp. 6–7. [74] Em outro texto, Loyola explicou a razão da cautela da Sociedade—" por la enfermedad humana y tanta indisposición de los que deben recibir la palabra divina" (*Const*. [250–1]). [75] "Quanto ao aceitar alguns cristãos novos, o que aqui fazemos é bem visto, pois a Companhia é para em tudo poder e saber edificar a todos, pelo que requer pessoas alheias de toda nota que impeça o fruto espiritual, e isso, principalmente nas partes onde devem frutificar, bem poderia ser com muito maior glória, talento, mortificação e exemplo de vida, o que supriria e esclareceria a falta, e antes de alguma maneira daria mais glória a Deus N.S., etc. Poderão fazer nisso como lhes parecer segundo os costumes da terra e condição, etc. que o que fizerem e como sentirem ser maior, isso mesmo teremos por bem" (*Mon Ign.* 1:334–6).

unidos no mesmo espírito do serviço divino,[76] ainda que se deva ter mais cautela ao receber Novos Cristãos, porque eles costumam ser homens difíceis. Loyola aconselhou adicionalmente através de seu secretário que sujeitos desse tipo não deveriam ser sobrecarregados por muita interrogatória sobre sua linhagem, e se houvesse dificuldade local em aceitá-los, poderiam ser enviados para outro lugar, desde que fosse m bons súditos.[77]

A instrução de Loyola originou-se pelo caso de Enrique Enríques[Henrique Henríquez],[78] que entrou na Sociedade em 1552. Ele nasceu no Porto (Portugal) do médico Simão Lópes e Isabel Enríques, que ambos se converteram do Judaísmo. Assim como o irmão de Ribadeneyra, ele inverteu a ordem de seus nomes paternos e maternos, uma prática padrão de conversos no século dezesseis destinada a ocultar a ide ntidade de converso.[79] De fato, seus irmãos, Manuel e Baltasar, que também entraram na Sociedade, levaram o nome de seu pai (Manuel conseguiu se tornar o superior provincial de Toledo até a eleição conspiratória anti-converso de Mercurian). Diego Mirón seguiu a instrução de não discriminação de Inácio—uma vez que Enrique não tinha impedimento, ele foi mantido na Sociedade, mas enviado para a Espanha, onde se tornou um professor destacado de casuística e autor do primeiro manual jesuíta de teologia moral, *A soma da teologia moral* (Salamanca, 1591). Dificuldades com sua aprovação pela Congregação Geral 5 em 1593 (a mesma assembleia

---

[76] Veja a Carta de Paulo aos Gálatas 3:27–9, que foi amplamente citada nos escritos pro-converso, como vimos no capítulo anterior. [77] "E advierta V[uestra] R[everencia] que o ser de linhagem de cristãos novos não é impedimento que exclua da Companhia, embora faça abrir os olhos mais para o receber os tais com provas suficientes, pelo que costuma muitas vezes encontrar-se em semelhantes homens, que é ser difíceis; e desto em fora, na Companhia *non est distinctio jud[a]ei et gr[a]eci, etc.*, quando são unidos no mesmo espírito do divino serviço com os outros. E advierta V.R. que é notado de olhar muito nisso, ou por melhor dizer, de tratar disso algo mais do que convém ao descobrimento, o que seria para desconsolar e ainda tentar não ligeiramente algum bom suspósito, a quem toca algo disso. É verdade que, se pela disposição dos ânimos de uma terra não fosse coisa edificativa aceitar algum tal, destreitamente se poderia endereçar a outra parte, se fosse bom suppósito" (*Mon Ign.* 12:569). [78] Enrique Enríques: *1536 Oporto, †1608 (Tivoli). Veja AHN, Inquisição, lib. 580, f. 147^{r}; *DHCJ*, 1:1900–1; Robert A. Maryks, "Censo dos Livros Escritos sobre Confissão Sacramental (1554–1650)," *Annali di storia moderna e contemporanea*, anno X (2004): 460–1; Astrain, *História*, 3:370–2; e *A Enciclopédia Católica* (http://www.newadvent.org/cathen/07220a.htm).[79] Veja Antonio Domínguez Ortiz, "Os conversos de origem judía depois da expulsão," em Carmelo Viñas y Mey, ed., *Estudos de história social de Espanha* (Madri: Instituto Balmes de Sociologia. Conselho Superior de Investigações Científicas, 1955), p. 375.

que emitiu o decreto anti-converso) causou a transferência temporária de Enríques para os Dominicanos. Ao retornar à Sociedade e com o apoio de seu ex-discípulo converso, Francisco Suárez,[80] e Gregório de Valência, [81] ele participou do movimento separatista ibérico contra o Superior Geral Acquaviva conhecido como *memorialistas*, como veremos no próximo capítulo.

O exemplo mais irresistível de quanto crédito Loyola deu a candidatos de ancestralidade judaica foi sua decisão de admitir em 1551 Giovanni Battista Eliano (romano), o neto do famoso gramático e poeta Rabbi Elijah Levita (1468–1549) que se estabeleceu em Veneza, cujo irmão mais velho, Vittorio, também se converteu ao catolicismo e se tornou um censor de livros judaicos em Cremona.[82] Ele entrou na Sociedade aos vinte e um anos, apenas três meses após seu batismo,[83] que havia sido administrado pelo renomado humanista jesuíta, André des Freux, ou Frusius (c. 1515–56).[84] Após dez anos de treinamento, foi ordenado sacerdote e recebeu uma das missões ecumênicas mais delicadas que o papado do século dezesseis organizou—para o patriarca copta em Cairo, Gabriel VII (r. 1526–69), e para os maronitas libaneses. A primeira missão ocorreu em 1561–2 sob Laínez, que—provavelmente tendo em mente a rede judaica mediterrânea—escolheu Eliano para acompanhar Cristóbal Rodríguez, um jesuíta converso de Hita em

---

[80] Francisco Suárez [de Toledo]: *1548; †1617. Para mais informações sobre ele, veja abaixo. [81] Gregório de Valência: *1549 Medina del Campo; SJ 1565; †1603 Nápoles. Ele havia sido um renomado teólogo em Inglolstadt, Dilingen e Roma. Veja *Elogia virorum insignorum Germ. Sup. S.J. 1552–1651*, em Arch. Prov. Germ. Sup., Mscr. V, 57, ff. 57–8; Joszef Fejér, *Defuncti primi saeculi Societatis Iesu* (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1982), 2:236; e *Mon Nadal* 4:726–7. [82] Veja Shlomo Simonsohn, *Os Judeus no Ducado de Milão. Uma História documental dos judeus da Itália* (Jerusalém: Academia de Ciências e Humanidades de Israel, 1982), pp. 1324–5 e 1354. [83] Veja ARSI, *Vitae 15*, f. 7^{v}. [84] André des Freux entrou na Sociedade após ter feito seus Exercícios Espirituais junto com seu amigo próximo Polanco sob a orientação de Laínez. Com Nadal e Palmio, ele fez parte do primeiro grupo jesuíta a fundar o Colégio de Messina. Como um renomado latinista, ele traduziu os *Exercícios Espirituais* de Inácio do original em espanhol para o latim. Ele editou (1558), entre outros, o poeta romano Martialis—o primeiro livro impresso pelos jesuítas em Roma (veja *DHCJ* 2:1537). Para o papel instrumental de Freux e Polanco na conversão de Eliano, veja a carta de Guzmán a Acquaviva (ARSI, *Instit. 186e*, f. 354^{v}): "[. . .] o Padre Bautista Romano, o qual se havia convertido e batizado em Veneza muito pouco antes que o recebessem; e os padres que estavam lá que foram o meio de sua conversão eram o Padre Juan de Polanco e o Padre Andrea Frusio de nação francesa, os quais escreveram a Roma ao nosso Pai Inácio sobre sua conversão e vocação à Companhia e assim o chamou a Roma e logo o recebeu."

Guadalajara, que havia obtido seu doutorado em teologia em Alcalá e havia sido reitor do Colégio de Gandía fundado por Borja.[85] A segunda missão ocorreu no final da década de 1570 a pedido de Gregório XIII. Devido à sua acuidade linguística (ele era professor de hebraico e árabe no Colégio Romano), Eliano foi encarregado de traduzir os documentos do Concílio de Trento para o árabe e foi nomeado—assim como muitos de seus confrades conversos—um membro da Penitenciária de São Pedro. Eliano narrou em sua carta autobiográfica a Claudio Acquaviva, composta em italiano, muitos detalhes coloridos de sua primeira missão ao Cairo, onde foi *incógnito* por causa do medo dos judeus que prevalecia lá.[86] Os episódios mais intrigantes—captados pelo historiador jesuíta Sacchini em sua história da Sociedade[87]—dizem respeito ao encontro co m sua mãe, que vivia no Cairo como uma mulher judia. Durante o encontro, ela expressou sua decepção com a conversão do filho, argumentando que ele era educado demais e bom demais para deixar que os cristãos o enganassem. Impotente para mudar a opinião do filho e chorando, a mãe de Eliano o deixou ir, mas—ele suspeitava—posteriormente causou-lhe muitos problemas através dos judeus que conhecia em Alexandria, para onde Eliano se dirigiu após sua estada no Cairo. Como resultado, os dois jesuítas tiveram que escapar do Egito, Eliano cobrindo o rosto com um lenço para que os judeus não o reconhecessem.[88] Como Ribadeneyra expressou de forma evocativa, Giovanni Battista Romano "era um servo de Deus que trabalhou e sofreu muito pela Sociedade e pela Igreja de Deus."[89] Guzmán, em sua carta a Acquaviva, sublinhou uma ideia semelhante de distinção deste judeu convertido em jesuíta:

> [Giovanni Battista Romano] se destacou por todas as suas virtudes, especialmente pelo zelo em converter e ganhar as almas dos infiéis, bem como dos pecadores cristãos, e com tantos frutos em todos os seus esforços, que costumavam chamá-lo em Roma de retrato de São Paulo, o Apóstolo. Fascinantemente, nosso Senhor converteu através dele uma nação inteira de cismáticos chamada Maronitas (do nome de um cujo nome era Marón, que perverteu

---

85 Veja mais sobre Rodríguez abaixo. 86 Veja José C. Sola, S.J., "O P. Juan Bautista Eliano, um documento autobiográfico inédito," *AHSI* 4 (1935): 191–221. Veja também *DHCJ* 2:1233–4; *Mon Rib.* 2:279; e Lazar, *Working in the Vineyard of the Lord*, pp. 118–25. 87 Veja Francesco Sacchini, *Historiae Societatis Iesu* (Antuérpia: Ex offi cina fi liorum Martini Nutii, 1620), vol. 2: [Laynez]. Utilizei a edição impressa em Roma (Typis Dominici Manelphii, 1652), p. 252. 88 Ibidem, pp. 131–6. 89 Veja *Mon Rib.* 2:379.

> eles com uma aparência especial de santidade; estes estavam sob o do mínio dos Turcos). E nosso Senhor deu ao Pai Bautista Romano tal graça que, por sua doutrina e persuasão, todos se converteram à obediência da Santa Sé Apostólica. E ele trouxe para Roma alguns deles, idosos e crianças, na época do Papa Gregório XIII, que fundou uma escola para eles, a qual foi confiada à Sociedade (e mais tarde foi confirmada pelo Papa Sixto V). Poderia dizer muitas outras coisas sobre este pai abençoado, mas basta saber que ele acabou morrendo em Roma de maneira santa, sempre envolvido nessas e em outras obras sagradas.[90]

Outro exemplo da confiança ilimitada que Loyola deu aos jesuítas conversos foi a nomeação de seu secretário e da Sociedade, Juan Alfonso de Polanco, que se tornou a "memória e mão" de Inácio até a morte deste. Ele nasceu em 24 de dezembro de 1517 em Burgos (Castela) para Gregório, *regidor* da cidade, e *doña* María de Salinas. Polanco recebeu o nome de seu avô paterno Alfonso (m. 1491), que se casou com Costanza de Maluenda (m. 1520).[91] Esta última era filha de Juana García de Castro e Martín Rodríguez de Maluenda (1454–1530), cujo pai homônimo (1387–1476) era primo de Juan Garcés Maluenda, que se casou com María Nuñez (m. 1423), irmã do rabino que se tornou bispo de Burgos, Salo mon ha-Levi/Pablo de Santa María, e tia de Alonso de Burgos, cujos escritos estudamos no Capítulo Um.[92] Como no caso de Diego Laínez e Francisco Suárez, a maioria de suas irmãs eram freiras, mas Juan Alfonso foi o único homem a escolher uma carreira eclesiástica. Com esse objetivo em mente, ele estudou humanidades e filosofia em Paris (1535–8) sob seu conterrâneo converso, Dr. Francisco de Astudillo,[93] que havia conhecido Inácio lá em anos anteriores. Em Paris, Polanco viveu no mesmo colégio que Martín de Olave (1507/8–56), que havia conhecido Loyola em Alcalá e mais tarde se tornaria seu amigo próximo e futuro colaborador jesuíta.[94] Lá ele também conheceu o

---

90 Veja ARSI, *Instit. 186e*, f. 354ᵛ. 91 Os túmulos dos pais e avós de Juan Alfonso estão localizados na Igreja de São Nicolau em Burgos (veja *Mon Polanci* 2:836 e M.ª Jesus Gómez Barcena, *Escultura gótica funerária em Burgos* (Burgos: Diputação Provincial de Burgos, 1988), pp. 151–4. 92 Sobre a ancestralidade judaica de Polanco, veja Baroja, *Judíos en la España*, p. 233 (citando *Les controversias* de Sicroff, pp. 271, 273, 278 e 279–80); Jean Lacouture, *Jesuits: A Multibiography* (Washington, D.C.: Counterpoint, 1995), pp. 161–76; *DHCJ*, p. 1004; e Cantera Burgos, *Alvar García de Santa María y su familia de conversos*, p. 403. 93 Veja Ricardo García Villoslada, *Universidad de París durante los estudios de Francisco de Vitoria O.P. (1507–1522)* (Roma: apud Aedes Universitatis Gregorianae, 1938), pp. 379–86. 94 Veja *Chron.* 1:34.

íñigistas, mas—como Nadal—não se juntou ao grupo. Em vez disso, alguns anos depois, ele foi à corte papal em Roma para trabalhar como notário (*scrip-tor apostolicus*). Através de seu conterrâneo, Francisco de Torres, ele conheceu *in Urbe* Laínez e, após fazer os Exercícios Espirituais com ele, Polanco ingressou na Sociedade em agosto de 1541. Após alguns anos estudando teologia em Pádua (onde conheceu Pedro de Ribadeneyra), s ua ordenação sacerdotal em 1546 e os subsequentes ministérios na Toscana, ele foi convocado por Loyola para Roma e nomeado em 1547 secretário da Sociedade de Jesus, um cargo que ocupou por vinte e seis anos. Nessa posição, ele construiu uma eficiente rede jesuíta de comunicação entre a sede romana e as províncias ao redor do mundo. Mais de 20.000 cartas em nome de Loyola, Laínez e Borja foram escritas por seu punho manchado de tinta.[95] Ele filtrou, resumiu, copiou e catalogou meticulosamente as cartas e outros documentos pertinentes nos arquivos da cúria.[96] *Padre Cobos*—como foi apelidado em ho menagem ao secretário real converso, Francisco de los Cobos y Molina (m. 1547)—tornou-se o jesuíta mais bem informado e, assim, o mais influente da Sociedade. Como disse Ribadeneyra, Polanco "parecia sustentar sobre seus ombros toda a Sociedade."[97] Alguns companheiros jesuítas mais tarde ressentiriam o poder desse homem baixo, mas forte, e durante a Congregação Geral 3 eles conspirariam com sucesso para privá-lo de seus cargos governamentais, como veremos a seguir.

Assim que foi nomeado secretário, Polanco começou a coletar informações dos primeiros companheiros (especialmente Laínez) e provavelmente do próprio Loyola, sobre a vida do fundador jesuíta e as origens da Sociedade. Ele usou essas informações em seu *SummariumHispanum* que, trinta anos depois, seria parcialmente incorporado em seu *Chronicon.*[98] Em quase 5.000 páginas, conta a história de Inácio e seus primeiros companheiros desde sua chegada a Veneza em 1537 até a morte de Inácio em 1556. Polanco também

[95] Veja Scaduto, *Governo*, p. 183. [96] Sobre os deveres do secretário, veja o próprio tratado de Polanco, *Del offi cio del secretario* (Mario Scaduto, "Uno escrito ignaziano inedito. Il 'Del offi çio del secretario,'" *AHSI* 29 (1960): 305–12; e idem, *Francesco Borgia*, pp. 65–7). [97] Veja Pedro de Ribadeneyra, *Catalogus scriptorum religionis Societatis Iesu* (Antuérpia: ex offi cina Plantiniana, apud viduam & fi lios Io. Moreti, 1613), p. 154. [98] Veja Brodrick, *Origin of the Jesuits*, p. 97.

ajudou a compor as *Constituições* jesuítas [99] e foi comissionado por Loyola para traduzi-las para o latim.

Outra comissão que Inácio deu a Polanco e seus confrades na *casa professa* em Roma foi a de escrever um compêndio para confessores jesuítas. *Breve directorium ad confessari ac poenitentis recte obeundum* foi impresso pela primeira vez em Roma e em Leuven no início de 1554. Foi o único livro sobre o ministério preeminente dos jesuítas em confissão sacramental por vinte anos—até 1574, quando o primeiro manual jesuíta para penitentes, o converso Gaspar de Loarte, "Conforto dos Torturados", foi publicado em Roma. O *Diretório* teve seu auge de publicações na década de 1570 e seu declínio na década de 1590, quando foi substituído pelas obras de outros dois jesuítas conversos: *Aforismos* de Manuel de Sá (80 edições) e *Instrução para Padres e Penitentes* de Francisco de Toledo (166 edições) no final do século dezesseis. O *Diretório* foi o quarto livro jesuíta mais publicado sobre confissão, com pelo menos setenta e seis edições (reimpressões e traduções incluídas). Foi o único livro traduzido para o iliriano e esloveno, e um dos apenas dois manuais de confissão jesuítas traduzidos para o português. Inácio de Loyola queria que cada confessor jesuíta tivesse uma cópia pessoal dele. É verdade que o manual foi subsequentemente utilizado em ministérios jesuítas e até mesmo em palestras sobre casos de consciência. Um influente *Diretório para os Exercícios Espirituais* (1555) do converso Juan Alonso de Vitoria[100] recomendou o texto de Polanco como útil na preparação para a confissão sacramental geral. No entanto, deve-se notar que a exclusividade do *Diretório* no mercado de livros penitenciais jesuítas cessou em 1573 com a eleição do Everardo Mercuriano de Valônia, quando Polanco foi removido do governo, junto com outros jesuítas conversos. Não é irrazoável inferir, então, que o sucesso de publicações do *Diretório* pode muito bem ter estado relacionado à posição de autoridade de Polanco, e m vez da utilidade intrínseca do manual para confessores ou estudantes de casos de consciência. De fato, embora o *Diretório* tenha sido projetado para ser apenas um compêndio para acomodar

---

[99] Veja *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana* [*DEI*] (Madri: Manresa/Sal Terrae, 2007), pp. 1464–5. [100] Juan Alonso de Vitoria: *1538; SJ 1558; †1578. Ele foi reitor do colégio em Viena e procurador geral. Para um estudo sobre os conversos de Vitoria, de onde veio o famoso fundador da Escola de Salamanca, Francisco de Vitoria, veja Rosario Porres Marijuan e Teresa Benito Aguado, "O Estatuto de limpeza de sangue e suas repercussões em Vitoria nos tempos de Felipe II," *Hispânia* 60/2, núm. 205 (2000): 515–62.

as necessidades dos primeiros jesuítas que estavam ocupados demais com seus ministérios para dedicar muito tempo a atividades acadêmicas, faltava uma consciência básica das importantes mudanças operantes durante aquele século. Consequentemente, a edição oficial do *Diretório para os Exercícios Espirituais* de 1599 sugeriu um texto contemporâneo não jesuíta: *Enchiridion* de Martín Azpilcueta (1493–1586). O popular e autoritário *Navarrus*, como foi brevemente chamado, era mais abrangente e refletia importantes mudanças socioeconômicas que estavam surgindo no século dezesseis. Os jesuítas, que foram consultados sobre a *Ratio Studiorum* (1599), clamaram esmagadoramente por um novo manual que pudesse ser usado na Sociedade para palestras sobre casos de consciência. Desta vez, a *Instrução* de Francisco de Toledo, em vez do *Diretório* de Polanco, seria a resposta a essa necessidade. Mesmo que os jesuítas poloneses reimprimissem o *Diretório* mais de 300 anos depois, no final do século dezesseis ele já estava desatualizado. De fato, ele empregava o conservador Tutiorismo dos principais escolásticos do século treze, que os jesuítas abandonaram no último quarto do século dezesseis ao adotarem entusiasticamente o Probabilismo, que uma nova geração de jesuítas conversos tornaria o sistema ético jesuíta ao longo do próximo século.[101]

Apesar de todos esses deveres, Loyola colocou nos ombros de Polanco uma responsabilidade adicional no final de sua vida (1555)—a de assistente geral. Essa aprovação tornaria Polanco a pessoa chave na transição de poder após a morte de Loyola, como veremos a seguir. Na última fase de sua grave doença, Loyola confiou sua vida a um médico converso, apesar da ampla desconfiança nos círculos cristãos em relação a médicos de linhagem judaica.[102] O nome do médico era Baltasar de Torres,[103] e ele havia sido médico do vice-rei da Sicília, Juan de Vega, antes de entrar na Sociedade após fazer seus Exercícios Espirituais com o confessor jesuíta do vice-rei, Juan Jerónimo Doménech. Polanco obteve para ele uma dispensa especial da cúria papal[104] para que pudesse atuar como médico mesmo após sua ordenação ao sacerdócio (o que era proibido pelo direito canônico).

---

101 Para uma análise detalhada do *Breve directorium*, veja Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, pp. 49–58. 102 Veja, por exemplo, a *Defensio statuti Toletani* de Diego de Simanca, ff. 5ᵛ–6, que analisamos no capítulo anterior; e Sicroff, *Estatutos*, p. 129. 103 Veja sua nota biográfica acima. 104 Veja ARSI, *Inst. 187*, f. 362.

A confiança de Loyola em conversos aparentemente não era compartilhada pelo superior provincial de Portugal e um dos primeiros companheiros de Loyola, Simão Rodrigues. Rodrigues escreveu uma instrução para seus súditos, *Modo que seha de ter nos collegios da Companhia en o receber dos estudantes d'ella* (1546–50), que em seu terceiro parágrafo pedia que eles se recusassem a admitir Novos Cristãos ou aqueles que haviam sido publicamente suspeitos de heresia.[105] No entanto, as evidências mostram que Rodrigues, provavelmente descendente do clã converso de Acevedo (provavelmente o abençoado Ignacio de Acevedo incluído),[106] seguiu a prática sugerida por Loyola na carta mencionada a Mirón. Um número de conversos portugueses foi admitido por ele na Sociedade e/ou enviado ao Extremo Oriente. Entre eles estavam: Anrrique Anrriques que—apesar de seu impedimento jurídico de ter sido anteriormente um franciscano—entrou nos jesuítas em 1545 e foi enviado para Pesquería via Índia, onde trabalhou por cinquenta e cinco anos e compôs a primeira gramática do tâmil;[107] Afonso de Castro, que nasceu de um joalheiro afluente de Lisboa e foi enviado em 1547 a Xavier na Índia, de onde foi despachado para as Ilhas Moro, uma missão que concluiu uma década depois com sua morte por crucificação e decapitação;[108] o especialista em direito canônico, Antonio Gomes, que em 1548 foi

---

105 "3. Se por alguma via descende de cristãos novos. Se há tido alguma opinião, pela qual haja sido reprovado por herege o conhecido publicamente portal" (*Mon Broet*, p. 861).
106 Veja abaixo.
107 Anrrique Anrriques: *1520 Vila Viçosa (Évora, Portugal); SJ 1545; †1602 Punnaikayal (Índia); sacerdote em 1551; professo em 1560. Recebido na Sociedade por Rodrigues em 1545, foi enviado para a Índia, de onde Xavier o destinou para Pesqueria. Após a morte de Antonio Criminali em 1549, foi eleito superior regional, mas sua nomeação foi contestada por Antonio Gómes devido à sua ancestralidade judaica. Sua gramática do tâmil se perdeu (veja *DHCJ* 1:178; e Medina, "Ignacio de Loyola," pp. 5–6).
108 Afonso de Castro: *1520 Lisboa; SJ 1547; †1558 Hiri (Molucas, Indonésia); sacerdote em 1549; professo em 1552. Quando jovem, começou a conversar com Simão Rodrigues e Xavier antes da partida deste último para a Índia. Mais tarde, tornou-se franciscano, mas não foi totalmente aceito na Ordem devido às suas origens. Portanto, embarcou em 1547 para a Índia, onde Xavier o admitiu na Sociedade. Destinado às Molucas, chegou lá como sacerdote em 1549. Em 1551, foi enviado para as Ilhas Moro, onde sucedeu em 1555 o superior da missão, Juan de Bera. Lá, enfrentou conflitos com Antonio Vaz, a quem expulsou da Sociedade. Em dezembro de 1557, enquanto navegava de Moro para Ternate, foi capturado pelos nativos de Ternate, que o crucificaram e decapitaram algumas semanas depois na ilha de Hiri (veja *DHCJ* 1:706–7). Sobre suas atividades missionárias, veja Hubert Jacobs, ed., *Documenta Malucensia* (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974–84); Diogo Barbosa Machado, *Memórias para a história de Portugal, que compreendem o governo do rei D. Sebastião, único em o nome, e décimo sexto entre os Monarcas Portugueses* (Lisboa: na Officina de Joseph António da Sylva, 1736), vol. 1, pp. 159–67;

enviado por Rodrigues para a Índia e pereceu no mar perto de Madagascar seis anos depois;[109] Baltasar Gago, que no mesmo ano foi enviado de Lisboa para Goa com Gaspar Berze;[110] e Manuel de Távora de Coímbra, que, admitido por Berze em 1552, trabalhou nas Molucas e depois passou para o Brasil.[111]

No Extremo Oriente, uma ambiguidade semelhante à de Rodrigues pode ser rastreada na abordagem de Xavier em relação à questão vexatória dos conversos. Por um lado—como no caso de Rodrigues—temos um testemunho escrito de 1552 que Xavier aconselhou a exclusão de candidatos de "linhagem hebraica"; por outro lado, há evidências de que ele realmente aceitou tais sujeitos. Não apenas o mencionado Anrrique Anrriques (Enrique Enríquez)[112] e Afonso de Castro ingressaram na Ordem, mas também muitos outros, entre eles Gaspar Rodrigues, que—apesar de ser um ex-Dominicano—entrou na Sociedade em 1548 em Goa,[113] onde Miguel da Nobrega também se juntou em 1550;[114] Pedro de Alcáçova, que havia saído

---

e John Villiers, "As Ilhas de Esperar em Deus: A Missão Jesuíta em Moro 1546–1571," *Estudos Modernos Asiáticos* 22/3 (1988): 593–606. Ele não deve ser confundido com outro jesuíta converso, Alonso de Castro: *1552 Sevilha; SJ 1566; †1637 Sevilha; sacerdote em 1579; professo em 1589. Ele nasceu de Hernando de Castro e Juana de Aranda, benfeitores do Colégio Jesuíta de Sevilha. Seus dois irmãos, Gaspar e Melchor, também ingressaram na Sociedade. Ele trabalhou como confessor e pregador em Jérez de la Frontera (1585, 1587) e Málaga (1591, 1593). Em 1596, atuou como vice-reitor de Jérez e de 1596 a 1599 como vice-reitor e reitor de Trigueros. Ele participou da defesa de Cádiz, que foi atacada pelos ingleses. Alonso construiu uma igreja em Trigueros, projetada pelo jesuíta Bartolomé de Bustamante. Esse projeto gerou um conflito com Acquaviva, que o removeu do cargo em 1598/9. Consequentemente, ele se mudou para Montilla, Córdoba, e Sevilha (veja *DHCJ* 1: 707–8). [109] Antonio Gomes: *c. 1520 Ilha da Madeira; SJ 1544; †23 de abril de 1554. Ele ingressou na Sociedade em Coímbra após ter obtido seu doutorado em teologia. Xavier o nomeou reitor do colégio em Goa, cujo governo gerou muita controvérsia. Portanto, Xavier o demitiu em 1552 e o enviou de volta a Roma, onde ele nunca chegou (veja *DHCJ* 2:1771). [110] Baltasar Gago: *c. 1518 Lisboa; SJ 1546 Lisboa; †9 de janeiro de 1583(?) Goa. Ele ingressou na Sociedade como sacerdote e foi enviado à Índia em 1548. Acompanhou o vice-rei Noronha como capelão militar em sua expedição ao Sri Lanka em 1551. Javier o nomeou para o Japão, onde se juntou ao jesuíta Torres e ajudou a compor o catecismo japonês. Ele retornou à Índia em 1562 (veja *DHCJ* 2:1549–50). [111] Manuel de Távora: *1534; SJ 1552 Goa; dispensado em 1578 (veja Wicki, "Cristãos-Novos," p. 348; Medina, "Ignacio de Loyola," p. 83; e Mario Scaduto, *Catálogo dos Jesuítas da Itália, 1540–1565* [Roma: IHSI, 1968], p. 144). [112] Veja Medina, "Ignacio de Loyola," pp. 5–6. [113] Gaspar Rodrigues: SJ 1548; †1552. Ele era um irmão leigo que trabalhava como missionário em Goa (veja Fejér, *Defuncti*, 2:200; Wicki, "Cristãos-Novos," p. 347; e Medina, "Ignacio de Loyola," p. 588). [114] Miguel da Nobrega: SJ 1550; †1558 (veja Fejér, *Defuncti* 2:161; e Wicki, "Cristãos-Novos," p. 348).

a Sociedade em Portugal, mas foi readmitido por Xavier;[115] Gomes Vaz (cujos avós a Inquisição queimou em Serpa), que dedicou suas energias como missionário em Goa;[116] e Antonio Dias, que trabalhou em Goa por trinta anos.[117]

Na visão de Medina, a ambivalência de Xavier pode ter se originado de sua incerteza—talvez por causa da instrução de Rodrigues que poderia ter sido trazida a ele por um dos muitos jesuítas que viajaram de Portugal para a Ásia—acima do que Loyola havia decidido em relação aos candidatos conversos. De qualquer forma, exceto por incidentes menores, a abertura em relação aos candidatos conversos continuou após a morte de Xavier. Por exemplo, em 1556, Luis de Almeida, um mercador e cirurgião de Lisboa, juntou-se à missão jesuíta em Funai, onde fundou um hospital e trabalhou depois em outras partes do Japão, como vários monumentos a ele testemunham hoje nas cidades de Nagasaki, Hondo e Oita;[118] Fernão de Narbona foi admitido em 1557 e trabalhou como farmacêutico em Goa;[119] em 1561, Antonio Belo ingressou na Sociedade em Goa e se tornou um renomado professor de música;[120] começando em 1565, Gabriel Oliveira operou a missão goana;[121] em 1569 (o ano da morte de seu parente converso, Juan de Ávila), Antonio Francisco de Critana foi admitido e destinado às Filipinas, onde pereceu no mar quatro décadas depois;[122] Baltasar Dias viajou de Coímbra para as Molucas.

---

115 Pedro de Alcáçova (Alcáceva, Alcaçava): SJ 1543. Sua ascendência como converso pode ser sugerida pelo seu nome e história de vocação. Veja *DHCJ* 1:39; Juan Ruiz-de-Medina, ed., *Documentos do Japão (1547–1562)* (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1990–5), vol. 1, p. 429 (carta de Pedro de Alcáçova aos jesuítas de Portugal, Goa, março de 1554). 116 Gomes Vaz: *1542 Serpa (Beja, Portugal); SJ 1562; †1610 Lisboa; sacerdote em 1568; professo em 1584 (veja *DHCJ* 4:3910). 117 Antonio Dias: SJ 1551; †1581 (veja Fejér, *Defuncti* 2:61; e Wicki, "Cristãos-Novos," p. 350). 118 Luis de Almeida: *1525 Lisboa; SJ 1556; †1583 Kawachinoura (Kumamoto, Japão). Veja *DHCJ* 1:81–2. 119 Fernão de Narbona: *c. 1536; †1579 (veja Wicki, "Cristãos-Novos," p. 350). 120 Antonio Belo: *1523; SJ 1561 Goa; †1571. (veja Wicki, "Cristãos-Novos," p. 351; e Fejér, *Defuncti*, 2:25). 121 Gabriel Oliveira: *c. 1534 Plasência; SJ antes de 1564; professo 1584; †1599 (veja Fejér, *Defuncti* 2:164; e Wicki, "Cristãos-Novos," p. 351). 122 Antonio Francisco de Critana: *1548 Almodóvar del Campo (Espanha); SJ 1569; †1614 no mar em frente a Luzon (as Filipinas); sacerdote em 1573; professo em 1592. Depois de ter estudado japonês em Yamaguchi, trabalhou no colégio Todos os Santos em Nagasaki (1598–1614), de onde foi expulso pelo governo japonês. Ele embarcou em um pequeno navio em direção às Filipinas e pereceu no mar. Seu corpo foi transferido para o Colégio San Ignacio em Manila. Seu processo de beatificação foi iniciado em 1901 (veja *DHCJ* 2:1005).

antes de 1559 e trabalhou por dez anos na Índia e na Malásia;[123] e em 1570 Pedro Ramón de Saragossa entrou na Sociedade para se tornar um missionário no Japão, onde morreu como mártir.[124]

Não se pode negar, no entanto, que havia uma certa ambivalência entre os primeiros jesuítas que atesta seu desconforto em relação à questão dos conversos que a jovem Sociedade de Jesus inevitavelmente teve que enfrentar. A segurança do verdadeiro espírito de Loyola que inspirou a prática jesuíta vem do documento legal jesuíta mais autoritário, as *Constituições*, que ele compôs ao longo do tempo, quase até sua morte em 1556. Para isso, foi assistido por seu secretário Polanco e frequentemente consultou seus confiáveis companheiros conversos Nadal, Cristóbal de Madrid e Manuel de Sá.[125] A parte que aborda a questão das admissões de conversos está contida no *Exame Geral*. Ao contrário da interpretação dada a este texto pelo lobby ítalo-português converso-fóbico no período de vinte anos entre as Congregações Gerais 3 e 5 (1573–93), o jurista García Alarcón argumentou (como veremos no último capítulo) que ser de origem judaica não constituía um impedimento legal para candidatos jesuítas e que o objetivo da questão inserida no *Exame Geral* era meramente complementar as informações sobre o candidato. De fato, este texto não está na seção sobre impedimentos, mas na que lista as perguntas que devem ser feitas pelo examinador do candidato.[126] Além disso, Medina apontou que na versão de 1550 do texto em que Loyola estava trabalhando, tal questão foi retirada, provavelmente a pedido de Alfonso Salmerón.[127] Pouco antes de sua morte, no entanto, Loyola adicionou a questão novamente (isso está no chamado texto B de 1556), com uma leve mudança de redação, mas sem alterar sua intenção não discriminatória: "se vem de cristãos antigos ou modernos."[128]

Se alguém tinha dúvidas sobre como interpretar a questão dos conversos nas *Constituições* jesuítas, que não eram vinculativas até sua

---

123 Baltasar Dias: *c. 1508 Portugal; SJ 1549 Coímbra; sacerdote antes de 1549; professo 1559 Molucas; †21 de agosto de 1571 Goa (*DHCJ* 2:1112). 124 Pedro Ramón: *1549; SJ 1570; † 1611 (veja Fejér, *Defuncti*, 2:190; *DHCJ* 4:3289; e Donnelly, "Antonio Possevino," pp. 10–1). Sua ancestralidade judaica foi revelada por Possevino em seu memorial a Acquaviva (veja AHSI, *Inst. 184/II*, f. 351ᵗ). 125 Sobre Sá e Madri, veja os parágrafos seguintes no texto. 126 Veja ARSI, *Instit. 184 I*, ff. 304ʳ⁻ᵛ e Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 180. 127 "Véase si aquella demanda (si viene de cristianos viejos o nuevos) se ha de dejar" (veja Medina, "Ignacio de Loyola," p. 7). 128 Na opinião de Medina, essa formulação diferenciaria agora entre os candidatos provenientes de todas as religiões não cristãs e não apenas do Judaísmo.

promulgação em 1558, Inácio—fisicamente preso à sua cadeira na Cúria Romana—deixou claro seu significado por meio de seus enviados aos jesuítas nas províncias da Europa, a maioria dos quais nunca havia encontrado Inácio pessoalmente. O mais proeminente entre eles era o comissário plenipotenciário de Inácio, Jerônimo Nadal Morey.

A oposição de Jerônimo Nadal à legislação de pureza de sangue

A carreira jesuíta do maiorquino Jerônimo Nadal é fascinante, por isso vamos enfatizar neste parágrafo os detalhes biográficos que nos ajudam a entender seu apoio à política pró-converso de Loyola.[129] Durante vinte anos antes de sua decisão de se tornar jesuíta, ele resistiu aos esforços de Loyola para torná-lo parte do grupo *íñigistas* em Paris: "O peixe escapou do seu anzol", como ele colocou em seu *Diário*.[130] Nadal resistiu às tentativas diretas e indiretas de Loyola para conquistar seu compromisso devido ao medo de ser denunciado por heresia em sua cidade natal, Maiorca (mais tarde chamada Palma),[131] um medo que já o havia afastado de Loyola durante seus estudos na Universidade de Álcala nove anos antes (1526–7). Os medos de Nadal não foram dissipados mesmo após um encontro pessoal com Loyola em Paris, durante o qual ele ouviu uma história sobre o julgamento de Loyola pela Inquisição de Salamanca: acenando com o Novo Testamento em sua mão, Nadal se distanciou de Loyola e seu grupo.

As razões para esse medo que Nadal forneceu em seu diário são incongruentes.[132] Por um lado, ele negou que evitasse Loyola por causa de seus problemas com a Inquisição em Salamanca, mas, por outro lado, confessou que temia ser denunciado em casa por um amigo franciscano de sua nativa Maiorca, que estava vivendo em Paris. A decisão de Nadal de se juntar aos jesuítas somente após saber que a Santa Sé os r econhecia legalmente sugeriria que ele temia ser denunciado à Inquisição Maiorquina por fazer parte de um grupo que não tinha aprovação oficial e estava manchado pelos contatos de Loyola com os (conversos) *alumbrados*/Erasmistas. No entanto, é preciso perguntar por que os contatos de Loyola com os

---

129 Veja Robert A. Maryks, "Abnegação nos escritos de Jerônimo Nadal (1507–1580)," *Manresa* 73 (2001): 87–96; e "Jerônimo Nadal" em *DEI*, pp. 1315–9. 130 Jerônimo Nadal, *Chronicon* [39], em *Mon Nadal* 1:14: "Itaque elapsus est ab eius hamo tunc piscis" (os nú meros entre colchetes referem-se aos parágrafos do editor). 131 Nadal, *Chronicon* [10]: " Sensus animi mei sic fuit: nolo his me adiungere: quis scit an incident aliquando in inquisitores?" 132 Veja Nadal, *Chronicon* [1], [8], e [10].

Fonte: Alfred Hamy, *Galerie Illustrée de la Compagnie de Jésus* (Paris, 1893), #144. Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 7. Jerônimo Nadal (1507–80)—emissário plenipotenciário de Loyola Inicialmente, Jerônimo Nadal [Morey] estava suspeitando da ortodoxia de I nácio e se recusou a se juntar ao seu grupo em Paris, mas uma década depois se tornou um dos colaboradores mais influentes de Loyola. Investido de poder delegado, ele viajou por toda a Europa, explicando as Constituições Jesuítas. Ele enfatizou que não discriminavam candidatos de ancestralidade judaica e, assi m, se opôs veementemente à política de pureza de sangue do Arcebispo Silíceo. Muito provavelmente, Nadal era descendente de Judeus Maiorquinos.

Os companheiros não compartilhavam o medo de Nadal. De fato, os primeiros *íñigistas* que Loyola enviou a Nadal em Paris foram Manuel de Miona e Laínez,[133] que podem ter tido mais razões para temer acusações de heresia, como vimos anteriormente.

Devido à atmosfera anti-espanhola em Paris, Nadal partiu para Avignon (1537), onde recebeu seu doutorado em teologia e foi ordenado sacerdote (1538).[134] A partir daí, ele finalmente retornou à sua ilha Baleárica natal, onde passou por uma longa crise espiritual que foi aprofundada por um relacionamento difícil com sua família rica e pela morte de sua mãe.[135] Uma vez que Nadal foi assegurado por uma carta circular de Francisco Xavier de que a Sociedade de Jesus foi for malmente reconhecida pelo papado, ele decidiu ir para Roma (1545), onde um dos primeiros jesuítas que conheceu foi Diego Laínez, a quem havia dispensado dez anos antes em Paris. Este último não se tornou menos inflexível e tentou novamente convencer o primeiro a fazer os Exercícios Espirituais para discernir sua vocação. Em seus esforços inflexíveis, Laínez foi auxiliado por Alfonso Salmerón, que pode ter compartilhado com Nadal seu excelente conhecimento de hebraico que o anterior aprendeu quando menino em sua Toledo natal (talvez na mesma comunidade judeu-conversa onde seu futuro amigo próximo e biógrafo, Pedro de Ribadeneyra, nasceu onze anos depois).

Nadal não apreciava a determinação obstinada de Laínez e Salmerón, no entanto, a persistência de outro jesuíta, um filho de um farmacêutico rico de Valência, Juan Jerônimo Doménech, que era secretário de Loyola na época e com quem Nadal podia falar em seu nativo catalão, levou-o a encontrar Loyola novamente. Quatro meses depois, Nadal desistiu de sua resistência ao se engajar nos Exercícios Espirituais, durante os quais decidiu finalmente entrar na Ordem Jesuíta (novembro de 1545).

---

133 Veja Maryks, *Giacomo Laínez. Prima biografi a ignaziana*, pp. 38–40. 134 Veja Gabriel Codina Mir, "A ordenação e o doutorado em teologia de Jerônimo Nadal em Aviñón (1537–1538)," *AHSI* 36 (1967): 247–51. 135 Nadal, *Chronicon* [19–20]: "Não me encontrava bem com meu tio Morey. Minha mãe morreu e me viram em um luto indecoroso por ela. Meu irmão casou-se não somente sem que eu soubesse e sem me consultar, mas também não me convidou" (a tradução do latim para o espanhol é minha). Sobre a nobreza da família de Nadal, veja Joaquin Maria Bover, *Nobiliario Mallorquin* (Barcelona: José J. De Olañeta Editor, 1983), pp. 258–9. J.N. Hillgarth em seu *Leitores e Livros em Maiorca 1229–1550* (Paris: CNRS, 1991), vol. 2, p. 700, publicou um inventário da rica biblioteca do pai de Nadal, o notário Antoni Nadal. Para a associação de vários Nadals com a profissão de notário público, veja ACA, Diversos, Monistrol, Pergaminos, núm. 0629, 0632, 0703 2, 0721 5, 0710 2055 – – –2, e.

Após apenas quatro meses, Loyola nomeou Nadal ministro da sede jesuíta (o que na linguagem jesuíta significa a pessoa responsável pelo cuidado administrativo-econômico de uma comunidade), e como tal, ele teve que enterrar Pierre Favre (agosto de 1546), que havia tentado, após Laínez, convencer Nadal a se juntar ao seu grupo em Paris. Alguns meses depois (março de 1547), Nadal deu boas-vindas à comunidade ao novo secretário da Sociedade, Juan Alfonso de Polanco, que havia entrado na Ordem apenas alguns anos antes.

Nadal conheceu bem Polanco durante um ano de reuniões diárias que eram realizadas na sede dos jesuítas, mas depois foi nomeado superior de um grupo destinado a abrir a primeira escola jesuíta em Messina, e deixou Roma em 18 de março de 1548. Após quatro anos de trabalho na Sicília, Nadal retornou brevemente a Roma para fazer seus votos religiosos solenes. Aqueles quatro anos haviam sido um período de trabalho intenso nas *Constituições* jesuítas de Loyola e Polanco. Nadal recebeu a tarefa de explicá-las ao retornar à Sicília em maio de 1552, mas especialmente ao ser nomeado Comissário para as províncias jesuítas ibéricas um ano depois (1553). Esta nomeação o tornou o intérprete mais autoritário do modo de proceder jesuíta para jesuítas que nunca haviam conhecido Loyola pessoalmente. E Nadal era jesuíta há apenas oito anos.

É durante esta missão de um ano na Ibéria que Nadal teve que enfrentar a questão de admitir judeus conversos na Ordem. Ao chegar em junho de 1553 em Alcalá, Nadal conheceu um jesuíta por quem ele—e Polanco—tinham pouco respeito, mas que era o primeiro superior provincial da Espanha e um parente de Loyola: Antonio de Araoz.[136] Loyola sabia sobre o comportamento questionável de Araoz e especialmente seu amor pela vida cortesã (ele costumava passar mais tempo na corte do que em seu escritório provincial), ainda assim, considerou necessário manter Araoz no comando precisamente por causa de seus bons contatos com os tribunais espanhóis—que eram vitais para apoiar a expansão da Sociedade na região.[137] (Apenas o sucessor de Loyola, Laínez, sugeriria, em uma carta escrita por seu secretário Polanco a Nadal, que Araoz deveria ser removido de seu cargo.)[138] Daquela corte, e especialmente de seu penitente, o Príncipe

---

136 Sobre os sentimentos anti-converso de Araoz, veja Medina, "Ignácio de Loyola," pp. 8–9. 137 Nadal escreveu em seu relatório a Loyola em 14 de Maio de 1554: "El doctor Araoz restará en su provincia, y spero en el Señor nuestro mirará más a los particulares que antes, y se apartará más de negocios seculares que trata muchos" (*Mon Nadal* 1:252). 138 Veja *Mon Nadal*, 1:786 (onde Polanco chama Araoz sarcasticamente de "el amigo"); veja também ibidem, p. 470.

de Éboli, Ruy Gómez de Silva (c. 1516–73), Araoz ouviu vozes cada vez mais pedindo que a Sociedade recusasse candidatos de ascendência judaica, e ele se tornou o arauto jesuíta da política ibérica de *pureza de sangue*. O jesuíta basco via a política pró-converso da liderança jesuíta como veneno,[139] e isso o incomodou tanto que em determinado momento ele esteve perto de deixar a Sociedade.[140]

Respondendo a Araoz, o secretário converso de Loyola escreveu:

> Quanto a não aceitar Novos Cristãos, nosso Pai não está convencido de que Deus seria servido dessa maneira. Mas parece-lhe bom que se deva ter mais cautela com eles. Se lá [na Espanha] as atitudes[*humores*] da corte ou do rei são contra a admissão deles, envie-os para cá se forem candidatos dignos, como já escrevemos outras vezes. Aqui não se olha para a questão tão de perto à luz do que é a raça de quem se vê ser uma boa pessoa, assim como a nobreza não é suficiente para a admissão se as outras qualificações estiverem faltando.[141]

A atitude anti-converso de Araoz foi teimosamente rebatida por Nadal. Na Espanha, ele recebeu muito apoio em suas objeções à campanha anti-converso de Araoz de Francisco de Borja, a quem seu assistente Benedetto Palmio acusaria de amor excessivo e crédito aos Novos Cristãos, como veremos a seguir.[142] Este conflito—subestimado pelo historiador jesuíta italiano da época, Mario Scaduto[143]—pode ser bem observado no caso da admissão na Sociedade de dois discípulos de Juan de Ávila, que por sua vez era de ancestralidade judaica: o converso

---

139 "Pai, até que a Sociedade seja um pouco mais conhecida e estabelecida em Castela, parece muito apropriado pensar na questão de receber Novos Cristãos [*gente verriac*], , pois, na opinião de muitos, isso sozinho é um veneno" (veja *Epp. Mixtae* 1:241).140 Veja Miguel Mir, S.J., *História interna documentada da Companhia de Jesus* (Madri: Imprensa de J. Ratés Martín, 1913), vol. 1, p. 333. 141 Veja *Mon Ign.* 5:335. A oposição de Loyola à discriminação de Araoz contra candidatos conversos tornou-se uma arma nos escritos jesuítas pro-converso. Veja, por exemplo, a carta de Guzmán a Acquaviva (ARSI, *Instit. 186e*, f. 354^{v}): "Saber que o espírito e o sentimento de nosso Bendito Pai Mestre Ignacio de sua santa memória foram muito constantes a isso, o que se sabe evidentemente por claros testemunhos. Um é que, escrevendo-lhe sobre isso, o Padre Antonio de Araoz (que era então o único provincial em toda a Espanha fora de Portugal) por alguma dúvida que ele tinha, respondeu de maneira tão contundente, dizendo-lhe: '*Absit*, Deus nos guarde de pensar tal coisa,' como se lhe propusesse algo contra a fé católica; e assim também se confirma essa sua vontade e sentimento." 142 Veja ARSI, *Instit. 106*, f. 102. 143 Veja Scaduto, *Azione*, pp. 617–9.

va tanto que

Dr. Gaspar de Loarte (m. 1578) de Medina del Campo;[144] e Don Diego de Guzmán (m. 1606) da alta nobreza de Sevilha.[145] De um relatório que Nadal enviou a Loyola em julho de 1553, sabemos que Francisco de Borja admitiu ansiosamente os dois,[146] mas de alguma forma secretamente—eles estavam trabalhando para o bispo de Calahorra, J uan Bernal Díaz de Lugo, mas ninguém sabia de sua afiliação. Araoz insistiu que eles deveriam ser expulsos[147] e foi apoiado por outro oficial jesuíta, Bartolomé de Bustamante (1501–70),[148] que falou sobre a questão com Don Diego de Tavera, um inquisidor e parente de Guzmán, argumentando que este não deveria pertencer à Sociedade por causa " daquela imperfeição[*tacha*]."[149] Guzmán objetou que não havia razão para recusar sua admissão e que os jesuítas agiriam de forma errada se expulsassem os dois homens. Nadal ordenou a Bustamante que não tomasse nenhuma decisão até receber novas instruções. Como informou a Loyola, seu plano era primeiro mostrar um capítulo das *Constituições* jesuítas ao Conselho da Inquisição, ou explicá-las oralmente, para que Guzmán pudesse permanecer na Sociedade. E Loarte deixou claro que se Guzmán não pudesse ficar na Sociedade, ele também não ficaria.

Nadal estava seguindo aqui o que Inácio havia expressado em uma carta endereçada ao jesuíta Francisco de Villanueva (quem Silíceo considerava um converso):[150] de maneira nenhuma as *Constituições* jesuítas assimilariam

---

144 Assim eram as famílias mencionadas anteriormente: Acosta, Torres, Valência e San Julián.145 Guzmán era filho de Don Rodrigo Ponce de León (Conde de Bailén) e Doña Blanca de Sandoval (ARSI, *Hist. Soc.* *177* 284r 287r 2 328, 420, , –). Veja ta mbém *Chron.* : ; :340 e ; *Litterae Quadr.* :645, e Fray Luis de Granada da Ordem de Santo Domingo, *Vida do Padre Mestre João de Ávila e as partes que deve ter um pregador do Evangelho* (Madri: Edibesa, 2000), p. 153. 146 Após realizarem seus Exercícios Espirituais c om Borja no final de 1552 em Oñate (veja *Mon Borgia* 3:132; *Chron.* 3:331, 340; *Epp. Mixt.* 3:123). Borja também recebeu lá outro discípulo de Ávila, Antonio de Córdoba, filho da Marquesa de Priego. 147 Veja Scaduto, *Azione*, p. 617. 148 Antes de entrar na Sociedade, ele foi secretário do cardeal arcebispo de Toledo, Juan de Tavera (veja *DHCJ* 1:580). 149 Parece que a mesma razão fez Bustamante ressentir-se da admissão de Ávila na Sociedade. O julgamento de Bustamante sugere a linhagem converso de Guzmán, embora tenha sido duvidada pela maioria dos especialistas que escreveram sobre esse episódio (veja, por exemplo, Rey, "São Inácio," p. 184; e o artigo de Medina sobre Guzmán em *DHCJ* 2:1857–9).150 Veja Reites, "São Inácio e os Judeus," p. 25. A alegação de Silíceo provavelmente não era infundada. Francisco de Villanueva (1509–57) de Villanueva de Placência (Cáceres) entrou na Sociedade em Roma em 1541. Loyola o empregou no assunto da entrada do converso Juan de Ávila na Sociedade. Veja Baldomero Jiménez Duque, "Juan de Avila na encruzilhada" *Revista Española de Teología* 29 (1969): 445–73; M. Ruiz

a política do arcebispo, que deveria cuidar de seus próprios assuntos em vez de interferir nas questões internas da Sociedade.[151] O problema era que o florescente Colégio de Alcalá—um reduto de vocações jesuítas (converso)—estava localizado dentro da jurisdição diocesana de Silíceo. Ironia do destino, foi Francisco de Villanueva, juntamente com o converso Manuel Lópes e Maximiliano Chapelle,[152] que inauguraram este colégio em 1546, e Beatriz Ramírez e Mencía de Benavente—os antigos amigos *alumbrado* de Loyola de Alcalá—haviam apoiado financeiramente sua fundação.[153]

Esta parte do relatório de Nadal para Loyola é de extrema importância na história dos jesuítas de ancestra judaica, pois confirma o que observamos acima: de acordo com Loyola, Nadal e, mais tarde, Ribadeneyra, Possevino,[154] Guzmán, Mariana,[155] e Alarcón—e ao contrário do partido anti-converso que proibiria a admissão de conversos quarenta anos depois[156]—as *Constituições* jesuítas não consideravam a ancestralidade judaica um impedimento para a admissão na Sociedade.[157]

Jurado, "San Juan de Ávila y la Compañía de Jesús," pp. 153–72; e *DHCJ* 4:3976–7, onde o autor do artigo, M. Ruiz Jurado, evita o verdadeiro motivo do conflito entre a Sociedade e o Inquisidor. [151] [Roma], 2 janeiro de 1552, em *Cartas de São Ignacio de Loyola* (Madri, 1874–89), vol. 3, pp. 13–21. [152] Talvez seja Maximilián Capella, que pronunciou seus quatro votos em janeiro de 1566 (ARSI, *S. Andr. Germ. 1*, ff. 34–5), que representou a Província Baixa Alemã na Congregação dos Procuradores em 1568 e participou da Congregação Geral 3. Às vezes, seu nome tem uma forma francesa, Maximilien de la Chapelle, e dizem que é originalmente de Lille (Fois, "Everard Mercurian," p. 10) ou da Flandres (*DHCJ* 4:3977). Palmio menciona em seu memorial um certo Capilla [16], mas não está claro se os dois são o mesmo jesuíta. [153] Veja também um texto inédito relacionado ao Colégio de Alcalá, composto por Ribadeneyra, *Vida de doña María de Mendoza, fundadora do Colégio da Companhia de Jesus de Alcalá de Henares*.[154] Ribadeneyra, "De Prognatis genere Hebraeorum Societatis aditu non excludendis," em *Mon Rib.* 2:374: "É contra nossas constituições, as quais não excluem os tais, nem por impedimento essencial, nem por secundário ser de tal ou tal geração." [155] Juan de Mariana: *1536 Talavera de la Reina; SJ 1554 Alcalá de Henares; †16. xi.1624 Toledo; sacerdote em 1562; professo em 1564 (*DHCJ*, 3:2506–7). Analisaremos os textos de Ribadeneyra, Possevino, Guzmán, García de Alarcón e Mariana no Capítulo Quatro.

[156] Em sua carta à Congregação Geral 5, pedindo a exclusão da Sociedade de indivíduos de ancestralidade judaica, Manuel Rodrigues, assistente geral da Província de Portugal e líder do partido anti-converso (veja Capítulo Três), argumentou o seguinte: "Petitur a Congregatione ut decretum confi ciat, quo statuatur ut confessi (id est homines qui ex Iudaeorum sanguine emanant) in Societatem admitti non possint. Quam [. . .] haec petitio sit, constare ex eo potest quod confessorum admissio pugnat cum bono Societatis nomine, cum realitate ista atque cum Constitutionibus" (ARSI, *Inst. 184/II*, f. 356). [157] Veja Rey, "San Ignacio," pp. 181–2.

A solução final que Nadal adotou neste caso foi o que Loyola sugeriu audaciosamente para outras situações semelhantes: objetar às políticas discriminatórias anti-converso na Ibéria enviando candidatos conversos para Roma, onde—como Polanco enfatizou com orgulho em uma carta encomendada por Loyola—tal discriminação não existia:

> Quanto à sua sugestão ao nosso Pai para remover a distinção entre Cristãos Novos e Velhos na Sociedade, ele já a havia removido, pois aqueles que são bons e adequados ao nosso instituto são aceitos aqui sem distinção; mas lá na Espanha, sendo as coisas da Sociedade ainda delicadas, para não provocar muitas contradições, que impedem fundações e o curso do serviço divino, é necessário usar de alguma forma essas distinções, não sendo esclarecido externamente o que é claro internamente, ou seja, que não há favoritismo de povos ou linhagens. No entanto, escrevemos lá, e essa é a intenção do nosso Pai, não barrar nenhum bom sujeito por causa de sua descendência de Judeus ou Mouros; e se um ultraje é temido em um lugar, o sujeito pode ser transferido para outro lugar; e se ele não se encaixa bem na Espanha, envie-o para nós na Itália, onde não há tais preconceitos, que certamente parecem indignos de tão bons e inteligentes Cristãos que estão na Espanha.[158]

Nadal explicou esta política jesuíta ao Arcebispo Silíceo, [159] que estava disposto a queimar todos os jesuítas por seu suposto converso.

---

[158] "Quanto ao nosso Pai retirar a distinção entre cristãos novos e velhos na Companhia, já a retirou, porque sem distinção são aceitos aqui aqueles que são bons e aptos para nosso instituto; mas lá na Espanha, por serem as coisas da Companhia ainda tenras, para não provocar tantas contradições que impeçam as fundações e o curso do serviço divino, é necessário usar assim algum modo dessas, não se esclarecendo tanto no que é externo, quanto se sente no que é interno, que não há aceitação de pessoas nem linhagens [Romanos 2:11]. Ainda se escreveu lá, e esta é a intenção de nosso Pai, que não se deixe de aceitar nenhum bom propósito por descender de mouros ou judeus; e se se teme edificação em uma parte, que o mudem para outra; e não cabendo bem na Espanha, nos enviem para a Itália, onde não há esses respeitos, que, certo, parecem bem indignos de cristãos tão bons e de tão bons entendimentos como os há na Espanha" (*Mon Ign.* 9:150). Veja também a carta de Guzmán a Acquaviva contra o decreto de 1593: "Pois vimos nós que estávamos em seu tempo que se recebiam em Roma alguns sujeitos sem fazer dificuldade nenhuma o serem desse linhagem, por muito próximo ou fresco que fosse antes de certa maneira por eles, os recebiam mais facilmente, se tinham as outras partes convenientes para serem recebidos" (*Instit. 186e*, f. 355ᵛ) e a opinião de Ribadeneyra sobre a questão em *Mon Rib.* 2:279: "Entre os homens mais insignes em santidade, letras, prudência e raros dons da Companhia, alguns houve desse linhagem." Alarcón, Guzmán e Ribadeneyra seguem aqui um antigo argumento que já havia sido feito nos escritos pro-converso do século quinze por, por exemplo, Alonso Díaz de Montalvo e Alonso de Cartagena, como vimos no Capítulo Um. [159] S

background,[160] quando os dois se encontraram relutantemente cara a cara em Toledo em Fevereiro de 1554.[161] Em sua carta muito posterior a Acquaviva contra o decreto de 1593, Guzmán o lembraria de que Silíceo havia oferecido a Nadal um acordo dissimulado: "Se você barrar em suas Constituições os candidatos conversos, eu construirei para você um grande colégio." Abordando o arcebispo, Nadal o havia repudiado como contrário à vontade e intenção de Inácio.[162]

Consequentemente, Nadal enviou uma mensagem a Medina [del Campo], onde a família de Loarte vivia, convidando Loarte e Guzmán para acompanhá-lo a Roma, após terem pronunciado seus primeiros votos religiosos. Nadal justificou sua decisão em seu relatório a Loyola em Maio de 1554: nem Loarte nem Guzmán tinham qualquer impedimento. Além disso, ele expressou sua esperança de que o Senhor fosse servido não apenas na Espanha por meio de seu trabalho espiritual, mas também em Roma pelo suporte financeiro aos projetos jesuítas lá—Guzmán e Loarte estavam levando consigo 300–400 ducados e possuíam aproximadamente 9.000 *maravedíes* de benefícios.[163]

O desejo de Nadal foi cumprido. Loarte, que já tinha cinquenta e seis anos quando entrou na Sociedade e que morreu após vinte e quatro anos de trabalho principalmente na Itália, tornou-se um dos escritores espirituais mais prolíficos, publicados e traduzidos da primeira geração de jesuítas. Ele estava particularmente interessado em escrever sobre os aspectos distintivos do catolicismo: a paixão de Cristo, a devoção a Maria Mãe de Deus e a confissão sacramental. Ele publicou *Esercitio de la vita Christiana* (Gênova, 1557), *Instuttione et avisi, per meditare la Passione di Christo* (Roma, 1570), [*Trattato*] *delli rimedii contr'il gravissimo peccato della bastem-mia* (Veneza, 1573), *Istruttione e avvertimenti per meditar i misteri delRosario* (Roma, 1573), *Conforto de gli afl itti* (Roma, 1574), *Trattatodelle sante peregrinationi* (Roma, 1575), *Antidoto espiritual contra a*

---

160 Veja *Mon Nadal* 1:233: "O arcebispo diz que todos somos cristãos novos"; e uma carta a Loyola de Francisco de Villanueva de 1551, citada por Astrain, *História*, p. 353: "[Silíceo] começou a dizer que nos queimaria a todos." 161 Na ocasião, Nadal entregou em Toledo algumas cartas à família converso de Pedro de Ribadeneyra. 162 "E para prosseguir esta razão da intenção e vontade de nosso bendito pai Ignácio acerca deste ponto, se confirma com o que sucedeu ao pai Jerônimo Nadal quando veio à Espanha para publicar as Constituições por ordem de nosso pai, que foi quando o arcebispo de Toledo Silício se mostrou contrário à Companhia, especialmente porque entendeu que se recebiam t ambém os de aquele linaje como os demais; e disse ao pai Nadal o qual eu ouvi, 'Fazei constituição de não os receber e eu fundarei um grande colégio de sua Companhia.' E respondeu o pai Nadal, isso não se dará de maneira alguma, entendendo que tal coisa seria contra a intenção e vontade de nosso pai Ignácio" (ARSI, *Instit. 186e*, ff. 354v–355). 163 Veja *Mon Nadal* 1:257.

peste (Gênova, 1577), e *Avisos de sacerdotes e confessores* (Parma, 1579).[164]Ele foi seguido na Sociedade por seu irmão Baltasar, também um discípulo de Juan de Ávila, que deixou a Nadal uma nota auto-biográfica significativa: "Eu tenho [também] duas irmãs viúvas em Medina e dois irmãos casados em Granada, todos ricos. [. . .] Eu tinha uma biblioteca muito boa que deixei para a Sociedade, na qual estudei a Escritura e os doutores sagrados."[165]

Diego de Guzmán, após ser treinado por Loyola em Roma, onde foi imediatamente nomeado ministro da *casa professa* (1554–5), tornou-se confidente de Leonora Álvarez de Toledo (1522–62), Duquesa da Toscana, [166] enquanto cuidava do Colégio Jesuíta em Florença. Em 1562, ele substituiu seu velho amigo Loarte como reitor do colégio em Gênova. Posteriormente, ensinou catecismo em muitas partes da Itália. Com base nesta e em experiências anteriores com Juan de Ávila, Guzmán escreveu *Modo perinsegnar con frutto la dottrina christiana* [A Way of Teaching Christian Doctrine Successfully] (1585).[167] Ele desejava ir ao Brasil como missionário, mas devido à sua audição prejudicada e à ignorância da língua local, Borja exigiu sua presença em Roma (1567), onde dirigiu a Casa dos Catecúmenos. Vinte anos depois, ele retornou a Sevilha, onde passou as duas últimas décadas de sua vida. Guzmán se oporia ao decreto anti-converso de 1593 em uma carta não publicada a Ribadeneyra que analisaremos no Capítulo Quatro.[168]

Nadal estava tão longe de discriminar candidatos judeu-conversos que, após Loarte e Guzmán, ele admitiu outros discípulos de Juan de Ávila, removendo assim as últimas dúvidas deste de que a política anti-converso dos Jesuítas ibéricos era contrária ao curso de Loyola e às *Constituições* jesuítas. Nadal relatou a Loyola de Valladolid em março de 1554 que, após ele e Ávila se encontrarem em Córdoba, o Pai [Diego] Santa Cruz de Lisboa,[169] o Pai [Cristóbal] Carvajal de Valência,[170] e outros dois discípulos não nomeados de Ávila

---

164 Veja *DHCJ*, 3:2402–3. 165 Veja *Mon Nadal* 1:605. 166 Veja Scaduto, *Governo*, pp. 579–82. 167 Veja ARSI, *Opp. NN. 55*, ff. 135^{v}–137. 168 "Depois que há este decreto, muitos sujeitos que têm partes muito essenciais e de grande estimativa se retiraram, e que seriam muito esti mados e de grande fruto na Companhia" (Diego de Guzmán, "As razões que há para que o decreto da Quinta Congregação Geral deva ser abrogado e desfeito, que determina que não sejam recebidos os que são de linhagem de judeus ou de mouros," em ARSI, *Inst. 186e*, ff. 353–8).169 Ele nasceu em Granada em 1518 e morreu em 1594. 170 Ele nasceu em Talaván em 1518 e morreu em Placência em 1557.

entrou na Sociedade.[171] Um dos últimos foi levado por Nadal, junta mente com Loarte e Guzmán, a Roma, e a partir de uma carta alegre de Polanco a Francisco de Borja, infere-se que seu nome era Manuel de Sá.[172] Ele nasceu em 1528 em uma família converso de Villa de Conde (Portugal). Ainda como noviço, Sá foi solicitado por Loyola a examinar as *Constituições* jesuítas antes de sua promulgação. Como professor de teologia e exegese no *Colégio Romano* (1556–72), ele contribuiu com o converso Diego de Ledesma[173] para a elaboração da *RatioStudiorum*. Assi m como seus outros confrades conversos (Loarte, Polanco e Toledo), ele se tornou um autor prolífico de manuais para confessores: seu *Aphorismi Confessariorum* (Veneza, 1592) teve pelo menos oitenta edições, incluindo sua tradução japonesa publicada em Nagasaki em 1605.[174]

Sem dúvida, Nadal estava sinceramente convencido de que a ancestralidade judaica não era um impedimento para candidatos jesuítas.[175] Em uma discussão apaixonada sobre a admissão de um candidato converso chamado Santander,[176]

---

171 Veja *Mon Nadal* 1:226–7. M. Ruiz Jurado, em seu "San Juan de Ávila," p. 158, lista vinte e oito dos discípulos de Ávila que entraram na Sociedade. Um desses dois deve ter sido either Luis de Santander ou Alonso Ruiz, sobre os quais muito será dito abaixo. 172 "A presente é para fazer saber a V[ossa] R[everência] que o P[adre] M[aestro] Nadal chegou com seus três companheiros, o D[octor] Loarte, D[on] Diego e M[aestro] Manuel a Roma, todos saudáveis pela graça divina. Fomos muito consolados no Senhor nosso com eles, e com as boas novas que de lá trazem do divino serviço, por ministério da Companhia . . ." (*Mon Nadal* 1:269). 173 Diego de Ledesma: *1524 Cuéllar (Segóvia); SJ 1556; †1575 Roma; sacerdote em 1557; professo em 1560. Para mais informações sobre ele, veja abaixo. 174 Veja Maryks, "Census," pp. 483–91. 175 Uma confirmação adicional da opinião de Nadal sobre a questão é sua carta a Loyola sobre a aceitação do próprio Ávila na Sociedade: "O P. Doutor Torres partiu para Córdoba . . . Vai muito animado com a esperança de que o Mtro. Ávila mesmo deve entrar na Companhia, e eu lhe disse que me parecia bem, havida a dispensação, porque foi frade, e ainda não soube se professou. Duas coisas me moveram a conceder isso. A primeira, o que me dizem Villanueva e outros, que desejou V[ossa] P[aternidade] trazê-lo quando lhe mandou visitar, etc.; a segunda, o juízo de D. Antonio, que deseja muito especialmente, e também o P. Francisco e o doutor Torres, t odos o consideram uma grande coisa que ele entrasse: por outro lado, há o impedimento mencionado, ser velho e enfermo, *cristiano novo*, e perseguido no passado pela Inquisição, embora claramente absolvido; e depois de seus, a Inquisição tomou alguns, não sei se todos absolvidos. [. . .] Ele tem grandes partes, grande entendimento, muito espírito e muitas letras, e um grande talento para pregar e conversar, grande fruto, especialmente na Andaluzia, e está em grande crédito de todos" (*Mon Nadal* 1:249). Pedro Ribadeneyra, e m sua crítica obstinada da política anti-converso dos jesuítas, trouxe um exemplo de Ávila: "O P. Mtro. Ávila disse que por duas coisas a Companhia poderia se perder: a primeira, por admitir muita turba; e a segunda, por fazer distinção de linhagens e sangue" (*Mon Rib.* 2:381).

176 Deve ter sido Luis (Diego) de Santander (1527–99) de cria (Sevilha). Assim como Loarte e Guzmán, ele foi um discípulo de Juan de Ávila. Com Baltasar Piñas, ele

ele respondeu: "Nós [jesuítas] temos o prazer de admitir aqueles com ancestralidade judaica."[177]

Nesse contexto, uma narrativa sobre os supostos sentimentos fortemente anti-judaicos de Nadal, relatados por seu secretário Diego Jiménez no *Comentário sobre a vida e virtudes do Pe. Nadal*, escrito na década de 1560, deve levantar as sobrancelhas dos historiadores. Ji ménez narra ingenuamente que, durante sua estadia em Avignon, Nadal foi oferecido para o cargo de rabino-chefe pela comunidade judaica l ocal, pois ele conhecia tão bem o hebraico. Mas ele recusou categoricamente a oferta com indignação, chamando os judeus de " marranos" e "espíritos diabólicos e hereges na Lei de Moisés." Os soldados franceses, ouvindo Nadal discutir com os judeus em hebraico, chamaram o próprio Nadal de "marrano." [178] No entanto, em seu diário pessoal, Nadal apresentou uma versão bem diferente desse episódio. Ele narrou que, durante a turbulência resultante da guerra entre França e Espanha, um dos soldados franceses agarrou Nadal, que segurava em s ua mão um Pentateuco hebraico, pela barba e exclamou: "Você, cachorro judeu!" Nadal não relatou que respondeu a essa ofensa.[179]

Assim, é difícil reconciliar a suposta judeofobia de Nadal, conforme retratada por seu secretário Jiménez, com sua disposição em admitir na Sociedade c andidatos de ancestralidade judaica, como expresso em seus próprios escritos.[180] Qual era, então, o propósito de Jiménez ao informar seus leitores jesuítas

---

trabalhou com *moriscos* (veja Medina, "A Companhia de Jesus e a minoria morisca," *AHSI* 57 (1988): 3–136) e foi confessor da converso Teresa de Ávila, a quem ajudou a fundar seus conventos em Medina del Campo (1567) e Segóvia (1574), onde foi reitor do primeiro colégio jesuíta. Alonso Rodríguez foi seu discípulo em Valência. Santander foi um opositor declarado do decreto anti-converso, cujas consequências ele experimentou pessoalmente—Baltasar de Santofi mia (provavelmente ele mesmo um converso) se opôs à sua nomeação como reitor do colégio em Écija, e Cristóbal Méndez contestou sua nomeação como reitor em Sevilha. Também seus dois irmãos, Jerônimo (1541–74) e Antonio (n. 1539), ingressaram na Sociedade (veja *DHCJ*, pp. 3499–500). 177 "Disputavi etiam acriter contra opinionem Soti, quod ordo correptionis evangelicae non esset servandus in crimine haereseos: conquestus est apud me quod non reciperemus, qui ducunt a judaeis origine m; se id scire de Araozio et Mirone. Respondi ita non esse; sed habere nos delectum in illis recipiendis" (*Mon Nadal* 2:21). Esta e outras histórias mostram claramente que a oposição da liderança jesuíta inicial à discriminação contra conversos era uma questão de princípio, pois era contra as Constituições Jesuítas, ao contrário do que Foa sugere em seu "*Limpieza* versus Missão" (pp. 307–8). 178 Veja *Mon Nadal* 1:29–31. 179 Veja *Mon Nadal* 1:4–5. 180 Documentos jesuítas sobre o assunto mostram que a judeofobia jesuíta e a conversofobia, bem como a judeofiléia e a conversofiléia, andavam de mãos dadas, embora se possa objetar que um conversofóbico poderia ser ao mesmo tempo um judeófilo, ou vice-versa. Aparentemente, não era assim entre os primeiros jesuítas, devido à identificação genealógica comum dos conversos com os Judeus.

sobre os ataques anti-judaicos de Nadal em Avignon, cuja veracidade não pode ser aceita de forma acrítica, embora alguns historiadores que comentaram sobre isso considerem a versão de Jiménez confiável?[181] É possível que o relato de Jiménez tenha sido uma tentativa de assegurar a seus confrades jesuítas que Nadal não era de descendência judaica? Uma maneira de responder a essa pergunta é explorando a provável origem converso de Nadal. Além da conexão feita anteriormente, há uma série de indícios adicionais que podem apontar para as origens judaicas de Nadal, que ele, assim como quase todos os outros jesuítas conversos, pode ter mantido estritamente não reveladas.

A primeira dica vem da topografia da cidade de Maiorca. A casa natal de Nadal e a da família de sua mãe estavam localizadas ao lado da igreja de Santa Eulália — o centro do bairro dos conversos (*chueta*) na Cidade de Maiorca ao longo do século dezesseis.[182] Até hoje, as duas ruas nesse bairro, Carrer Pare Nadal e Calle Morey, testemunham as raízes familiares de Jerônimo Nadal.[183]

A segunda dica vem dos arquivos da Inquisição Espanhola. Pelo menos quatro conversos que levavam o nome de Nadal foram julgados por este tribunal no final do século quinze (Gaspar em 1489, os tintureiros Pablo e sua esposa Martina em 1497, e Pau, que era um alfaiate),[184] e

---

[181] Veja William Bangert, *Jerome Nadal, S.J. 1507–1580: Tracking the First Generation of Jesuits* (Chicago: Loyola University Press, 1992), p. 1; O'Malley, *Os Primeiros Jesuítas*, p. 190; Codina Mir, "A ordenação e o doutorado em teologia de Jerônimo Nadal," p. 247; Joan Nadal Cañellas, *Jeroni Nadal Morey, a sua vida e a sua contribuição à cultura europeia do s. xvi* (Palma de Maiorca: Promomallorca Edicions, 2002). [182] O bairro *chueta* deve ser distinguido do judaico que era adjacente a ele, embora ambos pertencessem à mesma paróquia de São Eulália. Eu pessoalmente confundi os dois bairros em meu "Jerônimo Nadal" (*DEI*, p. 1315), seguindo M. Ruiz Jurado em seu "Jerônimo Nadal" (*DHCJ* 2:2793). [183] No passado, havia outra rua no bairro de Santa Eulália, Calle de Nadals (hoje Calle de la Campana), nomeada após a família de Nadal, que possuía uma casa lá na segunda metade do século dezesseis: "El Magnífico Antonio Nadal, Ciudadano militar, que foi o último possuidor da casa, a vendeu a Bernardo Barrera [. . .] em 10 de maio de 1599. O Antonio Nadal citado, as havia adquirido de Pedro Jerônimo Nadal [. . .] em 4 de Julho de 1563, e este a seu turno por compra à Magnífica Beatriz Dezcallar [. . .] em 24 de outubro de 1560" (Diego Zaforteza e Musoles, *A cidade de Mallorca. Ensaio histórico-toponímico* [Palma de Maiorca: Ajuntament, 1960], vol. 4, pp. 321–2). Eu ainda não consegui estabelecer a conexão desses Nadals com Jerônimo. Quando este partiu de Maiorca em 1545, deixou na ilha seu único irmão, Esteban Nadal (veja Nadal, *Chronicon* [35]: "Navegué solo hasta Barcelona, dejado el cuidado de los asuntos familiares a mi hermano Esteban, bajo la supervisión de mi tío Morey"). De qualquer forma, essa informação indica o vínculo de vários Nadals com o bairro *chueta* da cidade.

[184] Veja Lorenzo Pérez, ed., *Anales Judaicos de Mallorca* (Palma de Mallorca: Ripoli, 1974), p. 237; e Pérez, *Inquisición de Mallorca, Reconciliados e relaxados, 1488–1691* (Barcelona: [M. Perdigó], 1946), Índice.

pelo menos um no século dezessete (Rafael Nadal Pomár de Benito em 1679).[185]

A terceira dica envolve possíveis associações conversas do sobrenome Nadal.[186] O Bispo Bernardo Nadal Crespí (bispo de 1794 a 1818) foi o primeiro chefe da Igreja Maiorquina a permitir que candidatos *chueta* entrassem no sacerdócio. Jaume Nadal, junto com as conhecidas famílias conversas proeminentes de Valls, Aguiló, Fuster, Pomár e Segura, foi cofundador da Sociedade Maiorquina de Seguros de Transportes Marítimos em 1672.[187] Com evidências circunstanciais tão fortes, pouco dúvida resta sobre a ancestralidade judaica de Nadal.

No entanto, quando a vida de Inácio de Loyola começou a atingir seu zênite, os jesuítas professoes em Roma elegeram Jerônimo Nadal vigário geral, assim que ele retornou de sua viagem à Espanha, acompanhado por Diego de Guzmán, Gaspar de Loarte e Manuel de Sá (novembro de 1554). Como ele frequentemente estava ausente visitando as províncias jesuítas pela Europa, as funções diárias do governo eram cumpridas por seus colaboradores conversos, Polanco e Madri.

O último nasceu em 1503 em uma família converso de Daimiel, perto de Toledo. Ele chegou a Roma como teólogo do Cardeal de Trani, Giovan Domenico de Cupis (1493–1553), que se tornaria um dos principais apoiadores do apostolado de Loyola com os judeus romanos. Permanecendo como convidado e associado do cardeal, Madrid co meçou a colaborar no projeto jesuíta para as prostitutas romanas, a Casa de Santa Marta. Em 1550, seu irmão Alfonso entrou na Sociedade, e Cristóbal seguiu o exemplo em 1554. Apenas um ano depois, Loyola o nomeou assistente geral para a Itália, enquanto lhe confiava o cuidado da *Casa Professa* e a supervisão de colégios, embora ele ainda não tivesse pronunciado seus votos finais e, portanto, não fosse *de iure* um jesuíta pleno. Esses numerosos deveres não impediram Madrid de cumprir o pedido de Inácio (que Salmerón e Andrés de Oviedo não conseguiram cumprir)[188] de compor

---

185 Veja AHN, Inquisição, lib. 364, f. 249^{r} e Lleonard Mutaner i Mariano, ed., *Ralación de los Sanbenitos 1755* (Mallorca: Miquel Fonf, 1993), pp. 20–1. Note que o sobrenome Pomár é um nome típico entre os *chuetas* maiorquinos, que praticavam endogamia. Assim, é muito improvável que a mãe de Raphael, Pomár, tenha se casado com um não-*chueta.* 186 Veja *Dicionário Sefaradi de sobrenomes* (Rio de Janeiro: Fraiha, 2003), p. 337. 187 Gabriel Cortés Cortés, *História dos Judeus Maiorquinos e de seus descendentes cristãos* (Miquel Font: Mallorca, 1985), vol. 1, p. 182; e Cortés Cortés, *Origem Genealógica de alguns Sobrenomes existentes em Mallorca e História dos Judeus da Espanha* (Valência: Edições Franva, 1965), Índice. 188 Para mais informações sobre Oviedo, veja abaixo.

uma espécie de diretório eucarístico, *Libellus de frequenti usu sacramentiEucharistiae*. Sua primeira edição anônima apareceu em Nápoles já em 1556, e a oficial foi impressa pelos jesuítas em Roma em 1557. Edições posteriores do livreto de Madri eram frequentemente encadernadas com o *Breve directorium* de Polanco que analisamos acima. Cristóbal de Madrid foi um dos apenas dois jesuítas (o outro foi André de Freux) que estavam presentes na morte de Inácio em 31 de julho de 1556.

O triumvirato converso: a eleição de Diego Laínez

Quando Inácio morreu, seu vigário geral, Nadal, estava longe na Espanha— a notícia sobre a morte de Loyola, transmitida por Ribadeneyra, chegou a Nadal apenas em setembro de 1556 em Alcalá. Era sua tarefa agora organizar uma congregação geral que elegeria um novo superior geral da Sociedade. No entanto, de acordo com o secretário da Sociedade, Polanco, o mandato de Nadal expirou com a morte de Loyola. Assim, Polanco informou Nadal que os jesuítas professos em Roma haviam se reunido e eleito um novo vigário geral, Diego Laínez. Embora Nadal pudesse ter algum fundamento legal para reivindicar que ainda tinha o direito de exercer seu cargo, ele imediatamente aceitou e reconheceu a eleição de Laínez. Ele correu de volta a Roma a cavalo para apoiar este último em sua difícil tarefa de convocar a congregação— uma tarefa que seria adiada por dois anos devido à guerra travada entre o Rei Filipe II e o Papa Paulo IV. Durante este período de interregno, a Sociedade foi governada por Laínez e seus colaboradores dedicados Polanco, Nadal e Madri.

A acumulação de poder nas mãos desses poucos foi profundamente ressentida por um dos primeiros companheiros de Inácio, o excêntrico Nicolás Bobadilla. Ele fez campanha contra o triunvirato na corte papal e em outros lugares, argumentando que Laínez estava sendo manipulado por seus associados. Ele também afirmou que as *Constituições* jesuítas tinham que ser aprovadas pelos dez pais fundadores (e não apenas por Inácio, a quem acusou de ser um "sofista maligno"), [189] e que até então os três homens não tinham autoridade legal. Em seu memorial ao governador de Loreto, Gaspare de' Dotti, enviado de Roma em 1557, Bobadilla escreveu: "Laínez é bom, mas ele se deixa governar por seus dois filhos, que caíram

[189] Veja *Mon Nadal* 2:53.

em muitos erros, como você verá no anexo."[190] O documento anexado é *Disordini fatti in poco tempo in questo maloloro governo* [Desordens feitas em um breve período neste mau governo deles]. Entre as treze acusações, seu autor escreveu no primeiro parágrafo que "os três, Laínez, Polanco e Nadal [. . .] se isolaram por muitos dias e discutiram entre si certas coisas e não em público com a [congregação] geral."[191] É interessante notar que essa acusação é semelhante ao que Benedetto Palmio escreveria mais tarde sobre o papel dos conversos durante a Congregação Geral 3, como veremos abaixo.

A argumentação de Bobadilla foi duramente criticada por Nadal, que o acusou de ser ambicioso, mundano, sedicioso e uma alma inquieta (esses epítetos são típicos nos escritos anti-converso do período, como vimos no capítulo anterior). Então, Bobadilla recorreu a outro tipo de arma. Benedetto Palmio sugeriu que Bobadilla, em sua tentativa de desmantelar o "triumvirato" dos Novos Cristãos em Roma,[192] apontou ao Papa Paulo IV (que era conhecido por sua antipatia em relação aos j udeus e espanhóis e, portanto, também em relação a Laínez)[193] que Laínez e muitos de seus colaboradores eram de linhagem judaica, embora Araoz e Palmio alegassem que o próprio Bobadilla pertencia ao mesmo grupo. Talvez Bobadilla tenha feito essas acusações para velar sua própria *origem Morisco*.[194] Uma dica de que isso é verdade é que Bobadilla não era o verdadeiro nome de Nicolás. Seu sobrenome era Alonso y Pérez, e Bobadilla [del Camino] era uma cidade em Placência onde ele nasceu c. 1509. Este espanhol "áspero e rústico como sua terra natal"[195] estudou retórica e lógica em Valladolid e depois filosofia na Universidade de Alcalá, onde obteve seu bacharelado. Lá, como Laínez e Salmerón, ele deve ter ouvido falar de Inácio. Subsequentemente

---

190 "Laínez é bom, mas deixar-se governar por dois filhos seus, que o precipitaram em tantos erros, como verá pelo anexo" (*Mon Nadal* 4:105). 191 "Os três, Laynez, Polanco e Nadal [. . .] se separaram por vários dias, e tratavam entre si as coisas, e não em público com a congregação" (*Mon Nadal* 4:105–6). 192 Ao meu conhecimento, o memorial de Palmio é o único documento que interpreta a crise após a morte de Loyola em termos do conflito converso. Para diferentes interpretações do descontentamento de Bobadilla, veja *DHCJ* 1:464–5; e Scaduto, *Governo*, pp. 45–7. 193 Veja Scaduto, *Governo*, pp. 31–2. 194 Veja S. Pey Ordeix em sua *História crítica de São Inácio de Loyola . . . Estudo analítico da vida e história do santo fundador da Companhia feito diretamente sobre os documentos dos arquivos nacionais e estrangeiros, especialmente dos segredos do Vaticano, da inquisição e da Companhia* (Madri: Impr. de A. Marzo, 1916), p. 222; e ARSI, *Vitae 164*, f. 17^{r-v}. 195 Veja Schurhammer, *Francisco Xavier*, p. 207.

Fonte: Alfred Hamy, *Galeria Ilustrada da Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #313. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 8. Nicolás Bobadilla (c. 1509–90)—o converso oponente do "triumvirato converso"

ele começou a estudar teologia, primeiro em Alcalá sob a orientação de Juan de Medina e depois de volta em Valladolid sob Diego de Astudillo (ambos os mestres eram de provável ascendência converso), mas ele acabou seguindo a fama de Loyola até Paris, onde se juntou aos *íñigistas*. No contexto de sua conspiração anti-converso na corte papal, que—segundo Benedetto Palmio—foi o início de como "os vermes infestaram a maçã,"[196] não deve surpreender que Bobadilla tenha ajudado ansiosamente na queima do Talmud ("e outros livros de hereges") em Ancona em 1554.[197]

Apesar da conspiração de Bobadilla, o papa foi assegurado por meio de seus enviados, o Cardeal Alberto Pio di Carpi e o Cardeal Michele Ghislieri, de que todos os sacerdotes jesuítas em Roma, exceto Bobadilla e seu confrade francês Ponce Cogordan (1500–82), reconheciam a autoridade de Laínez como vigário geral. Além disso, Nadal convenceu com sucesso os círculos papais de que as *Constituições* de Loyola não continham nenhum erro. Subsequentemente, Laínez convocou a congregação para se reunir em junho de 1558. Agora, as congregações provinciais tinham que eleger seus delegados de acordo com a regra estabelecida por Polanco e Nadal (superior provincial mais dois delegados professo eleitos).[198] O primeiro a fazê-lo foi a província i taliana. Não surpreendentemente, Laínez, Polanco e Nadal foram escolhidos para representá-la.

À medida que a assembleia se reuniu, Laínez quis evitar a eleição de qualquer pessoa ambiciosa e, para esse propósito, compôs um documento consistindo de doze cânones.[199] Nadal se opôs a isso, argumentando que aqueles não faziam parte das *Constituições* jesuítas.[200] A crítica de Nadal resultou em um rumor de que ele estava conspirando para se tornar superior geral, mas a investigação de Polanco, solicitada por Laínez, provou que o rumor era falso. Com a bênção papal obtida por Laínez e Salmerón, a Primeira Congregação Geral começou. Na sala onde Inácio morreu, em 2 de Julho, Laínez foi eleito sucessor de Loyola com treze votos de vinte. Nadal recebeu quatro votos, e três outros candidatos

---

196 Veja ARSI, *Vitae 164* f. 17r. 197 Veja *Mon Ign.* 1:569 (uma carta para Mirón de 5 de abril de 1554); e Keneth R. Stow, "A Queima do Talmud em 1553, à luz das Atitudes Católicas do Século Dezesseis em Relação ao Talmud," *Bibliothèque d'Humanisme and Renaissance* 34 (1972): 435–59.198 Veja Scaduto, *Governo*, p. 94. 199 Veja ARSI, *Congr. I*, f. 3r; e *Inst. 222*, f. 210r. 200 Veja *Mon Nadal* 2:59–60.

(Broet, Lanoy e Borja) receberam um cada.[201] Polanco relatou em uma carta para Oliviero Manareo que os resultados da votação trouxeram muita alegria e consolo a todos, exceto Laínez.[202] Nem para os eleitores nem para o judeofóbico Papa Paulo IV, que aprovou a eleição com um discurso comovente,[203] a linhagem converso de Laínez—que ele tornou pública na ocasião—[204] foi qualquer impedimento para sua eleição ao mais alto cargo administrativo na Sociedade de Jesus, apesar do descontentamento do tribunal espanhol e das tentativas de jesuítas posteriores de ocultá-la.

Um dos primeiros historiadores jesuítas que se opôs vee mentemente a essas tentativas de falsificar a ancestralidade de Laínez f oi o historiador italiano Francesco Sacchini (1570–1625). Quando sua *História*, contendo informações sobre a origem judaica de Laínez, foi publicada em 1622, muitos jesuítas espanhóis sobrecarregaram o Superior Geral Mutius Vitelleschi (1563–1645) com pedidos para que ela fosse removida:

> A Província de Toledo, unida em uma congregação, peticiona unanimemente ao nosso Reverendíssimo Pai Geral que se certifique de que o que está escrito no segundo volume da *História da Sociedade* sobre a ancestralidade do Pai James Laynez seja deletado. Suplicamos pela remoção de tão grande desonra à doce memória de tão grande Pai. Que não haja menção alguma a isso na segunda edição, e neste primeiro pedimos que o Pai Geral cause imediatamente a remoção da página que contém essa mancha vil que prejudica toda a Sociedade, substituindo-a por outra que afirme a pureza e nobreza da linhagem do Pai. Apresentamos algumas das muitas razões que podem levar sua Paternidade a conceder o pedido. Primeiro, o que a *História* revela sobre o nascimento deste grande homem é falso, como testemunhas de máxima probidade que investigara m o assunto atestam. Em segundo lugar, mesmo que fosse verdade, não serviria a nenhum propósito útil, mas causaria o maior dano e seria absolutamente pecaminoso marcar um Geral da Sociedade e um de seus fundadores com tal infâmia. Em terceiro lugar, a vileza da imputação não se limita apenas ao nosso Pai Laynez, mas reflete sobre todos os seus parentes... Entre outros, o Marquês de Almazán, que não tem vergonha de contar o Pai entre seus parentes, está profundamente ofendido com isso...

---

201 Veja *Mon Nadal* 2:62. 202 Veja *Mon Laínez* 3:394–7. 203 Veja *Mon Laínez* 3:398–9 e 8:665–9. Possevino afirmou que Paulo IV queria fazer de Laínez um cardeal e que alguns cardeais desejavam que ele fosse eleito papa após a morte do primeiro (veja AHSI, *Inst. 184/II*, f. 351^{r}). 204 Veja o memorial de Possevino (AHSI, *Inst. 184/II*, f. 350^{v}): "P. Giacopo Laínez, nascido porém em Almanzano de pai como se sabe. O qual P. Laínez, eleito depois em geral, e ele recusando, com a intenção até de mencionar ingenuamente seu nascimento, a congregação, unida daqueles primeiros pais que [são] vieram [e] tinham o sincero espírito da Companhia, julgou, na presença de Deus, frívola toda objeção que nascesse da consideração de tais respeitos do mundo." Veja também a carta de Possevino a Sacchini em AHSI, *Vitae 162,* ff. 59–60^{v}.

Fonte: Alfred Hamy, *Galeria Ilustrada da Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #111. Cortesia da Biblioteca John J. Burns no Boston College.

Figura 9. O historiador jesuíta italiano Francesco Sacchini (1570–1625)

Sacchini, a quem os jesuítas toledanos pediram que fosse punido, respondeu de forma direta:

> Cristãos. Naquela ocasião, os Pais expressaram que, se o decreto não fosse alterado, a Sociedade poderia sofrer consequências desastrosas. Portanto, é evidente que a admissão de Novos Cristãos foi uma prática reconhecida e apoiada por muitos dos nossos Pais mais antigos. A história que se desenrola em torno dessa questão é, sem dúvida, um testemunho da santidade e da sabedoria do nosso santo Pai Inácio, que sempre buscou a maior honra e glória de Deus em todas as suas decisões.

[205] Analisaremos a memória de Alarcón no Capítulo Quatro.

Cristãos! Quem, então, acreditará que uma história tão antiga, tão amplamente conhecida e tão consistente está totalmente sem fundamento? Por que deveria ser contada sobre Laínez em vez de outro, a menos que seja verdade sobre ele? Por que, se falsa, ninguém nunca se deu ao trabalho de refutá-la? [. . .] Os pais de Toledo afirmam que, ao revelar a origem judaica de Laínez, infligi uma ferida em toda a Sociedade. Como assim, por favor, quando ninguém além deles sentiu qualquer ferida? Meu livro foi circulado em todas as nossas províncias e lido à mesa em muitos refeitórios, mas apenas da Espanha veio ao menos uma sílaba de reclamação. E onde, de qualquer forma, está essa infâmia da qual falam? São Epifânio, aquela grande luz da Igreja e o oponente da heresia, era um judeu de ambos os lados. Assim como São Julião, arcebispo de nada menos que Toledo, e ainda seu patrono. E quantos santos e doutores além disso eram daquele mesmo sangue do Santo dos Santos? A Igreja se gloria em tais homens e assim deveríamos nos gloriar em nosso Laínez, cuja chamada mancha é uma ignomínia apenas para mentes vulgares e preconceituosas. É nosso dever fazer guerra contra tais preconceitos e destruí-los. Por que esse medo onde não há causa para medo? É uma ignomínia encontrar Cristo nosso Senhor, por mais tarde que seja? Que mancha permanece no novo homem que se vestiu de Cristo e se tornou um templo de Deus, um filho de Deus, um herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo? Devemos nos envergonhar de ter a mesma mente que o Apóstolo dos Gentios? É ele quem proíbe a oliveira brava de se vangloriar contra os ramos quebrados da verdadeira oliveira, na qual, sem nenhum mérito próprio, os brotos estranhos foram enxertados. Armado com esse pensamento, como pode qualquer homem que ama Cristo se ofender pelo retorno a Ele de seus próprios parentes raciais? Mas não estou pleiteando a causa dos Novos Cristãos. Desejo apenas indicar que de forma alguma me arrependo do que escrevi sobre Laínez. Como Cristão, seu sangue judeu não era uma ignomínia, mas uma nobreza, pois ele não era um broto selvagem, como cada um de nós é, mas um ramo caído da boa oliveira enxertado novamente de forma doce e adequada na planta-mãe.[206]

Curiosamente, o mesmo tipo de petição foi enviado a Roma pela Congregação Provincial de Toledo em 1649, solicitando desta vez que a informação sobre a ancestralidade judaica de Polanco fosse deletada da *História* de Sacchini.[207]

---

[206] Veja James Brodrick, *O Progresso dos Jesuítas (1556–79)* (Chicago: Loyola University Press, 1986), pp. 314–21. Veja o original em *Mon Laínez* 8:833–55. [207] Veja ARSI, *Congr. 74*, ff. 79–80. O texto de Sacchini em questão era o seguinte: "Eo demum descendit Pontifex, ut libera Congregatio esset: cum eo tamen, ut si forte Hispano homini munus imponeretur, ante promulgaçãoem sibi signifi carent. Quod plerique, coniectura haud dubia, repellendo Polanco accipere: sive is Neophytus, ac favere Neophytis putaretur, sive etiam a quopiam timeretur, ac praesertim ab Edmundo Augério, qui ad eum ex Hispania redeuntem cum Borgia, de nimio inter cetera Nationum studio delatus fuerat" (Sacchini, *História da Sociedade de Jesus*, vol. [ ], 1, 6 7 Everardus liber pp. –).

As palavras citadas de Sacchini refletem o espírito de Loyola que os delegados da Congregação Geral 1 desejavam preservar. Eles decidiram que as *Constituições* escritas por Inácio não poderiam ser alteradas, pois acreditavam—para usar a observação posterior de García Alarcón—que ele provavelmente havia recebido seus pontos substanciais do próprio Deus.[208] Assim, a política de não discriminação de Loyola em relação a candidatos de ancestralidade judaica foi sancionada. A Congregação posteriormente aprovou a tradução oficial em latim das *Constituições* elaborada por Polanco, que levou em consideração as notas sugeridas a Loyola por ele mesmo, Madri e Nadal. Este último foi comissionado pela assembleia para escrever um comentário que, sob o título de *Scholia in Constitutiones*, seria recomendado como normativo pela seguinte Congregação Geral 2 (1565).[209]

A autoridade do "triumvirato converso" também foi mantida a nível administrativo. A Congregação Geral 1 elegeu-os como assistentes gerais de Diego Laínez—Madri para a Itália e Sicília; Polanco para a Espanha; e Nadal para a Alemanha, Flandres e França. Além disso, Madri continuou a ser ministro da *casa professa*, Nadal para supervisionar o Colégio Romano, e Polanco para chefiar o secretariado, exercendo também um cargo de *admonitor* do superior geral.[210] Nadal solicitou à congregação que os assistentes gerais tivessem o direito de votar *ex offi cio* e de manter seus cargos até a eleição do próximo superior geral.[211] Lembrando claramente a falta de plena compreensão da função do vigário geral após a morte de Loyola (Nadal vs. Laínez), um comitê da Congregação que incluía Polanco e Nadal—sem ter tempo suficiente para redigir um documento—declarou que o vigário geral tinha a função não apenas de convocar uma congregação geral para eleger um novo superior geral, mas também de substituir o superior geral durante qualquer ausência de Roma. Essa foi uma clarificação precognitiva, pois Laínez estaria ausente de sua sede com bastante frequência. A ausência mais longa foi devido à sua (e de Polanco) participação no colóquio de Poissy (1562) e na última sessão do Conselho de Trento em

---

208 "[. . .] quod nos a Pai nosso Inácio accepimus eumque probabiliter credimus illud a Deus immediate recepisse quoad omnia substantialia" (ARSI, *Inst. 184-I*, f. 304). 209 Veja Scaduto, *Governo*, p. 109; e idem, *Francesco Borgia*, p. 53. 210 O trabalho do *admonitor* era " admoestar o geral com a devida modéstia e humildade sobre o que nele ele pensa que seria para o maior serviço e glória de Deus" (*Const.* [770]). 211 Veja ARSI, *Congr. 20a*, ff. 10 e 176.

1563. Eles foram acompanhados até lá por Nadal, que se juntou a eles em seu caminho de volta da Espanha, de onde, apesar de ter sido encarregado dos poderes de Laínez, foi obrigado a partir a pedido do oficial real fóbico a conversos, Ruy Gómez, um penitente do jesuíta Antonio de Araoz. Cristóbal de Madrid foi nomeado vigário geral em Roma para aquele período, temporariamente flanqueado por Ribadeneyra.

Ribadeneyra continuou a gozar de muita influência durante o geralato de Laínez. Com Salmerón, ele foi encarregado de outra missão a Flandres em 1557, onde acompanhou o Cardeal Carlo Carafa (1517–61). [212] De lá, ele flanqueou o Conde de Feria em sua embaixada para a moribunda "Maria Sangrenta," Rainha Maria I Tudor (1516–58). Aproveitando essa oportunidade de viajar para Londres, Ribadeneyra foi solicitado a explorar a possibilidade de estabelecer a Sociedade lá, mas a ascensão ao poder da Rainha Elizabeth I (1533–1603) forçou o jovem jesuíta a retornar apressadamente ao Continente. Esta breve, mas memorável visita à Inglaterra influenciou o trabalho posterior de Ribadeneyra sobre a história eclesiástica da Reforma Inglesa, *História eclesiástica do cisma do Reino da Inglaterra.* Em 1559, Laínez o convocou a Roma, onde Ribadeneyra recebeu a supervisão do *Colégio Ger manicum* e tornou-se visitante dos colégios em Amelia, Perugia e Loreto. Após a última missão, Laínez o admitiu à profissão solene em setembro de 1560 e o promoveu ao cargo de superior provincial da Toscana, argumentando que "o novo provincial tem talento para pregação, doutrina e espírito. Além disso, ele é uma pessoa prudente, treinada para lidar com assuntos importantes em seus muitos anos na Sociedade desde seu início, e muito familiarizado com nosso Pai Inácio." [213] Em 1561, Laínez o fez associado de Salmerón, que foi nomeado vigário geral durante a viagem de Laínez e Polanco à França e Trento.

Ao retornar dessa exaustiva jornada, o Diego Laínez, de cinquenta e três anos, morreu ao amanhecer em 19 de janeiro de 1565, com Francisco de Borja presente em seu leito de morte.[214] Polanco flanqueou o último, que—eleito vigário geral—estava agora encarregado de preparar a Segunda Congregação Geral, que se reuniu em 21 de junho de 1565. A assembleia de delegados elegeu Borja como o novo superior geral na primeira votação, com trinta e um

---

[212] Veja *Mon. Rib.* 1:241–3. [213] Veja *Mon Rib.* 1:xi. [214] Veja *Mon Borgia* 3:727.

dos trinta e nove votos, muitos dos quais devem ter sido dados por conversos, a quem—segundo Palmio—ele amava incondicionalmente.

O amor infinito de Francisco de Borja pelos conversos

Entre os participantes da congregação estavam, é claro, Bobadilla, Madri, Nadal, Polanco, Ribadeneyra e Salmerón, mas outros jesuítas conversos ou pro-conversos também eram eleitores. Ignacio de Azevedo, Juan Gurrea, Diego de Guzmán, Gaspar de Loarte, Manuel López, Cristóbal Rodríguez, Manuel de Sá e Juan Alonso de Vitoria. Também Bartolomé Hernández, Diego Miró, Juan de Montoya, Alfonso Román, Juan Suárez e Marcelo Vaz podem ter demonstrado sua simpatia pro-converso, dado que cada um deles pode ter tido uma origem converso.

Já seguimos a carreira de Manuel de Sá e dos amigos siameses, Guzmán e Loarte; e a relação do provincial toledano, Manuel López, co m o teólogo moral salmantino Enrique Enríquez já foi mencionada. Mas as carreiras de Ignacio [Inácio] de Azevedo e Cristóbal Rodríguez não eram menos notáveis. Azevedo veio, como López, de Oporto (Portugal), onde nasceu em 1526, filho de um ex-sacerdote, Manuel de Azevedo, e de uma ex-freira, Francisca de Abreu, e talvez estivesse relacionado com o proeminente jesuíta Simão Rodrigues [de Acevedo]. O avô converso materno de Ignacio, João Gomes de Abreu (casado com Joanna de Mello), foi um famoso poeta e navegador. Seu irmão mais novo, Jerônimo, foi capitão-general da ilha de Ceilão [Sri Lanka] (1594–1612), onde recebeu missionários jesuítas. Azevedo entrou na Sociedade em Coímbra em 1548 e posteriormente foi nomeado reitor do Colégio Jesuíta em Lisboa e provincial de Portugal. Borja o nomearia o primeiro visitante da nova província jesuíta no Brasil,[215] onde passaria três

[215] Os começos da presença jesuíta no Brasil são marcados pelo trabalho de José de Anchieta Llarena (1534–97) de San Cristóbal de la Laguna (Tenerife, Ilhas Canárias). Ele nasceu de um rico proprietário de terras que era originalmente do país Basco, Juan López de Anchieta (relacionado a Inácio de Loyola), e era descendente de um dos conquistadores de Tenerife, Mencia Díaz de Clavijo y Llarena, que era de ancestralidade judaica. Ele co-fundou as cidades de São Paulo (1554) e Rio de Janeiro (1565) e também é considerado o primeiro escritor brasileiro. Relacionado a ele estava também outro jesuíta, Luis Anchieta (1652–83) de La Orotava (Tenerife). Ele nasceu de María Ana de Abreu e Juan de Anchieta. Sob o

anos. Em sua segunda viagem ao Brasil em 1570, sua frota *Santiago* foi capturada em 15 de julho perto das Ilhas Canárias pelos piratas hugonotes liderados por Jacques Sourie. Ele e seus trinta e nove jovens companheiros foram despidos, cortados em pedaços e jogados ao mar.[216] Entre eles estava um sobrinho de Teresa de Ávila, o noviço jesuíta Francisco Pérez Godoy (nascido em 1540). O papa em 1854 beatificou esses quarenta jesuítas, conhecidos como os mártires do Brasil, embora os esforços pela beatificação já tivessem começado com Antonio de Vieira (1608–97) no século dezessete.

Cristóbal Rodríguez[217]—que é mencionado no memorial de Palmio como parte do círculo converso—após seu doutorado em teologia em Alcalá foi nomeado reitor do Colégio de Gandía, que havia sido fundado por Borja. Ele acompanhou Borja durante sua visita a Valladolid e, na ausência de Araoz, Rodríguez foi nomeado reitor e vice-provincial das duas províncias castelhanas (1559). Como mencionado anteriormente, Rodríguez foi enviado com Giovanni Battista Eliano em uma missão papal ao patriarca copta de Alexandria no Egito. O inquisidor Ghislieri também o empregaria na missão aos valdenses no sul da Itália (1563), e Borja o escolheria para governar a recém-criada província jesuíta de Roma (1567). Em 7 de outubro de 1571, ele seria um dos sete jesuítas presentes na batalha de Lepanto, onde acompanhou dom João da Áustria (1547–78), a pedido do papa. No final do mandato de Borja, ele seria nomeado reitor da Penitenciária de São Pedro em Roma. Na conclusão do mandato de Laínez (1565), ele foi nomeado provincial da Toscana e, como tal, participou da Congregação Geral 2. (A coragem militar de Rodríguez também era característica de outro jesuíta converso, Hernando de Torres, que morreu como capelão na Grande Armada diante da costa irlandesa.)[218]

---

pseudônimo de Cristóbal Pérez del Christo, ele publicou uma obra sobre as antiguidades das Ilhas Canárias (veja *DHCJ* 1:158). 216 Veja a carta de Polanco para Vázquez em ARSI, *Ital. 68*, f. 193ᵛ. 217 Cristóbal Rodríguez: *1521 Hita (Guadalajara, Espanha); †1581 Nápoles; SJ 1554; sacerdote antes de 1554; professo em 1559. Veja *DHCJ* 4:3395; Scaduto, *Catalogo*, p. 127; e Mario Scaduto, "A missão de Cristoforo Rodríguez ao Cairo (1561–1563)," *AHSI* 54 (1958): 233–78. 218 Hernando de Torres: *1537 Portugal; SJ 1569 Cádiz; †1588. Ele teve relações com os Judeus de Ragusa (Dubrovnik), que lhe ofereceram uma recompensa por casar-se com uma mulher judia, o que ele recusou. Em troca, ele levou consigo o filho de um rabino e o fez cristão em Roma. Veja *DHCJ* 4:3821; e Francisco de Borja Medina, " Jesuítas na armada contra Inglaterra," *AHSI* 58 (1989): 35.

Fonte: Alfred Hamy, *Galerie Illustrée de la Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #182. Cortesia da Biblioteca John J. Burns do Boston College.

Figura 10. Bl. Ignacio de Azevedo (1526–70)—o missionário mártir do Brasil

Após a escolha do novo superior geral, a Congregação Geral 2 também elegeu *in absentia* um assistente para Francisco de Borja na Espanha, Antonio Araoz, mesmo que sua própria província não o tivesse escolhido como eleitor para aquela assembleia. Uma carta comovente de Borja para Araoz lança alguma luz sobre a razão pela qual os jesuítas conversos devem ter votado unanimemente por este parente controverso de Loyola, cuja política abertamente converso-fóbica Benedetto Palmio contrapôs em seu memorial à abertura pro-converso de Borja:

> Sua Reverência não deve se surpreender que nenhuma carta tenha chegado de mim recentemente, pois com minha nova cruz o peso do meu trabalho aumenta. Mas agora que esta manhã a congregação geral o elegeu assistente por uma maioria de todos, exceto um ou dois votos, José não consegue mais se conter de parabenizar seu querido irmão [*Gênesis*43:30]. Ele nutre uma boa esperança de que sua chegada aqui significará um grande serviço a Deus por meio de seus conselhos e ajuda nos assuntos de Sua nova planta, a Sociedade de Jesus, da qual *você foi um dos primeiros membros após os dez pais originais*. [. . .] Sua Reverência conhece meu a mor infalível por você, e que muitas águas não podem apagá-lo. Venha, então, Pai, nesse mesmo espírito de afeto com o qual você é desejado, para que seja possível dizer verdadeiramente de nós dois em nossa medida, " sicut in vita se dilexerunt ita in morte non sunt separati . . ." *Pater carissime*, reze por mim e me avise o dia de sua partida [Itálico meu].[219]

Polanco,[220] Ribadeneyra, e Salmerón[221] escreveram cartas que eram igualmente amistosas em tom,[222] mas Araoz interpretou sua eleição co mo uma tentativa de remover "da Espanha uma pessoa terrível, temida por alguns como um conspirador e por outros como um obstáculo ao saque do país de dinheiro para Roma e de homens para a Itália,"[223] e, obstinadamente apoiado por seu protetor da corte real, o Príncipe Ruy Gómez, ele nunca apareceu em Roma, justificando-se—como fizera sete anos antes—com o argumento de que o calor de Roma era prejudicial à sua saúde.[224] Quando Araoz não assumiu seu cargo após três anos, Borja o substituiu por Nadal. Benedetto Palmio, que—junto com Diego Miró

---

[219] Veja *Mon Borgia* 4:28–30. Citado em Brodrick, *Progresso dos Jesuítas*, pp. 178–9. [220] Veja *Mon Borgia* 4:28. [221] Veja *Mon Salmerón* 2:25–6. [222] Veja Bartolomé Alcázar, *Crôno-história da Companhia de Jesus na Província de Toledo, e elogios de seus varões ilustres, fundadores, benfeitores, fautores, e filhos espirituais* (Madri: Juan Garcia Infançon, 1710), vol. 2, pp. 96–9. [223] Para a interpretação dessa eleição por Sacchini e Astrain, veja Astrain, *História*, 2:225. [224] Veja *Mon Borgia* 4:28 e Astrain, *História*, 2:225–30.

(Portugal) e Everard Mercurian (Europa do Norte)—foi escolhido para ser um novo assistente geral pela Congregação, perdeu, por sua vez, a chance de ter Araoz em Roma para combater a predileção de Borja por conversos.[225] Seus principais alvos eram especialmente Polanco, que foi reeleito secretário da Sociedade pela terceira vez consecutiva e *admonitor* do geral pela segunda vez, e Ribadeneyra, que foi nomeado visitante na Lombardia (1569) e assistente geral para a Espanha (substituindo Araoz) e Portugal (1571). Entre outros jesuítas conversos que—para desagrado de Palmio—voariam para Borja como as proverbiais abelhas para a flor, estavam Francisco de Toledo, Pedro de Parra, Diego de Ledesma, Alonso Ruiz, Hernando de Solier, Dionisio Vázquez e Gaspar Hernández.

Francisco de Toledo Herrera nasceu em 4 de Outubro de 1532, filho de Alfonso de Toledo, um atuário em Córdoba, e Isabel de Herrera. Sua ancestralidade judaica tornou-se notória durante o processo inquisitorial do converso Arcebispo de Toledo, Bartolomé Carranza de Miranda, que Toledo (e Borja) defendeu tenazmente.[226] Nesta ocasião, o Inquisidor Matías de Hinestrosa solicitou a exclusão de Toledo do processo devido à sua linhagem judaica — seu avô havia sido julgado por judaizar[227] e sua avó e bisavós haviam sido queimados na fogueira.[228] Ele estudou filosofia primeiro em Valência e depois sob a orientação de Domingo de Soto (1494–1560) em Salamanca, onde se tornou professor aos vinte e três anos. Influenciado pela pregação do jesuíta converso, Antonio de Madrid,[229] Francisco entrou na Sociedade

---

[225] Veja ARSI, *Vitae 164*, f. 20ᵛ. [226] Veja Scaduto, *Francesco Borgia*, p. 34. Carranza veio da família Peñalosa de Sevilha. [227] Benedetto Palmio em sua autobiografia mencionou que seus e outros parentes' *sanbenitos* foram enforcados em [a catedral de] Córdoba: "L' Ambasciatore di Spagna [Juan de Zúñiga] sentindo questi ragionamenti sparsi per la Corte disse al Papa che quest'huomo era novissimo cristiano et che erano in Cordova abitelli dell' Avo et [di] outros seus parentes" (ARSI, *Vitae 164*, f. 24). [228] Veja Astrain, *Historia*, 2:64–5. Ignacio Tellechea Idígoras estabeleceu em sua "Censura inédita do Padre Francisco de Toledo, S. J.," *Revista Española de Teología* 29 (1969): 15–9, que o documento citado por Astrain está extante no Arquivo Histórico Nacional em Madri (*Inquisição*, livro 597, f. 43): "Este Mestre Francisco de Toledo é de linhagem de judeus mui baixos e notoriosos de Córdoba, filho de Alonso de Toledo, escrivão público, cujo pai foi por judaizante reconciliado e tr uxo sanbenito, e creio que foram queimados a mãe e avós; e em resolução é de este linaje e casta notória veríssimamente." [229] Antonio de Madrid: *1520 Cádiz; SJ 1555; †1563 (veja Fejér, *Defuncti*, 2:132; Astrain, *Historia*, 2:505–7; e *Mon Nadal*, 2:541).

Fonte: Alfred Hamy, *Galeria Ilustrada da Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #112. Cortesia da Biblioteca John J. Burns no Boston College.

Figura 11. Francisco de Toledo [Herrera] (1532–96)—o primeiro cardeal jesuíta

em 1558. No ano seguinte, Nadal o enviou a Roma, onde Laínez o nomeou mestre de noviços e professor de filosofia e teologia no Colégio Romano. Dez anos depois, o papa o nomeou pregador apostólico (um cargo que ele ocupou por vinte e quatro anos) e teólogo da Penitenciária Apostólica. Vários papas o enviaram em missões diplomáticas para a Áustria, Polônia, Alemanha, Baviera, França (a reconciliação do Rei Henrique IV) e Flandres (a retratação de Michael Baïus) e o envolveram na revisão do texto da *Vulgata* . Em reconhecimento aos seus serviços à Santa Sé Apostólica, ele foi o primeiro jesuíta a ser criado cardeal (17 de setembro de 1593), titular de S. Maria in Transpontina. Como veremos no próximo capítulo, ele desempenhou um papel importante no conflito entre o Superior Geral Acquaviva e as províncias espanholas no início da Congregação Geral 5. A posição de Toledo nesse assunto provocou muita raiva em Benedetto Palmio, que menosprezou sua ancestralidade judaica e o chamou de "monstro" em sua autobiografia.[230] Ele morreu em 1596 e foi sepultado em um túmulo monumental na Basílica Liberiana patriarcal em Roma. A *Instrução para Padres e Penitentes* (1596) de Toledo teve o maior sucesso editorial entre os livros jesuítas sobre confissão sacramental, refletido por pelo menos 166 edições publicadas antes de 1650 — uma média de três por ano.[231]

Cardeal Francisco de Toledo foi seguido na Sociedade por seus dois sobrinhos, Baltasar e Francisco [Vázquez] Suárez [de Toledo]. Seus outros irmãos—como no caso de outras famílias conversas—também entraram na vida religiosa: Pedro tornou-se sacerdote, e Marcelina, Inés e María ingressaram no convento Jerônimo de Santa Paula em Granada. Outros dois irmãos casaram: Juan Vázquez Suárez de Toledo casou-se com Antonia Vázquez de Gumiel y Medina, e Catalina Utiel de Toledo tornou-se a esposa de Juan Trillo y Armenta. Esta numerosa descendência nasceu de Gaspar Suárez de Toledo, um advogado que havia se casado com Antonia Vázquez de Utiel, irmã do Cardeal Toledo. Quando criança, ele havia se mudado de sua Toledo natal para a Granada recém-reconquistada (1492) com seus pais, Alonso de Toledo (o mordomo do

---

230 ARSI, *Vitae 164*, ff. 22–5, 45–6. 231 Veja Salo Wittmayer Baron, *Uma História Social e Religiosa dos Judeus*, vol. 14: "Baixa Idade Média e Era da Expansão Europeia, 1200–1650: Restauração Católica das Guerras de Religião" (Nova Iorque: Columbia University Press, 1969), pp. 11–2. *DHCJ* 4:3807; *Os Cardeais da Igreja Romana. Dicionário Biográfico*: http://www.fi u.edu/~mirandas/bios1593.htm); Maryks, "Censo," 494–514; e Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, especialmente pp. 9–11, 42–7, e 61–4.

reis católicos, cujo pai, o *jurado* Alonso Suárez de Toledo, havia servido ao Rei Henrique)[232] e Leonor de la Torre, e dois irmãos, Juan Suárez de Toledo que se tornaria sacerdote e Gaspar Suárez que se tornaria um oficial militar. Alguns dos parentes desta família converso toledana de Suárez Vázquez de Toledo, cujos ancestrais vieram de León para Talamanca perto de Toledo após a vitória cristã em Las Navas de Tolosa em 1212,[233] foram: Álvarez de Toledo, o arcebispo-cardeal de Burgos; don Francisco de Toledo, vice-rei do Peru; e os jesuítas Cipriano Soárez e Juan de Mariana.[234]

O irmão de Francisco Suárez, Baltasar, estava entre os primeiros jesuítas a serem enviados para as Filipinas, mas morreu exausto pelas condições de viagem a caminho de lá em 1581.[235] Francisco, por sua vez, superou a fama de seu tio materno como um dos teólogos jesuítas mais influentes. Ele nasceu em 1548 em Granada. Seguindo a profissão de seu pai, estudou direito em Salamanca desde 1561, e lá ingressou na Sociedade em 1564. Como jesuíta, continuou seus estudos de filosofia e teologia em Salamanca. Ordenado sacerdote em 1572, lecionou teologia em Ávila, Segóvia, Valladolid, Roma, Alcalá, Salamanca e Coímbra. Publicou, entre outras obras, *De Incarnatione* (1590), *De mysteriis vitae Christi*(1592), *De Sacramentis* (1595), *Disputationes Metaphisicae* (1597)— a principal expressão de seu pensamento filosófico—*De Poenitentia*(1602), *De auxiliis* (1603), *De virtute et statu Religionis* (1608–9), *DeLegibus* (1612)—pelo qual é considerado o pai do direito internacional—e *Defensio fi dei catholicae* (1613).[236] Sua contribuição foi importante para o desenvolvimento do Probabilismo—o principal sistema ético da Sociedade desde o último quartel do século dezesseis.[237] O *Doctor Eximius*, como Suárez era chamado, escreveu extensivamente sobre os aspectos legais do decreto de 1593 *de genere*, argumentando que, sem qualquer

---

[232] Veja a carta dos reis católicos ao avô de Francisco Suárez, Alonso de Toledo, citada em Raoul de Scorraille, *François Suarez de la Compagnie de Jésus* (Paris: P. Lethielleux, 1912), p. 8. [233] Veja *DHCJ* 4:3654; *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana* (Bilbau: Espasa Calpe, 1927), 70 vols, vol. 57, p. 1412; e Scorraille, *François Suarez*, pp. 3–12.[234] Veja José de Dueñas, " Os Suárez de Toledo," *Razón y Fe* 138 (1948): 91–110 e José Gómez-Menor, *Cristianos Novos e Mercadores de Toledo* (Toledo: Librería Gómez-Menor, 1970), p. xliv. Sobre Juan de Mariana, veja o Capítulo Quatro. [235] Veja H. de la Costa, *Os Jesuítas nas Filipinas* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1961), p. 6. [236] Veja *DHCJ* 4:3654–62. [237] Veja Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, pp. 125–7.

dúvida, a Congregação Geral 5 tinha o poder de emendar as *Constituições* jesuítas adicionando o impedimento de origem (barreando candidatos conversos de entrar na Sociedade).[238] Mais do que uma expressão de seu racismo,[239] o apoio de Suárez à legislação anti-converso de Acquaviva foi provavelmente uma forma de esconder sua própria ancestralidade judaica.

A inclinação de Toledo e Suárez pela casuística também era característica de Pedro de Parra, que nasceu em 1531 em Sanlúcar la Mayor (Sevilha); ele entrou na Sociedade em 1553, foi ordenado sacerdote em 1559 e foi admitido à profissão solene por Borja em 1566. Ele ensinou no Colégio Romano: filosofia (1560–3), Escritura (1573–6) e teologia (1564–76). Assim como Francisco de Toledo, ele foi nomeado para o comitê que revisou a *Vulgata*. Depois, ele substituiu Sebastião Morais[240] no ensino de teologia moral no Colégio de Brera (Milão), onde seu colega converso, Manuel de Sá, também era professor. Ele é o autor do inédito *De casibus conscientiae summa* e *InEvangelium Ioannis.* O historiador jesuíta Scaduto o considerou um dos mais excelentes professores em Roma. De fato, seu aluno do Colégio Romano, Silvio Antoniano, elogiou-o em uma carta ao Cardeal Borromeo: "Ele tem de Deus esse talento particular de facilidade e clareza no ensino, e é especialmente bem treinado em casos de consciência."[241]

O colega de Parra no Colégio Romano era Diego de Ledesma. Nascido em 1524 em Cuéllar (Segóvia), ele mudou seu nome de Villafanna (Villa Cuéllar) ao entrar na Sociedade em 1556 sob a i nfluência de Ribadeneyra, que ele conheceu em Leuven.[242] Apenas um ano após sua admissão, ele foi ordenado sacerdote em Roma, onde liderou os trabalhos de um comitê dominado por seus colegas conversos—Francisco de Toledo, Manuel de Sá, Pedro Parra, Diego de Acosta,[243] e Pedro.

---

[238] Veja Francisco Suárez, *Tractatus de religione Societatis Jesu* (Bruxelas: Greuse, 1857), p. 84. [239] Munitiz, "Francisco Suárez," p. 340. [240] Sebastião Morais: *c. 1535 Funchal (Ilha da Madeira); SJ 1550 Coímbra; sacerdote 1560 Évora; professo 1569; †19 de agosto de 1588, Moçambique (veja *DHCJ* 3:2737). [241] "Ha da Dio singolare talento della facilità e chiarezza all'insegnare, e sopratutto bene esercitato e risoluto nei casi di coscienza" (Scaduto, *A Obra de Francisco Borgia*, p. 328). Pergunta-se se ele era relacionado ao venerável Juan Sebastián de la Parra (1546–1622), um missionário jesuíta no Peru (veja *DHCJ* 4:3542–3). [242] Veja *Mon Rib.* 1:64–5. [243] Diego de Acosta (1535–85) foi um dos cinco filhos de um mercador converso de Medina del Campo (Valladolid) que entrou na Sociedade (o mais famoso de

Fonte: Francisco Suárez, *Opera omnia* (Veneza, 1740–1751), retrato na folha de rosto. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 12. Francisco Suárez [de Toledo] (1548–1617)—o converso apoiador da legislação anti-converso

Perpiñan[244]—com o objetivo de produzir um código pedagógico unifor me para as escolas jesuítas, a *Ratio studiorum*. Como texto preliminar para este projeto, ele compôs *De ratione et ordine studiorum CollegiiRomani* (1564–5). Ele também pode ser considerado o autor do decreto emitido por Borja, *De opinionibus in philosophia et theologia tenendis* (1565). Ledesma também produziu uma gramática latina (Veneza, 1569) e um catecismo (1571) que foi traduzido para muitas línguas. Em 1566, juntamente com Nadal, foi nomeado teólogo pontifício para a Dieta de Augsburgo. Com Ribadeneyra, ele foi visitante da província da Lombardia, que havia sido governada por Benedetto Palmio. Este último escreveu com ressentimento sobre Ledesma em seu memorial que "se o Pai Inácio estivesse vivo, ele não o manteria na Sociedade por uma hora, j ulgando-o um inimigo da Sociedade e exterminador da paz e união" [8].

Não menos versado em clássicos era Cipriano Soáres, que—apesar de suas origens castelhanas—entrou na Sociedade em Lisboa devido às suas origens de converso de ambos os lados. Ele estava relacionado ao cl ã toledano de Suárez de Toledo, cujo descendente era o mencionado Francisco Suárez. Seu *De arte rhetorica* foi o manual jesuíta mais publicado sobre o assunto e foi utilizado em colégios jesuítas por mais de duzentos anos.[245]

Outro dos protegidos de Borja, Dionisio Vázquez (1527–89) de Toledo—o principal alvo do memorial de Palmio e o futuro líder do movimento *memorialistas* —estudou teologia em Gandía após ingressar nos jesuítas em 1550 e acompanhou o Comissário Borja em suas

---

deles estava José, mencionado anteriormente neste capítulo). Após seu retorno à Espanha, o Visitador García de Alarcón o nomeou reitor do Colégio em Sevilha (1578) e provincial da Andaluzia (1581). Para uma descrição de seu caráter, veja Astrain, *História* 3:82. [244] Pedro Perpiñan: *1540 Elche (Valência); SJ 1551 Coímbra; sacerdote 1564 Évora; †28 de outubro de 1566 Paris. Ele nasceu de Melchor Perpiñan e Eleonora Clapés e teve três irmãos (Bernardo, Melchor e Luis) que também entraram na Sociedade em Coímbra. Seu sobrenome sefardita (veja Pere Bonnín, *Sangre Judía: españoles de ascendência hebraea y antisemitismo cristiano* [Barcelona: Flore del Viento Ediciones, 1998], Índice) e os típicos nomes de converso de seu pai e irmão podem sugerir ancestralidade judaica. Ele ensinou retórica no Colégio Romano de 1561 a 1565 e foi considerado um dos principais oradores europeus do período. Veja Scaduto, *Catálogo*, p. 114; Bernard Gaudeau, *De Petri Ioannis Perpiniani vita et operibus* (Paris: Retaux-Bray, 1891); e Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, pp. 101–6. [245] Cipriano Soáres [Suárez]: *1524 Ocaña (Toledo, Espanha); SJ 1549; †1593 Placência; sacerdote em 1553; professo em 1564 (veja *DHCJ* 4:3593; questionário de Nadal em ARSI, *Fundo Jesuítico*, 77/I, f. 352; e Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, especialmente pp. 97–8 e 103–4).

viagens pela Espanha.[246] Este convocou-o para Roma em 1566 para a poiar Polanco no secretariado da Sociedade para as províncias espanholas.[247] Contra o conselho de Palmio, Borja nomeou Vázquez reitor do Colégio Romano em 1568, visitante em Nápoles em 1570, e vice-provincial em Nápoles em 1571. Vázquez participou da Congregação Geral 3 como delegado eleito da província napolitana.[248]

Gaspar Hernández (1528–75) era conterrâneo de Vázquez. Ele e ntrou na Sociedade em 1554, e Borja o admitiu à profissão em 1563; apenas um ano depois, Borja o nomeou reitor do Colégio de Nápoles. Com Polanco, Hernández acompanhou Borja em sua última visita à Ibéria (1571–2).[249] Em uma carta a Borja, Salmerón ofereceu elogios de sua aptidão para assuntos governamentais:

> Dúvida-se se alguém mais poderia vir aqui para cumprir suas funções com mais atenção. Ele é bem conhecido fora de casa e muito amado por pessoas ilustres e importantes que o escolheram como seu pai espiritual com grande vantagem.[250]

No entanto, Mercurian o enviaria de volta à Espanha e mais tarde o dispensaria da Sociedade.

Hernando de Solier (1526–1603) de Segóvia recebeu seu doutorado *em utroque iure* da Universidade de Bolonha e entrou na Sociedade co mo sacerdote em 1555 sob a influência de Borja. Em 1566, este o no meou procurador geral da Sociedade antes de admiti-lo à profissão solene (1569). Pio V o nomeou, juntamente com Francisco de Toledo Herrera, um examinador e o primeiro reitor da Penitenciária de São Pedro (1570–3). Mercurian o enviaria de volta à Espanha com Ribadeneyra, um amigo próximo dele e de Luis de Santander.

---

246 Veja *Mon Borgia* 3:311, 314, 321–2. 247 Palmio afirmou em sua autobiografia que " contese [*sic*] fra Dionisio e Polanco fu grande" (ARSI, *Vitae 164*, f. 25v). 248 Acquaviva o encarregaria de escrever a biografia de Borja, que, no entanto, foi proibida de ser i mpressa e permanece inédita (ARSI, *Vitae 80*). Veja *DHCJ* 4:3911 (onde Dalmases não menciona sua ancestralidade judaica); Scaduto, *Catalogo*, p. 151; idem, *Francesco Borgia*, pp. 57, 70, 75, 77–8, 87–8; Fois, "Everard Mercurian," pp. 21, 28; e John W. Padberg, "A Terceira Congregação Geral," em McCoog, *Mercurian Project*, p. 50. 249 Veja Scaduto, *Catalogo*, p. 75 e 164, onde não há menção de sua demissão; e idem, *Azione*, p. 363. 250 "Se duvidar que possa vir aqui outro que desimpegue mais acuradamente o próprio ofício . . .; é muito conhecido fora de casa e muito amado por pessoas ilustres e de qualidade que o tomaram como pai espiritual com notável proveito" (*Mon Salmerón* 1:566–9).

(A tríade seria encarregada pelo provincial de Toledo, Antonio Cordeses, de compor um *memorial* contra algumas práticas na Sociedade ao núncio Nicolás Ormanetto, como veremos no próximo capítulo.) O tio ho mônimo de Solier era um arcipreste e cânone da catedral de Segóvia. Após sua morte em 1592, ele deixou para o colégio jesuíta na cidade u ma herança, que o superior geral ordenou que fosse administrada não por seu sobrinho jesuíta, mas por sua parente, Doña Antonia de Solier.[251]

Alonso Ruiz, que começou sua carreira jesuíta como mestre de noviços em Granada (1562–4), [252] foi convocado por Borja para fazer o mesmo trabalho em Roma, onde apresentou à vida jesuíta os futuros principais jesuítas poloneses: São Stanisław Kostka (1550–68) e Piotr Skarga (1536–1612); o superior geral anti-converso, Claudio Acquaviva; e seu sobrinho mártir, Rodolfo. Borja admitiu Ruiz à profissão dos quatro votos com Pedro de Parra. Durante a Terceira Congregação Geral, na qual ele participaria como superior da província romana, foi r esponsável pela redação do *Ordo Novitiatus*. [253] Ele foi superior da província romana de 1571 a 1574 e, após sua remoção de Roma, reitor dos colégios em Granada e Oviedo. Em 1580, juntamente com Baltasar Piñas, foi como missionário para o Peru, onde—após ser reitor do colégio em La Paz (Bolívia), vice-provincial de Quito e visitador do Panamá, morreu de volta no Peru.

Benedetto Palmio criticou duramente a espiritualidade de Ruiz e de seu patrono Borja. Ele argumentou em seu memorial e autobiografia [254] que "o crédito e favor excessivos" dados por Francisco de Borja aos jesuítas conversos se deviam às influências monásticas que o afetaram antes de se tornar jesuíta. Esse impacto teria inclinado Borja a uma espiritualidade que—segundo Palmio—era alheia ao espírito que Deus havia comunicado a Inácio e resultou do engano do Diabo:

---

[251] Veja documentos pertinentes em ARSI, *Fundo Jesuíta 1591–II*, doc. 20–2. Veja também *DHCJ* 4:3603–4; Scaduto, *Catálogo*, p. 139; e Josef Wicki, "Le *Memorie* dei penitentizieri gesuiti di S. Pietro," *AHSI* 57 (1988): 263–313. [252] Alonso Ruiz: *1530 Hita (Córdoba); † 1599 Arequipa (Peru); SJ 1554 Córdoba; sacerdote 1555; professo em 1566. [253] Veja *DHCJ* 4:3434–5; e Scaduto, *Catálogo*, p. 132. Juan de Santiváñez em sua *História da Província da Andaluzia da Companhia de Jesus* (ARSI), pt. 2, bk. 1, chap. 2, menciona o ressentimento dos jesuítas italianos contra ele. Sobre suas contribuições para a formação do noviciado jesuíta, veja M. Ruiz Jurado, *Origens do noviciado na Companhia de Jesus* (Roma: IHSI, 1980), pp. 212–5. [254] Veja ARSI, *Vitae 164*, ff. 33sqq.

> Embora Borgia fosse uma pessoa boa e santa, ele não se conformava ao espírito de Inácio, tendo sido treinado por Fra Giovanni [Juan de Tejeda],[255] e, assim, aprendeu muitas coisas com outros homens religiosos, com os quais esteve familiarizado por muito tempo, em vez de com Inácio. Isso foi claramente visto durante o geralato de Borgia, pois ele teria introduzido muitas novidades, se pudesse, e de fato introduziu algumas, pois acreditava que Inácio não tinha um bom conhecimento dos institutos religiosos. Borgia pensava assim, pois não conhecia, nem havia alcançado a elevação do espírito de Inácio e do que ele entendia na Sociedade.[256]

As figuras espirituais que exerceram sua autoridade sobre o Duque de Gandía foram Salvador de Horta, Pedro de Alcântara e o franciscano J uan de Tejeda, que afirmava ter visões proféticas de Borja como um papa angelical destinado a reformar a Igreja. Tejeda exerceu influência sobre alguns jesuítas em Gandía, onde foi hóspede no colégio jesuíta, notavelmente sobre seu reitor, Andrés de Oviedo, com quem Borja fez seu noviciado. Este "pardal solitário no telhado", como Borja o chamou, era provavelmente—assim como Tejeda—de origem converso. Ele nasceu em Illescas em 1517 e entrou na Sociedade em Roma (1541) já como sacerdote. Ele obteve seu Mestre em Artes em Alcalá e se tornou doutor em teologia em Gandía. Era renomado na Sociedade por suas inclinações monásticas (desapontado com o pouco tempo dedicado à oração na Sociedade, ele pediu sem sucesso para passar sete anos no deserto), mas sua influência na Sociedade foi virtualmente eliminada por sua nomeação em 1555 como bispo auxiliar do patriarca jesuíta de provável linhagem converso, Melchor Nuñes Barreto, na Etiópia, onde morreu em solidão e pobreza em 1577.[257] Talvez sob a influência de Oviedo e do converso Luis de Granada, Borja—que também era f ascinado pela espiritualidade carmelita de Teresa de Ávila—enviou à Congregação Geral 1 (a qual não pôde comparecer) um memorial propondo a extensão do tempo para a oração e a imposição como obrigatórias de certas penitências na Sociedade.[258] Essas propostas inclinadas monasticamente não chegaram a tempo, mas o recém-eleito Superior Geral Laínez recusou a proposta de Borja.

a.

---

255 Veja Melquíades Andrés Martín, *O mistério dos alumbrados de Toledo, desvelado por seus contemporâneos (1523–1560). Discurso de abertura de curso 1976–1977* (Burgos: Faculdade de Teologia do Norte da Espanha, 1976), p. 43. 256 Veja ARSI, *Vitae 164*, f. 18r. 257 Manuel Ruiz Jurado, "Um caso de profetismo reformista na Companhia de Jesus. Gandía 1547–1549," *AHSI* 43 (1974): 217–66. 258 Veja *Mon Borgia* 3:347–8.

sugestões mais tarde, de qualquer forma. Uma vez eleito geral, Borja foi autorizado pela congregação a prolongar o tempo de oração, com a condição de que ele levasse em conta as diferenças entre regiões e pessoas.[259] Cristóbal Rodríguez e Miró também pareciam inclinados ao claustro.[260] Por esta cobrança, Palmio sugeriu em seu memorial ([7]) que Borja e seus protegidos conversos criaram uma espécie de ordem religiosa dentro da Ordem Jesuíta, mais semelhante em sua espiritualidade a monges ou cartuxos. Ao mesmo tempo, Nadal e Polanco se opuseram persistentemente a esse tipo de ascetismo.[261]

Assim como durante o geralato de Laínez, Polanco acompanhou o superior geral jesuíta em suas viagens fora de Roma: para Florença em 1567, onde o Papa Pio V—para quem Polanco já estava prestando seus serviços para reformar a *Dataria*[262]—empregou os jesuítas na negociação de um acordo com Cosimo de' Medici (1519–74); e para a Ibéria e França em 1571, onde os dois apoiaram o Cardeal Michele Bonelli (1541–98) em suas negociações políticas com os respectivos monarcas. Antes de sua partida, Borja nomeou Nadal vigário geral da Sociedade.

Na França, Polanco foi acometido por febre, e Borja continuou viajando para a Itália sem ele. Quando Polanco finalmente alcançou Borja em Ferrara em junho de 1572, este, por sua vez, adoeceu. No início de agosto, os médicos permitiram que Borja continuasse sua jornada, no entanto. Ele partiu de Ferrara em 3 de setembro em direção a Loreto. Lá, os médicos foram consultados novamente, e consentiram em permitir que Borja prosseguisse para Macerata, onde Polanco teve que permanecer porque adoeceu novamente. Borja continuou sua viagem sem Polanco e chegou a Roma em 28 de setembro. Dois dias depois, ele morreu. Mesmo que Palmio acusasse Polanco de forçar o geral, que estava presumivelmente morrendo, a continuar sua viagem de retorno a Roma (para que ele morresse e fosse substituído), os pais professos de Roma elegeram Polanco como o novo vigário geral, mesmo antes de ele voltar a Roma, enquanto ele estava

---

259 Veja *Decretum 29* em Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 120; e Scaduto,*Francesco Borgia*, pp. 97–8. 260 Veja Scaduto, *Francesco Borgia*, pp. 100 e 102. 261 Veja Scaduto, *Francesco Borgia*, pp. 98–104; e Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, especialmente pp. 77 e 96–7. 262 *Dataria* é um escritório da chancelaria papal a partir do qual são concedidas (Lat. *data*) graças ou favores, reconhecíveis em *foro externo*, como benefícios, etc. O envolvimento de Polanco neste escritório foi provavelmente devido à sua experiência como *escritor apostólico* que ele havia adquirido antes de sua entrada na Sociedade, talvez na Universidade de Bolonha.

recuperando-se de sua doença em Macerata.[263] Juan Alfonso de Polanco teve que se recuperar e concentrar suas energias o mais rápido possível, pois estava prestes a enfrentar a tempestade mais desafiadora de sua carreira jesuíta.

Em conclusão, este capítulo mostrou por que e como os jesuítas de linhagem judaica desempenharam um papel fundamental na Sociedade de Jesus e como os primeiros jesuítas se beneficiaram ricamente, conscientemente e estrategicamente de seus confrades conversos. Argumentei que a chave para entender por que a Ordem Jesuíta se tornou um refúgio para conversos está na abordagem do fundador, Inácio de Loyola, em relação à "questão judaica", que teve numerosos contatos com a rede espiritual e mercantil dos conversos *antes* de fundar a Sociedade. Sua insistência adamantina no princípio constitucional da não discriminação na aceitação de candidatos, independentemente de sua linhagem, desde que fossem adequados para a vida jesuíta, foi apoiada por seus próximos colaboradores conversos, especialmente Jerônimo Nadal e Juan Alfonso de Polanco—figuras-chave no desenvolvimento institucional e espiritual dos primeiros jesuítas. O legado de não discriminação de Loyola tornou-se uma parte integral da política converso de seus dois sucessores, Diego Laínez—que ele próprio era um converso—e Francisco de Borja. O período de *interregno* após a morte de Loyola em 1556 e a eleição de Laínez em 1558 foi um tempo de crise política, durante o qual ressentimentos anti-conversos surgiram e foram manipulados pela primeira vez. Contido pelo protetor dos conversos, Francisco de Borja, essa animosidade explodiu após a morte deste último em 1572, mudando a política da Sociedade em relação à sua minoria influente de conversos. O próximo capítulo explicará por que e como isso aconteceu.

[263] Veja Scaduto, *Francesco Borgia*, pp. 62 e 403–6.

CAPÍTULO TRÊS

DISCRIMINAÇÃO CONTRA JESUÍTAS DE LINHAGEM JUDAICA (1573–93)

Aqueles da circuncisão subverteram toda a casa da Sociedade.Paul Hoffaeus, S.J., 1589/90

A morte do Superior Geral Francisco de Borja em 1572 marca um ponto de virada na história dos jesuítas conversos, cuja influência—após trinta anos ocupando altos cargos de responsabilidade na administração jesuíta—começou a diminuir. Assim como após as mortes dos dois predecessores de Borja, Loyola e Laínez, os jesuítas anti-conversos aproveitaram o momento da transição política ao fazer campanha contra a presença dos conversos na administração central, com o apoio de oficiais leigos e eclesiásticos externos. Desta vez, o esquema foi bem-sucedido—o lobby ítalo-português anti-converso conseguiu bloquear a eleição para o geralato do converso Juan Alfonso de Polanco e—conspirando com o papa—conseguiu eleger um candidato que não era nem converso nem pro-converso. Desde o início de seu mandato, o recém-eleito superior geral, Everard Mercurian, começou a "limpar a casa": ele privou todos os jesuítas conversos de cargos governamentais em Roma, Itália, e possivelmente em outras partes da Europa. Consequentemente, o período de influência política dos conversos terminou, mudando a abordagem da administração jesuíta em Roma, afastando-se tanto de candidatos quanto de membros de ancestralidade judaica, uma mudança que sob o sucessor de Mercurian, Claudio Acquaviva, resultaria eventualmente na legislação discriminatória de 1593. Esta legislação barrava oficialmente os conversos de se juntarem à Sociedade de Jesus e demitia aqueles que ainda não eram membros plenos da Ordem. Este capítulo explora o *raison d'être* da política anti-converso sob Mercurian e Acquaviva entre 1573 e 1593.

Quando, como vigário geral eleito, convocou a Terceira Congregação Geral para se reunir em 12 de abril 1573,[1] , o converso Juan Alfonso

[1] "Em 1 de outubro de 1572, após Santo Francisco de Borgia ter sido levado à sua abençoada imortalidade, os professos presentes em Roma escolheram o Pai Juan de Polanco em seu lugar, com o poder de vigário" (Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 135).

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

de Polanco foi a figura mais proeminente na Sociedade de Jesus—ele havia sido um administrador sênior na cúria geral em Roma desde sua nomeação por Loyola em 1547 como secretário da Sociedade. Como os dois vigários gerais anteriores, Laínez e Borja, haviam sido eleitos superiores gerais nas congregações gerais subsequentes, Polanco foi considerado o candidato mais provável para este cargo mais alto na Sociedade. Afinal—para desgosto de Benedetto Palmio e dos portugueses—os eleitores espanhóis dominavam a Congregação. Eles governavam todas, exceto uma província italiana (a única provincial italiana era Francesco Adorno, da Lombardia): Alonso Ruiz administrava a província romana, Alfonso Salmerón a província de Nápoles, e Juan Jerónimo Doménech a província da Sicília (devemos ter em mente, no entanto, que Nápoles e Sicília estavam politicamente sob domínio espanhol no século dezesseis). Além disso, a província de Portugal estava nas mãos de espanhóis—Borja nomeou o valenciano Diego Miró vice-provincial de Portugal em 1563 e assistente geral para essa província durante todo o seu geralato (1565–72).[2]

Além desses oficiais, havia dezenove outros Espanhóis presentes na Congregação Geral 3 (nove das províncias espanholas, seis de províncias não espanholas, três da cúria geral em Roma e um por razões de senioridade): Diego Avellaneda (representando a Áustria), Pedro Bernal (Andaluzia), Nicolás Bobadilla (como co-fundador da Sociedade), Antonio Cordeses (Aragão), Miguel Governo (Toledo), Luis de Guzmán (Toledo), Cristóbal de Madrid (cúria geral), Gregório de Mata (Andaluzia), Juan de Montoya (Sicília), Jerônimo Nadal (cúria geral), Baltasar Piñas (Aragão), Alfonso de Pisa (Alta Alemanha), Juan de la Plaza (Andaluzia), Antonio Ramírez (Nápoles), Pedro de Ribadeneyra (cúria geral), Juan Suárez (Castela), Miguel de Torres (Portugal), Dionisio Vázquez (Nápoles) e Pedro Villalba (Aragão).[3]

Entre esses participantes da congregação estavam muitos eleitores conversos ou pró-conversos que poderiam contrabalançar a conivência anti-conversa italo-portuguesa: não apenas Madrid, Nadal, Ribadeneyra e Salmerón, mas também Manuel López, Baltasar Piñas, Alfonso de Pisa,

---

[2] Após a crise com o primeiro superior provincial de Portugal, Simão Rodrigues, o próximo superior provincial nomeado por Loyola em 1552 foi o espanhol Miguel de Torres (1509–93), que foi reeleito para os dois mandatos adicionais de 1555–61. Mais tarde, ele também foi reitor em Lisboa, onde foi o confessor da rainha (veja *DHCJ* 4:3824). Sobre as tensões luso-espanholas alimentadas pelo patriotismo dos primeiros, veja Nuno da Silva Gonçalves, "Jesuítas em Portugal," em McCoog, *Projeto Mercuriano*, pp. 719–20. [3] Veja Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 715.

Antonio Possevino, Alonso Ruiz, Dionisio Vázquez (e talvez Diego Avellaneda, Diego Miró, Juan de Montoya, Juan de la Plaza, Antonio Ramírez e Pedro Bernal, cujos possíveis laços conversos ainda precisam ser examinados).[4]

A maioria dos delegados conversos eram jesuítas proeminentes. Manuel López, irmão de Enrique Enríquez, já foi mencionado no c apítulo anterior como eleitor para a Congregação Geral 2, assim como Alonso Ruiz e Dionisio Vázquez. Baltasar Piñas (1528–1611) de Sanahuja (Lérida) foi admitido à profissão solene em Roma por Laínez; ele introduziu os "Padri di Jesù"—como eram chamados lá— na Sardenha Aragonesa (1559) e organizou as primeiras escolas jesuítas na ilha: em Sassari (1563) e Cagliari (1565).[5]

Alfonso de Pisa nasceu em 1528 em Toledo, sobrinho do médico do Cardeal Cisneros, Dr. Gonzalo de Pisa de Almagro, e Elvira de Palma. Ele ingressou na Sociedade em 1552 em Alcalá, onde estudou filosofia e matemática após seus estudos de física, matemática e medicina em Salamanca e Toledo. Como muitos outros candidatos conversos, Nadal o levou da Espanha para Roma, onde, após sua rápida ordenação em 1555, Pisa ensinou casos de consciência em Loreto (1556–8) e metafísica no Colégio Romano (1558–9). A pedido de Nadal, as notas de Pisa sobre *Th eologiae Jesuitarumpraecipua capita* de Martin Chemnitz (Colônia, 1562) f oram disponibilizadas a um teólogo de Coímbra, Diogo Paiva de Andrade (1528–75), em sua refutação do discípulo melancthoniano.[6] Após obter seu doutorado em teologia em Roma, Pisa ensinou em Dilingen e Halle, onde preparou uma edição crítica da legislação do Concílio de Niceia (1572), cujas partes árabes foram posteriormente traduzidas pelo judeu italiano que se tornou jesuíta, Giovanni Battista Eliano.[7] Em 1573, ele representou junto com Pedro Canísio a Província Jesuíta da Alta Alemanha na Congregação Geral 3. Em

[4] Juan de la Plaza estava próximo de Teresa de Ávila; como mestre de noviços, ele admitiu muitos discípulos conversos de Juan de Ávila, e seu *socius* era o converso Alonso Ruiz (mencionado no memorial de Palmio); após a eleição de Mercurian, ele foi enviado para o distante Peru (veja *DHCJ* 3153–4). Juan de Montoya foi visitante e provincial na Sicília sob Borja e, assim como Plaza, foi enviado para o Peru, onde morreu em 1592 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 102). Palmio o criticou severamente em sua autobiografia. Para a investigação da Inquisição sobre a genealogia de Avellaneda, veja AHN, Inquisição, lib. 580, f. 150^{v} e lib. 583, ff. 168^{v}, 211^{r}; e a de Bernal, ibidem, f. 236^{r}. [5] Veja Astrain, *História*, 2:57–8; e Scaduto, *Azione*, pp. 338–42. [6] Veja Scaduto, *Governo*, pp. 604–11; e José Carlos Coupeau, "Os *diálogos* de Nadal. Contexto histórico-literário e fato retórico," *Ignaziana* 3 (2007): 17–25. [7] Veja ARSI, *Germ. 135*, ff. 374–5 e 416–7.

1575 ele seria destinado a abrir uma missão jesuíta na Transilvânia, mas Pisa encontrou uma forte oposição a esta nomeação: o superior provincial anti-converso Lorenzo Maggio o acusou de ser um Averroísta,[8] e outro confrere argumentou que, entre outras razões, Pisa era gordo demais.[9] Qualquer que fosse o argumento prevalente, Alfonso de Pisa foi desviado para Poznań (Posen), de onde se transferiu para a antiga cidade de Kalisz na Polônia, onde morreu em 1598.

Nascido em uma família de ourives que se mudou do Piemont para Mântua via Milão e mudou seu nome de Ca(g)liani, Antonio Possevino (1533–1611) ingressou na Sociedade em 1559, atraído pela pregação de seu futuro inimigo, Benedetto Palmio. Borja o enviou com Mercurian para visitar as províncias jesuítas da França e Aquitania, que—após a morte de Borja—ele representou na Congregação Geral 3, onde foi eleito secretário do novo Superior Geral Mercurian. Após seu envolvimento na missão aos judeus romanos após a Congregação Geral 3, como vimos no capítulo anterior, ele influenciou a decisão do Papa Gregório XIII de criar um colégio de neófitos que treinaria pregadores para converter judeus na Itália e no Levante.[10] Ele foi um dos escritores jesuítas mais prolíficos, autorando cerca de quarenta livros. O mais famoso deles foi a *Bibliotheca selecta*, parte da qual foi dedicada à conversão de judeus. Através deste e de outros escritos, Possevino se tornaria um dos mais ferozes oponentes da legislação de pureza de sangue na Sociedade, como veremos no próximo capítulo.

Apesar dessa significativa presença pró-converso na Congregação Geral 3, o lobby ítalo-português coeso ganhou terreno na assembleia e f oi astuto o suficiente para conspirar com sucesso contra a eleição de Polanco e seus apoiadores pró-converso.

Lobby ítalo-português anti-converso na Congregação Geral 3

A delegação portuguesa liderada por Leão Henriques[11] levou secretamente a Roma uma carta que o penitente de Henriques, Cardeal Infante Henrique de

---

[8] Veja ARSI, *Germ. 138*, ff. 340–1 e 352; e Scaduto, *Azione*, p. 283. Sobre a associação do Averroísmo com os conversos, veja Roth, *Conversos, Inquisição*, pp. 321–2. [9] Veja a carta de Francisco Antônio para Mercurian em ARSI, *Germ. 136*, ff. 199–200 (208).[10] Donnelly, " Antonio Possevino," pp. 5–6. [11] Os jesuítas portugueses que participaram da Congregação foram Pedro da Fonseca e Inácio Martins. Leão Henriques foi um substituto para o provincial doente Jorge Serrão.

Portugal (1512–80), escreveu ao Papa Gregório XIII em 22 de janeiro de 1573. Nela, o Grande Inquisidor de Portugal e futuro rei (1578–80) exigiu que nem um converso nem um candidato pro-converso fossem eleitos superior geral da Sociedade de Jesus, e advertiu que, se nenhuma medida contra o mal converso for tomada, a Sociedade correria o risco de destruição.[12] Ribadeneyra, em sua *História da Companhia de Jesus das províncias de Espanha e parte das do Peru e Nova Espanha e Filipinas*[13] não publicada, relatou que uma carta semelhante, que os jesuítas portugueses levaram ao papa e que pedia para impedir a eleição de Polanco, havia sido escrita pelo jovem Rei Sebastião,[14]cujo tutor e confessor era o jesuíta Gonçalves da Câmara, conhecido por sua posição anti-converso. Não por acaso, Câmara era relacionado por sangue a Leão Henriques.

O Papa Gregório XIII revelou seu apoio a uma alternativa não espanhola a Polanco, que, por sua vez, pediu ao papa para excluir seu nome, mas se recusou a proibir outros candidatos espanhóis de serem eleitos superior geral. Após a abertura da congregação, vários membros, incluindo Polanco, foram, conforme o costume, pedir a bênção do papa.[15] Após a concessão da bênção, Gregório XIII questionou sobre os procedimentos

---

(veja Francisco Rodrigues, S.J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. 7 vols. (Porto: Real Academia da História, 1931–50), 2/1:307). O direito deste último de participar na congregação foi questionado, pois ele foi nomeado em vez de eleito como delegado (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," pp. 51–2; e idem, *Por Questões de Maior Importância*, p. 135). 12 "Illud etiam obnixe peto a Sanctitate Vestra, ut suo maximo iudicio provideat, ne quis ex natione novorum Christianorum, vel alius qui eis favere iudicatur, eliga- tur Generalis, nec in Societate recipiantur huius nationis homines, aut in ea prelati sint. Si enim remedium não adhibeatur oportuno, timendum ac verendum est, ne Societas ista periclitetur et destruatur, quia si incipiat relaxari (cum id sit proprium novorum Christianorum) defi ciente ea vitae perfectione et integridade, quae eam debet comistari, statim consepulta iacebit. Quapropter a Sanctitate Vestra vehementer peto maximaque animi contentione ut huic tanto malo medicinam adhibere velit" (ARSI, *Inst. 184–II*, ff. 373^{v}–374^{r}). 13 Veja ARSI, *Hisp. 94*, ff. 112–3. Veja também Baroja, *Judeus na Espanha*, p. 235; e Fois, "Everard Mercurian," pp. 21–5. 14 Rei Sebastião I de Portugal (1554–78). Pergunta-se se ele aconselhou Sebastião a escrever aquela carta, pois a aversão de Câmara em relação aos conversos era bem conhecida (veja Rodrigues, *História* 2/1:334–5). Sobre a suposta relação homossexual entre os dois, veja o artigo de Harold B. Johnson, "Um Pedófilo no Palácio" (<http://people.virginia.edu/~hbj8n/pedophile.pdf>).15 "Pai Vigário perguntou quando e na companhia de quem deveria buscar a bênção costumeira do Supremo Pontífice. A decisão foi que deveria ser buscada o mais rápido possível, e que o Pai Vigário, com o Pai Salmerón e outros que o Pai Vigário escolhesse entre as várias nações para acompanhá-lo, deveria prosseguir em

da congregação, sobre o número de espanhóis entre os eleitores e sobre a origem nacional dos anteriores superiores gerais. Gregório observou que alguém deveria ser escolhido de uma nação diferente da Espanha e, apesar da protesto de Polanco contra a limitação da liberdade de consciência dos eleitores, o papa sugeriu especificamente o nome do valão Everardo Mercuriano, e então dispensou a delegação com sua bênção.[16]

Consequentemente, enquanto Antonio Possevino se dirigia à congregação com um discurso de abertura, o Cardeal Galho de Como [17] chegou e informou a congregação que ele estava representando a vontade do papa para evitar a eleição de qualquer candidato espanhol.

> Preparados para obedecer, [os jesuítas], , no entanto, apresentaram razões para seu pedido. A ordem papal contraria as Constituições Jesuítas em uma disposição extremamente importante. Seria difícil para os delegados cumprirem seu juramento de escolher a pessoa mais adequada para ser geral sob a restrição papal. Isso poderia abrir caminho para tramitações ambiciosas pelo cargo. A pessoa eleita estaria na difícil situação de saber que foi nomeada, por assim dizer, à força, e os membros encontrariam igualmente difícil obedecer a alguém imposto por pressão externa. Pareceria que o Papa favorecia algumas nações e se afastava de outras. A amizade e a concordância dentro da Sociedade poderiam ser suprimidas por desavenças e ódios nacionais. Os fiéis poderiam se escandalizar com a exclusão de uma nação do geralato à qual a Sociedade devia tanto. Os hereges se regozijariam ao ouvir sobre divisões na Sociedade. Por outro l ado, os príncipes católicos tentariam aproveitar essa oportunidade para dividir a Sociedade, removendo seus súditos da obediência ao geral, julgando que sua nação estava sendo discriminada por causa de tais exclusões. Gregório relutava em revogar sua própria ordem, mas fi nalmente disse à delegação que a congregação estava livre para eleger quem quisesse, mas que permanecia seu desejo pessoal que fosse um não-espanhol. Se, no entanto, eles elegessem um espanhol, ele queria ser informado antes de qualquer anúncio público.[18]

No dia seguinte, em 23 de abril de 1573, a assembleia elegeu Everard Mercurian como o próximo superior geral na primeira votação por uma maioria de vinte e sete votos.

---

o nome da congregação para solicitar a bênção" (Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 135). [16] Astrain, *História*, 3:9sq. [17] Bartolomeo Gallio (1527–1607) foi o Cardeal Secretário de Estado de 1572 a 1585. Ele nasceu perto de Como e, por isso, foi chamado de "cardeal de Como" (veja *Os Cardeais da Igreja Romana*: http://www.fi u.edu/~mirandas/bios1565.htm). [18] Estas são as atas da congregação (ARSI, *Congr. 20b*, f. 210ᶠ) parafraseadas em Padberg, "A Terceira Congregação Geral," pp. 54–5).

A "limpeza da casa" de Everard Mercurian

Apesar da morte do ministro real anti-converso, Ruy Gómez de Silva, e de seu protegido jesuíta, Antonio Araoz, em 1573, o lobby anti-converso encontrou apoio entusiástico no recém-eleito superior geral, Mercurian (superior geral de 1573 a 1580). Desde os primeiros anos de seu cargo, ele começou a "purificar a casa": removeu de Roma (e possivelmente da Itália ou até da Europa) muitos jesuítas conversos, apesar de suas inegáveis contribuições e méritos.[19] Polanco, após quase três décadas no cargo, foi afastado de Roma e enviado para a Sicília, uma medida que parecia dura até mesmo para seu maior inimigo, Benedetto Palmio.[20] Ironicamente, Mercurian substituiu Polanco como secretário por Antonio Possevino (provavelmente um converso oculto), que quatro a nos depois (1577) foi enviado com uma missão diplomática para converter o rei da Suécia.[21] Após o fracasso da missão, ele se envolveu em diplomacia com o czar russo, o rei polonês e o imperador austríaco. Jerônimo Nadal, que após a eleição de Mercurian se refugiou na bucólica villa jesuíta de Tivoli nos arredores de Roma, eventualmente "fugiu" para a Áustria.[22] Pedro de Ribadeneyra, após trinta anos ocupando importantes cargos administrativos na Itália, foi enviado de volta para sua cidade natal, Toledo.[23] Ele foi acompanhado até lá por seu próximo amigo converso, Hernando de Solier. Alonso Ruiz foi enviado primeiro para Granada e poucos anos depois para o Peru, onde morreu em 1599. Baltasar Piñas também acabou no Peru. Alfonso de Pisa, como vimos, foi enviado para a Grande Polônia, onde passou o resto de sua vida. Gaspar de Loarte foi transferido para Valência, apesar de sua idade avançada de oitenta anos, onde ainda se envolveu na missão aos Moriscos. Dionisio Vázquez, protegido de Borja, foi enviado de volta para a Espanha, onde organizou um movimento rebelde contra o governo central em Roma, conhecido como *memorialistas*. Pedro de Parra e Manuel de Sá foram enviados para Milão. Cristóbal

[19] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 42–5). [20] A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 45): "Embora eu tivesse uma opinião diferente, eu apenas julgava que deveria enviar [Polanco] para visitar a Espanha, o que seria devido a Polanco e teria sido de grande consolação para aquelas províncias, mas o geral não quis, duvidando que isso o elevaria demais, e assim o enviou para a Sicília para removê-lo de Roma. Depois, enviou Giulio Fatio como Provincial com a comissão de desfazer o que Polanco havia feito, do que [ele] ficou muito triste, e com razão." [21] Veja Donnelly, "Antonio Possevino," pp. 323–49. [22] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 45). [23] *Mon Rib.* 1:782.

Rodríguez acabou em Flandres, de onde foi enviado para o Peru. Gaspar Hernández, apesar do forte apoio de Salmerón, foi demitido, assim co mo Rodrigo Mena[24] e Juan Gurrea.[25] Até mesmo o cofundador dos jesuítas, Salmerón, foi substituído pelo Acquaviva, de trinta e dois anos, e enviado para Madri em 1575.

Ironicamente, a política de segregação de Mercuriano criou novas oportunidades para alguns conversos ou jesuítas pro-converso que ocupavam posições de alto escalão na administração jesuíta: eles conseguiram se reinventar como escritores prolíficos. Três exemplos claros são Polanco, que passou os últimos anos de sua vida compondo a primeira crônica em vários volumes da Sociedade;[26] Nadal, que produziu seu monumental*Evangelicae Historiae Imagines* que continha 153 magníficas gravuras de Passeri, Vos e Wierix (Plantin: Antuérpia 1593); e especialmente Ribadeneyra, que entre 1574 e 1611 compôs um número impressionante de escritos sobre história, historiografia, ascetismo e política, muitos dos quais passaram por várias edições e traduções, atribuindo-lhe um lugar de destaque entre os escritores do *Siglo de Oro espanhol.* Entre outras obras, ele compôs *Vida do Padre Ignacio de Loyola, Fundador da Religião da Companhia de Jesus* (Madri, 1583, a versão castelhana do original em latim de 1572); *História eclesiástica do Cisma do reino da Inglaterra* (Madri, 1588); *Tratado da tribulação* (Madri, 1589); *Vida do Padre Francisco de Borja, terceiro Geral da Companhia de Jesus* (Madri, 1592); *Vida do Padre Mestre Diego Laínez, um dos primeiros companheiros de São Inácio e segundo Prepósito Geral* (Madri, 1594); *Vida do Padre Mestre Alfonso de Salmerón* (Madri, 1594); *Tratado das virtudes, intitulado "Paraíso da Alma" composto por Alberto Magno* (Madri, 1594);*Livro de meditações, solilóquios e manual do glorioso Doutor da Igreja São Agostinho* (Madri, 1594); *Tratado da religião e virtudes*

---

[24] Rodrigo Mena: *1525 perto de Palência; SJ 1558; sacerdote em 1561. Ele foi demitido em 1574 em Roma (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 97). [25] Juan Gurrea: *1533 Saragoça; SJ 1554; professo em 1554; sacerdote em 1559. Ele foi reitor do Colégio em Módena e Parma quando Palmio era o provincial da Lombardia. Antes da Congregação Geral 2, ele foi eleito procurador da Lombardia e, como tal, participou da congregação que elegeu Borja. Gurrea foi demitido em dezembro de 1580 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 72). Curioso é um episódio de outras fontes manuscritas, relatando que Palmio pediu que Gurrea parasse de usar seus chapéus de arminho e botas de camurça (*Ital. 116*, f. 116). [26] *Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Iesu historia auctore Joanne Alphonso de Polanco* [*Chronicon*], 6 vols. Editado por J.M. Velez e V. Agustí, S.J. (Madri, 1894–8).

que deve ter o príncipe cristão (Madri, 1595); *Confissões do glorioso Doutor da Igreja São Agostinho* (Madri, 1598); *Flos Sanctorum ou Livro das vidas dos santos* (Madri, 1599); *Catálogo dos Ilustres Escritores da Sociedade de Jesus* (1602); *Tratado em que se dá razão do Instituto da Religião da Companhia de Jesus* (Madri, 1605); *Manual de orações para o uso e aproveitamento da gente devota* (Madri, 1605); *Relação do que aconteceu no negócio da canonização do Bem-aventurado Pai Ignacio de Loyola* (Madri, 1609); e*Vida da dona Estefânia Manrique Castilla, fundadora com don Pedro Manrique, seu irmão, da casa professa de Toledo* (Madri, 1880). Algumas de suas obras permanecem não publicadas até hoje (por exemplo, a copiosa *História da Companhia de Jesus das províncias da Espanha e parte das do Peru e nova Espanha e Filipinas* (ARSI, *Hisp. 94*); outros escritos menores foram publicados na série jesuíta de *Monumenta Historica*, entre eles *Tratado do governo do nosso santo Padre Ignacio [que] tinha* (*Mon Ign.* 1:441–91) e *De não impedir a entrada na Companhia a descendentes de judeus* (*Mon Rib.* 2:374–84).

A última escritura trata da perseguição de conversos na Sociedade e será analisada em detalhe no próximo capítulo. Uma das questões discutidas neste texto foi a participação de conversos na revolta de alguns jesuítas espanhóis contra seu governo central em Roma.

Revolta dos Memorialistas contra Roma

A política discriminatória de Mercurian—uma que foi subsequente mente endossada também por Acquaviva—e a derrota do lobby converso durante a Congregação Geral 3 desencadearam o movimento anti-romano dos Jesuítas ibéricos conhecido como *memorialistas*.[27] Ao contrário do que o converso oculto Ribadeneyra, e após ele numerosos historiadores, argumentaram em uma tentativa de minimizar a participação de seus colegas jesuítas conversos neste movimento,[28] deve-se admitir que muitos de seus membros, senão a maioria, eram de origem converso. Em supostos complôs contra seu superior geral em Roma, Mercurian, e especialmente contra seu sucessor, Acquaviva, que foi acusado de autoritarismo anti-espanhol, os *memorialistas* enviaram memoriais secretos a

[27] Veja *DHCJ* 3:2615–6. [28] Veja *Mon Rib.* 2:191.

o tribunal espanhol e a Inquisição, e a Santa Sé, pedindo a reforma do Instituto Jesuíta e, especialmente, pela autonomia das províncias jesuítas espanholas.[29] Entre esses *memorialistas* estavam muitos dos jesuítas mencionados anteriormente neste livro.

Como veremos a seguir, Benedetto Palmio em seu memorial atribui o papel de liderança no movimento ao converso Dionisio Vázquez, que—como mencionamos—era um protegido de Francisco de Borja e foi privado de seu cargo administrativo em Nápoles pelo sucessor de Borja, Mercurian, sendo enviado para a Espanha em 1574. Pode-se argumentar que o papel ativo de Vázquez no movimento *memorialistas* foi uma espécie de vingança pela política discriminatória de Mercurian e Acquaviva.[30] O historiador espanhol Antonio Astrain, cujo relato desses eventos certamente precisa de uma revisão menos tendenciosa, atribui a responsabilidade pela agenda separatista do movimento não apenas a Vázquez, mas também ao converso Henrique Henríquez, mencionado anteriormente neste livro, e a dois outros jesuítas, Francisco Abreo e Gonzalo González.[31] Pouco se sabe sobre este último,[32] mas a carreira jesuíta do primeiro deve ter sido objeto de muitas conversas entre seus confrades, como veremos no memorial de Ribadeneyra. Nascido em 1530 na cidade de Fuente Guinaldo, perto de Cidade Rodrigo, Abreo estudou direito em Salamanca e posteriormente lecionou lá e em Oviedo. Mercurian se recusou a admiti-lo na profissão de votos solenes, e Acquaviva o dispensou em 1592.[33]

Sua carreira, local de nascimento e nome sugerem origem converso,[34] assim como os de outros *memorialistas*, como Juan Bautista Carrillo,[35] Diego

---

[29] Para a interpretação deste movimento através da lente da crise do "partido castellano" e da transformação da monarquia espanhola, veja José Martínez Millán, "A crise do 'partido castellano' e a transformação da Monarquía Hispana," *Cuadernos de História Moderna* 2003 (Anejo 2): 15–7. [30] Veja *DHCJ* 4:3911. [31] Veja Astrain, *História*, 3:372. Veja também AHN, Inquisição, lib. 361, ff. 470^{r-v} e lib. 581, ff. 111^{v}–112^{r}, 114^{r}, 116^{r-v}, 119^{r}–120^{v}, 153^{r}, 156^{v}, 159^{v}, 185^{r}. [32] Veja Astrain, *História*, 3:364–70. [33] Veja Astrain, *História*, 3:364–70, 554–6. [34] Veja M.F. García Casar, *Fontes Iudaeorum Regni Castellae*, vol. 6: "O passado judeu de Cidade Rodrigo" (Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1992). [35] Juan Bautista Carrillo: sacerdote em 1586; demitido em 1591. Para sua representação sombria, veja Astrain, *História*, 3 521 7 581, 340^{v} 361^{r} : 366^{r} 582, 21^{v} – . Veja também AHN, Inquisição, lib. ff., e lib. f.

de Santa Cruz,[36] Fernando de Mendoza González,[37] Juan Bautista Pacheco,[38] Gaspar Sánchez,[39] e Gaspar de Valpedrosa.[40] A ancestralidade judaica é inquestionável, no entanto, no caso de outros membros do movimento: Jerônimo de Acosta (irmão de José), Jerônimo (Romano) de la Higuera,[41] Gaspar López,[42] Manuel López,[43] e Alonso de Polanco (sobrinho de Juan Alfonso de Polanco: AHN, Inquisição. lib. 581, ff. 53r, 245r, 295v.

---

[36] Diego de Santa Cruz: *1518 Granada, SJ 1550 Coímbra; †1594; sacerdote 1543. Ele foi um discípulo de Juan de Ávila (veja Jurado, "San Juan de Ávila," p. 158).

[37] Fernando de Mendoza González: Nascido em Calahorra, ele foi amigo de Juan Bautista Carrillo. Mendoza pediu para ser dispensado da Sociedade em 1591, mas Acquaviva não atendeu ao seu pedido. Amigo do Conde de Lemos, Fernando Ruiz de Castro, e sua esposa, Catalina de Zúñiga, ele os acompanhou a Nápoles, onde Fernando foi nomeado vice-rei. As eventuais tentativas de Acquaviva para dispensá-lo levaram à solução do Papa Paulo V de nomear Mendoza bispo de Cuzco no Peru (1608), onde ele eventualmente morreu em 1617. Astrain dedica um longo parágrafo a uma desaprovação-ing p outra y tudo dele (veja Astrain, *História*, 3:652–77).

[38] Juan Bautista Pacheco: *c. 1550 Uclés (Cuenca, Espanha); SJ 1572; †1614 Madri; sacerdote em 1618; professo em 1590. Ele era conhecido por sua proposta de fundar *jesuítas descalzos*, caracterizados pela pobreza e dedicados ao apostolado dos moriscos. Acquaviva o colocou na prisão. Francisco de Borja Medina sugeriu sua ascendência judeo-cristã, com base em seu sobrenome e proveniência (*DHCJ* 3:2941), mas também, seu primeiro nome era um dos mais comuns entre os conversos. Para o juízo de Astrain sobre sua tentativa "semi-cômica" de fundar os *descalzos* jesuítas, veja sua *História*, 3:643.

[39] Gaspar Sánchez: Ele nasceu na Andaluzia. Seu ministério principal foi a pregação nas províncias de Andaluzia e Toledo. Ele fez seus últimos quatro votos em Sevilha em 19 de novembro de 1570 (ARSI, *Hisp. 1*, ff. 132 e 134). A carta de Ignacio del Castello para Acquaviva e m 10 de fevereiro de 1592 sugeriria que ele escreveu um memorial para a Inquisição (veja Astrain, *História*, 3:380 e 426).

[40] Gaspar de Valpedrosa: Sobre seu papel no movimento *memorialistas*, veja Astrain, *História*, 3:430.

[41] Jerônimo (Romano) de la Higuera: *1538 Lisboa; SJ 1562; †1611 Toledo; sacerdote e m 1561; professo em 1590. Ele era um descendente do mordomo do Cardeal Mendoza (veja Linda Martz, "Famílias Conversas em Toledo nos Séculos Quinze e Dezesseis: A Importância da Linagem," *Sefarad* 48 (1998): 137) e um discípulo de Juan de Ávila. Ele publicou uma série de obras sobre a história e geografia da antiga Ibéria (veja *DHCJ* 2: 1923–4 e Netanyahu, *Rumo à Inquisição*, pp. 78–80). Sobre a análise crítica dessas obras, veja um estudo recente de Mercedes García-Arenal e Fernando Rodríguez Mediano, " Jerônimo Román de la Higuera e os Livros de Chumbo de Sacromonte," em Ingram, ed., *Conversos e Moriscos*, pp. 243–68.

[42] Provavelmente ele era irmão do converso *memorialistas*, Manuel López e Enrique Enríquez. Ele foi discípulo de Juan de Ávila.

[43] Manuel López: *1525 Oporto, SJ 1545; †1603 Alcalá; sacerdote 1579. Dois de seus irmãos se tornaram jesuítas. Um deles foi Enrique Enríquez (veja acima). A família de sua mãe, Bentalhado, estava relacionada ao fundador da comunidade judaica em Amsterdã, cuja sobrinha era a mãe de Baruch Spinoza (veja *DHCJ* 3:2416). Manuel foi nomeado provincial de Toledo (1568–73) e, como tal, participou da Congregação Geral 3 (veja acima). Para seu papel no movimento *memorialistas*, veja Astrain, *História*, 3:378–80.

Outros *memorialistas* mencionados pelo historiador espanhol Astrain foram: Francisco Estrada,[44] Alonso Gómez,[45] Juan Landino,[46] Miguel de Medina,[47] Pedro Montano,[48] Juan Osorio,[49] Pedro Palto,[50] Francisco Portocarrero,[51] Pedro Ruiz,[52] José San Julián,[53] Francisco Trujillo,[54]Juan Valles,[55] Rodrigo Vargas,[56] e Miguel Vázquez.[57] Embora, de acordo com o *Diário* de Melchor de Valpedrosa da Congregação Geral 5, praticamente todos os *memorialistas* eram conversos,[58] o que pode ser explicado em termos de uma espécie de vínculo sociológico entre conversos como u ma minoria ameaçada pelos Cristãos Velhos,[59] a questão de saber se sua participação no movimento confere a esse movimento um caráter exclusivamente converso precisa de uma resposta mais abrangente e imparcial que seja digna de uma monografia.[60]

No entanto, Benedetto Palmio, o ex-assistente geral de Borja e Mercurian, nunca duvidou que os conversos estavam por trás do vingativo movimento *memorialistas*. E ele pegou uma caneta com entusiasmo para provar seu ponto.

---

44 De acordo com Astrain (História, 3:574), ele atuou em Toledo em cooperação com Juan de Mariana. 45 Veja Astrain, História, 3:375 e 427. 46 Veja Astrain, História, 3:432. 47 Nascido em Baeza; dispensado por José de Acosta (Astrain, História, 3:500). 48 Veja Astrain, História, 3:432. 49 Veja Astrain, História, 3:426; e DHCJ, 3:2616. 50 Veja Astrain, História, 3:432. 51 Ele foi admitido na profissão em 20 de agosto de 1582 (ARSI, Hisp. 2, ff. 21–22). Veja Astrain, História, 3:428 e 431; e DHCJ, 3:2616. 52 Veja Astrain, História, 3:430–1; e DHCJ, 3:2616. 53 Veja AHN, Clero-Jesuitas, leg. 252, f. 579; Astrain, História, 3:428 e 431; e DHCJ, 3:2616. 54 Veja Astrain, História, 3:432. 55 Veja Astrain, História, 3:429 e 431, e DHCJ, 3:2616. 56 Veja Astrain, História, 3:432. 57 Veja Astrain, História, 3:432. 58 Veja Astrain, História, 3:610. Melchor de Valpedrosa provavelmente era irmão de Gaspar, um membro do movimento memorialista (veja acima). 59 Gregory B. Kaplan, em sua obra A Evolução da Literatura Conversa: Os Escritos dos Judeus Convertidos da Espanha Medieval (Gainesville: University Press of Florida, 2002), p. 4, deu esse tipo de explicação no contexto da Castela do século XV. Sobre os conversos como um grupo social, veja Antonio Domínguez Ortiz, A classe social dos conversos na Castilla na idade moderna ([Madri]: Instituto Balmes de Sociologia, Departamento de História Social, Conselho S uperior de Investigações Científicas, 1955), pp. 139–89. 60 Veja Medina, “Os precursores de Vieira,” pp. 494–7, onde ele critica o julgamento tendencioso de Astrain sobre o movimento.

O memorial de Benedetto Palmio com fobia a conversos

A batalha interna contra aqueles jesuítas que tinham ancestralidade judaica, que foi descrita até agora, é retratada em um manuscrito memorial praticamente desconhecido.[61] Este texto sem título e sem assinatura está encadernado no códice *Institutum 106*, ff. 92–132, dos Arquivos Jesuítas em Roma (ARSI), adjacente a outro manuscrito da mesma mão, *De gubernationeSocietatis*. O documento não tem data, mas algumas informações internas nos permitem estabelecer o tempo aproximado de sua redação. O *terminusante quem* do texto é provavel mente o ano de 1589, quando Dionisio Vázquez, que é mencionado no documento como ainda vivo ([8]), faleceu. O *terminus post quem* do documento é provavelmente o ano de 1584, quando o Papa Gregório XIII inaugurou um grandioso novo edifício para o Colégio Romano (daí seu futuro nome de *Universidade Gregoriana*), um evento ao qual o texto parece aludir ([32]). Além disso, a crítica aberta a Mercurian (quem Palmio conspirou para substituir)[62] no passado ([31]) pode sugerir que o memorial teria sido endereçado a Acquaviva após a eleição deste como superior geral em 1581, mas antes de sua decisão de barrar candidatos conversos da admissão na Sociedade em 1590 (ainda antes da Congregação Geral 5).[63] O texto se assemelha a três outros "memoriais sobre união" escritos a pedido de Acquaviva por seus assistentes gerais Lorenzo Maggio, Paul Hoff aeus e Manuel Rodrigues na década de 1580. Em seu teor, o memorial também apresenta semelhança com o *De hominibus baptizatis ex progenieJudaeorum* de Rodrigues, escrito para Acquaviva em 1584. Nele, Rodrigues faz alusão ao memorial de Palmio contra os *confesos* que ele escreveria a Acquaviva de Veneza em 12 de março de 1588.[64] A descrição de Rodrigues sobre seu conteúdo

[61] Memorial é um gênero literário e significa aqui uma declaração escrita de fatos apresentada em conjunto com um pedido a uma autoridade real ou religiosa. Daí *memorialistas* — um grupo de jesuítas que enviou tais documentos ao rei espanhol e à Inquisição, e ao papa, que foi discutido acima. [62] Veja Fois, "Everard Mercurian," p. 28. [63] Algumas inconsistências cronológicas devem ser notadas, no entanto. No mesmo parágrafo ([21]), Palmio afirma que Vázquez *é* ainda o vice-provincial de Nápoles e que ele *foi* demitido desse cargo. [64] "Duodecimo Martii anni 1588 Venetiis scripsit Pater Benedictus Palmius ad patrem generalem nostrum Claudium Aquavivam, quibus ait, post mortem Laynez cum esset vicarius generalis pater Franciscus Borja, quosdam patre Hispanos zelosos misisse ad summum pontifi cem Pium IV multa ac magna memoralia contra confesos, quibusque dicebat patrem Borja ser o seu fautor e caput, continebaturque in eis longus catalogus confessorum hispânicos, entre os quais eram quase todos os padres hispânicos que então governavam em Roma. Esses zelosos pediam ao sumo pontífice que

sugere fortemente que ele se refere ao mesmo memorial que é o assunto do nosso texto. É possível que também ecoe um memorial pro-converso composto por Antonio Possevino uma década antes.[65]

Um amanuense do século dezesseis o escreveu em uma caligrafia cuidadosa, mas possui correções e interpolações de outra mão. Uma comparação do conteúdo do documento e da caligrafia do autor com outros manuscritos de sua autoria reconhecida (especialmente *Vitae 164*, ff. 118–83)[66]revela de forma inequívoca que essas correções e interpolações foram feitas pela mesma mão. Portanto, nosso manuscrito tem o valor de um autógrafo. Uma informação adicional sobre seu autor pode ser obtida do próprio texto, pois ele frequentemente usa a pri meira pessoa do singular. O autor afirma que foi um dos quatro consultores de Inácio [de Loyola] ([11]);[67] que voltou a Roma de Milão, onde foi convocado pelo Cardeal Borromeo[68] durante seu primeiro ano de ofício de [geral] ([12]); que nesse ofício Everard Mercurian foi seu colega ([13]); que ele era [superior] provincial da Lombardia ([18]); que visitou o papa em Frascati com [Pedro]Canísio[69] após a morte do Cardeal [Otto Truchsess von Waldburg].

---

provideret, para que, diante da grande multidão de confessores, não ocorresse algum mal grave à Sociedade, que já estava dividida entre o pai Araoz, que impugnava os confessores, e o pai Borja, que os apoiava. Dessa divisão, temiam-se graves escândalos. [. . .] os autores dos memoriais pretendiam que a paz na Sociedade, no entanto, pendia contra a parte dos confessores. O Pontífice, querendo aplicar um remédio, entregou os memoriais ao Cardeal Borromeo, que, ao agir com Benedito Palmio, cuja consciência ponderava muito, e solicitando a opinião deste, pediu a Palmio que, com sua consciência . . . se dispusesse a trabalhar para que o remédio fosse aplicado" (ARSI, *Inst. 186e*, ff . 340^{v}–341^{r}). [65] Cohen ("Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," pp. 543–61) argumenta de forma convincente, seguindo Astrain (*História* 3:7–9) e Donnelly ("Antonio Possevino," p. 5), que o memorial de Possevino criticava a atitude anti-converso de Palmio. [66] Veja a descrição do manuscrito em *Fontes narr.* 3:152–5. [67] Veja o Capítulo 32 da autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*. [68] Carlo Borromeo (1538–84) era sobrinho do Papa Pio IV, que o nomeou cardeal e secretário de estado em Roma. Ele fez os Exercícios Espirituais com o jesuíta J uan Bautista de Ribera, que posteriormente se tornou seu diretor espiritual. Após sua ordenação sacerdotal e episcopal em 1563, ele se mudou para sua arquidiocese de Milão, onde no ano seguinte fundou um seminário cuja direção foi entregue à Sociedade. Em 1565, ofereceu aos jesuítas o colégio e a igreja de San Fedele, onde a primeira co munidade se estabeleceu em 1567. Borromeo também convocou os jesuítas (1572) para ensinar em uma universidade recém-estabelecida em Brera (veja *DHCJ* 1:496–7; e Flavio Rurale, "Carlo Borromeo e a Sociedade de Jesus nos anos 1570," em McCoog, ed., *Projeto Mercuriano*, pp. 559–605).

[69] Pedro Canísio *1521 Nimega (Países Baixos); SJ 1543; †1597 Friburgo (Suíça); sacerdote em 1546; professo em 1549. Ele participou do Concílio de Trento e foi um dos primeiros jesuítas (com Palmio e Nadal) a abrir a escola

de Augsburgo[70] ([28]); e que foi reeleito assistente geral pelas Congregações Gerais 2 e 3 ([28]).

Todas essas informações apontam indiscutivelmente para Benedetto Palmio (ou di Palmia) como o autor do memorial. Ele nasceu em 11 de julho de 1523, filho do casal parmesão Antonio di Palmia e Chiara Botini,[71] que lhe proporcionaram uma educação cristã e clássica que continuou na Universidade de Bolonha (c. 1540–6).[72] Sob a influência do converso Diego Laínez[73] e de Juan Jerónimo Doménech,[74] Benedetto ingressou na Sociedade de Jesus em 1546. Após vinte meses de formação com Loyola em Roma,[75] ele foi enviado a Messina com Nadal e Canisius, entre o utros, para abrir a primeira escola jesuíta, onde ensinou retórica.[76] Durante sua estada de cinco anos na Sicília, Palmio também se envolveu intensamente na pregação. Em 1553, foi chamado a Roma, onde foi ordenado sacerdote e, por quatro anos, estudou filosofia e teologia no Colégio Romano. Um ano após seus votos finais em Pádua (1559), onde então supervisionou seu primeiro colégio jesuíta, Laínez o nomeou o primeiro superior provincial da Lombardia (1559–65). A pedido do Cardeal Borromeo, Palmio residiu em Milão após 1563. Subsequentemente, foi eleito assistente geral para a Itália sob Borja (1565–72) e Mercurian (1573–80). Reconhecido por seu talento excepcional na pregação,[77] ele foi nomeado pelo Papa Pio V como o primeiro jesuíta *concionator apostolicus*. Durante a Congregação Geral 4 (1581),

---

em Messina (1548). Em 1556, ele foi nomeado o primeiro superior provincial da Alta Alemanha. Ele foi beatificado em 1864 e canonizado em 1925 (veja *DHCJ* 1:633–5). 70 Otto Truchsess von Waldburg (1543–73) foi um cardeal-bispo de Augsburgo, mas desde 1568 ele viveu em Roma. Ele fundou a universidade e o seminário em Dilingen, que posteriormente deu aos jesuítas (1564). 71 O pai de Palmio morreu prematuramente aos quarenta e cinco anos. Sua mãe nasceu da nobre parmesã, Pier Antonio Botini, e da milanesa Ippolita Giambacorti. Benedetto teve cinco irmãos; um mais velho, Francesco, também entrou na Sociedade (veja os capítulos 1–2 da autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*; e Pietro Tacchi Venturi, S.J., *Storia della Compagnia di Gesù In Italia*, 2 vols. em 4 partes (Roma: A Civilização Católica, 1950), vol. 2/1, p. 363). 72 Veja os capítulos 4 e 9 da autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*. Lá ele também estudou direito e filosofia. 73 Veja os capítulos 3–4 da autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*: Laínez visitou Parma com seu confrère Pierre Favre em 1540; os Palmios os hospedaram. 74 Veja a nota biográfica sobre ele no Capítulo Dois. 75 Para uma descrição detalhada deste período, veja os capítulos 11–19 da autobiografia de Palmio publicada em *Fontes narr.* 3:155–70. 76 Veja o Capítulo 21 da autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*. 77 Foi notado por Nadal (*Mon Nadal* 1:756–7) e Polanco (*Chron.* 1:369 e 2:220–1, 230).

o Cardeal Borromeo pressionou sem sucesso o Papa Gregório XIII[78] para sugerir que seu protegido fosse um candidato ao cargo de superior geral da Sociedade. Consequentemente, após dezesseis anos, Palmio abandonou a sede jesuíta e mudou-se para Ferrara, onde escreveu tanto sua autobiografia quanto o presente memorial. Ele morreu lá em 14 de novembro de 1598.[79]

Palmio compôs seu memorial em sete partes desiguais, correspondendo ao número de causas da divisão mencionada acima na Sociedade de Jesus. “A primeira causa e origem de nossos males provém da multidão e insolência dos neófitos espanhóis, e do crédito e favor excessivos que lhes foram dados pelo Pai Francisco de Borja” ([12]). Nesta parte ([1]–[12]), Palmio tenta oferecer um pano de fundo histórico para a presença de neófitos na Sociedade de Jesus, uma presença que ele descreve como uma *pestilência* e *zizânia diabólica*: [80] Os Novos Cristãos surgiram na Espanha após a conversão dos Judeus, seguindo os editos dos Monarcas Católicos [81] e foram combatidos pela Inquisição, pela I greja de Toledo e por ordens religiosas, pois “onde um Novo Cristão era encontrado, era impossível viver em paz” ([3]). Devido ao caráter infame dos Novos Cristãos, Loyola fez com que as *Constituições* jesuítas exigissem que um candidato fosse questionado se era um Novo Cristão, para que alguns deles pudessem ser aceitos e aqueles aceitos fossem bem conhecidos. É por isso que as principais tarefas jesuítas na Ibéria foram dadas aos Velhos Cristãos Francisco Xavier, Simão Rodrigues [de Azevedo], Nicolás de Bobadilla e Antonio de Araoz ([4]).

Os problemas atuais que a Sociedade enfrenta poderiam ter sido evitados se essa restrição inicial aos Novos Cristãos tivesse sido perpetuada. No entanto, porque "aqueles que governavam em Roma eram quase todos neo-

---

[78] O Papa Gregório XIII (1502–85), nascido Ugo Boncompagni, foi papa de 1572 a 1585. Muito sobre seu papel nos assuntos da Sociedade abaixo. [79] Veja *DHCJ* 3:2962–3 e 2:1615. Para a biografia de Palmio, veja também Tacchi Venturi, *Storia della Compagnia*, vol. 2/1, pp. 253–5 e vol. 2/2, pp. 41–5; Scaduto, *Governo*, pp. 313–25, 513–21); *Fontes narr.* 3:152–74; e Mario Scaduto, “Palmio Benoit,” em *Dictionaire de Spiritualité* (Paris: Beauchesne, 1932–95), 12:142–4. [80] Ironicamente, “aqueles que semearam zizânia” é uma expressão frequente e m textos pro-converso, entre eles a bula *Humani generis inimicus* de Nicolau V; veja também o tratado *Contra algunos zizañadores de la nación de los convertidos do povo Israel* de Lope de Barrientos, editado por A. Getino em “Vida e obras de Fr. Lope de Barrientos,” *Annales Salmantinos* (1927): 181–204. [81] A onda de conversões judaicas, na verdade, começou, como vimos no Capítulo Um, um século antes, na esteira dos *pogroms* em 1391, ou até mesmo antes.

fitas" ([5]), conseguiram conspirar contra o provincial superior da Espanha, Araoz, e garantiram que seu apoiador, Francisco de Borja, f osse nomeado comissário para a Espanha [para que este pudesse supervisionar aquele]. Borja "abriu as portas tão amplamente para esse tipo de pessoas [Novos Cristãos] que quase nenhuma outra pessoa estava sendo admitida na Espanha e os Velhos Cristãos, percebendo essa situação, estavam fugindo da Sociedade" ([5]). Como resultado, o rei espanhol, Filipe II, rotulou a Sociedade como "uma sinagoga de Hebreus" ([5]).[82]

A dominância dos Novos Cristãos foi contestada pelo sucessor de Loyola, Diego Laínez, que "era um israelita de fato—como admitiu publicamente—mas em quem não havia engano" ([6]). No entanto, os conversos conseguiram seguir sua agenda política, devido às numerosas viagens de Laínez fora de Roma e sua morte prematura ([6]). Outra razão pela qual a maldade dos Novos Cristãos (na visão de Palmio) prosperou sob o generalato de Borja foi a exposição de Borja a influências monásticas conversas antes de sua entrada na Sociedade,[83] o que alterou o espírito de Inácio, cujo

---

[82] Outras fontes para esta informação são os textos anti-semíticos e anti-conversos do assistente geral português, Manuel Rodrigues, intitulado *De baptizatis ex progenie Iudaeorum*, ou *De gente bizcayna* (ARSI, *Inst. 186e*, f. 338): "Replena est Hispania Iuda[e]is, ut feratur Regem Philippum dixisse Societatem esse synagogam Iudaeorum"; *De unione animorum in Societate: restauranda e servanda* de Lorenzo Maggio (ARSI *Inst. 178*, f. 155ᵛ); e uma petição anônima para barrar os conversos (ARSI, *Inst. 184 II*, f. 356): "Quod ad bonum nomen attinet, Romae adest, qui asserit Societatem in Hispania apellari *Marranada* per congregationem Marranorum, sic enim appellant Iud[a]eos. Adest etiam in Romana provincia [this is Pedro de Mouria, brother of Cristóbal, a high royal offi cial] quem Rex Catholicus reprehendit quid ingressus fuerit Societatem dicens *Entrastes en una sinagoga (o relegión) de Judíos*, hoc est ingres- sus es in synagoga Iudaeorum." O Arcebispo Silíceo expressou um medo semelhante, de que sua igreja seria chamada de "segunda Sinagoga," em sua carta ao papa: "Si hunc seminum nostra Ecclesia susciperet in Canonicum, dabitur omnibus causa quamlibet turpibus hominibus obtinendi huiusmodi ecclesiasticas sedes, cui rei V.S. providerit brevi futura erit Ecclesia Toletana (quae princeps est em Hispania) altera Synagoga" (veja Sicroff, *Estatutos*, p. 131). Sobre a relação entre Filipe II e os conversos, veja Antonio Domínguez Ortiz, *Los judeoconversos en la España moderna* (Madri: Mapfre, 1993), p. 61: "Parece evidente que os reis de Espanha nunca sentiram o problema converso da forma primária e elemental que se advierte na maioria dos espanhóis de seu tempo. Desconfi aban neles como grupo, mas apreciavam as qualidades de muitos e se serviram deles sem os remilgos ridículos cada vez mais estendidos. O fez Fernando o Católico, e também Filipe II sabia fazer exceções à lei da *limpeza*."

[83] Sem dúvida, Borja foi influenciado pelo monasticismo espanhol—antes de entrar na Sociedade, ele esteve em contato próximo com Salvador de Horta, Pedro de Alcântara e Juan de Tejeda, que foi seu companheiro em Gandía. A influência deste último é mencionada por Pal mio em sua autobiografia (ARSI, *Vitae 164*, ff. 33sq). Borja fez seus exercícios espirituais com Oviedo, que era renomado na Sociedade por suas inclinações monásticas.

pureza Os assistentes gerais de Borja (Palmio acima de tudo) estavam comprometidos em preservar. Essas influências também eram representadas, na visão de Palmio, por quatro Novos Cristãos que ocupavam cargos influentes em Roma: Dionisio Vázquez, Cristóbal Rodríguez, Alonso Ruiz e Diego de Ledesma. Este último elaborou o plano de dividir o Colégio Romano, um plano que Palmio se opôs vigorosamente como assistente geral para a Itália ([7]–[8]).

O espírito de Borja contrastava com o de Araoz, que aos olhos de Palmio era "um homem de bom julgamento e virtude singular" ([4]). O espírito de Borja produziu uma divisão entre Novos e Velhos Cristãos na Espanha que afetou a Sociedade em Roma, onde "em tempos anteriores, nem mesmo uma palavra sobre tal divisão havia sido ouvida e vivia-se com uma simplicidade, união e paz comparáveis apenas àquelas descritas nos *Atos dos Apóstolos*" ([9]). A divisão da Sociedade em duas facções lideradas por Araoz e Borja foi tão profunda que, antes da Congregação Geral 1 (convocada após a morte de Loyola), um livreto que continha a descrição desse conflito e uma longa lista de Jesuítas Novos Cristãos foi apresentado ao Papa Paulo IV. O papa, continuou Palmio, nomeou o Cardeal Borromeo para investigar a crise ([9]). O cardeal consultou Palmio, em quem "confiava muito" ([10]), e foi aconselhado a deixar a congregação jesuíta, que estava prestes a se reunir, lidar com o problema por conta própria. Mas, para a decepção de Palmio, a crise permaneceu sem resolução, pois sob o recém-eleito Superior Geral Borja "o número e a autoridade dos neófitos aumentaram" ([10]). As coisas pioraram e produziram novos escândalos durante a próxima congregação, a Congregação Geral 3 ([10]).

O problema dos Novos Cristãos remontava, apontou Palmio, ao próprio início da Sociedade. Ele percebeu isso, sendo conselheiro de Inácio, e falou sobre alguns jesuítas Novos Cristãos "aflitos e tentados".

(veja Manuel Ruiz Jurado, "Um caso de profetismo reformista na Companhia de Jesus. Gandía 1547–1549," *AHSI* 43 (1974): 217–66). Borja também aconselhou Teresa de Ávila e m assuntos de métodos de oração. Para a Congregação Geral 1 (a qual não pôde comparecer), Borja enviou um memorial propondo a extensão do tempo permitido para oração e a imposição de certas penitências como obrigatórias na Sociedade. Este memorial não chegou a tempo, mas o recém-eleito Superior Geral Laínez recusou as sugestões de Borja. Curiosamente, Palmio acusou o mestre de noviços converso em Roma, Alonso Ruiz, nomeado por Borja, pelas mesmas tendências monásticas. O jesuíta converso mais famoso representando tendências monásticas no período em consideração foi Juan Bautista Pacheco (veja acima). Essas tendências foram contrastadas por um grupo de jesuítas franceses conhecidos como *Confrères de la Voie Candide* (veja Fois, "Everard Mercurian," p. 18).

para Laínez, a quem considerava um santo, mas—como provou a Congregação Geral 1—ninguém queria ouvir ([11]). Isso foi o que levou Nicolás Bobadilla a desmantelar o "triunvirato" dos Novos Cristãos em Roma, [84] pois muitos ressentiam-se de seu domínio, que consideravam despótico—"eles não agiam como pais, mas como mestres" ([12]). [85] É por isso que, quando voltou a Roma de Milão durante seu primeiro ano de assistente [1565–6], , Palmio encontrou apenas brigas e queixas—"nossa paz e união primordiais, pelas quais a Sociedade era admirada, agora haviam desaparecido" ([12]).

Outras causas dos problemas produzidos pelos Novos Cristãos era m, de acordo com Palmio, estritamente relacionadas à primeira: as segunda e terceira "raízes" dizem respeito à "asperidade e à desigualdade excessiva no governo jesuíta," pois "os Novos Cristãos se convenceram de que a Sociedade não poderia ser governada exceto por Espanhóis" ([13]).[86] Nesta seção, Palmio acusa o governo central jesuíta, que estava nas mãos dos Novos Cristãos, de preferir promover Espanhóis [especialmente aqueles de origem judaica] à profissão dos quatro votos, e, consequentemente, a altos cargos administrativos.[87] Palmio se queixa de que, porque dois

---

[84] Até onde sei, o memorial de Palmio é o único documento que interpreta a crise após a morte de Loyola em termos do conflito converso. Para diferentes interpretações do descontentamento de Bobadilla, veja *DHCJ* 1:464–5; Scaduto, *Governo*, pp. 45–7. Ironia das ironias, Araoz—que é retratado no memorial de Palmio como o chefe do partido anti-converso—afirmou que Bobadilla era de origens judaicas (veja Miguel Mir, *História interna documentada da Companhia de Jesus*, vol. 1, p. 332). [85] Curiosamente, no memorial de Bobadilla ao Papa Paulo IV, foi Loyola quem foi acusado de autoritarismo: "Ignatio [. . .] era Pai e senhor absoluto e fazia o que queria" (*Mon Nadal* 4:733). Note que essa acusação é semelhante ao que Palmio escreveu sobre o papel dos conversos durante a Congregação Geral 3: "[Polanco] se via retirar-se com Madrid, Natal, Ribadenera e outros Espanhóis, o que nos dava não pouco a pensar" ([25]). Assim, é incerto sobre qual triunvirato Palmio está falando aqui: Polanco-Nadal-Madrid ou Polanco-Nadal-Laínez? Dado que Palmio escreve sobre Laínez neste documento de uma forma muito positiva, é mais provável que ele tivesse em mente o primeiro trio. De qualquer forma, Polanco e Nadal são os principais atores desses eventos. Curiosamente, Palmio não revela diretamente a identidade converso de Nadal em seu memorial, mas afirma sobre o triunvirato que "não se sabia se não por poucos que eram neófitos." [86] Essa acusação sugere por que Palmio poderia se aliar contra os conversos com alguns jesuítas portugueses durante a Congregação Geral 3 (veja abaixo [28]). [87] Miriam Bodian, em seu *Hebreus da Nação Portuguesa.* Conversos *e Comunidade na Amsterdã Moderna* (Bloomington: Editora da Universidade de Indiana, 1997), descreveu como a comunidade converso de Amsterdã que se converteu novamente ao Judaísmo se orgulhava de sua *grandeza* espanhola (p. 86), apesar das perseguições infligidas à sua comunidade na Espanha (veja o mesmo argumento em Gerber, *Os Judeus da Espanha*, pp. xiv–v). Talvez o mesmo tipo de orgulho nacional espanhol tenha se assimilado

assistentes gerais, Mercurian e ele mesmo (dois outros, Nadal e Miró, eram Espanhóis), estavam frequentemente fora de Roma, Borja c ercou-se na cúria com membros do lobby Novo Cristão, que tinha mais autoridade do que seus assistentes. Entre esses lobistas estavam [Juan Alfonso de] Polanco, [Cristóbal Sánchez de] Madri, Dionisio Vázquez, Alonso Ruiz, [Cristóbal] Rodríguez, [Hernando de] Solier, [Pedro de] Ribadeneyra, e também [Diego de] Ledesma, [Pedro de]Parra, e [Manuel de] Sá. De acordo com Palmio, esse grupo—liderado por Polanco, Vázquez e Madri—pressionou para nomear Espanhóis mesmo em províncias não espanholas, como Portugal, Alemanha, França, Flandres e Itália ([13]).

O autor fornece os detalhes de como os Espanhóis buscaram dominar dessa forma na Lombardia, onde Palmio havia sido o superior provincial. Ele acusa Polanco de tirar proveito da doença de Borja para promover Ribadeneyra ao cargo de provincial lá e relata como conseguiu convencer Borja de que o italiano Leonetto Chiavone [88] era um ca ndidato melhor para essa posição ([14]). Dado que apenas os jesuítas que foram admitidos à profissão dos quatro votos tinham uma voz ativa durante as congregações gerais e podiam ocupar posições governamentais, Palmio argumenta que os Espanhóis estavam particularmente ansiosos para serem admitidos a essa profissão atendendo ao seu principal requisito—o estudo da teologia por quatro ou pelo menos três anos ([15]). O autor se sente ofendido acima de tudo pela admissão a essa profissão de candidatos Novo Cristão que eram menos respeitados do que alguns italianos.

---

pelos conversos jesuítas alimentaram sua política pró-espanhola. Também Alcalá indicou " um hispanismo inexaurível" como uma das cinco razões pelas quais um judeu poderia se converter ao Cristianismo (veja Renée Levine Melammed, *Uma Questão de Identidade. Conversos Ibéricos em Perspectiva Histórica* (Oxford: Oxford University Press, 2004), p. 16). No entanto, devemos ter em mente que a preferência por Espanhóis era uma característica óbvia dos gerais antes de Borja. Loyola admitiu à profissão de quatro votos trinta e oito jesuítas (menos os primeiros companheiros), quatorze dos quais eram espanhóis; apenas oito eram portugueses; nove flamengos, quatro italianos e três franceses. Sob Laínez, de setenta e quatro admitidos, trinta e dois eram espanhóis, e apenas dezenove eram portugueses, oito italianos, seis alemães, cinco franceses e três flamengos (veja *Mon Nadal* 2:502 e Scaduto, *Azione*, p. 802). [88] Leonetto Chiavone: *1525 Veneza; SJ 1559; †1572 Milão; sacerdote antes de 1559; professo em 1568. Ele foi nomeado superior provincial da Lombardia em 1570 e morreu dois anos depois (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 31). Sua entrada na Sociedade foi fortemente oposta por seu pai, que chamou os jesuítas de "esta nova Sociedade fundada pelos judeus e marranos da Espanha" (ARSI, *Ital. 116*, f. 190).

Jesuítas. Tal foi o caso de Luis Mendoza,[89] Gaspar Hernández, e[Antonio] Trancoso[90] em relação a Fulvio Cardulo[91] ([16]).

De acordo com Palmio, o governo despótico dos Espanhóis foi a razão para a emissão de um documento durante a Congregação Geral 3 que estipulava que o futuro superior geral deveria ser capaz de governar com um espírito paternal e não despótico ([17]).[92] Para apoiar ainda mais seu argumento, Palmio cita vários exemplos do "comportamento inadequado" dos jesuítas espanhóis (ou Novos Cristãos) na Itália: a história de Juan Gurrea, a quem Palmio, como provincial, não permitiu " ficar fora até às seis ou sete horas da manhã, indo a festas e assistindo a cavaleiros e damas jogar" ([18]) como ele estava acostumado a fazer, e a de Ribadeneyra, o parente de Juan Hurtado,[93] ou Rodrigo Mena, ambos os quais deixaram a Sociedade após muitos escândalos. Neste parágrafo, Palmio se retrata como um superior que tratava seus súditos de maneira igual, uma vez que, como escreveu, os italianos que "não queriam ser corrigidos e aceitar repreensões paternais" também foram dispensados ([18]).

A principal fonte de escândalos foi o principal alvo de Palmio, Dionisio Vázquez, que—como reitor do Colégio Romano—tentou prender dois estudantes jesuítas, Camillo Carga, irmão de um prelado papal,[94] e um certo

---

89 Luis Mendoza: *1533 Almazán (como Laínez); SJ 1554; †1595 Madri; sacerdote em 1559; professo 25 629, 637 1568 97 3 8 de março (veja Scaduto, *Catálogo*, p. ; e Astrain, *História*, : –). Ele pode ser o sobrinho de Diego Laínez—sua irmã, María Coronel, que casou-se com Juan Hurtado de Mendoza, teve dois filhos que entraram na Sociedade, mas seus nomes são obscuros. 90 Antonio Trancoso: *1534 Moncon (Braga, Portugal); SJ 1550; sacerdote em 1564. Ele foi dispensado em 1568 em Barcelona (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 147). Ao contrário do que Palmio pode ter pensado, ele era um converso português e não espanhol. 91 Fulvio Cardulo: *1529 Narni (Terni, Itália); SJ 1546; †1591 Roma; sacerdote em 1555; professo em 1566. Por quase toda a sua vida jesuíta, foi professor de retórica no Colégio Romano, onde promoveu a leitura de Terêncio e Erasmo. Como um renomado latinista, ajudou Polanco a corrigir a tradução das *Constituições* jesuítas para o latim. Polanco descreveu seus talentos como orador da corte em uma carta de 1556 (*Mon Ign.* 12:205–12). De fato, Cardulo frequentemente era convocado pelos papas para proferir orações na Capela Sistina. Ele também deixou uma série de obras não editadas sobre retórica (veja Scaduto, *Azione*, pp. 295–6). Ele fez seus três votos dois anos antes de Luis Mendoza (veja acima). Veja *DHCJ* 1:658; Scaduto, *Governo*, pp. 107 e 186; e Scaduto, *Catálogo*, p. 27. 92 Era, na verdade, um questionário que foi dado aos eleitores para discernir quem era mais apto para o cargo de superior geral: "Pode-se acreditar que [. . .] governará a Sociedade de maneira paternal, e não de maneira tirânica, para usar as palavras do Reverendo Pai Laínez, de santa memória, de modo que os súditos tenham fácil acesso a ele e que desejem, alegremente no Senhor, abrir seus corações a ele em confiança" (Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 136). 93 Pouco se sabe sobre ele. 94 Camillo Carga: *S. Daniele del Friuli; SJ 1564. Ele foi dispensado em 1568 em Roma,

português chamado Roboredo ([20]–[21]). Palmio descreve Vázquez como um "Novo Cristão de aparência feia e, mais importante, cheio de duplicidade e engano" ([20]). Quando Borja perguntou por que ele não gostava de Vázquez, Palmio respondeu de forma clara que ele era ambicioso, "seu rosto é tão feio que parece um mouro, e ele tem esse olhar temível quando você olha em seus olhos" ([20]).[95] Segundo Palmio, Borja, apesar de ser um homem muito religioso e virtuoso, deu crédito excessivo a Vázquez e continuou promovendo-o: removido de Roma, ele foi nomeado vice-provincial em Nápoles ([21]).

Palmio, no entanto, queria deixar claro que fez uma distinção inequívoca entre bons espanhóis (Velhos Cristãos) e neófitos espanhóis: os primeiros "sabem muito bem que os amamos do fundo do nosso coração" ([22]). Eles perceberam por conta própria, durante as Congregações Gerais 2 e 3, que "todos os seus e nossos males provinham dos neófitos e especialmente daqueles que governavam em Roma[. . .]. Os neófitos querem dominar em todos os lugares e é por isso que a Sociedade é agitada pela tempestade de discórdias e acrimônias" ([22]).

A desigualdade entre as nações, continua Palmio, foi especialmente evidente durante a Congregação Geral 3: de quarenta e sete eleitores, vinte e oito eram Espanhóis. Algumas semanas antes da congregação, Polanco informou ao papa que "o único candidato apto a se tornar geral poderia ser escolhido entre os Espanhóis" ([23]). O papa, aconselhado por alguns cardeais e pelo monarca ibérico, expressou sua intenção de impedir a eleição de qualquer candidato espanhol ao geralato ([23]). Mas alguns cardeais (um deles consultou Palmio) queriam investigar mais a fundo os procedimentos da congregação e pediram ao papa que estabelecesse para esse fim um comitê de dois cardeais ([24]). Tendo coletado informações deles, continua Palmio, o papa convocou Polanco e pediu que ele garantisse que nenhum candidato espanhol fosse eleito geral.[96] A resposta de Polanco não satisfez o pontífice. Como resultado, ele foi instruído pelo Cardeal Farnese a obedecer e não

---

um fato que Palmio omite aqui. Seu irmão, Giovanni, era um prelado no escritório de Pio IV e Gregório XIII (*segreteria*). Veja Scaduto, *Governo*, p. 492; e Scaduto, *Francesco Borgia*, Índice.
[95] Esta representação do converso Vázquez com pele escura evoca a descrição de Shylock por Salerio na peça *O Mercador de Veneza* de Shakespeare (veja Adelman, *Relações de Sangue*, pp. 84–5) e representa uma iconografia difundida dos Judeus no período.
[96] Segundo Fois, o papa sugeriu durante aquela audiência o nome de Mercurian para o novo geral (veja Fois, "Everard Mercurian," p. 21).

fazer muitas respostas. Mesmo assim, Polanco permaneceu agitado, mas não falou sobre o incidente com outros assistentes gerais. Em vez disso, relata Palmio, ele foi visto conversando com Madri, Nadal, Ribadeneyra e outros Espanhóis. Isso despertou em Palmio suspeitas adicionais sobre Polanco. Para confirmar a conspiração de Polanco, Palmio lista uma s érie de episódios comprometedores ([25]).

Devido à morte do Cardeal de Augusta,[97] Palmio (junto com Ca nisius) foi recebido pelo papa em sua residência em Frascati. Durante toda a audiência, o papa interrogou Palmio sobre a congregação geral que estava planejada. Quando ele foi informado sobre a dominância dos Espanhóis, o papa colocou a mão no ombro de Palmio e disse: "Não é necessário que uma nação prevaleça sobre outra" ([26]). Palmio deu a Polanco informações sobre essa audiência com o papa, à qual este reagiu com constrangimento. Depois que Polanco e outros foram ao papa pedir sua bênção para a congregação, o papa afirmou que Polanco queria se tornar um geral. Mais uma vez, Palmio compila uma lista de episódios que provariam isso, entre eles a acusação de que Polanco forçou Borja, que estava morrendo, a continuar sua viagem de volta a Roma, apesar de seu estado físico ([27]).[98]

No próximo parágrafo ([27]), Palmio retorna à estrutura das sete causas que ele começou este memorial. A quarta causa de problemas que afetaram a Sociedade foi, segundo ele, a delegação dos pais portugueses que apresentaram ao papa cartas dos reis Sebastião e Filipe, e do Cardeal Infante Henrique, que insistiu fortemente que nenhum candidato Novo Cristão se tornasse o geral da Sociedade, sabendo que havia o risco de Polanco ser eleito. É por isso que o papa enviou o Cardeal de Como à congregação com a ordem de que nenhum candidato espanhol fosse eleito geral.

Antes de narrar o que ele rotulou como o "sucesso" da Congregação Geral 3, Palmio fornece informações sobre seus eventos preliminares ([28]), focando novamente em Polanco, que minou a ordem do papa tr ansmitida pelo Cardeal de Como ao perguntar à congregação se deveriam obedecer. Polanco enviou uma delegação ao papa para pedir liberdade na eleição. Entre os eleitores escolhidos estava Leão

---

97 Otto Truchsess von Waldburg (ver acima). 98 Esta acusação, que também foi sugerida pelo assistente geral português, Manuel Rodrigues, em seu *De hominibus baptizatis ex progenie Jud[a]eorum* (ARSI, *Inst. 184/II*, f. 365) parece infundada, como vimos no Capítulo Dois.

Henriques, que trouxe as cartas mencionadas de Portugal.[99] O papa, continua Palmio, atendeu ao pedido, mas apenas com a condição de que, se um candidato espanhol fosse eleito, ele seria informado antes da confirmação do candidato, pois "para ser honesto, sua intenção e a dos reis e da congregação não era impedir a eleição de um candidato espanhol, mas impedir que o geralato acabasse nas mãos de um Novo Cristão" ([28]). No dia seguinte, a congregação elegeu o Everardo Mercuriano de Valônia, que já havia sido assistente geral sob Borja. Além disso, quatro assistentes gerais foram eleitos, entre eles Palmio.

Palmio atribui a quinta causa dos problemas da Sociedade à alegação de Polanco de que a eleição de Mercurian foi orquestrada ([29]). Além disso, os Novos Cristãos promoveram um decreto que proibia qualquer futura exclusão de um candidato Novo Cristão do geralato.[100] O lobby português produziu um decreto oposto, que excluiria qualquer Novo Cristão de se tornar superior geral. O partido Novo Cristão, continua Palmio, conspirou com a ajuda de um cardeal para pressionar o papa a aprovar seu plano. Além disso, eles reclamaram que as eleições de Mercurian e do assistente geral para Portugal eram suspeitas. Para investigar essas alegações, Mercurian formou um comitê de cinco membros.[101] A investigação do comitê confirmou a legitimidade das eleições. A Congregação, consequentemente, pediu a Mercurian que não aceitasse nenhum dos decretos, para que "a paz e a união sejam mantidas" ([29]). Em sua falha em obter o decreto mencionado, Palmio vê a causa da subsequente oposição dos Novos Cristãos a Roma, buscando, com a ajuda do rei espanhol, "o

---

[99] Juntamente com Leão Henriques, estavam Paul Hoff aeus, Lorenzo Maggio, Oliver Mannaerts e Pedro Canísio, mas não Palmio. [100] Em sua autobiografia (ARSI, *Vitae 164,* f. 90^{r}), Palmio argumentou que promover este decreto seria "canonizzare i nuovi Cristiani." De outro parágrafo (f. 98) parece que este decreto foi sugerido por Salmerón: "il Padre Salmerón in camera mi fece grande instanza che subito io facessi un decreto per il quale si determinasse che *in posterum* non si potesse raggionare de genere et che si facesse scommunicare a chi facesse il contrario et che subito l'altro giorno lo publicasse in congregatione sotto l'autorità di Sua Santità." Palmio se opôs ao decreto, pois em sua visão era contra a mente do papa. Este relato preenche a lacuna nas atas da Congregação. Somente a *Historiae Societatis Iesu* de Sacchini (escrita meio século após a Congregação Geral 3) narrou a discussão sobre os dois projetos de lei anti- e pro-converso (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," p. 56). [101] Fois lista apenas quatro nomes: Salmerón, Francesco Adorno, Claude Matthieu e Miguel de Torres (veja Fois, "Everard Mercurian," p. 24).

Fonte: Alfred Hamy, *Galerie Illustrée de la Compagnie de Jésus* (Paris, 1893), #15. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 13. Alfonso Salmerón (1515–85), um influente oponente da discri minação contra conversos

Alfonso Salmerón de Olías (Toledo) era um amigo próximo de Laínez desde a adolescência, com quem estudou em Sigüenza, Alcalá e Paris e participou do Concílio de Trento. Segundo Ribadeneyra, Salmerón teria escrito contra a discriminação dos conversos, mas nenhum texto desse tipo foi encontrado. Ele sugeriu sem sucesso que Loyola removesse da *Constituições* jesuítas a questão sobre a origem converso dos candidatos jesuítas. Ele também

se opôs ao anti -lobbying de conversos durante a Congregação Geral 3.

separação da Espanha da obediência do Geral." O "principal autor desta má empreitada" foi Dionísio Vázquez ([30]).

Palmio atribui a penúltima e sexta causa dos problemas da Sociedade a um "grande crime" de Mercurian, que incluiu, primeiro, sua defesa da insolência de Giulio Mazarino[102] em relação ao Cardeal Borromeo; e segundo, sua perseguição a dois pais jesuítas que se queixaram ao papa sobre seu comportamento. Esses atos deixaram Mercurian incapaz de reagir contra os memoriais que foram escritos contra ele e a Sociedade ao rei da Espanha ([31]). A causa final e sétima " onde nossos males nasceram" foi, na visão de Palmio, a forma errada como o Colégio Romano foi subsidiado ([30]–[31]).

A estrutura desequilibrada do memorial, na qual cinco das sete razões para os problemas da Sociedade são atribuídas aos conversos, revela claramente a intenção de Palmio de ridicularizar os jesuítas conversos aos olhos do Superior Geral Acquaviva e de culpá-los por muitos dos problemas que a Sociedade estava enfrentando naquela época. Ao culpar os conversos, Palmio emprega uma linguagem brilhantemente tendenciosa. Novos Cristãos, que para Palmio ainda são Judeus,[103] são excessivamente ambiciosos, insolentes, de rosto duplo, pretensiosos, despóticos, astutos, terríveis, gananciosos pelo poder e infames. Algumas dessas características podem ser vistas, segundo Palmio, em sua feia fisionomia, como é o caso de Dionisio Vázquez ([20]). Para descrever o grupo dos conversos, o autor frequentemente usa a expressão depreciativa, "essa espécie de pessoas" ([3]–[5], [8]). A presença deles na Sociedade é uma história de conspiração e engano. Para Pal mio, os únicos bons Espanhóis são os Velhos Cristãos ([22]). Empregando a retórica de*aurea prima aetas*—a nostalgia ovidiana por tempos antigos melhores—Palmio acusa os conversos de banir a simplicidade, a paz e a união que caracterizavam a vida jesuíta primitiva na Itália. Para dar autoridade ao seu argumento, Palmio frequentemente cita passagens bíblicas, principalmente do Novo

---

102 Giulio Mazarino: *1544 Palermo (Itália); SJ 1559; †1621 Bolonha; sacerdote em 1572; professo em 1578. Borromeo o convidou a pregar na catedral de Milão (1579), onde escandalizou alguns com sua linguagem dura e crítica ao cardeal, o que provocou um doloroso conflito entre os dois, ao qual Palmio se refere aqui (veja *DHCJ* 3:2589). Para a documentação de seu processo, veja ARSI, *Hist. Soc. 164*; e Rurale, "Carlo Borromeo," pp. 559–605. 103 Pode-se deduzir da descrição de Palmio do superior geral converso, Laínez: "Erat enim vir iste ex fi liis Abraam non secundum carnem, sed secundum spiritum et verus Israelita in quo dolus non erat" ([6]). E a família de Laínez já era cristã há quatro gerações.

Epístolas do Testamento de Paulo, o que é paradoxal, dado que o autor dessas cartas foi o converso judeu mais influente na história do Cristianismo. Ironia das ironias, Palmio cita aquelas partes da epistolar de Paulo que declaram a falta de importância da etnia nas comunidades cristãs (Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11).

Pode-se argumentar que a sugestão que Palmio deseja transmitir a Acquaviva é a seguinte: se os conversos são a raiz dos principais problemas que a Sociedade está enfrentando atualmente, os jesuítas devem seguir o exemplo da Igreja de Toledo, da Inquisição e de ordens religiosas mais a ntigas na Espanha ([3]) e devem introduzir legislação de pureza de sangue.

O Superior Geral Claudio Acquaviva responderia com entusiasmo à sugestão de Palmio, instigada por seus assistentes gerais.

Medidas discriminatórias de Acquaviva

Após a eleição de Acquaviva em 1581, o suposto caráter converso do movimento *memorialistas* foi ainda mais acentuado pelo lobby anti-converso, que agora também incluía altos funcionários da Cúria Jesuíta de Roma, como Paul Hoff aeus, Lorenzo Maggio e Manuel Rodrigues.

s em

Paul Hoff aeus nasceu em 1530 em Münster (Renânia) e ingressou na Sociedade em Roma aos vinte e cinco anos. Após sua ordenação e doutorado em teologia (1557), e últimos votos (1561), ocupou muitos cargos administrativos importantes na Sociedade, começando como reitor dos colégios jesuítas em Praga e Munique. Ele foi posteriormente nomeado sucessor de Peter Canisius como superior da Província Alemã por um longo período de doze anos (1569–81). A Congregação Geral 4 o elegeu assistente geral para assistência alemã e *admonitor* do recém-eleito Superior Geral Acquaviva. Hoff aeus ocupou esse cargo por dez anos, mas Acquaviva eventualmente o demitiu devido a algumas discordâncias que tiveram sobre o governo. No entanto, alguns anos depois (1594–7), Acquaviva o nomeou como seu visitante nas províncias alemãs. Hoff aeus morreu em 1608 em Ingolstadt.[104]

À medida que Hoff aeus se aproximava do final de seu mandato como assistente geral, Acquaviva solicitou a ele (assim como fez com Palmio, Rodrigues,

[104] Veja Gilmont, *Écrits*, pp. 281–2.

e Maggio) um memorial sobre a união dos espíritos na Sociedade.[105] Longe de se concentrar exclusivamente nos jesuítas de ancestralidade judaica, como fizeram Palmio ou Rodrigues, Hoff aeus, no entanto, afirma que uma das categorias de pessoas que comprometem a unidade da Ordem são os chamados *confessos*, que são "ou suspeitos ou odiosos", um preconceito que ele já havia aplicado na Áustria em suas interações com Alfonso de Pisa e Francisco de Toledo,[106] como veremos a seguir. Dada a quantidade de problemas que eles provocaram (*perturbatores*) e certamente provocarão, ele sugere um remédio: a proibição de tais sujeitos de admissão e discriminação contra aqueles que já foram admitidos—eles devem ocupar na Ordem apenas "cargos mais humildes", como os de professores, sem a possibilidade de promoção no governo. Embora Hoff aeus advirta que barrar os nobres de origem judaica ofenderia suas famílias (o que Acquaviva levaria em consideração em sua instrução secreta que analisaremos abaixo), ele conclui que outros príncipes e nobres importantes poderiam se sentir ofendidos pela própria presença dos judeus, então barrá-los da Sociedade valeria o risco. Em sua carta, Hoff aeus chamou a Sociedade de "sinagoga dos judeus."[107]

---

[105] Veja a edição crítica do texto em Burkhart Schneider, "Die Denkschrift des Paul Hoff aeus S. I. *De unione animorum in Societate*," *AHSI* 29 (1960): 85–98. [106] Veja ARSI, *Germ. 137*, f. 63 (123). [107] "Tertia hominum conditio est illorum quos vocant confesos, qui solent passim esse vel suspecti vel etiam odiosi, quique iccirco [*sic*] dificulter cum veteribus christianis possunt ad unionem coalescere. Remedium esset tales amplius non admittere, admissos vero in humilioribus officiis e in scholarum functionibus tantum continere, ad nullam vero governança promovere. Se realmente buscamos uma união sólida na Sociedade, certamente esses confessos não devem ser admitidos nem preferidos a outros, uma vez que é evidente o quanto até agora perturbaram a Sociedade e dificilmente haverá dúvida de que no futuro perturbarão ainda mais, quanto mais forem numerosos e poderosos, e quanto mais sentirem que são um terror para o Praeposito Generali. Existem, de fato, muitas outras coisas que prejudicam nossa união: o que adianta também admitir confessos para aumentar nossos males, especialmente quando não precisamos desses homens nem para aumentar ou preservar o corpo da Sociedade, nem para qualquer função de governança? Costuma-se objetar que os nobres confessos não podem ser rejeitados, pois tememos que seus pais fiquem gravemente ofendidos por uma injusta infâmia. Mas por que não tememos mais que possamos prejudicar toda a Sociedade e ofender tantos bons pais e nos entristecer por causa da ofensa de poucos confessores nobres? E por que não tememos ofender muitos mais nobres, de fato até príncipes, que por causa desse tipo de pessoas nos ofendem não obscuremente, chamando nossa Sociedade de sinagoga dos judeus com infâmia notória? Portanto, se não há outra razão que mais nos move, esta certamente não é suficiente? Eu vejo um único impedimento que apenas Vossa Paternidade impede, todas as outras dificuldades facilmente superariam, como certamente me convenço. Até aqui sobre aqueles males que também entre os mundanos perturbam a união e que são comuns a nós com eles" (Schneider, "Denkschrift des Paul Hoff aeus," p. 93).

O colega de Hoff aeus na Cúria Jesuíta Romana, o assistente geral Lorenzo Maggio (ou Maggi), escreveu em 1586, a pedido de Acquaviva, o mesmo tipo de memorial sobre como alcançar a unidade na Sociedade de Jesus. Ele o intitulou *De unione animorum in Societate: restauranda etservanda*, e permanece inédito.[108] Maggio nasceu em Brescia (Itália) em 1531 e ingressou na Sociedade no mesmo ano que Hoff aeus e Rodrigues (1555). Alguns anos após sua ordenação (1556), Laínez o nomeou reitor do Colégio em Nápoles e, após sua profissão em 1563, reitor do Colégio em Viena (1563–6) e superior da Província Austríaca (1566–78). Como tal, ele lançou as bases para a nova província jesuíta na Polônia. A Congregação Geral 4 (1581) o elegeu como sucessor de Benedetto Palmio como assistente geral, cargo que ocupou até 1594. Posteriormente, ele foi visitante na Áustria (1594–6), provincial de Veneza (1596–8) e visitante na França (1599–1604), onde foi guia espiritual do futuro Cardeal Pierre de Bérulle (1575–1629). Ele faleceu em 1605 em Roma.

Em seu memorial sobre a unidade, ele retratou os jesuítas de ancestralidade judaica como perturbadores, assim como vimos Hoff aeus fazer: "Aqueles da circuncisão subverteram toda a casa da Sociedade. Como filhos deste mundo que são astutos em lidar com os seus próprios [Lucas 16:8] e ávidos por novidades, eles facilmente excitam desordens e destroem a unidade das almas e seu vínculo com o governo."[109]

O terceiro assistente geral, cujas opiniões preconceituosas sobre conversos criaram uma atmosfera hostil em torno dos jesuítas de ancestralidade judaica na década de 1580, foi Manuel Rodrigues. Ele nasceu em 1534 em Monsanto (Castelo Branco, Portugal) e entrou na Sociedade em Coímbra. Assim como Hoff aeus e Maggio, durante toda a sua carreira jesuíta, ocupou importantes cargos governamentais: reitor do Colégio no Porto (1566–70), vice-reitor da Universidade em Évora (1570–2) e do Colégio das Artes (1572–4), superior da Província Portuguesa (1574–80) e, finalmente, assistente geral (1581–94). Ele faleceu em Évora em 1596.

dúvida,

O viés impressionante de Rodrigues contra aqueles que "por natureza são contrários ao verdadeiro e sincero espírito da religião e, portanto, prejudiciais"[110]

---

108 ARSI, *Instit. 178*, ff. 154–61. 109 "Aqueles que, em relação à circuncisão, desejam subverter toda a casa da Sociedade. Como são filhos deste século e amantes de si mesmos de forma excessiva, e desejosos de novidades, facilmente provocam tumultos e rompem a união dos ânimos e a conexão da governança" (*Instit. 178*, f. 154ᵛ). 110 "[. . .] a natureza, em contrariedade, verdadeiramente e ao espírito sincero da religião, e por isso mesmo, para a missão

ecoam a *Defensio* do Bispo Simancas e superam até mesmo a de Palmio, com cuja memória a Acquaviva ele estava familiarizado. Os Arquivos Jesuítas em Roma (ARSI) preservam pelo menos quatro manuscritos de sua autoria, que são exclusivamente dedicados à questão dos conversos: *Debaptizandis ex progenie Judaeorum* (*Instit. 184 II*, ff. 360–4), *De gentebizcayna* (*Instit. 186e*, ff. 327–351v), *De unione animorum* (*Instit. 178*, ff. 162–4), e um postulado sem título para a Congregação Geral 5. Este último manuscrito recomendou que candidatos que procedem "do sangue dos Judeus" fossem excluídos da admissão à Sociedade, pois sua admissão " contradiz o bom nome da Sociedade, a própria realidade, e as *Constituições.*"[111] A petição refletiu bem o viés de Rodrigues, expresso e m outros lugares:

> Sendo filhos deste mundo, pomposos, astutos, falsos, egoístas, etc., é certo que se adaptam muito mal à vida religiosa e que é impossível manter união com eles. Se aqueles de sangue dos judeus se tornam superiores, empregam quase toda a sua governança em coisas externas: promovem muito pouco a verdadeira mortificação e as virtudes sólidas, parecendo mercadores, buscando primeiros lugares e sendo chamados de rabinos; mal estão ansiosos em buscar a perfeição que é descrita nas partes 5 e 6 das *Constituições*; e admitem prontamente outros do mesmo sangue que são muito indignos.[112]

A intensa campanha discriminatória, que durou uma década, dos três assistentes gerais levou efetivamente a restrições graduais na admissão de candidatos de ancestralidade judaica na Sociedade. Em abril de 1590, Acquaviva enviou uma instrução secreta aos provinciais espanhóis, na qual explicou que precisava ceder à vontade dos influentes oficiais leigos e eclesiásticos na Espanha, que se sentiram ofendidos pela abertura da Sociedade em relação aos *confesos*:

---

maxime Societati nostrae, tum in realitate ipsa, tum in bono nomine plurimum et nocuisse et nocere et nociturum" (ARSI, *Instit. 184 II*, f. 360). 111 "Petitur a Congregação ut decreto conficiat, quo statuatur ut confessos (id est homens que emanam do sangue dos judeus) na Sociedade admitti non possint. Quam insta haec petitio sit, constare ex eo potest quod admissio de confessores pugnat cum bono nome da Sociedade, cum realitate ista atque cum Constituições" (ARSI, *Inst. 184/II*, f. 356). 112 "Sendo tão filhos deste século, elatos, astutos, fingidos, buscando a si mesmos, etc., certo é que a vida religiosa irá muito mal com eles e que não poderá haver união [. . .]. Se a estes de sangue fazem superiores, quase todo o governo empregam em coisas exteriores: promovem pouco a verdadeira mortificação e as virtudes sólidas, parecem mercadores ou tratantes, buscando primeiras cátedras e sendo chamados de Rabi, são pouco zelosos em executar com perfeição as partes 5.ª e 6.ª das Constituições e admitem facilmente outros do mesmo sangue muito indignos" (ARSI, *Inst. 184/II*, ff. 360–4).

Em algumas províncias, em vários momentos, e particularmente agora, as pessoas importantes que desejam muito o bem-estar da Sociedade, dissera m a vários superiores [jesuítas] que se sentiram ofendidas pelo fato de que muitos daqueles que são conhecidos por serem da raça dos *confesos* estão sendo admitidos na Sociedade e estão visíveis lá. Essa reclamação compromete o nome da própria Sociedade e o fruto que ela poderia trazer, se essa situação fosse mais regulada. Portanto, decidi não procrastinar mais e anunciar o que há muitos dias já havia contemplado escrever.

É importante saber que, em relação àqueles que já foram recebidos, não deve haver distinção entre eles e os outros na Ordem no que diz respeito à concessão de graus e outros privilégios, que devem ser baseados nos talentos que o Senhor lhes comunicou e na virtude que possuem, de acordo com nossas *Constituições* e [bulas] papais. Caso contrário, isso poderia gerar neles raiva e grande angústia, e falharíamos em lhes dar a prova de caridade que devemos.

No que diz respeito aos cargos de governo, devemos ter cuidado para não concedê-los a essas pessoas em certos locais-chave, especialmente o nde há a Inquisição, ou em outras circunstâncias que possam ofender os olhos daqueles que nos observam, a fim de evitar ofensas, particular mente aos ilustres inquisidores e ministros do Rei [da Espanha] , que claramente estão preocupados com essa questão.

No que diz respeito à admissão dessas pessoas, para não dar ocasião de amargura a muitos na Sociedade, julgamos inapropriado proibir universalmente a admissão daqueles que, de alguma forma, possuem esse defeito. É necessário usar mais seletividade e diligência na admissão, tendo em mente duas coisas. A primeira é que, de maneira alguma, devem ser admitidos aqueles que foram claramente suspeitos [*notados*] pela Inquisição. Quanto às pessoas cuja suspeita não é tão bem conhecida ou é incerta, especialmente se vêm de longe, e se seus parentes são nobres e empregados e honrados pelo Rei e seus ministros, seria muito odioso e severo excluí-los, e isso geraria uma série de desvantagens. A segunda é não usar o mesmo ti po de diligência na análise do candidato como no caso de alguém destinado a um cargo da Inquisição em Toledo. Caso contrário, isso significaria buscar genealogias e coletar informações sobre linhagens de nobres, o que se tornaria perigoso. De qualquer forma, essa investigação deve ser feita discretamente e, quando alguém tiver que ser excluído, seria conveniente apresentar algumas outras causas e razões aparentes para sua demissão, de modo que não se possa entender ou afirmar com certeza que uma pessoa está proibida de admissão por causa de sua linhagem.

Esta medida me parece necessária, porque se queremos olhar para a edificação e autoridade de nossos ministérios e o bom crédito que a Sociedade deve ter, precisamos condescender à visão das pessoas que não são apenas principais, mas que têm suas mãos no governo. Não sem razão, nosso Pai Inácio pediu para investigar o candidato sobre sua linhagem a fim de tomar uma boa decisão para a maior glória de Deus.

> Consideradas todas as circunstâncias, embora saibamos que Deus não limita a comunicação de sua graça e virtudes ao sangue ou linhagens, mas *as dá abundantemente a todos*.[113]

Os documentos de Acquaviva e de seus três assistentes gerais que citamos até agora revelam, sem dúvida, que legislar discrimina-

---

[113] "Pax Christi. Porque em algumas províncias em diversos tempos, e particularmente neste, personagens muito principais que desejam muito o bem da Companhia, disseram a diversos superiores que [. . .] os com confessos, porque muitos se ofendem de que se recebam e se vejam nela tantos que se sabe têm raça de confessos, o que resulta em prejuízo e língua da mesma Companhia e do fruto que faria se nisso fosse mais retificada, me pareceu não diferir mais, avisar o que muitos dias estava determinado se escrevesse. Convém saber que com os que estão recebidos, nem deve haver, nem mostrar-se sinal pequeno, nem grande de diferença entre eles, e os demais no que toca a dar os graus e outras prerrogativas na Religião a cada um segundo os talentos que o Senhor lhes comunicou, e a virtude que tiverem, conforme às nossas bulas e Constituições, porque o contrário seria irritá-los e afligí-los *supra modum*, e deixar de dar-lhes a mostra de caridade que devemos. Embora ao dar-lhes governos para evitar a ofensa particularmente dos Ilustres Inquisidores e dos Ministros do Rei que claramente tratam disso, convém que tenhamos cuidado e consideração de não lhes dar carga em certos postos principais, e particularmente onde há Inquisição ou outras circunstâncias que podem ofender os olhos dos que nos estão olhando. Mas quanto ao receber de novo semelhantes, embora por não dar ocasião de amargura a muitos da Companhia não temos julgado por coisa conveniente o proibir universalmente que de qualquer maneira que tal defeito lhes toque não se possam receber. Com tudo isso é necessário usar muito deleite e diligência no recebê-los, guardando duas coisas. A primeira que de maneira nenhuma se recebam os que tiveram nota clara e que desconvém de maneira que comumente no concreto dos de fora sejam tidos e notados portais. Mas quanto fossem pessoas que tivessem pouca nota e de longe, o u não tão clara, e que seus parentes especialmente se são pessoas nobres, fossem honrados e empregados pelo Rei, e por seus ministros, o excluí-los seria coisa [347v] muito odiosa, dura e sujeita a vários inconvenientes. A segunda é que ao recebê-los não se faça a exquisita diligência que se faria por ventura para uma [. . .] de Toledo, ou para ocupá-los no Santo Ofício. Porque isto é de andar buscando genealogias, e fazendo informações de linhagens de outros especialmente de gente honrada, seria coisa de muito perigo, mas faça-se por nossos em os lugares onde isto se pode saber, a moral diligência que sem ruído basta para ter notícia da opinião em que estão nesta parte em suas terras; e quando algu m se tivesse de excluir, busquem-se algumas outras causas e razões aparentes para que não se possa entender, ou ao menos, afirmar com certeza que se deixa algum de receber por esta causa. Isto nos pareceu ser necessário pois que se vê que à edificação e autoridade de nossos ministérios e bom crédito da Companhia convém que se condescenda com a opinião de pessoas que não só são tão principais, mas juntamente tê m mão no governo, que não sem causa a bendita memória de N[nosso] P[ai] Ignácio avisou que se lhes perguntasse deste ponto, para que entendidas todas as circunstâncias, se pudesse fazer a consideração que convém à maior glória Divina. Embora por outra parte sabemos que Deus N[nosso] S[eñor] não limita a comunicação de suas graças e virtudes a sangue ou linhagens, *sed tribuit omnibus abundanter.* Nas orações e santos s acrifícios de V[nossa] R[everência] muito me encomendo. De Roma, 18 de Abril de 1590" (ARSI, *Inst. 184/II*, ff . 347, 366–7).

tion contra Cristãos de linhagem judaica durante a Congregação Geral 5 (1593)—que ironicamente foi forçada a se reunir sob pressão dos jesuítas conversos José de Acosta[114] e Francisco de Toledo—foi orquestrada como uma punição pela suposta participação dos conversos na revolta contra a maneira como Acquaviva e seus assistentes gerais governavam a Sociedade. Violando a vontade de Loyola, conforme expressa nas *Constituições* jesuítas, e contradizendo a prática dos três primeiros geralatos, esta nova lei proclamou a ascendência judaica (e muçulmana), não importando quão distante, como um impedimento insuperável para a admissão à Sociedade. Além disso, os conversos que ainda não haviam feito seus votos finais tinham que ser dispensados. "Ajustado à maior glória de Deus," o decreto anti-converso foi considerado um fait accompli, e até mesmo o superior geral foi proibido de conceder isenções:

> Aqueles, no entanto, que são descendentes de pais que são cristãos recentes, infligiram rotineiramente e habitualmente uma grande quantidade de impedimentos e danos à Sociedade (como se tornou claro em nossa experiência diária). [. . .] Toda a congregação decidiu então decretar, como é afirmado por este presente decreto, que em nenhum caso alguém desse tipo, ou seja, uma pessoa de origem hebraica ou saracena, deve ser admitida à Sociedade no futuro. E se por erro qualquer pessoa desse tipo for admitida, ela deve ser dispensada assim que o impedimento for revelado, a qualquer momento antes da profissão, após notificar primeiro o superior geral e aguardar sua resposta. [. . .] É mais adequado para a maior glória de Deus e a busca mais perfeita dos fins que [a Sociedade de Jesus] se propõe a si mesma que possua trabalhadores que sejam muito aceitáveis a outras nações em todo o mundo e que possam ser mais livremente e confiavelmente empregados na Igreja de Deus por aquelas pessoas cuja boa ou má vontade para conosco (como diz o Pai Inácio, de feliz memória) tem muito a ver com se estarão abertas ou fecharão o acesso ao serviço divino e à ajuda das almas.[115]

A temporada de caça à linhagem começou. De acordo com o *Diário* de Melchor de Valpedrosa, todos, exceto dois delegados (o converso José de Acosta e Francisco Arias de Párraga), votaram a favor da medida.[116] Assim como a legislação Sarmiento

---

[114] Veja AHN, Inquisição, lib. 582, f. 333^{r}; e Donnelly, "Antonio Possevino," pp. 7–8. [115] Veja AHN, Clero-Jesuitas, leg. 252, doc. 192; AHSI, Baet. 3-I, ff. 179, 202, 417; Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 204; e *Institutum Societatis Iesu* (Florença: Ex Typographia a SS. Conceptione, 1892–3), 2:278–9, d. 52. [116] Veja Astrain, *História*, 3:610. Além disso, Antonio Possevino confirma esta informação (veja ARSI, *Congr. 20b*, f. 309^{r}). Francisco Arias de Párraga: *c. 1534 Sevilha; SJ 1561; †1605 Sevilha; sacerdote antes de 1561; professo em 1572 (*DHCJ* 1:231–2).

de 1449 havia sido condenada por pelo menos três arcebispos de Toledo—Alonso Carrillo de Acuña (1413–82), Pedro González de Mendoza (1428–95) e Francisco Jiménez de Cisneros (1436–1517)—o Cardeal Arcebispo de Toledo e Inquisidor Geral, Gaspar de Quiroga (1507–94), afirmou, contra o decreto de Acquaviva, que a Sociedade se desonrava ao promulgar tal lei.[117] De fato, Quiroga—que controlou a Inquisição Espanhola entre 1573 e 1594, exatamente no período da ofensiva anti-converso mais intensa dos jesuítas—restrigiu a implementação das leis de pureza de sangue, uma política que refletia uma mudança na abordagem do problema dos conversos pelo Conselho do Rei Filipe II.[118]

A descrição recente de Renée Levine Melammed sobre as consequências das leis de pureza de sangue na Espanha poderia ser muito bem aplicada à situação em que os jesuítas conversos se encontravam na manhã seguinte ao descobrirem o decreto.[119] Eles fora m negados a plena membresia na Sociedade com base na discriminação étnica. Mesmo o converso mais sincero teve negados direitos e oportunidades iguais. Somente forjando documentos ou pagando por forjas ele poderia talvez conseguir contornar essas limitações. Consequentemente, os estatutos de pureza de sangue criaram uma cultura de opinião em vez de lei.[120] Alguns conversos tentaram por esses meios ou outros serem aceitos de forma sorrateira na Sociedade, mas sabiam que seriam eventualmente condenados à cidadania de segunda classe. Por outro lado, aqueles que desejavam se livrar de inimigos políticos disseminavam rumores ou manipulavam os documentos genealógicos de seus oponentes para manchar sua "pureza étnica" exigida. A Sociedade de Jesus poderia ensinar irmandade inspirada pelo Evangelho e igualdade, mas a vida tinha uma lição diferente a oferecer. Um converso que nunca havia experimentado um dia em sua vida como judeu, que talvez não soubesse absolutamente nada sobre sua origem converso, ainda assim foi recusado.

---

117 Veja ARSI, *Inst. 186e*, f. 358^{r}: "Em lugar de ganhar honra, a Companhia se desonrou com este tal decreto." 118 Brodrick, *Progresso dos Jesuítas*, p. 119; e Kamen, "Uma crise de consciência," pp. 322–56. Veja também Stafford Poole, "A Política da *limpeza de sangue*: Juan de Ovando e Seu Círculo no Reinado de Filipe II," *As Américas* 55 (1999): 359–89, onde ele mostra que muitos conversos ocupavam as mais altas posições na administração de Filipe. Sobre a relação de Quiroga com Filipe II, veja especialmente Henar Pizarro Llorente, *Um grande patrono na corte de Filipe II: Don Gaspar de Quiroga* (Madri: Universidade Pontifícia Comillas, 2004). 119 Melammed, *Uma Questão de Identidade*, p. 19. 120 Veja Juan Hernández Franco, *Cultura e limpeza de sangue na Espanha moderna. Puritate sanguinis* (Múrcia: Universidade de Murcia, 1996), p. iv.

entrada na Sociedade, e pouco ou nada poderia ser feito para alterar essa situação.

De fato, como Guzmán apontou para Ribadeneyra, muitos jesuítas conversos influentes e valorizados deixaram a Sociedade. [121] O número de admissões na Ibéria e nas Índias diminuiu drasticamente.[122] Apesar de seu status seguro como jesuíta professo, Ribadeneyra nunca revelou sua identidade de converso e, para a decepção do historiador jesuíta Sacchini, omitiu Laínez em sua biografia dele, como vimos no capítulo anterior. Quando a Inquisição processou Juan Jerónimo[123] porque, em s ua popular pregação em Toledo em 1593–4, ele apoiou a chamada confissão*in absentia* (defendida pelo jurista jesuíta converso, Francisco Suárez), ele foi lembrado pelos inquisidores toledanos de que o mesmo tribunal também havia condenado seu avô judeu e que, portanto, "o fogo estava muito perto de queimá-lo."[124]

Quando Alexandre de Rhodes entrou na Sociedade em Roma em 1612, ele deve ter escondido o fato de que seus avós haviam escapado das perseguições ibéricas e, mudando seu nome de Rueda, haviam se estabelecido em Avignon.[125] Sua admissão furtiva deveu-se provavelmente ao fato de que sua família rica havia doado 3.000 *librarum* ao Colégio Jesuíta em Avignon (que foi fundado por Antonio Possevino, que muito provavelmente também era um converso oculto),[126] mas também foi benéfico para a Sociedade: armado com seu excepcional talento linguístico, Alexandre—após sua estada em Goa, Macau e Japão—fundou a primeira missão jesuíta no atual Vietnã, co-autorizou o Vietnamita-Português-Latino.

---

[121] "Depois que há este decreto, muitos sujeitos que têm partes muito essenciais e de grande estima foram retirados e que seriam muito estimados e de grande fruto na Companhia" (ARSI, *Inst. 186e*, f. 355^{v}). [122] Veja Medina, "Os precursores de Vieira," p. 501. [123] Juan Jerónimo: *8 de julho de 1545, Cabra (Córdoba); SJ 1562; sacerdote em 1570; professo em 1578; †1 de julho de 1605, Roma. Ele nasceu do converso Francisco de Méndez e de Leonor Arias. Estaria ele, então, relacionado a Francisco Arias de Párraga de Sevilha? Estudou direito em Salamanca antes de ingressar na Sociedade com o desejo de se tornar um missionário nas Índias, mas acabou ensinando teologia em várias faculdades na Espanha e se envolveu em pregação controversa (veja *DHCJ* 3:2146). Veja AHN, Inquisição, lib. 581, f. 244^{v} e lib. 582, ff. 177^{v}, 180^{v}, 203^{v}, 227^{v}, 271^{v}, 295^{r}, 333^{r}. [124] Veja ARSI, *Hisp. 138*, f. 65. [125] Alexandre de Rhodes: *c. 1583, Avignon; SJ 1612; †1660, Isfahan (Irã); sacerdote em 1618 (veja *DHCJ* 4:3342). Em 1487, um sacerdote chamado Juan Martínez de Rueda, em cuja posse foram encontrados livros anti-cristãos em hebraico, foi queimado em Saragossa; e em 1492, seu parente, a viúva de Antonio de Rueda de Catalayud, que havia mantido o Sábado e comido regularmente "hamyn" [ham], , também foi queimada lá. Os ancestrais de Alexandre provavelmente estavam relacionados a esses conversos ibéricos. [126] Veja ARSI, *Fondo Gesuitico*, NN 10/1368 (envelope 12).

dicionário *Dicionário Annamiticum Lusitanum e Latino*, e escreveu um catecismo bilíngue, *Catecismo para aqueles que desejam suspeitar do batismo dividido em oito dias*, ambas as obras publicadas em Roma em 1651 pela Sagrada Congregação da Propaganda da Fé.

Andrés Pinto (1595–1654) precisava do apoio real para poder permanecer na Sociedade, após sua linhagem judaica ser descoberta, mesmo que o Superior Geral Vitelleschi (geral 1615–45) tenha solicitado sua demissão em uma carta ao Superior Provincial Espanhol Villalba:

> Recebi informações sobre a linagem do Irmão Pinto, assinadas por [Fernaõ Martins Mascarenhas] Senhor Inquisidor Geral de Portugal. (Sua Reverência não deve contar isso a ninguém.) Ele diz que não apenas o pai de Pinto, mas também sua mãe é descendente de Judeus, mas após sua conversão, seus pais nunca cometeram um crime, nem foram punidos pela Inquisição. E como estavam tentando nomear o pai de Pinto como médico do rei, houve oposição devido à sua linagem bem conhecida, mas como sua família nunca foi suspeita, fizeram-lhe um favor e

Fonte: Alexandre de Rhodes, *Tunchinensis Historiae Libri* (Lyon, 1652), p. [15] mapa. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 14. Mapa do Vietnã do século dezessete. Este mapa foi impresso na primeira história do Vietnã atual pelo jesuíta Alexandre de Rhodes (1583–1660).

> nomeou-o de qualquer forma a pedido do rei. No entanto, o Irmão Pinto não pode permanecer na Sociedade e eu ordeno a Vossa Reverência que o demita imediatamente. Lamento por isso, mas nada mais pode ser feito neste caso.[127]

A pedido dele para se juntar à Sociedade em Saragossa, a linagem de Baltasar[Jerônimo] Gracián y Morales (1601–58), de Belmonte (Calatayud) perto de Saragossa, resultou em suspeitas, mas aparentemente não impediu sua admissão. Parece que a suspeita se concentrou no nome de Gracián e na profissão de seu pai.[128] De fato, o nome (em hebraico*Hen*) estava associado aos descendentes judaicos de Judah ben Barzilai, que viveram em Barcelona no século XIII. Um deles, Salomón ben Moses (m. 1307), um renomado Talmudista de Barcelona, às vezes assinava como Hen, às vezes como Gracián. Outros membros notórios da família Gracián foram Shealtiel Gracián, ou Hen, um rabino de Barcelona e Alcalá, e Zerahiah ben Isaac ben Shealtiel Gracián (Hen), filósofo e tradutor, a mbos viveram no século XIII (*A Enciclopédia Judaica* tem quatorze biografias de membros da família).[129] Havia outros Graciáns bem conhecidos que viveram mais perto da época de nosso Baltasar Gracián: o carmelita Jerônimo Gracián (1545–1614), filho de Diego Gracián de Alderete, que foi um dos associados mais próximos da converso Santa Teresa de Ávila;[130] e Juan

---

[127] "Já chegou a informação da linhagem do H[ermano] Pinto, a qual vem assinada do Senhor Inquisidor Geral de Portugal (isto último não diga V[ossa] R[everência] a nenhu m). Por ela consta que o dito irmão, por parte não só de seu pai, mas também de sua mãe, é descendente de judeus, mas depois que seus progenitores se converteram, nunca delinqüiram, nem foram punidos pela Inquisição e assim, quando se tratou de fazer médico do rei a seu pai, do dito irmão, opuseram a falta de sua linhagem e, embora constasse notoriamente que não delinqüiram após a conversão, foi-lhe concedido o privilégio de ser admitido por meio do rei, conforme ao que foi dito. Bem vê Vossa Reverência que não podemos reter o dito Hermano Pinto na Companhia e assim e ncarrego que o despida imediatamente; lamento muito, mas não é matéria em que se possa fazer outra coisa" (ARSI, *Cast. 9*, f. 57). Veja também Medina, "Os precursores de Vieira," p. 514. [128] Veja Miguel Batllori, "A vida alternante de Baltasar Gracián na Companhia de Jesus," *AHSI* 18 (1949): 7. [129] Veja Arturo del Hoyo, *Baltasar Gracián y Morales. Obras completas* (Madri: Aguilar, 1967), p. ccxxxix; e Roth, *Conversos. Inquisição*, p. 60. [130] Veja Francisco Javier Martín Gil e Jesús Martín Gil, "Sobre as contribuições científicas do erudito e polígrafo vallisoletano Jerônimo Gracián de la Madre de Dios (1545–1614)," em *Estudos sobre história da ciência e da técnica. IV Congresso da Sociedade Espanhola de História das Ciências e das Técnicas. Valladolid, 22–27 de Setembro de 1986* (1988), pp. 829–32. Ele era filho de Diego Gracián de Alderete, que estudou com Luis Vives em Leuven e mais tarde se tornou um famoso tradutor de Plutarco (veja *Enciclopédia Universal Ilustrada,* vol. 26, p. 895). O sobrenome da avó de Baltasar Gracián teria sido Torrella, um distinto converso.

Gracián, que foi um proeminente editor de livros em Alcalá de Henares. A relação desses dois homens com Baltasar Gracián y Morales ainda precisa ser examinada.

O último era filho de um médico de Sabiñán, Francisco Gracián Garcés (nascido em 1564, filho de Antonio Gracián, um descendente de Miguel Gracián de Borja, e Isabel Garcés), e Ángela Morales Torrellas, uma filha analfabeta de um alfaiate de Calatayud (seu túmulo está localizado na capela de San Cosme em San Andrés, em Belmonte). Ele tinha oito irmãos: Manuel, Magdalena, Francisco, Felipe, Pedro, Ángela, Raymundo e Lorenzo (cujo nome Gracián usou como pseudônimo para publicar quase todos os seus livros).[131]

Como no caso de muitas famílias conversas, incluindo as de Laínez, Súarez e Ribadeneyra, a maioria dos irmãos de Gracián se tornou monges ou freiras. Ele foi batizado por Domingo Pascual, e seus padrinhos foram Martín Carrasco e María Fabián. Ele passou sua infância em Toledo com seu tio, Antonio Gracián, que era sacerdote na capela de San Pedro de los Reyes.

Após anos de formação jesuíta, Baltasar Gracián ensinou casos de consciência em Lérida e filosofia e teologia em Gandía e Huesca, onde conheceu seu futuro *maecenas*, Vincencio Juan de Lastanosa (1607–81). Transferido para Saragossa em 1639, tornou-se confessor do vice-rei de Aragão, Francesco Maria Carraff a e Carraff a (r. 1639–40). Em 1642, foi nomeado vice-reitor em Tarragona e, posteriormente, decano de filosofia na Universidade de Gandía, cargo que perdeu após a publicação de seu *Criticón* (Huesca, 1651; Huesca, 1653; Madri, 1657). Ele foi então transferido para Graus e ordenado a jejuar de pão e água. Consequentemente, pediu para ser dispensado da Sociedade, mas seu pedido foi negado. Durante a guerra de Aragão com a Catalunha e a França, Gracián se alistou como capelão no exército (1646). Após 1649, ensinou Escritura em Saragossa, onde fez amizade com o poeta Andrés de Uztarroz (1606–53). Gracián é considerado um dos principais escritores do Barroco Europeu. Ele foi admirado, entre outros, por Arthur Schopenhauer (1788–1860), que traduziu suas obras para o alemão.

---

nome em Aragão, associado ao de Almazán, Ferrer e Almenara (veja *El Livro Verde de Aragão,* em AHN, Inquisição, lib. 1282, ff . 41^{v} e 56^{r-v}). [131] Veja *Gracián's El héroe* (1637, *O Herói*); *El político Don Fernando el Católico* (1640, *O Político*); *Arte de engenho* (1642) ou *Agudeza e arte de engenho* (1648); *El discreto* (1646, *O Cavalheiro Completo)*; *Oráculo manual e arte de prudência* (1647, *A Arte da Sabedoria Mundana)*; e *El Criticón* (1651–7, *O Crítico*).

(1861). Alguns de seus livros ainda estão sendo traduzidos, e há i números sites dedicados a ele.[132]

É notável que alguns outros jesuítas conversos, que ainda não haviam proferido seus votos finais antes que Acquaviva restringisse a admissão de candidatos conversos no final da década de 1580, conseguiram realmente fazê-lo. Essa foi a história de, por exemplo, o famoso biblista Luis del Alcázar,[133] cujo retrato foi feito pelo celebrado pintor, Francisco Pacheco (1564–1644).[134] Assim como no caso de Alexandre de Rhodes, as autoridades talvez reconheceram que seus pais, Melchor del Alcázar e Ana de la Sal Hurtado de Mendoza, contribuíram financeiramente para a fundação do colégio jesuíta San Hermenegildo em Sevilha, e também que

132 Veja DHCJ 2:1796–7. A bibliografia sobre Gracián é infinita. A seguinte bibliografia selecionada destaca a extensão geográfica e cronológica do interesse acadêmico nas obras de Gracián. Karl Borinski, Baltasar Gracián und die Hofl itteratur in Deutschland ([Niederwalluf b. Wiesbaden]: M. Sändig, 1971); Benedetto Croce, I trattatisti italiani del "Concettismo" e Baltasar Gracian: Memoria letta all'accademia Pontaniana nella tornata del 18 giugno 1899 (Nápoles: Stab. tipográfico na R. Università di A. Tessitore e fi glio, 1899); Narciso José Lin y Heredia, Baltasar Gracian, 1601–1658 (Madri: Impr. del Asilo de Huérfanos, 1902); Aubrey Bell, Baltasar Gracian ([Oxford]: Oxford University Press, H. Milford, 1921); Victor Bouillier, Baltasar Gracián et Nietzsche (Paris: H. Champion, 1926); Miguel Batllori, Gracián y el barroco (Roma: Edições de História e Literatura, 1958); Evaristo Correa Calderón, Baltasar Gracián: Sua vida e sua obra (Madri: Gredos, 1961); Monroe Z. Haft er, Gracián and Perfection; Spanish Moralists of the Seventeenth Century (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1966); Virginia R. Foster, Baltasar Gracián (BOSTON: Twayne Publishers, 1975); Th eodore L. Kassier, Th e Truth Disguised: Allegorical Structure and Technique in Gracian's "Criticon" (Londres: Tamesis, 1976); Jorge M. Ayala, Gracián: Vida, estilo, y refl exión (Madri: Cincel, 1987); Luciano Anceschi, La poetica di Gracián in Europa (Nápoles: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1989); Julio O. Chiappini, Borges y Baltasar Gracián (Rosário, Prov. Santa Fe, República Argentina: Zeus Editora, 1994); Arturo Zorate Ruis, Gracian, Wit, and the Baroque Age (Nova Iorque: P. Lang, 1996); Nicholas Spadaccini e Jenaro Talens, eds, Rhetoric and Politics: Baltasar Gracian and the New World Order (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997); Ronald H. McKinney, "A Casuística Barroca de Baltasar Gracian," Th e Modern Schoolman 81/2 (2004): 79–95; http://www.uv.es/BaltasarGracian; http://www.balthasargracian.com; e http://des.emory.edu/mfp/Gracian. 133

Luis del Alcázar: *1554 Sevilha ille; SJ 1568; †1613 Roma; sacerdote 1578; pro f esse d

1589. Seu tio, Baltasar del Alcázar, era um famoso poeta. Ele estudou nas faculdades de Sevilha, Córdoba e Salamanca. Ele foi erroneamente considerado o autor do *Discurso acerca de los estatutos de limpeza de sangue*, que foi escrito por seu amigo dominicano, Agostinho Salucio (AHN, Inquisição, lib. 583, f. 339v; e *DHCJ* 1:41). Veja a visão oposta em Ruth Pike, *Linajudos e Conversos em Sevilha: Ganância e Preconceito na Espanha dos Séculos XVI e XVII* (Nova Iorque: Peter Lang, 2000), p. 127.

134 Veja Manuela Águeda García Garrido, "A imagem pregada. A virtude como ca minho para a salvação nos retratos de Francisco Pacheco (1564–1644)," *Etiópicas* 2 (2006): 185; veja o retrato de Alázar em Francisco Pacheco, *Livro de descrição de verdadeiros retratos de ilustres e memoráveis varões* (Sevilha: Imp. de E. Rasco, 1886).

o candidato era um homem muito talentoso. Seus comentários sobre o livro do Apocalipse eram tão famosos que o teólogo do século dezenove Wilhelm Bousset (1865–1920) atribuiu o estudo científico desse livro à sua influência.[135]

Esses e outros casos merecem mais atenção, mas nenhum estudo aprofundado sobre este assunto jamais foi feito,[136] apesar do fato de que o papel excepcional dos jesuítas de ancestralidade judaica foi constantemente ressaltado nos escritos vanguardistas pro-converso de Antonio Possevino, Pedro de Ribadeneyra, Diego de Guzmán, García Girón de Alarcón e Juan de Mariana.

Voltamos nossa atenção para esses escritos no próximo capítulo, agora que examinamos no presente o deslocamento nas abordagens jesuítas sobre a questão da *limpieza de sangre* após a morte do Superior Geral Francisco de Borja em 1572. Vimos como e por que, como res ultado da política anti-converso de seus dois sucessores, Mercurian e Acquaviva, os jesuítas de linhagem judaica passaram, em menos de cinquenta anos, de terem um papel de destaque na fundação e desenvolvimento da Sociedade de Jesus para serem proibidos de sua membresia.

---

135 Ruth Pike, *Aristocratas e Comerciantes. Sociedade Sevillana no Século Dezesseis* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1972), pp. 67–8. 136 Para um tratamento conciso deste assunto no período de 1594 a 1632, veja Medina, “Os precursores de Vieira,” pp. 501–19.

Fonte: Luis del Alcázar, Comentário à *Vestigatio arcani sensus in Apocalypsi* (Lyon, 1618), pp. xxii–xxiii. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 15. Gravuras do *Vestigatio arcani sensus in Apocalypsi* (Antuérpia, 1614) por Luis del Alcázar (1554–1613)

CAPÍTULO QUATRO

OPOSIÇÃO JESUÍTA À DISCRIMINAÇÃO DA PUREZA DE SANGUE (1576–1608)

*Assim, não há Polônia, nem Espanha, nem Alemanha, nem França, mas u ma única Sociedade, um único Deus em todos, todos em um único Senhor Jesus Cristo, cujos membros vocês são.*Everard Mercurian, S.J., 1573

A anterior legislação de pureza de sangue promulgada em Toledo que analisamos nos Capítulos Um e Três—o de Mayor Sarmiento em 1449, o de Inquisidor Silíceo em 1547, e o decreto anti-converso da Quinta Congregação Geral dos jesuítas (1593)—provocou uma tempestade de oposição que durou quinze anos e que eventualmente levou à limitação, ainda que superficial, da investigação de linhagem (até a quinta geração) pela Sexta Congregação Geral (1608).[1] Cinco jesuítas influentes, que frequentemente apareceram nas páginas anteriores deste livro, constituíram a vanguarda dessa oposição: Antonio Possevino, Pedro de Ribadeneyra, Diego de Guzmán, Juan de Mariana e García Girón de Alarcón. Este capítulo examina seus escritos pró-converso dentro de seu contexto histórico.

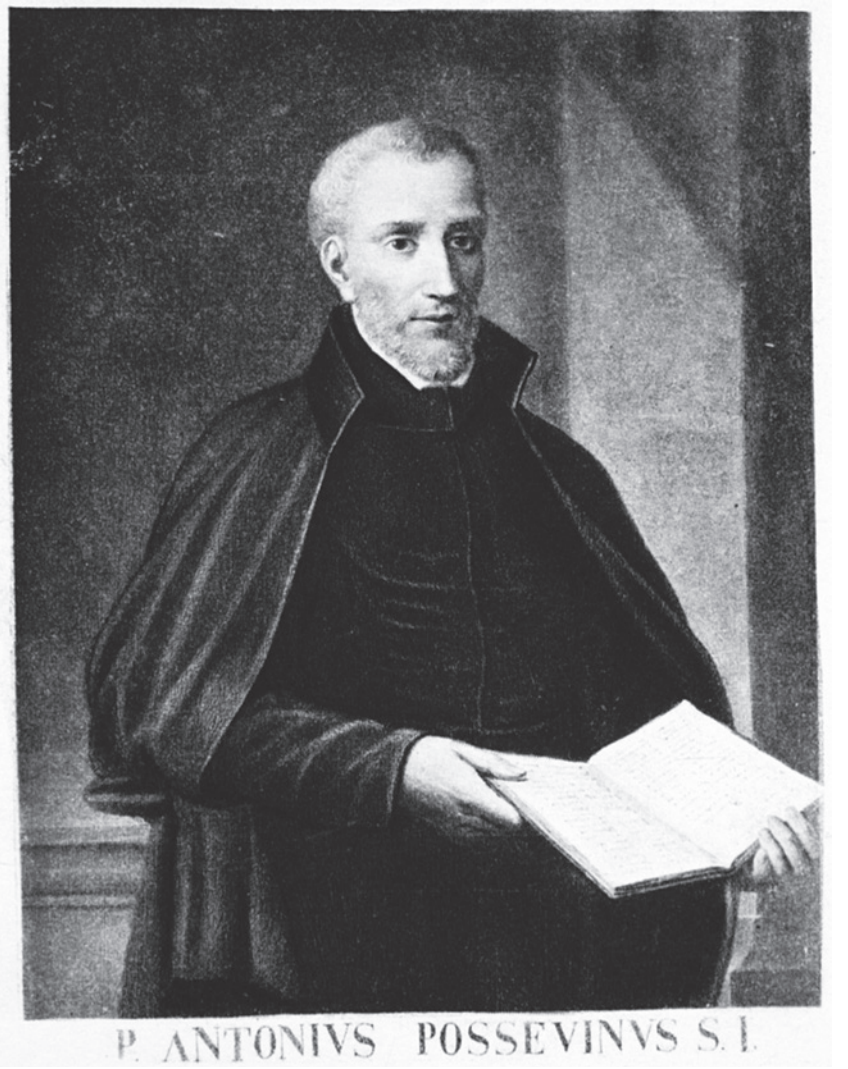
García Girón de Alarcón é virtualmente desconhecido, no entanto, seu memorial de 1597 é a crítica mais abrangente à discriminação de pureza de sangue dos jesuítas. É por isso que iremos dedicar a ele e seu texto muito espaço neste capítulo. Juan de Mariana, um membro do *movimento memorialistas*, escreveu uma obra intitulada *De rege et regisinstitutione*, na qual expressou suas opiniões sobre a discriminação contra os conversos. Foi Antonio Possevino quem mencionou explicitamente a ancestralidade judaica de Mariana.[2] Diego de Guzmán—quem

[1] Harald E. Braun, em seu recente *Juan de Mariana e o Pensamento Político Espanhol Moderno Inicial* (Ashgate: Aldershot, 2007), p. 93, afirmou incorretamente que a Congregação Geral 6 (1608) revogou o decreto de 1593. Juan de Mariana e seu amigo Pedro de Ribadeneyra contribuíram, através de seus escritos, para a defesa do status dos conversos, como veremos abaixo, mas seu sucesso foi apenas parcial, pois a Congregação Geral 6 apenas limitou a investigação genealógica. O decreto de 1593 foi revogado apenas em 1946. [2] Veja o "Memorial" de Possevino, ARSI, *Congr. 20b*, f. 208^{v}; veja também o de Mariana, "De rege et regis institutione," em Juan de Mariana, *Obras* (Madri: Biblioteca de

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

historiadores consideram um Cristão Velho—pode ter sido motivado a escrever sua carta pro-converso ao Superior Geral Acquaviva por sua profunda amizade com seu mestre converso, Juan de Ávila, e outro de seus discípulos conversos, Gaspar de Loarte, que—como vimos no capítulo dois—encontrou obstáculos aparentemente intransponíveis para se juntar à Sociedade de Jesus devido à sua linhagem judaica. Óbvio também é a afinidade de Guzmán pelo converso oculto Ribadeneyra, que empregou em seus escritos anti-discriminação sua autoridade como um dos poucos discípulos sobreviventes de Inácio de Loyola e como um homem de governo—ele ocupou cargos importantes na administração jesuíta por décadas até a "limpeza de casa" de Mercurian. Possevino—o único Italiano neste quinteto dominado pelos espanhóis—era quase certamente um converso oculto e se tornou um dos primeiros e mais ferozes oponentes da discriminação de pureza de sangue na Sociedade. Seu primeiro memorial foi redigido já em 1576,[3] , ou seja, três anos após a Congregação Geral 3, durante a qual Possevino testemunhou pessoalmente a colisão frontal entre os partidos anti- e pro-converso que concluiu com a eleição manipulada de Mercurian, como vimos no capítulo anterior. Seu é o único texto do gênero que foi totalmente estudado na historiografia anglófona sobre o assunto.[4] Possevino compôs seu segundo memorial em 13 de Outubro de 1598—já após a pro mulgação do decreto anti-converso pela Congregação Geral 5.[5] A leitura sinótica de ambos os memoriais que oferecemos aqui pela primeira vez permite decodificar a prosa muitas vezes secreta do autor. Primeiro, voltamos nossa atenção para seu memorial de 1576.

Autores Espanhóis, 1950), vol. 31, pp. 540–2; e Henry Kamen, "Limpieza e o Fantasma de Américo Castro: Racismo como uma Ferramenta de Análise Literária," *Hispanic Review* 64/1 (1996): 23. [3] Veja ARSI, *Cong. 20b*, ff. 206–12. [4] Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," pp. 543–61. [5] Veja ARSI, *Inst. 184/II*, ff. 349–52; *Congr. 26*, ff. 28–30 e 288–92.



Fonte: Alfred Hamy, *Galeria Ilustrada da Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #37. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 16. O jesuíta italiano e escritor diplomático Antonio Possevino (1533–1611)

Antonio Possevino (1533–1611), de Mântua, na Itália, foi um dos oponentes mais obstinados e prolíficos da legislação de pureza de sangue na Sociedade de Jesus. Sob sua influência, o decreto anti-converso de 1593 foi mitigado, embora de forma insignificante, pela Sexta Congregação Geral em 1608. A pesquisa moderna

estabeleceu a ancestralidade judaica de Possevino com quase certeza.

Antonio Possevino

Thomas Cohen descreve o memorial de Possevino como "um texto híbrido: parte carta pessoal, parte exegese erudita, parte polêmica, parte exortação" direcionado (especialmente em sua seção de abertura) a um oponente não nomeado, que Cohen identifica como Benedetto Palmio,[6] Assistente Geral de Mercurian e autor do memorial anti-converso que estudamos no Capítulo Três. O texto de Possevino está inserido no contexto da Congregação dos Procuradores[7] que ocorreu em Roma em 1573, durante a qual o secretário de Mercurian teve conversas sobre a discriminação contra conversos com os representantes espanhóis—" sempre muito fiéis à Sociedade e seu geral"—que expressaram sua preocupação com a atmosfera anti-espanhola que cercava a eleição de Mercurian e que continuava a ser alimentada por seu assistente Palmio, levando a uma potencial divisão entre os jesuítas:

> Era evidente e conhecido por quase todos na Sociedade e pelos homens mais importantes desta corte que aquela pessoa [N] era um adversário não de alguns homens, mas de uma nação inteira, e que essa oposição precisava ser totalmente erradicada... pois se um remédio não tivesse sido introduzido, poderia ter causado um cisma irremediável na Sociedade.[8]

A intenção de Possevino de escrever o presente memorial a Mercurian, solicitando que este último elaborasse uma carta de edificação sobre a unidade na Sociedade, pode ter sido motivada pela sugestão dos procuradores espanhóis que ficaram escandalizados pela discriminação contra os conversos—independentemente de sua fidelidade e amor pela Sociedade—instigada por Benedetto Palmio.

---

[6] Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 544. [7] A Congregação dos Procuradores é uma assembleia de "pessoas que devem vir das províncias, pelo menos uma a cada três anos de cada província, tendo sido eleitas pelos votos dos professos e reitores da província, para informar o geral sobre muitas coisas" (*Const.* [679]). [8] "Prima che si venisse alle particolari risposte si toccò uno presupposto, cioè che era cosa evidente et nota quasi a tutta a Companhia et fino a più grandi di questa corte che quella persona era stimata avversa non da alcuni solamente ma da una nazione inteira, la quale opinione pareva necessario che totalmente si diradicasse: perciocché Vossa Paternità sa che era noto che da N. quel che era stato detto secretamente a bocca a Provinciais quando al t empo della congregação geral furono mandati em Espanha, la quale cosa come fu detta senza tener tutta quella luce, la quale si ha tenuto in parte depois, poderia, se em parte não se tivesse começado a remediar, haver cagionato scissure irrimediáveis na Companhia" (*Cong. 20b*, f. 206). A tradução é de Cohen em seu "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 546. Na minha transcrição dos manuscritos, ajustei a ortografia, onde ajuda na leitura do texto.

durante a Congregação Geral [3].[9] Também foi provavelmente motivado pelo que ele observou pessoalmente na Cúria Geral em Roma *após* a congregação—Mercurian estava "limpando a casa" ao remover de Roma e possivelmente da Itália os súditos espanhóis, muitos dos quais—como vimos no capítulo anterior—tinham origens judaicas. Aos olhos de Possevino,

> A carta mencionada será de consolo universal, que edificará a todos, e mostrará que no coração de [Mercurian]não há outro espírito senão o do Pai Inácio e dos outros Generais, e removerá toda noção ameaçadora do Mundo. Assim, espero que [a carta] sirva para garantir que os corações da Sociedade se deixem governar pela providência paternal de Sua Paternidade, sem buscar remédios humanos evasivos, como alguns homens (impelidos por sua paixão) buscaram, não sem notáveis danos à caridade fraterna.[10]

O "dano à caridade fraterna" mencionado teve suas raízes, afirma Possevino, na ideia de pureza de sangue. Refletindo o *Defensorium unitatis christianae* de Alfonso de Cartagena que analisamos no Capítulo Um, Possevino enfatiza que as distinções de linagem são vestígios do paganismo e contradizem a tradição jesuíta:

> Seja olhando para as *Constituições*, ou para o exemplo de antigos Pais Gerais, ou para a disposição da Providência Divina manifestada na Sagrada Escritura, não se pode ver como esse medo pode nascer dentro de uma Sociedade cujo I nstituto deveria ser distinguido pelo sangue que se encontra

---

[9] "Adiciono que esta aversão no coração máximo de N. foi de q[elli] che o amam com pleno ânimo e os quais sempre foram fiéis à Companhia, considerado sempre como o maior obstáculo diante de Deus que a nossa religião poderia ter nestes tempos, tendo-se talvez excessivamente indulgente sobre [. . .] permitido que se escrevesse e se falasse a respeito, além de que ele mesmo também falou de tal modo que se considerou que não resultaria menor injúria ao próximo, que devemos amar como a nós mesmos, do que o que seguiria se alguém chamasse ladrão um que se tivesse convertido, ou herege um filho ou parente de herege, ainda que este fosse fiel e católico, como realmente so (*et Deus scit q uia non mentior*) deu ocasião de pensar que os julg[izi] feitos nesta matéria e as infor mações dadas também a tempo da congregação não eram sem paixão" (*Cong. 20b*, f. 206[v]).

[10] "E penso que a dita carta, além de ser de consolação universal, edificará cada um e declarará que em seu peito não tem outro espírito senão aquele do Padre Ignatio e dos outros Generais. E assim como será suficiente para afastar todo conceito malicioso do Mundo, assim espero que também será eficaz para fazer com que os corações da Companhia se deixem governar pela providência paterna de Vossa Paternidade, sem buscar meios humanos indiretos, como alguns por semelhante paixão tomaram não sem ferida notável da caridade fraternal" (*Cong. 20b*, f. 207[r]). A tradução é de Cohen em seu " Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 547.

> em sua liberdade, e no fato de que não permite preferência por linagem, ou por preocupações humanas, que são vestígios do paganismo, ou por sua própria honra, como não se deixar tocar por outros ou saudá-los, como é o costume de alguns infiéis sobre os quais o Pai Alessandro Valignano escreveu recentemente a Sua Paternidade.[11]

Comentando sobre esta passagem, Cohen escreve que ela "constitui uma das críticas mais poderosas ao conceito de pureza de sangue a ser encontrada na vasta literatura—contemporânea e moderna—sobre o assunto. Além disso, Possevino aqui pela primeira vez liga debates sobre nação e linhagem a debates sobre o empreendimento missionário j esuíta. A linhagem ilustre depende dos ideais jesuítas, não do sangue. O argumento de Possevino reúne todas as diversas vertentes da oposição jesuíta à ideia de pureza de sangue, desde a Escritura, passando pela tradição ignaciana, até o desenvolvimento contínuo dos ideais pastorais jesuítas, e finalmente à humanidade comum e à inteligência de seus contemporâneos na Sociedade."

Para reforçar seu ponto, Possevino se volta nesta parte de seu memorial para provar o que Palmio negaria: a tradição jesuíta de Loyola a Borja se opôs incansavelmente a qualquer discriminação de linhagem. Ele começa com um retrato de Inácio, um estrangeiro em Roma:

> Pai Inácio, [de] santa memória, que era biscainho, conhecia a prática e a natureza das coisas na Espanha. Deus o havia eleito, para que se tornasse um modelo e ideal de todos os seus sucessores. Ele sabia melhor do que ninguém o que disse em suas *Constituições* e, assim, sua compreensão deve ser percebida a partir de suas ações e daquela fortaleza prudente, que ele plantou entre dificuldades humanamente intransponíveis [na] esta Sociedade. Ele era realmente um ho mem muito prudente e santo, e um estrangeiro em Roma; ele também havia [lidado] com a Inquisição da Espanha. Embora soubesse ingenuamente o quanto de tempestade, naqueles tempos, isso teria levantado contra a Sociedade, ele, no entanto, sentia que o espírito de Deus não faz favoritismos entre as pessoas [Romanos 2:11] e acreditava mais em Jesus Cristo do que na prudência terrena. Essa ideia permaneceu gravada nas mentes da Sociedade e ele moldou a Sociedade de tal forma que nem mesmo uma coisa o movia a

---

[11] "Adiciona-se que, se deve-se tomar a regra da verdade deste fato ou das Constituições, ou da sua compreensão, ou do exemplo dos Padres Gerais passados, ou da disposição da divina Providência manifestada na Escritura sagrada, não se vê de onde possa nascer este temor em uma Companhia, cujo Instituto deve ser conservado até com sangue na sua liberdade e que nela não entrem aquelas parcialidades de carne e balanços humanos, que são próprios vestígios de gentilidade e de honra própria, de modo que não se atrevem a tocar-se ou saudar-se uns aos outros, como de alguns infiéis escreve agora a Vossa Paternidade o Padre Alessandro Valignano" (*Cong. 20b*, f. 207ᵛ). A tradução é de Cohen em seu "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 548.

> alterá-lo, sabendo que *o que Deus uniu, ninguém separe* [Mateus 19:6]. E as cartas que ele escreveu sobre isso são conhecidas.[12]

Não foi necessário muito esforço para gravar o ideal anti-discriminação de Loyola na mente de seu sucessor direto, Diego Laínez, pois ele mesmo era de origem judaica—seus ancestrais castelhanos se converteram após os *pogroms* anti-judaicos de 1391, como vimos no capítulo dois. [13] Possevino lembra que Inácio o empregou em todas as principais empreitadas, como a fundação de muitas faculdades na Sicília, a missão na [Norte] da África, o colóquio de Poissy e o Concílio de Trento (que foi assistido por tantos prelados espanhóis), sem "este medo vão [de pessoas de linhagem judaica]" que caracteriza a atual administração jesuíta. A eleição de Laínez para o cargo mais alto na Sociedade, que ocorreu em um tempo de uma forte tempestade anti-converso na Espanha e em Roma, foi, para Possevino, um sinal manifesto de que

> Deus não faz distinções de nações, pessoas ou qualidades, desde que seus preceitos sejam observados e alguém ande corretamente diante de seus olhos, e que Deus queira preservar o status primitivo da Sociedade, à qual deu tantos dons, para que a Sociedade primitiva sirva como um modelo dos tipos de pedras com as quais a construção da Sociedade deve ser feita.[14]

---

[12] "O P. Inácio [de] memória santa foi biscaino, sabia por prática e natureza as coisas da Espanha, foi eleito por Deus para ser um modelo e ideia de todos os seus sucessores, melhor do que todos sabia o que queria dizer em suas Constituições e assim a inteligência deles deve ser tomada de suas ações e daquela prudente fortaleza, a qual implantou entre dificuldades humanamente insuperáveis [nesta] Companhia. Ele era prudentíssimo e verdadeiramente santo, era estrangeiro em Roma, esteve na Inquisição da Espanha, embora inocentemente, sabia quanta tempestade naqueles mesmos tempos havia sido excitada contra a Companhia, não obstante, ele que sentia que o espírito de Deus não era aceitando pessoas e que acreditava mais em Jesus Cristo do que na prudência terrena, seguiu aquele modo onde ele mesmo ficou gravado nos ânimos da Companhia e a reduziu a um estado tal que nada o moveu a alterar sua ordem, sabendo que Deus comanda *quod Deus coniungit homo non separet*. E as cartas que escreveu a respeito disso são conhecidas" (*Cong. 20b*, f. 207[r]). Veja também Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 549. As cartas mencionadas no final da citação são aquelas citadas acima no Capítulo Dois.

[13] Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 549, que acredita que Laínez foi um cristão de primeira geração.

[14] "Seguiu ao P. Inácio de santa memória o P. Laynez, durante o qual ocorreram aquelas terríveis tempestades que foram na Espanha e em Roma provocadas por esta matéria, mas Deus Senhor, que queria que a sua obra prosseguisse, assim como havia sido planejada pela sua eterna sabedoria, serviu-se dela tanto quanto fez na Europa e na África ao fundar colégios na Sicília e tantos outros, ao pregar aqui por tantos anos onde havia tantos senhores e prelados espanhóis na assembleia de Poyssi e no Concílio de Trento, onde estava, pode-se dizer, toda a Espanha em seus prelados, no entanto, nenhuma nota lhe trouxe matéria semelhante,

Francisco de Borja, o predecessor direto de Mercurian, segundo Possevino, foi outro modelo deste tipo de pedras:

> Embora tivesse muito conhecimento sobre questões de linhagem—ele serviu na corte de Carlos V—este servo de Deus nunca quis fazer esse tipo de distinções, ciente de que a Sociedade não era governada por outros meios senão pelo seu próprio espírito de Deus. E porque *onde está o Espírito de Deus, aí está a liberdade*, ele empregou os meios que Deus nosso Senhor lhe deu.[15]

Assim como seus predecessores, Cartagena e Oropesa, Possevino não poderia omitir a autoridade da epistolografia paulina em seu argumento contra a discriminação de linhagem. Ele recomenda que aqueles que abrigam em seus corações tal discriminação "devem fazer alguns exercícios espirituais sobre caridade, sobre amar o próximo como a si mesmo, e sobre as coisas que f oram ditas por São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios."[16]

Thomas Cohen lê no memorial de Possevino outros ecos da influência de Paulo em sua abordagem pro-converso. Pode-se ver "no contexto

---

anzi come Dio lo volle Generale della Compagnia e il P. Ignatio di santa memoria, se ne serviva in tutte le principali imprese senza questo vano timore. Così Dio Signor nostro diede manifesti segni che si come detto haveva dieci persone di qualità tanto diverse o per lignaggio, o per essercitio, o per altro, poiché não fa quel serenissimo occhio di Dio distintione di alcuna natione, persona, o qualità, purché si osservino i suoi precetti et si camini rettamente inanti gli occhi suoi, così doveva conservarsi la Compagnia nel medesimo stato, *ut esset ad exemplar illius primitivae Societatis* a cui Dio comunicou tantos doni. [. . .] Così dispuose la divina sapienza da principio come in un modello de che pietre doveva essere l'architettura di questa Compagnia" (*Cong. 20b*, f. 208^{v}). Possevino dedicaria muito mais palavras ao seu elogio de Laínez no memorial subsequente que veremos abaixo. [15] " Al P. Borgia che si lungamente era stato in corte di Carlo Quinto, et il quale sapeva che cosa erano questi rumori di simile materia, erano molto noti tutti i motivi, i quali potessero cagionare vera alteratione, ma dall'altra parte come fedele servo di Dio, eletto canonicamente, si come gli altri sono stati al generalato, tanto è lungi che volesse fare queste distintioni, o che quando volesse fare predicare un Portughese, o altri qui in Roma et a Papi et in Chiese nostre mandasse mai a dimandare come licentia in Portugallo o a giustifi carsi o a scisarsi con Ambasciatori o con alt[ri] che sapendo che la Compagnia non si governava per altro che per il proprio spirito di Dio et che *ubi Spiritus Domini, ibi libertas*, liberamente anco usava de i mezzi che Dio Signor Nostro presentato gli haveba" (*Cong. 20b*, ff . 208^{v}–209^{r}).

[16] "Coloro os quais têm em semelhante matéria alguma aversão enraizada em seu coração, deveriam fazer alguns exercícios espirituais sobre a caridade, amar o próximo como a si mesmo, e sobre as coisas ditas por são Paulo aos Coríntios na primeira" (*Cong. 20b*, f. 208^{v}). Outros fragmentos da Primeira Carta aos Coríntios que outros escritores pro-converso utilizaram, como vimos no Capítulo Um, foram: a recomendação de Cartagena para dar aos fracos neófitos o leite do amor e seios generosos em vez de alimento sólido (1 Coríntios 3:2); o aviso de Nicolau V sobre o cisma nascido do f avoritismo dado aos Judeus em detrimento dos Gentios (1 Coríntios 3:22); e seu lembrete da unidade da Igreja Cristã, independentemente da etnia (1 Coríntios 12:12–3). Veremos também abaixo como Alarcón recorda 1 Coríntios 1:24–6 para lembrar que Cristo é a sabedoria de Deus tanto para Gentios quanto para Judeus.

da insistência de Possevino sobre a eficácia da conversão e sobre a necessidade de autoexame [. . .]. O argumento do memorial em favor dos Novos Cristãos pode ser lido como uma confirmação da profecia de Paulo, na lição sobre o ramo de oliveira, de que os Judeus estarão ainda mais dispostos a abraçar o Cristianismo do que outros não-cristãos. Começando com sua referência à [Primeira Carta de Paulo aos] Coríntios e continuando ao longo do resto do memorial, Possevino argumentará que, longe de ser um obstáculo para a Sociedade, os jesuítas de descendência judaica estão entre os membros mais eficazes da Sociedade."[17]

De fato, a última afirmação, como veremos abaixo, é uma espécie de refrão em todos os textos jesuítas pro-converso. Possevino afirma que poderia dar muitos exemplos do ministério frutífero realizado por jesuítas de origem judaica e—ao contrário de Alarcón—ele cita especificamente três nomes de jesuítas de descendência judaica para reforçar seu ponto: Manuel de Sá, Francisco Antônio e Juan de Maldonado. Já encontramos Manuel de Sá em páginas anteriores deste livro. Enquanto Francisco Antônio é pouco conhecido (Possevino menciona que ele era pregador em uma corte imperial), Juan de Maldonado desempenhou um papel significativo na história da primeira Sociedade. Ele nasceu em 1533 na Casa de Reina (Badajoz, Espanha) e entrou na Sociedade em 1562. Juntamente com o converso Juan de Mariana, ele foi fundamental na fundação dos primeiros colégios jesuítas na França. Maldonado, que escreveu comentários autoritativos sobre os quatro Evangelhos, foi considerado o pai da teologia positiva moderna. Acquaviva o nomeou em 1581 membro do comitê da *Ratio Studiorum*, mas ele morreu prematuramente dois anos depois.[18]

Mais adiante em seu memorial, Possevino afirma que

> Os maiores frutos que foram colhidos na Espanha e em partes das Índias não foram extraídos sem o trabalho de tais homens [Novos Cristãos], e não faltam aqueles [Novos Cristãos] em quem hoje se encontram maior aprendizado e virtude do que em muitos outros. E a mera sugestão ou insinuação na Espanha de que tal distinção [entre Gentios e Judeus] existe dentro da Sociedade seria suficiente para remover os meios de colher frutos em mais da metade da Espanha [. . .], onde muitos

---

17 Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 551. 18 "Potrei aggiungere molti altri esempi vivi del frutto che si fa per i ministeri de tali anco al presente nella Companhia, se Vossa Paternità não sapesse que além daqueles da Espanha, e de Maldonato em Paris, de Francesco Antonio em pregar tantos anos à Imperatriz, de Emanuele Saa em Milão, de muitos outros leitores e pregadores em outros lugares, e também de outros de outras nações que Vossa Paternidade talvez não conheça" (*Cong. 20b*, f. 208^{v}).

> os principais oficiais da corte são desse [judaico] estoque e, ofendidos por tal distinção, poderiam contribuir para a destruição ou divisão da Sociedade, que, embora professando ser santa e se modelar após Jesus, seu líder, poderia, em última análise, ser cúmplice em prejudicar Jesus e ser uma sociedade do mundo em vez de Jesus.[19]

Deve-se concluir, então, utilizando as regras para o discernimento de espíritos estabelecidas por Inácio, que o medo dos jesuítas de ancestra judaica nasce de um espírito diferente do de Deus, pois este, que é contrário até mesmo a uma sombra de cisma, acompanhou—Possevino repete—os fundamentos da Sociedade, e os jesuítas devem segui-lo co mo exemplo.[20]

Os jesuítas que são movidos, na visão de Possevino, pelo espírito contrário a Deus, que supostamente é o do Diabo, podem ser divididos em três grupos:

> (1) O primeiro é chamado, após a expressão de um oficial espanhol que visitou Mercurian, de "villanazzi." "Estes eram homens que vinham de origens rurais pobres, frequentemente desprezados por seus colegas de famílias elitistas, e que buscavam compensar, por meio da linagem, o que lhes faltava em virtude e talento." Ao apontar esses homens, Possevino chama a atenção para as agudas divisões socioeconômicas que existiam dentro da Sociedade durante as primeiras gerações. Ao mesmo tempo, ele questiona as alegações dos *villanazzi* sobre a pureza de sangue. Ele sugere não que sejam de origem judaica, mas que, se suas linhagens fossem examinadas, "encontrar-se-iam mais de quatro coisas—e talvez em suas próprias vidas—que os fariam calar e ficar vermelhos."

---

[19] "Como foi relatado a Vossa Paternidade, os maiores frutos colhidos na Espanha e e m parte nas Índias foram obtidos não sem o trabalho de tais e não faltam aqueles entre os quais hoje se encontra, sendo maior a doutrina e a virtude do que em muitos outros. E ao se saber ou apenas ao se suspeitar na Espanha que havia tal distinção na Companhia, bastaria para elevar a forma de produzir frutos em mais da metade da Espanha. [. . .] Além disso, Vossa Paternidade deve lembrar-se do que um dos principais procuradores l he disse, ou seja, que na corte do Rei muitos principais oficiais e senhores de maior destaque falam sobre isso, os quais, embora permaneçam em silêncio, poderiam um dia causar alguma ruína ou divisão à Companhia, pois não há dúvida de que se manteriam, mesmo que indiretamente, por muitos ofícios por tal meio de uma companhia, a qual, fazendo tanta profissão de santidade e de conformar-se com Jesus, seu chefe, poderia ao final ver-se com seu dano que seria *societas mundi*, não *Jesus* muito em breve" (*Cong. 20b*, ff. 209^{r-v}). Veja também Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," pp. 553–4.

[20] "Todo esse temor, para quem se dedica seriamente a entender as regras do Padre Ignatio, onde se tratava *de dignoscendis spiritibus*, nasce de um espírito diferente daquele de Deus bendito, pois este é sempre semelhante a si mesmo e está de acordo com aquilo que desde o princípio foi dado à Companhia nascente, da qual se deve ter como exemplo em tão importante negócio que outras sombras ou espíritos cismáticos, vestidos de qualquer pele exterior ou fomentados pelo espírito secular do mundo, busquem obscurecer a luz da verdade, e de Deus" (*Cong. 20b*, ff. 208^{v}–209^{r}).

(2) O segundo grupo é "aqueles homens—na sua maioria portugueses—que mostram sinais de ambição desmedida (porque se sentem privados de ofícios na Sociedade dos quais depende sua honra), ou que rejeitam a ' sabedoria eterna' da Sociedade sobre a unidade de todos os homens." Usando pinceladas ousadas, Possevino declara que aqueles entre seus colegas que rejeitam a afirmação de Paulo de que "não há distinção entre judeu e grego" estão questionando—"talvez inadvertidamente"—a eficácia do batismo, e "estão criando uma nova espécie de Cátaros."[21]

(3) O terceiro grupo consiste em homens que simplesmente carecem de humildade. Cohen observou que "aqui Possevino destaca os portugueses e traz suas preocupações pastorais tanto para os portugueses quanto para os mercurianos. Ele acredita que a cegueira dos portugueses em relação à sua atitude perniciosa em relação aos Novos Cristãos tem causas específicas."[22]

s em

---

[21] Este argumento de Possevino é reminiscentemente do *Defensorium* de Alonso Cartegena, onde—como vimos no Capítulo Um—o Bispo de Burgos acusou os autores da legislação anti-converso em Toledo (1449) de serem hereges porque eles atuaram contra a unidade cristã e minaram o caráter regenerativo do baptism. Possevino repetirá este argumento em outro memorial que analisaremos abaixo.[22] " Faccio quel che a Vostra Paternità è stato dimostrato da procuratori et da alcuno altro venuto ultimamente della corte, cioè che coloro i quali parlano in questa materia, si riducono (parlo di quei della Companhia) a tre sorti di persone, o a villanazzi, per usare della sua voce, i quali, non havendo altro lustro di virtù, vanno mendicando dalla carne quello che se si andasse un poco esaminando e rivedendo loro i conti adesso, usando di quella fallace ombra di pretesto del ben comune di che si servono nell'esaminar gli avoli et bisavoli, si troverebbono più di quatro cose et forse nella loro stessa vita, le quali gli farebbono et tacer, et arrossire. Gli altri sono quei che *ut animalis et nescientes quae sunt spiritus Dei*, ancorché essi tocchino di questo, non- dimeno *ut eluant hanc, qui nati sunt ex sanguinibus, non ex Deo, putant maculam*, si danno a ragionare contro questo, come et di quei di Portugal et d'altri potrebbe dirsi: non avedendosi fra tanto che mentre pensano che in questo consta l'honore loro o danno segno di ambição, dubitando de não havere honra como tanto evidentemente l'hanno dado alcuni di qualche Provincia per vedersi privi dell' amministrazione o finalmente non credono affatto né molto gustano quel che ha detto l' eterna sabedoria della cui compagnia si nominano, cioè che *iam abluti estis, iam sanctifi cati estis*, et che nova creatura è quella che in conspetto di Deus è considerata et che *si vos fi lius liberaverit, vere liberi eritis*, et che appresso Deus non è distintione di Grego, né di Judeu, la quale definição introducendosi, oltre il dannarsi latentemente et forse inavvedutamente l' efficácia del battesimo et farsi una nova espécie di Cátaros, finalmente può generare *radicem amaritudinis quae inquinet multos*, et una reale divisão et per conseguente diminuição, se bene l'opinione pregiudicata d'alcuni fa sentire altrimenti fin tanto che la ruína più evidente non segua. Et all'hora non so quanto *erit bonum dicere non putaram* . . . I terzi son di quei che communemente si sa che sono poco addentro dotati di humildade poiché questa virtù se non è nel core et non nasce da caridade, può essere spesso velame di malitia, et pelle, o cicatrice che copre la nascosta postema. Il che anco Vostra Paternità può havere molte volte considerato et a me più di una volta ha detto di alcuni i quali hanno mosso o trattengono questo veleno disseminato, de quali si sa in che credito sono o per conto di humildade, o per conto dell'osservazione della disciplina et d'altro" (*Cong. 20b*, f. 209^{v}). Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," pp. 554–5.

Esse tipo de homens ofereceu três razões a Possevino contra sua petição para que Mercurian redigisse uma carta sobre unidade: (1) i mpedimento ao bem comum, (2) preocupação de alguns portugueses e (3) o desejo de não estender a prática de admitir pessoas que trazem desonra à Sociedade. Para responder às suas objeções, o secretário de Mercurian reitera corajosamente seu argumento de que os jesuítas de ancestralidade judaica contribuíram muito para o bem comum e que Inácio proibiu quaisquer "libelos difamatórios, que, ao contrário, foram permitidos a circular tanto por escrito quanto em vozes sussurradas ao longo do atual [geralato] de Mercurian," como o do futuro assistente geral, Manuel Rodrigues.[23] Possevino explica que este é o exemplo mais notável da transformação anti-converso—ele foi primeiro um aliado dos Novos Cristãos, mas se tornou um de seus oponentes mais ácidos dentro da Sociedade. Possevino afirma que essa transformação foi resultado da decisão de Rodrigues de se acomodar à disposição que ele havia descoberto existir em N [Palmio], mesmo que todos os "melhores Pais" rejeitem quaisquer distinções baseadas em linagem e entendam que aqueles que fazem tais distinções são movidos por "meras paixões."[24]

Para descontentamento de Possevino, essas paixões desempenharam um papel significativo durante a Terceira Congregação Geral [1573], , durante a qual o lobby português se opôs à eleição de Juan Alfonso de Polanco como o novo superior geral, como vimos no capítulo anterior. Assim como Palmio, Possevino em seu memorial atribui a responsabilidade pela conspiração anti-Polanco ao representante da delegação portuguesa, Leão.

---

[23] Vimos sua campanha anti-converso, que foi apoiada por Hoff aeus e Maggio, no capítulo anterior. [24] "A segunda causa do temor é por alguns de Portugallo, o que Vossa Paternidade já demonstrou algumas vezes, ou quando pregou aqui algum Portughese em Roma, [. . .] penso ser bom pedir desculpas ao Embaixador e escrever até em Portugallo. O que, entre outras coisas, causou que desde então o P. Emmanuele Rodriguez, que até aquele momento havia escrito várias vezes que não temesse nada disso e que se encontrava bem com todos, e do P. Cipriano e de outros que o amavam, começasse então a se adaptar ao humor que havia descoberto existir em N. E assim, seguindo o uso comum, ele também começou a mostrar, como muitos fizeram, aplaudir a N. nisso, embora os melhores Padres da Companhia e *qui sentiunt d*[*e*] *Jesu et eius Societate in bonitate</style}, reconhecessem e reconheceram até o tempo da congregação geral que isso era mera paixão. E sei que ao P. Antonio Wink pareceu nova alguma deliberação de N. e ele me disse que não desejava visitar no presente e talvez Deus Senhor Nosso tenha assim querido que quem ia e m seu coração direito e universal e segundo o espírito do P. Ignatio, não carregasse sobre sua alma nenhuma culpa por ser instrumento de alguma abertura ou, para melhor dizer, exclusão na Alemanha, in qua et multa sunt quae dicantur*, se se quer equilibrar carnalmente o negócio" (*Cong. 20b*, f. 210ᵛ). Veja também Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 556.

Henriques, que levou a Roma algumas cartas do rei da Espanha.[25] Leão utilizou essas cartas na corte papal não apenas para fazer campanha " com muito zelo" contra Polanco, mas também para pressionar por uma legislação que impediria qualquer futura eleição de um superior geral converso. Os portugueses se uniram em seus esforços, continua Possevino, para minar as *Constituições* jesuítas—pelas quais deveriam ser excomungados—com o italiano Palmio, que pressionou o italiano Possevino "a lutar por sua terra natal, Itália [, votando contra um espanhol converso, ou seja, Polanco],". Mas Possevino, "como cristão e fiel à Sociedade", recusou-se a fazer isso e relatou a intriga a Polanco [, que como vigário geral presidia a congregação].[26] Não apenas Possevino, mas toda a congregação ficou em choque ao descobrir sobre a conspiração portuguesa:

> Enquanto toda a congregação estava assombrada e todos fixavam os olhos nos portugueses como os perpetradores deste ato, o mencionado Pai [Leão Henriques], , tocado agora em sua consciência, ajoelhou-se publicamente e pediu perdão, dizendo: “Eu sou a causa disto.” Mas tanto em seu próprio julgamento quanto no da congregação, ele se declarou muito claramente condenado. Que Deus queira que ele seja absolvido, e que não haja consequências tristes decorrentes do ocorrido.[27]

---

[25] Palmio, como vimos, foi mais preciso ao descrever este episódio da Congregação Geral 3: Leão Henriquez trouxe as cartas não apenas do Rei Filipe, mas antes de tudo do Rei Sebastião e do Cardeal Infante de Portugal, que realmente confirmam o argumento de Possevino sobre o sentimento anti-converso dos portugueses: “Mas chegando mais ao particular da coisa de Portugal. Primeiro, este é um veríssimo pressuposto que a antiga inimizade e desunião de ânimos existe entre alguns deles e os castelhanos, e que NNN não podiam tolerar, ou talvez por honra ou por qualquer outro motivo que algum governo estivesse nas mãos dos ditos espanhóis, como por cartas do P. Valignano, do P. Em[manuel] Rodriguez de muitos portugueses, do P. Alessandro Reggio, do P. Bernardino Ferrari que [...] à Índia não pode ser negado que também tiveram os mesmos e foram contra Vossa Paternidade, como as cartas apenas atestam” (*Cong. 20b*, f. 210ᵉ). [26] “Sabe-se que com quanto bom zelo e intenção pudesse haver, como diziam, todavia iam diretamente procurando fazer por meios humanos impedimento que não se elegessem Generais se não tais ou tais, e a mim me disseram da qual coisa o que determinam os cânones ou decretos. Vossa Paternidade sabe. Sabe-se que o P[almio] a mais pessoas e particularmente a mim disse, *ut pugnarem pro patria*, enquanto se tratava das informações [...]. O que eu, como cristão e fiel à Companhia, fui como coisa que nunca ouvi nem imaginei dizer a alguém [que] estava então superior. Agora, de quem veio essa palavra, de quem foi sustentado o dito homem, de quem me foi enviado até outro, sabe a eterna verdade, que não tem medo de falsidades ou calúnias temporais” (*Cong. 20b*, f. 210ᵉ). [27] “S

eu sou c h[e eu] l P. Leone ave dutosi dell[a piaga] d[a si] fata com seus comp l[aqui a] ll

a Companhia, quando foi ordenado pelo Papa que não se elegesse nenhum Espanhol, assim como toda a congregação ficou atônita e voltou os olhos para os Portugueses, como

Contrariamente ao que Palmio argumentou em seu posterior memorial, Possevino, de forma interessante, associa essa tentativa anticonstitucional ao movimento subsequente dentro da Sociedade que visava mudar seu Instituto. Como vimos no Capítulo Três, no entanto, o *memorialistas* era composto principalmente por jesuítas espanhóis, muitos dos quais eram indiscutivelmente conversos — o que Possevino nega — e não portugueses. Thomas Cohen resume esta parte do memorial de Possevino da seguinte forma:

> A intervenção do papa na Congregação representa um ponto chave na análise de Possevino sobre as etapas de desenvolvimento do problema dos Novos Cristãos dentro da Sociedade. Primeiro, existia um movimento anti-Novo Cristão incipiente sob Borja, mas foi censurado pela hierarquia; em seguida, veio a intervenção liderada pelos portugueses na eleição de 1573, que continuará a ter o potencial de criar um cisma dentro da Sociedade se Mercurian não escrever a carta de unidade que Possevino está solicitando ou tomar alguma outra ação decisiva comparável. Central ao argumento de Possevino sobre os Novos Cristãos é que a Sociedade não deve adotar uma política de apaziguamento em relação aos portugueses, seja em relação à nacionalidade ou à linhagem. A Espanha traz o mesmo amor e obediência à Sociedade que qualquer outra província. Quanto aos Novos Cristãos, vimos que Possevino acredita que, em termos de sua virtude e dedicação, eles representam uma elite dentro da Sociedade.[28]

A última parte do memorial de mais de 6.500 palavras de Possevino é uma lista de quatorze recomendações detalhadas que de alguma forma resumem o conteúdo de seu texto para Mercurian. O que parece ser a principal preocupação de Possevino aqui é o risco de que as províncias jesuítas espanholas possam se separar da cúria romana com o apoio do governo leigo espanhol.

Autori di questo, il detto P. Leone all'hora tocco dalla coscienza, inginocchiatosi pubblicamente dimandò perdono et disse, 'Io son causa di questo.' Et così si off erse come fece di andare con alcuni altri al Papa a Frascati a cui gettandosi a piedi et lagrimando, cercò di ottenere che la congregatione fosse libera. Però et per giuditio suo et della congregatione assai evidentemente si dichiarò condannato. Così piaccia a Dio che sia assoluto et che non segua da quello essempio alcuna trista conseguenza" (*Cong. 20b*, f. 210^{v}). Veja também Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 558. Mais tarde, em seu memorial, Possevino também acusa Leão Henriques de oposição ao emprego de jesuítas conversos nas missões na Índia, o que foi contradito pelo superior da missão, Alessandro Valignano, "que, ajudado por nada mais do que o verdadeiro espírito da Sociedade, superou todas aquelas sombras vãs e mostrou [. . .] que a ruína da Sociedade certa mente seguiria se fosse permitido viver com esses medos" (*Cong. 20b*, ff . 210^{v}–211^{r}). Veja também Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 559. [28] Veja Cohen, "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta," p. 558.

Isso poderia resultar na criação de um ramo da Sociedade sob a supervisão de um comissário independente, como já havia acontecido muitas vezes na história de outras ordens religiosas.[29] À medida que nós

[29] "Cioè che não se escreva ou se raciocine sobre particulares em alguma matéria que cause dissensão ou divisão de ânimos, já que vê Vossa Paternidade qual carta e por qual via e escrita a sugestão de mais principais teólogos lhe foi ultimamente enviada da Andaluzia. Que a paciência oferecida não se vá esgotando por tentar outras vias para dividir a Companhia, assim como Vossa Paternidade sabe que aconteceu entre os mínimos em Gênova por algumas cartas procuradas por alguns da Espanha do seu Rei, e aqui em Roma da Religião Premostranense, cujo eleito geral, por ser francês, foi recusado pelo Rei Filipe. Que não se dê ocasião aos Espanhóis de dizer ao Rei e a outros Príncipes que a causa de querer outras nações entre eles é porque foram ou heréticas ou convertidas entre eles, instituídas ou nascidas de parentes heréticos. Que um dia, por via do Rei ou de outros, não proponham em uma Congregação Geral que por tal causa não queiram que se eleja Geral que seja descendente de heréticos ou tenha sido herético ou tenha parentes tais ou outra nota semelhante, das quais bastará aludir a cada mínima para lançar sombra sobre a Inquisição da Espanha. Que não se ofereçam ao Rei diferentes memoriais, de modo que nem Flamengos por vários anos se façam, alegando ou aversão natural dos Espanhóis ou inclinação a rebelar-se, ou verdadeira nota de heresia, ou de amizade e conversa ou parentesco de tais. O que, nestes tempos, não seria difícil que um só que estivesse em Antuérpia ou em outro lugar fizesse crer, assim como por via de outro Rei se operou (ainda que com modos feios) na passada congregação. Que não se comece a fazer abertura para fazer religiões particulares de uma só, a qual agora temos, assim co mo aconteceu com outras Religiões que se encontram, quem observantes, quem conventuais, quem capuchinhos [. . .] sob pretexto e com algum colorido de querer viver segundo o Instituto da Companhia interpretado e usado pelo P. Inácio, de cujas [o] nesta matéria diversas cartas na Espanha e em outros lugares. Que não se vá buscando as raças antigas de portugueses, os processos e outras maldições longe do espírito de Deus, vendo se aqueles que fazem do rigoroso nesta matéria são filhos de escravas, se tiveram outra mancha, ou também pecado carnal. Que o mesmo não se vá vendo de sicilianos, sardos, e outros. Que não se alegue que [es]sendo o público usurário, se não se arrepende em um ano, scomunique[. . .] e seja tido por herético por cânones, não se alegue que genoveses e muitos outros de outras pátrias [es]sendo descendentes de tais não convém que sejam admitidos na Companhia ou a altos graus nela. Que não se vá buscando que foram homicidas, bastará e outras tais coisas, [es]sendo que muitos tais estão na Companhia e muitos dos que se estimam legítimos não talvez [. . .] para calar outra coisa. Que não se vá procurando fazer convocar Congregação Geral, como sabe Vossa Paternidade que poucos dias atrás foi escrito por uma pessoa principal a outra principal. O que era sinal de que tinha em mente outras coisas que talvez não se consideram. Que não se proponha um dia ao Rei da Espanha que em todos os seus estados se coloquem diferentes da Espanha que ao menos em parte administrem, pois os colégios são coisas mais públicas que das outras Religiões. Que finalmente não se demande como têm outras Religiões de haver uma vez um ultramontano, outra um Italiano, ou verdadeiro um comissário perpétuo na Espanha (o que agora não seria difícil talvez de persuadir a Sua Santidade por [. . .] e significado de haver [. . .] Companhia. Que finalmente não se mantenha a comunicação da ajuda de u ma nação à outra, assim como já por obra dos nossos foi fácil de procurar, posto o temor humano que até aqui N. tem mostrado e o não ir ao encontro a tais invenções, as quais l ogo foram avisadas pelo P. Valignano à sua chegada em Portugal e depois na Índia, causou que já os Espanhóis foram revocados do Japão e

viu no capítulo anterior ao tratar do movimento *memorialistas*, os avisos de Possevino estavam totalmente fundamentados, mas ignorados por Mercurian, que logo removeu Possevino de seu cargo de secretário da Sociedade e o enviou para a remota Suécia. Possevino, no entanto, não desistiu de sua luta obstinada contra a discriminação que atingiu seu ápice na legislação de 1593. Cinco anos após a promulgação do decreto *de genere*, ele novamente pegou sua caneta bem usada para escrever outro memorial apaixonado. Desta vez, seu destinatário era o sucessor de Mercurian, o Superior Geral Claudio Acquaviva.[30]

O segundo memorial de Possevino originou-se como uma reação ao ambiente anti-judeu e anti-converso na Sociedade de Jesus, que foi galvanizado pelo decreto de 1593. O texto começa com a lamentação do autor sobre a maneira como alguns jesuítas estavam discutindo, durante seu tempo livre, seja entre si ou com leigos, a conversão de judeus e seus descendentes à fé cristã. Possevino afirma de forma contundente que esse tipo de discussão é contra o espírito de Deus. Mas ainda mais contra esse espírito é o burburinho licencioso sobre aqueles de descendência judaica que foram chamados por Deus para a Sociedade de Jesus.[31]

A estrutura do memorial é construída com base nessas duas acusações: (1) a primeira parte é um *excursus* biblio-histórico tradicional sobre o lugar dos Judeus no desenvolvimento da Igreja Cristã desde o início até os tempos de Pablo de Santa María, e sobre o caráter do batismo que ecoa os escritos pro-converso que vimos no Capítulo Um; (2) a segunda trata do papel dos conversos na Sociedade de Jesus, sobre a qual o decreto de 1593 infligiu muitas feridas. O texto conclui com uma nota surpreendente sobre a contribuição de Mercurian para a unidade.

Dapoi não têm querido algumas nações oltramontanas alegando o dúvida da heresia e pouco há que deram sinal de não querer italianos que governem na Índia, as quais coisas, se já não tivessem ocorrido enquanto se cala, e se condescende aos humores. O que é danoso como verá em uma escritura que vai com esta do P. Mirone e nunca antes aconteceu, poderia talvez pensar-se que as razões acima escritas não tivessem o peso que realmente têm" (*Cong. 20b*, ff. 211^{v}–212^{r}) 30 Para um resumo muito breve deste documento, veja Donnelly, "Antonio Possevino," pp. 10–1. 31 "Não penso ser espírito de Deus o raciocinar da maneira com a qual fazem alguns de nossos nas recreações e também com os seculares acerca da conversão dos Hebreus e acerca daqueles que deles vieram à fé cristã. E muito menos se estima ser espírito de Deus o falar mal daqueles que à Co mpanhia foram chamados por Deus: o qual modo se tornou mais licencioso depois da última congregação geral" (ARSI, *Inst. 184/II*, f. 349).

entre os jesuítas, o que contrasta fortemente com o que Possevino havia escrito a este último em seu primeiro memorial. Essa manobra provavelmente visava fazer Acquaviva se sentir culpado pela maneira diferente com que ele gerenciou o problema dos conversos, em comparação com seus predecessores, Mercurian (injustamente) incluído.

O *excursus* biblio-histórico de Possevino é, sem surpresa, bem desenvolvido, pois seu autor estava ansiosamente envolvido, como vimos nos Capítulos Dois e Três, no apostolado jesuíta com os Judeus em Roma e influenciou a decisão do Papa Gregório XIII de criar um colégio de neófitos para treinar pregadores para converter Judeus na Itália e no Levante.

De acordo com Possevino, ninguém pode negar que Cristo fundou a Igreja unificando dois povos em um só rebanho: Judeus e Gentios, a mbos escolhidos para guiá-la. Assim, nenhuma língua deve ousar chamar aqueles que se tornaram Cristãos pelo nome de "Judeus", ou " Gregos", ou "Citas", ou "Gentios", pois todos são um em Cristo[Colossenses 3:11], apesar de sua responsabilidade compartilhada pela morte de Jesus.[32]

Seguindo as premissas eclesiológicas semelhantes expressas no *Defensorium* de Carta-gena, Possevino traça a soteriologia judaica com grandes pinceladas: Deus não poderia anular sua fé por causa da incredulidade dos Judeus [Romanos 3:3], e em vez disso os escolheu como apóstolos e discípulos para "fertilizar o mundo com a fé cristã" e presidir sobre a Igreja de Jerusalém após a destruição da cidade na pessoa de quinze arcebispos, como Eusébio havia narrado.[33]

---

[32] "Quanto à Igreja cristã, ninguém pode pretender ignorá-la, pois Cristo, ao congregar de toda a nação *quae sub coelo est*, sendo ele a pedra angular, fez *utraque unum*; daí tirou tanto dos Judeus quanto dos Gentios, fazendo deles não só um aprisco, mas *etiam* pastores e doutores, desejando que, uma vez feitos seus membros, *nil iis damnationis esset quoniam erant i n Christo Jesu*, nenhuma língua, seja incrédula ou temerária, ousasse nomear os já feitos cristãos, ou Judeus, ou Gregos, ou Citas, ou Gentios, mas *omnes unum in Cristo.* Porém, a quela infinita caridade de Cristo, apesar de os Judeus e Gentios terem participado, seja por procurá-la, seja por consentir, mancharam de fresco as mãos de seu inocentíssimo sangue" (*Inst. 184/II*, f. 349^{r-v}). [33] "Não quis, porém, que *incredulitas eorum fi dem suam evacuaret*. Antes, porque seus caminhos são muito diferentes dos do mundo, fez com que *superabundaret gr atia, ubi abundasset delictum* e que sua igreja, até a consumação do mundo, recebesse de quatro ventos todo aquele que a ela viesse. Assim, escolhendo entre os próprios Judeus doze apóstolos e, após a traição de Judas, outro apóstolo que também era Judeu e, depois que ascendeu aos céus, S. Paulo, além dos setenta discípulos e, à voz de S. Pedro, convertendo-se muitas milhares de pessoas dentro de Jerusalém e fora, e aumentando grandemente o número por meio dos outros apóstolos e discípulos e destes outros já convertidos, Cristo colheu tanto seme que pôde espalhar-se para fecundar o

Naturalmente, a soteriologia judaica não pode ser interpretada sem exemplificar o pensamento de São Paulo, a que Possevino dedica o próximo parágrafo. Apesar das afirmações de Paulo, como a de que os Judeus ainda tinham um véu sobre seus corações [2 Coríntios 3:15], Paulo, em suas escolhas para construir a Igreja Cristã, não poderia contradizer a voz de Deus que estava chamando outros Judeus, assim como havia chamado o próprio Paulo para se tornar "um vaso de eleição" e apóstolo [*Atos dos Apóstolos* 9:15],

> Pois um é o Deus que justifica a circuncisão pela fé e o prepúcio pela fé [Romanos 3:30]. Portanto, assim como por meio da ofensa de um, todos os homens caíram sob condenação, também por meio da justiça de um, todos os homens caem sob justificação para a vida [Romanos 5:18]. Quem fará uma acusação contra os eleitos de Deus? Deus é quem justifica. Quem é aquele que condena? [Romanos 8:33–4].[34]

Assim como para o Bispo Cartagena em seu *Defensorium*, o exemplo mais evocativo da justificação de Deus dos Gentios para Possevino é o e pisódio dos Atos dos Apóstolos 10 que narra como a visão de Pedro sobre a irrelevância das restrições alimentares judaicas para sua fé em Cristo fez com que ele revelasse a eleição de Deus sobre Cornélio.[35]

---

mundo de fé cristã. Houve então de tais convertidos na Judeia uma particular providência que, embora Jerusalém devesse ser justamente destruída pelos outros que permaneciam impenitentes, não permitiu que *o cabelo de suas cabeças perecesse*; mas avisados *para fugirem da face do arco*, salvaram-se na cidade de Pella. Assim, a lei do monte Sião e a palavra de Deus em todas as partes do mundo (como foi predito) saiu de Jerusalém, a qual, embora fosse destruída, quis que do povo convertido restassem pastores trazidos do judaísmo à fé Cristã, onde Eusébio mostra que continuou com quinze arcebispos de Jerusalém da mesma nação" (*Inst. 184/II*, f. 349^{v}). [34] "Não faltaram também aos apóstolos constituir em vários povos do mundo bispos, que eram tanto judeus quanto gentios. Nem s. Paulo, embora fosse especialmente destinado às gentes, deixou de eleger de ambos, mas com a regra ou arquipastor de Cristo uniu os seus em outro edifício do Cristianismo. Ora, quem lhe teria dito: O que fazes s. Paulo com esses judeus, uma vez que tu mesmo escreveste que *têm um véu sobre os corações* e que as antigas profecias sobre a dureza deles devem se cumprir, e que não [. . .] deve assumir *neófito na fé* para o ofício de tais prelaturas. Certamente o mesmo apóstolo lhe teria respondido: quem pode resistir a Deus que o chama? Também eu quis recalcitrar contra o estímulo e fui obrigado a me tornar cristão. E Cristo mesmo, de mim, perseguidor, fez um vaso de eleição e apóstolo para todo o mundo. *Deus que justifica a circuncisão pela fé e o prepúcio pela fé. E assim como por um único delito todos os homens caíram em condenação, assim também por uma única justiça todos os homens são justificados para a vida. E quem acusará os eleitos de Deus? Deus que justifica. Quem é que condena?* (*Inst. 184/II*, ff. 349^{v}–350^{r}).

[35] "Quem igualmente dissesse a s. Pedro o que queres fazer com esses gentios do mundo, idólatras, cheios de iniqüidade. Teria dele recebido a resposta que ele ouviu de Cristo. *Quod Deus santifi cavit, tu immundum ne dixeris, surge et tu, occide et manduca*" (*Inst. 184/II*, f. 350^{r}).

Apenas passando brevemente pelos exemplos de antigos papas mártires de ancestralidade judaica, como Linus [36] e Evarist [37], Possevino destaca as contribuições dos Cristãos ibéricos de origem judaica "para a penetração do Novo Mundo pela fé cristã e para a reparação do Velho Mundo" no período mais próximo de sua própria vida, como Juliano, Arcebispo de Toledo, e Pablo [de Santa María] de Burgos, Bispo de Cartagena e Burgos, além de chanceler na corte do Rei León. Graças à pregação deste último, muitos judeus converteram-se espontaneamente ao Cristianismo, como testemunhou o Doutor Navarrus [Martín de Azpilcueta, 1491–1586]. É verdade, afirma Possevino, que muitos judeus da Espanha e de Portugal "voltaram ao seu vômito", pois haviam se convertido falsamente para manter sua propriedade e evitar abandonar sua terra natal e seus parentes. No entanto, ele espera que muitos destes ainda possam se tornar santos, "convertendo-se do medo de escravo para o de filho e do medo da morte para a religião", como [João] Cassiano [c. 360–435] havia notado. A recaída deles não pode justificar a proibição de admitir outros conversos à fé cristã. Caso contrário, t ambém deveríamos desistir de todo esforço para converter pagãos, já que muitos daqueles que se converteram na Ásia, América ou Europa posteriormente abandonaram o Cristianismo e mataram aqueles que os converteram. A recaída destes últimos é ainda mais grave, pois receberam graça, sacramentos e presentes maiores do que os judeus receberam.[39]

---

[36] São Linus é tradicionalmente considerado o sucessor de São Pedro como bispo de Roma (r. 64/67–76/79). [37] Evaristo, como exemplo de um cristão judeu, foi mencionado por Cartagena em seu *Defensorium* que vimos no Capítulo Um. [38] "Mas foram então chamados por Deus do judaísmo e ausentes do pontificado e além de outros mártires, ao martírio, Lino, Evaristo e outros tais. Mas deixando de lado o que poderia ser dito sobre aqueles dos séculos seguintes, vejamos se, assim como antigamente Deus quis que se procedesse com aquele espírito tão próximo da presente idade, Ele quis usar, servindo-se então da Espanha e de Portugal para fazer penetrar a fé cristã no mundo novo e para reparar em alguma parte o velho. E a primeira coisa clara é que São Julião, arcebispo de Toledo e muitos doutores rabinos se converteram de tal maneira à fé que depois reduziram muitos à religião cristã. E Paulo Borghese, que de judeu se tornou cristão pela graça de Deus e que foi primeiro o bispo de Cartagena e depois de Burgos e supremo chanceler de Castela e do rei dom Leão, converteu à pregação quase toda a cidade de Burgos do judaísmo de forma que, como escreveu o doutor Navarro no livro 5 de seus conselhos, *sponte omnino sua baptismum susciperunt, quoque discendentium nullum adhuc audivimus deviasse a fi de catholica. Et quales* (soggiunge) *sunt multi qui sola Dei verbi effi catia sine ullo metu illato converti sunt et passim convertuntur*" (*Inst. 184/II*, f. 350[r]). [39] "Que se outros então retornaram ao vômito, ou melhor, secretamente foram pertinazes na sua perfídia, como foram muitos entre aqueles que em Portugal ou na Espanha em alguns lugares foram forçados a receber exteriormente a

A segunda parte do memorial de Possevino desafia outra razão citada por alguns jesuítas para banir os judeus do apostolado e seus descendentes da Sociedade de Jesus: esses homens esqueceram com que tipo de espírito Deus quis fundar os jesuítas, que em seu serviço ao Novo e ao Velho Mundo desempenharam um papel análogo ao da Igreja primitiva. Para fundar a Sociedade, Deus escolheu dez pessoas, a maioria delas espanhóis: alguns eram Cristãos Velhos, outros Novos; [40] alguns nobres, outros ignóbeis, pois Deus não faz acepção de pessoas [Romanos 2: 11]. Assim, o primeiro superior geral era um Cristão Velho, e seu sucessor imediato, um Cristão Novo. De fato, Diego Laínez — como Possevino já havia escrito abundantemente em seu primeiro memorial — foi empregado em muitas missões importantes por seu predecessor, Inácio de Loyola. Loyola, iluminado pela luz de Deus, seguiu a vontade de Deus em vez do respeito humano, pois a Sociedade era um corpo universal para servir a todo o mundo e não tinha interesses particulares de uma ordem religiosa local. O espírito de Inácio foi refletido na escolha da Congregação Geral 1 para eleger Laínez como o novo superior geral, apesar de seu próprio aviso de que ele poderia não se qualificar para a posição devido à sua linhagem judaica.[41]

---

religião Cristã. E isso fizeram para conservar a propriedade ou para não abandonar a pátria e seus parentes; estes não têm lugar entre os verdadeiros convertidos; não mais do que aqueles que fingidamente ou se confessam ou abjuram as heresias ou, por algum falso respeito, entram em famílias religiosas, com os quais a razão exige que se proceda com muita cautela e que haja cânones e leis que prescrevam a maneira de mantê-los longe de nós ou de dispensá-los *ex causa*, principalmente porque também se encontram muitos destes que, pelo temor servil, podem se converter em filial e os convertidos, pelo medo da morte, podem se tornar santos, como mostra Cassiano. Mas se a recaída então os fizesse abster-se de procurar a saúde ou a admissão dos outros, sem dúvida seria necessário, por semelhante razão, abandonar toda a preocupação pela conversão dos gentios, pois tantos povos e reinos já convertidos pelos próprios apóstolos da Ásia e, consequentemente, por outros na África e na Europa, retornando, mataram aqueles que haviam convertido. Eu diria que seria necessário abandonar toda empreitada de reduzir os hereges, cujo pecado e ofensa é mais grave (como disse s. Tomás) do que a dos judeus, na medida em que receberam a graça, os sacramentos e maiores dons deles" (*Inst. 184/II*, f. 350^{r-v}). Sobre a relação de Azpilcueta com os jesuítas, veja Maryks, *São Cícero e os Jesuítas*, pp. 51–2, 58, 59, 66, 70, 82, 111–2, 145. [40] Como vimos no Capítulo Dois, Laínez e Bobadilla eram conversos, mas talvez Rodrigues também o fosse. Infelizmente, Possevino é aqui bastante oblíquo, exceto em relação a Laínez. [41] "Della Compagnia, então, convém dizer que ela foi de Deus segundo o exemplo da igreja primitiva, devendo servir para auxílio do velho e novo mundo. Portanto, a divina sabedoria, ao escolher alguns Espanhóis que foram depois principais instrumentos dela, quis que estes fossem parte dos velhos, parte dos novos cristãos, assim como também parte nobres, parte ignóbeis, não sendo Deus aceitando a pessoa. E feito o primeiro geral dos velhos cristãos, logo quis que se fizesse o

Deus não estava indignado, continua Possevino, ao ver o trabalho de outros Novos Cristãos na Sociedade, como o de Alfonso de Polanco de Burgos (que é uma cidade que Loyola deve ter conhecido bem, sendo próxima à sua Guipúzcoa natal). [42] Ele foi secretário de toda a Sociedade durante os mandatos dos três primeiros superiors gerais [e do predecessor direto de Possevino] e foi a segunda pessoa mais i mportante da Ordem. Possevino já havia dedicado muito espaço no memorial de 1576 a Polanco, ao tratar da conspiração contra ele durante a Congregação Geral 3. Na visão de Possevino, a abertura da Sociedade para admitir e ajudar toda pessoa a quem Deus chamasse foi a razão pela qual a Ordem Jesuíta era tão popular e requisitada por tantos governantes leigos. Possevino repete novamente que os Jesuítas ibéricos de ancestralidade judaica se destacaram em seu aprendizado como grandes professores na Itália, França, Alemanha e em outros lugares. Seus livros foram e serão de grande ajuda, especialmente contra os hereges. Deus chamou outros para o martírio, como o português Pedro Ramón,[43] que se juntou no céu a outros.

---

seguinte dos novos, de quem o P[adre] N[ostro] Inácio sempre se serviu, como aquele que antes e melhor de todos havia recebido luz do céu para conhecer que a vontade de Deus deveria ser priorizada a qualquer respeito humano, não caminhando em uma religião que deveria ser universal para ajuda de todos, da maneira que por honra particular ou interesse do mundo caminham outras, ou catedrais ou religiões privadas. Assim costumava ele dizer que a Companhia estava muito obrigada ao P. Giacopo Laínez, que nasceu, porém, em Almanzano, de pai como se sabe. O qual P. Laínez, eleito depois em geral, e ele recusando-o, com ares até ingênuos de seu nascimento, a congregação unida daqueles primeiros padres que haviam trazido o sincero espírito da Companhia, julgou diante de Deus frivola toda objeção que surgisse da consideração de semelhantes respeitos do mundo. Assim, tendo o dito padre servido antes na Itália, onde também na república de Veneza fundou o colégio e a primeira casa professa que lá existem, e tendo estado na guerra da África incansável, e na tempestade do mar intrépido, e de suma edificação, e tendo depois fundado vários colégios na Sicília, onde conquistou a alma daquele vice-rei Giovanni di Vega, serviu então como segundo geral ao nosso ordenamento e como defensor da fé na França contra os hereges, e como pilar no concílio de Trento e como pregador perpétuo até à morte. Nos quais tempos não faltou de ser desejado por Marcello Cervino, o pontefície, para consultar as coisas de todo o papado e de ser desejado para ser cardeal por Paulo IV, e de ser convocado por cardeais no conclave para compor as disputas que demoravam demasiado a criação do papa, que depois foi Pio IV, e de ser também proposto por alguns cardeais antes da referida criação para ser papa.

[42] Com esta afirmação, Possevino parece sugerir que Loyola deve ter conhecido a origem converso de Polanco. Uma pista de que isso é verdade pode vir de nossa investigação no capítulo dois, onde notamos que um discípulo de Vives, Álvaro de Maluenda, do clã converso em Burgos, ao qual pertencia a avó de Polanco, também era conhecido de Loyola em Paris.

[43] Pedro Ramón era na verdade de Saragossa, onde nasceu em 1549. Ele ingressou na Sociedade em Alcalá de Henares em 1570 e foi ordenado sacerdote três anos depois em Coímbra. Ele foi mestre de noviços em Goa desde 1576 e no Japão de 1578 a 1588.

mártires, entre eles Rodolfo Acquaviva, um sobrinho do destinatário do presente memorial.

Possevino conclui esta parte de seu memorial afirmando que, se um homem conhece o espírito [indiscriminatório] com o qual Deus fundou a Igreja e instituiu a Sociedade de Jesus — que ele descreveu até agora — é fácil concluir que o raciocínio daqueles jesuítas que Possevino criticou por comprometer sua unidade no início de seu texto nunca teria sido aceito pelo Pai Inácio devido à sua nocividade para o corpo da Sociedade e para a salvação do próximo.[44]

A incapacidade de prever quão grave e incurável esse raciocínio discriminatório prejudicial é para o corpo da Sociedade, escreve Possevino, explica finalmente por que alguns jesuítas estão envolvidos em conversas preconceituosas e zombeteiras anti-converso. Existem quatro aspectos mais precisos do dano mencionado resultante de tal comportamento: (1) sedição e argumentos entre confrades causados pelo desprezo de alguns jesuítas respeitados e amados como judeus, o que vai contra as Constituições Jesuítas que punem como praga aqueles que se envolvem em tal mordida recíproca ácida na Sociedade;[45] (2) a profunda raiva inflamada pela caça à linhagem caracterizada por escavações genealógicas sem fim em busca de hereges, que faz "a Sociedade dividida em Jerusalém e Samaria" e à qual os Espanhóis se opõem, dizendo, por exemplo, que a heresia albigense francesa tem 300 anos e não foi

---

Ele traduziu para o japonês o converso Luis de Granada's *El Compendio de la Guía de la Fe* (Amakusa, 1592) e *Introducción al Símbolo de la Fe* (Nagasaki, 1611). Ele morreu em Nagasaki (não como mártir, embora) em 1611 (veja Fejér, *Defuncti*, 2:190; *DHCJ* 4:3289; e Donnelly, " Antonio Possevino," pp. 10–1). 44 "Dalle quali cose tutte conoscendosi con quale spirito habbia Dio proceduto nel fondare la sua chiesa et nell'instituire la nostra Compagnia, sarà facile il giudicare se alcuni procedendo com contrari concetti et ragionando in modo che giammai não sarebbe stato permesso da N[ostro] P[adre] Ignatio, giovino o nocciano all' edificio nostro et alla salute dei prossimi. Che le tante lacrime et penitenze contro ogni minima regola al P. nostro Ignatio, quante pensiam que costasse quella in que consiste l' unione e il nervo principale della Compagnia" (*Inst. 184/II*, f. 351^{v}). 45 "La prima ferita è quella che nasce da chi semina seditione et risse *inter fratres*, la quale è tanto mais grande quanto s'infamano le centinares per não dire le migliares de homens chamados da Deus a esta vocação, computandosi aqueles que são ido ao céu. Que se ingiuria e o porre suspeita que um não seja Cristo, quanta será em uma religião tais o nominar os cristãos religiosos com desprezo et acerbità judeus. Et qual respeito ou paz interna poderá ser giamai enquanto se mostram a dedo aqueles que do espírito verdadeiro da Compagnia eram respeitados, amados et empregados debitamente. Le *Constitutioni* então castigando justamente et devendo *tanquam pestos arcere talos a societate*. Chi di questa maneira ragiona o chi dia occasione porque se ragioni em tanto pregiuditio altrui, como si esseguiranno [. . .] mas sem dúvida *si ivicem mordimus, ab invicem consumemur et omne regnum in se divisum disolabitur*" (*Inst. 184/II*, f. 351^{v}).

erradicada ainda;[46] (3) a ofensa aos muitos Novos Cristãos fundadores e apoiadores financeiros dos colégios jesuítas na Espanha e em Portugal, que testemunham sua infâmia;[47] e (4) a depreciação da Sociedade por governantes leigos e eclesiásticos devido a essa amargura que reina entre os jesuítas, que resulta da consideração dos Novos Cristãos como profanos.[48]

Antonio Possevino conclui seu memorial a Acquaviva repetindo sua tese do memorial anterior, de que as feridas que ele acabou de mencionar já poderiam ser previstas durante a Congregação Geral 3, que elegeu Mercurian como o novo superior geral. Esperava-se que Mercurian afirmasse que a variedade entre os jesuítas era a base não apenas da conservação e vigor da Sociedade, mas também de sua promoção. De fato, após sua eleição, Mercurian implorou aos jesuítas que se abraçassem, dizendo: "Todos vocês são irmãos e filhos da mesma vocação. Assim, não há Polônia, não há Espanha, não há Alemanha, não há França, mas uma Sociedade, um Deus em todos, todos em um Senhor Jesus Cristo, cujos membros vocês são."[49] Possevino provou, no entanto, em seu primeiro memorial,

---

[46] "A segunda ferida é que se abriu a porta e acendeu uma chama interior nos ânimos de muitos para examiná-los sobre as progenies alheias, se nasceram de hereges, se eles próprios o foram, se seus pais ou avós foram inquiridos, se por isso fugiram de seus estados, se favoreceram os hereges, se seus pais e avós foram ou são antigos usurários, se nasceram de escravos ou turcos ou relacionados com quem nasceu, se descendentes de cismáticos ou se alimentados no cisma, se bastardos ou descendentes de tais e assim de outra maneira notados, com as quais coisas se alguma vez serão ou propostas a novas congregações sob os títulos de ofendículos ou longamente serão fomentadas por outros com a criação da Companhia em Jerusalém e Samaria, *quomodo Societas poterit* consistir alé m de que enquanto vive a causa de tais conceitos que maravilha é se se toma ocasião com príncipes de fazer com que não se tomem agora outros dos nossos que dos próprios súditos. Sei que [es]sendo reprovado a espanhóis por alguns franceses esta nota de novos cristãos, eles responderam que já há mais de 300 anos que a heresia dos Albigenses nasceu na França, a qual nunca se pôde erradicar" (*Inst. 184/II*, ff. 351^{v}–352^{r}). [47] "A terceira ferida é que muitos na Espanha, em Portugal e em outros lugares, que eram de novos cristãos tendo ou fundado ou ajudado a fundar a Companhia e nossos colégios, podem considerar como afronta não apenas que os seus sejam excluídos de serem admitidos nela, mas também tenham diante dos olhos as casas, as igrejas como sinal ou nota de infâmia, que ajudaram a construir" (*Inst. 184/II*, f. 352^{r}). [48] "A quarta ferida é que nem todos estarão a ponto de silenciar com os príncipes e com os bispos e com os povos, se aqueles que consideram profanos os que de alguma forma foram na Companhia descendentes de cristãos novos, sejam eles manifestados ou por nascer de hereges ou de outra maneira como acima foi dito, e deixando essa amargura espalhada entre os príncipes dessa Companhia, *et quis erit fi nis*?" (*Inst. 184/II*, f. 352^{r}). [49] "Porém, sabiamente N.P. Everardo, após ter sido eleito geral e longamente naquela congregação, previu os danos incuráveis que surgiriam disso

modo di procedere, ela raciocinou com palavras muito eficazes sobre a união dos ânimos, na qual, tendo dito que mais do que na multidão ou na doutrina consistia

como a política real de Mercurian contradizia seu desejo, expresso no discurso citado, pela união dos corações na Sociedade de Jesus.

Durante o período de vinte anos que separa os dois memoriais de Possevino, duas outras condenações do decreto de 1593 foram compostas: uma por Diego de Guzmán, outra por Pedro de Ribadeneyra.

Diego de Guzmán

Já contamos a história da vocação de Guzmán no Capítulo Dois, ao discutir sua relação com o converso Gaspar de Loarte. Lá também mencionamos seus testemunhos sobre a política inflexível de não discriminação de Inácio de Loyola e seu enviado Jerônimo Nadal na admissão de candidatos de origem judaica, cujo exemplo mais ilustre foi Giovanni Battista Eliano.

A carta de 2.300 palavras de Guzmán foi aparentemente enviada a Pedro de Ribadeneyra,[50] mas seu estilo sugere que se tratava de uma proposta de um memorial a ser encaminhado ao Superior Geral Acquaviva: solicitava a abrogação do decreto de *de genere*. O texto tem a mesma estrutura que o de Alarcón: está dividido em duas partes, sendo que a primeira lista seis maneiras pelas quais o espírito do decreto de 1593 difere da prática jesuíta inicial e das *Constituições*. Além da primeira razão que já vimos no capítulo dois, o amigo mais próximo de Loarte cita a óbvia impopularidade do decreto entre os jesuítas,[51] muitos dos quais são muito importantes e conhecidos por suas virtudes, aprendizado e sabedoria. A experiência diária mostra como a implementação deste decreto cria na Sociedade uma ocasião para muitos males, como ciúmes e discórdias, contendas e alterações, que acabam levando à perda da paz, unidade e verdadeiro amor que Jesus Cristo deixou como preceito a seus Apóstolos durante a Última Ceia.[52]

---

não só a conservação e vigor, mas também a promoção da Companhia. Al[la] fi ne implorou a todos pela misericórdia de Cristo que a reabraçassem estritamente, acrescentando por fim estas mesmas palavras, *Omnes enim eiusdem vocationis, et fratres et fi lii estis. Itaque nulla sit Sarmatia, nulla Hispania, Germania nulla, nulla Gallia, sed una Societas, unus in omnibus Deus, omnes in uno Domino Jesu Christo, cuius membra estis*" (*Inst. 184/II*, f. 352ᵛ). Veja também Livros do Arquivo do Colégio Dillingani, em Arq. Prov. Germ. Sup., Mscr. C1, ff. 9–10. 50 Veja ARSI, *Instit. 186e*, ff. 353–8. 51 Acquaviva estava fortemente convencido do oposto, como vimos no Capítulo Três. 52 "E vê-se a cada dia que todos comumente bem deste decreto, dizendo que se tem experiência certa que onde quer que há este tal decreto, se tem visto e se vê

As terceira e quarta razões ecoam novamente o memorial de Alarcón: após a promulgação do decreto, muitos jesuítas influentes e valorizados, cujo trabalho trouxe muitos frutos à Sociedade, deixaram a Ordem. Alguns deles partiram mesmo sem serem obrigados a fazê-lo pelo decreto; mas temiam que a coleta de informações sobre seu passado comprometesse sua honra. Outros, que foram forçados a sair por causa de sua linhagem, que nunca havia incomodado ninguém antes, o fizera m apesar de sua notoriedade como pessoas muito dotadas tanto em virtudes quanto em aprendizado, através das quais o Senhor trouxe muitos frutos tanto entre os fiéis quanto entre os hereges.[53]

A quinta razão de Guzmán é um aviso sobre inimizades e outras inconveniências que resultarão de investigações de linhagem que poderiam produzir falsos testemunhos. Já havia acontecido em algumas ordens militares e faculdades universitárias e certamente acontecerá na Sociedade, que foi fundada para remediar todos os pecados e cada ocasião que os levaria a eles. Como podem os jesuítas ajudar e consolar muitas pessoas que são afetadas por essa situação, se as pessoas sabem que a própria Sociedade produziu tal decreto?—pergunta retoricamente Diego de Guzmán.[54]

A última razão articulada na primeira parte aponta que, para cumprir sua missão de ajudar pessoas em muitas partes do mundo, a Sociedade precisa de muitos bons sujeitos. Assim, o Pai Inácio anotou

---

uma grande ocasião de muitos males como são discórdias e invejas, contendas e mutações, e finalmente perder-se a paz e a unidade verdadeira e a caridade que Jesus Cristo nosso Senhor nos deixou como único preceito seu, assim como deixou aos seus santos apóstolos na noite da quinta-feira santa, quando se despediu deles" (*Instit. 186e*, f. 355^{v}).

[53] "A terceira razão é ver que depois que há este decreto, muitos sujeitos que têm partes muito destacadas e de grande estima se retiraram, e que seriam muito estimados e de grande fruto na Companhia; e embora a alguns deles não lhes tocasse ser excluídos por este decreto, mas por não colocar sua honra em perigo, que com as informações costuma acontecer a muitas pessoas, por isso se retiram para fora. A quarta saber que tivemos na Companhia algumas pessoas muito destacadas em muitos dons de nosso Senhor, tanto de virtudes como de letras e dignidade na mesma Companhia; e que foram muito estimados, onde quer que estivessem, pelo grande fruto que por meio delas fez nosso Senhor entre fiéis e hereges; e se sabe que lhes tocava ter parte deste linaje, o que nunca deu a ningué m ocasião de nenhum escândalo" (*Instit. 186e*, ff. 355^{v}–356^{r}).

[54] "A quinta é saber que nas informações que são feitas para os que pretendem as encomendas de religiões militares e também para os colégios que há nas universidades, costumam ocorrer delas escândalos muito graves e falsos testemunhos e inimizades e muitas outras inconveniências que abrangem uma grande multidão de gente; quanto mais podemos ter por certo que isso acontecerá na Companhia e com mais razão, pois a fundou nosso Senhor para tirar e remediar todos os pecados e ocasiões de onde eles procedem; e como poderão os nossos ajudar e consolar a muitas pessoas a quem ocorre algum escândalo acerca desta matéria, se se sabe que temos na Companhia este mesmo decreto" (*Instit. 186e*, f. 356^{r}).

quais boas características os candidatos deveriam ter. Agora, muitas pessoas atendem a esses requisitos, mas falham na verificação de antecedentes de linagem. Consequentemente, a Sociedade perde muitos sujeitos desse tipo, enquanto apenas um deles poderia ganhar muitos outros. Assim, "ao perder um grão, perdemos uma grande colheita", observa Guzmán.[55] Para ilustrar seu ponto, Guzmán traz aqui um exemplo de um jesuíta que não é de linhagem judaica, mas morisca, por quem "ninguém se ofendeu." Seu nome é [Juan de] Albotodo,[56] e ele é apresentado como um trabalhador incansável para o povo de Granada, que foi "edificado ao ver que nosso Senhor havia escolhido uma rosa entre os espinhos" e que o apoiou com milhares de ducados que ele distribuiu entre os pobres da cidade. Assim, quando ele morreu, todos sentiram como se seu próprio pai tivesse morrido.[57] Diego de Guzmán conclui esta parte orando para que essas e muitas outras razões convençam o superior geral a abrogar, ou pelo menos mitigar, o decreto, o que poderia ser feito, sugere ele, pelo papa, sem o fardo de convocar uma congregação geral.[58]

---

[55] "Na sexta, há necessidade na Companhia de bons e muitos sujeitos para prover tantos e diversos assuntos que abraça para ajudar as almas em tantas partes do mundo e para isso nosso Senhor ordena por meio do nosso bendito pai Ignácio as partes que deve m ter aqueles que serão admitidos na Companhia. Agora se vê claramente que há muitos que possuem todas as partes necessárias, mas lhes faltará apenas aquela; e assim se priva de tais sujeitos que um só deles poderia ganhar a muitos, e perdendo um grão, perde-se uma grande colheita" (*Instit. 186e*, f. 356[r]). [56] Juan de Albotodo (1527–78) nasceu em uma família morisca de Granada. Ele trabalhou entre os Moriscos de sua cidade natal, utilizando o árabe. Seu sucesso convenceu seus superiores a estabelecer uma casa e escola jesuíta no bairro morisco de Albaicín, onde atuou com outros jesuítas por uma década até a rebelião morisca em 1568–70. Subsequentemente, trabalhou em Sevilha, onde morreu. Seu funeral testemunhou a grande estima que os cidadãos tinham por seu trabalho (veja *DHCJ* 1:38–9). Guzmán, ele mesmo, era de Sevilha e voltou para lá nove anos após a morte de Albotodo (1587), o que explica por que ele escolheria este último como exemplo aqui. Sobre o trabalho de Albotodo em Granada, veja Coleman, *Criando Granada Cristã*, pp. 156–7. [57] "Tenhamos em mente o grande fruto que o Pai Albotodo, que era do linhagem dos moriscos de Granada, produziu, onde quer que esteve, em ajudar as almas e socorrer infinitas necessidades espirituais e corporais, especialmente em [. . .] e ele tinha tudo em suas mãos. E embora todos soubessem que ele era daquela linhagem, ninguém se ofendia por isso, antes se edificavam vendo que nosso Senhor havia tirado uma tal rosa do meio das espinhas e lhe davam muitos milhares de ducados para que distribuísse entre muitos pobres e obras pias da cidade. E assim, quando nosso Senhor o levou, foi tanto o sentimento de todos, como se cada um tivesse perdido seu próprio pai" (*Instit. 186e*, ff. 356[r–v]).

[58] "E se por essas razões e por muitas outras que são muito eficazes, nosso Pai General fosse persuadido a abrogar este decreto, ou ao menos a moderá-lo, não excluindo outros além daqueles que o decreto comum exclui para serem sacerdotes, mas que para coadjutores possam ser recebidos, isso poderia Sua Paternidade concluir tratando com Sua

A segunda parte da carta-memorial de Guzmán assume a forma de um apêndice que contém uma lista de dez pontos breves. Eles apresentam inconvenientes que o decreto *de genere* cria na Sociedade. O primeiro, que também seria abordado por Alarcón, aponta um grande risco de usar a linhagem como uma desculpa oculta para demitir algué m da Ordem. [59] Guzmán parece surpreso pelo fato de que o decreto deve ser observado fora da Espanha, mesmo que em outros lugares a questão da linhagem não exista—por exemplo, em Roma, onde um famoso pregador dominicano, conhecido como "o judeu", é muito estimado por sua doutrina e graça de pregação. (Esse pregador foi batizado junto com seu pai após ter sido catequizado em uma casa jesuíta na época de Inácio.) Além disso, mesmo na Espanha, outras ordens religiosas não tê m tal decreto, e os dominicanos o observam apenas em alguns conventos e com limitações. [60]

Repetindo o que já havia escrito na primeira parte, Guzmán chama a testemunha de muitas pessoas graves "de linagem" que estão escandalizadas pela promulgação de tal decreto na Sociedade, culpando sua [geral] congregação por ter sido presidida pelo demônio.[61] Outro escândalo e inconveniente divisivo pode ser criado durante o exame para admissão, se um superior é "de linagem" e tem que barrar um candidato

---

Santidad do papa. E assim não seria necessário que houvesse congregação geral pelos muitos inconvenientes que existem em vir a Roma de tantas províncias, principalmente nestes tempos todos envolvidos em tantas guerras e temores de haver as maiores em to das partes. Ordene nosso Senhor o que sabe que mais convém para a maior glória sua e o bem desta mínima Companhia. Amém" (*Instit. 186e*, f. 356^{v}). [59] "Sucede muitas vezes ser necessário despedir alguns da Companhia conforme o mandam as Constituições por diversos casos e defeitos que têm ou tiveram. E havendo agora este decreto, há grande perigo de escândalo que se diga que por causa do linaje se despedem; e assim se impeça o [. . .] por muito que convém para o bem da Companhia que se vá" (*Instit. 186e*, ff . 356^{v}–357^{r}). [60] "Porque este decreto não só toca a Espanha, mas às outras nações onde não se costuma fazer caso do linaje, senão que os recebem muito facilmente, se têm as outras boas qualidades, como por exemplo em Roma há um pregador de Santo Domingo que chamam o hebreu e que se batizou junto com seu pai e se catequizou em nossa casa professa no tempo de nosso Pai Ignácio, o qual é muito estimado em todas as cidades da Itália por sua doutrina e graça de pregar. Pois se por lá e em outras partes deve ser guardado este decreto, necessariamente há de ocorrer um escândalo notável pois as outras religiões não o têm na Espanha. Os pais de s. Domingo têm em alguns conventos, mas com muita limitação, como é que se um é cavaleiro, embora lhe toque por outra parte ser de outro linaje, não lhe impede nada" (*Instit. 186e*, f. 357^{r}).

[61] "Sabe-se que pessoas muito graves em dignidade, letras e linhagem se escandalizaram por este decreto e disseram abominações da Companhia, como se o demônio presidisse naquela Congregação e coisas semelhantes" (*Instit. 186e*, f. 357^{r}).

por causa de sua linhagem.[62] É por isso que famílias espanholas não querem enviar seus filhos para colégios jesuítas, temendo que, caso descubram a vocação e queiram entrar na Ordem, se exponham a constrangimentos, como já está acontecendo.[63] Às vezes, no entanto, essas famílias insistem para que a Sociedade admita seus filhos, como no grotesco caso que Guzmán cita: "Ouvimos que em algum lugar, porque os jesuítas não receberam alguém dessa linhagem, os parentes chegara m mascarados à noite e ameaçaram matar os jesuítas se não admitissem seu filho, e os jesuítas foram forçados a fazê-lo por medo da morte."[64]

Por outro lado, haverá pessoas sem vocação para a Sociedade que desejarão entrar apenas porque querem ser consideradas de linhagem pura.[65] Assim, a Sociedade se torna inevitavelmente abominada não apenas pelo "povo de linhagem", mas também por muitos que não são, mas que muitas vezes estão ligados a eles por laços de amizade ou sangue. Consequentemente, a Sociedade é vista como adversa, pois foi fundada para abraçar e consolar todos os tipos de pessoas.[66] Guzmán lamenta novamente, então, que a Sociedade feche suas portas para as pessoas que são mais excelentes em virtudes e letras, mas que não podem ser admitidas na Ordem apenas por causa de sua linhagem, mesmo que tenham vocação. Inversamente, a Sociedade abre a porta para pessoas menos capazes apenas porque possuem uma coisa que os outros não têm.[67]

---

62 "Há uma grande ocasião dentro da Companhia para haver escândalos e cizaña. Como será, se houver superiores que tenham algo daquele linaje e for necessário fazer exame de alguns que pretendem entrar, pode-se dizer, 'Você é seu superior e tem parte deste linaje e busca-me a mim se tenho algo'" (*Instit. 186e*, f. 357[r]). 63 "Nossos não queriam enviar seus filhos para nossos colégios por medo de que, se tivessem vocação e quisessem entrar, não os recebessem e ficassem envergonhados, como já se sabe que isso acontece" (*Instit. 186e*, f. 357[v]). 64 "Já se sabe que em algumas partes, por não ter recebido alguém que lhe tocava algo deste linaje, seus parentes vieram à noite mascarados e ameaçaram matar os nossos, se não o recebessem, e foi necessário recebê-lo por medo da morte" (*Instit. 186e*, f. 357[v]). 65 "Acontecerá que alguns que, embora não tenham vocação para a Companhia, qual seja verdadeira, apenas por serem considerados limpos de linaje queiram entrar" (*Instit. 186e*, f. 357[v]). 66 "Necessariamente, a Companhia se torna odiosa a uma grande multidão de pessoas, não só àqueles a quem toca aquele linaje, mas também a muitos outros, embora não lhes toque nada, porque sempre há aqueles que têm amigos muito íntimos que lhes tocam e também outros que têm parentes muito próximos que lhes tocam, de modo que esta ocasião de ódio e aversão abrange uma grande multidão de universidades e qualidades de pessoas, o que é um escândalo que todos podemos ver, tendo nosso Senhor fundado a Companhia para abraçar e consolar toda sorte e qualidade de pessoas" (*Instit. 186e*, f. 357[v]). 67 "Fecha-se a porta para pessoas muito notáveis em muita virtude e letras e auto-

ridad y di gni dad que, embora tenham vocação de entrar em la Companhia, se [. . .] 1 es

Guzmán conclui seu rascunho do memorial dizendo que até o Cardeal Arcebispo de Toledo e Inquisidor Geral Gaspar de Quiroga considerou a Sociedade desonrada por promulgar uma lei que exclui da Sociedade não apenas sacerdotes de linhagem, mas também irmãos leigos do tipo.[68]

Diego de Guzmán deve ter escrito seu memorial em Sevilha em algum momento entre a promulgação do decreto de 1593 e sua morte e m 1606, apenas dois anos antes da limitação do decreto pela qual lutou. Ele o escreveu para Pedro de Ribadeneyra não apenas por causa do vínculo de amizade que os unia, mas também porque este último era conhecido por ter boas conexões na corte em Madri, através das quais poderia ter pressionado Acquaviva. De qualquer forma, Ribadeneyra se envolveu em uma campanha que visava o decreto de 1593, empregando alguns dos argumentos oferecidos por Guzmán.

Pedro de Ribadeneyra

A reação mais coesa de Pedro de Ribadeneyra à discriminação de pureza de sangue na Sociedade de Jesus está contida em seu memorial sob o título, *As razões que me são oferecidas para não fazer novidade na admissão de pessoas na Companhia*[As razões que eu penso para não fazer nenhuma mudança em relação à admissão na Sociedade],que é o único texto desse tipo que foi publicado na íntegra.[69]Já vimos partes deste texto no capítulo dois, ao citar os casos do desejo de Loyola de ser judeu por sangue e os casos da condenação firme pelos primeiros jesuítas (Laínez e Nadal) de uma política discriminatória como "oposta ao es pírito de Deus."

---

toca alguma coisa de tal linhagem e se lhe abre esta porta a outros que sejam muito menos que os outros em todas estas partes por não ter algo do que têm os outros" (*Instit. 186e*, f. 358^{r}). 68 "Sabe-se muito certo o que sentiu nisso o Cardeal Arcebispo de Toledo, Inquisidor Geral don Gaspar de Quiroga, que foi que em lugar de ganhar honra a Companhia se desonrou com este tal decreto, fechando a porta não só aos sacerdotes, mas também aos coadjutores, o que mal se pode guardar nos colégios das universidades, quanto menos em uma religião como esta. E o mesmo sentiu o santo bispo desejável, don Francisco Sarmiento de boa memória" (*Instit. 186e*, f. 358^{r}). 69 ARSI, *Instit. 184 I*, ff. 292^{r}–295^{v}; e *Mon Rib.* 2:374–84. A particularidade deste texto não vem da idade avançada do autor, como sugeriu Anna Foa em seu "*Limpieza* and Mission" (p. 306), mas da origem converso do autor e da autoridade dentro da Sociedade.

Ribadeneyra começa seu memorial afirmando de forma contundente que a discriminação de linhagem constitui uma mudança substancial nas *Constituições* jesuítas, que não excluem aqueles de origem judaica; até mesmo o parente anti-converso de Loyola, Antonio de Araoz, teve que sucumbir, queira ou não, à sua autoridade. No entanto, Araoz deve ter sido bastante teimoso em seu preconceito, pois Ribadeneyra cita duas cartas que o sucessor de Loyola, Diego Laínez, lhe escreveu a esse respeito. A primeira foi composta em novembro de 1560 e a segunda em novembro de 1564. Ambas as cartas se opuseram fortemente ao "humor nacional" na Espanha contra os conversos—"c omo se fossem feitos de outro metal"—como destrutivas para a unidade da Sociedade. Ribadeneyra empregou a argumentação tradicional para a unidade cristã usada na epistolografia paulina e nos Atos dos Apóstolos que já vimos abundantemente em outros escritos pro-converso.

Assim como Possevino, Ribadeneyra destaca o contraste marcante entre a atitude pro-converso durante os governos dos três primeiros superiores gerais—especialmente durante o geralato de Francisco de Borja, que "era ainda mais flexível em aceitar esse tipo de pessoas do que os Pais Mestre Inácio e Mestre Laínez"[70]—e a novidade introduzida pelo decreto de 1593. A um jesuíta que se opusesse a essa abertura, Borja responderia que estava seguindo o mesmo tipo de política que o monarca espanhol, a serviço de quem muitos conversos eram empregados. Além disso, Borja apontaria que não poderia restringir a admissão ao serviço na casa daquele Senhor, que "não faz acepção de pessoas [*acceptatio personarum*: Romanos 2:11] nem entre judeu e grego [Romanos 10:12], nem entre bárbaro e citas [Colossenses 3:11]." Curiosamente, Ribadeneyra também acrescenta que a prática discriminatória era estranha ao atual Superior Geral Acquaviva, mas essa afirmação provavelmente era uma espécie de truque de *captatio benevolentiae* , visando—como já vimos no primeiro memorial de Possevino em relação a Mercurian—persuadir o destinatário a mudar a política, para que sua autoridade não fosse comprometida.[71]

Ribadeneyra também refuta a acusação de que o movimento *memorialistas* era composto por jesuítas de origem judaica, pelos quais teriam sido punidos pelo decreto de 1593. Ao contrário, ele

---

[70] Veja *Mon Rib.* 2:377. [71] Veja *Mon Rib.* 2:377–8.

enfatiza que o líder deste grupo de *perturbatores*, [Francisco] Abreo, era considerado puro,[72] e muitos jesuítas conversos, de qualquer forma, mostraram que "eram muito fiéis e verdadeiros filhos de nosso Pai [Inácio] e da Sociedade." As pessoas que iniciaram grandes tumultos na Sociedade—continua Ribadeneyra—não eram de origem judaica; e mesmo que fossem, não seria suficiente puni-las com esse tipo de decreto, pois devemos lembrar que entre essas pessoas na Sociedade encontramos os homens mais excelentes em santidade, letras, prudência e dons raros, como Giovanni Battista Romano. Assim como Guzmán, Ribadeneyra se surpreende com a obsessão pela linhagem na Espanha, enquanto em outros lugares essa questão não existe—por exemplo, em Roma, onde um grande pregador dominicano, Pai Alexandre, que se converteu do Judaísmo, atua sem obstáculos.[73]

Consequentemente, a honra da Sociedade e da Espanha está comprometida, pois os italianos a consideram inteiramente judaica ou cripto-judaica. Esse viés prejudica a união da Sociedade, pois seus membros se veem como inimigos que pertencem a uma casta ou seita diferente. A atmosfera de suspeita e divisão que parece ser uma guerra civil é vista por Ribadeneyra como "vinagre adicionado ao fogo que consumirá toda a Sociedade." Essa preocupação com o futuro da Sociedade foi expressa—Ribadeneyra lembra—por muitos amigos santos e ilustres da Sociedade, incluindo o Mestre [Juan de] Ávila, que previram que a Sociedade seria destruída se introduzisse distinções de linhagem e sangue.[74] O enviado especial de Acquaviva para investigar as consequências dessas distinções, García Girón de Alarcón, escreveu em resposta ao superior geral a crítica mais abrangente e sistemática à legislação de pureza de sangue dos jesuítas.

---

[72] Francisco Abreo nasceu em 1528 em Fuente Guinaldo (Cidade Rodrigo, Salamanca) e entrou na Sociedade em 1569 em Salamanca. Seu nome sefardita, local de nascimento e interesses intelectuais, no entanto, sugerem origem de converso. Antes de se tornar jesuíta, ele estudou direito em Salamanca e, consequentemente, lecionou lá e em Oviedo com muito sucesso. Mercurian se recusou a admiti-lo na profissão de votos solenes, e Acquaviva o dispensou em 1588 devido à sua suposta independência (financeira), mas ele deixou a Sociedade apenas em 1592 e se mudou para seu local de nascimento. Veja *Informações em direito. Em defesa da Bula conservatória, dada pelos Pontífices Pio V e Gregório XIII à Companhia de Jesus, Casas, Colégios e Religiosos dellos* (s.l., c. 1575); "Contra Institutum S.I.," em ARSI, *Hist. Soc. 163*3, 537 17 3354 7, 413, 418 490; *DHCJ* :; Astrain, *História*, : – sq, – sq; e García Casar, *Fontes iudaeorum regni castellae,* vol. VI: "El passado judío de Cidade Rodrigo" (Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1992). [73] Veja *Mon Rib.* 2:379–80. Esta parte sugeriria que Ribadeneyra usou o texto de Guzmán para escrever o presente memorial. [74] Veja *Mon Rib.* 2:380–3.

García Girón de Alarcón

García Girón de Alarcón nasceu em 1534 em Albaladejo (Cuenca) filho de Alonso Girón de Alarcón e Juana Pacheco. Como o filho mais velho, herdou o *mayorazgo* de seu pai em Albaladejo e Piqueras, e o de seu tio materno, Juan de Silva y Pacheco, em Villarejo. É muito provável que ele também estivesse relacionado com doña Juana de Alarcón de Villa de Minaya (Cuenca), que era casada com don Juan de Pacheco, cujo filho, Alonso, também entrou na Sociedade.[75] Após sua experiência de seis meses com os Jerônimos, que constituiu para ele um impedimento legal para se juntar aos jesuítas, ele, no entanto, entrou na Sociedade em 1555, apoiado por um pedido dirigido a Francisco de Borja pelo converso Juan de Ávila, com quem Alarcón havia se conhecido em Granada. Após seus estudos em Alcalá, foi ordenado sacerdote em 1567 e celebrou sua primeira missa em uma igreja do noviciado jesuíta que ele havia fundado em Villarejo. Entre muitos outros deveres administrativos, foi superior provincial da Andaluzia. Como tal, participou da Congregação Geral 4 (1581), que o elegeu assistente geral para a Espanha, e assim se tornou colega de Hoff aeus, Maggio e Rodrigues, cuja campanha anti-converso estudamos no capítulo anterior. Alarcón manteve seu cargo até a Congregação Geral 5 (1593), que promulgou o decreto *de genere* . O S uperior Geral Jesuíta Acquaviva o nomeou (1595–7) visitante nas províncias de Castela e Toledo, ambas as quais expressaram sua oposição a esse decreto. Ao final de sua visita a essas províncias e próximo da morte, García de Alarcón comissionou Juan de Montemayor para escrever um memorial em seu nome.[76] Este último foi eleito em 1597 para participar da Congregação dos Procuradores em Roma, e no ano seguinte ele iria

---

[75] Veja ARSI, *Fundo Jesuíta 1652*, N. 263. Havia outro jesuíta chamado Pacheco que foi mencionado no capítulo anterior. Seu primeiro nome era Juan Bautista, e ele provavelmente nasceu em uma família converso em Uclés, na mesma província de Cuenca. Alarcón também pode estar relacionado ao famoso dramaturgo Juan Ruiz de Alarcón, cujo pai, Pedro, imigrou de Albaladejo em Cuenca (onde García nasceu) para Taxco no México. Em 1572, Pedro casou-se com uma descendente da família converso de comerciantes Cazalla de Sevilha, Leonor de Mendoza. Veja Willard F. King, *Juan Ruiz de Alarcón, letrado y dramaturgo: su mundo mexicano y español* (México: Colegio de México, Centro de Estudos Linguísticos e Literários, 1989), Capítulo 1 e a árvore genealógica da Casa de Albaladejo (Apêndice B). [76] Kamen em sua *Crise e Mudança* (p. 14) menciona um memorando anti-*limpeza* de 1613 por Juan de Montemayor, embora sem fornecer detalhes suficientes sobre ele, então não consegui estabelecer se é o mesmo texto que estamos discutindo aqui.

tornar-se superior provincial de Castela. O documento foi datado de 16 de dezembro de 1597 e foi levado a Roma,[77] onde sobreviveu nos Arquivos Jesuítas até hoje, mas tem sido virtualmente ignorado.

O propósito deste texto dirigido a Acquaviva é aconselhar o superior geral sobre a sugestão feita a ele por "muitos homens eminentes da Sociedade, seja em doutrina, piedade, religião ou governo, que são conhecidos por seu amor e fidelidade à Sociedade e ao seu superior geral" para obter do papa alguma limitação ao terceiro cânone da Congregação Geral 5, que proíbe a admissão de candidatos de linhagem judaica e ordena a demissão daqueles que, a qualquer momento antes de sua profissão religiosa, forem descobertos com tal ascendência, sem c onceder ao geral o poder de conceder isenções.[78]

O texto de Alarcón possui uma estrutura dupla: a primeira parte reflete a formação do autor em direito e apresenta um conjunto de documentos papais e conciliares que refutam a discriminação de cristãos judeus com base apenas em sua linhagem; a segunda oferece quinze razões pelas quais o decreto de 1593 foi prejudicial à própria Sociedade de Jesus. Apesar da sugestão inicial de mitigação do decreto, a argumentação de Alarcón torna este decreto *totalmente* inaceitável, pois ele cita os documentos que clamam não apenas pela alívio da legislação discriminatória, mas, além disso, provam sua ilegalidade *de forma categórica*.

O documento papal mais importante desse tipo que o jesuíta castelhano cita quase na íntegra—como fez seu antigo confrade jerônimo, Oropesa, em seu *Lumen*—é a bula de Nicolau V *Humani generis inimicus* (1449), [79] que já vimos no Capítulo Um como uma reação a

---

[77] Veja ARSI, *Inst. 184–I*, ff. 296–312. [78] "O Pater Garcia de Alarcon, Visitador de Castela e Toledo, muito me recomendou ao partir para Roma, e também me ungiu para que em seu nome eu levasse ao nosso Pai Geral, o que muitos homens da Sociedade, destacados em doutrina, piedade, religião e governança, bem como em amor e fidelidade à Sociedade, propuseram ao nosso Pai Geral sobre o terceiro cânone da Quinta Congregação Geral (que determina que não sejam admitidos na Sociedade aqueles que têm origem do gênero hebreu: se, por algum erro, alguém for admitido, deve ser dispensado a qualquer tempo antes da profissão, sem que o Geral possa dispensar sobre isso). No entanto, considerou que isso deveria ser levado não para que o cânone seja derrogado ou completamente eliminado, mas para que uma declaração do Sumo Pontífice impusesse algumas li mitações" (*Inst. 184–I*, f. 297). Note que Alarcón não menciona a exclusão dos Moriscos neste resumo do decreto de 1593. [79] Anna Foa observou em seu "*Limpieza* e Missão" (pp. 302–3) a semelhança do título desta encíclica com a anti-racista *Humani generis unitas* de Papa Pio XI, que foi co-escrita por três jesuítas: o americano John LaFarge.

a primeira legislação de pureza de sangue de Sarmiento e cuja própria existência o Bispo Simancas minou em sua *Defensio Toletani Statuti* (1573).

O jurista Alarcón destaca seus oito pontos:

> (1) Três grandes monarcas de Castela e Leão "estabeleceram sob severa penalidade que não haja preferência entre os novos convertidos à fé, especialmente do povo judeu, e os Velhos Cristãos em manter ou receber honras, ofícios e dignidades, tanto eclesiásticas quanto civis."[80] (2) O papa havia visto essas sanções reais acompanhadas de seus selos autênticos, os quais ele discutiu suficientemente e—após madura deliberação—aprovou com autoridade apostólica por sua própria iniciativa, plenamente certo de que estavam em conformidade com os cânones sagrados e a lei."[81] (3) Nicolau declarou o julgamento contrário como errôneo, portanto aqueles que o seguem são chamados de "novos semeadores de zizânia" (*novos seminatores zizaniae*), "desdenhosos dos documentos da nossa fé e unidade" (*contemptores documenti salutaris fi dei nostrae et unitatis*), "aqueles que renovam o dissenso que havia sido extirpado pelo Apóstolo Paulo" (*renovatores dissidii, quod ab apostolo Paulo extirpatum*), "totalmente alheios ao nosso Senhor Cristo" (*alienos ab infi nitis Christi Domini nostri*), "desviadores da verdade da fé católica" (*aberrantes ab veritate fi dei catholicae*), "oponentes da autoridade não só da Sagrada Escritura, mas também das sanções dos mais ilustres príncipes seculares" (*contradictores non solum authoritatis Sacrae Scripturae, veru m etiam sanctionum illustrium Principum saecularium, quae visae sunt et discussae, approbatae et roboratae a Sede Apostolica*), "semeadores de falsidade contra a norma da religião cristã e o que é contrário à paz e unidade" (*seminatores falsitatum contra Christianae religionis normam [et] quae contraria sunt paci et unitati*), e "escandalosos para o próximo" (*scandalizatores proximorum*).[82]

> (4) O *motu proprio* do papa ordena a todos os católicos, sejam eclesiásticos ou leigos, de qualquer status, grau ou condição, sob pena de excomunhão, que admitam todos os convertidos à fé do Evangelho e aqueles que se converterão no futuro, e seus descendentes de ambos

---

(1880–1963); o alemão Gustav Gundlach (1892–1963) e o francês Gustave Desbuquois (1869–1946) (ver Arquivo da Província Alemã dos Jesuítas, 252 C 377). [80] "Sanxerunt sub gravibus poenis, ut inter noviter conversos ad fi dem, maxime de populo israelitico et antiquos cristãos nulla fi at discretio in honoribus, digni- tatibus, offi ciis tam eclesiásticos quanto seculares suscipiendis et habendis" (*Inst. 184–I*, f. 299^{v}). [81] "Ipsummet Pontifi cem vidisse praedictas sanctiones authenticas eorum sigillo munitas, as quais suffi cienter e mature discutidas e, após a madura discussão, aprovadas, apostólica quae authoritate roborasse, non ad petitionem partis, sed ex proprio motu, et ex certa scientia, ut iuri et sacris câ nones conformes" (*Inst. 184–I*, f. 299^{v}). [82] Veja *Inst. 184–I*, ff. 299^{v}–300^{r}.

> o clero e os leigos, enquanto viverem como bons Cristãos, a todas as dignidades e ofícios, e tudo mais, ou seja, comunidades de homens religiosos, às quais todos os outros Velhos Cristãos são universalmente admitidos, e que não haja discriminação entre estes e outros Cristãos por causa de sua recente aceitação da fé.[83](5) Sob pena de excomunhão, os Velhos Cristãos não devem desonrar os Novos Cristãos por palavras ou ações, nem devem permitir que outros façam tais coisas, mas, ao contrário, devem contradizer e opor-se a isso com toda a sua força; e com toda a sua caridade devem acompanhá-los e honrá-los sem favoritismo.[84](6) Nicolau ordenou aos bispos que punissem aqueles que ensinam o oposto em palavras ou ações e aqueles que infligem danos por meio de várias penalidades, desde prisão até pecuniárias.[85](7) Os apóstatas da fé devem ser punidos de acordo com a lei comum.[86] (8) O Apóstolo Paulo, no início da Igreja, extirpou uma acrimônia que nasceu entre Judeus e Gentios, a qual ele relatou abundantemente através de quase toda a Carta aos Romanos.[87]

O segundo documento papal mais autoritário que o alumnus salmantino cita em sua carta a Acquaviva é a bula de Paulo III *CupientesIudaeos* (1542), um documento papal que foi emitido sob a influência do fundador da Ordem dos Jesuítas, Inácio de Loyola, um fato que Alarcón pode não ter conhecido. O fragmento que Alarcón está especialmente interessado foi inserido em uma coleção de decretos encomendados pelo Papa Gregório XIII; na verdade, é uma citação do decreto *De his quivolunt ad fi dem converti* do Concílio de Basileia (1431–7). Alonso de

---

[83] "Praecipitur sob pena de excomunhão a todos os católicos, eclesiásticos e seculares, de qualquer estado e condição, que todos admitam à fé do evangelho os conversos e os que futuramente serão convertidos, e seus descendentes, tanto eclesiásticos quanto seculares, catolicamente e conforme o que convém a um cristão, a todas as dignidades e ofícios e, universalmente, como diz, a todas as outras, a saber, as comunidades de religiosos e semelhantes, e outros cristãos, por mais antigos que sejam, que costumam ser admitidos, nem por causa da nova recepção da fé se façam discriminações entre eles e outros cristãos" (*Inst. 184–I*, f. 300^{r}). [84] "Proíbe sob a mesma pena de excomunhão que alguém os afronte com palavras ou atos, ou que permita que sejam afligidos por [301^{v}] outros, ao contrário, que se oponham com todas as forças àqueles que desejam ca usar-lhes injúria, e, finalmente, que os tratem com caridade sem acepção de pessoas" (veja *Inst. 184–I*, ff. 300^{v}–301^{r}). [85] "Ordena aos Bispos que punam aqueles que ensinam o contrário ou os ofendam, seja com palavras ou atos, ou de qualquer forma que lhes causem injúria, com captura, privação, inabilitação, penas pecuniárias e outras semelhantes, omitindo toda a solenidade do direito, considerando apenas a verdade dos fatos" (veja *Inst. 184–I*, f. 301^{r}). [86] "Ordena que os apóstatas da fé sejam punidos de acordo com o direito comum" (veja *Inst. 184–I*, f. 301^{r}). [87] "O Apóstolo Paulo extirpou semelhante dissensão sobre a exaltação que surgiu no início da Igreja nascente entre os Judeus e os Gentios, o que o Apóstolo discorre amplamente na epístola aos Romanos, quase em toda ela" (veja *Inst. 184–I*, f. 301^{r}).

s" (*Inst.*

Cartagena elaborou isso lá e incluiu em seu *Defensorium*, como vimos no Capítulo Um: "Aqueles que foram recentemente convertidos à fé devem desfrutar dos mesmos privilégios, isenções e liberdades que os Velhos Cristãos, 'pois os membros da família de Deus e os santos se tornam cidadãos pela graça do batismo e é muito mais digno ser regenerado no espírito do que nascer na carne'."[88]

O espírito deste decreto, continua Alarcón, foi refletido em um documento do Papa Alexandre III, que repreendeu um bispo por não estar disposto a admitir em sua Igreja e conceder um benefício eclesiástico a um convertido do Judaísmo; Alexandre argumentou que o bispo não deveria desonrar o homem por causa de sua origem judaica.[89]

Além disso, Alarcón cita os nomes de outros papas que, embora não diretamente, foram movidos pelo mesmo tipo de espírito que o bull de Nicolau continha, entre eles Pio V, Gregório XIII, Inocêncio III e Gregório IX. Este último sublinhou que o que faz alguém um bom servo aos olhos de Deus não é sua proveniência, mas a nobreza de suas virtudes e a honestidade de sua vida, palavras que ecoam a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1:24–6): "Aos que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é a virtude de Deus e a sabedoria de Deus [. . .],pois não são muitos os sábios segundo a carne, não são muitos os poderosos, não são muitos os nobres."[90]

Em nome da justiça, Alarcón admite que existem alguns estatutos aprovados pela Santa Sé Apostólica, pelos quais "aqueles que são da circuncisão" são rejeitados em algumas Igrejas, mas ele explica que esses documentos papais não têm valor universal, pois foram propostos em circunstâncias específicas, onde sua confirmação parecia ser uma solução prudente.[91] No entanto, aquelas igrejas que adotaram tais restrições,

---

[88] "Praeterea extat constitutio de Paulo 3 [*Cupientes Iudaeos*] editada ano 1542, que é encontrada no livro 7 dos decretos compilados pela autoridade de Gregório 13 [. . .] na qual se estabelece que os convertidos recentemente à fi dem devem alegrar-se com todos os privilégios, liberdades e imunidades das cidades e lugares dos quais outros cristãos antigos gozam, porque, diz, 'pela graça do batismo, tornam-se cidadãos dos santos e domésticos de Deus, e é muito mais digno [*assim* ser regenerado pelo espírito do que nascer da carne'" (veja *Inst. 184–I*, f. 301[r]). [89] "Praeterea, no direito comum, existe a decretal de Alexandre 3 . . . sobre os rescritos que repreendem o bispo por não querer admitir em sua Igreja um convertido do judaísmo à religião cristã, nem conceder-lhe o canonicato ou prebenda, concluindo com estas palavras, 'Por ele ser judeu, não deves desprezá-lo'" (veja *Inst. 184–I*, f. 301[r]). [90] Veja *Inst. 184–I*, f. 301[r]; e *Decretalium D. Gregorii Papae IX. Compilatio Liber Tertius*, Cap. 37 (www.thelatinlibrary.com/gregdecretals3.html). [91] "Embora se alegue que agora se encontrem alguns estatutos confirmados pela fé Apostólica, os quais são rejeitados por algumas Igrejas que provêm da circuncisão, deve-se dizer que no tempo e m que

logo perceberam quão prejudiciais e inconvenientes eram e, consequentemente, solicitaram aos papas ou monarcas sua ab-rogação. Um exemplo dessa prática foi a Igreja de Burgos, que viu na observância dessa lei discriminatória muitos inconvenientes;[92] da mesma forma, a própria Igreja de Toledo, sob a liderança do Arcebispo Alonso Carrillo de Acuña (a quem Oropesa dedicou seu *Lumen*, como vimos acima), emitiu um decreto que o próprio Alarcón consultou nos arquivos da Igreja de Santa María em Alcalá de Henares. Nele, o irritado Carrillo reclama que em Toledo, assim como em outras cidades e vilas de sua arquidiocese, muitas confrarias, capítulos e colégios não admitem Novos Cristãos, justificando falsamente isso com piedade. Em tais lugares, os candidatos são examinados quanto à sua origem, o que produz muitos escândalos e mina a paz e a unidade. Em reação a essa divisão de "nações e origens", que considera contrária à lei e à caridade, Carrillo proibiu, sob pena de excomunhão, a observância de tais estatutos.[93] O decreto de Carrillo

---

condita sunt illa statuta Pontifi ci fuisse propositas occasiones et circunstantias, quibus prudenter impulsus est ad illa confi rmanda" (*Inst. 184–I*, ff . 301^{r-v}). 92 "Addo etiam nonullas ecclesias, in quibus haec statuta confi rmata sunt, videntes damna et inconvenientia maxima quae ex illis emanabant a summo Pontifi ce peti- isse ut illa abrogaret, qua etiam rationem nonnullae religiones habentes consimilia statuta a fede Apostolica approbata, ne scilicet ad sui habitus susceptionem, que são ex circuncisão admitterentur, ab eodem Pontifi ce eorum abrogationem petiverunt, et eadem ratione licet aliquae Ecclesiae em Hispânia denuo curaverint condere similia statuta a Rege nosso e suas consiliis reais reiecti sunt: imo et Ecclesia Toletana Burgensi consuluit ne tale statutum conderet propter quotidiana damna e incom- moda que ipsa inobservatione sui statuti experta est" (*Inst. 184–I*, f. 301^{v}). 93 "Quia, iuxta Apostoli sententiam ab omni especie mali nos decet abstinere et... in infra percepimus (quod dolendum est) quod in civitate Toletana et em aliis civita- tibus, oppidis e vilas nossos Archiepiscopatus repreriuntur multae confraternitates, capitula e collegia, quae sub fuco pietatis não recebem a sua sociedade noviter conversos a fi dem, outros não recebem aqueles, que desde antigo a fi dem conversi sunt, hoc in sui erroris praesidium assumentes, quod ad id teneantur adstricti statutis e ordinationibus pactis, iuramento e aliis poenis, ac vinculis roboratis. Et si quis ad eorum societatem recipiendus est, prius inquiri faciunt de qua progenie ortus sit, ex quo sequuntur gravia scandala e ntre Cristãos, quae nos attendentes e ex intimis visceribus pacem e tranquilum statum nobis subditorum aff ectantes, sancta sínodo approbante omnia e singula statuta huius modi consuetudine, iuramento e aliis poe- nis roboratae, irritamus, et nullius roboris e valoris esse decernimus et contraria iuri e caridade declaramus e relaxamus quaecu mque iuramenta hac occasione edita e reprobamus e anathematizamus omnes confraternitates, collegia, capitula, e coetus, em quais em posterum tales divisões nationum e generum fi eri contigerit publice vel occulte sub quocumque colore; et iubemus quod si qui aliquod statutum circa hoc fecerunt e congregações, onde tais divisões observantur quamdiu em talibus schismatibus perseraverint e infra. Prohibe mus também a todas as pessoas eclesiásticas sob excomunhão maior ne praedictas pessoas convenire permittant

foi confirmado em 1483—lembra Alarcón—por seu sucessor, Cardeal Pedro González de Mendoza (1428–95). Além disso, o Cardeal Francisco Jiménez [de Cisneros] (1436–1517) seguiu a política desses dois arcebispos de Toledo: ele aconselhou seus confrades franciscanos a não recusarem os candidatos "que tinham origem dos hebreus."[94]

Para finalizar sua lista das mais altas autoridades da Igreja que desaprovavam a discriminação de linhagem, Alarcón—seguindo talvez um tratado semelhante do Franciscano Gaspar de Uceda[95]—adiciona a do Cardeal Dominicano Cajetan (Tommaso de Vio, 1468–1534), que foi consultado em 1514 (quando a conversão dos Judeus era bastante r ecente e, portanto, quando seu "retorno ao vômito" era mais frequente) pelos acadêmicos de Salamanca sobre se era lícito recusar a admissão daqueles que se converteram. Ele respondeu que recusar apenas pela razão de sua origem judaica lhe parecia irracional, "pois nossa salvação vem dos Judeus, dos quais Cristo, os Apóstolos e muitos pais da fé nasceram segundo a carne. Essa recusa geraria nos Judeus uma desculpa para não se converter ao Cristianismo, sabendo que seus filhos seriam rejeitados para sempre."[96]

---

in suis ecclesiis vel paroecis nec eis celebrent missam vel divina offi cia, quandiu in praedicto schismate perduraverint. Haec ibi concilium ubi tales institutiones quibus ratione generis repelluntur noviter conversi ex communitatibus [. . .] scandalosas, schismaticas, et contrarias iuri et charitati" (*Inst. 184–I*, ff . 302$^{r–v}$). 94 "Quam constitutionem deinde illustrissimus cardeal Petrus Gonzalez a Mendoza Arcebispo também Toletano aprovou e confirmou ano 1483 em uma certa pro- visão dada Victoriae, foi pois governador destes reinos. Reverendissimus também cardeal Frater Francisco Jimenez Arcebispo Toletano da ordem de São Francisco consultou sua religião para que aqueles que têm origem dos hebreus não fossem repelidos, mas sim admitidos à recepção de seu hábito" (*Inst. 184–I*, ff . 302^{v}). O Cardeal Cisneros manteve um médico converso, cujo sobrinho, Alfonso de Pisa (1528–98), também médico, entrou na Sociedade em 1552 em Alcalá, como vimos no capítulo anterior. 95 Gaspar de Uceda, um teólogo de Salamanca, escreveu um tratado contra os estatutos de pureza de sangue em sua Ordem Franciscana em 1586. Veja Elvira Pérez Ferreiro, ed., *El Tratado de Uceda contra os Estatutos de Limpieza de Sangre: uma reação ante o estabelecimento do Estatuto de Limpieza na Ordem Franciscana* (Madri: Aben Ezra Ediciones, 2000). 96 "E o Cardeal Caietanus, consultado pelos doutores da academia Salmanticensis no ano do Senhor 1514, quando era bastante recente a conversão dos judeus à fé, se era lícito repelir esses da religião, responde no tomo I do opuscolorum, tratado 3 [. . .] que contém 17 respostas, na resposta 6 no seu fi m, estas palavras: "Irracional me parece um estatuto perpétuo ou uma obra deste tipo de refutação em relação àqueles que não estão afetados por nenhuma outra nota de suspeita, exceto pelo fato de terem origem dos judeus, pois a nossa salvação vem dos judeus, dos quais nasceu Cristo segundo a carne e os Apóstolos e muitos pais da fé, e nos encontra mos ignorantes em repelir filhos de sua própria espécie: além disso, porque daria ocasião aos judeus para que não se convertessem à fé, ao entenderem que os filhos dos conversos são repelidos de geração em geração pela religião, além do que a religião é um estado tal, onde

A segunda parte da carta de Alarcón trata da inconstitucionalidade do decreto de 1593 e destaca o dano que ele trouxe à Sociedade de Jesus. O decreto altera substancialmente o Instituto Jesuíta, pois os jesuítas aceitaram o Instituto do Pai Inácio, que se acreditava ter recebido pelo menos sua substância diretamente de Deus. Adicionar ou excluir algo que Inácio escreveu nas *Constituições* sobre impedimentos para que um homem se junte à Sociedade significa alterar substancialmente o Instituto. Embora a Congregação Geral 5 em si (que aprovou o decreto *de genere*) tenha declarado que os impedimentos essenciais para a admissão na Sociedade pertencem à substância do Instituto Jesuíta, ela adicionou o impedimento de linhagem como essencial. Mas, argumenta Alarcón, quando Inácio fez uma distinção nas *Constituições* entre os i mpedimentos primários e secundários para a admissão, ele não incluiu a linhagem em nenhum dos dois.[97]

---

eles, se duvidam de alguma forma em solidariar-se na fi de, podem optar por não declarar outros." Assim, Caietano disse isso, no tempo em que a conversão deles era recente e sua nação muito ingrata para os hispânicos devido à frequente apostasia pública deles; era então quando muitos eram conversos fixos, para não serem expulsos da Hispânia, um contínuo retorno ao vômito, como ele mesmo disse Caietano" (*Inst. 184–I*, ff. 302^{v}–303^{v}). Note que o Bispo Simancas (como vimos no Capítulo Um) desafiou a autoridade de Cajetan dizendo que os conversos eram perturbadores nos mosteiros: "Caietanus dixit ad illa monasteria ire possunt, sed nolunt isti, nisi perturbare omnia" (Simancas, *Defensio*, f. 20). Embora a atribuição deste texto a Cajetan seja duvidosa, é verdade que Alarcón omitiu uma parte da resposta de Cajetan, que Uceda incluiu em seu tratado e criticou. Nele, o teólogo dominicano afirmou que os estatutos de pureza de sangue não constituíam um pecado mortal, argumentando que, assim como os filhos de sacerdotes são excluídos da Igreja devido à malevolência paternal, os descendentes do Judaísmo também deveriam ser excluídos, devido à incredulidade de seus ancestrais: "Primeramente digo que Cayetano erró tomando fundamento de este Concilio mal entendido [Conselho de Pisa em 1409], porque, embora disse, como acima está referido, que os Estatutos de que vamos falando eram irracionais pelas razões sobreditas, juntamente acrescentou que não era pecado mortal fazer os tais Estatutos: os filhos dos clérigos são excluídos da Igreja pela malícia paternal, logo também os descendentes do judaísmo devem ser excluídos pela incredulidade de seus progenitores" (Ferreiro, *Tratado de Uceda*, pp. 137–8). A ambiguidade de Cajetan alimentou os argumentos de ambos os lados das polêmicas dos conversos. [97]

Primeiro, porque está estabelecido a [l]sua instituição é alterada e modificada em relação a [b]substância [l] e, quod nos a Pai Nosso Inácio accepimus eumque probabiliter credimus illud a Deus immediate recepisse quoad omnia substantialia. Probatur quia addere vel adimere aliquid circa ea, quae Pai Nosso Inácio in Constituições reliquit circa impedimento susbstantialia excludentia aliquem a Sociedade est alterare institutum em rebus substantialibus. Nam ut recte vidit congregatio 5ª geral, cânone 17 impedimenta essentialia, quae aliquem an ingressi Sociedade impediunt, res est ad substantiam instituti spectans, at hoc statutum circa huius modi impedimenta unum addit substantia- les" (*Inst. 184–I*, f. 304).

De fato, Loyola estabeleceu nas *Constituições* ([165]–[176]) cinco impedimentos essenciais[98] que impedem absolutamente um candidato de ser aceito na Sociedade:

> (1) "Ter-se separado por um tempo do seio da Igreja Santa, negando a fé no meio de infiéis, ou caindo em erros contra a fé e tendo sido condenado por causa deles por uma sentença pública ou retirando-se como cismático da unidade da Igreja."[99] (2) "Ter sido um homicida ou infame por causa de pecados enormes." (3) "Ter recebido o hábito de um instituto religioso, ou ter sido um eremita com a vestimenta de um monge." (4) "Estar vinculado pelo laço do matrimônio ou da servidão legal." (5) "Estar mentalmente doente, resultando em um julgamento obscurecido e insensato, ou ter uma disposição notável para tal doença."[100]

Além disso, existem nove impedimentos secundários ([177]–[189]),[101]" nenhum dos quais por si só impede a admissão à Sociedade, mas que, no entanto, torna o candidato menos adequado":

---

[98] As Constituições *Constituições* explicam o caráter desses impedimentos da seguinte forma: "Em relação a todos esses impedimentos, é conveniente que nem o superior geral nem toda a Sociedade possam dispensar, uma vez que é universalmente bom que nenhuma dispensa seja concedida a partir deles. No entanto, se um desses impedimentos for encontrado em uma pessoa que possua outras qualificações que garantam que a Sociedade poderia ser muito ajudada por ele no serviço de Deus nosso Senhor, e se a própria pessoa solicitar ao supremo pontífice ou ao seu núncio ou penitenciário-chefe permissão, não obstante as Constituições, para ser recebida na Sociedade, não havendo oposição do superior geral, então o superior geral pode dar seu consentimento, desde que a porta não seja aberta para grandes números ou para qualquer pessoa, como foi declarado, sem qualidades excepcionais" [176]. [99] As *Constituições* comentaram sobre este impedimento da seguinte forma: "[166] Mesmo que alguém não tenha sido condenado por uma sentença pública, se seu erro foi público e ele foi altamente suspeito e há medo de que procedimentos possam ser instaurados contra ele, ele não deve ser admitido. Mas este julgamento ficará a cargo do superior geral. [167] Com relação ao cisma, se alguém nasceu em uma região cismática, de modo que o cisma não foi simplesmente um pecado individual cometido pela própria pessoa, mas um pecado geral, ele não seria entendido como excluído da Sociedade por essa causa (e o mesmo se aplica a quem nasceu em uma região herética). Na verdade, o que se prevê é uma pessoa que está sob infâmia e excomunhão após ter desprezado a autoridade e vigilância de nossa santa mãe a Igreja, de modo que a heresia ou o cisma é o pecado individual da pessoa, não o pecado geral da nação ou país." [100] S

ee *Ins*$_{t.\ 184}$ –*I*, ff. 304$^{r–v}$.

[101] As *Constituições* explicam esse tipo de impedimentos da seguinte forma: "[178] Cada um dos impedimentos desta segunda categoria poderia, por si só, ser suficiente para barrar a admissão. Mas, uma vez que pode haver outras qualidades compensatórias excelentes a ponto de parecer ao nosso Senhor que um desses defeitos deve ser tolerado, o discernimento deste caso

> (1) “Em relação ao interior, paixões que parecem incontroláveis, ou hábitos pecaminosos dos quais não há esperança de muita emenda.” (2) “Uma intenção que não é tão correta quanto deveria ser para a entrada em um instituto religioso, mas que está misturada com desígnios humanos.” (3) “ Inconstância ou obstinação notável, de modo que o candidato parece não t er grande potencial.” (4) “Devoções indiscretas que levam alguns a cair em ilusões e erros de importância.” (5) “Uma falta de aprendizado ou de habilidade intelectual ou de memória para adquiri-lo, ou de facilidade na fala para explicá-lo, em candidatos que manifestam uma intenção ou desejo de progredir além do que os coadjutores temporais costumam fazer.” (6) “ Uma falta de julgamento ou uma obstinação notável em opiniões pessoais, que é muito problemática em qualquer congregação.” (7) “Em relação ao exterior, uma falta de integridade corporal, doença e fraqueza, ou feiúra notável.” (8) “Idade muito tenra, ou muito avançada.” (9) “Dívidas ou obrigações civis.”

Como ambas as listas mostram claramente—confirma Alarcón—o impedimento de linhagem estabelecido no estatuto de 1593 não está presente aqui. É verdade que Loyola mencionou a questão da ascendência na seção “Exame Geral” das *Constituições*, mas não como um impedimento—o texto simplesmente pede ao examinador dos candidatos que pergunte se sua família vem de Cristãos antigos ou *modernos*. O propósito desta pergunta é apenas coletar mais infor mações sobre o assunto. Alarcón repete novamente que adicionar este impedimento substancial significa alterar substancialmente o Instituto e que isso abre um precedente para adicionar outras mudanças substanciais no futuro, o que resultaria na criação de um novo Instituto e uma ordem religiosa diferente da que Inácio fundou. A Sociedade s empre desejou com todas as suas forças evitar qualquer alteração substancial.[102]

é deixado à discrição de quem tem a autoridade para admitir. Também caberá a ele fazer uma dispensa em tais casos, sujeita ao julgamento do superior, que deve ser informado de qualquer dificuldade que possa surgir e cuja opinião deve ser seguida.” [102] “Huius autem impedimenti quod habetur in statuto nullam fecit mentionem, nam licet em exame [. . .] § 2 moneat, ut interrogetur recipiendus, an sit ex progenitoribus iam olim christianis, an modernis, hoc non est, quia impedimentum esse censeat talis propagatio, sed ut maior notitia recipiendi habeatur, cuius signum apertum est. Nam eodem § 2 eodem tenore ait. Interrogetur an sit ex legitimo matrimonio et tamen non esse legitum constat nullum esse impedimentum. Igitur denuo addere hoc impedimentum substantiale est alterare institutum in re substantiali, quo aditus

Deve-se lembrar—continua o jurista jesuíta—que Inácio, embora fosse originalmente de Guipúzcoa (cujo povo costumava perseguir com ódio aqueles que são da circuncisão), nutria conversos com amor especial, inspirado pelo espírito de Deus durante suas longas orações, penitências e sacrifícios, e não os rejeitava de sua comunidade. Pelo contrário, ele admitia na Sociedade homens de linhagem judaica, pois eles tornavam a Sociedade famosa por sua doutrina, santidade e erudição, e conservavam sua integridade e indenidade durante o Concílio de Trento. Embora alguns na Sociedade durante a vida de I nácio tenham tentado introduzir tal impedimento, ele os afastou como alheios ao espírito da Sociedade e faria o mesmo agora, se encontrasse tais pessoas.[103]

Alarcón ainda podia compreender a necessidade de introduzir os estatutos toledanos [1449], , entendendo que a conversão dos judeus na Espanha era então bastante recente e que muitos deles ainda estavam sendo apanhados diariamente praticando "sua perfídia", mas ele e nfatiza que tal motivação para perseguir convertidos não era desnecessária na Espanha, pois muitos conversos são verdadeiramente fiéis e apenas alguns deles recaem—sua infâmia e obstinação foram eliminadas e purificadas pela durabilidade de sua fé.[104]

Se Inácio tivesse se oposto aos estatutos de linhagem, continua Alarcón, é necessário recusá-los também agora. Uma questão semelhante havia sido

---

Aperitur, para que em outros casos substanciais seja alterado com o sucesso do tempo, e assim s e torne outro instituto, outra religião da que recebemos de Pai Nosso Inácio, contra o que toda a Sociedade sempre se esforçou com todas as suas forças, para que o instituto seja mantido ileso, sem que em algum aspecto substancial seja alterado" (*Inst. 184–I*, ff. 304^{v}–305^{r}). 103 "Confirma-se [. . .] pois, embora Pai Nosso Inácio fosse da nação Gipuzcuano, cuja razão leva os homens a perseguirem com ódio especial aqueles que são da circuncisão, no entanto, o sopro do Espírito de Deus, após uma grande consulta divina, precedida de muitas orações, penitências e sacrifícios, os perseguiu com amor especial, nem os rejeitou de sua comunidade, mas, ao contrário, admitiu homens dessa nação, porque sua doutrina, santidade e erudição iluminaram a Sociedade, e a mantiveram íntegra e ilesa em seu instituto no concílio tridentino, e embora no tempo de Pai Nosso Inácio não faltassem aqueles que se esforçaram para adicionar esse impedimento; no entanto, ele os rejeitou como estranhos ao espírito da Sociedade, e não menos agora os rejeitaria se estivesse presente" (*Inst. 184–I*, f. 305^{r}). 104 "Na verdade, ainda mais, porque então havia maior razão e ocasião para tal determinação, dado que na época a conversão dos judeus na Hispânia era mais recente, e diariamente eram descobertos a retornar à sua perfídia, pois foram convertidos de forma fictícia, para que não fossem compelidos a sair da Hispânia, o que foi a principal razão para a criação do estatuto Toletano, agora, no entanto, essa razão cessa na Hispânia, uma vez que se prova verdadeiramente e de coração que eles são fiéis, e poucos s ão encontrados que retornem à perfídia anterior [305^{v}], para que sua infâmia e presunção, para que não fossem novamente levados à antiga perfídia devido à recente conversão e má educação, ao longo do tempo, tenha sido abolida e purificada na fé" (*Inst. 184–I*, ff. 305$^{r–v}$).

levantada durante o geralato do Pai Francisco [de Borja], , que conhecia bem os assuntos espanhóis, mas mesmo sendo pressionado a seguir nessa direção, ele recusou com todas as suas forças. Além disso, argumenta Alarcón, o propósito adequado da Sociedade, de acordo com as *Constituições* e bulas papais, é levar todos os homens à fé, até mesmo os infiéis, independentemente da nação de onde venham, e ajudá-los a alcançar a salvação e a perfeição. Para que os ministros jesuítas possam ser bem recebidos por todas as nações, é necessário que nenhum decreto seja ofensivo a qualquer nação, tornando esses ministros indesejados por tal nação.[105]

É demonstrado, escreve García de Alarcón sem hesitação na forma de um silogismo (um raciocínio querido em Cartagena), que se as *Constituições* estabelecem que a Sociedade deve admitir aqueles que são considerados aptos e úteis e se alguém "da circuncisão" é julgado apto e útil para o objetivo da Sociedade (o que acontece frequentemente), *ergo* é contra essas *Constituições* não admitir tal sujeito. O decreto de linagem afirmou, ele lembra, que aqueles que são ofensivos ao povo a quem a Sociedade direciona seus ministérios não devem ser admitidos, mas essa ofensa não está sendo vivenciada na Espanha, especialmente em Castela, Toledo e na Província Bética [onde Alarcón foi enviado como enviado especial do general]. Além disso, as evidências mostram que não apenas na Sociedade, mas também em outras províncias das ordens mendicantes (onde esse tipo de estatutos não foi legislado), seus membros exercem sem ofensa todos os tipos de ministérios, especialmente o de confessor para eclesiásticos importantes e nobres. Eles são cânones, bispos e cardeais também, e até mesmo a Santa Sé não os considera inadequados ou ineptos para exercer seus ministérios religiosos.[106]

---

105 "Portanto, se então o nosso pai Inácio se opôs a este estatuto, parece que agora teria que resistir necessariamente. Uma questão semelhante foi levantada na época de nosso pai Francisco, que compreendia bem as coisas da Hispânia; no entanto, ninguém quis incliná-lo a esta parte, mas ele reclamou com todas as suas forças. Confirma-se em segundo lugar, porque de acordo com as Constituições e bulas dos sumos pontífices, a função própria da Sociedade é reduzir todos os homens, mesmo infi deles de qualquer nação, à fé, ajudando aqueles que fora m convertidos a alcançar sua salvação e perfeição, portanto, para que os ministros da Sociedade sejam gratos a todas as nações, não deve haver um decreto que seja um obstáculo para alguma delas, fazendo-os invisíveis para tal nação" (*Inst. 184–I*, f. 305ᵛ). 106 "Confirma-se em terceiro lugar, porque a Constituição p. 1 c. 1 § 1 afirma que devem ser admitidos aqueles que forem considerados aptos e úteis para o fim da Sociedade, portanto, quando alguém da circuncisão é considerado apto e útil para o fim da Sociedade, o que frequentemente acontece, é contra a Constituição não admiti-lo na Sociedade. No entanto, diz o decreto que estes são ineptos para a Sociedade, porque exercem ministérios com ofensa ao povo, no entanto, não experimentamos t al ofensa na Hispânia, pelo menos nos reinos de Castela, Toledo e Bética, mas, ao contrário, vemos diariamente não apenas na Sociedade, mas em todos os

Contra a acusação comum de que aqueles de ancestralidade judaica são ambiciosos e que perturbaram a tranquilidade na Sociedade escrevendo memoriais e pedindo ajuda a príncipes seculares por outros meios ilícitos,[107] Alarcón admite que alguns deles são ambiciosos, mas muitos mais são humildes, tranquilos, amantes da paz evangélica e imitadores do Crucificado. Aqueles que são ambiciosos e acusados de incitar tumultos devem ser punidos não por um decreto de linagem, mas pela exclusão da Sociedade, assim como a Sociedade excluiria qualquer outro jesuíta pego em infidelidade à sua Ordem religiosa e ao seu superior. A razão para isso [como apontou Alonso de Cartagena] é que esses vícios são característicos não de uma raça, mas de um indivíduo; eles originam-se não da linagem, mas do livre arbítrio. Representantes de outras raças têm o mesmo tipo de vícios, mas não assumimos que eles caracterizam uma raça inteira.[108]

Outro argumento contra o decreto de linagem é que ele diminuiu a boa reputação da piedade e santidade da Sociedade, que tem

---

aliis religionibus mendicantium, em que nenhum estatuto deste tipo está estabelecido, s em esta ofensa exercer ministérios de leitura, pregação, confissão, consulta, e quanto é notório, ser religioso desse gênero, nem poucos penitentes nas confissões, mas sim frequentemente vemos todos os seculares, aos quais os eclesiásticos e os nobres da Hispânia não apenas entregam almas e consciências, mas também bens e a disposição de estados. Na Hispânia também exercem ministérios das igrejas catedrais, e o ministério do episcopado, por que não exercerão ministérios da religião sem ofensa? E é realmente estranho que, por parte dos Sumos Pontífices e dos reis da Espanha, sejam considerados idôneos e hábeis para exercer os ministérios dos episcopados, quando frequentemente ainda agora são promovidos por eles à dignidade episcopal, e considerados idôneos para os capítulos, prebendas e dignidades de todas as igrejas catedrais, uma ou outra excluída, admitidos ao senado e ao colégio dos cardeais, e até mesmo à própria sede apostólica, e, no entanto, considerados incapazes e ineptos para exercer os ministérios da religião e para serem admitidos a ela" (*Inst. 184–I*, ff. 306^{r-v}). 107 Alarcón refere-se aqui ao movimento dos *memorialistas* que estudamos no capítulo anterior. 108 "Aliter dicitur eos esse ambitiosos et tranquilitatem Societatis perturbasse monumentis seu memorialibus, et aliis illicitis mediis, auxilium postulantes a principibus saecularibus verum contra hoc est, quod licet aliqui sint ambitiosi, alii et multo plures inveniuntur eiusdem generis humiles, tranquilli, pacis evangelii amatores, imitatores Crucis Christo, quare quorundam malitia omnibus nocere non debet, sed puniendi illi essent si de ambitione et perturbatione convicti sunt, non quidem hoc decreto, sed eos a Societate excludendo simul cum aliis nobilibus, qui cum eisdem in eadem infidelitate cum sua religione et capite deprehensi sunt. Nec huius modi vitia sunt propria generis sed personae, quae quidem non ex genere, sed ex libero arbitrio originem trahunt, nunc autem ex culpa quorundam non debent todos tais praesumir, sicut ex hoc quod em muitos alterius generis similia vitia reperiantur, non i deo todos tais praesumuntur" (*Inst. 184–I*, f. 306^{v}).

sido tão renomada entre os próprios jesuítas e outros homens importantes, incluindo os inquisidores. Esses homens sugeriram que este decreto foi feito sem oração e deliberação prévias diante de Deus, o que é oposto ao que Inácio costumava fazer. Consequentemente, o respeito e a obediência, que são necessários para as diretrizes do superior geral, serão diminuídos.[109]

O terceiro argumento contra o decreto é que, para os membros da Sociedade se tornarem examinadores de genealogias, isso parece alheio ao Instituto da Sociedade. Seguindo a visão expressa pelo Cardeal Francisco Mendoza de Bobadilla (1508–66) em seu *Tizón da nobreza* (1560), Alarcón destaca o quão irritante e oneroso é investigar os ancestrais, avós e bisavós dos candidatos: os Judeus espanhóis, especialmente nas províncias de Castela, Toledo e Bética, têm feito grandes esforços para obscurecer suas origens contraindo matrimônios com as famílias nobres dos Velhos Cristãos.[110] Ironicamente, essa mistura de sangue pode ser encontrada naqueles que são ditos por seus parentes como livres dela. Assim, a exame das genealogias dos candidatos pode ofender muitos nobres, especialmente se eles já estão inconscientes de seu passado genealógico esquecido e enterrado. Alguns candidatos poderiam ser desencorajados a entrar na Sociedade, paralisados

[109] "A segunda razão é que a boa estima e opinião de santidade e piedade que a Sociedade possui, tanto entre os seus como entre os estrangeiros, parece muito diminuída por este decreto, pois muitos, tanto da Sociedade quanto nobres seculares e homens muito respeitáveis, e dos tribunais supremos dos inquisidores, consideram que ele foi estabelecido sem a devida oração e consulta divina, e que a constituição foi emitida em oposição ao nosso pai Inácio, mas que algo humano interveio na sua fixação. E como todos os decretos da Sociedade que foram emitidos até agora são de tal modo que não só são considerados bons e justos, mas também reputados como os melhores, não apenas são julgados como santos, mas também exalam e contêm a suprema perfeição do evangelho, este único ponto que é considerado por muitos como não tão perfeito diminuirá a opinião e a autoridade de todos os outros, e já no futuro os decretos da congregação geral começarão a ser levados em consideração por aqueles que conduzem outras comunidades e confraternidades que, em algum momento, são guiadas por paixões. E assim, a obediência, o culto e a veneração que eram atribuídos a todos os decretos são encontrados muito diminuídos, assim como a boa estima que toda a Sociedade tinha em relação aos homens espirituais, que se funda no espírito e em todos os seus decretos e decisões agindo apenas por um espírito divino. A veneração e a obediência que são devidas aos mandamentos do nosso Pai Geral também serão muito restauradas e permanecerão debilitadas" (*Inst. 184–I*, ff. 306ᵛ–307ʳ).

[110] Fernán Díaz, o corretor de Juan II, observou que mal havia uma casa nobre na Espanha que não tivesse um converso em sua árvore genealógica. Se a judaicidade estivesse ligada ao sangue, a genealogia se tornaria uma arma dos fracos, e a nobreza da Ibéria seria destruída. Veja Nirenberg, "Conversão em Massa," p. 35.

de medo de comprometer o status social de seus parentes, muitos dos quais vêm de famílias muito ilustres.[111]

Quarto, este decreto na Espanha excluirá da Sociedade aqueles homens que poderiam desempenhar de forma suficiente e adequada os ministérios da Sociedade, que requerem um grande número de pessoas talentosas. Ao mesmo tempo, há o risco de que a Sociedade aceite pessoas de sangue puro com talentos medianos, o que é uma aberração das regras estabelecidas no "[Exame] Geral" das *Constituições*.[112]

---

111 "Tertia, quia alienum esse videtur ob instituto Societatis, eius religiosos examinatores fi eri generum et genealogiarum et valde molestum et grave inquirere et investigare progenitores, avos et proavos omnium admittendorum, quod fi nem ultorum off ensione fi eri minime potest. Cuius aperta ratio est quoniam eius gens Hebraeorum em Hispânia, praesertim em provinciis Castellae, Toleti et Veticae, summo conatu curet suam nativitatem occultare, totis viribus conatur cognationes inire cum cristãos antigos e nobres, et idcirco perpauci são, qui si divitiis affl uant connu- bia contrahant cum ho mens de mesmo gênero, mas isso em parte segue o conselho de Paulo 3 em busca de cristãos antigos e nobres e [. . .] ilustres, do qual é a casa também mais ilustre da Espanha, a maior parte dos povos já ter seu sangue misturado. Um desses, em breve, costuma misturar famílias de toda a cidadania com seu sangue. Daí já é tão extensa a evolução do sangue desses dois povos nessas províncias, que um colega me disse dignamente dos opositores dos colegas, mesmo que eles sejam tais, que em sua opinião estão seguros de tal missão, ainda assim, enquanto informações são coletadas com precisão, a maior parte deles é encontrada admitida; e por essa razão são rejeitados. Se, portanto, essa mistura é encontrada mesmo naqueles que, segundo sua e de seus parentes opinião, estão livres dela, o que será do restante do povo? Além disso, aqueles que na Espanha são comumente chamados de libertados descendentes daquela única mulher chamada, Antona Garcia, em breve tempo se tornaram tão numerosos, porque se misturaram com os casamentos de outras famílias, que em tribunais reais se discute sobre seus privilégios, para que, devido à sua multidão, não sejam diminuídos em tributos reais. Que mistura de sangue haverá já de milhares de hebreus que permaneceram na Espanha? Portanto, será muito incômodo para nossos examinadores fazerem essas genealogias e com a ofensa de muitos nobres também. Pois enquanto a informação de alguém é coletada em alguma cidade, será evidente as misturas de outros nobres também, que já estavam esquecidas [assim] ocultas" (*Inst. 184–I*, ff . 307^{v}–308^{r}). "

112 Quartum porque h o estatuto na Hispânia será a causa para que não a d serão enviados h homens que executam de forma suficiente e adequada os ministérios da Sociedade. Pois, como todos os seus ministérios visam ajudar os próximos com as lições de humanidades, filosofia, teologia escolástica e positiva, conferências e confissões, e falta o coro, onde os religiosos de inteligência mediana costumam se ocupar, pode-se concluir que para todas essas atividades são exigidos homens não apenas com virtude, mas também com genialidade, erudição e julgamento. Para todas essas demandas, que requerem uma grande quantidade de homens notáveis, estamos começando a experimentar, em parte, no noviciado, futuros homens que possam atender a todas essas necessidades de forma adequada, em uma religião tão extensa e dilatada. Desde o momento em que foi estabelecido o estatuto, raramente alguém de grande expectativa foi recebido. Embora haja muitos completamente livres desse sangue, não desejam colocar em risco a honra de si mesmos e de seus parentes. E, portanto, muito poucos homens de idade avançada, dotados de alguma qualidade notável, tentarão ingressar na Sociedade e se esforçarão para isso. Por essa razão, em certa religião monástica, onde vemos que este estatuto tem sido mantido, e quanto foi aumentada e enriquecida por príncipes com riquezas e honrarias, não se encontram homens que consigam ensinar até mesmo seus próprios monges em pouquíssimos colégios, mas é necessário que haja recompensas.

O quinto argumento contra o decreto provém da preocupação de Alarcón com a fraca situação econômica da Sociedade, cuja riqueza dependia muito do apoio da abastada nobreza converso que enviava seus filhos para a Ordem, como também apontou Possevino em seu segundo memorial. O decreto poderia levá-los a mudar seus testamentos previamente escritos, pelos quais haviam doado seus bens à Sociedade; as famílias poderiam optar por destinar seus bens a outras obras piedosas.[113]

Além disso, as famílias conversas—que geralmente vêm de ambientes urbanos—perderão sua devoção e piedade em relação à Sociedade, sabendo que seus parentes estão sendo rejeitados por serem considerados desonrosos. Consequentemente, elas se voltarão para aquelas congregações que acolhem seus filhos, ameaçadas ainda mais pelo medo de que as investigações de linhagem possam comprometer s eu status social. Como resultado—reclama Alarcón—"muitas pessoas de grandes expectativas escaparão de nós e a Sociedade se sentirá pobre e deficiente sem elas, como a experiência já demonstrou."[114]

---

non mediocribus ex academiis magistros saeculares adducere, qui suos monachos in propriis domibus erudiant, et illorum cathedras regant; imo et necessarios ad chorum non inveniunt, sed opus est eas quaerere, rogarem invitare, et illorum debita solvere coguntur qui recipere homines, qui ministeria Societatis apte exequi non possent et tales deinceps Societas cogetur recipere; imo cum constet eos decretum non tangere, parvi ducentur et interdum etiam obtegentur alii defectus vocationis ingenii, conditio- nis, et aliarum reru m quae ad institutum magis spectant et necessariae sunt, de quibus in Examine c. 2 §4 et c. 3 §14" (*Inst. 184–I*, ff . 308[r–v]). [113] "Quinta, quia Societas non solum detrimentum patietur in reputação spiritus, e em homens aptos ao instituto, mas também em faculdades e em bens temporais, cuja inopia pressiona fortemente toda a sociedade. É, de fato, certo, com base na experiência já comprovada, que as faculdades de todos os que ingressam na sociedade são, ou inexistentes, ou muito fracas. Aqueles que, na Hispânia, ingressam na religião, geralmente não as possuem, ou se as possuem, as deixam para parentes, considerando que, para seu status, como nobres, tudo o que é necessário lhes pertence. Aqueles que não são nobres e não têm origem hebraica são camponeses, tão pobres que, geralmente, tanto eles quanto seus pais vivem do próprio trabalho. Portanto, ao excluir da Sociedade aqueles que geralmente abundam em bens, o acesso é prejudicado, o que poderia aliviar a Sociedade em questões temporais. Acrescenta-se a isso que muitos desse tipo de seculares, que já haviam doado suas faculdades em testamento para nós, ao se verem desprezados pela Sociedade, revogarão os mandatos e se voltarão para outras obras pia." (*Inst. 184–I*, ff . 308[v]–309[r]). Alarcón mesmo doou dinheiro para a fundação do noviciado jesuíta em Villarejo, onde sua família possuía propriedades. "

[114] inquant et alias religiões adeant pietatemque et devoção em relação à Sociedade e seus ministérios intermittam. Cum enim sint plurimi em cidades ex hoc genere trahentes originem, cum videant universis sui generis ab hominibus huius religião contemni et repelli ut indignos sua sociedade, cum videant item saepe seus filhos aut cognatos studio ingrediendi Sociedade teneri eosque repelli, qui eorum filhos são aut cognati quam devoção em relação à sociedade poterunt conservare? Ad alias potius religiões suum aff ectum convertent et cum religiosos illis potius fabulari et tractare curabunt, qui nec

A sétima desvantagem do *de genere* decreto (que rotula os jesuítas conversos como ineptos para ocupar cargos governamentais) diminui o amor dos conversos em relação ao seu superior geral. A recusa deste em promover tais sujeitos com base em sua origem e independentemente de seus méritos produz neles ódio e não amor em relação à Sociedade, pela qual—se forem ambiciosos—eles influenciarão negativamente outras pessoas da mesma origem e muitos outros nobres, com quem exercem muita autoridade. Isso os forçará a ameaçar solicitar a nomeação de um visitante externo para as províncias espanholas, o que resultaria em sua separação da administração do geral. Como Possevino já fez vinte e cinco anos antes, Alarcón prevê que isso acontecerá se o Instituto da Sociedade mudar suas características substanciais, transformando-se em outra ordem religiosa.[115]

O decreto torna muito difícil manter a pureza da Sociedade da maneira como a ordem dispensaria aqueles que "não caminham no espírito", porque os dispensados e seus parentes—que poderiam se sentir envergonhados—podem atribuir sua remoção ao problema de sua origem e não a

---

eos nec eorum filios et cognatos a suas Congregações reiciant. Atque haec offensus maiori erit, si post factam informationem intelligant ob illius defectum non suos filios vel cognatos admitti. Est igitur occasio magnam populi partem a nossos ministros avertendi e que plurimi singularis expectationis adolescentes não audeant ingressum Sociedade tentare, ne se periculo suum informandi gênero exponant, atque ita ad outras religiões confugient; cum illud in primis animadvertant, in aliis scilicet religiões ad honores episcopatus e aliarum dignitatum petendas, não esse aditum interclusum. Qua propter outras religiões hominibus maxime expectationis illustrabuntur, nossa porém Sociedade e seus paupertatem e inopiam persentiet, prout iam coepimus experiri" (*Inst. 184–I*, ff . 309^{r-v}).

115 "Sétima, qui etiam in Sociedade huius generis reperiuntur, aliquis de amore Sociedade e pai nosso geral amittent, cum hac de causa se ab offitiis honorificis excludi putent. Existimabunt namque se illi qui huius generis sunt ut ad tirocínio admittantur, inepti censentur, etiam iam admissos ad rectoratus e alia honorifica munera ineptos iudicandos esse. Et quidem plures eorum prudentiae, lenitatis e aliarum qualitatum defectu ad regiminis munus ineptissimos esse continget; et tamen si ad haec non promoventur, non meritorum defectui sed ortus rationi tribuent. Qua propter, licet iniuste Sociedade amorem in odium commutabunt et (quod dolendum est) si Dei amore priventur e in espírito ambição tangantur, per se atque eos qui sui generis sunt, imo e per multus outros nobres eiusdem Sociedade apud quos non parum autoritatis habent, visitatorem e xternum petere conabuntur, assignantes (ut dicunt) non causam pro causa. Non enim s uae petitionis causam quae eos precipue impellit e movet assignabunt ne se ipsos prodant huiusce generis esse, sed alias causas reddent, quae vim maior em apud externos habent. Atque ita ne harum provinciarum gubernatio a pai nostro generali pendeat, funditus tollere conabuntur. Quo fi et ut in rebus valde substantialibus alteretur institutum atque mutetur e alia religio fiat. Et quamvis vivente pai nostro generali propter ipsius animi constantiam, e invictum brachium non illis praevalituros probabile sit. Tamen cum nunc plures huius generis adolescentes sint, illo deficiente forte praevalebunt" (*Inst. 184–I*, ff . 309^{v}–310^{r}).

falta de virtude. Essa situação poderia gerar inimizade, especialmente se as dispensas fossem públicas. Eventualmente, a Sociedade seria compelida a não dispensar ou arriscar ser acusada de injustiça.[116]

Outro problema que o decreto *de genere* produz é a demissão obrigatória daqueles jesuítas conversos que ainda não foram admitidos em sua profissão solene, mas cujo impedimento de linhagem foi descoberto após sua admissão na Sociedade, onde—ao contrário de outras ordens como os Jerônimos—o período entre a entrada e os votos finais é muito mais longo (quinze anos ou até mais, se alguém não foi admitido à profissão durante toda a vida). Assim, poderia acontecer que um sujeito tivesse que ser demitido após muitos anos como jesuíta, mesmo que suas qualidades o tornassem elegível para a profissão. A linhagem—afirma Alarcón—poderia se tornar uma arma na competição entre homens religiosos, especialmente confessores de mulheres influentes que poderiam se envolver na fabricação de rumores sobre a linhagem do inimigo de seu confessor. Não é de se admirar que muitos homens graves de outras ordens religiosas afirmassem que esse decreto iria destruir a Sociedade.[117]

---

[116] "Octava, porque é extremamente difícil permitir a entrada na Sociedade daqueles que não progridem no espírito, a fim de preservar sua pureza, por este decreto. Pois muitas vezes acontece que alguns são dispensados devido a defeitos de caráter; e, no entanto, seus parentes e aqueles que têm inimizades com eles atribuirão a exclusão do gênero a esse defeito; especialmente quando há contenda pública sobre se aqueles parentes foram admitidos a este sangue; de modo que a Sociedade se tornará odiosa a todos os seus parentes, e, ao verem-se infamados pela exclusão, nossos membros serão forçados a revelar publicamente as causas da dispensa, que muitas vezes serão suficientes em questões internas, mas serão consideradas leves e insuficientes por estrangeiros. Por isso, seremos compelidos, ou a não excluir, ou seremos acusados de injustiça" (*Inst. 184–I*, ff. 310^{r-v}). [117] "Nona, quando a lei do espírito já está muito morna na Sociedade e o homem velho prevalece, haverá contendas e rivalidades entre nossos membros, tanto entre subordinados e superiores quanto entre mestres pregadores e operários. E a situação muitas vezes chegará ao ponto em que um se opõe ao outro, alegando que ele tem um impedimento essencial para a Sociedade, devido a que, quando foi admitido, houve um defeito manifesto na informação do gênero. E como esse impedimento pode ser levantado até a profissão, que ocorre após longo tempo na Sociedade, este decreto será um seminário de inúmeros vícios e perturbações, que, por terem experimentado, os religiosos temerosos da ordem do Divino Jerônimo limitaram seu decreto (como se diz), para que após o ano de noviciado, assim que alguém é admitido à profissão, não se dê espaço para essas objeções. Na nossa Sociedade, a oportunidade de levantar esse defeito entre aqueles que têm qualidades para a profissão persiste por quinze anos ou mais, enquanto entre aqueles que não serão admitidos à profissão, isso se estende por toda a vida. E como frequentemente há rivalidades e invejas entre os confessores, especialmente em relação às confissões das mulheres, se algum vestígio for encontrado para levantar esse impedimento, ele será levantado: buscando ajuda às vezes das próprias mulheres, para que sejam testemunhas ou busquem testemunhas que atribuam esse defeito ao superior ou a outro confessor que proíbe suas conversas, o que tudo causará grande escândalo entre os povos. Por isso, muitos religiosos graves de outras ordens disseram que este decreto deveria destruir a Sociedade" (*Inst. 184–I*, ff. 310^{v}–311^{r}).

A décima desvantagem do decreto que Alarcón destaca em conjunto com Possevino é a possibilidade de criar divisões na Sociedade entre os Espanhóis e outras nações, pois o decreto exclui os descendentes de judeus e muçulmanos, que vêm principalmente da Espanha, mas não os descendentes de hereges e apóstatas, que trouxeram muito mais problemas a diferentes nações do que aqueles judeus que—ajudados pela graça de Deus—se converteram. Assim, o decreto contradiz o direito comum e as decisões papais que excluem dos cargos civis e eclesiásticos os filhos e sobrinhos dos hereges e apóstatas na linha paterna, mas não os filhos de judeus que se converteram e nem mesmo os próprios judeus que se converteram. Portanto, a razão correta dita que os conversos devem ser admitidos em vez de rejeitados.[118]

Além disso, o decreto exclui aqueles cujo número na Sociedade não é pequeno e que se destacam em letras, pregação, governo e santidade, embora seus nomes tenham que ser silenciados aqui para não provocar controvérsias. Um dominicano notou o mesmo tipo de presença em sua ordem—ele fez um catálogo de pessoas sábias e santas que se destacaram nessas virtudes: a maioria delas era de ancestralidade judaica.[119]

O décimo segundo argumento contra o decreto é que ele não segue a máxima legal de que "em caso de dúvida, deve-se escolher uma solução mais segura." Assim, é mais seguro e mais seguro admitir do que excluir, dado que ninguém jamais condenou o primeiro, mas pontífices e muitos homens muito eruditos

---

118 "Decima, ocasião será de divisão entre a nação hispânica e outras da Sociedade, pois, ao serem excluídos no decreto os descendentes dos Mouros e Hebreus, o que afeta bastante os hispânicos, não os descendentes de hereges, o que influi muito mais nas nações por suas raízes, será ocasião de decisão e de indicar que a questão é mais definida pela quantidade de votos do que pelo peso das razões, pois segundo o direito comum e as decisões de todos os pontífices que governaram a igreja de Cristo, algumas das quais f oram apresentadas no início, aqueles que são descendentes de hereges e apóstatas têm uma condição muito pior do que a dos Hebreus e outros infiéis que, pela graça de Deus, se converteram à fé. Como o direito comum os exclui a eles e seus filhos e netos pela linha masculina de honrarias e dignidades eclesiásticas e seculares (c. Estatuto 2 sobre hereges em 6), não exclui, de fato, os filhos dos Hebreus que se converteram à fé, nem os próprios Hebreus ou infiéis que foram redimidos, repele [. . .] essa questão dos prescritos. Portanto, admitir aqueles, rejeitar estes parece estar contra a razão correta" (*Inst. 184–I*, f. 311^{r}). 119 "Undecima. Porque se voltarmos os olhos para aqueles que na Sociedade floresceram em letras, pregações, governo e santidade, encontraremos que não é pequena a parte desta nação; a quem, sem qualquer controvérsia, poderia mencionar, mas por honra deixo em silêncio. O que, portanto, foi feito até aqui, o mesmo poderá ser esperado no futuro. Principalmente porque diariamente os seus progenitores, que se converteram novamente, se afastam mais e mais. Além disso, o irmão Dominicus Baltbanas fez um catálogo da ordem de São Domingos, no qual mostrou que a maior parte dos homens sábios e santos que floresceram em sua religião, em doutrina e santidade, era de origem hebraica" (*Inst. 184–I*, ff. 311$^{r–v}$).

condenaram o último mesmo em tempos antigos, quando o risco de re-conversão dos judeus era muito mais real. Cajetan, como foi mencionado, considerou tal exclusão na Ordem Dominicana irrazoável. Talvez haja algumas razões, continua Alarcón, para tal discriminação nas províncias portuguesas, onde—como se diz—os Novos Cristãos não querem se casar com os Velhos Cristãos e costumavam ter um tipo diferente de educação. Além disso, diz-se que os Judeus espanhóis que fugiram para Portugal eram de famílias mais vilãs. No entanto, este julgamento deve ser deixado para aqueles que conhecem essas coisas melhor.[120]

Na Espanha, nenhuma ordem mendicante possui tais estatutos, embora algumas delas os tivessem quando a conversão judaica ainda era recente. Agora, no entanto—percebendo os enormes inconvenientes dessas leis—elas os abrogaram. Assim, essas ordens considerarão a Sociedade estranha e ansiosa por uma fama vã se agora ela emitir tais estatutos por conta própria.[121]

O penúltimo argumento contra a exclusão daqueles que têm ancestralidade judaica é, segundo Alarcón, que isso se tornará uma fonte de muitos crimes e uma ocasião para numerosos pecados, o que é incompatível com a missão da Sociedade conforme descrito nas bulas papais de Gregório XIII. Assim, a Sociedade, que foi enviada por Deus

---

[120] "Duodecima, quia in dubiis tutior pars est eligenda, c. invenis de sponsalibus, maxime inter viros qui de spiritu et perfectione evangelica assequenda pertractant. Tutius autem est et securius hos admittere quam repellere: quia hoc nullus unquam condemnavit; imo Pontífices no princípio adducti e homens de doutrina, religião e nobreza probam isso, loquendo já nesses tempos em Hispânia e de religião tão extensa como é a sociedade, muitos homens doutíssimos condenam e Caietano no lugar acima mencionado disse também que, nos tempos antigos, quando a conversão dos judeus em Hispânia era recente, e frequente o seu relapso, era irracional excluí-los da religião dos pregadores. E um sinal confirmado pela Sé Apostólica se encontra, isto é, porque houve então precipitações que honram tal estatuto. Assim como talvez agora na província da Lusitânia possam haver razões que honram tal estatuto, na qual (como se diz) aqueles que são da circuncisão não se opõem a casamentos com os cristãos antigos e têm uma educação bastante diversa da de outros cristãos antigos. E dos judeus que permaneceram na Espanha, quando foram rejeitados dessas províncias, famílias menos nobres refugiaram-se naquele reino. No entanto, o julgamento dessa questão deve ser deixado para aqueles que conhecem isso mais de perto" (*Inst. 184–I*, ff. 311^{v}–312^{r}). [121] "Decima tertia, quia in Hispania nulla religio mendicantium tale statutum habet, imo etsi aliquae earum no princípio quando a conversão dos judeus era recente, e o relapso contínuo razoavelmente o consideraram. Depois, após experimentarem os maiores inconvenientes, finalmente o abrogaram. Por isso, a Sociedade, quando todos veem que ela o emitiu novamente, será considerada ansiosa por singularidade e glória vã" (*Inst. 184–I*, f. 312^{r}).

para erradicar os pecados em sua Igreja, deve fazer todo o esforço para eliminar tais estatutos.[122]

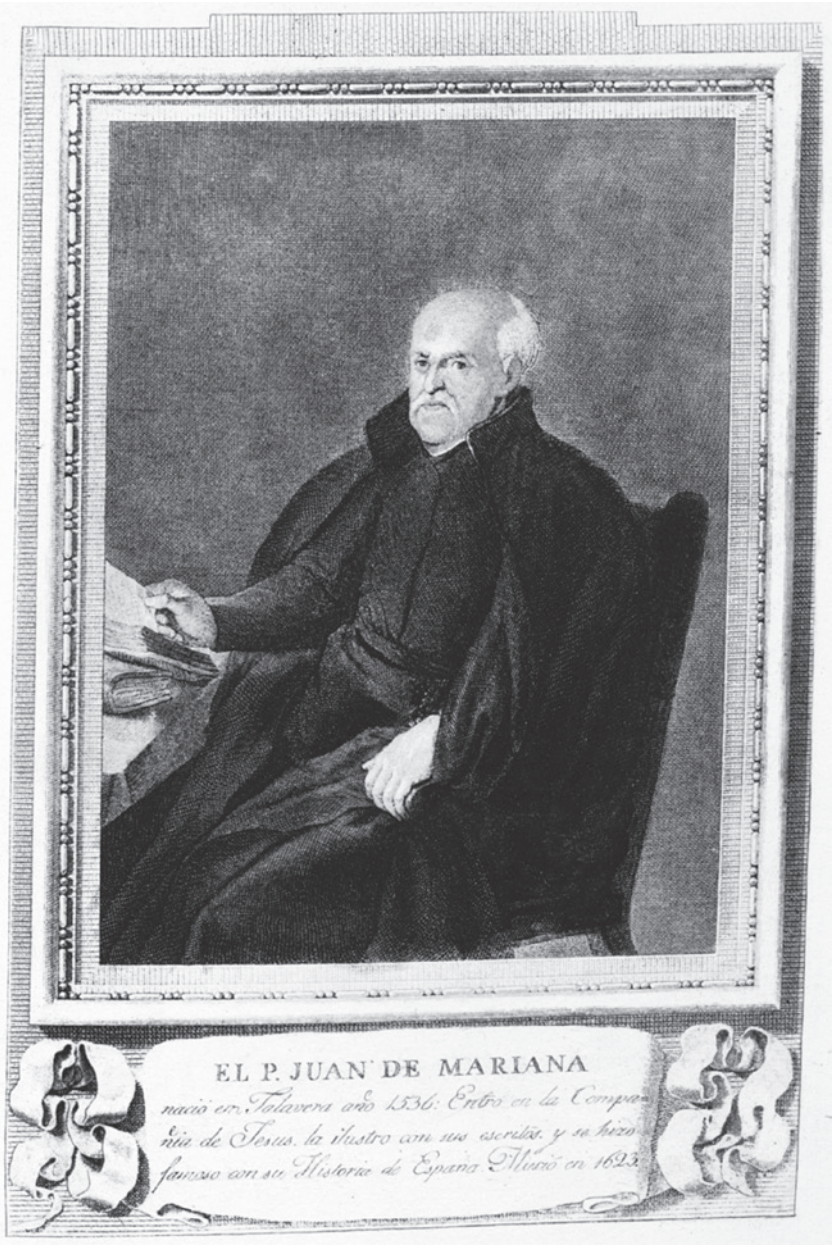
Finalmente, uma vez que a Sociedade—diferente de outras comunidades—deve ser governada paternalmente, espera-se que cada membro, independentemente de sua nacionalidade, respeite, ame e estime seu superior, especialmente o pai geral como seu pai natural. Co m este decreto, no entanto, muitos sujeitos que não são de sua nacionalidade [ou seja, não italianos], perceberão o pai geral não como um pai, mas como um juiz. Para que todos o considerem um pai, parece a muitos de seus fiéis filhos que, usando seu poder e autoridade, ele deveria buscar do pontífice algum tipo de declaração que aliviasse o rigor do decreto.[123]

Em uma escala muito menor, a alegação de Alarcón sobre o dano i nfligido à sociedade em geral pela discriminação contra conversos foi ainda mais apoiada por um dos escritores mais influentes do *Século de Ouro* espanhol, Juan de Mariana, conhecido como o avatar espanhol de Tito Lívio.

---

[122] "Décima quarta. Porque a Sociedade foi enviada principalmente por Deus à sua igreja (como atesta Gregório 13 nas bulas concedidas à mesma Sociedade) para erradicar os pecados dos povos e, fundamentalmente, excluir aqueles que são da circuncisão das confraternidades e de outras comunidades, e para eliminar as ocasiões de muitos delitos e de inúmeros pecados, como atesta o Concílio de Toledo. A Sociedade, que deveria ter se esforçado com todas as suas forças para que tais estatutos fossem eliminados, de modo que, com a sua abolição, os pecados infinitos cessem, com este estatuto, ao perceber que as próprias comunidades emanaram de homens dotados de piedade, prudência, doutrina e santidade, todos serão novamente fortalecidos em seus antigos estatutos, e de fato, as confraternidades que carecem disso agora serão formadas pela primeira vez. Portanto, a Sociedade nutrirá as raízes e as origens dos pecados com este estatuto" (*Inst. 184–I*, ff. 312$^{r–v}$).

[123] "Décima quinta. Porque a governança da Sociedade não é semelhante à governança de outras comunidades, mas é como a de uma certa família privada, entre pais naturais e seus filhos nativos. Portanto, todos os que estão na Sociedade, de onde quer que venham e de qualquer nação que sejam, devem olhar para os superiores, especialmente para o nosso Pai Geral, como um pai próprio, amá-lo e venerá-lo; e, ao contrário, devem considerar os superiores como filhos nativos, e cuidar de sua honra e conforto. Mas, com este decreto em vigor, os subordinados, que agora pertencem a esta nação, especialmente aqueles em quem o espírito da oração não vigora muito, terão alguma ocasião de olhar para o nosso Pai Geral não como pai, mas como juiz. Portanto, para que todos o considerem como pai, como realmente é e sempre foi; pareceu a muitos de seus filhos mais fiéis que fosse necessário exigir do sumo pontífice alguma declaração sobre este estatuto, a fim de que a sua rigidez seja moderada" (*Inst. 184–I*, f. 312^{v}).



Fonte: Alfred Hamy, *Galeria Ilustrada da Companhia de Jesus* (Paris, 1893), #265. Cortesia da Biblioteca John J. Burns na Boston College.

Figura 17. Juan de Mariana (1536–1624)—o avatar espanhol de Tito Lívio

Juan de Mariana

Já mencionamos Mariana no Capítulo Dois, ao apontar seus laços de sangue com o clã converso de Suárez de Toledo, e no Capítulo Três, ao tratar do movimento *memorialistas* , ao qual pertencia.[124] Filho ilegítimo de um sacerdote, Juan de Mariana nasceu em 1536 em Talavera de la Reina (Toledo). Ele entrou na Sociedade de Jesus em Alcalá em 1554; foi ordenado sacerdote em Roma em 1562; e fez seus votos finais lá em 1564. Após oito anos na Itália, junto com Juan de Maldonado, lançou as bases do primeiro Colégio Jesuíta na França, Clermont de Paris. Juntamente com Francisco Suárez e Baltasar Gracián, é considerado um dos principais pensadores da Idade de Ouro Espanhola. Além de seus eruditos comentários bíblicos, ele escreveu uma história da Espanha, *Historiae de rebus Hispaniae libriXX* (Toledo, 1592),[125] que também investigou o assentamento judaico na Ibéria pré-visigótica; um tratado sobre economia (*De monetae mutatione*, 1609), pelo qual ficou sob prisão domiciliar por quinze meses; um estudo comparativo do calendário árabe e cristão (*De annisarabum cum nostris comparatis*, 1609); e uma obra sobre governo na Ordem Jesuíta (*De reformatione Societatis* [*Discurso de las coisas da Companhia*], 1625). Ele morreu em 1624 em Toledo.[126]

Em termos mais genéricos do que Alarcón, Juan de Mariana expressou o desejo de limitar os estatutos de pureza de sangue em seu tratado (in)famoso que incluía a aprovação de um tiranicídio coletivo,[127] *De rege et regisinstitutione* (Toledo, 1599):

> A pessoa virtuosa nunca deve encontrar a porta fechada para qualquer honra ou recompensa, por mais elevadas que sejam, e pouco deve importar se ela é espanhola ou italiana, siciliana ou belga. . . . O príncipe deve decidir fir memente não permitir que famílias inteiras sejam envergonhadas por rumores vagos entre a população. As marcas de infâmia não devem ser eternas, e é necessário fixar um limite além do qual os descendentes não devem pagar pelos

---

124 Para a interpretação de Astrain sobre o envolvimento de Mariana no movimento, veja sua*História*, 3:574–7. 125 A versão revisada e atualizada em espanhol apareceu sob o título *História geral de Espanha* em Toledo em 1601. 126 Para sua ancestralidade judaica, veja Antonio Possevino, *Memorial*, f. 208^{v}. Veja também Kamen, "Limpieza e o Fantasma de Américo Castro," p. 23. Sobre o papel de Mariana como censor de livros da Inquisição Espanhola, veja AHN, Inquisição, lib. 580, ff. 27^{r}, 147^{v}, 164^{v}. 127 A obra apenas acrescentou combustível ao fogo do anti-jesuitismo na França, onde Mariana foi acusado de inspirar o assassinato de Henrique IV por um estudante jesuíta em potencial, François Ravillac.

> erros de seus predecessores, carregando sempre na testa a mancha que os marcou. . . . Pode-se acreditar que não faz mal para o estado estar dividido em facções, sempre assediado pelo ódio inacreditável da maioria de seus cidadãos, ódio do qual, na primeira oportunidade, a guerra civil e a discórdia devem surgir? Não se correria risco algum em privar de todas as honras aqueles que carregam essa mancha, se fossem poucos em número. Mas hoje, quando o sangue de todas as classes no estado está confuso e misturado, seria altamente perigoso, uma vez que temos em nosso país como inimigos todos aqueles que estão excluídos dos assuntos públicos, não por sua própria culpa, mas pela de seus antepassados. É da natureza apenas dos tiranos semear discórdia entre seus súditos... Reis legítimos sempre direcionam seu principal cuidado para garantir que todas as classes do reino estejam unidas no amor.[128]

Em conclusão, os jesuítas francos Antonio Possevino, Pedro de Ribadeneyra, Diego de Guzmán, García Girón de Alarcón e Juan de Mariana se opuseram fortemente em seus escritos à legislação anti-converso dos jesuítas, empregando os velhos argumentos da literatura pro-converso que apresentamos no Capítulo Um, mas também trazendo alguns novos pontos de vista relacionados às circunstâncias específicas dos primeiros jesuítas. Embora o decreto de 1593 tenha sido na verdade moderado, se apenas superficialmente, pela Sexta Congregação Geral em 1608,[129] , não foi revogado até mais de trezentos anos depois, em uma decisão da Congregação Geral 29 (1946), [130] que considerou o impedimento de ancestralidade inconstitucional, mesmo que não tenha condenado a discriminação racial praticada pela Sociedade nos séculos anteriores. A legislação de 1593 foi revogada quase certamente sob a influência da Shoah. [131] No entanto, essa história é material para outro livro.

---

[128] Veja Juan de Mariana, *Obras* (Madri: Biblioteca de Autores Espanhóis, 1950), vol. 31, pp. 540–2. A tradução é de Henry Kamen (veja seu *Crise e Mudança*, p. 10). Outro documento semelhante que aborda os estatutos de pureza de sangue na Espanha foi *Memorial para quitar o limitar los estatutos de limpieza* (1632) de Fernando de Valdés (falecido em 1642), reitor do Colégio Imperial Jesuíta em Madri, censor da Suprema e superior provincial de Toledo (1637–40). Veja Kamen, *Crise e Mudança*, pp. 20–1; e Ronald W. Truman, *Tratados Espanhóis sobre Governo, Sociedade e Religião na Época de Filipe II. O ' De Regimine Principum' e Tradições Associadas* (LEIDEN: Brill, 1999), pp. 333–5. [129] Para mais detalhes sobre esse processo, veja Medina, "Ignácio de Loyola," p. 608. [130] Para uma cronologia diferente desse processo, veja Baron, *História Social e Religiosa dos Judeus*, pp. 15–6; e Pike, *Aristocratas e Comerciantes*, p. 68. [131] Veja *DHCJ* 2:1946–7; Vincent A. Lapomarda, "Os Jesuítas e o Holocausto," *A Journal of Church and State* 23 (1981): 241–58; e James Bernauer, "O Holocausto e a Busca por Perdão: Um Convite à Sociedade de Jesus?" *Estudos na Espiritualidade dos Jesuítas* 36/2 (2004): 1–41. Instrumental na abolição deste decreto (veja o texto em Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, p. 625) foi um jesuíta francês de ancestralidade judaica, Auguste Valensin. Veja Laurent Coulon, "*Hebraei sunt, et ego*. Judéité et philosémitisme chez Auguste Valensin," *Archives Juives* 40/1 (2007): 58–77.

CONCLUSÃO

Assim que eu estava concluindo a redação deste livro em dezembro de 2008, a Sociedade Americana de Genética Humana publicou um artigo importante intitulado "O Legado Genético da Diversidade Religiosa e Intolerância: Linagens Paternas de Cristãos, Judeus e Muçulmanos na Península Ibérica."[1] Ele apresentou um estudo realizado por um grupo de geneticistas internacionais que analisou haplótipos do cromossomo Y em 1.140 homens da Península Ibérica e das Ilhas Baleares. A análise de sua mistura indicou uma alta proporção média de ancestralidade de fontes Norte Africanas (10,6%) e Judaicas Sefarditas (19,8%). "Apesar de fontes alternativas possíveis para linagens atribuídas a uma origem judaica sefardita, essas proporções atestam um alto nível de conversão religiosa (seja voluntária ou forçada), impulsionada por episódios históricos de intolerância social e religiosa, que, em última análise, levaram à integração de descendentes. Em concordância com o registro histórico, a análise de compartilhamento e diversidade de haplótipos dentro de grupos haplogênicos específicos sugere que o componente judaico sefardita é mais antigo" (p. 725).

Os resultados científicos não devem ser surpreendentes para o leitor deste livro. Ele testemunhou a presença significativa de uma minoria de povo judeu na Península Ibérica e nas Ilhas Baleares antes de 711 d.C. (estimada no artigo em 100.000, que constituía cerca de 1,25% da população ibérica projetada de 7 a 8 milhões) e a criação de um novo grupo social não menos considerável de seus descendentes (conversos), especialmente após as massivas conversões de 1391, que não diminuíram a presença dos Judeus (que são estimados no artigo em 400.000 na época da Expulsão de 1492). Quando Inácio de Loyola e muitos dos primeiros jesuítas nasceram entre o final do século XV e o início do século XVI, aproximadamente 240.000 Judeus decidiram ficar na Ibéria (e, portanto, se converter ao Cristianismo). Se somarmos esse último número ao número de conversos que se multiplicaram nos cem anos entre 1391 e 1492, não é inesperado encontrar que o converso

[1] 12, 2008 83 72536Susan M. Adams et al., *O Journal Americano de Genética Humana* (Dezembro): – .

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

o grupo foi altamente influente tanto na sociedade cívica quanto na eclesiástica, especialmente se considerarmos a proveniência predominantemente urbana da classe média dos convertidos judeus.

Dada a surpreendentemente alta proporção de ancestralidade judaica sefardita que o estudo genético citado estabeleceu, os historiadores que estudam quase qualquer aspecto do mundo ibérico moderno inicial não podem negligenciar o papel dos conversos. Se os jesuítas foram fundados por um grupo cuja maioria descendia da Ibéria, é absolutamente lógico que eles tivessem que enfrentar o problema da presença de conversos em suas fileiras, como o capítulo dois mostrou. Os primeiros jesuítas trouxeram para sua Ordem a experiência multifacetada de conversos espanhóis, portugueses e baleares.

Como observamos, o segundo superior geral da Sociedade de Jesus, Diego Laínez, era um descendente de judeus castelhanos que se converteram ao cristianismo após os pogroms de 1391 . A participação da família de Diego na vida católica era impressionante—seus numerosos parentes que ingressaram nas ordens religiosas incluíam seus dois irmãos e dois sobrinhos que entraram na própria Sociedade de Jesus. Irmãos conversos se juntando aos jesuítas podem ser vistos como um padrão. Baltasar Loarte seguiu seu irmão mais velho Gaspar; Baltasar Suárez entrou após seu irmão mais velho Francisco; e outros quatro irmãos de José de Acosta, Jerônimo, Diego, Bernardino e Cristóbal, tornaram-se jesuítas. As famílias Acosta e Loarte vieram da mesma cidade castelhana de Medina del Campo, onde outros jesuítas conversos—Baltasar de Torres e José de San Julián, bem como Pedro Cuadrado, que apoiou financeiramente Loyola durante seus estudos em Paris—também nasceram.

A ajuda financeira que muitas famílias conversas que ofereceram seus filhos à Ordem Jesuíta deram à ordem reflete seu status social e econômico na sociedade. Melchor del Alcázar e Ana de la Sal Hurtado de Mendoza, pais do famoso jesuíta Luis del Alcázar, contribuíram financeiramente para a fundação do Colégio Jesuíta San Hermenegildo em Sevilha; a família do jesuíta Alexandre de Rhodes doou 3.000 *librarum* ao Colégio Jesuíta em Avignon; e a lista continua.

A posição influente das famílias conversas jesuítas também pode ser vista em seus altos cargos governamentais. Hernando Ortiz de Cisneros, o bisavô de Pedro de Ribadeneyra, foi pajem da Rainha Isabel e, mais tarde, governador de Toledo. Gregorio de Polanco, o pai do secretário de longa data da Sociedade, Juan Alfonso de Polanco, foi o *regidor* da cidade de Burgos. Alonso de Toledo, o avô de Francisco Suárez, foi o mordomo dos reis católicos, com quem se mudou para a Granada re-conquistada de sua Toledo natal. O Toledano con-

a família verso de Suárez de Toledo estava relacionada a Álvarez de Toledo, o Arcebispo-Cardeal de Burgos; don Francisco de Toledo, Vice-Rei do Peru; e os proeminentes jesuítas Cipriano Sóarez e Juan de Mariana. Este último nasceu como filho ilegítimo de um sacerdote, assim como o mártir jesuíta Ignácio de Azevedo, neto do converso João Gomes de Abreu, famoso poeta e navegador português.

Basta a reiteração da invocação desses poucos nomes para co nfirmar a magnitude do papel que os cristãos de ancestralidade judaica desempenharam na fundação e desenvolvimento da Sociedade de Jesus—desde sua influência inicial até o eventual impedimento de filiação—que este livro procurou explicar. A relevância do tema deste trabalho reside na análise da correlação de dois tópicos históricos importantes que, esperançosamente, continuarão a atrair considerável atenção acadêmica: as origens e a adoção das leis ibéricas de *limpeza*; e a fundação de um dos movimentos católicos mais influentes, a Sociedade de Jesus, cujo fundador e a maioria de seus membros vieram da Ibéria, onde a mania da *limpeza* se originou um século antes da fundação da Ordem.

APÊNDICE I

MEMORIAL DE BENEDETTO PALMIO

O manuscrito sem título e sem assinatura está encadernado no códice ARSI, Institutum 106, ff. 92ʳ–132ᵛ, adjacente a outro manuscrito da mesma mão, "De gubernatione Societatis." Um amanuense do século dezesseis o escreveu com uma caligrafia cuidadosa, mas possui correções e interpolações de outra mão. Juntamente com minhas emendas, estas últimas estão anotadas no aparato crítico da presente edição crítica do manuscrito. Reorganizei o texto, numerado por fólio, em parágrafos, aos quais atribuí números entre colchetes ([ ]). Refiro-me a esses números em citações do manuscrito ao longo deste livro.

[f. 92]

[1] Descrição das causas pelas quais ocorreram as discórdias com muitos males e inconvenientes que ainda nos afligem na Companhia, para que, sendo entendidas, se reze a Deus para que nos ilumine a remediar como convém e é necessário para o seu serviço e glória.

[2] Meritamente vos contristais e vos afligis pela grande perturbação e divisão que nestes nossos tempos vedes ser descoberta na Companhia nossa que desde o seu princípio viveu até agora em suma paz e união, ao menos nestas nossas bandas.[1] E vos maravilhais de onde tenha procedido e entrado entre nós esta peste, mas convém recordar aquela parábola do Senhor: E tendo semeado nos campos os belíssimos semes, *cum dormirent homines, venit inimicus homo et superseminavit zizania*,[2] que agora abertamente se vêem ter nascido entre o trigo. E se desejais saber [92ᵛ] as causas e as ocasiões das quais se serviu o demônio para suscitar a tempestade da divisão entre nós e incêndio das discórdias que nos afligem, digo-vos que foram muitas, mas por agora vos manifestarei [somente] algumas

[1] Isso está na Assistência da Itália, para a qual Palmio foi assistente do superior geral. [2] *Mateus* 13:25.

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

che são stati os principais e a verdadeira origem dos males que padecemos. E entre estes, o primeiro foi a multidão dos neófitos da Espanha.[3]

[3] E para entender isso, você deve saber[4] que existem duas sortes de h[o]mens na Espanha: alguns que se chamam Cristãos velhos e outros Cristãos novos que têm sua descendência dos Judeus e dos Mouros que s e converteram[5] na Espanha ao Cristianismo pelos editos que fez o Re católico contra eles.[6] E porque desde aquele tempo até agora se têm descoberto entre esses homens, e ainda se descobrem, pessoas [93] de péssimos costumes, tanto homens como mulheres que sob o nome de Cristãos vivem à maneira Judaica e à maneira Mourisca,[7] para refrear essa diabólica impiedade foi introduzida na Espanha a Inquisição tão severa; mas, embora quase todos os anos e de tempos em tempos muitos deles sejam vistos sendo queimados[8] e condenados, não se levanta, porém, o escândalo de tão grande impiedade, porque sempre se vêem proliferar[9] em diversas cidades da Espanha. Daqui resulta que essa sorte de homens é tão odiada e abominada na Espanha, encontrando-se as igrejas cheias de habitéis[10] desses que foram [condenados pela Inquisição. Por essa causa se diz que quase todas as religiões[11] na Espanha (depois de terem experimentado [93ᵛ] que onde havia algum

[3] O principal argumento do memorial de Palmio é repetido abaixo ([22]). [4] Leia: Para entender isso, você deve saber que . . . [5] Uma forma antiga italiana para *convertirono*. [6] É uma alusão ao decreto de 1492 dos *Reis Católicos*, Ferdinando e Isabel, que expulsou da Espanha todos os Judeus que se recusaram a aceitar o Cristianismo. Palmio parece não saber que conversões judaicas ao Catolicismo ocorreram já no final do século XIV (1391) e ao longo do século XV, ou até mesmo antes. De fato, muitos jesuítas conversos eram descendentes de Judeus que já haviam se convertido antes da expulsão. [7] Leia: che vivono alla giudaica o alla morisca. [8] Leia: bruciati. [9] Leia: perché di loro se ne vedono ancora pullulare molti . . . [10] Por *habitel[l]i* Palmio se refere aqui a *san-benitos*, vestimentas penitenciais de tecido amarelo, semelhantes em forma a um escapulário beneditino, da qual vem o nome. Eles tinham uma cruz vermelha de São André na frente e atrás. Veja Lea, *História*, vol. 3, p. 172: "O costume de suspender nas igrejas os *habitelli* ou *sanbenitos* dos reconciliados e relaxados parece ter sido emprestado da Itália pela Espanha, pelo menos em alguns lugares. É mérito da Inquisição Romana que ela desaprovou essa prática bárbara, como aparece em um decreto de 1627 ordenando que fossem removidos da catedral de Faenza e queimados secretamente." Em sua autobiografia, Palmio menciona os *habitelli* dos avós do jesuíta Francisco de Toledo pendurados em uma igreja de Córdoba: "L'Ambasciatore di Spagna sentendo questi ragionamenti sparsi per la corte disse al Papa che quest'huomo era novissimo cristiano et che erano in Cordova abitelli dell'avo et altri suoi parenti" (ARSI, *Vitae* 164, f. 24ᶠ). [11] "Religione" significa aqui ordem religiosa, como Jerônimos, Dominicanos,

Franciscanos, e outros.

di costoro, não se podia viver em paz, além dos escândalos[12] que deles procediam e das infâmias que por conta deles sofriam) determinaram não aceitar pessoa alguma que se possa saber que tenha descendência de costoro. Por esta mesma causa, há alguns anos, foram excluídos da igreja Toletana, que determinou com gravíssimos decretos que nela não pudessem ter dignidade alguma.[13]

[4] Pela nota que padece esta sorte de gente na Espanha, a feliz memória de Nosso Pai Inácio no 3º cabeça do Exame geral quis que aos Espanhóis que entravam na Companhia, particularmente se perguntasse se eram novos Cristãos, pretendendo ele que dessa sorte de gente se recebiam muito poucos e que estivessem na [94] Companhia sempre conhecidos. E aqueles que foram recebidos àquela hora sempre os manteve fora da Espanha. E daí nasceu que, devendo enviar alguns para a Espanha e outros ao Rei João de Portugal para as Índias, não quis enviar senão Cristãos antigos. E assim na Espanha enviou o Padre Antônio Araoz,[14] Bascaino,[15] homem de grande juízo e de singular virtude, como dizem todos aqueles que o praticaram e conheceram; ao Rei João de Portugal enviou Mestre Simão Rodrigues, Português, que plantou com a bondade e virtude sua a Companhia em Portugal, e o Padre Francisco Xavier no lugar do Padre Bobadilla[16](que se e ncontrando gravemente doente, não pôde, como estava designado, ir naquela missão). E chegando [94ᵛ] que foi em Portugal, se foi às Índias, onde Deus o havia destinado. *E a memória deste será*

---

12 Significativamente, o termo *scandali* ou *scandalizzare* é utilizado por Palmio dez vezes neste memorial. 13 Palmio se refere aqui aos *estatutos de limpieza de sangre*. 14 Compare com a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 17 e 109ʳ). 15 Parece que, ao indicar as origens bascas de Araoz, Palmio tentou ressaltar sua pureza de sangue, uma vez que os Bascos eram conhecidos por se orgulharem de não terem antecedentes judaicos. As melha *ordenanzas* de Guipúzcoa promulgadas em 1527 proibiam a residência de conversos em sua província, bem como o casamento com eles (veja Sicroff, *Los estatutos,* p. 117, que observa que dizer "vizcayno" era uma forma indireta de dizer "Cristão Velho"). É revelador a resposta de Loyola durante o julgamento da Inquisição em Alcalá: "Otras observancias del sábato las ignoro, ni en mi tierra suele haber judíos" (*Fontes narr.* 2:548). No entanto, a ausência de Judeus e conversos na província de Guipúzcoa era um mito, como José Luis Orella Unzué demonstrou em "La Provincia de Guipúzcoa y el tema de Judíos en tiempos del joven Iñigo de Loiola (1492–1528)," em Plazaola, ed., *Ignacio de Loyola y su tiempo*, pp. 847–68. Veja o Capítulo Dois para os detalhes. 16 Palmio menciona Bobadilla mais uma vez neste memorial ([12]) como o principal oponente do papel do converso no governo central dos jesuítas após a morte de Loyola (1556).

sempre na benção dos santos[17] por sua grande santidade. E foi ele o Pai que conduziu o Japão à luz do Evangelho.

[5] Hora, se esta gente tivesse se mantido baixa, como se havia começado, e não tivesse deixado crescer tanto na Companhia, como cresceu, estaria sem dúvida livre de tantos males que nestes nossos tempos a afligem e a trabalham. Como, portanto, isso aconteceu? Feito que foi o Padre Francesco Borgia de boa memória Comissário na Espanha[18] (coisa procurada muito astutamente pelos novos Cristãos que pensaram,[19] com a autoridade deste padre e com o favor que esperavam[i] de [95] ele, [de] dever prevalecer sobre os Cristãos velhos e a tanta presunção não se teriam[20] nunca levantado, perseverando o P. Antonio Araoz no ofício do Comissariado que lhe havia sido dado pela boa memória do P. Inácio, e o tinha mantido até agora), fez, *especie recti*enganado, como firmemente acreditamos, duas coisas totalmente contrárias ao que sempre havia feito com grande juízo e prudência o P. Araoz. A primeira foi que se deu sobremaneira a multiplicar colegiatos[ii] dos alguns que eram de grande distúrbio à Companhia [e que] já se deixaram. A 2ª segunda foi que abriu tal maneira a porta a esta sorte de gente que quase não se recebia então outras pessoas na Espanha, porque os Cristãos velhos, vendo tal coisa, fugiam [da]a[95v] Companhia. E pela multidão dos neófitos que nela se recebiam, o Rei a chamava de " sinagoga dos Hebreus," como de pessoas de autoridade foi dito e afirmado. E porque as outras religiões[21] não os queriam, pela grande facilidade do P. Borgia[22] [de admiti-los], cor

[i] *correctum ex* c'ebbero [ii] *correctum ex* aqueles dez

[17] Uma paráfrase de *Eclesiastes* 45:1. [18] O trabalho do comissário era supervisionar os superiores provinciais de uma região; neste caso, Borja supervisionou os três provinciais da Espanha e o de Portugal, entre eles Araoz. Ele foi nomeado para este cargo por Loyola em 1554 e o relinquiu sob Laínez em 1559. Durante sua viagem à Ibéria como comissário, Borja foi acompanhado por Dionisio Vázquez (veja abaixo [8]). [19] *Pensorno* é uma forma de *passato remoto* antiga italiana para *pensarono*. [20] *Sarebbono* é uma forma condicional antiga italiana para *sarebbero*. [21] Significado: ordens religiosas. Veja acima [3]. [22] Veja o título significativo do capítulo dedicado a esse tema na autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae* 164, f. 13v): "Dell'inganno del Demonio col quale procurò sotto prestesto di santità introdurre uno spirito nella Compagnia muito diverso da quello che per mezzo d'Ignatio gli aveva communicato Dio N[ostro] S[ignore]." Palmio atribui esta infidelidade à influência exerci da sobre Borja e outros jesuítas por um certo converso *frate* da Andaluzia chamado Giovanni [Juan de Tejeda]: "che era tenuto

revano a lui. D'onde é avvenuto que a Companhia em cada banda se encontra cheia desta gente. E embora o P. Antonio Araoz, considerando o dano que disso recebia a Companhia bravamente, se opusesse e contradissesse, não obstante nunca pôde fazer coisa alguma e impedir que as coisas começadas pelo P. Borgia não avançassem, porque aqueles que governavam em Roma eram quase todos neófitos.

[6] O bom Pai Lainez que verdadeiramente era um [96] santo,[23] cheio de singular virtude e de doutoramento excelentíssimo, ainda que tivesse descendência destes, como ele mesmo disse, atribuindo esta causa quando o quiseram fazer Geral para se livrar deste fardo[24](*era pois este homem dos filhos de Abraão não segundo a carne, mas segundo o espírito: e verdadeiro israelita em quem não havia dolo*),[25] vendo os males que começavam a brotar na Companhia e se manifestar demasiado abertamente, desejou prever, para que não avançassem e não fizessem maiores raízes, principalmente quando se deu conta de que aqueles que estavam ao seu lado não caminhavam bem, mas prevenido pela morte não pôde fazer outra coisa. No[iii] início porém do seu generalato, porque [e]ele acreditava [no que] [96^{v}] lhe persuadiram: que era bom aquilo que fazia o P. Borgia, procurando igualmente alienálo do P. Antonio Araoz. E porque quando o bom Pai se dedicava muito aos estudos e se encontrou ocupado tanto na França[26] quanto no Concílio de Trento, e em outros

[iii] *antes* Mas antes que morresse, ele os *deletum*

homem de grandíssimo espírito e estimado por Francesco de Borgia, que entrou na Companhia e, pela afeição que lhe tinha, procurou com toda diligência fazê-lo sacerdote e, como isso não podia ser obtido na Espanha, o mandou a Roma com Ignácio" (ARSI, *Vitae* 164, ff. 13$^{r–v}$). [23] Laínez é o único converso que Palmio retrata benevolentemente. Muito provavelmente isso se deve ao fato de que o primeiro foi instrumental na vocação do segundo para a Sociedade—Palmio decidiu fazer os Exercícios Espirituais após ouvir Laínez pregar em sua nativa Parma. [24] Esta informação também é atribuída a Possevino (veja *Mon Laínez* 8:837). [25] Uma paráfrase de *João* 1:47, *Romanos* 4:1 e *Gálatas* 3:7. [26] Laínez foi enviado pelo papa para participar do colóquio de Poissy (1561), de onde seguiu para Trento. Palmio parece esquecer aqui que Laínez foi acompanhado por Polanco. Ambos retornariam a Roma apenas em dezembro de 1564. Durante esses três anos de ausência, Polanco foi substituído por Cristóbal de Madrid, que às vezes era assistido por Ribadeneyra. Ambos foram acusados por Palmio de fazer parte da conspiração dos conversos . Sobre esta viagem, veja Scaduto, *Azione*, pp. 113–35.

coisas de grandíssima importância,[27] não foi [a] esses homens muito difícil levar adiante sob ele seus planos.[28]

[7] Esses males ainda tiveram aumento pela diversidade do espírito em que o P. Francesco Borgia foi instruído por certos frades antes de entrar na Companhia. E nele sempre se viram muitas coisas bastante distantes do instituto da Companhia e daquele modo que pretendia a santa memória do Nosso P. Inácio que se observasse e se mantivesse nela. E de fato, as pessoas educadas [97] pelo P. Borgia em sua conversa, em comparação com aqueles que foram instituídos pelo P. Inácio, pareciam verdadeiramente homens de outra religião,[29] dedicados a cerimônias e aparências. E mais se aproximavam da vida monástica e cartesiana do que do instituto da Companhia. E daí nasceu que no te mpo do generalato do P. Borgia[30] [a Companhia] se viu muito alterada. E uma alteração muito maior teria ocorrido se os Assistentes[31] não ti vessem unido o olhar para conservar a pureza do instituto e a disciplina que deixou a boa memória do Nosso P. Inácio. E embora eu pudesse aqui narrar muitas coisas que foram propostas por alguns, aos quais dava grande crédito, para que as introduzisse sob o pretexto de conservar os noviços que entravam [97ᵛ] na Companhia e promover outros a maior perfeição, contentar-me-ei [em] escrever uma [coisa] somente, da qual o resto poderá ser entendido.

---

27 Laínez e Salmerón participaram no Concílio de Trento em 1546. Os dois retornaram lá em 1563, acompanhados por Polanco e Nadal, após Laínez e Polanco terem participado no colloquy de Poissy. Palmio omite em seu memorial o papel de Polanco nas atividades de Laínez na França e em Trento. Considere que todos os jesuítas que participaram no Concílio de Trento eram espanhóis e pelo menos três quartos deles eram conversos. Sobre a participação dos jesuítas no Concílio de Trento, veja, por exemplo, Mario Amadeo, "A Companhia de Jesus e o Concílio de Trento," *Estudos* 74 (1945): 420–33; Antonio Astrain, " Os espanhóis no Concílio de Trento," *Razão e fé* 3 (1902): 189–206 e 289–303; James Brodrick, "Os jesuítas no Concílio de Trento," *Th e Month* 154 (1929): 513–21 e 155 (1930): 97–108; Jacobus Laínez, S.I., *Disputationes Tridentinae ad manoscriptorum fi dem edidit et commentariis histori- cis instruxit Hartmanus Grisar, S.I.* (Oeniponte: Typis et sumptibus F. Rauch, 1886); Kazimierz Piwarski, "Sobór Trydencki i jezuici," em Kazimierz Piwarski, ed., *Esboços da história do papado* (Varsóvia: Livro e Conhecimento, 1958), pp. 45–97; e Mario Reguzzoni SI, "Um contributo à história da pedagogia. Os jesuítas em Trento," *Civilização Católica* (1989): 260–5. 28 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 19). 29 Leia: di un altro ordine religioso. 30 Entre os anos de 1565 e 1572. 31 Os quatro assistentes gerais eleitos pelo GC 2 em 1565 foram: Araoz (por Espanha), Mercurian (por França e Alemanha), Palmio (por Itália) e Diego Miró (por Portugal, Índia e Brasil). Veja abaixo [13]. Para seus perfis como assistentes, veja Scaduto,*Francesco Borgia*, pp. 67–75.

[8] Dionísio adunque Vázquez[32] que foi a ruína da Companhia Romana e autor de todos os males que vieram da Espanha, Rodriguez que era Provincial, Ruiz Mestre de noviços,[33] Ledesma que lia teologia no Colégio [Romano] com outros desta sorte de homens, sob certo pretexto de maior bem lhes[34] tinham dado a entender que era necessário dividir o Colégio Romano em quatro partes,[35] colocando em uma noviços do 2º ano, na 2ª aqueles que terminavam o noviciado, na terceira aqueles que se mostravam mais desejosos da perfeição religiosa [e] na 4ª aqueles que estavam inquietos,[iv] designando a cada uma dessas classes um chefe que tivesse a [98] dirigir e governar. Sendo deliberado de executar este desenho, [Vázquez] <style id='47}>foi ao Colégio, levando-me apenas consigo,[36] sem, no entanto, me dizer o que queria fazer. Assim, tendo-se repousado após almoçar[37] e tendo chamado os ditos padres, na presença deles me disse que tinha ânimo de fazer tal coisa, julgando que seria de grandíssimo auxílio ao Colégio e levantaria diversas desordens que entendia estar nele, mas que desejava saber, antes de executar qualquer coisa, a minha opinião. E porque[v] a coisa me pareceu muito nova, perigosa e cheia de grandíssimos inconvenientes que sucederiam, quando fosse posta em execução, respondi que o negócio me parecia digno de grande consideração e que antes de responder [98ᵛ] desejava saber as causas pelas quais haviam se movido os Padres que se encontravam presentes a persuadi-lo tal coisa. Assim, tendo entendido os motivos deles, por último, falando eu disse que

---

[iv] *Adicionado na margem* [v] *Adicionado na margem*

---

[32] Palmio dedica a Vázquez mais parágrafos abaixo ([13], [20–1] e [30]). [33] Veja o Capítulo 18 (“Della turbatione causata per il Provincialato di Ruiz e de tanti assistenti che haveva introdutto il Borgia tutti Spagnoli”) da autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 33–33ᵛ): “homo di bona mente et da bene, ma alevato e nutrito in quella novità di spirito di quel frate Giovanni, di che si è detto di sopra, per il che P. Borgia il [*sic*] fece Maestro de Noviti in Santo Andrea. [Egli] comentiò a introdure uma certa forma de noviciado muito diferente daquela que se servou no tempo de Inácio, principalmente em Messina, onde se deu princípio à primeira casa de noviços; [. . .] era mais conforme ao monaquismo.” Pergunta-se, porém, por que Ruiz foi nomeado para redigir as regras para o noviciado jesuíta durante o GC 3, se ele era um tão mau mestre de noviços. [34] Isso é para Borja. [35] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 34ᵛ–35ᵛ e 151–151ᵛ). Como escolástico, Palmio estudou no Colégio Romano de 1553 a 1556. [36] Significado: trazendo-me sozinho com ele. [37] *desinare*: comer a refeição principal do dia, geralmente o almoço.

eu me maravilhava que tal coisa se propusesse, que não era para ajudar, mas para arruinar o Colégio e empírio[38] de ódios, de dissensões, de discórdias, de divisões e de toda sorte de males, rompendo e dissipando a caridade, a paz e a união que era o fundamento daquele Colégio e de t oda a Companhia, a qual necessariamente [se] corromperia toda vez que o Colégio Romano [fosse] corrompido e depravado, encontrando-se cheio de tantas nações, às quais era necessária não a divisão, mas a união. E acrescentei que quando[vi] se desejasse [99] a ruína do Colégio e da Companhia, não se poderia encontrar o melhor meio para isso. Disse mais: que desejava saber os desordens, os escândalos e os males que havia no Colégio, porque com a proposta que haviam feito me davam a entender que havia grande pravidade e corrupção e que quando assim fosse, não ajudaria a distinção que se tinha pensado em fazer, mas já l ogo conduziria o Colégio a uma extrema ruína e que muito melhor seria licenciar da Companhia todos aqueles que a perturbavam com os péssimos costumes deles, ainda que[vii] fossem cinquenta, ou sessenta, não havendo esperança de poder ajudá-lo com o meio que se tinha proposto. E porque então respondendo o P. Geral[Borgia], me disse que pela graça de Deus [99não] havia tantos males e que tudo se reduzia a certas imperfeições de alguns poucos, então eu disse, alegrando-me que assim fosse e agradecendo a Deus, que não convinha por[viii] tais respeitos introduzir tantas distinções e partes no Colégio que não poderia ser senão de extremo dano, extinguindo a paz entre os colegas, porque esse modo não servia para outra coisa senão [para] separar os ânimos e introduzir no Colégio diferentes modos de viver, e que alguns seriam nomeados os observantes, outros conventuais; estes Capuchinhos e aqueles Cartesianos. Depois me voltei para o P. Ledesma, que tinha sido o principal autor dessa bela invenção, e lhe disse que se estivesse vivo o P. Inácio de santa memória, não [100]o teria mantido uma hora na Companhia, julgando-o quase um homem inimigo dela e exterminador da paz e da união, das quais depende todo o bem da Companhia.[39] E por razões que eu

---

vi *ante* se desid *deletum* vii *ante* que *deletum* viii *ante* que *deletum*

---

38 Leia: riempirlo. 39 Veja o parágrafo sobre Ledesma no capítulo dois, do qual se aprende que seu papel na construção das bases do sistema pedagógico jesuíta foi fundamental (veja seus vários textos em MHSI, *Mon. paed.*). Aparentemente, Palmio não pensava assim.

disse o bom P. Borgia deixou em tudo e por tudo aqueles pensamentos e não se fez outra coisa, porque conheceu que o meio que lhe havia sido proposto seria perniciosíssimo.

[9] Dessa forma, portanto, o modo de proceder do bom P. Borgia é em tudo e por tudo diferente daquele que mantinha o P. Araoz[ix] gerou tanta divisão entre nós da Espanha que toda a Companhia a sentiu não sem grave dano e perturbação. E isso particularmente em Roma, onde estando[se] congregados homens de diversas nações, nunca nos tempos passados se ouviu uma mínima palavra [100v] sobre tal divisão, ao contrário, vivia-se com tanta simplicidade, união e paz que entre nós se via cumprido por graça de Deus o que se lê nos Atos dos Apóstolos, *erat illis anima una et cor unum.*[40] Nem se fez jamais uma mínima diferença entre nações, *nec erat inter eos neque Scyta, nequeBarbarus, neque Iudaeus, neque Gentilis, sed Christus erat omnia inomnibus et omnis eramus unum in illo.*[41] Cresceu de tal maneira essa divisão entre cristãos velhos e novos que antes que se começasse a celebrar a 2ª Congregação [Geral][42] foi apresentado a Pio 4[43] de feliz memória um libelo cheio de queixas. E nele estava descrita muito longamente essa divisão que havia na nossa Companhia na Espanha a respeito dos cristãos velhos e novos[44] [101] e que se encontravam entre eles duas facções: uma dos cristãos velhos c ujo chefe era Antonio Araoz,[x] a outra dos cristãos novos que seguiam como chefe deles Francesco Borgia. E naquela escrita, após um longo catálogo que se fazia dos novos cristãos e particularmente daqueles que à época

---

ix *ex* Araoz *correxi* x *ex* Araoz *correxi*

---

40 *Atos dos Apóstolos* 4:32. 41 Esta é uma paráfrase de *Gálatas* 3:28 (“Não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há homem nem mulher; todos vós sois um em Cristo Jesus”) e *Colossenses* 3:11 (“Onde não há homem nem mulher, grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro nem cita, servo nem livre: mas Cristo é tudo e em todos”). 42 A Segunda Congregação Geral foi convocada pelo Vigário Geral Borja em 1565. Ele foi eleito geral. 43 O Papa Pio IV (Giovanni Angelo Medici) nasceu em 1499. Foi eleito papa por aclamação em 1560. Pio IV criou cardeal seu sobrinho Carlo Borromeo, a quem designou a tarefa de investigar o conflito jesuíta mencionado no parágrafo seguinte [10]. Pio IV nomeou Claudio Acquaviva como camareiro papal antes da entrada deste na Sociedade de Jesus. Pio IV morreu no mesmo ano que Laínez (1565). 44 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff . 150r–151).

governavano a Companhia com P. Borgia, que era Vigário Geral,[45]com grandíssima instância se suplicava Sua Santidade que se dignasse prover quanto antes, a fim de que esta facção dos novos cristãos não avançasse, porque crescendo se tornaria a perder e a dissipar a Companhia e a impedir o bem grande que Deus por ela misericordiosamente se dignava operar.

[10] Tendo o Papa recebido esta informação, [101v] cometeu ao Ilustríssimo Cardeal Borromeo que considerasse com outros quatro cardeais o que deveria ser feito para remediar a estas desordens.[46] O Cardeal Borromeo, porque amava muito a Companhia, antes de tratar qualquer coisa disso com outros Cardeais, porque muito se fiava de mim,[47] me comunicou este negócio e me disse que o ânimo de Sua Santidade era de prover de qualquer modo, mas que antes de mover qualquer coisa nesta matéria queria saber de mim, se julgava que tal coisa se tratasse em Roma. E me disse que haveria feito o ofício com o Papa que tivesse julgado dever ser feito[48] para maior serviço de Deus e maior bem da Companhia. Assim, tendo eu pensado e recomendado[102] este negócio a Deus Nosso Senhor, estando nós então congregados para fazer o Geral e pensando firmemente que aquele que fosse eleito haveria provisto com o conselho dos Assistentes que a Congregação lhe tivesse dado[xi] sem publicar estas maganhas[49]da nossa religião, persuadidos ao Ilustríssimo Borromeo que fizesse ofício com Sua Santidade que se contentasse que a Companhia mesma de

[xi] *ex* dados *corrigi*

[45] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 19r): "Um longo catálogo destes novos cristãos entre os quais ainda estavam contados alguns que governavam a Companhia em Roma e não se sabia que tinham esta nota [. . .]. E se é lícito adivinhar, parece que tudo isso foi apresentado ao Papa para impedir que Francesco Borgia não f osse Geral, como se temia que deveria ser, especialmente ao ver que ele havia sido feito vigário." [46] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 106v–107r). [47] Palmio foi o chefe da primeira comunidade jesuíta estabelecida em Milão em 1563. Ele mais tarde se tornou secretário pessoal de Borromeo. Apesar do trabalho de Palmio em Roma como assistente geral, Borromeo insistiu em tê-lo em Milão por muito tempo. Isso provocou uma tensão entre a cúria jesuíta em Roma e o cardeal (veja *Mon Borgia* 4:250–1 e 264, e ARSI, *Ital. 139,* f. 283). Para o epistolário entre os dois preservado na *Ambrosiana* de Milão, veja http://epistolariosancarlo.ambrosiana.it/ lettere.asp?idutente=3219.[48] leia: si avessi giudicato che questo si doveva fare . . . [49] *falha*: falha, imperfeição, deformação.

se medesima provedesse, poiché si trovava in procinto per eleggere il novo Geral et per provedere a molte cose che havevano biso- gno di provisione com l'autorità della Congregação Geral. Così, perché io aff ermai all'Ilustríssimo Borromeo che la Companhia have- rebbe proveduto, come io credevo di certo dovesse provedere, accettò il consiglio e parer mio, giudicando [102v] che questo fosse il meglio. Ma in eff etto non successe quello che mi era [stato] dato ad intendere[di] dover succedere, perseverando il P. Borgia nell'amore et nel cre- dito che dava a questi nuovi Cristãos. Però ancora che dasse inten- tione di voler provedere, facendo io più volte grande instanza sopra di questo, sentendome essere obligato per l'offi tio che havevo fatto com l' Ilustríssimo Borromeo.[50] Nientedimeno non solamente non si pose rimedio alcuno, ma crescendo il numero et l'autorità di questi neo- fi ti sotto il generalato del Padre Francesco, le cose si videro andar di giorno in giorno peggiorando, come gli eventi l'hanno mostrato: che è occorso nella 3ª Congregação, d'onde diversi altri escândalos hanno[103] havuto origine.

[11] Esta divisão entre os cristãos antigos e novos da Espanha, embora se manifestou e se entendeu, como se disse, depois que o P. Francisco Borgia foi feito Comissário na Espanha e eleito em Roma Geral da Companhia, não obstante [esta divisão] teve seu princípio quase com [o nascimento da]mesma Companhia e se viu proliferar também[51] vivendo o P. Inácio.[52] E porque eu era[xii] naquela época um dos quatro consultores designados pelo próprio Pai [Inácio], por algumas coisas que ouvi naquela época, fiquei em suspeita de que não se caminhava com aquela clareza e simplicidade que eu me persuadia.[53] E até aquele momento comecei a temer dentro de mim que não ocorresse algum embaraço na Companhia. Embora esta [103v] minha suspeita não

[xii] ex era *corrigi*

[50] Para a defesa de Palmio de seu suposto amor pelos Espanhóis e como ele os defendeu da interferência papal convencendo Borromeo a interceder, veja sua autobiografia (ARSI, *Vitae 164*, f. 20). [51] Do latim *etiamdum*: ainda, ainda. [52] Palmio é inconsistente aqui: anteriormente no memorial, ele traçou um retrato da Sociedade primitiva sob Inácio como semelhante à Igreja primitiva caracterizada pela paz e união ([2] e [9]). [53] *-eva* é uma antiga forma do tempo imperfeito italiano para a 1ª pessoa do singular (moderno *-evo*).

manifestai mai a persona alcuna, ma più presto mi riprendeva che se mi rappresentassero simili giuditii, stetti però sempre sopra di mim, fuggendo alguns que, essendosi avveduti melhor di mim di queste rotture, alle volte ne parlavano. Et io per il gran concetto che havevo della santidade do Padre Lainez,[54] glieli scopersi come pessoas que giudicavo fossero tentate e perturbate.[xiii] Mas col tempo ho conosciuto dipoi che havevano havuto, come si suol dire, un buon naso.[55] Et se nella Prime Congregação[56] che si fece fossero stati uditi alcuni che per[xiv] rime- diare ai males della Companhia parlorno liberamente, forse non sareb- bono successe le cose che vediamo.[57]

[12] Mas por que [104] se deixaram algumas vezes levar mais do que deviam, *tendo de fato zelo de Deus, mas não o conhecimento que lhes era necessário*,[58] não foram admitidos às suas persuasões e razões. Daí nasceu a indignação do P. Bobadilla e de outros Padres na[xv] Prime Congregação. E fizeram toda diligência por meio de Paulo 4º de feliz memória que desfizesse o triunvirato que eles chamavam e que tinham[59] naquele momento grande autoridade em Roma, não se sabendo senão por poucos que eram neófitos, o governo dos quais sempre foi desaprovado na Companhia e certo com razão, porque procediam já não como Padres, mas como senhores. Tanto que não houve província na [104ᵛ] Companhia que não tenha se queixado gravemente [deles] da 3ª Congregação até aquele momento. Presentes[xvi]assim as coisas que eram secretas, por não haverem nunca querido remediar, tornaram-se[60] conhecidas com grandíssimo escândalo ao céu e à terra. E eu,

---

xiii *ex* tentati e perturbati *correxi* xiv *adicionado acima da linha* xv *antes* de *deletado* xvi *ex* presente *correxi*

---

54 Veja acima [6]. 55 Significado: Com o tempo, compreendi que eles previram o que aconteceria. 56 Convocado após a morte de Loyola (1558), que elegeu o converso Laínez. 57 Palmio refere-se aqui ao movimento dos *memorialistas* que, na visão de Palmio, foi liderado por conversos, especialmente Dionisio Vázquez, o principal alvo deste memorial. Veja abaixo [21] e [30]. 58 Uma paráfrase de *Romanos* 10:2. 59 Leia: il quale aveva . . . 60 Leia: fatte.

essendo tornado de Milão,[61] onde me manteve o Ilustríssimo Borromeo por ordem do Pontefície, no primeiro ano da Assistência[62] minha encontrei as nossas coisas em Roma tão perturbadas e os ânimos dos nossos tão alterados que não se sentiam senão queixas e lamentações. E tão abertamente se falava de uma nação contra a outra que parecia que aquela nossa primeira paz e união tinha sido de fato extinta, pela qual a Companhia estava então em admiração ao mundo.[63] Assim que a primeira causa e a primeira [105] origem dos males nossos procedeu da multidão e da insolência dos neófitos de Espanha e do muito crédito que lhes[64] [se] deu e do muito favor que lhes[65] fez o P. Francisco Borgia.

[13] A 2ª e 3ª causa[xvii] e raiz de onde procederam os distúrbios que nos afligem foi a aspereza e a demasiada grande desigualdade do governo, porque os novos cristãos estavam persuadidos de que a Companhia não poderia ser bem governada se não por mãos de Espanhóis. Porém[66]de quatro províncias italianas, três eram governadas pelos provinciais espanhóis[67] e tudo se via passar por mãos de Espanhóis. Eram superintendentes espanhóis,[68] visitadores espanhóis,[69] secretários espanhóis,[70]assistentes espanhóis.[71] Porque então mesmo o Padre Everardo e

[xvii] *adicionado na margem*

[61] Palmio foi convocado pelo Cardeal Borromeo para pregar em Milão no verão de 1563; lá permaneceu até a Segunda Congregação Geral em 1565. [62] Palmio foi eleito assistente geral para a Itália pela GC 2 em 1565. [63] Outro exemplo da inconsistência constante de Palmio sobre o estado de paz e união sob Inácio: veja [2], [9], e 11]. [64] Leia: loro. [65] Leia: loro. [66] Leia: infatti. [67] Jerônimo Doménech na Sicília, Alfonso Salmerón em Nápoles e Alonso Ruiz em Roma. O único provincial italiano foi Leonetto Chiavone na Lombardia (veja abaixo [14]), substituído após sua morte pelo genovês Francesco Adorno. [68] O cargo de "soprintendente" supervisionava os reitores dos colégios. [69] Palmio refere-se aqui especialmente a Ledesma e Ribadeneyra, que foram nomeados por Borja como visitantes da Província da Lombardia (veja abaixo [14]). Os visitantes tinham poder delegado sobre os provinciais. [70] Palmio alude aqui a Polanco, que era secretário geral da Sociedade, e Vázquez, que o assistia pela Península Ibérica. [71] Além dos espanhóis mencionados neste memorial, deve-se adicionar Doménech, que sucedeu Vázquez como reitor do Colégio Romano; Jerônimo Rubiols, que foi reitor dos colégios em Florença e Siena; Diego Suárez, que foi reitor em Messina; e o converso Gaspar Hernández, que foi reitor em Nápoles. Veja Fois, "Everard Mercurian," p. 21 e Padberg, "A Terceira Congregação Geral," p. 50.

eu por um [105v] grande tempo [estivemos] fora de Roma, eu por Itália pregando e visitando, o Padre Everardo na França com o título de visitante,[72] assim em Roma foram[73] introduzidos todos esses dos quais se servia o P. Borgia, e também[74] enquanto nós estávamos presentes muito mais do que os outros Assistentes eleitos pela [2a] Congregação Geral (que era o P. Natale[75] substituto do P. Antonio Araoz que não quis vir - crescendo em Roma[xviii] a cada dia mais as contendas entre ele e o P. Borgia com grandíssimo dano da Companhia—Everardo, Mirone, e eu[76]): Polanco, Madri, Dionísio,[77] Ruiz,[78] Rodriguez,[79] Solier, Ribadanera, e muitas vezes chamava ainda Ledesma,[80] Para e Emmanuel. E embora e m Roma houvesse pessoas de outras nações mais [106] antigas e de melhor juízo, todos se deixaram ficar em um canto. Além disso, as coisas de mais importância que deviam ser tratadas pelos Assistentes eleitos pela Congregação Geral, sem que a eles fossem[81] comunicadas, passava m somente pelas mãos de Polanco, Madri [e] Dionísio,[82] de modo que os Assistentes eram considerados quase como nada. Muitas vezes se ouvia dizer[83] que o governo de Portugal não poderia ir bem, se não fosse dado aos Castelhanos.[84] O mesmo se dizia da Alemanha, da França[85]

---

dezoito *adicionado na margem*

---

72 Tanto Palmio quanto Everard Mercurian foram assistentes gerais eleitos com Borja na GC 2 em 1565. Mercurian foi nomeado visitador na França de 1569 a 1571 (veja Fois, " Everard Mercurian," pp. 17–9) e Palmio frequentemente era solicitado por Borromeo para pregar em Milão (veja acima). 73 Uma forma antiga italiana para *furono*. 74 Uma palavra antiga italiana para *anche*. 75 Nadal participou da Segunda Congregação Geral e sentou-se ao lado de Polanco. A congregação o elegeu um dos seis *defi nitores* e Borja pediu que ele trabalhasse no *aggiornamento* do Instituto Jesuíta em relação aos decretos de Trento, no qual ele participou com Laínez e Polanco dois anos antes. Ele foi nomeado assistente geral para a Espanha em outubro de 1568, após seu retorno da Dieta de Augsburgo, onde foi enviado com o inimigo de Palmio, Diego de Ledesma, como teólogos papais (1566). 76 Veja acima [7]. 77 Dionisio Vázquez. Veja acima ([8]) e abaixo ([20–1] e [30]). 78 Alonso Ruiz. Veja acima [8]. 79 Cristóbal Rodríguez. Veja acima [8]. 80 Veja acima [8]. 81 Uma forma antiga italiana para *fossero*. 82 Dionisio Vázquez. 83 Leia: si sentiva loro dire... 84 Leia: Castigliani. 85 Sob Borja, o superior provincial da França era Olivier Mannaerts e dois jesuítas conversos espanhóis eram professores lá: Juan de Maldonado e Juan de Mariana. Fois argumenta que essa situação se deve ao baixo número de jesuítas franceses (Fois, "Everard Mercurian," p. 18).

e da Fiandra; da Itália não se dizia, porque se metia diligentemente em prática.[86]

[14] E fizeram o que puderam[87] para introduzir ainda na província da Lombardia um provincial espanhol. E a este [106ᵛ] fim, fizeram-na visitar por dois Espanhóis: Ledesma e Ribadenera. E não pouco se contristou aquela província pelo dano que teve com essas visitas. Finalmente, encontrando-se o P. Borgia em Ferrara doente,[88] Polanco buscou ocasião de visitá-la e a intenção que teve foi (como ele mesmo disse a diversas pessoas que se escandalizaram com tais palavras) de erradicar o ódio que aquela província tinha pelos Espanhóis por obra do P. Palmio. Assim, examinando diversas pessoas em diferentes colégios daquela província, corrompeu maldosamente a simplicidade da mesma.[89] Porque muitos começaram a suspeitar[90] e a fazer juízo sobre aquelas coisas, das quais nunca tinham ouvido falar, ou seja, que os Espanhóis [107] quisessem[91] dominar. Naquela província até então vivia-se na simplicidade dos primeiros tempos e nela todas as nações eram sinceramente amadas e acarinhadas.[92] E assim, passando frequentemente pelos Colégios da Lombardia, vendo a candura e a caridade com que se procedia, ficavam sobremodo edificados e consolados. O que, portanto, descontentava o P. Polanco e os outros de sua qualidade foi[xix] o ver aquela província ser governada por Italianos. E porque eu não quisesse[xx]consentir que Ribadenera ficasse provincial, como o P. Borgia, persuadido pelos ditos Padres, havia deliberado nomeá-lo Provincial daquela Província.[xxi] Porém[xxii] com as vivas razões que eu lhe dei e por

---

dezenove Foi *deletado*. Foi *adicionado na margem* vinte *antes* de ter *inserido na margem* vinte e um *adicionado na margem. Depois* na Lombardia *deletado* vinte e dois *adicionado acima da linha*

---

86 Significado: a província italiana era governada diligentemente. Esta afirmação soa defensiva—foi o autor deste memorial que foi provincial da Lombardia por seis anos e assistente geral da Itália por dezesseis anos. 87 Uma forma antiga italiana para *potessero*. 88 Veja abaixo [26]. No meio de 1572, quando Borja permaneceu doente por quatro meses após seu retorno da França. De fato, após sua chegada a Roma, ele morreu em dois dias (30 de setembro). 89 Contrastar o estado de simplicidade da província italiana (e assistância) antes da ascensão dos conversos é uma espécie de refrão retórico destes e dos próximos parágrafos (veja abaixo [15]). 90 Uma forma antiga italiana para *sospettare*. 91 Leia: *volevano*. 92 Esta é uma alusão de autodefesa aos começos da Província Lombardiana, quando Palmio era seu superior.

a má satisfação que se teve na sua visita, [107v] foi a causa de deixar[93] aquele pensamento. E tendo aquela província homens[xxiii]bastante mais suficientes em doutrina e em bondade de[94] qualquer [outro]que pudesse enviar, vencido pelas razões, o P. Borgia declarou Provincial o P. Leonetto Schiavoni[95] que foi sujeito de grande exemplo, de juízo e de muita prudência.

[15] Esta mesma desigualdade foi vista muito claramente na concessão da profissão dos quatro votos e até este momento, pela simplicidade em que se viveu na Itália, nunca se pensou ou considerou nenhum inconveniente, mas os efeitos que se sucederam descobriram e fizeram conhecer o que se pretendia. Pois na Espanha fez-se um grandíssimo caso desta profissão [108] e muitos a desejaram e instantaneamente a buscaram. E a causa deste ardente desejo não foi[96] o querer morrer para o mundo e viver para Deus, que é o fim da profissão, mas procedeu da ambição, considerando eles que a profissão dos quatro votos na nossa Companhia tem consigo[97] conjugado o governo, porque os professos de quatro votos têm na Congregação Geral voz ativa e passiva, somente estes são Provinciais, Visitadores, Comissários e Assistentes. E embora segundo as Constituições os colégios por ordinário devessem[98] ser governados pelos coadjutores espirituais,[99] não obstante, quase todos já se veem colocados na mão dos professos de quatro votos. Portanto, a ordem dos coadju- tores espirituais está quase de fato excluída [108v] das congregações provinciais, nas quais se elegem os eleitores que vão à Congregação

---

vinte e três *antes* de cada *deletum*

---

93 Leia: *lasciò.* 94 Leia: *che.* 95 Este é um nome escrito incorretamente de Leonetto Chiavone. 96 Leia: *è stata.* 97 Uma forma antiga em italiano para *con se.* 98 Uma forma antiga e m italiano para *dovrebbero.* 99 *Const.* [421]: "O geral, por si mesmo ou através de outro a quem delega sua autoridade nesta matéria, nomeará um dos coadjutores da Sociedade como o reitor," e [557]: "o professo [. . .] não deve ocupar o cargo ordinário de reitores dos colégios ou universidades da Sociedade (a menos que isso seja necessário ou notavelmente útil para essas instituições)." Essas normas foram abolidas pelo GC 34 (1995) como uma norma perceptiva, explicando que "raramente foi aplicada de maneira uniforme na Sociedade" (veja *As Constituições da Sociedade de Jesus e suas normas complementares* (Saint Louis: O Instituto de Fontes Jesuítas, 1996), p. 174.

Geral com os Provinciais.[100] E porque a esta profissão não se admitem senão aqueles que estudaram quatro ou pelo menos três anos de t eologia, os Espanhóis diligentemente procuraram estudar teologia, sabendo que este era o meio de alcançar a profissão de quatro votos.[101]

[16] E aquilo [que] nos causou uma grande ofensa foi ter visto a profissão de quatro votos ser dada aos neófitos, aos quais não se deveria dar nem por cartas, nem por virtude.[102] Na verdade, a alguns foi dada esta profissão que mereciam [de] ser expulsos da Companhia. Com muita ofensa e murmuração, foi admitido à profe[ss]ão [109]Aloisio Mendoza e de Roma foi enviado a Loreto com artifício, onde foi feito professado secretamente. E foi excluído desta profissão o P. Fulvio Cardulo, que por muitos anos havia servido à Companhia com singular paciência e bondade. E sendo um homem de belas letras humanas, versado nas histórias, poeta e orador, e tendo estudado teologia não menos que Aloisio, deixou-se,[103] embora superasse[xxiv]Aloisio tanto em méritos quanto em letras. Gasparo Ernandez, que havia saído da Companhia e se tornado Carthusiano, foi recebido novamente e

---

vinte *ante* em tudo *deletum*

---

100 Veja *Const.* [682]: "Aqueles que devem se reunir em uma congregação geral não são todos os sujeitos sob obediência à Sociedade, nem mesmo os escolásticos aprovados, mas os professos e alguns coadjutores, se parecer oportuno em nosso Senhor convocá-los." GC 34 "determinou que coadjutores formados poderiam ser escolhidos como eleitores e substitutos para uma congregação geral, embora haja uma limitação no número" (veja *As Constituições*, pp. 332–3). 101 Veja *Const.* [518]: "[Os professos] devem possuir aprendizado suficiente em letras humanas e nas artes liberais e, além disso, em teologia escolástica e Sagrada Escritura. E enquanto alguns podem ser capazes de progredir tanto em um te mpo mais curto quanto outros em um mais longo, no entanto, em prol de um padrão comum, um limite precisará ser estabelecido, e esse será de quatro anos completos de teologia após o curso de artes. Assim, para ser admitido à profissão, deve-se ter passado quatro anos no estudo da teologia e ter feito bom progresso para a glória de Deus nosso Senhor. Como evidência de seu progresso, cada um deve antes de sua profissão defender teses em lógica, filosofia e teologia escolástica. Quatro pessoas serão designadas para objetar e julgar sua suficiência de acordo com o que pensam em toda verdade e sinceridade. Quando os sujeitos forem considerados não terem conhecimento suficiente, é melhor que esperem até que o tenham. Da mesma forma, aqueles que também não obtiveram testemunho plenamente adequado de sua auto-abnegação e virtudes religiosas devem esperar." 102 Leia: si doveva dare loro

.

103 Significado: Cardulo aceitou a profissão de três e não de quatro votos. Scaduto explica (*Francesco Borgia*, pp. 165–6) que Cardulo foi oferecido a profissão de quatro votos, mas ele preferiu aceitar apenas três.

fatto professo.[104] E era nas letras, bem como nos méritos, bastante inferior ao P. Fulvio. Capillia,[105] que duas vezes saiu da Companhia na Espanha e se tornou [109v] Carthusiano, ao chegar a Roma, foi recebido, ainda que os Assistentes se opusessem a isso com muitas razões, e admitido na Companhia com esta solenidade.[106] Primeiro o fizeram Mestre dos Noviços, ofício que de modo algum lhe convinha, tanto pela i nstabilidade quanto por ter sido Carthusiano, depois o colocaram[107] para ler teologia no Colégio. 3º— deram-lhe a profissão dos quatro votos e, no entanto,[Capella] novamente se afastou da Companhia e, ao retornar, foi ainda assim recebido. Na 4ª última vez que se afastou da Companhia, levou consigo[108] um pobre noviço, que, vendo-se a três ou quatro milhas de Roma e entendendo que [Capella] queria deixar a Companhia e se tornar Carthusiano, o abandonou e voltou para trás. Toledo,[109] [110] tendo saído da Companhia porque na Espanha não podiam tolerá-lo, foi recebido em Roma com muita solenidade e, como queria novamente partir se não o fizessem professo, deram-lhe a profissão. Com tudo isso, ele deixou a Companhia e dos trabalhos que ele causou, escreveu uma longa história.[110] Veio a Roma Trancoso,[111] cuja vida foi infame em Paris e de lá se[xxv] afastou com tantos escândalos que é uma maravilha

---

vinte *ante* i nostri *deletum*

---

[104] Depois de ter lido a *Vida de Cristo* de Ludolpho da Saxônia (c. 1300–78), Loyola permaneceu afetado pela espiritualidade cartusiana. De fato, ele permitiu que os jesuítas se transferissem para a Ordem Cartusiana e até mesmo retornassem à Sociedade a partir de lá. Assim, a história de Gaspar Hernández não foi tão excepcional como Palmio a descreve aqui. Veja Charles van de Vorst, "A Companhia de Jesus e a passagem à Ordem dos Cartuxos (1540–1646)," *AHSI* 23 (1954): 3–34. [105] Nenhum jesuíta com esse nome pode ser identificado. Talvez seja Maximilián Capella, que pronunciou seus quatro votos em janeiro de 1566 (ARSI, *Germ. 1*, ff. 34r–35v), e representou a Província Baixa Alemã na Congregação dos Procuradores em 1568 e participou da Terceira Congregação Geral. Às vezes, seu nome tem uma forma francesa, Maximilien de la Chapelle, e é dito que é originalmente de Lille (veja Fois, "Everard Mercurian," p. 10) ou de Flandres (*DHCJ* 4:3977). [106] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 32). [107] Uma antiga forma italiana para *misero*. [108] Uma antiga palavra italiana para *con sé*. [109] Não havia outro jesuíta nesse período com esse nome, exceto o Cardeal Francisco de Toledo Herrera (1532–96), que era um *converso* de Córdoba (veja o parágrafo sobre ele no Capítulo Três). Palmio menosprezou sua ancestralidade judaica e o chamou de "monstro" em sua autobiografia (ARSI, *Vitae 164*, ff. 22–25; 45–6). No entanto, Toledo nunca deixou a Sociedade, como o texto lê aqui, portanto, não está claro a quem exatamente Palmio se refere, a menos que se tornar cardeal significasse para ele "deixar" a Sociedade. [110] Leia: dei travagli che le (ou seja, à Sociedade) ha dado n'è scritta una longa historia. [111] O português Antonio Trancoso.

que os nossos que permaneceram ali por culpa sua não fossem l apidados. E, no entanto, foi recebido na Companhia e com tantas carícias que quase todos os dias comia com o Geral e com os Assistentes, com gravíssima ofensa daqueles que sabiam [110ᵛ] as suas coisas. Este homem, tendo sido enviado ao Colégio [Romano], depois que o teve tudo conguassato[112] e escandalizado, partiu da Companhia e, com os favores que lhe procuraram outros Espanhóis que estavam na corte de Roma,[113] foi recebido no serviço do Castellano.[114] Finalmente, viu-se tanta desigualdade em tudo que a Corte de Roma estava cheia de murmurações contra nós.[115]

[17] A aspereza do governo havia crescido tanto que, tendo-se perdido o amor, vivia-se com temor e tremor sob um governo despótico e não paterno. E por essa razão, no interrogatório que foi escrito na 3ª Congregação Geral, a primeira coisa que se perguntou foi se a pessoa que deveria ser eleita para Geral poderia esperar [111] que deveria reger com espírito paterno e não despótico.[116]

[18] Essa terribilidade era utilizada nas outras nações antes do que entre os Espanhóis. E as escapadas e males comportamentais destes eram desculpados e encobertos. E quando alguns falavam sobre isso, l amentando-se dos males comportamentais deles, logo se dizia que isso procedia do ódio que se tinha pelos Espan[u]oli,[117] como aconteceu em[xxvi] Aloigio que

---

vinte *ante* ad *deletum*

---

112 Leia: *conquassato*. 113 Ou seja, a corte papal. 114 Significado: ele foi recebido na Espanha. 115 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 35ᵛ): "Tutta la corte murmurava, vedendo che non si faceva conto in la Compagnia se non d'una natione, d'onde nac- que una grandissima aversione, non da Spagnuoli, ma da certa sorte di gente nova- mente conduta di Spagna in queste bande, molto diversa da tanti Spagnuoli santi, modesti et prudenti, c he erano stati in Roma al tempo d'Ignatio et di Lainez, amati et honorati da tutti." 116 Esse foi o primeiro artigo de um questionário dado aos eleitores antes do período de quatro dias para investigar quem parece mais apto para o cargo de superior geral: "[O futuro superior geral] é aquele que acredita que [. . .] governará a Sociedade de maneira paternal, e não de forma tirânica, para usar as palavras do Reverendo Pai Laínez, de santa memória, para que os súditos tenham fácil acesso a ele e que desejem abrir seus corações a ele em confiança" (veja Padberg, *Por Questões de Maior Importância*: p. 136).

117 Esta frase soa como a autodefesa de Palmio diante das acusações de ser inimigo dos Espanhóis. Este estilo apologético permeia a autobiografia de Palmio. Veja abaixo, onde Palmio deixa clara sua desculpa: "hanno detto che io perseguitava i Spagnuoli et che ero causa che gli altri similmente li perseguitassero" ([18]).

viveu no Colégio de Bolonha com grandíssimo escândalo e, saindo da Companhia, fez-se conhecer pelo que era.[118] Gioan Gorea em Milão,[xxvii] cujos comportamentos tendo ouvido o Cardeal Borromeo do Castelhano[119] de Milão, disse livremente que a Companhia o deveria mandar para a galera.[120] Este homem, depois de ter estado muitos anos [111v] na Companhia sempre inquieto e tendo vivido nela de forma bastante licenciosa e soberba, por conta própria saiu e fez falar bastante de si mesmo. Isso aconteceu também com Padre Spessi,[121] o qual, depois de muitos trabalhos e escândalos[xxviii] que deu à religião, a abandonou.[122] E porque esses homens queriam viver licenciosamente, toda vez que os[123] superiores queriam corrigí-los e fazer com que caminhassem como deviam, servindo em Roma, diziam que na Lombardia eram perseguidos os Espanhóis. E a perseguição que lhes era feita[124] (se é que se podia chamar de perseguição) era que o Provincial[125] não queria permitir de modo algum que ficassem fora de casa à noite até seis e sete horas em banquetes e para ver jogar cavaleiros [112] e senhores, como fez várias vezes Gorea em Módena e em Parma. Nem lhes permitia[126] que tivessem dinheiro, que se demorassem o dia todo em visitas a donzelas e outras coisas que não convém escrever. E porque, enquanto fui[127] Provincial,[128] nunca quis tolerar[129] coisas semelhantes, como fizeram[aqueles] t ambém.

---

vinte e sete il *deletum* vinte e oito *additum em margine*

---

118 Talvez Luis Xuárez de Guadalajara, que provavelmente deixou a Sociedade em 1568 em Milão (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 160). 119 Leia: *Castellano*. 120 Leia: galea (galé) ou galera (prisão). Significado: O Cardeal Borromeo disse que a Sociedade deveria enviar Gorea [Gurrea] para a prisão. No entanto, o Cardeal Morone e o Inquisidor Domenico da Imola estavam ansiosos para tê-lo em Módena por seus talentos excepcionais em pregação. Palmio descreve este episódio em sua autobiografia (ARSI, *Vitae 164*, ff. 115v–6v). Veja também Scaduto, *O governo*, p. 347 e 533–4; *A ação*, pp. 528–9; e *A obra*, pp. 5–6, 11, 41 e 317. 121 *1534 Saragossa; SJ 1553 Roma; sacerdote 1559 Gênova; demitido 1574 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 140). 122 Leia: *la abbandonò*. 123 Leia: (l)i. 124 Leia: che era feita loro. 125 Isso é Palmio ele mesmo. 126 Leia: né permetteva loro. 127 Leia: enquanto eu era. 128 Durante os anos 1559–65. 129 Significado: *tollerare*.

che mi sono successi,[130] pensando [di] giustificarsi, hanno detto che io perseguitava[131] os Espanhóis e que era a causa de que os outros igualmente os perseguissem. E porque se deixavam dominar demais pela paixão, nunca quiseram considerar que o mesmo modo foi mantido co m Aloisio Veneziano,[132] Olivela,[133] Antonio Veneziano[134] e outros que ainda que[135]fossem Italianos e de belo engenho. Nientedimeno, nunca se quis comportar o seu viver muito licencioso e, [112v] porque[xxix] não se quiseram emendar e aceitar os avisos paternos que lhes foram dados,[136] finalmente se licenciaram da Companhia. Deixou Aloisio Guirino,[137]o Viperano,[138] Cosmo Figliarti,[139] e outros, também Italianos, porque não se queriam corrigir, se licenciaram, de modo que a disciplina religiosa com caridade e afeto paterno sempre se procurou. Nem coisa alguma indecente e repugnante[xxx] à religião se tolerou nos sujeitos Italianos.[140]

eriam viver

Da Espanha saiu um da Companhia que se chamava Urtado, parente de Ribadenera, e veio para Roma,[141] onde se comportou tanto

---

vinte e nove *ante* benche e quelli e estes *deletum*
trinta *ex* ripagnante *correxi*

---

130 Leia: como fizeram ainda aqueles que me sucederam. Isso é Chiavone e Adorno.131 Leia: perseguia. 132 Talvez Alois Venato, que nasceu em Nápoles, entrou na Sociedade em 1559 e foi dispensado em Pádua em 1560 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 4) 133 *1542 Barcelona; SJ 1558 Catânia. Ele foi dispensado em 1562 em Bolonha (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 108). Ele não era italiano, como Palmio parece acreditar aqui. 134 *1540 Monreale; SJ 1556. Ele abandonou o Colégio de Pádua em 1563 e retornou a Monreale para se tornar poeta (veja Scaduto, *O governo*, p. 265; Scaduto, *Catálogo*, p. 152). 135 *Ancora che* significa aqui "mesmo que." 136 Leia: que eram dados a eles. 137 *1535 Lecce; SJ 1557; sacerdote 1561; dispensado 1571 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 70). 138 *1535 Messina; SJ 1550; dispensado em 1568. Em poucos anos após Palmio ter escrito este memorial, Viperano foi nomeado bispo de Giovinazzo na Apúlia (1589). Ele morreu em 1610 (veja Scaduto, *O governo*, p. 265 e Scaduto, *Catálogo*, p. 155 e 167). 139 *1542 Pistoia; SJ 1558; dispensado devido a "má saúde" em dezembro de 1569 (veja Scaduto, *Catálogo*, p. 56). 140 Pela sua forma gramatical impessoal, Palmio tenta aqui parecer mais objetivo, mas ele está falando sobre si mesmo como o ex-superior provincial da Lombardia e assistente geral para a Itália. 141 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 26 e 31v-r): "Giovanni Urtado di Spagna que havia saído da Companhia, e sendo novo cristão não o queriam mais receber, assim veio a Roma e foi abraçado por Borgia." A citação de Ribadeneyra como membro do partido converso reforça a alegação de Palmio de conspiração baseada não apenas na origem étnica, mas também em laços familiares.

mal que teria sido [de] grandíssimo bem ao Colégio Romano se algum dia o tivesse visto. Este, porém, [o] manteve-se sempre, como se diz, no bambaso[142] [113] [e] foi logo admitido ao estudo da filosofia sem que servisse em coisa alguma da Companhia e, como a cada dia se tornava mais insolente, tendo sido enviado à Espanha, finalmente saiu da Companhia. Veio outro da Espanha chamado Loiando.[143] E embora por sua insolência nunca o tivessem podido tolerar na Espanha, em Roma foi abraçado, embalsamado e enviado ao Colégio [Romano], de onde poucos dias depois, uma manhã a boa hora, fugiu. Foi recebido outro que se chamava Mena[144] [e]que havia sido soldado. E tendo-o feito estudar um pouco, logo o ordenaram sacerdote. Desse homem, durante o espaço de dez anos contínuos que esteve em Perugia, não se ouviu outra coisa senão queixas e coisas de grandíssima importância, pelas quais merecia ser severamente castigado e expulso da Companhia. Finalmente, tendo certas cartas caído nas mãos do Geral Everardo, que uma mulher escrevia ao referido Mena, perguntando-lhe o que queria que se fizesse com certas coisas que ele[145] deixara em casa. Vendo-se descoberto e não tendo mais os patronos que o sustentavam, fugiu.

[19] Vieram da Espanha seis ou sete coadjuvantes tentados, porque queriam estudar e os[146] foi concedido o que pediram, pelo que todos os coadjuvantes do Colégio [Romano] gravissimamente se perturbaram e houve muito a fazer para acalmá-los. E se estes tivessem [114] falado de coisa semelhante, teriam sido muito bem rebaixados e atormentados, como a alguns aconteceu, os quais se perturbaram e murmuravam, vendo estes exemplos. E estes Espanhóis, a quem[147] foi concedido o estudo, insolentissimamente se comportando, deram[148] muito que pensar aos superiores e não viam, como poderiam ser sacerdotes, se bem que isso acima de tudo pretendiam.

---

142 *Bambaso* é uma versão dialetal de *bambagia*, que é a parte mais macia do algodão. *Tener qualcuno nella bambagia* significa proteger alguém em excesso. 143 Indefinido. 144 Rodrigo Mena. 145 Leia: le (alla donna). 146 Leia: loro. 147 Leia: ai quali . . . 148 Leia: diedero.

[20] Dionisio Vasches[149] colocou o Colégio Romano em grandíssima confusão, querendo colocar [em] prisão Camillo Carga, irmão de Giovan Carga, homem de muita reputação na Corte, somente porque havia dito que não queria fazer não sei o quê. E ordenou a quatro daqueles coadjuvantes espanhóis que o prendessem, [114v] coisa que colocou o Colégio em tanto conguasso que por muito tempo se ressentiu daquela alteração, principalmente porque se tinha entendido que havia dito que lhe tinha sido dado o governo do Colégio Romano para domar os cérebros Italianos e para ensiná-los[150] a obediência. Este homem é Cristão novo de bruttíssimo aspecto e o que importa mais, cheio de toda sorte de duplicidade e de simulação. E dele procederam infinitos escândalos na Itália e na Espanha, como em outro lugar se narra mais à longa.[151] O Padre Borgia da Flandres o chamou a Roma e de certo modo por ele se deixou sempre governar. E não soubéssemos[152] nunca, de onde procedesse que o P. Borgia, homem religiosíssimo, desse tanto crédito [115] e estimasse tanto um homem que a ele deu sempre grandíssimos trabalhos e foi perniciosíssimo à Companhia. Mas, embora tal fosse, nientedimeno cada dia mais procurava de elevá-lo.[153] Mais vezes falou comigo[154]para fazê-lo reitor do Colégio Romano e desejava sumamente que eu aprovasse este seu desenho, mas a [minha] consciência nunca me o permitiu. Porém, perguntando-me cada dia porque este homem não me agradava, eu lhe respondi que por muitas razões não me podia agradar. A primeira era porque nele reinava uma grande duplicidade e porque o via cheio de ambição. A 2ª—porque tínhamos Italianos no Colégio [Romano] para este ofício mais idôneos e dotados de grande virtude. A 3ª—não tendo sido julgado na Espanha apto a governar senão uma [115v] casinha, qual é Módena na Itália, com boa consciência não se lhe podia dar o governo do primeiro[155] colégio que tinha a Companhia. A 4ª- tendo vindo novamente a estas bandas,[156] não

---

149 Vázquez. Veja acima ([8] e [13]), e abaixo ([30]). Veja também a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff . 149v–150v). 150 Leia: insegnare loro. 151 Palmio refere-se aqui provavelmente à sua autobiografia (veja ARSI, *Vitae 164*, ff . 149r–150r).152 Leia: sapemmo. 153 Significado: promovê-lo. 154 Leia: con me. 155 *Primo* não em um sentido cronológico, mas como o colégio mais importante e exemplar, que era o Colégio Romano. 156 Significado: na Itália.

não tinha conhecimento algum das nossas coisas. E acrescentei: "E como Vossa Paternidade costuma dizer que convém que os Espanhóis sejam designados para os governos da Espanha pela compreensão que têm do país e do modo como se deve lidar com aquela gente, pela mesma razão, considerando que há súditos Italianos dessas partes aptos e dotados[xxxi] das habilidades necessárias para[xxxii] governar bem, parece que a eles convém receber os governos da Itália."[157]

A 5ª-é a sua feia aparência que parece um Moro e [116] tem os olhos tão tortos que assusta quando se olha. Porém, vindo algum prelato para f alar ao Reitor [do Colégio Romano] parece que não convém se lhe apresentar diante de um homem de tão feia aparência e [além disso] neófito. A essas razões não me respondeu uma mínima palavra. E, no entanto, ainda que[158] todos os Assistentes, quando o propuseram para fazê-lo Reitor, lhe contradissessem, ele quis de qualquer maneira fazê-lo Reitor do Colégio Romano[159] e a mim, que lhe era tão contrário, ordenou que [eu]o intronizasse.[xxxiii] [160] Mas o bom Padre [Borgia] muito em breve se arrependeu e reconheceu o erro que havia cometido pelos escândalos, tumultos e perturbações importantíssimas que ocorreram no Colégio por culpa deste homem, o qual me disse, lamentando-se do Padre Borgia, isto que aqui segue.[161] [116ᵛ] Que dando-lhe o dito Padre instruções e modo com o qual deveria governar o Colégio Romano, disse-lhe que imitasse João de Vega, o qual, sendo feito Vicerê de Sicília,[162] usou no princípio do seu governo rigorosíssimamente justiça com alguns príncipes e, tendo assim assustado os sicilianos, os manteve sempre sujeitos. Assim fez este pobre homem que, embora demonstrasse

---

trinta e um *adicionado na margem* trinta e dois *antes* todo ___ se deve cometer o governo da Itália *deletado* trinta e três *corrigi de* intronizasse

---

157 Este é um argumento fraco, pois a comunidade do Colégio Romano era i nternacional e não italiana. 158 Significado: mesmo que. 159 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 26–27ᵛ): "Como Dionisio Vazquez foi feito Reitor do Colégio Romano por Borgia contra a vontade de todos os assistentes e de outros principais Padres espanhóis que intervieram na consulta." 160 Significado: investir nele. 161 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 27ʳ–30): "Da grande perturbação e sedição que nasceram no Colégio Romano pela aspereza de Dionisio e pela ferida mortal que naquele momento teve a união e a paz da Companhia," onde muitos detalhes mais coloridos deste episódio podem ser encontrados. 162 O vice-rei da Sicília, Juan de Vega, e sua esposa, Leonor de Osorio, foram grandes apoiadores do trabalho da Sociedade na ilha. O médico converso de Vega, Baltasar de Torres, ingressou na Sociedade.

no princípio do seu governo ser sem juízo e intelecto. E porque secularmente e despoticamente quis governar homens religiosos, perdeu-se a si mesmo e colocou todos em grandíssimo trabalho.

[21] Com esta instituição que disse [de] ter recebido do P. Borgia quis colocar [em] prisão um Português, chamado [117] Roboredo,[163] o qual pelo que havia feito apenas merecia, como se diz entre nós [jesuítas], de comer em mesa pequena.[164] Este homem, portanto, vendo que o queria m colocar [em] prisão, lentamente se aproximou da porta do Colégio [Romano] cheio de temor, fugiu, correndo para a casa do Embaixador de Portugal.[165] E Marco, [o companheiro] do P. Geral [Borgia],[166] que se encontrou presente a este caso, com outros[xxxiv] Espanhóis correu atrás dele. Isso, vendo os estudantes, todos saíram das escolas, gritando "Pega, pega, que o gat[t]ino foge!," porque ficamos todos muito bem mortificados. Mas depois muito mais [ficamos mortificados] pela outra tolice que[Vázquez] cometeu contra Camillo Carga, que foi muito pior do que esta, porque era, como eu disse, irmão [117v] de Gioan Carga, como eu disse, bem conhecido e estimado na corte.[167] E Camillo era verdadeiramente um bom jovem, se não fosse um pouco vivaz. Então, estando o Colégio [Romano] todo em confusão por este caso e encontrando-se o P. Geral bastante perturbado, ordenou-me que o mais rápido possível fosse ao Colégio e visse como acalmá-lo, como fiz pela graça de Deus. E teve então motivo o P. Geral para saber que eu lhe havia dito a verdade.[168] Por essas razões, Dionisio foi destituído do governo do Colégio Romano,[169] caiu em tanta melancolia (porque a soberbia e a ambição das quais estava possuído o afligiam) que

---

[xxxiv] *antes* não sei *deletum*

---

[163] Indefinido. [164] A pequena mesa é uma penitência onde se come em uma mesa baixa enquanto se está de joelhos durante a refeição comunitária. [165] Talvez Lourenco Pires de Tavora, que foi embaixador de Portugal na corte papal desde 1559. [166] *1527 Valls (Catalunha); SJ 1554; †1583 Barcelona (ver Scaduto, *Catálogo*, p. 92), que provavelmente era de descendência judaica. [167] Isso na corte papal. [168] Compare a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 30–30v): "Como Deus fez conhecer ao Borgia quanto s'era enganado de Dionisio." [169] Após apenas um ano no cargo de reitor do Colégio Romano, Dionisio Vázquez foi substituído por mais um jesuíta espanhol: Doménech. Sobre Vázquez, veja acima ([6], [13], [20] [30] e) e abaixo ( ).

começou a dizer que se queria fazer Cartusiano ou Eremita. E lamentando-se gravemente [118] com o P. Borgia, o nomeava autor de todas as escapadas que ele tinha feito. Com tudo isso [P. Borgia]não se resolveu a lavar as mãos deste homem.[170] Mas fomentando mais cedo a soberbia dele, com a intenção de querer elevá-lo da melancolia que o mantinha oprimido, mandou-o visitar a Província de Nápoles, onde ainda persevera Viceprovincial,[171] ainda que dele nos venham[172] escritas toda semana [sobre] as diferentes escapadas que faz naquela província e mandadas queixas também de gentíssimos[xxxv] forasteiros[e] grandíssimos benfeitores nossos pelos maus modos que tem com eles. Para mim, estou certo, sendo o P. Borgia um homem tão virtuoso e religioso como é, que deseja tirar deste governo este homem, mas não o faz, [118^{v}] porque está enganado e [porque] lhe foi [dado] a entender que esta seria a ocasião para os Italianos se levantarem demais contra os Espanhóis. E não obstante, claramente se vê que são [Espanhóis]em termos, [e] que se não se procede bem, em breve ficará manchado o bom nome e a boa fama da Companhia em Nápoles, como [do resto] aconteceu, porque finalmente foi retirado Dionísio de Nápoles como homem infame.[173] E na Espanha foi autor dos tumultos que nos afligem e nos afligirão, se Deus por sua grande misericórdia não nos põe a mão.[174]

[22] Os velhos cristãos e todos os bons espanhóis sabem e conhecem muito bem que de coração os[175] amamos e disso estão mais do que cert os. E [119] nas Congregações Gerais, na segunda e terceira, perceberam que todo o mal deles e nosso é originado pelos neófitos e por aqueles que governavam em Roma. E com que razão pode a nação espanhola se queixar de que na Itália sejam colocados Provinciais, Visitadores e Reitores italianos? Antes se queixavam,

---

[xxxv] *ex* gentillissimi *correxi*

---

[170] Significado: Borgia não decidiu se livrar de Vázquez. [171] Essa informação é inconsistente com o que Palmio escreve no final deste parágrafo, quando menciona que Vázquez foi demitido de seu cargo em Nápoles e enviado para a Espanha, onde provocaria muitos problemas. Além disso, a próxima frase é escrita como se Borja ainda estivesse vivo. [172] Leia: vengono. [173] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 30^{r}–31^{r}): "Della turbatione che causò Dionisio em Nápoles." Veja também *Vitae 164*, f. 44. [174] Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 105^{r}). Veja acima [11] e abaixo [30]. [175] Leia: li.

porque não se empregavam os italianos, não havendo sujeitos que fossem aptos e idôneos para os governos; agora, que veem tantos suficientes e que se empregam como se faz em todas as outras nações, dizem que não queremos servir dos espanhóis. O que diriam,[176] se na Espanha fossem enviados Provinciais, Visitadores e Reitores italianos ou de outra nação? Bem disse um dia a Santidade de Nosso Senhor[177] que esta nação se levantava demais [119v] na Companhia. Além disso, sabemos com certeza que estas são queixas e lamentações dos neófitos que querem dominar em todo lugar. Por isso, a Companhia se encontra agitada[xxxvii] pela tempestade das discórdias e das dissensões.

[23] Na 3ª Congregação Geral[178] viu-se demasiado abertamente a desigualdade das nações, pois dos quatro Provinciais que temos na Itália, da Lombardia vieram apenas três Italianos e das outras três (Romana,[xxxviii] Napoletana e Siciliana) vieram Espanhóis[xxxix] e foram nove. E não obstante, em todas essas quatro Províncias [havia]sujeitos italianos dignos de serem eleitos.[xl] Mas como a maior parte dos professos eram Espanhóis, [eles] elegeram [120] da sua própria nação. E assim ficou declarado que faziam tantos professos espanhóis para este fim e os espalhavam pelas províncias. No total de 47 votos que se encontraram na referida Congregação, 28 eram Espanhóis e, no entanto, 24 eram suficientes para eleger o Geral.[179] Algumas semanas antes de que se

trinta e seis *Ex* si *correxi* trinta e sete *ante* nelle te *deletum* trinta e oito *ante* vennero *deletum* trinta e nove *ante* tre *deletum* quarenta *additum in margine*

176 Leia: direbbero. 177 Foi dito pelo Papa Gregório XIII durante uma audiência com Palmio, que é descrita por este último abaixo ([23]). 178 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 37r): "Della turbatione nella quale fu fatto Everardo generale et delle cose successe nel suo generalato piene di travaglio et di scandalo." Veja também *Vitae 164*, ff. 88–9. A Terceira Congregação Geral abriu em 12 de abril e terminou em 16 de junho de 1573. Foi convocada por Polanco, que foi eleito vigário geral após a morte de Borja. Veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," pp. 49–75.179 Se havia 48 delegados na congregação, os Espanhóis constituíam 50 por cento (24 votos), então estavam, na verdade, um voto abaixo da maioria (25)—contrariamente ao que Palmio afirma aqui. Eventualmente, Mercurian foi eleito com 27 votos na primeira votação, "se bene Polanco hebbe alcuni voti" (veja a autobiografia de Palmio em ARSI, *Vitae 164*, f. 39r). 13 votos fora m dados para candidatos espanhóis. Segue-se que pelo menos 3 Espanhóis devem ter votado em Mercurian e que Polanco deve ter recebido menos de 13 votos.

começasse a Congregação, entendeu-se que foi dada informação ao Papa [180] que a maior parte das pessoas da Companhia eram Espanhóis e que não havia sujeito que fosse apto ao Generalato, se não entre Espanhóis. E houve grande conjectura de que dita informação foi dada ao Papa por meio de Polanco.[181] E não é verdade que entre as outras nações não se encontrasse pessoa idônea para o Generalato. Primeiro, um dos principais cardeais nos acusou [120v] desta informação dada ao Papa.[182] E como se entendeu de outro cardeal, este fato se descobriu desta maneira: porque alguns cardeais muito principais falaram ao Papa, movidos pelas cartas do Rei de Portugal[183] e ainda, como se disse, do Rei da Espanha, para que Sua Santidade providenciasse que não fosse sempre Geral espanhol. E embora sobre isso Ela tivesse também r ecebido cartas dos mesmos Reis do dito temor, [Sua Santidade] respondeu que não se podia fazer Geral se não espanhol, porque tinha recebido informação de que éramos quase todos Espanhóis e que entre nós não havia homem apto ao Generalato, se não da nação espanhola.[184]

[24] Da esta resposta do Papa, os Cardeais julgaram que era uma trama dos Espanhóis e assim o imploraram para que se dignasse a buscar a verdade. Porém, feita a [121] Congregação Geral, um daqueles Cardeais que havia falado com o Papa me disse que, para entender se eram verdadeiras as informações que lhe haviam sido dadas, Sua Santidade deu a comissão a dois cardeais que não nomeou, nem eu procurei saber quem eram, para que se informassem diligentemente da verdade, isto é, do número de pessoas da Companhia; dos eleitores que deveriam vir à Congregação; quantos votos eram necessários para a eleição do Geral; da qualidade e suficiência de diferentes pessoas de diferentes nações, incumbindo aos mesmos cardeais que, em nome de Sua Santidade, ordenassem às pessoas que sobre isso fossem exa minadas por eles, em virtude da santa obediência, a dizer a verdade. E os proibissem

---

180 Papa Gregório XIII. 181 Como vigário geral, Polanco foi convocado pelo Papa Gregório XIII em 15 de abril de 1573. 182 Provavelmente foi o Cardeal Alessandro Farnese, neto do Papa Paulo III (que aprovou a Sociedade em 1540) e um importante benfeitor jesuíta. Foi este cardeal que informou Polanco sobre o desejo do papa de recebê-lo (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," p. 52). 183 Rei Sebastião I de Portugal (1554–78). Seu confessor e companheiro era um jesuíta português, Gonçalves da Câmara, primo de L. Henriques, confessor do Cardeal Infante. 184 O Papa Gregório XIII teria dito isso e sugerido a candidatura de Mercurian durante sua audiência com Polanco em 15 de abril (veja *DHCJ* 2:1612).

sotto pena de excomunhão, cuja absolvição fosse reservada [121v] à Sua Santidade, que não dissessem a pessoa viva coisa alguma do quanto haviam sido pesquisados, que deveriam dizer por ordem e comando seu. A este modo, Sua Santidade teve uma exata e completa informação de cada coisa.

[25] Depois, tendo recebido esta informação, [Sua Santidade] mandou chamar o P. Polanco e lhe ordenou que dispusesse as coisas de tal maneira que não fosse eleito Generale spagnuolo. E então interrogou muito exatamente sobre tudo o que ele havia entendido para ver o que ele respondia. E com as respostas que [Polanco] deu, Sua Santidade ficou muito pouco satisfeita com ele. O mesmo ofício fez o Ilustríssimo Farnese [185] da parte de Sua Santidade com Polanco e [este] discutiu muito longamente sobre isso com Sua Senhoria Ilustríssima. E embora o Cardeal o exortasse a obedecer e a não fazer tantas [122] replicas, nientedimeno[Polanco] não se aquietou.[186] De tudo isso que tratou tanto com o Papa quanto com o Card. Farnese [Polanco] nunca fez uma mínima palavra conosco outros Assistentes, mas bem se via retirar-se com Madri, Natal,[187] Ribadenera e outros Espanhóis, o que nos dava não pouco que pensar. Primeiro, pelas coisas que havia feito e dito na Lombardia. 2º, por ter vindo de Ferrara a Roma sem causa e haver procurado certo breve para o P. Borgia, no qual o Papa se dolia de sua enfermidade, alegrando-se porém por haver visto o antigo amigo e familiar nosso Polanco, palavras que nos deram grande suspeita e depois soube-se que o referido breve havia sido formado e escrito por um a migo seu que o quis servir com aquelas palavras. 3º, porque, tendo [122v] retornado a Ferrara, fez grandíssima instância ao P. Natal, Vigário,[188] que mandasse o referido breve para todas as províncias ultramarinas sob o pretexto de que nele se visse e entendesse o amor que o Papa tinha pelo Pai Geral. Mas a intenção dele foi, como depois se descobriu, que em t oda a Companhia se entendesse que o Papa lhe era caro por aquelas palavras. Mas lhe aconteceu tudo o contrário, porque em conspecto omnium nostrorum na câmara do Papa ficou confuso, como claramente se recolhe do que Sua Santidade lhe disse, que está escrito e anotado em um papel à parte, quando fôssemos

---

185 Cardeal Alessandro Farnese. 186 A objeção de Polanco era que excluir uma nação inteira da eleição constituiria problemas constitucionais (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," p. 52). 187 Jerônimo Nadal (veja acima [12]–[13]). 188 Nadal foi vigário geral durante a ausência de Borja de Roma 1571–2.

per domandar a benção antes do Colégio. O raciocínio acima que fez o Papa com Polanco nos foi narrado por um cardeal que o tinha ouvido [123] de Sua Santidade. O raciocínio e o contraste que ocorreu com o Ilustríssimo Farnese nos disse Aloisio Mendoza,[189] o qual, embora[190] f osse Espanhol, gravemente se ofendeu com Polanco.

[26] Andassimo, o P. Canísio e eu,[191] com ordem de uma consulta que sobre isso se fez a falar a Sua Santidade, que estava em Frascati, sobre algumas coisas que ocorriam pela morte do Cardeal de Augusta.[192] E depois que foram tratadas as coisas para as quais estávamos indo, voltando-se para mim Sua Santidade, fez-me estas interrogações na presença do P. Canísio. Primeiro, se tinham chegado os Padres que deviam vir à Congregação.2º, quantas pessoas deviam estar de cada nação. 3º, quantos votos eram necessários para fazer um geral. E e mbora estivesse totalmente informado Sua Santidade, não obstante, de diversas [123ᵛ] pessoas perguntava para ver se nos[xli] acordávamos juntos. Entendendo pelas respostas que eu lhe dei, o grande número de votos que tinham os Espanhóis, e como o P. Canísio[193] não fosse eleitor,[xlii] e que da sua província em lugar dele tivessem vindo Espanhóis, movendo a cabeça com grande admiração disse: "Isto não está bem. Farão Espanhóis o que quiserem." E querendo eu desculpar o fato, então Sua Santidade, estendendo a mão sobre meu ombro, disse estas palavras: " Não deve uma nação se levantar tanto entre nós; não conhecem o franciscano? O vosso P. Laínez no Concílio de Trento procurava que se reformassem as religiões[194] e o franciscano lhe disse: "Padre Laínez, agradeça a Deus

---

º *ex* se *correxi* oito *ante* Ret *deletum*

---

189 Veja [16] onde Palmio narra que, no processo de admissão à profissão dos quatro votos, Mendoza foi preferido a Fulvio Cardulo. 190 Significado: mesmo que. 191 A partir deste relato, fica claro que Palmio influenciou a decisão do Papa Gregório de intervir durante o GC 3, como argumenta Padberg ("A Terceira Congregação Geral," p. 50). 192 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 38ʳ). 193 Pedro Canísio não era um delegado na congregação. Ele estava em Roma na época, tendo sido convocado pelo papa. A congregação o convidou a participar sem direito a voto na eleição de assistentes (veja o decreto 5 em Padberg, *Para Questões de Maior Importância*, p. 139). O delegado de sua província da Alta Alemanha era o provincial Paul Hoff aeus, que não era espanhol. 194 Laínez participou de forma muito ativa em todas as três sessões do Concílio de Trento, mas nada se sabe sobre suas negociações com a reforma das ordens religiosas (veja *DHCJ* 4:3833–7).

[124] que s[i]ete no princípio da sua religião, mas falem-me daqui a 60 anos. Cuidem-se de não estragar, porque haverá trabalho depois para se arrumarem." E acrescentou o Papa que não lhe agradava na nossa religião o domínio desta nação. Quando voltamos a Roma, narrei ao P. Polanco quanto o Papa nos[xliii] dissera. E inclinando a cabeça, [Polanco] não respondeu uma palavra, mas bem se viu uma grande alteração em seu rosto. De tudo que nos disse o Papa, o P. Canisio ficou sobremaneira admirado. Finalmente, pelas respostas que deu o P. Polanco, quando fomos perguntar [ao Papa] a benção antes do[xliv] quatriduo,[195] ficamos todos gravemente ofendidos, mas muito mais a Santidade de Nosso Senhor. E [este] [124v] disse: "Este homem quer ser Geral."

E disso houve[xlv] grande suspeita.[196] Primeiramente, pelo ofício que f ez em Ferrara com o Geral, para que nomeasse o Vigário, dizendo que se Deus permitisse outra coisa da sua pessoa, que de certo seria feito Vigário um Italiano na Lombardia. 2.º, por haver levado o pobre Padre Francesco a Roma quase à força, que estava moribundo.[197] 3.º, pelas palavras que lhe disse o próprio[xlvi] Pai na estrada: "Polanchilio Polanchiglio, tu queres ser Geral e não[198] serás Geral."[199] 4.º, por haver dito ele também ao Lucio Croce[200] que não podia ser Geral se não espanhol. 5.º, porque perguntando em Roma a mim e a outros que juízo se fazia do P. Natale e de Madri e de [125]alguns outros Espanhóis, abertamente se deixava entender que nenhum deles era apto para o Generalato e assim, *exclusis illis*, ficava ele sozinho apto ao Generalato. 6.º, porque propôs na Congregação Geral se a pessoa podia dar o voto a si mesma com boa consciência, julgando-se mais digna e mais idônea que todos. E esta fala

---

xliii *ante* mi *deletum* xliv
ante di *deletum* xlv
ex stato *correxi* xlvi
ante is *deletum*

---

195 Em 15 de abril de 1573, três dias após a convocação da congregação, mas antes que o período de quatro dias, o *quatriduo*, tivesse passado. 196 Compare a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff. 38 e 39). 197 Veja acima [14]. 198 Significado: nunca (do espanhol " nunca"). Os jesuítas espanhóis em Roma falavam uma espécie de *Span-lian*. 199 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 38), onde Palmio revela que Luisio Mendoza, Agostino Mazzin e Marcos (o servo de Borja) narraram este episódio. 200 Entre os anos 1532 e 1596 (veja Scaduto, *Catalogo*, p. 39).

desagradou a todos e duvidou-se que desenhasse a própria pessoa, principalmente porque se sabia que nem ele nem outros teriam dado o voto nem a Natal nem a Salmerone, que eram aqueles sobre os quais se podia desenhar da nação espanhola.[201]

[27] A 4.ª a causa foi a protesto que fizeram os Padres Portugueses[202] que foram ao Papa, se não se desse ordem firme para que não fosse [u m] novo[xlvii] [125v] Cristão eleito geral. E como se disse acima, vendo que havia perigo de que Polanco fosse eleito, entregaram as cartas que tinham trazido do Rei de Portugal, do Rei Filipe[203] e Cardeal de Portugal[204] ao Papa e a diversos cardeais.[205]

---

xlvii *additum in margine*: A 4.a causa vem da protesto que fizeram [sic] portugueses para excluir o P. Polanco

---

201 Pergunta-se por que Polanco e outros não votariam em Nadal ou Salmerón. 202 Os jesuítas portugueses que participaram da Congregação foram Pedro da Fonseca, Inácio Martins e Leão Henríques—um substituto para o provincial doente Jorge Serrão (veja Rodrigues, *História da Companhia*, 2/1:307). O direito deste último de participar na congregação foi questionado, pois ele foi nomeado em vez de eleito como delegado (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," pp. 51–2). 203 Ribadeneyra afirmou que Filipe escreveu ao seu embaixador em Roma, Juan de Zúñiga, a pedido de Henríques, mas sem saber das intrigas deste último (veja Medina, "Everard Mercurian e Espanha. Algumas Questões Urgentes," p. 945). 204 O tio do Rei Sebastião, Cardeal Infante Dom Henrique (veja Padberg, "A Terceira Congregação Geral," pp. 53–4). Após a eleição de Mercurian, o Papa Gregório XIII escreveu cartas tanto ao Rei Sebastião quanto ao Cardeal Henrique em 10 de setembro de 1575, nas quais ele assegurou que buscava satisfazer seus desejos na medida em que lhe fossem conhecidos. Elas estão preservadas no Arquivo Secreto do Vaticano, Arm. 44, vol. 22, ff. 65r–66v (veja Gonçalves, "Jesuítas em Portugal," pp. 710–1). Os sentimentos anti-converso de Henrique foram confirmados em outras ocasiões: ele pressionou para remover o reitor da Universidade de Évora, Paulo Ferrer, nomeado para o cargo por Borja, devido à sua origem converso (ARSI, *Lus.* 68, f. 51).

205 A autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 37r): "A província de Portugal estava t ão alterada e perturbada que os Padres resolveram fazer tudo para que o generalato não caísse nas mãos de novos cristãos, como facilmente poderia acontecer. Portanto, enviara m cartas ao Papa do Rei de Portugal e do Cardeal e de alguns Espanhóis [. . .] nas quais suplicavam a S.S. que providenciasse de qualquer forma para que o generalato não caísse nas mãos de novos cristãos [. . .]. Narravam também muitas coisas horrendas e escandalosas sobre os novos cristãos condenados pela Inquisição em Portugal e na Espanha, de onde surgia que eram tão odiados por todos e que tanto deles se temia" (37r). Veja também a autobiografia de Palmio, f. 96 e, especialmente, ff. 100–2: "Que estes novos cristãos sejam excluídos não só da eleição, mas também da Companhia e entendo que isso é o que pretendem o Rei da Espanha e de Portugal e com essa intenção vieram estes Padres portugueses e não esconderam essa sua intenção, mas claramente a propuseram e a solicitaram com grande insistência que a Congregação providenciasse, [porque] na nossa Companhia que toda é ocupada na doutrina e fé católica e, portanto, precisa de homens que não tenham mácula alguma e protestaram juntos e disseram publicamente que fizessem recurso a S.S.tà se a Congregação não providenciasse e assim o fizeram: [. . .] queriam que se fizesse decreto *de excludendis istis neophytis*."

E isso foi a causa pela qual o Papa enviou o Cardeal de Como [206] para comandar que não se fizesse General espanhol, como será dito mais abaixo. Os Padres Portugueses tiveram grande razão para fazer o que fizeram devido às coisas muito escandalosas que eles e outros narravam que continuamente saíam dos neófitos e, pelo que já dissemos acima, vê-se claramente que todos os males e distúrbios da Companhia procederam deles, como da primeira origem.

[28] Mas antes que se narre [126] o sucesso da 3ª Congregação Geral, é preciso saber que, tendo chegado todos os Padres a Roma que deveriam intervir na Congregação, a primeira coisa que se fez foi eleger doze de diferentes nações que tratassem *quais males pareciam ser passados pela Sociedade* e destes eleitos foram tratadas[xlviii] muitas coisas de i mportância. Depois, para as coisas que se entenderam, foram eleitos pela Congregação Geral três Padres: o Doutor Torres,[207] o P. Polanco[208] e eu, com a ordem de que considerássemos tudo o que havia sido tratado entre os doze, entre os quais estavam ainda os ditos três, e formássemos o interrogatório para a eleição do Geral, o qual interrogatório foi aprovado por toda a Congregação sem sequer mudar uma palavra. Depois que foram tomadas as informações conforme ao interrogatório, o [126v] Papa, pela causa dita acima, na mesma manhã em que entrásse mos em conclave para eleger o geral, enviou o Cardeal de Como, o qual fez, por parte de Sua Santidade, um comando expresso à Congregação de que não se elegesse nenhum Geral espanhol por bons respeitos que não era necessário dizer.[209] Partido que foi o Cardeal, o P. Polanco, que era Vigário, propôs[210] se deveria obedecer.[211] E parecendo a toda a

xlviii *ex* trattati *correxi*

206 Bartolomeo Gallio (1527–1607) foi o Cardeal Secretário de Estado de 1572 a 1585. Ele nasceu perto de Como e, por isso, foi chamado de "cardeal de Como" (veja *Os Cardeais da Igreja Romana*: http://www.fi u.edu/~mirandas/bios1565.htm). 207 Miguel de Torres (1509–93) foi provincial de Portugal (1552–3, 1555–61) e da Andaluzia (1554–5), e reitor em Lisboa (veja *DHCJ* 4:3824). 208 Paul Hoff aeus foi superior da Província Alemã (1569–81) e Assistente Geral para a Alemanha sob Acquaviva (1581–91). Veja o Capítulo Três sobre seu memorial sobre a unidade dirigido a Acquaviva. 209 O Cardeal Gallio chegou no dia da votação (22 de Abril), interrompendo o discurso de Possevino à congregação sobre as virtudes necessárias que o novo superior geral deveria ter. 210 Leia: igrejas. 211 Em seu rel ato da congregação, Sacchini escreveu que Polanco explicou a Galli que eles obedeceriam, mas que a situação apresentava graves dificuldades que mereciam uma discussão mais aprofundada (veja Sacchini, *Historiae*, p. 5 e Padberg, "A Terceira Congregação Geral," p. 54).

Congregação coisa demasiado indegna que se mettesse em dúvida entre nós, se se devia obedecer ao mandamento pontifício, [Polanco] determinou mandar quatro pessoas a Sua Santidade, sim para r ender-lhe as devidas graças pela cura que se dignava ter de nós, sim para rogar-lhe humildemente [para que] se contentasse em deixar a [127] eleição do Geral livre à Congregação. Fomos eleitos quatro para fazer este ofício com o Papa e um foi destes o P. Leone, Português, que havia trazido e dado as referidas cartas.[212] Tendo a Sua Santidade de Nosso Senhor entendido a humilde demanda que se lhe fez da parte da Congregação, benignissimamente se contentou [em] conceder-lhes[213] o que pediam, mas com esta condição que, caso fosse eleito Espanhol, não se publicasse, se antes não se lhe fizesse entender a pessoa que tinha si do eleita, porque verdadeiramente nunca foi intenção nem de Sua Santidade, nem dos referidos Reis, nem de pessoa alguma da Congregação excluir a nação espanhola do Geral, mas somente prover[xlix] que o generalato não fosse para as mãos de [um] Cristão novo.[214]No dia seguinte, portanto, depois que se obteve a liberdade do Papa, foi eleito Geral o P. [127v] Everardo Mercuriale.[215] Depois foram eleitos os quatro Assistentes que foram: Fonseca da nação Portuguesa, Egidio pela Espanhola, pelas nações setentrionais Oliverio, pela Itália eu que ainda era[l] Assistente do P. Francesco Borgia.[216]

[29] A[li] 5ª causa foi a indignação do P. Polanco que, na Congregação dos definidos, que éramos doze, leu uma escritura

---

xlix *ante* sapere a *deletum* l *ex* era *correxi* li *in margine*: La 5.a. A indignação do Padre Polanco

---

212 De acordo com o relato de Ribadeneyra, na partida do cardeal, os delegados espanhóis não responderam e os delegados de outras províncias ficaram enfurecidos com quem poderia ser o autor da intriga. Todos os olhares se voltaram para os portugueses e Leão Henríques se lançou de joelhos, confessou sua conspiração e pediu perdão, oferecendo-se para voltar ao papa e solicitar que Gregório revogasse sua interferência. Veja *História da Companhia de Jesus de las provincias de Espanha y parte de las del Peru y nova Espanha y Philippinas* (ARSI, *Hisp. 94*, ff. 112–3). Veja também ARSI, *Congr. 20b*, f. 210r. 213 Leia: concedere loro. 214 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 39). 215 Mercurian foi eleito em 23 de Abril. 216 Os quatro assistentes gerais foram eleitos em 9 de Maio: Oliver Mannaerts para a Alemanha, França e Flandres; Gil González Dávila (*in absentia*) para a Espanha; Pedro da Fonseca para Portugal; e Benedetto Palmio para a Itália, que de fato já era assistente geral sob Borja.

pela qual narrava a eleição do Geral como desejada e procurada. Os distúrbios aumentaram devido ao decreto que[liii] alguns desses novos Cristãos propuseram em favor deles, pelo qual pretendiam que ningué m pudesse[liii] ser excluído do Generalato sob este título [apenas] porque fosse Cristão novo.[217] A este decreto opuseram-se os portugueses com u m decreto contrário que apresentaram, para que essa gente permanecesse em[128] perpétua exclusão do Generalato. Para obter, portanto, esses neófitos, o intento deles[liv] procuraram secretamente por meio de um Cardeal [de] obter que o Papa ordenasse que a Congregação aceitasse o decreto por eles proposto. E procuraram ainda fazer junto a Sua Santidade suspeita a eleição do Geral e do Assistente de Portugal. Sobre essas questões foi feita uma grandíssima inquisição por ordem do Geral e, tendo sido eleitos cinco padres de diferentes nações,[218] foi-lhes cometido e ordenado que procurassem entender se na obtenção [do voto] não havia intervenido mancha alguma de ambição.[219] E tendo esses padres feito a devida diligência com o juramento em congregação pública, atestaram que as eleições haviam sido legitimamente feitas e que falsa era a acusação que foi deferida a Sua Santidade. Portanto, a própria Congregação [128ᵛ] ordenou que o Geral desse[220] plena i nformação da diligência que havia sido usada e da verdade que havia sido encontrada, declarando-lhe juntamente que a Congregação julgava que para manter a paz e a união na Congregação nenhum dos referidos decretos deveria ser aceito e aprovado, remetendo-se, porém, neste e e m qualquer outra coisa ao que tivesse ordenado e comandado Sua Santidade, cuja resposta foi louvar o parecer da Congregação, como aparece da relação que lhe fez o Geral por ordem da

---

liii *antes* di *deletum* liii *antes* di loro *deletum* liv *adicionado na margem*

---

217 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 43ʳ–44), onde Palmio também escreve sobre um decreto promovido principalmente por Dionisio Vázquez que retirou da *Exame Geral* a questão sobre ser Cristão Novo ou Velho, o que foi fortemente contestado por Palmio, que fazia parte da equipe de *defi nitori*. 218 Quando o papa soube dessas alegações, convocou Salmerón em 22 de Maio para investigar o escândalo. No dia seg uinte, Salmerón informou a congregação sobre sua visita ao papa e Mercurian pediu para formar um comitê para investigar as acusações. Após uma semana de trabalho, o comitê, composto por Salmerón, Francisco Adorno, Hoff aeus, Claude Matthieu e Miguel de Torres, julgou unanimemente que não havia irregularidades (veja ARSI, *Congr. 20b*, ff. 190ʳ⁻ᵛ e 198ʳ⁻ᵛ). 219 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, f. 39ʳ) 220 Leia: desse.

Congregação que se encontra escrita em um folheto separado com a resposta do Papa.[221]

[30] Da exclusão deste decreto que os neófitos queriam fazer, deliberaram fazer todos os ofícios possíveis, como fizeram depois o Rei da Espanha e seu [129] conselho, para separar a Espanha da obediência do Geral.[222] E o autor principal desta má empreitada foi Dionisio Vasches, do qual já se falou acima,[223] com muitos outros que estão anotados nos *solos*[224] do P. Paulo Ernandes,[225] Alarcon e Cordoses[226] que deram informação fiel e antes de todos os ofícios que faziam a liga destes em Espanha contra o Geral da Companhia.

[31] A 6ª fo o grande mancamento do P. Everardo, o qual se i ntrincou, deixando-se enganar por alguns que buscavam *o que era seu, não o que era de Jesus Cristo*,[227] e suscitou grandes escândalos e tumultos na Companhia.[228] Primeiro, porque quis defender a insolência de Mazarino contra o Ilustríssimo Borromeo. 2º, porque se pôs a perseguir [129v]injustamente e demasiado impetuosamente dois padres que tinha m dado certa informação ao Papa, para que, como Pai benigníssimo que era, se dignasse avisar o Geral que providenciasse algumas coisas. E desta história, porque foi [escrita] longamente separadamente,[229]não direi aqui mais nada. E tendo recebido os memoriais que foram dados ao Rei da Espanha contra ele e contra a Companhia, calou-se, deixando de fazer a provisão que deveria e que podia, principalmente tendo sido informado o Sommo Pontefície desses males ofendidos que se faziam e m

---

221 Não consegui rastrear este documento. 222 O movimento dos *memorialistas.* Veja aci ma [11] e [21]. 223 Veja acima ([8], [13], e [20]–[21]). 224 Cartas destinadas à visão exclusiva (*soli*) do superior geral. 225 Pablo Hernández foi o enviado de Mercurian à Espanha (veja Philip Endean, "O Estranho Estilo de Oração": Mercurian, Cordeses e Álvarez," em McCoog, ed., *O Projeto Mercuriano*, pp. 362–4). 226 Antonio Cordeses (1518–1601) foi admitido na Sociedade por Araoz em 1542. Na época do GC 3, ele era provincial de Aragão. Em 1573, foi nomeado reitor da Penitenciária em Roma e superior da Província de Toledo (–1578). Durante seu mandato em Gandía e Aragão, ele promoveu o apostolado com moriscos (veja *DHCJ* 1:952–3). Ele acusou Ribadeneyra, Solier e Santander de serem parte do movimento *memorialistas.* 227 Uma paráfrase de *Filipenses* 2:21. 228 Sobre como a eleição de Mercurian " implicou um golpe severo à unidade e caridade dentro da Sociedade," veja Medina, " Everard Mercurian e Espanha. Algumas Questões Prementes," pp. 945sq. 229 Este documento é desconhecido.

Espanha. E havendo ânimo deliberado pelo grande amor que tinha à Companhia de querer desfazer e aniquilar estas facções, mas o Geral, pondo-se a fazer o que não devia nem podia legitimamente fazer, [130] deixou correr as coisas de Espanha sem fazer uma mínima demonstração e, porque não se lhe pôs o remédio quando se lhe podia pôr. Vejo que irão crescendo tanto [as facções] que causarão ruína e confusão extrema na Companhia, se Deus por sua infinita misericórdia não prover.

[32] A 7ª causa pela qual muitos trabalhos da Companhia foram procedidos foi a exação das legítimas,[230] sobre a qual eu teria que escrever muitos papéis. E não houve província alguma das nossas que não tenha se queixado gravemente dessa exação pelas queixas e i nfâmias que em toda parte se ouviam espalhar contra nós. Em todo l ugar se litigava para exigir as legítimas e por muitas [130ᵛ]semanas na 2ª e 3ª Congregação Geral se disputou longamente com o desejo de levantar esse escândalo que o mundo recebia contra nós.[231] Os Príncipes, as Repúblicas [e] as Comunidades gritavam contra nós e os Padres da Espanha na 2ª Congregação apresentaram decretos feitos pelo Rei contra essas exações. E com toda a diligência que se fez para arrecadar dinheiro de todas as partes para sustentar o Colégio Romano que não tinha fundação alguma, na 3ª Congregação o encontramos agravado em 23.000 escudos de dívida.[232] Como por ter sido socorrido e ajudado mais vezes, eu falei a Sua Santidade e a muitos cardeais dando-lhe[233] uma i nformação exata do estado do Colégio e das dívidas que tínhamos e do modo e das causas, as quais se [131] fizeram. Finalmente, tendo Sua Santidade compreendido a verdade e conhecendo o fruto que se colhia do Colégio Romano, começou a nos providenciar, como eu havia suplicado, de 5 mil escudos por ano, até que lhe oferecesse a ocasião de fundá-lo, como me prometeu querer fundar. E essa promessa, como se vê, ela cumpriu liberalmente. E se não tivéssemos tido a ajuda deste bendito Pontefície, sem dúvida o Colégio de Roma teria ido ao chão. E Deus nos fez conhecer que quando nos dispuséssemos a deixar tantas lutas que se faziam e seguir a sentença do Apóstolo para edificação pública

---

230 a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff . 20ʳ–). 231 Veja o Decreto 8 do GC 2 e os Decretos 17 e 20 do GC 3 em Padberg, *Por Questões de Maior Importância*, pp. 113, 141–3. 232 Veja a autobiografia de Palmio (ARSI, *Vitae 164*, ff . 40–41ʳ). 233 Leia: con dare loro.

del mundo, *quia omnia licent, sed non omnia expedient*,[234] come verdadeiramente ci ha provisto, et liberati dall'infamia che si sentiva in ogni banda [131v] spargersi contra a Companhia.

[33] E para que se veja a que [coisa] nos havia reduzido a preocupação com a propriedade sob o pretexto, porém bom, de criar jovens para o serviço de Deus, apenas[lv] para fi ne[235] quero contar. Veio a ficar em Roma uma Senhora Lucretia, Siciliana, e tendo-se casado com um gentil-homem, ofereceu toda a sua propriedade, que tinha algum valor, com a condição de que a quisessem desfrutar em vida e que após a morte ficasse para a religião, desde que a Companhia assumisse o encargo de litigar e destrinchar esta faculdade e que em nome da Companhia se litigasse pela autoridade que tem na Sicília, fazendo, porém, toda a despesa. O pai, que era do P. Borgia designado para tratar do negócio da propriedade, persuadiu o Geral, sem pedir [132] parecer aos assistentes, como se fazia por ordinário em matérias semelhantes, que se aceitasse tal proposta; mas, tendo os Assistentes tomado conhecimento disso, procuraram que se repudiase como coisa indigna da nossa religião.[236] Mas porque já se havia abraçado tal empreitada, procurou-se ir em frente e daqui resultaram tantos inconvenientes que nos[lvi] confundíamos[237] quando nos eram ditos. E Deus, por sua misericórdia, nos livrou disso e não permitiu que tais faculdades viesse m à Companhia e por tal meio. Estas são sete causas brevemente reunidas, das quais nasceram os nossos males, e humildemente rogo à Majestade de Deus que nos livre e conserve em sua glória esta vigna *que sua mão direita plantou.*[238]

---

lv Quale *ante* solo *delevi.*

lvi *ex* si *correxi.*

---

234 1 Coríntios 10:23. 235 Leia: alla fi ne.

236 Significado: da Sociedade de Jesus.

237 Significado: estávamos envergonhados. 238 Salmo 79:16.

APÊNDICE II

HUMANI GENERIS INIMICUS (1449) POR PAPA NICOLAU V

Nicolau, Episcopus, servus servorum Dei, ad futuram rei memória :

Humani generis inimicus, illico quo verbum Dei cadere in bonam terram conspexit, operam dedit seminare zizaniam, ut, conculcato semine, nullum fructum produceret; prout vas electionis, Paulo apóstolo, precipuus huius zizanie exstirpator, refert quod in initio inter conversos ad fé diferentia antelationis exorta est, Iudeis cum gentiles de prelatione certantibus, aliis aliter in Dei Ecclesiam scisuram inducere cupientibus, cum alii Cephae, alii Apollinis esse certarent; Redentor noster hec providens, ab initio nascentis Ecclesie ordinavit: qui huiusmodi ziza niam exstirparent, humanaque imbecillitate peccantibus aut laxis occurrerent; prout ipse Apostolus ad Romanos scri- bens, omne huius antelationis dissidium divinis verbis evertit; atque Pedro, apostolorum príncipe, em singulis diocesibus ordinatis episco- pis, omnem schismatum occasionem submovit. Nos, Redemptoris nostri exemplo, cuius vice ad huiusmodi potissime tollenda dissidia, locum, licet i nmeriti, tenemus in terris, prefatorum exemplis edocti, omni vigili cura compellimur operam dare ut his, qui inter fi deles pos- sent aliquam divisão parere, nostri pontifi calis offi cii auctoritate occurramus, ut i nter fi deles caritas, amor ac unidade vigeat. Nihil enim est quod tam inter fi deles conveniat quam quod in omnibus sit velle unum, inquiente Apostolo: sicut enim corpus unum est et membros multa habet, omnia autem membros corporis, cum sint multa, unum corpus sunt, ita et Cristo; etenim em uno espírito todos nós em unum corpo baptizati f omos, sive Iudei sive gentiles, sive servi, sive liberi; todos em uno es pírito potati fomos; unum corpo, et unus espírito, sicut vocati estis em unam spem vocationis vestre. Unus Dominus, una fé, unum baptisma, unus Deus et Pater omnium. Percepimus quosdam novos zizanie seminatores, aff ectantes huius unitatis et pacis, féi nostre salutare fundamentum corrumpere; ac, quod per vas electionis apostolum Paulum exstirpatum fuerat, dissidium, em diversas partes, maxime em regnis carissimo fi lio nostro João, Castelle et Legionis regi illustri, subiectis, renovare; ausu temerario asserere quod qui, aut

Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc. Este é um capítulo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença cc-by-nc.

ex gentilidade ou ex judaísmo, ou de qualquer outro erro, aqueles que conheceram a verdade de Deus cristã e foram batizados, e, o que é mais grave, seus filhos, por causa da nova assunção de que não devem ser admitidos a honras, dignidades, ofícios, tabellionato e ao testemunho e m causas cristãs; afligindo-os com palavras e atos de contumélia; o que, sendo alienígena aos ensinamentos de nosso Redentor, como teste munha o apóstolo Paulo, quando diz: Glória e honra e paz a todo o que pratica o bem, ao judeu e ao grego; pois não há acepção de pessoas diante de Deus; e: Todo o que crê nele não será confundido; pois não há distinção entre judeu e grego; pois o mesmo Senhor é de todos, rico para com todos os que o invocam; e em outro lugar: Em Cristo Jesus nem a circuncisão vale alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a fé que opera por amor. Estes, como aqueles que se desviam da verdade de Deus catolicamente, devem ser conduzidos ao caminho da verdade, e na medida em que os que excederem nos premissos, desejando ser advertidos, não contradizem apenas às autoridades divinas mencionadas, mas também às de ilustres príncipes, como Alfonso, o Sábio, e Henrique, e nosso caríssimo filho João, rei moderno de Castela e Leão, para o aumento da fé de Deus, com sanções perpétuas, autenticadas por suas cartas seladas, cercadas de graves penas, e por nós vistas e discutidas cuidadosamente, as quais sancionaram que entre os novos conversos à fé, especialmente do povo israelita, e os antigos cristãos, não houvesse discriminação na aceitação de honras, dig nidades, ofícios tanto eclesiásticos quanto seculares; e afetando que cada um saiba o que é reto; e quem, contra a norma da lei cristã, ousar s emear falsidades e escandalizar os próximos, que são contrários à unidade e à paz, sejam afetados pelas devidas penas, reconheçam seus erros; as ordenações e decretos dos príncipes mencionados, conforme à lei e aos sagrados cânones, sobre isto publicados, de nosso próprio movimento e certeza de ciência, aprovamos, confirmamos e reforçamos com a autoridade apostólica, e a todos e cada um, de qualquer estado, grau ou condição que forem, eclesiásticos e seculares, sob pena de excomunhão, ordenamos que todos e cada um dos que se converteram à fé cristã ou que forem convertidos no futuro, ou que vierem de gentilidade ou judaísmo ou de qualquer seita, e seus descendentes, tanto eclesiásticos quanto seculares, vivendo catolicamente e conforme ao que convém a um cristão, sejam admitidos a todas as dignidades, honras, ofícios, tabellionato, depoimentos de testemunhas, e a todas as outras coisas, às quais outros cristãos, por mais antigos que sejam, costumam ser admitidos; nem por causa da nova recepção da fé, façam discriminação entre eles e outros cristãos, nem os aflijam com palavras ou atos de contumélia, nem permitam que sejam afligidos, mas contradigam a toda possibilidade e oponham-se.

nant; et eos omni caritate prosequantur et profi teantur sine personarum acceptione; todos os católicos sejam um só corpo em Cristo segundo a doutrina da nossa fé, os quais todos tais sejam, e por tais sejam tidos por todos, por esta série decernimos e declaramos. Verum si quem destes após o batismo se encontrar sem saber a fé cristã, ou seguir erros dos gentios ou judeus, ou por dolo ou ignorância não observar os preceitos da fé cristã, nos quais casos que nos concílios de Toledo e maxime no capítulo Constituit, e em outros lugares contra tais apóstatas da fé de Cristo, não são igualmente admitidos com outros fiéis bons a tais honores, decretos são, lugar a si reivindicam, conforme os referidos reis, entendendo retamente os sagrados cânones nas suas constituições, algumas leis dos seus reinos interpretaram, ou de outra forma menos do que convém ao cristão agir ou saber. Quem disso se escandalizar, dirija-se ao juiz competente, e o que é justo que se faça, pela autoridade pública do direito, observando a ordem, estude; nem alguém, por autoridade própria, ou não observando a ordem do direito, contra a doutrina das leis divinas e humanas, ouse atentar algo contra eles ou algum deles. E porque é pouco que as ordenações sejam feitas, a menos que haja quem as defenda, aos veneráveis irmãos arcebispo de Sevilha, ou quem agora é, ou por tempo será, commendatário da dita Igreja, e ao bispo de Toledo, e aos bispos de Palência, Abulense e Cordubense, bem como ao dileto filho abade do mosteiro de São Facundo da diocese de Leão, e a cada um deles em solidum, comissionamos e mandamos que contra aqueles que presumirem dogmatizar contrariamente ao que foi dito no futuro, e aos referidos fiéis de Cristo, por palavra ou ato, por causa do que foi dito, injúrias infligirem, ou até agora infligiram, e contra prestantes auxílio, conselho ou favor, toda solenidade do direito omitida, somente a verdade do fato considerada, procedam, cada dia e hora, a penas de privação, inabilitação, captura pessoal, e outras penas pecuniárias, conforme a qualidade do delito parecer requerer, ou um deles proceda; não obstante os decretos de feliz recordação do Papa Bonifácio VIII, nosso predecessor, pelos quais se proíbe que alguém seja convocado a julgamento fora de sua cidade e diocese, a menos que em certos casos excepcionais, e nesses além de um dia do fim de sua diocese, ou que juízes da Sé Apostólica designados, procedam fora da cidade e diocese em que foram designados contra quem quer que seja; ou que outros ou outros com suas vices cometam, ou ousem trazer alguém alé m de um dia do fim de suas diocese, e de dois dias em concílio geral; como em outras constituições dos Pontífices Romanos nossos predecessores, tanto juízes delegados, quanto outros, editos, que arcebispos, abades, e outros referidos,

ac cuiuslibet eorum iurisdictioni ac potestati, possent quomodolibet obviare, ceterisque contrariis quibuscumque; seu si alicui vel aliquibus communiter vel divisim a dita Sede indultum sit, quod interdici, suspendi vel excommunicari, aut ultra vel citra ad iudicium evocari non possint, per litteras apostolicas non facientes plenam et expres- sam, ac de verbo ad verbum de indulto huiusmodi, mentionem. Sane, quia difficile foret presentes litteras ad singula em quibus forsam de eis fi des facienda foret, loca deferri volumus, et dita auctoritate aposto- lica decernimus quod earum vero transumpto manu publica suscripto et alicuius ecclesiastice persone curie sigillo munito, fi des plenaria adhibeatur, et proinde stetur ac si ipse presentes littere producte forent seu ostense: contradictores per censuram ecclesiasticam, appellatione postposita, compescendo. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostre approbationis, confi rmationis, roborationis, mandati, constitutionis, et declarationis et voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare presumpserit, indi- gnationem omnipotentis Deus, et beatorum Apóstolos e Pauli, apostolorum eius, se noverit incursurum. Datis fevereiro, diocese de Camarines, ano da Incarnação do Senhor milésimo quatrocentésimo quadragésimo nono, oitavo dia das calendas de outubro, pontificatus nostri ano tertio."

Oropesa, *Luz* [Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes,2002], cap. XXXVIII.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Alarcón, García Girón de. [1597 Memorial] (ARSI, Instit. 184/I, ff . 297ʳ–312ᵛ). Defensio Statuti Toletani (ARSI, Fundo Jesuíta, Toledo 1641). Guzmán, Diego de. "As razões que há para que o decreto da Quinta Congregação Geral deva ser abrogado e desfeito que determina que não sejam recebidos os que são de linhagem de Judeus ou de Mouros" (ARSI, Instit. 186e, ff . 353–8). Maggio, Lorenzo. "De unione animorum in Societate: restauranda et servanda" (ARSI, Instit. 178, ff . 154–61). Palmio, Benedetto. [1588? Memorial] (ARSI, Instit. 106, ff . 92–132). Possevino, Antonio. [1576 Memorial] (ARSI, Congregationes 20b, ff . 206–12). ——. [1598 Memorial] (ARSI, Instit. 184/II, ff . 349–52. Congregationes 26, ff . 28–30 e 288–92). Ribadeneyra, Pedro de. "As razões que me são oferecidas para não fazer novidade na admissão de pessoas na Companhia" (ARSI, Instit. 184 I, ff . 292ʳ–5ᵛ). ——. História da Companhia de Jesus das províncias da Espanha e parte das do Peru e Nova Espanha e Filipinas (ARSI, Hispânia 94). Rodrigues, Manuel. "De baptizandis ex progenie Judaeorum" (Instit. 184 II, ff . 360–4). ——. "De gente bizcayna" (Instit. 186e, ff . 327–51ᵛ). ——. "De unione animorum" (Instit. 178, ff . 162–4). ——. [Postulate to GC 5] (ARSI, Instit. 184/II, f. 356). Santiváñez, Juan de. História da Província da Andaluzia da Companhia de Jesus (ARSI).

Fontes Primárias: MHSI

Os seguintes são os volumes do *Monumenta Historica Societatis Iesu,* aos quais me refiro no livro.

Bobadillae Monumenta [*Mon Bobad.*]. *Editado por D. Restrepo (Madri, 1913). Epistolae et Acta do padre Iacobi Lainii segundo, preposto geral da Sociedade de Jesus* [*Mon Laínez*]. *8 vols. Editado por E. Astudillo, S.J. (Madri, 1912–6). Epistolae et Monumenta do P. Hieronymi Nadal* [*Mon Nadal*]. *6 vols. Editado por F. Cervós e M. Nicolau, vols. 1–4 (Madri, 1898–1905); vols. 5–6 (Roma, 1962–4). Epistolae Mixtae de vários locais da Europa, 1537–1556* [*Epp. Mix.*]. *5 vols. Editado por V. Augusti (Madri, 1898–1901). Epistolae dos PP. Paschasii Broeti, Claudii Jaji, Joannis Codurii, e Simonis Rodericii, S.I.* [*Mon Broet*]. *Editado por F. Cervós (Madri, 1903). Confissões, epístolas e outros escritos inéditos do Patris Petri de Ribadeneira, sacerdote da Sociedade de Jesus* [*Mon Rib*], 2 *vols. Editado por D. Restrepo, S.J. e Joannes Vilar, S.J. (Madri, 1920–3). Fontes Narrativi de S. Ignácio de Loyola e dos inícios da Companhia de Jesus* [*Fontes Narr.*]. *4 vols. Editado por D. Fernández Zapico, C. Dalmases, e P. Leturia (Roma, 1943–65). Litterae Quadrimestres* [*Litt. Quadr.*]. *7 vols. Editado por M. Lecina e Fernández Zapico (Madri e Roma, 1894–1932). Monumenta paedagogica* [*Mon paed.*] *(Madri: Augustini Avrial, 1901). Epistolas e Instruções de Santo Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus* [*Mon Ign.*]. *12 vols. Editado por M. Lecina, V. Augusti, e D. Restrepo (Madri, 1903–11).*

São Francisco Borgia[*Mon. Borgia*]. 5 vols. Editado por I. Rodriguez, V. Augusti, e F. Cervós (Madri, 1894–1911). *Vita Ignatii Loiolae et história da Sociedade de Jesus auctore Joanne Alphonso de Polanco*[*Chronicon*], 6 vols. Editado por J.M. Velez e V. Agustí, S.J. (Madri, 1894–8).

Outras Obras

Abad, Camilo M. "Unas 'Anotaciones' do doutor Pedro Ortiz e de seu irmão fray Francisco sobre os Exercícios espirituais de san Ignacio," *AHSI* 25 (1956): 437–54. Adelman, Janet. *Relações de Sangue: Cristão e Judeu em* O Mercador de Veneza (Chicago: University of Chicago Press, 2008). Alcázar, Bartolomé. *Crôno-história da Companhia de Jesus na Província de Toledo, e elogios de seus varões ilustres, fundadores, benfeitores, fautores, e filhos espirituais* (Madri: Juan Garcia Infançon, 1710). Astrain, Antonio, S.J. *História da Companhia de Jesus na assistência da Espanha*. 7 vols. (Madri: Administração da Razão e da Fé, 1902–25). ——. *Introdução Histórica à História da Companhia de Jesus* (Madri: Rivadeneyra, 1912). Bangert, William. *Jerome Nadal, S.J. 1507–1580: Rastreando a Primeira Geração de Jesuítas* (Chicago: Loyola University Press, 1992). ——. *Claude Jay e Alfonso Salmerón: Dois Jesuítas Iniciais* (Chicago: Loyola University Press, 1985). Barcena, M.ª Jesus Gómez. *Escultura gótica funerária em Burgos* (Burgos: Diputação Provincial de Burgos, 1988). Baron, Salo Wittmayer. *Uma História Social e Religiosa dos Judeus*. Vol.14: "Baixa Idade Média e Era da Expansão Europeia, 1200–1650: Restauração Católica das Guerras de Religião" (Nova Iorque: Columbia University Press, 1969). Batllori, Miguel. *Gracián e o barroco* (Roma: Edições de História e Literatura, 1958). Benbassa, Esther e Aron Rodrigue. *Judaísmo Sefardita: Uma História da Comunidade Judeu-Espanhola, Séculos XIV–XX* (Berkeley: University of California Press, 2000). Bodian, Miriam. *Hebreus da Nação Portuguesa*. Conversos *e Comunidade na Amsterdã Moderna* (Bloomington: Indiana University Press, 1997). ——. *Morrendo na Lei de Moisés: Martírio Cripto-Judaico no Mundo Ibérico* (Bloomington: Indiana University Press, 2007). *Os Cardeais da Igreja Romana*: http://www.fi u.edu. Bover, Joaquin Maria. *Nobiliário Mallorquino* (Barcelona: José J. De Olañeta Editor, 1983). Boyarin, Jonathan. *O Eu Não Convertido: Judeus, Índios e a Identidade da Europa Cristã* (Chicago: Chicago University Press, 2009). Braun, Harald E. *Juan de Mariana e o Pensamento Político Espanhol Moderno Inicial* (Aldershot: Ashgate, 2007). Brodrick, James. *A Origem dos Jesuítas* (Chicago: Loyola University Press, 1960, 1940). ——. *O Progresso dos Jesuítas (1556–79)* (Chicago: Loyola University Press, 1986). *Bullarium Romanum* (Turim: Seb. Franco e Henrico Dalmazzo editoribus, 1890). Burgaleta, Claudio M. *José Acosta, S.J. (1540–1600). Sua Vida e Seu Pensamento* (Chicago: Loyola University Press, 1999

Caro Baroja, Julio. Os Judeus na Espanha Moderna e Contemporânea (Madri: Edições Arion, 1961). Carrete, Carlos Parrondo, ed. Fontes Iudaeorum Regni Castellae (Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca; [Granada]: Universidade de Granada, 1981–[1997]), vol. 4: "Os judeoconversos de Almazán, 1501–1505: origem familiar dos Laínez." Cartas de São Inácio de Loyola. 6 vols. (Madri: La V. E Hijo de D.E. Aguado, 1874–89). A Enciclopédia Católica (http://www.newadvent.org/cathen/07220a.htm). Casar, M.F. García. Fontes Iudaeorum Regni Castellae, vol. 6: "O passado judeu de Ciudad Rodrigo" (Salamanca: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1992). Cereceda Feliciano, S.J., Diego Laínez na Europa religiosa de seu tempo: 1512–1565 (Madri: Edições Cultura Hispânica, 1945). Cohen, Thomas. "Nação, Linhagem e Unidade Jesuíta no memorial de Antonio Possevino a Everard Mercurian (1576)," em A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos secs. XVI e XVII. 2 vols. (Porto: Universidade do Porto Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade/Instituto do Cultura Portuguesa, 2004), vol. 1, pp. 540–61. Coleman, David. Criando Granada Cristã: Sociedade & Cultura Religiosa em uma Cidade Fronteiriça do Velho Mundo, 1492–1600 (Ithaca: Cornell University Press, 2003). Cortès Cortès, Gabriel. História dos Judeus Mallorquines e de seus descendentes cristãos (Mallorca: Miquel Font, 1985). Coupeau, José Carlos. "Os diálogos de Nadal. Contexto histórico-literário e fato retórico," Ignaziana 3 (2007): 3–80. Cuart, Baltasar. Colegiais maiores e limpeza de sangue durante a idade moderna: o Estatuto de S. Clemente de Bolonha (ss. XV–XIX) (Salamanca: Edições Universidade de Salamanca, 1991). Dalmases, Cándido. "Santa Teresa e os Jesuítas. Precisando datas e dados," AHSI 35 (1966): 347–78. Decretalium D. Gregorii Papae IX. Compilatio Liber Tertius (www.thelatinlibrary.com/gregdecretals3.html). de la Costa, H. Os Jesuítas nas Filipinas (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1961). del Hoyo Arturo, Baltasar Gracián y Morales. Obras completas (Madri: Aguilar, 1967). de Mielesi, Ugo. "Teresa d'Avila e os Padres da Companhia de Jesus," La Civiltà Cattolica 133 (1982): 234–43. Díaz e Díaz, Luis A., ed., Alonso de Oropesa. Luz para o conhecimento dos gentios (Madri: Universidade Pontifícia de Salamanca, 1979). Dicionário Sefaradi de sobrenomes (Rio de Janeiro: Fraiha, 2003). Donnelly, John Patrick. "Antonio Possevino: De Secretário a Legado Papal na Suécia," em McCoog, ed., Projeto Mercuriano, pp. 323–49. Dudon, Paul. São Inácio de Loyola (Milwaukee: Bruce, 1949). Dueñas, José de. "Os Suárez de Toledo," e m Razão e Fé 138 (1948): 91–110. Enciclopédia Judaica, 16 vols. (Jerusalém: Enciclopédia Judaica, 1972). Fabre, Pierre-Antoine. "A conversão infinita dos conversos. Dos ' novos-cristãos' na Companhia de Jesus no 16e século," Annales HSS 4 (1999) 875–93. ——. ed. Marcel Bataillon. Os Jesuítas na Espanha do século XVIe (Paris: Les Belles Lettres, 2009). Fejér, Joszef. Defuncti primi saeculi Societatis Iesu (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1982). Ferreiro, Elvira Pérez, ed. O Tratado de Uceda contra os Estatutos de Limpieza de Sangre:

Franco, Juan Hernández. *Cultura e limpeza de sangue na Espanha moderna. Puritate sanguinis* (Múrcia: Universidade de Murcia, 1996). Friedman, Jerome. "Conversão Judaica, as Leis de Sangue Puro da Espanha e a Reforma: Uma Visão Revisionista do Antissemitismo Racial e Religioso," in *Revista do Século Dezesseis* 18/1 (Primavera, 1987): 3–30. Gallego, Valentín Moreno. "Notas historiográficas ao encontro de Loyola e Vives," in Plazaola, ed., *Inácio de Loyola e seu tempo*, pp. 901–7. García-Arenal, Mercedes e Fernando Rodríguez Mediano. " Jerônimo Román de la Higuera e os Livros de Chumbo de Sacromonte," in Ingram, ed., *Conversos e Moriscos,*pp. 243–68. Gerber, Jane S. *Os Judeus da Espanha: Uma História da Experiência Sefardita* (Nova Iorque: Free Press, 1992). Getino, A. "Vida e obras de Fr. Lope de Barrientos," *Annales Salmantinos* (1927): 181–204. Giammanco, Robert. "Sobre a inautenticidade do memorial antigesuitico atribuído a Benito Arias Montano," *AHSI* 26 (1957): 276–84. Gaudeau, Bernard. *De Petri Ioannis Perpiniani vita et operibus* (Paris: Retaux-Bray, 1891). Goldish, Matt. *Questões Judaicas: Responsa sobre a Vida Sefardita no Período Moderno Inicial* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2008). Gómez-Menor, José. "A linhagem toledana de santa Teresa e de são João da Cruz," *Toletum* 45–46 (1969–70): 88–141. ——. "A progenie ebria do pai Pedro de Ribadeneyra S.I. (filho do jurado de Polendo Alvaro Fusillo Ortiz de Cisneros)," *Sefarad* 36 (1976): 307–32. Goodier, Alban. "Santa Teresa e a Sociedade de Jesus," *O Mês* 168 (1936): 395–405. Gonçalves, Nuno da Silva. " Jesuítas em Portugal," in McCoog, ed., *Projeto Mercuriano,*pp. 705–44. Goyena, Antonio Pérez. "Arias Montano e os Jesuítas," *Estudos eclesiásticos* 7 (1928): 273–317. Graizbord, David L. *Almas em Disputa: Identidades Conversas na Ibéria e na Diáspora Judaica, 1580–1700. Cultura e contextos judaicos* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2004). Granada, Fray Luis de la Ordem de Santo Domingo, *Vida do Padre Mestre João de Ávila e as partes que deve ter um pregador do Evangelho* (Madri: Edibesa, 2000). Hering Torres, Max-Sebastiàn. *Racismo na Vormoderne: a "Pureza do Sangue" na Espanha da Frühen Neuzeit* (Frankfurt: Campus, 2006). Hillgarth, J.N. *Leitores e Livros em Maiorca 1229–1550* (Paris: CNRS, 1991). Ianuzzi, Isabella. "Mentalidade inquisitorial e jesuítas: o enfrentamento entre o Cardeal Silíceo e a Companhia de Jesus," *Cuadernos de História Moderna* 24 (2000): 11–31. Iglesias, Ignacio. "Santa Teresa de Jesus e a espiritualidade ignaciana," Manresa </style

Institutum Societatis Iesu (Florença: Ex Typographia a SS. Conceptione, 1892–1893). Jacobs, Hubert, ed. Documenta Malucensia (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974–84). Johnson, Harold B. “Um Pedófilo no Palácio” (<http://people.virginia.edu/~hbj8n/pedophile.pdf>). Jorge, Enrique. “São Francisco de Borja e Santa Teresa de Jesus,” Manresa 46 (1974): 43–64. Jurado, Manuel Ruiz. “São Juan de Ávila e a Companhia de Jesus,” AHSI 40 (1971): 153–72. ——. “Um caso de profetismo reformista na Companhia de Jesus. Gandía 1547–1549,” AHSI 43 (1974): 217–66. Kamen, Henry. A Inquisição Espanhola: uma revisão histórica (New Haven: Yale University Press, 1998). ——. “Uma crise de consciência na Idade de Ouro na Espanha: Inquisição contra Limpieza de sangue,” Bulletin Hispanique 88/3–4 (1986): 321–56. ——. Crise e Mudança na Espanha Moderna (Aldershot: Ashgate, 1993). ——. “Limpieza e o Fantasma de Américo Castro: Racismo como uma Ferramenta de Análise Literária,” Hispanic Review 64/1 (1996): 19–26. Kaplan, Gregory B. A Evolução da Literatura Conversa: Os Escritos dos Judeus Convertidos da Espanha Medieval (Gainesville: University Press of Florida, 2002). King, Willard F. Juan Ruiz de Alarcón, letrado e dramaturgo: seu mundo mexicano e espanhol (México: Colegio de México, Centro de Estudos Linguísticos e Literários, 1989). Lacouture, Jean. Jesuítas: Uma Multibiografia (Washington, D.C.: Counterpoint, 1995). Lapaque, S. & V. Donare, eds. António Vieira, “ Sobre os processos da Santa Inquisição”. Proposições em favor dos gente da nação judaica (Paris: Bayard, 2004). Lazar, Lance Gabriel. Trabalhando na Vinha do Senhor: Confrarias Jesuítas na Itália Moderna (Toronto: Toronto University Press, 2005). Lynn Hossain, Kimberly. Arbiters of Faith, Agents of Empire: Inquisidores Espanhóis e suas Carreiras, 1550–1650. Tese de Doutorado (Baltimore: Universidade Johns Hopkins, 2006). Losada, Angel, ed. Erasmo na Hispânia, Vives em Belgio. Acta colloquii Brugensis, 1985 (Leuven: Peeters, 1986). Longhurst, John E. “São Inácio em Alcalá. 1526–1527,” AHSI 26 (1957): 252–6. ——. O Fantasma de Lutero na Espanha (1517–1546) (Lawrence, Kan: Coronado Press, 1964). Machado, Diogo Barbosa. Memórias para a história de Portugal, que compreendem o governo do rei D. Sebastião, único em o nome, e décimo sexto entre os Monarcas Portugueses (Lisboa: na Officina de Joseph António da Sylva, 1736). Mariana, Juan de. Obras (Madri: Biblioteca de Autores Espanhóis, 1950). Marijuan, Rosario Porres e Teresa Benito Aguado. “O Estatuto de limpeza de sangue e suas repercussões em Vitoria nos tempos de Felipe II,” in Hispania 60/2, núm. 205 (2000): 515–62. Martín, Melquíades Andrés. O mistério dos alumbrados de Toledo, desvelado por seus contemporâneos (1523–1560). Discurso de abertura de curso 1976–1977 (Burgos: Faculdade de Teologia do Norte da Espanha, 1976). Martina, Giacomo. História da Companhia de Jesus na Itália (1814–1983) (Brescia: Morcelliana, 2003). Maryks, Robert, ed. Giacomo Laínez. Prima biografia ignaciana (Nápoles: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1996). ——. “Abnegação nos escritos de Jerônimo Nadal (1507–1580),” Manresa 73 (2001): 87–96. ——. “Jerônimo Nadal,” in DEI, pp. 1315–9. ——. “Censo dos Livros Escritos

Martz, Linda. “Famílias Conversas em Toledo dos Séculos Quinze e Dezesseis: A Significância da Linhagem,” *Sefarad* 48 (1998): 1–79. McCoog, Thomas M. *O Projeto Mercuriano: Formando a Cultura Jesuíta, 1573–1580* (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2004). McKinney, Ronald H. “A Casuística Barroca de Baltasar Gracián,” *O Modern Schoolman* 81/2 (2004): 79–95. Medina, Francisco de Borja. “Jesuítas na armada contra Inglaterra,” *AHSI* 58 (1989): 3–42. ——. “Ignácio de Loyola e a ‘limpeza de sangue,’” i n Plazaola, ed., *Ignácio de Loyola e seu tempo*, pp. 579–615. ——. “São Inácio e os Judeus,” *Anuário do Instituto Ignacio de Loyola* 4 (1997): 37–63. ——. “Precursores de Vieira: Jesuítas andaluzes e castelhanos em favor dos cristãos novos,” in *Terceiro centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso internacional. Atas* (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1999), pp. 491–519. ——. “Íñigo de Loyola e os mercadores castelhanos do Norte da Europa. O financiamento de seus estudos na Universidade de Paris,” *AHSI* 51 (1999): 159–206. ——. “ Ignácio de Loyola e a ‘limpeza de sangue,’” *Encontro Islamo-Cristão* 339–340 (Julho–Agosto 2000): 2–16. ——. “Everard Mercurian e a Espanha. Algumas Questões Urgentes,” in McCoog, ed., *Projeto Mercuriano,* pp. 945–966. Melammed, Renée Levine. *Uma Questão de Identidade. Conversos Ibéricos em Perspectiva Histórica* (Oxford: Oxford University Press, 2004). Millán, José Martínez. “A crise do ‘partido castelhano’ e a transformação da Monarquia Hispana,” *Cuadernos de História Moderna* 2 (2003): 11–38. Mir, Gabriel Codina. “A ordenação e o doutorado em teologia de Jerônimo Nadal em Aviñón (1537–1538), *AHSI* 36 (1967): 247–51. Mir, Miguel S.J., *História interna documentada da Companhia de Jesus* (Madri: Impressão de J. Ratés Martín, 1913). Moore, Kenneth. *Aqueles da Rua: Os Judeus Católicos de Mallorca: um Estudo sobre Mudança Cultural Urbana* (Notre Dame, Ind: University of Notre Dame Press, 1976). Munitiz, Joseph A., S.J. “Francisco Suárez e a exclusão de homens de origem judaica ou mourisca da Sociedade de Jesus,” *AHSI* 73 (2004): 327–40. Mutaner i Mariano, Lleonard, ed. *Ralación de los Sanbenitos 1755* (Mallorca: Miquel Fonf, 1993). Nadal, Gerônimo. *Evangelicae historiae imagines: ex ordine Evangeliorum quae toto anno in Missae sacrifi cio recitantur, in ordinem temporis vitae Christi digestae* (Antuérpia: Martin Nutius, 1593). Netanyahu, Benzion, *As Origens da Inquisição na Espanha do Século Quinze* (Random House: Nova Iorque, 1995). ——. *Rumo à Inquisição: Ensaios sobre a História Judaica e dos Conversos na Espanha Medieval Tardia* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press,

dos arquivos nacionais e estrangeiros, especialmente dos segredos do Vaticano, da inquisição e da Companhia (Madri: Impr. de A. Marzo, 1916). *Origem Genealógica de alguns Sobrenomes existentes em Mallorca e História dos Judeus da Espanha* (Valência, Edições Franva, 1965). Ortiz, Antonio Domínguez. *A classe social dos conversos na Castilla na idade moderna* ([Madri]: Instituto Balmes de Sociologia, Departamento de História Social, Conselho Superior de Investigações Científicas, 1955). ——. "Os conversos de origem judia depois da expulsão," in Carmelo Viñas e Mey, ed., *Estudos de história social da Espanha* (Madri: Instituto Balmes de Sociologia. Conselho Superior de Investigações Científicas, 1955), pp. 226–431. ——. *Os judeoconversos na Espanha e América* (Madri: ISTMO, 1971). ——. *Os judeoconversos na Espanha moderna* (Madri: Mapfre, 1993). Padberg, John W., Martin D. O'Keefe, e John L. McCarthy, eds. *Por Questões de Maior Importância: As Primeiras Trinta Congregações Gerais Jesuítas: Uma Breve História e uma Tradução dos Decretos* (St. Louis: O Instituto de Fontes Jesuítas, 1994). Pardo, Enrique Jorge. "Santa Teresa de Ávila e a Companhia de Jesus no século XVI," *Razão e fé* 166 (1962): 293–306. Pastore, Stefania. *Uma heresia espanhola: espiritualidade conversa, alumbradismo e inquisição (1449–1559)* (Florença: L.S. Olschki, 2004). Pérez, Lorenzo, ed. *Anales Judaicos de Mallorca* (Palma de Mallorca: Ripoli, 1974). Pike, Ruth. *Aristocratas e Comerciantes. Sociedade Sevillana no Século Dezesseis* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1972). ——. *Linajudos e Conversos em Sevilha: Ganância e Preconceito na Espanha dos Séculos Dezesseis e Dezessete* (Nova Iorque: Peter Lang, 2000). Pizarro Llorente, Henar. *Um grande patrono na corte de Felipe II: Don Gaspar de Quiroga* (Madri: Universidade Pontifícia Comillas, 2004). Plazaola, Juan, ed. *Inácio de Loyola e seu tempo: congresso internacional de história (9– 13 setembro, 1991)* (Bilbau: Mensageiro, 1992). Poole, Stafford. "A Política da *limpeza de sangue*: Juan de Ovando e Seu Círculo no Reinado de Felipe II," *As Américas* 55 (1999): 359–89. Possevino, Antonio. *Bibliotheca selecta* (Colônia: apud Joannem Gymnicum sub Monocerote, 1607). Rahner, Hugo. *São Inácio de Loyola. Cartas para Mulheres* (Freiburg: Herder, 1960). Rastoin, Marc, S.J. "Os cristãos de origem judaica na Companhia nascente," in *Cristo* 211 (2006): 357–63. ——. "Os 'Conversos' na Sociedade de Jesus ou De Ventania a Queda," in Thomas Michel, S.J., ed., *Amigos no Caminho: Jesuítas Encontros com o Judaísmo Contemporâneo* (Nova Iorque: Fordham University Press, 2007), pp. 8–27. Reites, James W., S.J. *São*. Inácio e o Povo do Livro: Um Estudo Histórico-Teológico da Motivação Esp

Rodríguez, Félix. “Santa Teresa de Jesús e seus conselheiros jesuítas,” Manresa 59 (1987): 309–11. Rosenstock, Bruce. Novos Homens: Conversos, Teologia Cristã e Sociedade na Castela do século XV (Londres: Universidade de Londres, 2002). Roth, Norman. Conversos, Inquisição e a Expulsão dos Judeus da Espanha (Madison: University of Wisconsin Press, 2003). Rurale, Flavio. “Carlo Borromeo e a Sociedade de Jesus nos anos 1570,” em McCoog, ed., Projeto Mercuriano, pp. 559–605. Ruiz-de-Medina, Juan, ed., Documentos do Japão (1547–1562) (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1990–5). Sacchini, Francesco Historiae Societatis Iesu [Roma: Typis Dominici Manelphii, 1652]. Salvador, José Gonçalves. Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição (Aspectos de sua atuação nas capitanias do Sul, 1530–1680) (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969). Samson, Alexander, “O adelantamiento de Cazorla, Cultura converso e o estatuto de limpeza de sangue do Capítulo da Catedral de Toledo de 1547,” Boletim de Estudos Espanhóis, 84/7 (2007): 819–36. Sanz, Enrique. “Os Laínez e a limpeza de sangue,” Perfi cit 17 (1993): 65–71. Scaduto, Mario. “A missão de Cristoforo Rodríguez ao Cairo (1561–1563),” AHSI 54 (1958): 233–78. ——. “Um escrito ignaciano inédito. O ‘Do ofício do secretário,’” AHSI 29 (1960): 305–312. ——. A época de Giacomo Laínez. O governo. 1556–1565 (Roma: Edições “A Civilização Católica,” 1964). ——. Catálogo dos Jesuítas da Itália, 1540–1565 (Roma: IHSI, 1968). ——. A época de Giacomo Laínez. A ação. 1556–1565 (Roma: Edições “A Civilização Católica,” 1974). ——. A obra de Francisco Borgia, 1565–1572 (Roma: Edições “A Civilização Católica,” 1992). Schneider, Burkhart. “A Denkschrift des Paul Hoff aeus S. I. De unione animorum in Societate,” AHSI 29 (1960): 85–98. Schurhammer, Georg. Francisco Xavier. Sua Vida, Seus Tempos (Roma: Instituto Histórico Jesuíta, 1973). Scorraille, Raoul de. François Suarez da Companhia de Jesus (Paris: P. Lethielleux, 1912). Selke, Angela. O Santo Ofício da Inquisição. Processo de Fr. Francisco Ortiz (1529–32) (Madri: Ed. Guadarrama, 1968). Sicroff, Albert. “El Lumen ad revelationem gentium, de Alonso de Oropesa, como precursor do erasmismo na Espanha,” em Eugenio Bustos Tovar, ed., Atas do quarto Congresso Internacional de Hispanistas (Salamanca: Associação Internacional de Hispanistas, 1982). ——. Os estatutos de Li mpieza de Sangre: controversias entre os séculos XV e XVII (Madri: Taurus, 1985). Simonsohn, Shlomo. Os Judeus no Ducado de Milão. Uma História Documental dos Judeus da Itália (Jerusalém: Academia de Ciências e Humanidades de Israel, 1982). Sigüenza, José. História da Ordem de São Jerônimo (Madri: Bailly-Balliére, 1907–9). Sola, José C., S.J. “O P. Juan Bautista Eliano, um documento autobiográfico inédito,” AHSI 4 (1935): 191–221. Spadaccini, Nicholas e Jenaro Talens, eds. Retórica e Política: Baltasar Gracián e a Nova Ordem Mundial (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997). Starr-LeBeau, Gretchen D. À Sombra da Virgem. Inquisidores, Frei e Conversos em Guadalupe, Espanha (Princeton: Princeton University Press, 2003). Stow, Keneth R. “A Queima do Talmud em 1553, à luz das Atitudes

——. *Pensamento Católico e Política Papal sobre os Judeus 1555–1593* (Nova Iorque: Seminário Teológico Judaico, 1977). Tacchi Venturi, Pietro, S.J. *História da Companhia de Jesus na Itália*, 2 vols. em 4 partes (Roma: A Civilização Católica, 1950). Tellechea, Ignacio Idígoras. "Censura inédita do Padre Francisco de Toledo, S.J.," *Revista Española de Teología* 29 (1969): 3–35. Unzué, José Luis Orella. "A Província de Guipúzcoa e o tema dos judeus nos tempos do jovem Iñigo de Loiola," in Plazaola, *Ignácio de Loyola e seu tempo,* pp. 847–68. ——. *As raízes da hidalguia Guipuzcoana. O controle dos judeus, conversos e estrangeiros em Guipúzcoa durante o século XVI* (San Sebastián: Universidade de Deusto, 1995). Velásquez, Didacus [Diego de Simancas]. *Defensio Toletani Statuti* (Antuérpia: Plantin, 1573) Verdín-Díaz, Guillermo, ed. *Alonso de Cartagena e o "Defensorium Unitatis Christianae." Introdução histórica, tradução e notas* ([Oviedo]: Universidade de Oviedo, 1992). Villiers, John. "As Il has de Esperar em Deus: A Missão Jesuíta entre os Moros 1546–1571," *Modern Asian Studies* 22/3 (1988): 593–606. Villoslada, Ricardo García. *Universidade de Paris durante os estudos de Francisco de Vitoria O.P. (1507–1522)* (Roma: apud Aedes Universitatis Gregorianae, 1938). Vorst, Charles van de. "A Companhia de Jesus e a passagem para a Ordem dos Cartuxos (1540–1646)," *AHSI* 23 (1954): 3–34. Wicki, Josef. "As *Memórias* dos penitenciários jesuítas de S. Pedro," *AHSI* 57 (1988): 263– 313. ——. "Os 'cristão-novos' na Província Indiana da Sociedade de Jesus de Inácio até Acquaviva," *AHSI* 92 (1977): 342–61. Yerushalmi, Yosef Hayim, *Assimilação e Antissemitismo Racial: Os Modelos Ibéricos e Alemães*. Palestra memorial Leo Baeck, 26 (Nova Iorque: Instituto Leo Baeck, 1982). Yovel, Yirmiyahu. *O Outro Dentro: Os Marranos: Identidade Dividida e Modernidade Emergente* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2009). Zaforteza y Musoles, Diego. *A cidade de Mallorca. Ensaio histórico-toponímico* (Palma de Mallorca: Ajuntament, 1960).

ÍNDICE

Abraão 8, 9, 13, 32, 46 Abreo, Francisco 126, 189 Abreu, Francisca 100 Adam 7, 8, 20 Acosta, Diego, de 54, 81, 108, 216 Acosta, Jerônimo de 54, 81, 127, 216 Acosta, José, de vinte e oito, 54, 81, 128, 149, 216, 262 Acquaviva, Claudio vinte e seis–vinte e nove, trinta e um, 46, 49, 54, 58, 66–7, 73, 75, 80, 83–4, 108, 111–2, 117, 124–7, 127, 129, 142–56, 160, 167, 174–5, 181–2, 187–91, 193, 227, 251, 269 *Atos dos Apóstolos* 16, 19, 134, 176, 188, 227 Aguilera, Gonzalo de 51–2, 54 Alarcón, García Girón de dezenove, vinte e três, vinte e oito, 4, 26, 75, 82–3, 96, 98, 110, 156, 159, 166–7, 182–3, 185, 189, 254, 262 Alarcón, Juan Ruiz de 190, 265 Alarico 19 Albaladejo 190 Alboraique dezesseis Albotodo, Juan de 184 Alcáçova, Pedro de 73–4 Alcázar, Luis del 155, 157, 216 Alcântara, Pedro de 113, 133 Alcântara (Ordem de) 28 Alcalá (de Henares) vinte, vinte e um, 43, 46–52, 55, 68, 76, 79, 82, 90–1, 101, 107, 113, 119, 127, 141, 153–4, 179, 190, 195–6, 212, 221, 265 Alexandre, frade dominicano 189 Alexandre III, papa 194 Alexandre VI (Borgia), papa vinte e quatro Alexandria 67, 101 Alfonso X (o Sábio), rei de Castela 21, 22 Almagro 119 Almazán vinte e um, 55, 57–8, 94, 137, 154, 263 Almeida, Luis de 74 Alonso y Pérez, Nicolás. *Ver* Bobadilla, Nicolás*Alumbrados* 41, 478, 113, 265 – Inácio de Loyola, e vinte, 47, 48, 55, 76 Amelia 99 Antonio (*O Mercador de Veneza*) xxxii Álvarez, Baltasar xxiv Álvarez de Toledo, Eleonor 85 Anchieta, José de 100 Anchieta, Luis de 100 Andaluzia 110, 118, 127, 173, 190, 222, 251 Anrrique Anrriques 72–3 Antuérpia xviii, xxvi, 2, 31, 51, 54, 67, 69, 124, 157, 266, 269 *Apologia pro Iudaeis Christianis* 31 Aquitania 120 Araoz, Antonio xxi, xxvi, 79–80, 101, 103, 133 3, 254 4, 221, 222– – ancestral de 91 Borja, Francisco de, e 103, 130, 133, 134, 221, 222, 223, 227, 232 64, 80,*limpeza de sangue,* e xxi, 81, 87, 123, 135, 188, 221 Loyola, Inácio de, e xxi, 188 Nadal, Jerônimo, e 79, 80, 99 104 Palmio, Benedetto, e Arévalo 50 Arias de Párraga, Francisco 149, 151 Aristóteles 5 Astudillo, Diego de 93, 118–9 Astudillo, Francisco de 68 Augsburgo 110, 131, 232 Áustria 61, 101, 106, 118, 123, 144, 145 Avellaneda, Diego 118–9 Averroísmo/Averroísta 120 Avignon 78, 87–8, 151, 216 Ávila (cidade) xxiii, xxiv, 28, 107 Ávila, Juan de xxiv, 80 6, 264 2, 85– –*limpeza de sangue*, e 189 Sociedade de Jesus, e xxi, xxiv, 74, 80, 81, 82, 85, 86, 127, 160, 190, 265 Ávila, Teresa de, São xxiv, 87, 101, 113, 119, 134, 153, 263, 267 Azevedo, Inácio de 100, 102, 217 Azpilcueta, Martín 71 Badajoz 28, 167 Bagdá xv

Baïus, Michael 106 batismo xv, 11, 14–6, 26–7, 58, 60–2, 66, 177, 257 caráter regenerativo de xviii, 4–5, 7, 9, 19–21, 169, 174, 194 Barcelona 50, 61, 88, 137, 153, 239, 243 Barrientos, Lope de 132, 264 Bascos, País Basco 48, 50, 55, 80, 100, 221 Bataillon, Marcel xxiii, xxiv, 4, 42–43, 49 Cardeal Bellarmine Robert 96 Belmonte de Gracián 153–4 Belo, Antonio 74 Mencía de Benavente 82 Beneditinos 44 Juan Bernal Díaz de Lugo 81 Bernal, Pedro 118–9 Bérulle, Cardeal Pierre de 145 Berze, Gaspar 73 Bética 201, 203 Bíblia, bíblico 5, 7, 11, 17, 19, 30–1, 51, 34, 142, 155, 212 Bobadilla, Nicolás 48, 55–6, 90–1, 92–3, 100, 118, 132, 135, 178, 221, 230, 261 Bolívia 112 Bolonha 28, 58, 111, 114, 131, 142, 238–9 Cardeal Michele Bonelli 114 livros, publicados por conversos 5, 65, 70, 90, 106, 108, 120, 151, 154–6, 159, 167, 179, 212 São Francisco de Borja xxiv, xxv, xxvii–xxviii, 31, 39, 42, 58, 67, 69, 80, 81, 85–6, 94, 97, 99–101, 103–4, 108, 110–5, 117–20, 123–4, 126–34, 136, 138–40, 156, 164, 166, 172, 188, 190, 201, 222–29, 231–4, 241–5, 247, 249–50, 252, 256, 262, 265, 268 Cardeal Borromeo Carlo, St. 108, 124, 130–2, 142, 228–9, 231–2, 238, 254, 268 Botini, Chiara 131 Bousset, Wilhelm 156 Brasil 73, 85, 100–2, 224 Colégio Brera 108, 130 Brescia 145 *Breve directorium ad confessarii* 70–1, 90 Broet, Paschasius 94 Bruges 51–2 Bruni, Leonardo 5

Burgos xix, 4, 5, 7, 11, 44, 52, 54, 61, 68, 107, 177, 179, 195, 216 Bustamante, Bartolomé de 73, 81

Cáceres, Lope 50 Cacho Nazábal, Ignacio 51 Ca(g)liani 120 Cagliari 119 Cairo 66–7, 101 Cajetan (Tommaso de Vio), Cardeal 196–7, 209 Calahorra 127, 81 Calatayud 153–4 Ordem de Calatrava 28 Câmara, Gonçalves Luis da 49, 121, 246 Canisius Pedro 119, 130–1, 139–40, 143, 248 Carafa, Cardeal Carlo 99 Cardulo, Fulvio 137, 235, 248 Carmelitas (Descalços) 28 Caro Baroja, J ulio dezoito Carpi, Cardeal Alberto Pio di 93 Carraff a e Carraff a, Francesco Maria 154 Carranza de Miranda, Arcebispo Bartolomé de 31, 104 Carrasco, Martín 154 Carga, Camillo 137, 241, 243 Carrillo de Acuña, Alonso 5, 150, 195 Carrillo, Juan Bautista de 126 Cartagena, Alonso de Sa nta María de dezoito–dezenove, 1, 4–25, 28, 30–1, 33, 37, 39, 83, 163, 166, 175–177, 194, 201–2, 269 Cartagena, Pedro de 4 Carvajal, Cristóbal 85 Casa de Reina (Badajoz) 167 Casa dei Catecumeni 58, 60, 62 Casa Santa Martha 61, 89 Cassian, John 177–8 Castela dezoito, 2, 4, 7, 26–7, 51, 68, 80, 96, 118, 128, 190–2, 201, 203, 268 Castro, Afonso 72–3 Castro Alonso 73 Castro, Juan de 54 Castro, Juana García de 68 casuística vinte e três, 65, 70–1, 108, 119, 154, 155, 266 Catalunha/Catalão 78, 154, 243 catecismo 73, 85, 110, 152 Chemnitz, Martin 119 Cícero 5, 34

Chapelle, Maximiliano 82, 236 Carlos V, Imperador 29, 44, 61, 166 Chiavone, Leonetto 136, 231, 234, 239*chuetas* 89 circuncisão 8, 12, 14, 21, 27, 31, 33, 35, 37, 117, 145, 176, 194–5, 200–1, 209, 210 Cisneros, Cardeal Francisco Jiménez de 48, 119, 150, 196 Ciudad Real 28 Cidade Rodrigo 126, 189, 263 *Claros varones* xix Clermont de Paris 212 Clovis 19 Cobos y Molina, Francisco de los 29, 69 Colégio Romano (Roman College) 44–6, 67, 86, 98, 106, 108, 110–1, 119, 129, 131, 134, 137, 142, 225–6, 231, 240–3, 255 Comunhão, livros sobre converso xxiv Constituições (Jesuitas) 70, 77, 79, 86, 90, 93, 98, 122, 137, 163 caráter não discriminatório de xxi, xxviii, 63–4, 75, 81–2, 84–5, 87, 132, 141, 149, 164, 171, 180, 182, 204 impedimentos em 108, 146–7, 188, 197–9, 201 conversão xvii, xxxi, 1–2, 7, 39, 61–2, 66–7, 120, 132, 152, 167, 174, 178, 196, 200, 209, 215, 220, 263–4, 266 Coptas 66, 101 Conselhos Conselho de Basileia 4, 21, 193 Conselho de Niceia 119 Conselho de Pisa 197 Concílios de Toledo 22–3, 25, 27, 30, 35, 42 Concílio de Trento xxiii, 55, 57, 67, 96, 98, 130, 141, 165, 200, 224, 248, 266 e jesuítas conversos xxiii, 55, 67, 96, 98–9, 165, 179, 200, 223–4, 232, 248 Cristo responsabilidade pela morte de 17–8, 21, 323, 36, 46 6, 8– unidade, e –11, 15, 17, 19, 26–7, 38, 45, 61, 97, 160, 164–5, 175–6, 181–2, 192, 194, 196, 202, 227, 257–9

Humanismo Cristão, e conversos 5, 110 Cícero 5, 34 Clemente I, papa 25 Ponce de Cogordan 93 Coímbra 73–5, 100, 107–8, 110, 119, 127, 145, 179 Colóquio de Poissy 98, 165, 223–4 confissão (sacramental) livros de conversos sobre xxiii, 65, 70, 84, 106, 265 Confraria de São Giuseppe 63 Congregações Gerais (dos Jesuítas) Primeira 90–3, 98, 113, 134–5, 178, 230 Segunda 98–104, 114, 119, 131, 138, 227 2, 244, 255 9, 231– – Terceira xxii, xxv–xxvii, 55, 69, 75, 82, 91, 111–2, 117–25, 131, 134–5, 137–41, 160, 163, 170–3, 179, 181, 230, 232, 237, 244 54 – Quarta 46, 131, 143, 145, 190 54, 65, 82, 106, Quinta xxii, xxviii, 108, 128–9, 146, 149, 159–60, 185, 191, 197 Sexta xxviii, 159, 161, 213 213 Vigésima nona Constantino, o Grande 19 Antonio Cordeses 112, 118, 254 Córdoba 28, 31, 73, 104, 112, 155, 220, 236 María Coronel 58, 137 Alonso de Cota 2, 3 Conselho de Trento 57, 130, 141, 266 Francisco de Critana 74 Pedro Cuadrado 52, 54, 216 Cuéllar 56, 108 Juan de Cuéllar 51–2, 54 Juan Velázquez de Cuéllar 50–1 Cuenca 57, 127, 190 *Cum nimis absurdum* 39, 63 *Cupientes Iudaeos* 4, 39, 62, 193–4 Cardeal Giovan Domenico de Cupis 62, 89

Daimiel 89 Cándido de Dalmases, xxx, 111 David 17, 46 *Decretum* (Gratian) 22–3 *Defensio Toletani Statuti* xviii, xxii, 2, 31–9, 192, 269 *Defensorium Unitatis Christianae* xviii–xix, 4–28, 33, 39, 163, 175–7, 194, 269

de genere decreto 38, 107, 140, 174, 182, 185, 190, 197, 2067 – (*ver também* pureza de sangue e a Sociedade de Jesus) *De Hispaniae Regibus* 36 Desbuquois, Gustave 192 Dieta de Augsburgo 110, 232 Dias, Antonio 74 Dias, Baltasar 75 Díaz de Lugo, Juan Bernal 81 Díaz de Montalvo, Alonso 18, 20, 22, 25, 83 Dilingen 66, 119, 131 Doménech, Jerônimo 44, 51, 71, 78, 118, 131, 231, 243 Dominicanos xxiii, 25, 28, 66, 73, 155, 185, 189, 196–7, 208–9, 220 Dotti, Gaspare de' 90 Éboli, príncipe de. *Ver* Gómez de Silva, Ruy eclesiologia, converso xix, 10, 16, 175–6 Eguía, Diego de 51 Eguía, Esteban de 51 Eguía, Miguel de 51 eleição de Israel 6, 8, 13 Eliano, Giovanni Battista (Romano) 66–7, 101, 119, 182, 268 Elizabeth I, Rainha 99 (H)Enríques, (H)Enrique 65–6, 119, 126–7 Epifânio, São 97 Erasmo/Erasmistas xvii, xix–xx, xxiii, 41–2, 47–8, 50–1, 55, 76, 137, 265, 268 Espina, Alonso de 28, 34 Estrada, Francisco de 128 Etiópia 113 Eugênio IV, papa 5 Evaristo, papa 25, 177 Évora 72, 108, 110, 145, 250 Expulsão de 1492 (Espanha) xvii–xviii, 65, 215, 220, 267–8 Farnese, Ottavio 61 Farnese, Cardeal Alessandro 44, 138, 246–8 Favre, Pierre, Bl. 55–8, 61, 64, 79, 131 Fernando II, Rei de Aragão xvi, xxiv, 35, 50, 52, 54, 220 Ferrara 32, 114, 132, 233, 247, 249 Finus (Fino, Fini d'Adria), Hadrianus 32 Flandres 44–5, 49, 54, 57, 82, 98–9, 106, 124, 136, 236, 252 Florença 58, 85, 114, 231 *Fortalitium fi dei* 34 "quarto voto," e conversos 135–6, 248 Fois, Mario xxv França 87, 98–9, 106, 114, 120, 136, 145, 154, 160, 167, 179, 181, 212, 224, 232, 252 Franciscanos 6, 28–9, 31, 34, 48, 51, 72, 76, 113, 196, 220, 263 Frascati 130, 139, 172, 248 Freux, André des (Frusius) 66, 90 Fuente Ginaldo 126, 189 Funai 74 Gabriel VII, Patriarca 66 Gago, Baltasar 15, 73 Gallio, Cardeal de Como 122, 251 Gandía xxiv, 67, 101, 110, 113, 133–4, 154, 254, 265 García de Licona, Martín 50 García de Mora, Marcos 22, 24–5 *Exame Geral* 58, 75, 199, 204, 253 Genealogia xvii, xxii, xxxi, 43, 119, 147–8, 150, 159, 180, 190, 203–4, 266–7 Gênova 85, 238 Gentios dezoito, xxix, 5–6, 8–19, 21, 26–7, 32, 97, 166–7, 175–6, 193, 257, 263 Alemanha 49, 98, 106, 1189, 131, 136, 160, 179, 181, 224, 248, 2512 – – Ghislieri, Cardeal Michele 93, 101 Gilmont Jean-François xxx Girón, García de Alarcón. *Ver* Alarcón, García Girón de Goa 73–4, 151, 179 Gobierno, Miguel 118 Godofredus, Petrus 36–7 Gómez, Alonso 128 González Dávila, Gil 252 Gomes, Antonio 72–3 Gomes de Abreu, João 100, 217 González de Mendoza, Cardeal Pedro 196 González de Mendoza, Pero 30, 150 González, Gonzalo 126 Gracián y Morales, Baltasar 153–5, 212, 262–3, 266, 268 Granada 85, 106–7, 112, 123, 127, 184, 190, 216 Granada, Luis de xxiv, 81, 113, 180 Gratian 22–3

Graus 154
Great Armada 101
Gregory XIII, pope 62, 67–8, 120–1, 129, 132, 138, 175, 193–4, 209, 245–6, 250
Guadalupe xix, 6
Guijarro, Juan Martínez. *See* Silíceo
Guipúzcoa xxi, 48–50, 57, 179, 200, 221, 269
Gundlach, Gustav 192
Gurrea, Juan 100, 124, 137, 238
Guzmán, Diego de xxiii, xxviii, 35, 46, 66–7, 80–6, 89, 100, 151, 156, 159–60, 182–7, 189, 213, 262
Guzmán, Luis de 118

Hagar 20
Halle 119
Hebrews 14, 133, 135, 149, 196, 262
Hebrew language 36–7, 67, 78, 87, 151, 153
Henrique, Cardinal Infant 120, 139, 171, 246, 250
Henriques, Leão 120–1, 139–40, 170–2, 250, 252
Henry IV, King of France 212
Heretics 6, 31, 87, 122, 163, 169, 173, 179–81, 183, 198, 208
Hernández, Bartolomé 100
Hernández, Francisca 51
Hernández, Gaspar 104, 111, 124, 137, 231, 236
Hernández, Pablo 254
Herrera, Isabel de 104
Hidalgo, hidalguía xxix, 50, 269
Higuera, Jerónimo Román de la 127, 264
Hinestrosa, Matías de 104
Hita 66, 101, 112
Hoffaeus, Paul xxvii, xxix, 117, 129, 140, 143–5, 170, 190, 248, 251, 253, 268
Hondo 74
Horta, Salvador de 113, 133
Huesca 154
Humani generis inimicus 25, 28, 38, 132, 191, 257–60
Hurtado de Mendoza, Juan 58, 137

Ignatius of Loyola. *See* Loyola, Ignatius of
Illescas 113
Illius qui pro dominici 63
India 57, 72–3, 75, 171–4, 224
Ingolstadt 143
Inquisição, jesuítas espanhóis e 126, 129, 147, 150, 173, 212 Loyola Inácio e 43, 47, 52, 55, 76, 81, 164 5, 221 – pureza de sangue e xxii, xxviii, 31, 51, 57, 64, 74, 88, 119, 132, 143, 150 2, 220, 250 – razões para sua instituição xviii–xix, 6–7 casamentos inter-religiosos conversos e xvii, xix, 17, 22, 58, 61, 68, 89, 101, 106, 137, 190, 209, 221 Isaque 8, 31, 32 Isabel, Rainha de Castela xvi, xxiii, 35, 42, 216, 220 Isabel de Portugal 44 Israel/israelitas xviii, 5–6, 8, 10–9, 21, 24–5, 39, 59, 132–3, 142, 192, 223, 258 Istambul (Constantinopla) xvi Itália xxv–xxvi, 39, 57, 66, 83–5, 89, 98, 101, 103, 114, 118, 120, 123, 131, 134, 136–7, 142, 145, 161, 163, 171, 175, 179, 212, 219–20, 225, 231, 233, 239, 241, 252 Jacó 8, 17, 31–2 Jaén 28 Jagiełło 19 Japão 57, 73–5, 86, 151, 179, 180 Jerônimos xix–xx, xxiii, 5–7, 28, 41, 106, 190–1, 207, 220 Jerusalém 10, 33, 52, 175, 180 Jessica (*O Mercador de Veneza*) xviii, xxxii Judeus preconceito contra xvi–xviii, xxix, 2, 20–5, 32–6, 48, 63, 87, 132, 138, 144, 146, 180 conversão de xv, xxix, 3–4, 6, 10, 17, 33, 48, 67, 83, 87, 91, 101, 142, 152, 174–5, 177–8, 196, 200, 203, 208 1 9, 215 6, 220 6, 9, 17 – – – gentios e –8, 26–7, 64, 166, 175, 193 4, 196 – Loyola Inácio de, e xx, 42, 48 50, 61, 89 26– papas e –7, 62–3, 91, 120 Jiménez de Cisneros, Cardeal Francisco 48, 150 Jiménez, Diego 87–8 Jiménez, Fernando 30

Jó 8 João da Áustria 101 José, São 46 Juan II, Rei de Castela xviii, 2, 4–5, 21, 25, 203 Juan de la Cruz, São xxiv, 264 Judas, Macabeu 19 Juliano, Santo, papa 25, 97, 177 Júlio III, papa 63 Justiniano, Imperador 19

Kalisz 120 Henrique Kamen vinte São Stanisła w Kostka 112

LaFarge, John 191 Laínez, Cristóbal 58 Laínez, Diego xxI, xxiv–xxviii, xxx, 15, 42, 44, 48–9, 55–9, 61–4, 66, 68–9, 78–9, 90–9, 101, 106, 113–5, 117–9, 124, 131, 133–7, 141–2, 145, 151, 154, 165–6, 178–9, 187–8, 216, 222–4, 230, 232, 237, 248, 261, 263, 265, 268 Laínez, Marcos 58 Landino, Juan 128 habilidades linguísticas (dos conversos) xxiii, 5, 67, 70, 73–4, 78, 87, 98, 119, 124, 151–3, 180, 184 Lastanosa, Vincencio Juan de 154 Ledesma Diego de 86, 104, 108, 110, 134, 136, 225–6, 231–3 Leão 3, 26–8, 107, 177, 192 Leão, Luis de xxiv Lérida 119, 154 Leuven 44, 70, 108, 153 Rabino Elia Levita (Elias Askenazy) 66 Basílica Liberiana 106 *limpeza de sangue. Veja* pureza de sangue Lisboa 72–4, 85, 100, 110, 118, 127, 251, 265 Lino, papa 177 Tito Lívio 210–1 Baltasar de Loarte 85, 190, 216 Gaspar de Loarte 54, 70, 81, 84–6, 89, 100, 123, 160, 182, 216 Lobo, Alonso 31 Simão Lópes 65 Manuel Lópes 82 Gaspar López 127 Manuel López 100, 118–9, 127 Loreto 54, 58, 90, 99, 114, 119, 235 Lepanto 101 Lombardia 104, 110, 118, 124, 130–1, 136, 231, 233, 239 Loyola, Inácio (Íñigo) xx–xxii, xxv–xxviii, xxx, 1, 29, 39, 42–77, 89–91, 93, 98, 103, 115, 117–8, 124–5, 130–6, 141, 149, 160, 164–5, 178–9, 182, 187–8, 193, 198–9, 215–6, 221–2, 230, 236 *Lumen ad revelatio-* xviii–xx, 5–23, 38–9, 191, 195, 260, 263, 268 Luna, Álvaro de 2, 4 Macau xv, 151 Macerata 114–5 Madagascar 73 Madri xxi, 61, 75, 104, 124, 127, 137, 187, 213 Madri, António 104 Madri, Cristóvão de 75, 89–90, 98–100, 118, 135–6, 139, 223, 232, 247, 249 Maggio, Lorenzo xxvii, xxix, 120, 129, 133, 140, 143–5, 170, 190, 261 Maiorca. *Veja* Palma (de Maiorca) Malásia 75 Maldonado, Juan de 167, 212, 232 clã Maluenda xix, 52, 68, 179 Mannaerts, Olivier 140, 232, 252 Manresa 50 Manrique de Lara, António 51 Mântua 120, 161 Mariana, Juan de xxviii, 82, 107, 128, 156, 159, 167, 210–3, 217, 232, 262, 265 Margaret de Áustria 61 Maronitas 66–7 Marranos xvi, xxiv, 36–7, 87, 133, 136, 269 Martínez Guijeño, Juan. *Veja* Silíceo Maria, Mãe de Jesus 46, 84 Maria I Tudor, Rainha 99 Mata, Gregorio de 118 Mauroy, Henry 31, 33 Mazarino, Giulio 142, 254 Medici, Cosimo de' 114 Medina del Campo 52, 54, 81, 87, 108, 216 Medina, Francisco de Borja xxv, xxxi, 52, 166 Medina, Juan de 93 Medina, Miguel de 128 Melanchton, Philipp 119 *(O) Mercador de Veneza* xviii, 138, 262

Mena, Rodrigo 124, 137, 240 Mendoza, Álvaro de 30 Mendoza de Bobadilla, Cardeal Francisco de 203 Mendoza González, Fernando de 127 Mendoza, Leonor de 190 Mendoza, Luis 137, 235, 248–9 Mercurian Everard xxv–xxvii, xxxi, 44, 46, 49, 65, 70, 104, 111, 118–26, 128–31, 136, 138, 140, 142, 156, 159–60, 162–3, 166, 168, 170, 172, 174–175, 181–2, 188–9, 224, 232, 245–6, 250, 252–4 Messina 54, 66, 79, 131, 225, 231, 239 capelães militares, converso 15, 73, 101, 154 ministérios, preferidos por conversos xxiii–xxiv, 44, 67, 70, 86–7, 101, 106, 111, 123, 127, 184, 254 Milão 19, 66, 108, 120, 123, 130–1, 135–6, 142, 167, 228, 231–2, 238 Miona, Manuel 50–1, 78 Miró(n), Diego 44, 64–5, 72, 87, 93, 100, 103, 114, 118–9, 136, 174, 224, 232 Módena 124, 238, 241 Molucas 72–5 Monsanto (Portugal) 145 Montano, Pedro 128 Montemayor, Juan de 190 Montoya, Juan de 100, 118–9 Morais, Sebastião 108 Morales Torrellas, Angela 154 Moriscos xxiii, xxviii, 44, 87, 91, 123, 127, 149, 184, 191, 208, 215, 254 Ilhas Moro 72 Munique 143 Muçulmanos xvii, xxviii, 3, 35, 55, 149, 208, 215 Münster 143 Nadal Crespí, Bernardo 89 Nadal, Esteban 88 Nadal [Morey], Jerônimo xxi, xxvi, 15, 41, 44, 49, 56–8, 66, 69, 75–91, 93–4, 98–100, 103, 106, 110, 114–5, 118–9, 123–4, 130–1, 135–6, 139, 182, 187, 224, 232, 247, 250, 261–3, 265–6 Nadal Pomár, Rafael 89 Nagasaki 74, 86, 180 Nájera 51 Nápoles 46, 49, 54–5, 66, 90, 101, 111, 118, 126–7, 129, 138, 145, 231, 239, 244 Narbona, Fernão de 74 Navarra 51 Países Baixos, o espanhol vinte, 52 Nicolau V, papa 25, 28, 38, 132, 166, 191, 258 Nobrega, Miguel da 73 Noé 8 Nuñes Barreto, Melchor 113

Oita 74 Olave, Martín de 68 Oliveira, Gabriel 74 Porto 65, 100, 127, 145 Oropesa, Alonso de dezoito–vinte, 1, 4–12, 14–18, 21–3, 28, 31, 37–9, 166, 191, 195, 260, 263, 268 Ortiz de Cisneros, Álvaro Husillo xxxi, 42, 264 Ortiz de Cisneros, Hernando 42, 216 Ortiz, Francisco 51, 268 Ortiz, Pedro 51–2, 61, 262 Ortiz, Pedro (jesuíta) 52 Osorio, Juan 128 Osorio, Leonor 242 Ovídio (ovidiano) 142 Oviedo 28, 112, 126, 189 Oviedo, Andrés de 89, 113, 133 Pacheco, Francisco 155 Pacheco, Juan 190 Pacheco, Juan Bautista 127, 134 Pacheco, Juana 190 Padberg, John xxv Pádua 44, 58, 69, 131, 239 Paiva de Andrade, Diogo 119 Palermo xv, 44, 58, 62, 142 Palma de Mallorca 76 Palma, Elvira de 119 Palmio (di Palmia), Benedetto xxv–xxvii, xxix–xxx, 44, 59, 66, 80, 82, 91, 93, 100–1, 103–4, 106, 110–2, 114, 118–20, 123–4, 126, 128–46, 162, 164, 170–2, 219–56, 261 Palmio, Francesco 131 Palto, Pedro 128 Pamplona 51 Panamá 112 Papado 44, 66, 78 Paris 29, 39, 44, 48, 50–7, 64, 68, 76–9, 88, 93, 110, 141, 179, 212, 216, 266, 269 Parra, Pedro de 104, 108, 112, 123, 136 *Partidas* 21–2 Pascual, Domingo 154 Pascual, I[g]nés 50 Passeri, Bernardino xxvi, 124

São Paulo 9, 12, 14–6, 18, 21, 26, 32–3, 37–8, 65, 67, 143, 166–7, 169, 176, 188, 192–4, 257–8, 260 Paulo III, papa 4, 39, 44, 46, 52, 62, 193, 246 Paulo IV, papa vinte, 38–9, 63, 90–1, 94, 134–5 Peralta, Pedro de 52 Pérez Godoy, Francisco 101 Perpiñán, Pedro Juan 110 Peru 107–8, 112, 119, 121, 123–5, 127, 217, 252, 261 Perugia 49, 99, 240 Pesquería 72 Filipe II, Rei da Espanha vinte, vinte e oito, 29, 90, 133, 150, 213, 250, 267 Filipinas 74, 107, 125, 252, 261, 263 médicos (converso) 65, 71, 119, 152, 154, 196, 242 Piemont 120 Pinto, Andrés 152–3 Piñas, Baltasar 86, 112, 118–9, 123 Piqueras 190 Pisa 197 Pisa, Alfonso de 118–9, 120, 123, 144, 196 Pisa, Gonzalo de 119 Pio V, papa 111, 114, 131, 194 Plaza, Juan de la 118–9 *pogroms,* judaico de 1391 2, 4, 132, 165, 216 dezesseis, Polanco, Alonso 127 Polanco, Juan Alfonso de dezenove, vinte e cinco–vinte e seis, 10, 44, 48–9, 52, 56, 62, 64, 66, 68–71, 75, 79, 83, 86, 89–91, 93–4, 97–101, 103–4, 111, 114–5, 117–8, 120–4, 127, 135–40, 170–1, 179, 216, 223–4, 231–3, 245–52, 262 Polanco, Gregório de 68, 216 Colóquio de Poissy, participação converso jesuíta em 98, 165, 223–4 Polônia 19, 106, 120, 123, 145, 159, 181 Porreño, Baltasar 32 Portocarrero, Francisco 128 Portugal dezesseis–dezessete, vinte e cinco, 2, 37, 44, 51, 57, 61, 65, 72, 74–5, 80, 82, 86, 100–1, 104, 118, 121, 136–7, 140, 145, 152–3, 166, 169, 170–1, 177, 181, 209, 222, 224, 232, 243, 246, 250–2, 264–5, 267 Possevino, Antonio vinte e cinco, vinte e oito–vinte e nove, trinta e um, 49, 57, 62, 75, 82, 94, 96, 119–20, 122–3, 130, 149, 151, 156, 159–82, 188, 205–6, 208, 213, 223, 251, 261, 263, 267 Poznań (Posen) 120 Prádanos, Juan de xxiv, 267 pregação, Cristão aos Judeus 6, 58, 60, 62, 175, 177 Probabilismo xxiii, 71, 107, 265 proselitismo xvi, 52, 55, 61 Pulgar, Fernando de xix pureza de sangue (*pureza de sangue*) conceito de xvi história de 28, 1967 – Inquisição Espanhola, e 7, 5 oposição a 4 213 29, 159– – Filipe II e xxviii Sociedade de Jesus, e xxi, xxx, 38, 76 213 90, 107, 120, 140, 143 – – em *Defensio Toletani Statuti* (Simancas) 319 – nos estatutos toledanos (1449) xviii, 2–4, 22, 37 nos estatutos de Silíceo 29–31 Quiroga, Cardeal Gaspar de xxviii, 150, 187, 267 Raabe 17 Ramírez, Antonio 118–9 Ramírez, Beatriz 82 Ramón, Pedro 75, 173–4, 179 Ratisbona 57, 61 Reforma (Católica) xxiv Reforma (Protestante) xvii, xxiv, 55, 99, 264 Reites, James xxx, xxxi, 63 Rhodes (Rueda), Alexandre de 151–2, 155, 216 Ribadeneyra, Pedro de xxiv, xxvi–xxviii, xxxi, 42–5, 49, 51–2, 59, 61, 65, 67, 69, 78, 82–6, 90, 96, 99–100, 103–4, 108, 110–1, 118, 121, 123–6, 136–7, 139, 141, 151, 154, 156, 15960, 182, 187 – – 9, 213, 216, 223, 231, 239, 250, 252, 254, 261, 264, 267 Ritius, Michael 36 Roboredo 138, 243 Rodrigues, Gaspar 73 Rodrigues, Manuel xxvii, xxix, 24, 129, 133, 139, 143–6, 170–1, 190, 262 Rodrigues Simão 55–6, 72–4, 82, 100, 118, 132, 178 Rodríguez, Cristóbal 15, 66–8, 87, 100–1, 114, 123, 134, 136, 225, 232, 268 Román, Alfonso 100 Colégio Romano. *Veja* Collegio Romano

Roma xxi–xxvii, xxx, 19, 25, 31, 44–7, 49, 51–3, 55, 57–8, 60–4, 66–70, 73, 76, 78–9, 81–6, 89–91, 93, 97–9, 101, 103–4, 106–8, 110–4, 117–20, 123–5, 129–40, 142–3, 145–6, 151–2, 155, 162–5, 170–3, 175, 177, 185, 189–91, 193, 212, 220, 223, 225, 227–33, 235–45, 247, 249, 250–1, 254–6 Isabel 50 Ruiz, Alonso 86, 104, 112, 118–9, 123, 134, 136, 225, 231–2 Ruiz, Pedro 128 Ruth 17 Sá [Saa], Calixto de 50 Sá [Saa], Gaspar de 50 Sá [Saa], Manuel de 50, 70, 75, 86, 89, 100, 108, 123, 136, 167, 232 Sabiñán 154 Sacchini, Francesco 59, 67, 94–8, 103, 140, 151, 251, 268 Salamanca xxiii, 4–5, 28–9, 31, 47, 54, 70, 76, 104, 107, 119, 126, 151, 155, 189, 196 Salmerón, Alfonso de 111, 118, 124, 140–1, 224, 231, 250, 253, 262 Samuel ha-Levi. *Ver* Santa María, Pablo de *sanbenito* 89, 104, 220, 266 San Andrés (Belmonte) 154 San Antonio (Sigüenza) xvii Sanahuja 119 San Bartolomé (Salamanca) 28–9 Cristóbal Sánchez 136 Gaspar Sánchez 127 San Clemente (Bolonha) 28 San Cosme (Belmonte) 154 São Giovanni del Mercato (Roma) 63 San Julián, José de 54, 81, 128, 216 Sanlúcar la Mayor 108 San Pablo (Córdoba) 28 Santa Cruz (Valladolid) 31 Santa Cruz, Diego de 85, 126–7 Santa Eulália (Palma de Mallorca) 88 Santa María de Cartagena família dezoito–dezenove, 4–5, 68, 74, 177 Santa María, Pablo de dezoito, 4–5, 25, 68, 174, 177 Santa Maria in Transpontina (Roma) 106 Santander, Luis (Diego) de xxi, 86–7, 111, 254 Santiago 61 Ordem de Santiago 28 São Tomás (Ávila) 28 Saragossa 61, 75, 124, 151, 153–4, 179, 238 Sara 20 Sarmiento, Pero de xviii, xxii, 1–2, 4, 6, 22, 25, 29–30, 35, 38–9, 149, 159, 192 Sassari 119 Scaduto, Mario xxix–xxx, 80, 108 Skarga, Piotr 112 escolas, fundação converso de xxii–xxiii, 52, 54, 82, 155, 165, 205, 212, 216 Sebastião, Rei de Portugal 72, 121, 139, 171, 246, 250, 265 Segorbe 54 Segóvia 28, 52, 54, 86–7, 107–8, 111–2 Sêneca 5 *Sentencia-Estatuto* 2–4, 29, 39 Serpa 74 Sevilha 28, 58, 73, 81, 85–7, 104, 108, 110, 127, 149, 151, 155, 185, 187, 190, 216, 267 Shakespeare xvi, xviii, xxxii, 138 Xangai xv Schopenhauer, Arthur 154 Sicília xv, 44, 51, 71, 79, 98, 118–9, 123, 131, 165, 231, 242 Sicroff, Albert xvii–xix Sigüenza xvii, 28, 55, 57, 141 Sigüenza, José de xix, 7 Silíceo (Guijarro, Juan Martínez) xviii, xx–xxii, 1–2, 25, 29–39, 52, 77, 81–3, 133, 159, 200, 264 Simancas, Diego de (Didacus Velásquez) xviii, xxii, 2, 26, 30–9, 146, 192, 197, 269 Sisebuto, Rei dos Visigodos 23 Sisenando, Rei dos Visigodos 23 Soáres, Cipriano 107, 217 Sociedade de Jesus (os jesuítas). *Ver* Alcalá, Colégio Jesuíta em; Ávila, Juan de; Ávila, Teresa de; livros; Casa dei Catecumeni; casuística; Colégio Romano; Comunhão; confissão; Congregações Gerais; Constituições (Jesuítas); Conselhos (Trento); "quarto voto"; *Exame Geral*; Inquisição (Espanhola); Judeus (Inácio de Loyola); habilidades linguísticas; capelães militares; ministérios; Poissy, Colóquio de; pregação; Probabilismo; pureza de sangue; escolas; Exercícios Espirituais; Casa de Santa Marta; Penitenciária de São Pedro; Tutiorismo; Vulgata;

Solier, Antonia de 112 Solier, Hernando de 104, 111–2, 123, 136, 232, 254 Salomão 17, 19 *(O) Cântico dos Cânticos* 21 soteriologia (judaico-converso) xix, 175–6 Soto, Domingo de 104 Sourie, Jacques 101 Espanha xvi–xxii, xxvii, 4, 29, 33, 36–7, 39, 41, 44, 49, 54, 57, 61, 65, 79–80, 83–4, 87, 89–90, 96–9, 101, 103–4, 110–1, 119, 122–3, 126, 132–6, 142–3, 146–7, 150–1, 159, 164–5, 167, 171–2, 177, 181, 185, 188–90, 200–1, 203–4, 208–9, 212–3, 220, 222, 224, 232, 237, 244, 252, 254, 264–8 Exercícios Espirituais 52, 57, 66, 69–71, 78, 81, 130, 133, 166, 223 Starr-LeBeau, Gretchen xviii–xix, 268 *Statutum contra hebraeos* xvii Casa de Santa Marta 61, 89 Penitenciária de São Pedro 101, 111 Suárez, Baltasar 107, 216 Suárez de Toledo, Gaspar 106 família Suárez de Toledo 106–7, 110, 212, 217, 263 Suárez, Diego 231 Suárez, Francisco xxxi, 66, 68, 106–9, 151, 154, 216, 266, 268 Suárez, Juan 100, 118 Suécia 123, 174, 263 Tacchi Venturi, Pietro xxix Talavera de la Reina (Toledo) 6, 30, 82, 212 Talavera, Hernando de xxiii–xxiv Talmud xvii, 32, 93, 153, 268 tâmil 72 Tarragona 154 Tavera, Diego de 81 Tavera, Juan de 81 Távora, Manuel de 73 Taxco 190 Teerã xv Tejeda, Fray Juan 113, 133, 222 *A soma da teologia moral* 65 São Tomás de Aquino 9, 14, 33, 178 Tito, Imperador 19 Tivoli 65, 123 *Tizón da Nobreza* 203 Toledo xviii, xx, xxii, xxviii, 1–7, 21–5, 27–33, 35–6, 38, 42–4, 51–2, 55, 61, 65, 78, 81–2, 84, 89, 94, 96–7, 103–4, 106–7, 110, 112–3, 118–9, 123, 125, 127–8, 132, 141, 143, 147–8, 150–1, 154, 159, 169, 177, 187, 190, 195–6, 201, 203, 212–3, 216, 254, 262, 265–6, 268 Toledo, Alfonso de 104 Toledo, Francisco de xxviii, 31, 70–1, 104–6, 108, 111, 144, 149, 220, 236, 269 Torano, Giovanni da 63 *tornadizo* xvi Torquemada, Cardeal Juan de 25 Torquemada, Inquisidor Tomás de 25 Torres, Baltasar de 54, 71, 81, 216, 242 Torres, Francisco de 69 Torres, Hernando de 15, 101 Torres, Miguel de 118, 251, 253 Trancoso, Antonio 137, 236 Transilvânia 120 Trabia xv Trento, Conselho de. *Veja* Conselhos Truchsess von Waldburg, Cardeal Otto 130–1, 139 Trujillo, Francisco 128 Toscana 69, 85, 99, 101 Tutiorismo xxiii, 71 Uceda, Gaspar de 196–7 usura xv, xvii, 173, 181 Uztarroz, Andrés 154 Valladolid 28, 31, 44, 54, 85 Vall de Cristo 54 Valles, Juan 128 Valência 28, 44, 52, 78, 85, 87, 104, 110, 118, 123 Valência, Gregório de 54, 66, 81 Valignano, Alessandro 164, 171–3 Valpedrosa, Gaspar de 127 Valpedrosa, Melchor 128, 149 Vargas, Rodrigo 128 Vaz, Antonio 72 Vaz, Gomes 73 Vaz, Marcelo 100 Vázquez, Dionísio 44, 101, 104, 110–1, 118–9, 123, 126, 129, 134, 136–8, 142, 222, 225, 230–2, 241–4, 253 Vázquez, Miguel 128 Vega, Juan de 44, 71, 179, 242 Velázquez de Cuéllar, Juan 50–2, 54 Veneza xviii, 51, 58, 66, 69, 129, 145, 262 Vespasiano, Imperador 19 *Vicus eius nos* 62

Viena 70, 145 Vietnã 151–2 Villa de Minaya (Cuenca) 190 Villalobos, Alfonso de 44 Villalobos y Ribadeneyra, Catalina de 42 Villalba, Pedro 118, 152 Villanueva, Francisco de xxi, 81–2, 84, 86 Villarejo 190, 205 Villena 28 Visigodos xvii, 19, 23 Vitelleschi, Mutius 94, 152 Vitoria 265 Vitoria, Juan Alonso de 70, 100 Vives, Joan Lluís xxiii–xxiv, 52, 153, 179, 264–5

Vulgata, trabalho de jesuíta converso sobre 106, 108 Wierix xxvi, 124 Worms 57 Xavier, Francisco, São 56–7, 72–4, 78, 132, 268

Yerushalmi, Yosef Hayim xvi

Zamora, Juan Alfonso de 5 Zárate, Pedro de 45 Zúñiga, Catalina de 127 Zúñiga, Diego Ortiz de 104 Zúñiga, Juan de 250

ESTUDOS EM TRADIÇÕES MEDIEVAIS E DE REFORMA

(*Antigamente e Estudos em Tradições Medievais e da Reforma ught*)

Editado por Andrew Colin Gow
Fundado por Heiko A. Oberman†

123. NEWHAUSER, R. (ed.) *Os Sete Pecados Capitais*. De Comunidades a Indivíduos. 2007 124. DURRANT, J.B. *Feitiçaria, Gênero e Sociedade na Alemanha Moderna Inicial*. 2007 125. ZAMBELLI, P. *Magia Branca, Magia Negra no Renascimento Europeu*. De Ficino e Della Porta a Trithemius, Agrippa, Bruno. 2007 126. SCHMIDT, A. *Amor à Pátria e Conflito Religioso*. Discursos Políticos no Antigo Império (1555-1648). 2007 127. OCKER, C., PRINTY, M., STARENKO, P. e WALLACE, P. (eds.). *Políticas e Reformas: Histórias e Reformas*. Ensaios em Honra a Thomas A. Brady, Jr. 2007 128. OCKER, C., PRINTY, M., STARENKO, P. e WALLACE, P. (eds.). *Políticas e Reformas: Comunidades, Políticas, Nações e Impérios*. Ensaios em Honra a Thomas A. Brady, Jr. 2007 129. BROWN, S. *Mulheres, Gênero e Religião Radical na Europa Moderna Inicial*. 2007 130. VAINIO, O.-P. *Justificação e Participação em Cristo*. O Desenvolvimento da Doutrina Luterana da Justificação de Lutero à Fórmula de Concórdia (1580). 2008 131. NEWTON, J. e BATH, J. (eds.). *Feitiçaria e a Lei de 1604*. 2008 132. TWOMEY, L.K. *A Serpente e a Rosa: A Conceição Imaculada e a Poesia Hispânica no Período Medieval Tardio*. 2008 133. SHANTZ, D. *Entre Sardes e Filadélfia.* A Vida e o Mundo do Pregador da Corte Pietista Conrad Bröske. 2008 134. SYROS, V. *A Recepção da filosofia política aristotélica em Marsílio de Pádua.* Uma Investigação sobre a primeira Ditação do *Defensor pacis*. 2008 135. GENT, J. VAN. *Magia, Corpo e o Eu no Século XVIII na Suécia.* 2008 136. BUCER, M. *Correspondência.* Volume VII (Outubro de 1531-Março de 1532). Editado e organizado por B. Hamm, R. Friedrich, W. Simon. Em colaboração com M. Arnold. 2008 137. ESPINOSA, A. *O Império das Cidades*. Imperador Carlos V, a Revolta *Comunera* e a Transformação do Sistema Espanhol. 2009 138. CRAIG, L.A. *Mulheres Errantes e Matronas Santas*. Mulheres como Peregrinas na Idade Média Tardia. 2009 139. REID, J.A. *Irmã do Rei – Rainha da Dissidência.* Margarida de Navarra (1492-1549) e sua Rede Evangélica. 2009 140. BRUMMETT, P. (ed.). *O 'Livro' das Viagens*: *Gênero, Etnologia e Peregrinação, 1250-1700*. 2009 141. INGRAM, K. (ed.). *Os Conversos e Moriscos na Espanha Medieval Tardia e Além.*Volume Um: Partidas e Mudanças. 2009 142. MACDONALD, A.A., VON MARTELS, Z.R.W.M. e VEENSTRA, J.R. (eds.).*Humanismo Cristão.* Ensaios em Honra a Arjo Vanderjagt. 2009 143. KEUL, I.